

STEPHEN KING



SUMA

HOLLY

STEPHEN KING

H O L L Y

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Sumário

17 de outubro de 2012

22 de julho de 2021

10 de setembro de 2015

23 de julho de 2021

22-25 de novembro de 2018

23 de julho de 2021

27 de novembro de 2018

23 de julho de 2021

2-14 de dezembro de 2018

23 de julho de 2021

4-19 de dezembro de 2020

23 de julho de 2021

6 de janeiro de 2021

23 de julho de 2021

8 de fevereiro de 2021

24 de julho de 2021

8 de fevereiro de 2021

24 de julho de 2021

12 de fevereiro de 2021

25 de julho de 2021

15 de fevereiro de 2021 — 27 de março de 2021

26 de julho de 2021

27 de março de 2021

26 de julho de 2021
19 de maio de 2021
27 de julho de 2021
19 de maio de 2021
27 de julho de 2021
10 de julho de 2021
27 de julho de 2021
2 de julho de 2021
27 de julho de 2021
3 de julho de 2021
27 de julho de 2021
4 de julho de 2021
27 de julho de 2021
5 de julho de 2021
28 de julho de 2021
29 de julho de 2021
30 de julho de 2021
4 de agosto de 2021
18 de agosto de 2021
Nota do autor

Sobre o autor

Créditos

*Este é para Chuck Verrill: editor, agente e, acima de tudo, amigo.
1951-2022
Obrigado, Chuck.*

Às vezes o universo joga uma corda.

Bill Hodges

17 DE OUTUBRO DE 2012

1

É uma cidade velha que não está mais na melhor forma, assim como o lago ao lado do qual foi construída, mas há partes que ainda são agradáveis. Os moradores antigos provavelmente concordariam que a melhor parte é Sugar Heights e a melhor rua que passa por lá é Ridge Road, que faz uma curva suave em degrau da Faculdade Bell de Artes e Ciências até o parque Deerfield, três quilômetros abaixo. No caminho, a Ridge Road passa por muitas casas boas, algumas das quais pertencem a professores da faculdade e algumas aos profissionais mais bem-sucedidos da cidade: médicos, advogados, banqueiros e executivos do topo da pirâmide. A maioria das casas é vitoriana, com pintura impecável, janelões projetados e muitos acabamentos elaborados.

O parque onde a Ridge Road termina não é tão grande quanto o que fica no meio de Manhattan, mas quase. Deerfield é o orgulho da cidade, e um pelotão de jardineiros o mantém fabuloso. Ah, tem o lado oeste descuidado, perto da avenida Red Bank, conhecido como Matagal, onde as pessoas que procuram ou vendem drogas conseguem ser encontradas às vezes depois que escurece, e onde há assaltos ocasionais, mas o Matagal só ocupa um hectare de trezentos. O resto é gramado e cheio de flores, com caminhos por onde os apaixonados passeiam e bancos onde homens idosos leem jornais (e cada vez mais em dispositivos eletrônicos atualmente) e mulheres conversam, às vezes enquanto ninham bebês em carrinhos caros. Tem dois lagos e às vezes dá para ver homens ou garotos brincando com barcos de controle remoto em um deles. No outro, cisnes e patos deslizam de um lado para outro. Também tem um parquinho para os pequenos. Tem tudo, na verdade, menos piscina pública; de vez em quando o conselho da cidade discute a ideia, mas sempre fica para depois. Caro demais, sabe.

A noite de outubro está quente para a época do ano, mas um chuvisco leve manteve todos dentro de casa, exceto um corredor bastante dedicado. Esse seria Jorge Castro, que trabalha como professor de escrita criativa e literatura latino-americana na faculdade. Apesar da especialidade, ele é nascido e criado nos Estados Unidos; gosta de dizer que é tão americano quanto *torta de manzana*.

Ele fez quarenta anos em julho e não pode mais enganar a si mesmo que ainda é o jovem leão que teve um sucesso momentâneo com seu primeiro livro best-seller. Quarenta é quando você tem que parar de enganar a si mesmo de que ainda é o jovem qualquer coisa. Se não fizer isso, se insistir em baboseiras autossatisfatórias como “os quarenta são os novos vinte e cinco”, você vai perceber que começa a escorregar. Só um pouco no começo, depois um pouco mais, e de repente você tem cinquenta anos com uma barriga projetada por cima do cinto e remédio para colesterol no armário de medicamentos. Aos vinte, o corpo perdoa. Aos quarenta, o perdão é no máximo temporário. Jorge Castro não quer fazer cinquenta e descobrir que se tornou só mais um pateta americano.

É preciso começar a se cuidar aos quarenta. É preciso fazer a manutenção do maquinário porque não há opção de troca. Portanto, Jorge toma suco de laranja de manhã (tem potássio), na maioria dos dias com aveia (pelos antioxidantes) e só ingere carne vermelha uma vez por semana. Quando quer beliscar, costuma abrir uma lata de sardinha. É rico em Ômega-3. (E gostoso!) Ele faz exercícios simples de manhã e corre de noite, sem exagerar, para aerar os pulmões de quarenta anos e dar ao coração de quarenta anos a oportunidade de fazer o seu melhor (batimentos em repouso: 63). Jorge quer parecer ter e se sentir com quarenta anos quando fizer cinquenta, mas o destino é brincalhão. Jorge Castro não vai nem chegar aos 41.

Sua rotina, que ele mantém mesmo em uma noite de chuvisco leve, é correr da casa que divide com Freddy (é deles, pelo menos, enquanto durar o emprego de escritor residente) por oitocentos metros da faculdade até o parque. Lá, ele alonga as costas, toma um pouco da Vitamin Water guardada na pochete e corre para casa. A chuvinha é revigorante, e não há mais ninguém correndo, caminhando ou andando de bicicleta de quem ele precise desviar. Os ciclistas são os piores, com a insistência de que têm todo o direito de andar pela calçada em vez de na rua, apesar de haver ciclovia. Naquela noite, ele está com a calçada

toda para si. Nem precisa acenar para as pessoas que podem estar tomando ar noturno nas grandes varandas cobertas; o tempo fez todo mundo ficar dentro de casa.

Todo mundo, menos uma pessoa: a velha poeta. Ela está agasalhada com uma parka apesar de fazer pouco mais de dez graus às oito da noite, porque só tem cinquenta quilos (o médico sempre a repreende por causa do peso) e está com frio. Mais do que o frio, ela sente a umidade. Mas fica ali, porque há um poema a ser criado hoje se ela conseguir enfiar os dedos embaixo da tampa que o guarda e abri-la. Ela não escreveu nenhum desde o meio do verão e precisa fazer algo acontecer antes que a ferrugem se espalhe. Ela precisa *representar*, como seus alunos dizem às vezes. Mais importante, esse pode ser um *bom poema*. Talvez até um *poema necessário*.

Precisa começar com a forma como a neblina gira em torno das luzes dos postes à frente dela e progredir para o que pensa ser o *mistério*. Que é tudo. A neblina cria auréolas que se movem lentamente, lindas e prateadas. Ela não quer usar *auréolas* porque é a palavra esperada, a palavra preguiçosa. Quase clichê. Já *prateadas...* ou talvez só *prata...*

Sua linha de raciocínio se interrompe o suficiente para observar um jovem (aos 89, quarenta anos parece muito jovem) passar correndo do outro lado da rua. Ela sabe quem é: o escritor residente que acha que Gabriel García Marquez pendurou a Lua no céu. Com o cabelo escuro comprido e o bigodinho de escovinha, ele lembra à velha poeta de um personagem encantador de *A princesa prometida*: “Meu nome é Inigo Montoya, você matou meu pai, prepare-se para morrer”. Ele está usando uma jaqueta amarela com uma faixa refletora nas costas e uma calça de corrida ridiculamente apertada. Está correndo como se fosse tirar o pai da força, a mãe da poeta teria dito. Ou fugindo do badalo da igreja.

Badalo a fez pensar em sinos e seu olhar se volta para o poste diretamente à frente. Ela pensa: *O corredor não ouve prata acima dele/ Esses sinos não dobram*.

É errado porque é banal, mas é um começo. Ela conseguiu enfiar os dedos embaixo da tampa do poema. Precisa entrar em casa, pegar o caderno e começar a rabiscar. Mas fica sentada mais alguns momentos, vendo os círculos prateados girando em torno dos postes. *Auréolas*, ela pensa. *Eu não posso usar essa palavra, mas é isso que parecem, caramba*.

Há um vislumbre final da jaqueta amarela do corredor e ele some no escuro. A velha poeta se levanta com dificuldade, fazendo careta por causa da dor nos quadris, e entra em casa.

3

Jorge Castro acelera um pouco. Ele está com fôlego renovado, os pulmões absorvendo mais ar, as endorfinas a toda. O parque está logo à frente, cheio de postes antiguados que emitem um brilho amarelo místico. Tem um pequeno estacionamento na frente do parquinho deserto, exceto por uma van de passageiros com a porta lateral aberta e uma rampa descendo até o asfalto molhado. Perto do pé dela há um idoso de cadeira de rodas e uma idosa apoiada em um joelho, mexendo na cadeira.

Jorge para por um momento, curvado, as mãos apoiadas nas pernas acima dos joelhos, recuperando o fôlego e olhando a van. A placa azul e branca atrás tem um desenho de cadeira de rodas.

Com um casaco acolchoado e um lenço, a mulher olha para ele. Primeiro, Jorge não tem certeza se a conhece; a luz nesse pequeno estacionamento auxiliar não é tão boa.

— Oi! Algum problema?

Ela fica em pé. O idoso na cadeira de rodas, usando um suéter de botão e boina, acena sem entusiasmo.

— A bateria morreu — responde a mulher. — É sr. Castro, não é? Jorge?

Agora ele a reconhece. É a professora universitária Emily Harris, que ensina literatura inglesa... ou ensinava; agora talvez seja emérita. E aquele é o marido dela, professor também, mas de escola. Jorge não sabia que ele era uma pessoa com deficiência, não o tem visto no campus — ele e Harris são de departamentos diferentes, em prédios diferentes —, mas acha que da última vez que o viu, o cara estava andando. Jorge a vê com frequência em reuniões de professores e eventos frequentados por pessoas ávidas por cultura. Acha que não é uma das pessoas favoritas dela, principalmente depois da reunião de departamento sobre a agora falecida Oficina de Poesia. Aquilo ficou um pouco acalorado.

— Sim, sou eu — diz ele. — Imagino que vocês dois gostariam de ir para casa se secar.

— Seria ótimo — diz o sr. Harris. Ou talvez ele também seja professor universitário. Seu suéter é fino e ele está tremendo um pouco. — Será que você

pode me empurrar pela rampa, rapaz? — Ele tosse, limpa a garganta, tosse de novo. A esposa, tão seca e autoritária nas reuniões de departamento, parece meio perdida e desalinhada. Inconsolável. Jorge se pergunta há quanto tempo eles estão ali e por que ela não ligou para alguém pedindo ajuda. *Talvez ela não tenha celular*, pensa ele. *Ou tenha deixado em casa. Gente velha às vezes é esquecida com essas coisas.* Se bem que ela não pode ter muito mais do que setenta anos. O marido, na cadeira de rodas, parece mais velho.

— Acho que posso ajudar com isso. O freio está destravado?

— Sim, certamente — responde Emily Harris, recuando quando Jorge segura os apoios para as mãos e vira a cadeira para deixá-la voltada para a rampa. Ele a puxa para trás uns três metros, para pegar embalo. Cadeiras motorizadas costumam ser pesadas. A última coisa que quer é chegar na metade, perder o impulso e rolar para trás. Ou, que Deus não permita, virar para o lado e derrubar o coroa no chão.

— Lá vamos nós, sr. Harris. Aguenta aí, talvez sacuda um pouco.

Harris se segura nos apoios para os braços e Jorge repará que os ombros dele são muito largos. Parecem musculosos embaixo do suéter. Ele imagina que as pessoas que perdem o uso das pernas compensam de outras formas. Jorge acelera na rampa.

— Aiô! — grita o sr. Harris com alegria.

A primeira metade da rampa é fácil, mas a cadeira começa a perder impulso. Jorge se curva, faz força com as costas e a faz seguir em frente. Enquanto executa essa tarefa solidária, um pensamento estranho lhe ocorre: as placas daquele estado são vermelhas e brancas, e embora o casal more na Ridge Road, como ele (Jorge já viu Emily Harris no jardim várias vezes), a placa da van deles é azul e branca, como as do estado vizinho a oeste. Tem outra coisa estranha: ele não se lembra de já ter visto essa van na rua, embora tenha visto Emily sentada reta como uma vara ao volante de um Subaru bem cuidado com um adesivo do Obama no para-choque traseiro...

Quando ele chega no topo da rampa, inclinado quase na horizontal agora, os braços esticados e os tênis de corrida flexionados, um inseto pica seu pescoço. Parece grande, pelo calor que se espalha a partir do ponto, talvez uma vespa, e ele está tendo uma reação. Nunca teve antes, mas tem primeira vez para tudo, e de repente sua visão fica borrada e a força some dos braços. Os tênis escorregam na rampa molhada e ele se apoia em um joelho.

A cadeira de rodas vai rolar pra trás, pra cima de mim...

Mas não rola. Rodney Harris aperta um botão e a cadeira de rodas rola para dentro com um zumbido satisfeito. Harris se levanta, contorna a cadeira com agilidade e olha para o homem ajoelhado na rampa com o cabelo grudado na testa e o chuvisco molhando as bochechas como suor. Jorge cai de cara.

— Olha isso! — exclama Emily suavemente. — Perfeito!

— Me ajuda — diz Rodney.

A esposa, também usando tênis de corrida, segura os tornozelos de Jorge. O marido segura os braços. Eles o carregam para dentro. A rampa se fecha. Rodney (que na verdade também é professor universitário, no fim das contas) se acomoda no assento do motorista, à esquerda. Emily se ajoelha e prende os pulsos de Jorge com um lacre, embora essa precaução provavelmente seja desnecessária. Jorge está dormindo como uma pedra (uma comparação que a velha poeta certamente reprovaria) e roncando alto.

— Tudo bem? — pergunta Rodney Harris, o homem do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade Bell.

— Tudo bem! — A voz de Emily está vibrando de empolgação. — Nós conseguimos, Roddy! Pegamos o filho da puta!

— Olha o linguajar, querida — diz Rodney. E sorri. — Mas sim. Nós conseguimos. — Ele sai do estacionamento e começa a subir a colina.

A velha poeta ergue o rosto do caderno de trabalho, que tem a foto de um carrinho de mão vermelho na frente, vê a van passar e se curva novamente para o poema.

A van entra no número 93 da Ridge Road, casa dos Harris há quase vinte e cinco anos. Pertence a eles, não à faculdade. Uma das duas portas da garagem sobe; a van entra na baia da esquerda; a porta da garagem se fecha; tudo fica novamente parado na Ridge Road. A neblina gira em torno das luzes dos postes.

Como auréolas.

Jorge recupera a consciência aos poucos. A cabeça está doendo, a boca seca, o estômago embrulhado. Não tem ideia do quanto bebeu, mas deve ter sido muito para a ressaca ser tão terrível. E onde ele bebeu? Em uma festa do corpo docente? Em um encontro de seminário de escrita onde estupidamente decidiu

se embebedar como o aluno que já foi? Teria ficado bêbado depois da última discussão com Freddy? Nenhuma dessas coisas parece certa.

Ele abre os olhos, preparado para o brilho matinal que vai gerar outra explosão de dor na pobre cabeça maltratada, mas a luz está suave. É uma luz gentil, considerando seu estado atual de sofrimento. Ele parece estar deitado em um futom ou tapete de ioga. Tem um balde ao lado, um balde de plástico que pode ter sido comprado no Walmart ou na Dollar Tree. Ele sabe para que está ali e na mesma hora entende como os cachorros de Pavlov deviam se sentir quando o sino tocava, porque basta olhar para o balde que sua barriga começa a sofrer espasmos. Ele fica de joelhos e vomita violentamente. Há uma pausa longa o suficiente para respirar algumas vezes e aí ele vomita de novo.

Seu estômago se acalma, mas por um momento a cabeça dói tanto que ele acha que vai se abrir e cair no chão em dois pedaços. Ele fecha os olhos lacrimejantes e espera que a dor diminua. Acaba diminuindo, mas o gosto de vômito na boca e no nariz é rançoso. Com os olhos ainda fechados, ele procura o balde e cospe até a boca estar pelo menos parcialmente limpa.

Abre os olhos de novo, levanta a cabeça (com cautela) e vê grades. Ele está em uma jaula. É espaçosa, mas sem dúvida uma jaula. Fora dela há um aposento comprido. As luzes do teto devem estar em um reostato, porque o aposento está pouco iluminado. Ele vê um piso de concreto tão limpo que se poderia colocar comida nele — não que ele esteja com vontade de comer. A metade do aposento na frente da jaula está vazia. No meio há uma escada. Tem uma vassoura larga apoiada nela. Depois da escada tem uma oficina bem equipada com ferramentas penduradas em ganchos e uma mesa de serra de fita. Tem também uma serra de esquadria combinada — uma ferramenta boa, nada barata. Vários aparadores de cerca viva e podadores. Uma série de chaves inglesas, cuidadosamente penduradas da maior até a menor. Uma fileira de soquetes cromados em uma mesa de trabalho ao lado de uma porta indo para... algum lugar. Todas as coisas normais de um faz-tudo, e tudo parecendo bem cuidado.

Não há serragem embaixo da mesa de serra de fita. Depois dela tem uma máquina que ele nunca viu: grande e quadrada, quase do tamanho de um condicionador de ar industrial. Jorge conclui que deve ser isso, porque tem uma mangueira de borracha passando por uma parede revestida de painéis de madeira, mas ele nunca viu um igual. Se tem nome de marca, fica do lado que ele não consegue ver.

Ele olha ao redor dentro da jaula e o que vê o assusta. Não são tanto as garrafas de água Dasani em cima de uma caixa laranja que serve de mesa. É a caixa de plástico azul no canto, embaixo do teto inclinado. É uma privada portátil, do tipo que inválidos usam quando ainda conseguem sair da cama, mas não chegar até o banheiro mais próximo.

Jorge ainda não se sente capaz de ficar de pé, então engatinha até lá e levanta a tampa. Vê água azul no vaso e sente um cheiro de desinfetante tão forte que faz seus olhos lacrimejarem de novo. Fecha-o e volta de joelhos para o futom. Mesmo no estado em que está, sabe o que o vaso portátil significa: alguém pretende deixá-lo ali por um tempo. Ele foi sequestrado. Não por um dos cartéis, como no seu livro *Catalepsia*, tampouco no México ou na Colômbia. Por mais louco que possa parecer, ele foi sequestrado por um casal de professores idosos, a mulher sua colega. E se aquele é o porão deles, ele não está muito longe de casa, onde Freddy deve estar lendo na sala e tomando uma xícara de...

Mas não. Freddy não está lá, ao menos por enquanto. Foi embora depois da última briga, em um daqueles seus arroubos.

Ele examina as grades cruzadas. São de aço e bem soldadas. Deve ter sido um trabalho feito na própria oficina (não existe nenhuma cadeia de lojas Celas de Cadeia na qual seria possível encomendar uma coisa dessas), mas as grades parecem bem firmes. Ele segura uma com as duas mãos e a sacode. Não cede.

Olha para o teto e vê painéis brancos cheios de buraquinhos. Isolamento acústico. E vê outra coisa: um olho de vidro olhando para baixo. Jorge fica de pé e vira o rosto na direção dele.

— Vocês estão aí? O que querem?

Nada. Ele considera gritar para ser solto, mas de que adiantaria? Alguém coloca uma pessoa em uma jaula no porão (deve ser no porão) com um balde de vômito e um vaso portátil se pretende descer a escada correndo ao primeiro grito dizendo *Desculpa, desculpa, eu errei?*

Ele precisa fazer xixi, a bexiga está doendo. Ele se levanta e se apoia nas grades para ajudar as pernas. Outra pontada de dor percorre a cabeça, mas não tão ruim quanto as que ele sentiu quando recuperou a consciência. Arrasta os pés até o vaso portátil, levanta a tampa, abaixa a calça e tenta fazer. No começo, não consegue, por maior que seja a vontade. Jorge sempre gostou de privacidade para ir ao banheiro, evita mictórios em fila quando vai a jogos, e agora não consegue parar de pensar no olho de vidro o encarando. Ele está de costas, o

que ajuda um pouco, mas não o suficiente. Conta quantos dias faltam no mês, quantos dias faltam até o Natal, o velho *feliz navidad*, até que enfim dá certo. Ele mija por quase um minuto e pega uma das garrafas de água. Bochecha com o primeiro gole e cospe na água com desinfetante, depois bebe o restante.

Volta até as grades e olha para o aposento comprido: a metade vazia fora da jaula, a escada, a oficina. É para a serra de fita e a serra de esquadria que seus olhos ficam voltando. Talvez não sejam ferramentas muito boas para um homem enjaulado contemplar, mas é difícil não olhar para elas. Difícil não pensar no ruído agudo que uma serra de fita faz quando está cortando pinho ou cedro: *IIIOOOOUUUUU*.

Ele se lembra da corrida no chuvisco e na neblina. Lembra-se de Emily e do marido. Lembra-se de que eles o enganaram e injetaram alguma coisa nele. Depois disso, não tem nada além de escuridão até acordar ali.

Por quê? Por que eles fariam uma coisa dessas?

— Querem conversar? — diz ele para o olho. — Estou pronto quando vocês estiverem. Só me digam o que querem!

Nada. O local está em silêncio, exceto pelo movimento dos seus pés e do *tink-tink* da sua aliança em uma das grades. A aliança não é dele; ele e Freddy não são casados. Ao menos ainda não, e talvez nunca, pelo andar da carruagem. Jorge tirou a aliança do dedo do pai no hospital minutos depois de Papi morrer. Ele a usa desde então.

Há quanto tempo está ali? Olha para o relógio, mas não adianta; é de corda, outra lembrancinha que pegou quando o pai morreu, e parou à uma e quinze. Se da manhã ou da tarde ele não sabe. E não consegue se lembrar da última vez que deu corda nele.

Os Harris. Emily e Ronald. Ou é Robert? Ele sabe quem eles são e isso é mau sinal, não é?

Pode ser mau sinal, ele diz para si mesmo.

Como não adianta gritar e berrar em uma sala com isolamento acústico, sem contar que traria a dor de cabeça de volta com tudo, ele se senta no futom e espera que algo aconteça. Que alguém apareça e explique que porra está acontecendo.

A substância que injetaram nele ainda deve estar na cabeça, porque Jorge pega no sono, a cabeça abaixada e baba caindo de um canto da boca. Um tempo depois, ainda uma e quinze de acordo com o relógio do Papi, uma porta se abre acima e alguém desce a escada. Jorge levanta a cabeça (outra pontada de dor, mas não tão ruim) e vê tênis pretos de cano baixo, meias curtas, uma calça marrom elegante e um avental florido. É Emily Harris. Com uma bandeja.

Jorge se levanta.

— O que está acontecendo aqui?

Ela não responde, só coloca a bandeja a sessenta centímetros da jaula. Em cima há um envelope marrom volumoso enfiado em um copo térmico de plástico grande do tipo que se enche de café para um longo trajeto de carro. Ao lado há um prato com uma coisa horrível em cima: um pedaço de carne vermelha flutuando em um líquido vermelho ainda mais escuro. Jorge fica com o estômago revirado.

— Se acha que vou comer isso, Emily, pode esperar sentada.

Ela não responde, só pega a vassoura e empurra a bandeja no concreto. Tem uma aba com dobradiças na parte de baixo da jaula (*eles planejaram isso*, pensa Jorge). O copo cai quando bate na parte de cima da abertura, que só tem uns dez centímetros de altura, e a bandeja passa. Fecha-se quando ela puxa a vassoura de volta. A carne nadando na poça de sangue parece ser fígado cru. Emily Harris se empertiga, coloca a vassoura no lugar, se vira... e abre um sorriso para ele. Como se eles estivessem em uma porra de festa ou algo do tipo.

— Eu não vou comer isso — repete Jorge.

— Vai, sim — diz ela.

Com isso, ela sobe a escada. Ele ouve a porta fechar, seguido de um som de estalo que deve ser de um ferrolho.

Só de olhar para o fígado cru, Jorge tem vontade de vomitar de novo, mas ele pega o envelope de dentro do copo. É uma coisa chamada Ka'Chava. De acordo com o rótulo, o pó que tem lá dentro faz “uma bebida cheia de nutrientes que dá combustível para suas aventuras”.

Jorge sente que já viveu nos últimos tempos aventuras o bastante para a vida toda. Coloca o pacote de volta no copo e se senta no futom. Empurra a bandeja para o lado sem olhar. Fecha os olhos.

Ele cochila, acorda, cochila de novo e acorda de vez. A dor de cabeça passou quase completamente e o estômago se acalmou. Ele dá corda no relógio do Papí e o ajusta em meio-dia. Ou talvez meia-noite. Não importa; ao menos ele pode acompanhar quanto tempo fica ali. Em algum momento, alguém, talvez a metade masculina daquele combo maluco de professores, vai dizer a ele *por que* está ali e o que tem que fazer para sair. Jorge acha que não vai fazer muito sentido, porque aqueles dois estão obviamente loucos. Muitos professores universitários são loucos — ele já esteve em faculdades demais do circuito de escritores residentes para saber disso —, mas os Harris levam a questão a outro nível.

Ele acaba pegando o pacote de Ka'Chava de dentro do copo, que deve obviamente ser misturado com a água que resta na garrafa. O copo é do Dillon's, uma parada de caminhões em Redlund onde Jorge e Freddy às vezes tomam café da manhã. Ele gostaria de estar lá agora. Gostaria de estar na Capela Ayres, ouvindo um dos sermões chatos do reverendo Gallatin. Gostaria de estar em um consultório médico esperando um exame proctológico. Gostaria de estar em qualquer lugar, menos ali.

Ele não tem motivo para confiar em nada que os malucos dos Harris lhe dão, mas, agora que a náusea passou, está com fome. Sempre come pouco antes de correr e deixa a ingestão calórica mais pesada para quando volta. O envelope está lacrado, o que significa que não deve haver problema, mas ele o examina com atenção em busca de buracos (buracos de agulha de seringa) antes de abri-lo e jogar o pó no copo. Acrescenta água, fecha a tampa e sacode bem, como mandam as instruções. Prova e bebe. Duvida muito que tenha sido inspirado em “sabedoria antiga”, como diz o rótulo, mas é bem gostoso. De chocolate. Tipo um frapê se os frapês fossem feitos de planta.

Quando acaba, ele olha para o fígado cru de novo. Tenta enfiar a bandeja pela aba, mas não consegue de primeira porque a aba só abre para dentro. Enfia as unhas embaixo e puxa. E empurra a bandeja para fora.

— Ei! — grita ele para o olho de vidro que o espia. — Ei, o que vocês querem? Vamos conversar! Vamos resolver isso!

Nada.

Dessa vez, é o Harris homem que desce a escada. Ele está de pijama e chinelo. Seus ombros são largos, mas o resto dele é todo magrelo, e o pijama, com estampa de carros de bombeiro, como o de uma criança, balança no corpo. Só de olhar para aquele cara velho Jorge Castro tem uma sensação de irrealdade. Aquilo pode mesmo estar acontecendo?

— O que você quer?

Harris não responde, só olha a bandeja rejeitada no piso de concreto. Ele olha para a aba e para a bandeja. Mais duas vezes, por garantia: bandeja, aba, aba, bandeja. Em seguida, vai pegar a vassoura e a empurra de volta.

Jorge não aguenta mais. Ele abre a aba e empurra a bandeja para fora. A poça de sangue espirra na barra do pijama de Harris. Harris abaixa a vassoura para empurrar de volta, mas decide que não daria em nada. Apoia a vassoura na lateral da escada de novo e se prepara para subir. Não tem muito dele embaixo dos ombros largos, mas o filho da puta traiçoeiro parece bem ágil.

— Volta aqui — diz Jorge. — Vamos conversar sobre isso de homem pra homem.

Harris olha para ele e dá o suspiro de um pai sofredor lidando com uma criancinha birrenta.

— Você pode pegar a bandeja quando quiser — diz ele. — Acho que já estabelecemos isso.

— Eu não vou comer isso, já falei pra sua esposa. Além de estar cru, está em temperatura ambiente há... — Ele olha para o relógio do Papi. — Mais de seis horas.

O professor maluco não responde, só sobe a escada. A porta é fechada. O ferrolho é empurrado. *Snap*.

São dez horas de acordo com o relógio do Papi quando Emily desce. Ela trocou a calça marrom por um roupão florido e chinelo. Será que já é a noite seguinte?, pensa Jorge. É possível? *Quanto tempo aquela injeção me deixou apagado?* De alguma forma, a perda de tempo é bem mais perturbadora do que olhar para o pedaço de carne crua. Perder tempo é algo difícil com que se acostumar. Mas tem outra coisa com que ele não consegue se acostumar.

Ela olha para a bandeja. Olha para ele. Sorri. Se vira para ir embora.

— Ei — diz ele. — Emily.

Ela não se vira, mas para no pé da escada, ouvindo.

— Eu preciso de mais água. Tomei uma garrafa e usei a outra pra preparar aquele shake. Estava bem gostoso, aliás.

— Nada de água enquanto você não comer seu jantar — responde ela, e sobe a escada.

9

O tempo passa. Quatro horas. A sede está ficando bem ruim. Ele não está morrendo nem nada, mas não há dúvida de que está desidratado por causa do vômito, e aquele shake... ele o sente cobrindo as paredes da garganta. Um gole de água o levaria embora. Só um golinho ou dois.

Ele olha para o vaso, mas ainda está longe de tentar beber água com desinfetante. *Onde eu já mijei duas vezes*, ele pensa.

Olha para a lente.

— Vamos conversar, tá? Por favor. — Ele hesita e diz: — Estou implorando.

— Ele ouve uma falha na voz. Uma falha seca.

Nada.

10

Mais duas horas.

Agora, a sede é a única coisa em que ele consegue pensar. Já leu histórias sobre como homens à deriva no mar começam a beber a água em que estão flutuando, embora beber água do mar seja uma viagem rápida para a loucura. É o que dizem, pelo menos, e se é verdade ou mentira não importa na situação dele porque não tem nenhum mar por pelo menos mil e seiscentos quilômetros. Não tem nada ali além do veneno no vaso portátil.

Finalmente, Jorge cede. Enfia os dedos debaixo da aba, se apoia em um braço e estica o outro para pegar a bandeja. No começo, não consegue pegar porque a borda está escorregadia com o líquido. Em vez de a puxar em sua direção, só consegue empurrá-la um pouco mais para longe no concreto. Ele se estica mais e enfim consegue segurar. Puxa a bandeja pela aba. Olha para a carne, vermelha como um músculo vivo, fecha os olhos e a pega. Bate no seu pulso, fria. Com os olhos ainda fechados, dá uma mordida. Sua garganta tem um espasmo.

Não pensa, diz para si mesmo. *Só mastiga e engole*.

Desce como ostra crua. Ou um punhado de catarro. Ele abre os olhos e observa a lente de vidro. Está borrada porque ele está chorando.

— É suficiente?

Nada. E nem foi uma mordida, só uma mordiscada. Ainda falta tanto.

— *Por quê?* — grita ele. — Por que vocês fariam isso? Com que objetivo?

Nada. Talvez não haja alto-falante, mas Jorge não acredita nisso. Ele acha que eles o ouvem assim como o veem, e, se podem ouvi-lo, podem responder.

— Eu não consigo — diz ele, chorando mais. — Eu comeria se conseguisse, mas não consigo, porra.

Mas ele descobre que consegue. Pedaço a pedaço, ele come o fígado cru. A ânsia de vômito é ruim no começo, mas acaba passando.

Só que não é bem isso, pensa Jorge enquanto olha a poça de papa vermelha gelatinosa no prato vazio. *Não passou, eu a domei.*

Ele levanta o prato na direção do olho de vidro. Primeiro, continua não acontecendo nada, mas a porta do mundo superior acaba se abrindo e a mulher desce. O cabelo dela está preso com rolinhos. Tem algum tipo de hidratante noturno no seu rosto. Em uma das mãos, ela está segurando uma garrafa de água Dasani. Ela a coloca no concreto, fora do alcance de Jorge, e pega a vassoura.

— Beba o líquido — diz ela.

— Por favor — sussurra Jorge. — Por favor, não. Por favor, pare com isso.

A professora Emily Harris do Departamento de Inglês — talvez agora emérita, só dando aulas ou seminários ocasionais além de ir a reuniões de departamento — não diz nada. A calma nos olhos dela é o que convence Jorge. É como diz a velha canção de blues: *chorar e suplicar não vai adiantar.*

Ele inclina o prato e o líquido gelatinoso desliza para a boca. Algumas gotas caem na camisa, mas a maior parte do sangue desce pela garganta. É salgado e piora a sede. Ele mostra o prato, vazio exceto por algumas manchas vermelhas. Espera que ela o mande comê-las também, que as pegue com os dedos e sugue como um pirulito de coágulo, mas ela não faz isso. Vira a garrafa de Dasani de lado e usa a vassoura para rolá-la pela aba. Jorge a pega, gira a tampa e bebe metade em uma série de goles.

Êxtase!

Ela apoia a vassoura na lateral da escada e começa a subir.

— O que vocês querem? Me digam o que querem e eu faço! Juro por Deus!

Ela para por um momento, tempo suficiente para dizer uma única palavra:

— *Maricon.*

Em seguida, continua subindo a escada. A porta se fecha. O ferrolho estala.

22 DE JULHO DE 2021

1

O Zoom ficou sofisticado desde que surgiu a covid-19. Quando Holly começou a usá-lo (em fevereiro de 2020, que parece muito mais do que dezessete meses atrás), era capaz de a conexão cair se você olhasse para a tela de cara feia. Às vezes, dava para ver as outras pessoas no Zoom; às vezes, não dava; às vezes, elas apareciam e sumiam em um frenesi que a deixava com dor de cabeça.

Grande fã de cinema é Holly Gibney (apesar de não entrar em um cinema de verdade desde a última primavera), e ela gosta de filmes populares tanto quanto de filmes de arte. Um dos seus favoritos dos anos 1980 é *Conan, o bárbaro*, e sua fala favorita do filme é dita por um personagem secundário. “Dois ou três anos atrás”, diz o pedinte sobre Set e seus seguidores, “eles eram só mais um culto de serpente. Agora, estão em toda parte.”

O Zoom é um pouco assim. Em 2019, era só mais um app, lutando por espaço em meio a competidores como o FaceTime e o Go to Meeting. Agora, graças à covid, é tão onipresente quanto o Culto da Serpente de Set. E não foi só a tecnologia que melhorou. Os valores de produção também. O funeral pelo Zoom a que Holly está assistindo podia quase ser uma cena de drama televisivo. O foco está em cada pessoa homenageando a falecida, claro, mas também há cortes ocasionais para várias pessoas de luto em casa.

Mas não para Holly. Ela deixou a câmera fechada. Agora é uma pessoa melhor e mais forte do que já foi, mas continua sendo grande fã de privacidade. Ela sabe que não tem problema as pessoas ficarem tristes em funerais, chorarem e engasgarem, mas não quer que ninguém a veja assim, principalmente não o sócio e os amigos. Ela não queria que eles vissem seus olhos vermelhos, o cabelo embaraçado ou as mãos trêmulas quando lesse sua homenagem, que foi

a mais curta e honesta possível. Mais do que tudo, ela não quer que a vejam fumando um cigarro; depois de dezessete meses de covid, ela perdeu a batalha.

Agora, no final da cerimônia, a tela dela começa a mostrar um filme com a falecida em várias poses em vários locais enquanto Frank Sinatra canta “Thanks for the Memory”. Holly não aguenta e clica em SAIR. Dá mais uma tragada no cigarro e, quando o está apagando, o telefone toca.

Ela não quer falar com ninguém, mas é Barbara Robinson, e essa é uma ligação que ela tem que atender.

— Você saiu — diz Barbara. — Não tem nem um quadradinho preto com o seu nome.

— Eu nunca gostei daquela música. E tinha acabado, de qualquer modo.

— Mas você está bem, né?

— Estou. — Não é exatamente verdade. Holly não sabe se está bem ou não.

— Mas agora eu preciso... — Qual é a palavra que Barbara vai aceitar? Que vai permitir que Holly encerre a ligação antes de desmoronar? — Eu preciso processar.

— Entendido — diz Barbara. — Eu vou aí agora mesmo se você quiser, com ou sem lockdown.

É um lockdown *de facto* e não real, e as duas sabem; o governador está determinado a proteger a liberdade individual mesmo que muitos milhares tenham que adoecer ou morrer para apoiar a ideia. A maioria das pessoas está tomando precauções mesmo assim, graças a Deus.

— Não tem necessidade disso.

— Tudo bem. Sei que é ruim, Hols, um momento ruim, mas aguenta firme.

Nós já passamos por coisa pior. — Talvez, quase certamente, se lembrando de Chet Ondowsky, que fez uma viagem curta e letal por um vão de elevador no fim do ano passado. — E as doses de reforço das vacinas estão chegando. Primeiro pras pessoas com sistema imunológico fraco e acima de sessenta e cinco anos, mas estou ouvindo na escola que até o outono vai ser pra todo mundo.

— Isso mesmo — diz Holly.

— E um bônus: Trump já era!

Deixando pra trás um país em guerra consigo mesmo, pensa Holly. E quem pode dizer que ele não vai reaparecer em 2024? Ela pensa na promessa do Arnie em *O exterminador do futuro*: “Eu voltarei”.

— Hols? Tá aí?

— Estou. Só pensando. — Pensando em outro cigarro, na verdade. Agora que recomeçou, ela parece só querer mais.

— Entendi. Eu te amo e entendo que você precisa do seu espaço, mas se não ligar de volta hoje ou amanhã, eu vou ligar de novo. Estou avisando.

— Anotado — diz Holly, e encerra a ligação.

Ela pega os cigarros, mas os empurra para longe, apoia a cabeça nos braços cruzados e começa a chorar. Ela tem chorado tanto. Lágrimas de alívio quando Biden ganhou a eleição. Lágrimas de horror e reação tardia depois que Chet Ondowsky, um monstro fingindo ser humano, caiu naquele vão de elevador. Ela chorou durante e depois da invasão ao Capitólio, mas essas foram lágrimas de fúria. Hoje, lágrimas de dor e luto. Só que também são lágrimas de alívio. É horrível, mas ela também é humana, no fim das contas.

Em março de 2020, a covid invadiu quase todos os lares para idosos no estado em que Holly cresceu e de onde não consegue sair. Isso não foi problema para o tio Henry, porque na época ele ainda estava morando com a mãe de Holly em Meadowbrook Estates. Mesmo naquela época, o tio Henry já estava sem alguns parafusos, um fato que Holly felizmente desconhecia. Ele parecia bem nas visitas ocasionais, e Charlotte Gibney guardava suas preocupações em relação ao irmão apenas para si, seguindo uma das maiores regras tácitas da vida daquela senhora: se não se fala sobre algo, se não se admite que está lá, então não está. Holly acha que é por isso que sua mãe nunca sentou e teve A Conversa com ela quando Holly tinha treze anos e seus seios começaram a crescer.

Em dezembro do ano passado, Charlotte não pôde mais ignorar o elefante no meio da sala, que não era um elefante, mas seu irmão mais velho e meio gagá. Quando Holly estava começando a desconfiar que Chet Ondowsky talvez fosse algo mais do que um repórter de televisão local, Charlotte convocou a filha e Jerome, o amigo da filha, para a ajudarem a transportar o tio Henry para a Rolling Hills Cuidados para Idosos. Isso foi por volta da época em que os primeiros casos da chamada variante Delta começaram a aparecer nos Estados Unidos.

Um funcionário da Rolling Hills testou positivo para essa versão nova e mais transmissível de covid. O funcionário tinha recusado as vacinas, alegando que continham pedaços de tecido fetal de bebês abortados. Ele tinha lido isso na internet. O homem foi enviado para casa, mas o dano estava feito. A Delta correu solta em Rolling Hills, e em pouco tempo mais de quarenta idosos estavam sofrendo de vários graus da doença. Doze morreram. O tio Henry não foi um deles. Ele nem ficou doente. Tinha tomado duas doses da vacina (Charlotte pro-

testou, mas Holly insistiu) e, apesar de ter tido resultado positivo, nunca ficou nem com o nariz escorrendo.

Foi Charlotte quem morreu.

Apoiadora ávida do Trump, um fato que ela berrava como um trompete para a filha em qualquer oportunidade, ela se recusou a tomar vacina e até a usar máscara. (Menos no Kroger e na sua agência do banco, onde era obrigatório. A que Charlotte guardava para essas ocasiões era bem vermelha, com um MAGA escrito.)

No dia 4 de julho, Charlotte participou de uma passeata contra máscaras na capital do estado, balançando um cartaz que dizia MEU CORPO, MINHAS REGRAS (um sentimento que não a impedia de ser inflexivelmente contra o aborto). No dia 7 de julho, ela perdeu o olfato e começou a tossir. No dia 10, foi internada no Mercy Hospital, a nove quarteirões da Rolling Hills Cuidados para Idosos, onde seu irmão estava ótimo... ao menos fisicamente. No dia 15, ela foi colocada em ventilação mecânica.

Durante a doença final brutalmente curta de Charlotte, Holly a visitou via Zoom. Até o fim, Charlotte continuou alegando que o coronavírus era mentira e que ela só estava com uma gripe forte. Ela morreu no dia 20, e só pauzinhos mexidos pelo sócio de Holly, Pete Huntley, impediram que o corpo fosse guardado no caminhão refrigerado que servia de anexo do necrotério. Ela foi levada para a Funerária Crossman, onde o funcionário planejou rapidamente o funeral pelo Zoom. Um ano e meio depois do começo da pandemia, ele tinha bastante experiência em ritos finais televisionados.

Holly finalmente não tem mais lágrimas para chorar. Ela pensa em ver um filme, mas a ideia não a atrai, o que é uma raridade. Pensa em se deitar, mas tem dormido muito desde que Charlotte morreu. Acha que é assim que sua mente está lidando com a dor. Também não quer ler um livro. Dúvida que consiga acompanhar as palavras.

Tem um buraco onde antes ficava sua mãe, é simples assim. As duas tinham um relacionamento difícil que só ficou pior quando Holly começou a se afastar. Ela teve sucesso nisso basicamente graças a Bill Hodges. A dor de Holly foi ruim quando Bill faleceu de câncer no pâncreas, mas a dor que sente agora é de certa maneira mais funda, mais complicada, porque Charlotte Gibney era, falando a verdade nua e crua, uma mulher que se especializava em amor sufocante. Pelo menos no que dizia respeito à filha. O afastamento só piorou com o jeito como Charlotte abraçou de coração o ex-presidente. Houve poucas visitas

cara a cara nos dois anos anteriores, a última no Natal, quando Charlotte cozinhou o que imaginava serem as comidas favoritas de Holly, cada uma das quais lembrava Holly de sua infância infeliz e solitária.

Ela tem dois celulares na mesa, o pessoal e o de trabalho. A Achados e Perdidos teve muito serviço durante a pandemia, embora as investigações tenham ficado meio complicadas. A firma está fechada agora, com mensagens no telefone do escritório e no de Pete Huntley dizendo que a agência não vai funcionar até o dia 1º de agosto. Ela considerou acrescentar “devido a uma morte na família” e decidiu que não era da conta de ninguém. Quando olha o telefone de trabalho agora, é só porque está no piloto automático no momento.

Ela vê que recebeu quatro ligações só nos quarenta minutos em que estava no funeral da mãe. Todas do mesmo número. A pessoa também deixou quatro recados na caixa postal. Holly pensa brevemente em apagá-las — ela não tem o menor desejo de pegar um caso, da mesma forma que não tem de ver um filme ou ler um livro —, mas não consegue fazer isso, assim como não consegue deixar um quadro torto na parede ou a cama sem arrumar.

Ouvir não me obriga a ligar de volta, ela diz para si mesma e aperta PLAY na primeira mensagem. Chegou à 13h02, na hora em que começou o último Charlotte Gibney Show.

— Oi, aqui é Penelope Dahl. Sei que vocês estão fechados, mas é muito importante. Uma emergência, na verdade. Espero que possam me retornar o mais rápido possível. Sua agência foi indicada pela detetive Isabelle Jaynes...

É aí que a mensagem termina. Claro que Holly sabe quem é Izzy Jaynes, a mulher era parceira de Pete quando ele ainda estava na polícia, mas não é isso que chama a atenção dela na mensagem. O que a atinge com tudo é quanto Penelope Dahl fala como a falecida mãe de Holly. Não é tanto a voz, mas a ansiedade palpável nela. Charlotte estava quase sempre ansiosa por causa de alguma coisa e passou esse tormento constante para a filha como um vírus. Como a covid, na verdade.

Holly decide não ouvir o restante das mensagens da Penelope Ansiosa. A moça vai ter que esperar. Pete não vai fazer nenhum trabalho de rua tão cedo; o teste de covid dele deu positivo uma semana antes de Charlotte morrer. Ele tinha tomado as duas doses da vacina e não está muito doente — diz que parece mais um resfriado intenso do que gripe em si —, mas está de quarentena e vai continuar por um tempo.

Holly para em frente à janela da sala do apartamento pequeno e arrumado, olha para a rua e se lembra da última refeição com a mãe. *Um jantar de Natal autêntico, como antigamente!*, dissera Charlotte, alegre e animada por fora, mas com aquela ansiedade constante pulsando por baixo. O jantar de Natal autêntico consistiu em peru seco, purê de batata caroçudo e uns pedaços molengos de aspargos. Ah, e copinhos em forma de dedal de vinho Mogen David para um brinde. Como foi horrível aquele jantar e como era terrível ter sido o último delas. Será que Holly disse *Eu te amo, mãe* antes de ir embora na manhã seguinte? Ela acha que sim, mas não tem certeza. Só consegue se lembrar do alívio que sentiu quando dobrou a primeira esquina e a casa da mãe não estava mais no retrovisor.

2

Holly deixou os cigarros junto ao computador. Ela vai buscá-los, tira um do maço com uma sacudida, acende-o, olha para o celular do trabalho no carregador, suspira e escuta a segunda mensagem de Penelope Dahl. Começa com um tom de reprovação.

— Esse espaço pra mensagens é muito curto, sra. Gibney. Eu gostaria de falar com você ou com o sr. Huntley ou com os dois sobre a minha filha Bonnie. Ela desapareceu faz três semanas, no dia 1º de julho. A investigação da polícia foi muito superficial. Eu falei isso para a detetive Jaynes, bem na...

Fim da mensagem.

— Falou pra Izzy na cara dela — diz Holly, soltando fumaça pelas narinas. Os homens ficam enfeitiçados pelo cabelo ruivo da Izzy (aprimorado no salão, sem dúvida) e pelos olhos cinzentos enevoados. Já as mulheres, nem tanto. Mas ela é uma boa detetive. Holly decidiu que, se Pete se aposentar, como fica ameaçando fazer, ela vai tentar convencer Isabelle a largar a polícia e migrar para o lado sombrio.

Não há hesitação quanto a ouvir a terceira mensagem. Holly precisa saber como a história termina. Ainda que consiga imaginar — há uma boa chance de Bonnie Dahl ter fugido e a mãe não conseguir aceitar. A voz de Penelope Dahl volta.

— Bonnie é assistente de biblioteca no campus da Bell. Na Reynolds? Abriu de novo em junho para os alunos de verão, embora, claro, seja obrigatório usar

máscara para entrar e acho que em breve vai ser obrigatório mostrar a carteira de vacinação, se bem que até agora não...

A mensagem termina. *Será que dá pra ir direto ao ponto, moça?*, pensa Holly e clica na última. Penelope fala mais rápido, quase fazendo um rap.

— Ela vai e volta de bicicleta. Eu já falei que não é seguro, mas ela diz que usa capacete, como se isso fosse salvá-la de um acidente feio ou impedir que seja atropelada por um carro. Ela parou no Jet Mart pra tomar um refrigerante e foi a última... — Penelope começa a chorar. É difícil de ouvir. Holly dá uma tragada monstro no cigarro e o apaga. — A última vez que ela foi vista. Por favor, me ajude...

A mensagem termina.

Holly esteve de pé, segurando o celular do trabalho na mão, ouvindo no vivo-voz. Agora, ela se senta e coloca o telefone no carregador. Pela primeira vez desde que Charlotte ficou doente... não, desde quando Holly percebeu que ela não ia melhorar, a dor de Holly se recolhe e fica atrás daquelas mensagens picotadas. Ela gostaria de ouvir a história toda, ou o máximo que a Penelope Ansiosa souber. Pete também não deve saber, mas ela decide ligar para ele. O que mais tem para fazer além de pensar nas últimas chamadas de vídeo com a mãe e em como os olhos de Charlotte estavam assustados enquanto a ventilação mecânica a ajudava a respirar?

Pete atende no primeiro toque, a voz meio rouca.

— Oi, Holly. Sinto muito pela sua mãe.

— Obrigada.

— Você fez uma homenagem muito bonita. Curta e doce. Eu só queria ter...

— Ele para devido a um ataque de tosse. — ... só queria ter te visto. Foi algum problema no computador?

Holly poderia dizer que foi, mas ela tem por hábito falar a verdade, exceto nas raras ocasiões em que sente que não consegue de jeito nenhum.

— Não foi problema. Eu desliguei a câmera. Estou péssima. Como você está se sentindo, Pete?

Ela ouve o catarro na voz quando ele suspira.

— Não estou muito mal, mas estava melhor ontem. Meu Deus, espero não ser um daqueles com covid longa.

— Já ligou para o seu médico?

Ele solta uma gargalhada rouca.

— Seria como ligar para o papa Francisco. Sabe quantos casos novos surgiram na cidade só ontem? Três mil e quatrocentos. Está subindo exponencialmente. — Há outro ataque de tosse.

— E ir na emergência?

— Vou ficar com o suco e o Tylenol. A pior parte é que eu vivo cansado. Cada ida à cozinha parece uma viagem. Quando vou ao banheiro, tenho que me sentar e mijar como uma garota. Se for informação demais, peço desculpas.

É, mas Holly não diz. Ela achou que não precisava se preocupar com Pete, uma vez que os casos em pessoas vacinadas não costumam ser sérios, mas talvez *tenha* que se preocupar.

— Você ligou só pra jogar conversa fora ou queria alguma coisa?

— Eu não quero te incomodar se...

— Pode incomodar. Me dá algo em que pensar além de mim mesmo. Por favor. Você está bem? Não está doente?

— Eu estou bem. Você recebeu ligação de uma mulher chamada...

— Penny Dahl. Não é? Ela deixou quatro mensagens na minha caixa postal até agora.

— Quatro na minha também. Você não ligou pra ela?

Holly sabe que ele não ligou. Ela sabe o seguinte: Penelope Ansiosa olhou o site da Achados e Perdidos, talvez a página no Facebook, e encontrou dois números de dois sócios, um homem e uma mulher. Penelope Ansiosa ligou para o homem porque, quando se tem um problema (uma emergência, como ela chamou), não se pede ajuda à mulher, ao menos não de primeira. Pede-se ao macho. Ligar para a mulher é a segunda alternativa. Holly está acostumada com isso na Achados e Perdidos.

Pete suspira e produz aquele ruído perturbador.

— Caso você tenha esquecido, nós estamos fechados, Hols. E pra alguém se sentindo tão na merda quanto eu estou agora, não achei que falar com uma mãe divorciada chorona fosse me ajudar a me sentir melhor. Considerando que você acabou de perder a sua mãe, acho que também não faria você se sentir melhor. Espera até agosto, esse é meu conselho. Um conselho enfático. Até lá, a garota pode já ter ligado pra mamãe de Fort Wayne ou Phoenix ou San Francisco. — Ele tosse de novo e acrescenta: — Ou a polícia terá encontrado o corpo.

— Você parece que sabe de *alguma coisa*, mesmo não tendo falado com a mãe. Saiu no jornal?

— Ah, saiu, foi uma história de destaque. Parem as prensas, extra, extra, entenda o caso. Duas linhas no Police Beat, entre um homem nu desmaiado na avenida Cumberland e uma raposa raivosa andando pelo estacionamento do City Center. Não tem mais nada nos jornais atualmente além de covid e gente brigando por causa de máscaras. Que é tipo sair na chuva e discutir se está se molhando ou não. — Ele faz uma pausa e acrescenta com relutância: — A mensagem da mulher dizia que foi Izzy que ficou com o caso, então eu liguei pra ela.

Os sorrisos andam escassos para Holly neste verão, mas ela sente um no rosto agora. É bom saber que não é a única viciada no trabalho.

Parece que Pete conseguevê-la, mesmo não sendo uma chamada de Zoom.

— Não foi nada de mais, tá? Eu precisava mesmo falar com a Iz, saber como ela estava.

— E?

— Em relação à covid, bem. Deu um pé na bunda do último namorado, só isso, e ouvi um monte de reclamação a respeito. Perguntei sobre essa Bonnie Dahl. Izzy diz que estão tratando como caso de pessoa desaparecida. Há alguns bons motivos pra isso. Os vizinhos dizem que Dahl e a mãe discutiam muito, às vezes aos gritos, e que havia um bilhete de despedida preso no assento da bicicleta de dez marchas de Dahl. Mas o bilhete que pareceu sinistro para a mãe pareceu ambíguo para Izzy.

— O que dizia?

— Só três palavras. *Pra mim, chega*. O que pode significar que ela foi embora da cidade ou...

— Ou que cometeu suicídio. O que os amigos dizem sobre o estado mental dela? E as pessoas com quem ela trabalha na biblioteca?

— Não faço ideia — responde Pete, e começa a tossir de novo. — Foi aí que eu deixei a história e é onde você deveria deixar, ao menos por enquanto. Ou o caso ainda vai estar em andamento no dia 1º de agosto ou vai ter se resolvido.

— De uma forma ou de outra — diz Holly.

— Isso. De uma forma ou de outra.

— Onde a bicicleta foi encontrada? A sra. Dahl disse que a filha comprou refrigerante no Jet Mart na noite em que desapareceu. Foi lá? — Holly consegue pensar em pelo menos três lojas de conveniência Jet Mart na cidade, mas deve haver mais.

— De novo, não faço ideia. Vou me deitar um pouco. E, de novo, sinto muito pelo falecimento da sua mãe.

— Obrigada. Se você não começar a melhorar, quero que procure cuidados médicos. Promete.

— Você está pentelhando, Holly.

— Estou. — Outro sorriso. — Eu sou boa nisso, né? Aprendi com a minha mãe desde pequenininha. Agora, promete.

— Tudo bem. — Ele deve estar mentindo. — Outra coisa.

— O quê? — Ela acha que vai ser algo sobre o caso (já é assim que está pensando nele), mas não é.

— Você nunca vai me convencer que essa merda de covid aconteceu naturalmente, que pulou pras pessoas a partir de morcegos ou crocodilos bebês ou o que for em um mercado chinês. Não sei se escapou de uma instituição de pesquisa onde estavam desenvolvendo o vírus ou se foi liberado de propósito, mas, como meu avô teria dito, isso não é nadinha natural.

— Você está me parecendo meio paranoico, Pete.

— Você acha? Escuta só, os vírus sofrem mutação. Essa é sua maior habilidade de sobrevivência. Mas existe a mesma chance de se transformarem numa variante menos perigosa ou mais perigosa. Foi o que aconteceu com a gripe aviária. Mas esse só fica pior. A Delta contagia pessoas que receberam duas doses, eu sou prova disso. E quem não fica mal com a Delta tem uma carga viral quatro vezes maior que a versão original, o que significa que pode transmitir com mais facilidade ainda. Isso te parece aleatório?

— Difícil saber — responde Holly. O que é fácil saber é quando alguém está obcecado por um assunto. Pete está. — Talvez a variante Delta sofra mutação para algo mais fraco.

— A gente vai descobrir, né? Quando a próxima chegar. E vai chegar. Enquanto isso, esquece Penny Dahl e encontra algo pra ver na Netflix. É o que eu vou fazer.

— É um bom conselho, eu acho. Se cuida, Pete. — Ela encerra a ligação.

Não quer ver nada na Netflix (Holly acha a maior parte dos filmes de lá, mesmo os com orçamento alto, estranhamente medíocres), mas seu estômago está soltando roncos baixos e hesitantes, e ela decide prestar atenção. Algo reconfortante. Talvez uma sopa de tomate com um queijo quente. As ideias de Pete sobre vírus devem ser baboseira de internet, mas o conselho sobre deixar Penelope “Penny” Dahl para lá é bom, sem dúvida.

Ela esquenta a sopa, faz o queijo quente com muita mostarda e um pouquinho de tempero, do jeito que gosta, e não liga para Penelope Dahl.

3

Pelo menos até as sete da noite. O que fica na cabeça dela é o bilhete colado no selim da bicicleta de Bonnie Dahl: *Pra mim, chega.* Houve muitas vezes que Holly pensou em deixar um bilhete assim e ir embora, mas nunca fez isso. E houve vezes que ela pensou em acabar com tudo (*puxar o pino*, Bill teria dito), mas nunca seriamente.

Bem... talvez uma ou duas vezes.

Ela liga para a sra. Dahl do escritório e a mulher atende no primeiro toque, ansiosa e um pouco sem fôlego.

— Alô. É da Achados e Perdidos?

— É. Holly Gibney. Como posso ajudar, sra. Dahl?

— Graças a Deus você ligou. Achei que você e o sr. Huntley deviam estar de férias, sei lá.

Até parece, pensa Holly.

— Pode ir ao meu escritório amanhã, sra. Dahl? Fica no...

— Frederick Building, eu sei. Claro. A polícia não ajudou em nada. Em *nada*. Que horas?

— Nove horas fica bom pra senhora?

— Perfeito. Muito obrigada. A minha filha foi vista pela última vez às 20h04 do dia 1º de julho. Tem um vídeo dela na loja onde...

— Vamos falar disso tudo amanhã — diz Holly. — Mas sem garantias, sra. Dahl. Sou só eu, infelizmente. Meu sócio está doente.

— Ah, meu Deus. Não é covid, é?

— É sim, mas um caso brando. — Holly espera que seja brando. — Eu só tenho algumas perguntas agora. A senhora disse na sua mensagem que Bonnie foi vista pela última vez no Jet Mart. Tem alguns na cidade. Em qual foi?

— O que fica perto do parque. Na avenida Red Bank. Você conhece a região?

— Conheço. — Holly até pôs gasolina naquele Jet Mart uma ou duas vezes.

— E foi lá que a bicicleta dela foi encontrada?

— Não, foi mais pra frente, na Red Bank. Tem um prédio vazio... bem, tem muitos prédios vazios daquele lado do parque, mas aquele era uma oficina de

carros, algo assim. A bicicleta estava apoiada no descanso, na frente.

— Não houve tentativa de esconder?

— Não, não, nada do tipo. A detetive com quem eu conversei, a tal Jaynes, disse que Bonnie devia querer que fosse encontrada. Ela também disse que o terminal de ônibus e trens fica só um quilômetro e meio pra frente, bem onde começa o centro, sabe? Mas eu falei que Bonnie não deixaria a bicicleta e andaria o resto da distância, por que ela faria isso? Não faz sentido.

Ela está acelerando, entrando em um ritmo histérico que Holly conhece bem. Se não fizer a mulher parar agora, Holly vai ficar no telefone por uma hora ou mais.

— Vou pedir que pare agora, sra. Dahl...

— Penny. Me chama de Penny.

— Tudo bem, Penny. Vamos falar disso tudo amanhã. Nossas tarifas são de quatrocentos dólares por dia, um mínimo de três dias, mais despesas. Que vou listar. Aceito Master e Visa ou um cheque pessoal. Amex não, é... — *Um cocô* é o que surge naturalmente na mente de Holly. — É difícil de lidar. Você está disposta a prosseguir sabendo disso?

— Sim, sem dúvida. — Não há hesitação nenhuma. — A tal Jaynes perguntou se Bonnie estava deprimida. Eu sei o que ela pensou, ela pensou em suicídio, mas Bonnie tem uma alma alegre, mesmo depois que terminou com aquele mané por quem ela era louca, voltou a sorrir depois de duas ou três semanas, bom, talvez um mês, mas...

— Nós vamos conversar amanhã — repete Holly. — Você vai poder me contar tudo. Quinto andar. E, Penny?

— Sim.

— Vá de máscara. N95, se tiver. Não vou poder te ajudar se eu ficar doente.

— Pode deixar, com certeza. Posso te chamar de Holly?

Holly diz para Penny que está ótimo e finalmente consegue encerrar a ligação.

Holly leva em consideração a sugestão de Pete e tenta ver um filme da Netflix chamado *Céu vermelho-sangue*, mas quando a parte assustadora começa, ela desliga a televisão. Acompanhou todas as aventuras sangrentas de Jason e Michael e Freddy, sabe o nome de todos os filmes em que Christopher Lee inter-

pretou o Conde sanguinário, mas depois de Brady Hartsfield e Chet Ondowsky, principalmente Ondowsky, acha que talvez tenha perdido o gosto por filmes de terror.

Ela vai até a janela e olha para o dia que está chegando ao fim, o cinzeiro em uma das mãos, um cigarro na outra. Que hábito terrível! Ela já está pensando no quanto vai querer fumar um durante a reunião com Penny Dahl, porque conhecer clientes novos sempre é estressante para ela. Holly é uma boa detetive, decidiu que nasceu para isso, que é sua vocação, mas deixa os contatos iniciais para Pete sempre que possível. Mas não vai dar para fazer isso amanhã. Ela pensa em pedir a Jerome Robinson para estar presente, mas ele está trabalhando na edição de um livro sobre o bisavô dele, que era uma figura e tanto. Jerome iria se ela pedisse, mas ela não vai interrompê-lo. É hora de se virar sozinha.

E não é permitido fumar no prédio. Vou ter que ir para o beco do lado quando a Dahl for embora.

Holly sabe que é assim que viciados pensam e se comportam: eles rearrumam a mobília da vida para abrir espaço para os maus hábitos. Fumar é ruim e perigoso... mas não tem nada mais reconfortante do que um tubinho mortal de papel e tabaco.

Se a garota pegou o trem, vai estar registrado mesmo que o pagamento tenha sido em dinheiro. A mesma coisa com os ônibus Greyhound, Peter Pan, Magic Carpet e Lux. Mas tem duas linhas clandestinas no quarteirão seguinte que são especializadas em viagens curtas. A Tri-State e... qual é a outra?

Ela não consegue lembrar e não quer fazer busca na internet essa noite. Além do mais, quem garante que Bonnie Dahl viajou de ônibus ou de trem? Ela pode ter pedido carona. Holly pensa em *Aconteceu naquela noite*, em que Claudette Colbert consegue carona para ela e Clark Gable levantando a saia e ajustando a meia-calça. As coisas não mudam tanto... só que Bonnie Dahl não tinha um homem grande e forte a protegendo. A não ser que tenha voltado com o antigo namorado que a mãe mencionou.

Não adianta pensar nisso agora. Vai haver muita coisa em que pensar amanhã. Ela espera, pelo menos. O problema de Penny Dahl vai lhe dar algo para ocupar a cabeça além da morte sem sentido, e causada por política, da sua mãe.

Eu tenho esperança de Holly, pensa ela, e entra no quarto, veste o pijama e faz as orações.

10 DE SETEMBRO DE 2015

Cary Dressler é jovem, sem vínculos, não é feio, é alegre e raramente se preocupa com o futuro. Ele está sentado em uma formação rochosa coberta de iniciais, curtindo um barato de erva boa e tomando uma P-Co enquanto assiste a *Caçadores da arca perdida*. Em um fim de semana, esse lugar, conhecido como Pedra do Drive-In, estaria lotado de jovens tomando cerveja, fumando maconha e se pegando, mas é uma noite de quinta e ele tem o local todo para si. É assim que ele gosta.

A Pedra fica do lado oeste do parque Deerfield, perto da extremidade do Matagal. Essa área é (como o nome sugere) um emaranhado de árvores e mato. Da maioria dos locais lá dentro seria impossível ver a avenida Red Bank, menos ainda a tela do Magic City Drive-In, mas neste ponto se abre um corte irregular até a rua, causado talvez por uma inundação ou um deslizamento antigo.

O Magic City anda mal das pernas — ninguém quer ter que ficar matando mosquitos e ouvindo o som do filme num rádio AM quando tem três complexos de cinema na cidade, todos com som Dolby e um até com IMAX, que é irado. Mas não se pode fumar maconha em um cinema. Na Pedra do Drive-In, você pode fumar tudo que quiser. E depois de um turno de oito horas no boliche Strike ‘Em Out Lanes, Cary quer. Não tem som, claro, mas Cary não precisa de som. O Magic City só passa filmes抗igos agora, e ele viu Arca pelo menos dez vezes. Já sabe os diálogos e murmura uma parte agora, entre tragadas.

— Cobras! Por que tinham que ser cobras?

Depois de Arca vem *A última cruzada*, que Cary também viu um monte de vezes. Não tantas quanto Arca, mas pelo menos quatro. Ele não vai ficar para ver esse. Vai terminar a P-Co, subir na scooter (agora escondida nos arbustos perto da entrada mais próxima da Pedra do Drive-In) e voltar para casa. Com muito cuidado.

O baseado está só uma ponta. Ele o apaga na pedra entre BD+GL e MANDY BACABACA. Guarda o que sobrou, inspeciona o que tem na pochete e fica na dúvida entre um fino e um grosso. Decide fumar o fino. Ele vai fumar metade, vai comer o Kit-Kat que também está na pochete e vai voltar para o apartamento.

Ele se perde nas imagens luminosas a quatrocentos metros dali e acaba fumando o baseado quase todo. Ouve a música de John Williams na cabeça e cantarola, mantendo a voz baixa para o caso de ter alguém por perto. É improvável às dez da noite de uma quinta, mas não impossível.

— *Zum-de-dum-dum, zum-de-DAH, zum-de-bum-zum, zum-de...*

Cary para abruptamente. Ele acabou de ouvir uma voz... não foi? Inclina a cabeça para o lado e presta atenção. Talvez tenha sido sua imaginação. A droga não costuma deixá-lo paranoico, só meio devagar, mas de vez em quando...

Ele praticamente decidiu que não era nada quando a voz fala de novo. Não perto, mas também não tão longe.

— É a bateria, meu bem. Acho que morreu.

Não tem nada de errado com a visão de Cary, e do seu ponto de vista ele rapidamente localiza a voz. A avenida Red Bank nunca vai estar no páreo como uma das vias mais agradáveis da cidade. Tem o Matagal de um lado, ocupando os poucos caminhos e enfiando-se pela cerca de ferro. Do outro há armazéns, um depósito U-Store-It, uma oficina falida e alguns terrenos baldios. Um deles recebeu um parque de diversões itinerante mequetrefe que levantou acampamento depois do feriado do Labor Day. No outro, ao lado de uma loja de conveniência há muito abandonada, tem uma van com a lateral aberta e uma rampa para fora. Há uma cadeira de rodas ao lado da rampa com alguém nela.

— Eu não posso ficar aqui a noite toda — avisa a ocupante da cadeira de rodas. Sua voz é velha e trêmula, um pouco irritada e um pouco assustada. — Peço ajuda.

— Eu faria isso — diz o homem com ela —, mas a bateria do meu celular acabou. Esqueci de carregar. O seu está aí?

— Deixei em casa. O que nós vamos fazer?

Só vai passar pela cabeça de Cary bem depois, quando já for tarde demais, que a mulher na cadeira de rodas e o homem com ela estão projetando as vozes. Não muito, não gritando nem nada, mas como atores no palco projetam para a plateia. Mais tarde, ele vai se dar conta de que *ele* era a plateia para a qual eles estavam atuando, o cara sentado na Pedra do Drive-In com o baseado

piscando como um farol localizador. Mais tarde, ele vai se dar conta da frequência com que para ali por um tempo a caminho de casa depois de sair do boliche, para fumar um e assistir ao filme lá do outro lado.

Ele decide que não pode ficar parado ali enquanto o coroa vai atrás de ajuda e deixa a mulher sozinha. Cary é basicamente uma pessoa boa e fica feliz em fazer coisas boas de vez em quando.

Ele desce a inclinação, segurando-se em galhos para não cair de bunda. Dá um tapinha na scooter — aquele pônei fiel! — quando passa por ela. Chega a um dos portões da avenida Red Bank, sai do parque e segue pela calçada até estar em frente à van. Ele grita:

— Precisam de ajuda?

Só vai questionar depois, na jaula, por que eles escolheram aquela parte do parque para estacionar; uma loja Quik-Pik abandonada não é um lugar bonito.

— Quem está aí? — pergunta o homem, parecendo preocupado.

— Meu nome é Cary Dressler. Posso...?

— Cary? Minha nossa, querida, é o Cary!

Cary pisa na rua e olha melhor.

— Bolinha? É você?

O homem ri.

— Sou eu, sim. Escuta, Cary, a bateria da cadeira de rodas da minha esposa morreu. Será que você pode empurrá-la pela rampa?

— Acho que consigo fazer isso — diz Cary, atravessando a rua. — Indy Jones ao resgate.

A senhora idosa ri.

— Eu vi esse filme no velho Bijou. Muito obrigada, meu jovem. Você é um anjo.

Roddy Harris está contando para a esposa como ele e o anjo se conhecem. Cary segura os apoios para as mãos da cadeira de rodas e a vira para a rampa. Bolinha fica para trás para abrir espaço, uma das mãos no bolso do paletó de tweed. Cary está tão chapado que nem sente a agulha sendo enfiada no pescoço.

23 DE JULHO DE 2021

1

Holly chega ao estacionamento municipal da Fourth Street, a meio quarteirão do Frederick Building, e passa o cartão magnético. A cancela sobe e ela entra. São 8h35, quase meia hora antes do horário marcado para o encontro com Penny Dahl, mas a mulher também chegou cedo. Não dá para confundir o Volvo dela. Tem fotos grandes da filha grudadas dos dois lados e atrás. No para-brisa traseiro (provavelmente uma infração de trânsito, pensa Holly) está escrito VOCÊ VIU MINHA FILHA e BONNIE RAE DAHL e LIGUE PARA 216-555-0019.

Holly estaciona o Prius ao lado, o que não é um problema. Não faltam vagas no estacionamento; costumava ficar lotado às nove, com a placa de DESCULPEM LOTADO na frente, mas isso foi antes da pandemia. Agora, tem muita gente trabalhando de casa, supondo que ainda tenham empregos. Também supondo que não estejam doentes demais para trabalhar. Os hospitais esvaziaram por um tempo, mas aí a Delta chegou com vingança. Ainda não chegaram à capacidade máxima, mas estão quase lá. Em agosto, pode ser que haja pacientes deitados nos corredores e nas lanchonetes de novo.

Como a sra. Dahl não está por perto e Holly chegou cedo, ela acende um cigarro e anda em volta do Volvo, observando as fotos. Bonnie Dahl é mais bonita e mais velha do que Holly esperava. Tem uns vinte e cinco, mais ou menos. Ela acha que foi em parte porque Dahl ia de bicicleta para a Biblioteca Reynolds que Holly esperava uma mulher mais nova. O resto foi por causa do quanto a voz de Penny Dahl lembrou Holly de sua falecida mãe. Ela achou que Bonnie seria meio parecida com Holly aos dezenove ou vinte anos: uma cara franzida de Emily Dickinson, o cabelo preso em um coque ou rabo de cavalo, um sorriso forçado (Holly odiava que tirassem fotos suas, ainda odeia) e roupas com o objetivo não só de minimizar o corpo, mas de fazê-lo desaparecer.

O rosto daquela garota é aberto ao mundo, o sorriso largo e luminoso. O cabelo louro é curto, desfiado na frente, com mechas claras na franja. As fotos nas laterais do carro são retratos de rosto, mas a de trás mostra Bonnie montada na bicicleta, usando um short branco com cortes em V nas laterais e um top de algodão. Não tem nenhuma vergonha do corpo ali.

Holly termina o cigarro, se curva e o raspa no chão. Toca na ponta preta para ter certeza de que está fria e o deixa na lata de lixo do lado de fora do portão de vaivém. Joga uma balinha Life Saver na boca, coloca a máscara e vai até o edifício.

2

Penny Dahl está esperando no saguão, e mesmo com a máscara Holly vê a semelhança com a filha. Holly supõe que ela tem uns sessenta anos. O cabelo pode ficar bonito com um retoque, mas agora está cinza como pelo de rato. *Mas bem penteado*, acrescenta Holly a essa primeira avaliação. Ela sempre tenta ser gentil. As roupas da sra. Dahl estão limpas, mas não combinam. Holly não é entendida de moda, longe disso, mas nunca usaria aquela blusa com aquela calça. Cá está uma mulher para quem a aparência ficou em segundo plano. Na máscara N95 requerida, com letras vermelhas, está o nome da filha.

— Oi, sra. Dahl — diz ela. — Holly Gibney.

Holly nunca gostou de apertos de mão, mas oferece o cotovelo com boa vontade. Penny Dahl bate com o dela.

— Muito obrigada por me receber. Muito obrigada mesmo.

— Vamos subir. — O saguão está vazio e elas não precisam esperar o elevador. Holly aperta o botão do quinto andar. Para Penny, ela diz: — Nós tivemos uns problemas com esta porcaria no ano passado, mas já está consertado.

3

Sem Pete ou Barbara Robinson ajudando (ou só por perto), a recepção parece uma respiração presa. Holly liga a cafeteira.

— Eu trouxe fotos da Bonnie — diz Penny. — Umas doze, todas tiradas no intervalo de um ou dois anos de quando ela desapareceu. Tenho muitas outras, mas dela mais jovem, e não é essa a garota que você vai procurar, né? Posso enviar para o seu celular se você me der seu e-mail. — A fala dela é entrecortada

e ela fica tocando na máscara para ver se está no lugar. — Eu posso tirar isto aqui, sabe. Tomei as duas doses e meu teste de covid deu negativo. Fiz um caiseiro ontem à noite.

— Por que a gente não fica usando aqui fora? Vamos tirar na minha sala e tomar um café. Tenho biscoitos se Barbara, a jovem que me ajuda aqui às vezes, não tiver comido todos.

— Não, obrigada.

Holly não precisa olhar para saber que acabaram. Barbara não consegue resistir aos wafers de baunilha.

— Eu vi as fotos da Bonnie no seu carro, aliás. Ela é muito bonita.

Os olhos de Penny formam rugas quando ela sorri por trás da máscara.

— Também acho. Mas eu sou a mãe dela, o que mais poderia achar? Não é nenhuma Miss América, mas foi rainha do baile no ensino médio. E ninguém jogou um balde de sangue nela. — Ela ri, o som tão agudo quanto a voz. Holly espera que ela não fique histérica. Depois de três semanas, a mulher já deveria ter superado o choque, mas talvez não. Holly nunca perdeu uma filha e não sabe. Mas sabe como se sentiu quando achou que poderia ter perdido Jerome e Barbara: como se ela fosse ficar louca.

Holly escreve seu e-mail em um post-it.

— Você é casada, sra. Dahl?

Dahl gruda o papel dentro da capa do celular.

— Se você não me chamar de Penny, vou começar a gritar.

— Penny, então — diz Holly, em parte porque acha que a nova cliente é capaz de fazer isso mesmo.

— Divorciada. Herbert e eu dissolvemos nossa parceria três anos atrás. Diferenças políticas foram parte do motivo... ele apoiava totalmente o Trump... mas houve muitos outros.

— O que Bonnie achou disso?

— Lidou com a situação de uma forma muito adulta. E por que não? Ela era adulta. Tinha vinte e um anos. Além do mais, a primeira vez que Herbie chegou em casa usando um boné do MAGA, ela riu da cara dele. Ele ficou... hum... incomodado.

Mais um relacionamento afetado pelo homem de gravata vermelha que fala rápido. Não é destino nem coincidência.

Enquanto isso, o café fica pronto.

— Como você gosta, Penny? Eu também tenho chá, talvez uma água Poland, a não ser que Pete ou Barbara...

— Café está ótimo. Sem creme, só um pouco de açúcar.

— Vou deixar que coloque o açúcar, então. — Holly serve café em duas canecas da Achados e Perdidos, que Pete insistiu em mandar fazer. Sem erguer o olhar, ela diz: — Vamos colocar um pingo em um *i* de uma vez, Penny. Tem chance do seu ex-marido ter alguma coisa a ver com o desaparecimento da Bonnie?

A risada estridente soa de novo, mais de nervosismo do que por ter achado graça.

— Ele está no Alasca. Foi embora por causa de um emprego de colarinho-branco em uma transportadora uns seis meses depois do divórcio. E ele está com covid. O ídolo dele se recusou a usar máscara e Herb se recusou também. Sabe como é, o macaco-Trump manda, o macaco-seguidor obedece. Se você quer saber se ele sequestrou a filha de vinte e quatro anos ou a incitou a se mudar para Juneau e morar com ele, a resposta é não. Ele diz que está melhorando...

Isso faz Holly pensar em Pete.

— ... mas, quando conversamos pelo FaceTime, ele tosse o tempo todo e chia o tempo todo. — Penny diz isso com uma satisfação inconfundível.

4

Na sala de Holly, elas tiram as máscaras. A cadeira do cliente não deve estar a um metro e oitenta de distância, mas quase. Além do mais, Holly diz para si mesma, *o perfeito é inimigo do bom*. Ela abre o iPad na função de notas e digita *Bonnie Rae Dahl e vinte e quatro anos e Desapareceu na noite de 1º de julho*. É um começo.

— Me conta sobre quando ela foi vista pela última vez, vamos começar com isso. Você disse que foi na loja de conveniência Jet Mart, certo?

— Sim, na avenida Red Bank. Bonnie tem um apartamento em um daqueles condomínios novos de Lake View, sabe, onde ficavam as docas antigas?

Holly assente. Há vários condomínios lá agora e mais sendo construídos.

— O Jet Mart fica na metade do caminho dela para casa. A dois quilômetros e meio da biblioteca e dois quilômetros e meio da casa dela. O funcionário lá a

conhece. Ela chegou no dia 1º de julho quatro minutos depois das oito.

Jet Mart parada regular, digita Holly. Ela clica nas teclas sem olhar e mantém o foco em Penny.

— Eu tenho o vídeo da câmera de segurança. Também vou enviar para você, mas quer ver agora?

— É mesmo? Como conseguiu isso?

— A detetive Jaynes compartilhou comigo.

— A pedido do seu advogado?

Penny faz uma expressão perplexa.

— Eu não tenho advogado. Contratei um quando comprei minha casa em Upriver, mas nunca mais. Ela me deu quando eu pedi.

Que bom, Izzy, pensa Holly.

— Eu deveria ter um advogado?

— Isso é com você, mas acho que não precisa de um agora. Vamos ver o vídeo.

Penny se levanta e começa a contornar a mesa.

— Não, só me entrega.

Com duas doses ou não, tendo feito teste caseiro ontem ou não, Holly não quer a mulher olhando por cima do seu ombro e respirando ao lado do seu rosto. Não é só a covid. Mesmo antes do vírus, ela não gostava de estranhos em seu espaço pessoal, e essa mulher ainda é uma estranha.

Penny abre o vídeo e entrega o celular para Holly.

— É só clicar no play.

A câmera de segurança foi instalada em um ângulo alto e está longe de estar cristalina; ninguém limpa a lente há muito tempo, isso se alguém já limpou. Mostra a chamada Caverna da Cerveja, o funcionário, a porta de entrada, o estacionamento apertado e um pedacinho da avenida Red Bank. O carimbo de horário no canto inferior esquerdo mostra 20h04. O carimbo de data no canto direito mostra 1/7/2021. Ainda não está escuro, mas, como diz Bob Dylan, está quase. Ainda tem bastante luz no céu, o suficiente para Holly ver Bonnie parar a bicicleta, tirar o capacete e soltar o cabelo, que devia estar suado. A última semana de junho e a primeira de julho foram quentes. Um calor bem cocozento, na verdade.

Ela coloca o capacete no selim da bicicleta, mas entra na loja ainda de mochila. Está usando uma calça bege e uma camisa polo com **Faculdade Bell** acima do peito esquerdo e o logo com a torre do sino acima das palavras. O vídeo não tem som, claro. Holly assiste ao filminho com a fascinação que acha que qualquer um sente quando está vendo alguém que saiu de um lugar limpo e iluminado para o desconhecido.

Bonnie Rae vai até a geladeira dos fundos e pega uma lata de refrigerante, que parece ser Coca ou Pepsi. No caminho de volta para o caixa, para e olha a estante de guloseimas. Escolhe um pacote. Talvez de HoHos, talvez de Yodels, mas não importa, porque ela coloca o pacote de volta e, em pensamento, Holly ouve Charlotte Gibney dizer: *Eu preciso cuidar do meu corpinho de menina.*

No caixa, ela tem uma conversa breve com o funcionário (de meia-idade, calvo, hispânico). Deve ser algo engraçado, pois os dois riem. Bonnie apoia a mochila no balcão, abre a aba e coloca a lata de refrigerante dentro. É grande o suficiente para os sapatos que ela usa no trabalho, talvez, além do celular e um ou dois livros. Ela enfia os braços nas alças e diz mais alguma coisa para o funcionário. Ele dá o troco e faz um sinal de positivo. Ela vai embora. Coloca o capacete. Sobe na bicicleta. Sai pedalando para... algum lugar.

Quando Holly levanta o rosto e devolve o celular, Penny Dahl está chorando.

Holly tem dificuldade de lidar com lágrimas. Há uma caixa de lenços de papel ao lado do mousepad e ela a empurra na direção de Penny sem fazer contato visual, mordiscando o lábio inferior e desejando um cigarro.

— Sinto muito. Sei como isso é difícil pra você.

Penny olha para ela por cima de um buquê de lenços de papel.

— Sabe? — É quase um desafio.

Holly suspira.

— Não, provavelmente não.

Há um momento de silêncio entre elas. Holly pensa em contar para Penny que perdeu a mãe recentemente, mas não é a mesma coisa. Ela sabe onde a mãe está, afinal: debaixo da terra no Cemitério Cedar Rest. Penny Dahl só sabe que tem um buraco na sua vida onde a filha deveria estar.

— Estou curiosa com o capacete da sua filha. Estava com a bicicleta quando foi encontrada?

Penny fica boquiaberta.

— Não, só a bicicleta. Quer saber, a detetive Jaynes nunca perguntou sobre isso e eu nunca pensei nisso.

Penny tudo bem, mas Izzy Jaynes cai um pouco na avaliação de Holly.

— E a mochila?

— Sumiu, mas era esperado, não era? É comum ficar de mochila depois de descer da bicicleta, ela usou dentro do mercadinho, mas ninguém fica de capacetes, não é?

Holly não responde porque isso não é uma conversa, é um interrogatório. Ela vai fazê-lo da forma mais suave que puder, mas não deixa de ser um interrogatório.

— Me atualiza, Penny. Me conta tudo que você sabe. Comece com o que Bonnie faz na Biblioteca Reynolds e quando ela saiu naquela noite.

6

Há quatro assistentes na Biblioteca Reynolds do campus da Faculdade Bell de Artes e Ciências. No verão, a biblioteca fecha às sete da noite. O bibliotecário-chefe, Matt Conroy, às vezes fica até a hora de fechar, mas não ficou naquela noite. Margaret Brenner, Edith Brookings, Lakeisha Stone e Bonnie Dahl se despediram dos últimos visitantes às sete e cinco. Antes de trancar a porta, elas se separaram e deram uma olhada rápida entre as estantes em busca de alguém que não tivesse ouvido o sino ou tivesse preferido ignorá-lo para ler mais uma página ou fazer mais uma anotação. Bonnie tinha contado à mãe que às vezes elas encontravam pessoas dormindo em salas de leitura ou em meio a estantes, e que algumas vezes encontraram casais que tinham sido tomados pela paixão. *Em flagrante delícia*, ela chamava. Elas também verificaram os banheiros do térreo e do terceiro andar. Naquela noite, todo mundo tinha ido embora.

As quatro conversaram um pouco na sala de descanso, discutiram planos para o fim de semana e apagaram as luzes. Lakeisha entrou no seu carro Smart e foi embora dirigindo. Bonnie subiu na bicicleta e seguiu para a quitinete, aonde nunca chegou. Penny não ficou muito preocupada quando ligou para Bonnie na manhã seguinte e foi parar na caixa postal no primeiro toque.

— Eu ia perguntar se ela queria ir lá em casa sexta ou sábado à noite pra ver alguma coisa na Netflix ou no Hulu — conta Penny, e acrescenta: — Eu ia fazer pipoca.

— Só isso? — O faro de Holly para mentiras não é tão forte quanto era o de Bill Hodges, mas ela é boa em saber quando alguém está disfarçando a verdade.

Penny fica vermelha.

— Bom... nós tínhamos brigado duas noites antes. Foi uma discussão meio acalorada. Mãe e filha, sabe como é. A gente faz as pazes vendo filmes. Nós duas amamos filmes e agora tem tanta coisa pra ver, né?

— É — diz Holly.

— Eu achei que ela estava no telefone com alguém e que retornaria a ligação.

Mas não houve ligação. Penny tentou de novo às dez, depois às onze, com o mesmo resultado: um toque e caixa postal. Ela ligou para Lakeisha Stone, a melhor amiga de Bonnie dentre os funcionários da biblioteca, para perguntar se Bonnie ainda estava com raiva dela. Lakeisha disse que não sabia. Bonnie não tinha aparecido naquela manhã. Foi nessa hora que Penny começou a ficar preocupada. Ela tinha a chave do apartamento da filha e foi lá.

— Que horas foi isso?

— Eu estava preocupada e não olhei a hora. Acho que por volta do meio-dia. Eu não estava com medo de ela ter pegado covid ou alguma outra coisa, ela sempre toma precauções e sempre foi saudável, mas eu ficava pensando em acidente. Tipo escorregar no chuveiro, essas coisas.

Holly assente, mas está se lembrando do vídeo da câmera de segurança. Bonnie Rae não estava de máscara quando entrou na loja e o cara no caixa também não. Isso não é tomar precauções.

— Ela não estava no apartamento e tudo parecia normal, então fui até a biblioteca, já bastante preocupada, mas ela não estava lá e não tinha telefonado. Liguei para a polícia e tentei fazer um registro de pessoa desaparecida, mas o homem com quem falei depois de me deixarem esperando vinte minutos disse que pelo menos quarenta e oito horas tinham que se passar para um “menor adolescente” e setenta e duas horas para um adulto legal. Eu falei que ela não estava atendendo o telefone, que era como se estivesse desligado, mas ele não pareceu interessado. Pedi para falar com um detetive e ele disse que todos estavam ocupados.

Às seis horas, em casa, Penny recebeu uma ligação da amiga de Bonnie, Lakeisha. Um homem tinha chegado na Reynolds com uma bicicleta Beaumont City azul e branca de dez marchas na caçamba da picape. Esse modelo de bici-

cleta tem um bagageiro, no qual Bonnie tinha colado um adesivo que dizia EU ♥ A BIBLIOTECA REYNOLDS. O homem, Marvin Brown, queria saber se pertencia a alguém que trabalhava na biblioteca ou talvez a alguém que usava a biblioteca com frequência. Senão, ele disse, achava que teria que levar para a delegacia. Por causa do bilhete no selim.

— O bilhete que dizia *Pra mim, chega* — diz Holly.

— Sim. — Os olhos de Penny estão cheios de lágrimas de novo.

— Mas você não diria que sua filha é suicida?

— Meu Deus, não! — Penny recua como se Holly tivesse dado um tapa nela. Uma lágrima desce pela bochecha. — *Meu Deus, não!* Eu falei a mesma coisa pra detetive Jaynes.

— Continue.

Os funcionários reconheceram a bicicleta. Matt Conroy, o bibliotecário-chefe, ligou para a polícia; Lakeisha ligou para Penny.

— Eu meio que desmoronei — conta Penny. — Todo filme de stalker psicopata que já vi passou na frente dos meus olhos.

— Onde o sr. Brown encontrou a bicicleta?

— A menos de três quarteirões do Jet Mart, na Red Bank. Tem uma oficina à venda em frente ao parque. O sr. Brown tem uma oficina do outro lado da cidade e está interessado em expandir. Um corretor de imóveis o encontrou lá. Eles examinaram a bicicleta juntos. — Penny engole em seco. — Nenhum deles gostou daquele bilhete no selim.

— Você falou com o sr. Brown?

— Não. A detetive Jaynes falou. Ela ligou pra ele.

Sem entrevista pessoal, digita Holly, ainda olhando para Penny, que está secando mais lágrimas. Ela acha que Marvin Brown talvez seja seu primeiro contato.

— O sr. Brown e o corretor discutiram o que fazer com a bicicleta e o sr. Brown disse “bom, por que eu não levo até a biblioteca na minha picape”, e depois que eles examinaram o lugar, a oficina, foi o que ele fez.

— Quem chegou primeiro? Brown ou o corretor?

— Não sei. Não pareceu importante.

Talvez não seja, mas Holly pretende descobrir. Porque às vezes assassinos “encontram” os corpos das vítimas e às vezes incendiários ligam para os bombeiros. Provoca emoções.

— Houve mais algum desenvolvimento depois disso?

— Nada — responde Penny. Ela seca os olhos. — A caixa postal dela está cheia, mas às vezes eu ligo mesmo assim. Pra ouvir sua voz, sabe como é.

Holly se encolhe. Pete diz que com o tempo ela vai se acostumar com a angústia dos clientes, que seu coração vai ficar calejado, mas ainda não aconteceu e Holly espera que nunca aconteça. Pete pode ter aqueles calos, Izzy Jaynes também, mas Bill nunca teve. Ele sempre se importava. Dizia que não conseguia evitar.

— E os hospitais? Foram verificados, suponho?

Penny ri. Não há humor na risada.

— Eu perguntei ao policial que atendeu o telefone, o que me disse que todos os detetives estavam ocupados, se ele faria isso ou se eu deveria fazer. Ele disse que eu. Sabe como é, a filha fujona é sua, o trabalho é seu. Ficou bem claro que ele achava que ela tinha feito isso, fugido. Eu liguei para o Mercy, liguei para o St. Joe's, liguei para o Kiner Memorial. Sabe o que me disseram?

Holly tem certeza de que sabe, mas deixa Penny falar.

— *Eles disseram que não sabiam.* Que tal esse nível de incompetência?

A mulher está abalada, então Holly não vai comentar o que seria óbvio se o foco dela não tivesse se limitado e excluído tudo exceto a filha desaparecida: os hospitais aqui e em todo o Meio-Oeste estão sobrecarregados. Os funcionários receberam uma enxurrada de pacientes com covid — e não só médicos e enfermeiras, todo mundo. Na manchete do jornal de ontem tinha uma foto de um zelador de máscara empurrrando um paciente para dentro da UTI do Mercy Hospital. Se não fossem os sistemas computadorizados de registro, os hospitais da cidade talvez não tivessem ideia nem de quantos pacientes estavam aos seus cuidados. Na situação atual, as informações devem estar bem atrasadas devido ao fluxo de gente doente.

Quando isso acabar, pensa Holly, ninguém vai acreditar que aconteceu de verdade. Ou, se acreditarem, não vão entender como aconteceu.

— E, desde essa ocasião, a detetive Jaynes fez contato?

— Duas vezes em três semanas — responde Penny. Seu tom é amargo, e Holly acha que ela tem direito a se sentir assim. — Uma vez, ela foi até a minha casa e ficou dez minutos. Na outra, ligou. Ela tem a foto da Bonnie e disse que pôs no NamUs, uma base de dados nacional de pessoas desaparecidas, e também no NCMEC, que é...

— Centro Nacional de Crianças Desaparecidas e Exploradas — completa Holly, pensando que foi uma boa decisão da parte de Izzy, apesar de Bonnie Rae Dahl não ser criança. A polícia costuma postar lá se a pessoa desaparecida for jovem e mulher. Mulheres jovens são de longe as vítimas de sequestro mais comuns. Claro que também são as que mais fogem.

Mas, pensa ela, se uma mulher de vinte e quatro anos decide mudar de vida e recomeçar em outro lugar, isso não pode ser chamado de fuga.

Penny inspira, trêmula.

— Não houve ajuda da polícia. Zero. Jaynes diz que, claro, talvez ela tenha sido sequestrada, mas o bilhete sugere que ela só foi embora. Mas por que ela faria isso? Por quê? Ela tem um bom emprego! Está na fila para uma promoção! Ela é amiga da Lakeisha! E finalmente deu um pé na bunda daquele namorado otário!

— Qual é o nome desse namorado otário?

— Tom Higgins. — Ela torce o nariz. — Ele trabalhava na loja de sapatos do Airport Mall. Mas aí o shopping fechou na primeira onda de covid. Ele tentou ir morar com a Bonnie pra economizar no aluguel, mas ela não quis. Eles tiveram uma briga por causa disso. A Bon disse pra ele que tinha acabado. Ele riu e falou que ela não podia demiti-lo, que ele que pedia demissão. Como se fosse uma coisa original, sabe. Ele deve ter pensado que era.

— Você acha que ele teve alguma coisa a ver com o desaparecimento da Bonnie?

— Não. — Ela cruza os braços sobre o peito, como se tivesse encerrando o assunto. Holly espera, uma técnica que Bill Hodges ensinou a ela, e Penny finalmente preenche o silêncio. — Aquele homem mal conseguia assoar o nariz sem um vídeo com instruções. Também é muito imaturo. Eu nunca soube o que Bonnie viu nele e ela nunca conseguiu explicar.

Holly fã dos caras gostosos do reality *Bachelor in Paradise*, faz uma boa ideia do que Bonnie pode ter visto nele. Ela não quer dizer, mas nem precisa. Penny diz por ela.

— Ele devia ser ótimo na cama, com performances de sessenta minutos.

— Você tem o endereço dele?

Penny consulta o celular.

— Avenida Eastland 2395. Mas não sei se ele ainda está lá.

Holly anota.

— Você tem uma foto do bilhete?

Penny tem, diz que Lakeisha Stone o fotografou quando Marvin Brown levou a bicicleta. Holly estuda o bilhete e não gosta do que vê. Letras de fôrma grandes, escritas com cuidado: PRA MIM, CHEGA.

— Essa letra é da sua filha?

Penny solta um suspiro que diz que ela está no limite.

— Pode ser, mas não tenho certeza. Minha filha não escreve à mão. Ninguém escreve hoje em dia além da assinatura, que mal dá pra ler, é só um rabisco. Ela não costuma escrever em letra de fôrma, mas, se quisesse ser... sei lá...

— Enfática?

— Sim, isso. Aí, talvez sim.

Ela pode estar certa, Holly pensa, mas, se fosse esse o caso, será que ela não teria escrito em letras maiores ainda? Não PRA MIM, CHEGA, mas **PRA MIM, CHEGA**? Talvez até com um ou dois pontos de exclamação? Não, ela não gostou nadinha daquele bilhete. Não está preparada para acreditar que Bonnie não o escreveu, mas está longe de acreditar que foi ela.

— Por favor, me encaminhe isso junto com as fotos da sua filha. E você, Penny? Onde você mora?

— Em Renner Circle. Renner 883, em Upriver.

Holly acrescenta isso às anotações, onde também escreveu *P e B discutiram, P diz que foi acalorado*.

— E o que você faz da vida?

— Sou a chefe de empréstimos na filial NorBank da extensão da via expressa, no aeroporto. Pelo menos era e imagino que vou ser de novo. O NorBank fechou temporariamente três das suas lojas... nós chamamos de lojas... e uma delas era a minha.

— Você não está trabalhando de casa?

— Não. Mas ainda estou recebendo. Um raio de sol nisso tudo... nessa confusão. Isso me lembra que eu preciso te dar um cheque. — Ela abre a bolsa e começa a remexer nela. — Você deve ter mais perguntas.

— Vou ter, mas já tenho o suficiente para começar.

— Quando vou ter notícias suas? — Penny está preenchendo um cheque de forma rápida e eficiente, sem hesitar em nenhum dos campos. E não em letra de fôrma, mas com uma caligrafia pequena, arredondada e bem controlada.

— Me dá vinte e quatro horas pra começar.

— Se encontrar algo que valha a pena compartilhar antes disso, me ligue. A qualquer momento. Dia ou noite.

— Mais uma coisa. — Normalmente, ela evitaria qualquer coisa pessoal, ainda mais se pudesse levar a um confronto, mas nessa manhã ela não pensa duas vezes. Está envolvida no caso agora, como um nó apertado que ela quer soltar.

— Me conte sobre a discussão. A que ficou acalorada.

Penny novamente cruza os braços, com mais força dessa vez. Holly conhece linguagem corporal defensiva por uma vasta experiência pessoal.

— Não foi nada. Uma tempestade em copo d'água.

Holly espera.

— Nós discutimos de tempos em tempos, nada de mais. Que mãe e filha não discutem?

Holly espera.

— Bem — diz Penny por fim —, essa talvez tenha sido um pouco mais séria. Ela bateu a porta quando saiu. Ela é uma garota boa e isso foi atípico. Já tínhamos tido algumas... algumas discussões acaloradas sobre Tom, mas ela nunca bateu a porta ao sair de casa. E eu a xinguei. Eu a chamei de escrota teimosa. Meu Deus, como queria poder voltar atrás. Só dizer “Bon, vamos deixar isso pra lá”. Mas a gente nunca sabe, né?

— Foi sobre o quê?

— Abriu uma vaga excelente no NorBank. Registros e inventário. Organização de documentação. Escritório da diretoria, trabalho de casa garantido, não parece ótimo com tudo que está acontecendo? Eu queria que ela se candidatasse, ela é ótima com números e boa para lidar com pessoas, mas ela não quis. Eu falei sobre o aumento de salário considerável que ela teria, os benefícios, o horário bom. Nada a abalou. Ela sabe ser teimosa.

Olha quem está falando, pensa Holly, lembrando-se de brigas que teve com a própria mãe, principalmente depois que ela começou a trabalhar com Bill Hodges. Houve algumas intensas depois que ela e Bill quase foram mortos enquanto perseguiam um médico que tinha sido possuído (não havia outro jeito de dizer isso) por Brady Hartsfield.

— Eu falei que, se trabalhasse no banco, ela poderia comprar umas roupas melhores pra variar e parar de se vestir como uma hippie. Ela riu de mim. Foi quando eu falei que ela era uma escrota.

— Alguma outra discussão? Algum ponto sensível?

— Não. Nenhum. — Holly sabe que ela está mentindo, e não só para a detetive particular que acabou de contratar.

Holly digita mais uma anotação, se levanta e coloca a máscara.

— O que você vai fazer primeiro?

— Ligar pra Izzy Jaynes. Acho que ela vai falar comigo. Nós nos conhecemos faz alguns anos.

E antes mesmo de Brown, o cara da picape, ela quer falar com Lakeisha Stone. Porque, se Lakeisha e Bonnie eram amigas, até melhores amigas, Lakeisha vai ter uma ideia melhor de como mãe e filha se davam. Com ou sem discussão terminando com batida de porta, Holly não quer começar isso comparando sua própria mãe com a da Bonnie.

Você não é o caso, Bill disse uma vez. Nunca cometa o erro de pensar que é. Nunca ajuda e normalmente só piora as coisas.

22-25 DE NOVEMBRO DE 2018

1

Emily não gosta dessa.

Não que tenha gostado de Cary Dressler, fora que *abominava* Castro, o *mari-con chicano*. Mas essa garota, essa Ellen Craslow, é diferente dos dois. Por ser mulher? Ela não acha que seja isso.

Desce a escada até o porão carregando a bandeja. Nela há setecentos gramas de fígado cru, nadando no seu próprio líquido. Preço no Kroger: 3,22 dólares. A carne está tão cara agora e o último pedaço foi desperdiçado. Ela desceu e o encontrou cheio de larvas e moscas. Como elas entraram naquele aposento isolado e de forma tão rápida ela não tem ideia. Até o vão no pé da porta que leva para a cozinha foi fechado.

A garota está parada junto às grades da cela. Ela é alta e negra. O cabelo curto e escuro está arrumado. Do pé da escada, Em quase consegue acreditar que é uma touca de banho. Quando chega perto, ela vê que os lábios de Ellen estão rachados e com feridas em alguns pontos. Mas ela não chora nem suplica. Ela não fez nenhuma das duas coisas. Ao menos, até agora.

Em pega o prato de fígado na bandeja e coloca no concreto. Apoia-se em um joelho para não se curvar. Seu ciático está ruim, mas ela aguenta o ruim. Quando ele grita, quando torna cada passo uma agonia... aí é diferente. Ela pega a vassoura e empurra o prato na direção da cela. O líquido vermelho espirra. E, como já fez antes, Ellen Craslow bloqueia a passagem com a lateral do pé.

— Já falei, eu sou vegana. Parece que você não escuta.

Em sente vontade de cutucá-la com o cabo da vassoura, mas se contém. E não só porque a garota poderia agarrar o cabo. Ela não pode demonstrar emoção. Como com Castro e Dressler, o que está ali é um animal enjaulado. Gado.

Cutucar gado é infantilidade. Ficar com raiva dele é infantilidade. O que se faz com um animal é *treiná-lo*.

Ellen também recusou o shake de proteína. Tomou as duas garrafas pequenas de água que estavam na jaula quando acordou, a primeira de uma vez. Fez a segunda durar, mas as duas já acabaram. No bolso do avental, Em pega outra.

— Quando você comer a carne, Ellen, vai ganhar isto. Seu corpo não liga que você é vegana. Ele precisa comer. — Ela ergue a garrafa, mostrando-a. — E precisa beber.

Ellen não diz nada, só fica olhando para Em com as mãos segurando as grandes frouxamente e o pé bloqueando a passagem. Aquele olhar é irritante. Em não quer ficar irritada, mas diz para si mesma que sentiria exatamente a mesma coisa se estivesse no zoológico e encarasse um tigre.

— Vou deixar a comida, está bem? Quando eu voltar e o prato estiver limpo, inclusive os líquidos, você pode tomar a água.

Não há resposta e, animal ou não, a professora Emily Harris (emérita) percebe que está com raiva, no fim das contas. Não, furiosa. Castro comeu; Dressler comeu; Ellen também vai acabar comendo. Ela não vai conseguir evitar. Em se vira e vai na direção da escada.

A garota diz:

— É horrível, né?

Em se volta, sobressaltada.

— Quando as pessoas não fazem o que você quer. É horrível, né? Pra você, claro. — E a garota tem a pachorra de sorrir!

Piranha, pensa Emily, e em seguida o que ela jamais se permitiria dizer, nem em um bilhão de anos, a não ser no diário: *Piranha preta teimosa*.

Em diz (com gentileza):

— É Dia de Ação de Graças, Ellen. Agradeça e coma.

— Me traz uma salada — responde Ellen. — Sem molho. Isso eu como.

A audácia!, pensa Em. *Como se eu fosse uma garçonete! Como se eu fosse uma empregada!*

Ela faz uma coisa da qual vai se arrepender depois porque revela demais sobre si. Tira a garrafa do bolso do avental, leva aos lábios e bebe um gole. Em seguida, derrama o resto por cima do corrimão.

A garota não diz nada.

Um dia depois.

O professor Rodney Harris (Ciências da Vida, emérito) para na frente da cela, cogitando. Ellen Craslow olha para ele, calma. Ou é o que parece. Tem duas bolhas nos lábios dela agora, espinhas na testa, e a suave beleza da pele negra ficou acinzentada. Mas os olhos dela, de um verde surpreendente, estão brilhando nas órbitas cada vez mais fundas.

Roddy é um biólogo e nutricionista respeitado. Antes da aposentadoria ele era um professor às vezes reverenciado e mais comumente temido pelos alunos. Uma bibliografia dos seus trabalhos publicados ocuparia mais de dez páginas e ele continua mantendo uma correspondência ativa em vários periódicos com os colegas. O fato de se considerar o melhor entre esses colegas não lhe parece convencimento. Como um sábio disse uma vez, *não é arrogância se é verdade*.

Ele não está com raiva da garota como Em (ela diz que não está, mas eles estão casados há mais de cinquenta anos e ele a conhece melhor do que ela mesma), mas Ellen o deixa perplexo. Ela devia estar desorientada quando acordou, assim como os outros; eles usam uma droga poderosa para apagar as pessoas. Mas ela não parecia desorientada. Se estava de ressaca (e devia estar também), não reclamou. Não gritou pedindo ajuda, como Cary Dressler fez quase imediatamente (*deve ter feito a dor de cabeça dele piorar*, pensa Roddy) e como Jorge Castro fez depois de um tempo. E, claro, ela se recusa a comer, apesar de fazer quase três dias agora e mais de dois desde que terminou com a água que lhe foi dada.

O fígado que Em levou no dia anterior escureceu e começou a feder. Ainda está comestível, mas não ficará assim por muito tempo. Mais algumas horas e ela provavelmente o vomitaria, o que atrapalharia tudo. Enquanto isso, o tempo está passando.

— Se você não comer, minha querida, vai morrer de fome — diz ele com uma voz moderada que os alunos do passado não reconheceriam; como professor, Roddy tem a tendência de falar de forma rápida, empolgada, às vezes até estridente. Quando está falando das maravilhas do estômago (a serosa, o piloro, o duodeno), sua voz às vezes soa quase como um grito.

Ellen não diz nada.

— Seu corpo já começou a digerir a si mesmo. Está visível no seu rosto, nos seus braços, na forma como você se porta, meio curvada...

Nada. Os olhos dela nos dele. Ela não perguntou o que eles querem, o que também é intrigante e (sendo honesto) um tanto perturbador. Ela sabe quem eles são, sabe que, se a soltarem, serão presos por sequestro (só a primeira acusação de muitas), portanto eles *não podem* soltá-la, mas não houve tentativa de negociação nem súplica. Só essa greve de fome. Ela disse para Em que comeria uma salada, mas isso está fora de questão. Saladas, com ou sem molho, não são sacramento. Carne é sacramento. Fígado é sacramento.

— O que a gente vai fazer com você, querida? — Com tristeza.

Nesse ponto, ele esperaria que um prisioneiro, um prisioneiro *normal*, dissesse alguma coisa ridícula como *me solta e eu não conto pra ninguém*. Essa garota, com fome e sede ou não, sabe que não vai adiantar.

Roddy empurra o prato com o pedaço de fígado para um pouco mais perto.

— Coma isso e você vai sentir suas forças voltarem na mesma hora. A sensação vai ser extraordinária. — Ele tenta uma piadinha. — Você vai virar carnívora rapidinho.

Ainda não há resposta e ele vai na direção da escada.

Ellen diz:

— Eu sei o que é isso.

Ele se vira. Ela está apontando para a grande caixa amarela na extremidade da oficina.

— É um triturador de galhos. Vocês deixaram virado pra parede pra eu não ver o ponto de entrada, mas eu sei o que é. Meu tio trabalhou na floresta do norte a vida toda.

Na sua idade, Rodney Harris imaginaria que não tinha como ser surpreendido, mas essa jovem é cheia de surpresas. É extraordinário, quase como descobrir um cão prodígio que sabe contar.

— É como vocês vão se livrar de mim, não é? Eu vou passar pela mangueira até chegar a um saco grande e o saco vai parar no lago.

Ele olha para ela, a boca ainda aberta.

— Como você... por que você acharia isso?

— Porque é o lugar mais seguro. Tem uma série de televisão, *Dexter*, sobre um homem que mata gente e se livra dos corpos no Golfo do México. Talvez vocês tenham visto.

Eles viram, claro.

Isso é horrível. É como se ela estivesse lendo a mente dele. A mente *deles*, porque quando se trata dos prisioneiros (e do sacramento), ele e Em pensam igual.

— Vocês têm um barco. Não têm, professor Harris?

Essa garota foi um erro. Ela é competitiva, é um ponto fora da curva, eles talvez não encontrem outra como ela em cem anos.

Ele sobe sem dizer mais nada.

3

Em está no escritório. Há tantos livros nas estantes que vão do chão ao teto que mal sobra espaço para a mesa. Alguns volumes foram colocados de lado em um canto para abrir espaço para uma pasta grossa com o título AMOSTRAS DE ESCRITA na capa em letra de fôrma caprichada.

Duas fotografias em porta-retratos ladeiam o computador dela. Uma é de Roddy e Em muito jovens, ele de terno (alugado) e ela com um vestido de noiva tradicional branco (comprado pelos pais de Em). A outra mostra Roddy e Em bem mais velhos, ele com um chapéu de almirante falso e ela com um comum de marinheiro inclinado sobre os cachos feitos no salão. Eles estão na frente do recém-comprado (e um pouco usado) Mainship 34. Em tem uma garrafa de champanhe barato em uma das mãos, que logo vai usar para batizar o barco de *Marie Cather* — *Marie de Stopes, Cather de Willa*. O casamento deles sempre foi uma sociedade.

Na tela do computador, Em está observando Ellen Craslow sentada no futom na jaula, as pernas cruzadas, a cabeça apoiada nas mãos, os ombros tremendo. Roddy se curva sobre o ombro de Em para ver melhor.

— Ela ficou de pé até você ir embora e desabou — diz Em, não sem satisfação.

A garota levanta a cabeça e olha para a câmera. Apesar de ter chorado, seus olhos parecem secos. Roddy não está surpreso. É a desidratação agindo.

— Você ouviu tudo? — pergunta ele à esposa.

— Ouvi. Ela intuiu muita coisa, né?

— Não foi intuição, foi lógica. Além do mais, ela reconheceu o triturador de galhos. Nenhum dos outros reconheceu. O que vamos fazer, Emmie? Sugestões, por favor.

Ela pensa enquanto eles olham para a garota na jaula. Nenhum deles sente pena de Ellen, nem mesmo solidariedade. Ela é um problema a ser resolvido. De certa forma, Roddy acha que o problema é uma coisa boa. Eles ainda são relativamente novos naquilo. Cada problema resolvido aumenta a eficiência, como todo cientista sabe.

Finalmente, ela diz:

- Vamos ver o que vai acontecer amanhã.
- Sim. Acho que é uma boa ideia.

Ele se empertiga e mexe distraidamente na pasta grossa com amostras de escrita. A escritora residente do semestre de primavera na oficina de ficção muito respeitada (quase lendária) da Bell será uma mulher chamada Althea Gibson, autora de dois livros que tiveram boas críticas e venderam pouco. Como aconteceu com vários autores residentes anteriores, Gibson ficou perfeitamente disposta a deixar que Emily Harris fizesse a seleção inicial e, embora o pagamento seja uma miséria, Em gosta do trabalho. Foi uma proposta que Jorge Castro recusou, pois preferiu olhar ele mesmo as amostras de escrita. Achou que Emily fazer a pré-seleção estava abaixo dele. Em reparou que muitas bichas são arrogantes e acha que deve ser compensação. Pra não falar de todas aquelas... corridas solitárias.

- Alguma coisa boa aí? — pergunta Roddy Harris.
- Até agora, o lixo de sempre. — Em suspira e massageia a lombar dolorida.
- Estou começando a pensar que em vinte anos a ficção vai ser uma arte perdida.

Ele se inclina e beija seu cabelo branco.

- Aguenta firme, amor.

Quando Em desce a escada ao meio-dia do dia 24, as larvas e moscas estão no pedaço de fígado novamente. Ela as vê rastejando em um corte ótimo de carne (bom, era ótimo) com repulsa e consternação. Não é para aparecerem tão rápido. Não é para aparecerem!

Ela empurra a carne na direção da passagem com a vassoura. E apesar de Ellen parecer exausta, com as rachaduras nos lábios sangrando e a pele da cor de argila, ela bloqueia novamente o painel dobrável com o pé.

Em pega uma garrafa de água no bolso do avental e fica satisfeita com a forma como os olhos da garota se fixam nela. E quando a língua aparece em um esforço inútil de umedecer os lábios secos... também é muito prazeroso.

— Pega, Ellen. Tira os insetos e come. Aí eu te dou a água.

Por um momento, acha que a garota teimosa pretende ceder. Mas ela diz o que sempre diz:

— Eu sou vegana.

Você é uma piranha, é isso que você é. Emily quase não consegue conter as palavras. A garota é irritante e o fato de que a porcaria do ciático dela a deixou acordada metade da noite não ajuda em nada. *Uma piranha arrogante e metida!* *Uma piranha PRETA!*

Ela se apoia em um joelho, as costas eretas para doer menos, e pega o prato. Não consegue sufocar um gritinho de repulsa quando uma larva sobe no seu pulso. Ela carrega o prato para cima sem olhar para trás.

Roddy está à mesa da cozinha, lendo uma monografia e mordiscando uma mistura de frutos secos em uma tigela de vidro. Ele olha para cima, tira os óculos de leitura e massageia as laterais do nariz.

— Não?

— Não.

— Tudo bem. Quer que eu leve o último pedaço pra ela? Estou vendo como suas costas estão doendo.

— Eu estou bem. Prontinha. — Em inclina o prato. O fígado podre desliza para a pia. Faz um som úmido: *plud*. Tem outra larva no antebraço dela. Ela a empurra e usa um garfo de carne para enfiar a carne estragada no triturador de lixo, dando empurrões curtos e fortes.

— Calma — diz Roddy. — *Calma*, Em. Nós estamos preparados para isso.

— Mas, se ela não quiser comer, a gente vai ter que sair de novo atrás de um substituto! E é cedo demais!

— Nós vamos tomar muito cuidado e eu não suporto te ver tão infeliz. Além do mais, eu talvez tenha uma saída.

Em se vira para ele.

— Ela me exaspera.

Exasperação é pouco, minha querida, pensa Roddy. *Você está com raiva e eu acho que a garota sabe.* *Ela também pode saber que a sua raiva é a única vingança que pode esperar ter.* Ele não fala nada disso, só olha para ela com aqueles olhos

que ela sempre amou. Não consegue não amar, mesmo depois de tantos anos. Ele se levanta, passa um braço em volta do ombro dela e beija sua bochecha.

— Minha pobre Em. Sinto muito por você estar com dor e lamento que tenha que esperar.

Ela abre o sorriso que *ele* sempre amou, que não consegue não amar. Mesmo agora, com as linhas mais fundas em volta dos olhos e nos cantos da boca.

— Vai dar certo.

Ela liga o triturador. Faz um som faminto, não muito diferente do que o cortador no porão faz quando está ligado. Depois, pega um novo pedaço de fígado na geladeira.

— Tem certeza de que não quer que eu leve? — pergunta Roddy.

— Absoluta.

5

No porão, Em coloca o prato de fígado no chão. Deixa uma garrafa de água Dasani atrás. Ellen Craslow se levanta do futom e bloqueia a passagem com a lateral do pé antes que Em pegue a vassoura. Novamente, ela diz:

— Eu sou vegana.

— Acho que já estabelecemos isso — diz Em. — Pensa bem. É sua última chance.

Ellen olha para Em com olhos assombrados e fundos... e sorri. Os lábios se abrem e sangram. Ela fala baixinho, sem emoção:

— Não minta pra mim, mulher. Eu já estava sem chances quando acordei aqui.

6

É Roddy que desce no dia seguinte. Ele está usando o seu paletó esporte preferido, o que sempre usava em congressos e simpósios em que participaria de painéis ou entregaria trabalhos. Ele sabe pelas imagens da câmera que o fígado ainda está fora da abertura, mas o prato foi movido. Ele e Em viram a garota se deitar de lado, o ombro espremido contra as grades, e tentar alcançar a água. Ela não conseguiu, claro.

Roddy está segurando a salada requisitada. Normalmente, ele não provocaria um animal enjaulado, mas essa garota é mesmo irritante. Não é só a calma in-

balável. É a perda de tempo.

— Sem molho. Nós não íamos querer violar seus princípios alimentares.

Ele coloca o prato de salada no chão e repara na avidez evidente no rosto dela quando o olha. Ele o empurra na direção dela com a vassoura. Ele poderia deixar que ela comesse antes de acabar com o sofrimento dela. Pensou nisso e decidiu que era melhor não. Ela deixou Emily irritada.

Ele empurra o prato para a cela. Ela o pega.

— Obrig... — Ela arregala os olhos quando o vê enfiar a mão dentro do paletó.

É um .38. Não faz muito barulho e o porão tem isolamento acústico. Ele atira no peito dela uma vez. O prato cai das mãos dela e se estilhaça. Tomates-cereja rolam para todo lado. Quando ela cai, ele enfia o braço entre as grades e coloca outra bala na cabeça, só para ter certeza.

— Que desperdício — diz ele.

Sem mencionar a sujeira para limpar.

23 DE JULHO DE 2021

1

Quando Penny vai embora, Holly pega um pacote de lenços antibacterianos na gaveta de cima da mesa e limpa as partes onde a mulher apoiou as mãos unidas e os braços da cadeira onde ela se sentou. Talvez seja cautela excessiva (não dá para desinfetar tudo, seria loucura tentar), mas é melhor prevenir do que remediar. Holly só precisa pensar na mãe para saber disso.

Ela segue o corredor até o banheiro feminino e lava as mãos. Quando volta ao escritório, repassa as anotações e faz uma lista de pessoas com quem quer conversar. Em seguida, se senta com a cadeira inclinada para trás e as mãos unidas frouxamente sobre a barriga, olhando para o teto. Uma ruga vertical (o que Barbara Robinson chama de linha de pensamento da Holly) apareceu entre os olhos. A mochila desaparecida não a preocupa; como Penny disse, a filha devia estar usando. O que interessa a Holly é o capacete de bicicleta de Bonnie. E a bicicleta em si. As duas coisas são *muito* interessantes para ela, por motivos relacionados, mas um pouco diferentes.

Depois de uns cinco minutos, a linha vertical some e ela liga para Isabelle Jaynes.

— Oi, Izzy. É Holly Gibney. Espero que você não se importe de eu ligar para o seu número pessoal.

— De jeito nenhum. Sinto muito pela sua mãe, Hol.

— Como você soube? — Izzy não estava no funeral pelo Zoom, a não ser que (e isso seria a cara dela) estivesse espiando.

— Pete me contou.

— Ah, obrigada. Perdê-la foi difícil. E desnecessário.

— Não se vacinou?

— Não. — Pete também deve ter contado isso para Izzy. Holly não sabe o tipo de contato que eles mantêm, mas tem certeza de que o contato existe. A amizade do uniforme azul não desbota. Bill contou isso para ela.

— Como está Pete?

— Não está se recuperando tão rápido quanto eu gostaria.

— Lamento ouvir isso. O que posso fazer por você?

Holly conta para ela que Penelope Dahl a contratou para investigar o desaparecimento da filha. Ela não esperava que Izzy achasse que ela estava se introduzindo em uma investigação policial e sua expectativa é cumprida. Izzy fica feliz da vida e deseja sorte a Holly.

— A sra. Dahl não acredita que Bonnie tenha saído da cidade — diz Holly — e rejeita a ideia de suicídio. Com veemência. Qual é sua visão?

— Aqui entre nós? Pra não ser publicado?

— Claro que não!

— Foi uma piada, Hols. Às vezes esqueço como você pode ser literal. Eu acho que a garota decidiu por impulso partir pra regiões nunca vistas... ou que foi sequestrada. Se você colocasse uma arma na cabeça do meu gatinho, eu diria sequestro. Possivelmente seguido de estupro, assassinato e desova do corpo.

— Uii.

— Uii mesmo. Eu notifiquei as pessoas certas e informei a polícia estadual.

— “As pessoas certas” inclui o FBI?

— Eu falei com o agente especial de Cincinnati. Eles não vão investigar, têm coisas mais importantes pra fazer, mas pelo menos está na base de dados. Se alguma coisa que eles *estiverem* investigando tocar nessa Dahl, eles vão saber. Aqui na cidade, você sabe o show de horrores que é. A covid está bem ruim, mas agora nós temos aquela história do Maleek Dutton. Já acalmou um pouco, ninguém está quebrando vitrines de lojas nem tacando fogo em carros há duas semanas, mas ainda está... reverberando.

— Aquilo foi um azar. — Foi bem mais do que isso, mas Dutton é um assunto delicado e uma história antiga: homem negro, farol traseiro quebrado, ordem de parada. O policial que se aproximou mandou deixar as mãos no volante, mas Dutton pegou o celular.

— *Burrice*, isso sim. *Irracional*, isso sim. — Izzy parece estar falando por entre dentes trincados. — Você não me ouviu dizer isso.

— É claro.

— O júri inocentou o babaca que ama meter bala, e você também não me ouviu dizer isso, mas pelo menos ele está fora da polícia. E não foi o único. Só mando a covid e a confusão em Lowtown, estamos com redução de vinte e cinco por cento. Se o governador der ordem de uso de máscara e vacinação para funcionários municipais e estaduais, vai diminuir ainda mais. A linha azul fina da polícia está mais fina do que nunca.

Holly faz um som que pode indicar solidariedade. Ela está solidária, mas só até certo ponto. Foi um tiroteio ruim, um tiroteio indefensável, não importa o que o grande júri possa dizer, e ela nunca vai entender por que policiais que colocam luvas como questão de praxe antes de injetar naloxona em pessoas com overdose são contra a vacinação de covid. Nem todos recusam a vacina, claro, mas uma minoria considerável sim. De qualquer modo, ela está acostumada a esse tipo de resmungo. Izzy Jaynes é basicamente uma pessoa muito infeliz.

— Olha, Hols, eu sei que a Dahl acha que a gente deixou ela na mão. Talvez a gente tenha deixado. Provavelmente. Mas elas discutiam o tempo todo, pelo que os vizinhos dizem, e a infraestrutura desta cidade está quase debaixo d'água. Você sabia que estão esvaziando as cadeias por causa da covid? Soltando os bandidos? Às vezes, eu acho bom Bill não ter vivido pra ver.

Eu queria que tivesse, Holly pensa. *Eu queria que ele tivesse vivido pra ver qualquer coisa.* A morte da mãe é uma dor recente por cima da dor que ela ainda carrega por Bill.

Izzy suspira.

— Bom, estou feliz de você estar pegando o caso, garota. Sinto pena dela, mas a mulher é um pé a mais em um saco que já está tomado pancada. Me avisa se eu puder ajudar.

— Pode deixar.

Holly encerra a ligação e volta a olhar para o teto. Confere o celular para ver se Penny enviou as fotos da filha. Ainda não. Ela se ajoelha.

— Deus, por favor, me ajude a fazer o melhor que eu puder por Penny Dahl e pela filha dela. Se alguém tiver pegado aquela jovem, eu espero que ela ainda esteja viva e que seja sua vontade que eu a encontre. Estou tomando meu Lexapro, o que é bom. Estou fumando de novo, o que é ruim. — Ela pensa na oração de Santo Agostinho e sorri para as mãos unidas. — Me ajude a parar... mas não hoje.

Com isso resolvido, ela abre a gaveta da covid. Tem uma caixa de máscaras novas ao lado da caixa de lenços umedecidos. Ela pega uma e sai para começar a investigação sobre o desaparecimento de Bonnie Rae Dahl.

Vinte minutos depois, Holly está dirigindo devagar pela avenida Red Bank. Perto do parque Deerfield, ela passa por um Dairy Whip onde tem um grupo de adolescentes andando de skate no estacionamento quase deserto. Ela passa pelo Depósito John-Boy — Cobranças mensais e anuais. Passa por um posto Exxon abandonado que foi todo pichado. Tem um Quik-Pik lá, também abandonado, as janelas cobertas por tábuas.

Depois de um estacionamento cheio de mato, ela chega à oficina onde a bicicleta de Bonnie foi encontrada. É uma construção comprida com teto afundado e laterais de metal corrugado enferrujado. O estacionamento de cimento na frente está coberto de mato e tem até alguns girassóis atravessando a superfície rachada. Para Holly, não tem cara de ser um prédio que valha salvar, menos ainda comprar, mas Marvin Brown deve ter sido de outra opinião, porque tem uma placa de VENDA PENDENTE na frente. A placa mostra a foto de um homem de cara redonda sorrindo, identificado como George Rafferty, o seu especialista imobiliário. Holly para na frente da porta de rolar e anota o nome e o número do corretor.

Ela tem uma caixa de luvas nitrílicas no porta-luvas. Barbara Robinson lhe deu de presente de aniversário e as luvas são cobertas de vários emojis: carinhas sorrindo, carinhas de testa franzida, carinhas jogando beijo e carinhas irritadas. É divertido. Holly coloca um par, vai para a parte de trás do carro e abre o porta-malas. Tem uma capa de chuva dobrada em cima da caixa de ferramentas. Ela não vai precisar da capa, o dia está ensolarado e quente, mas quer as galochas vermelhas de borracha. Não é com covid que está preocupada ali, em um lugar aberto, mas tem arbustos dos dois lados da oficina abandonada e ela é muito suscetível a hera venenosa. Além disso, pode haver cobras. Holly odeia cobras. As escamas são ruins, os olhos pretos brilhantes são piores. *Eca.*

Ela para e reflete sobre o parque Deerfield do outro lado da rua. A maior parte é o sonho de qualquer paisagista, mas ali, onde beira a avenida Red Bank, as árvores e arbustos cresceram sem controle, com a vegetação saindo pela cerca de ferro forjado e invadindo o espaço de quem anda pela calçada. Ela vê uma

coisa interessante: uma descida, quase uma ravina, com uma pedra no alto. Mesmo do outro lado da rua, Holly consegue ver que está bem pisoteada, então as pessoas devem se reunir lá, possivelmente para fumar um baseado. Ela acha que aquela pedra deve ter uma boa vista desse lado da avenida, inclusive da oficina. Se pergunta se havia alguém lá na noite em que Bonnie deixou a bicicleta e pensa nos adolescentes que viu se divertindo no estacionamento do Dairy Whip.

Ela calça as galochas, enfia a calça dentro e vai até a frente da construção, passando por três portas de rolar de garagem e pelo escritório. Não espera encontrar nada, mas coisas mais estranhas já aconteceram. Quando chega no canto, ela se vira e volta, andando devagar, a cabeça curvada. Não tem nada.

Agora, a parte difícil, ela pensa. A parte cocozenta.

Ela vai pelo lado sul da construção, devagar, empurrando os arbustos, olhando para o chão. Há guimbas de cigarro, uma caixa vazia de Tiparillo, uma lata enferrujada de White Claw, uma meia esportiva que parece estar ali há séculos. O progresso é mais rápido nos fundos porque alguém jogou óleo no chão (que absurdo) e há menos arbustos. Ela vê uma coisa branca e vai verificar, mas é uma vela de ignição quebrada.

Holly dobra o canto mais distante e começa a andar através de mais arbustos. Alguns têm folhas avermelhadas com aparência oleosa suspeita e ela fica feliz de ter colocado luvas. Não há capacete de bicicleta. Poderia ter sido jogado por cima do alambrado atrás da loja, mas Holly acha que veria mesmo assim, porque o que tem do outro lado é outro terreno baldio.

Na esquina da frente da construção, algo cintila em uma área com aquelas folhas oleosas suspeitas. Holly as empurra para o lado, tomando o cuidado para que nenhuma toque na pele, e pega um brinco de pressão. Um triângulo dourado. Não pode ser de ouro, provavelmente só uma compra por impulso na TJ Maxx ou na Icing Fashion, mas Holly sente uma explosão quente de empolgação. Tem dias em que ela não sabe por que faz esse trabalho, mas tem dias em que sabe exatamente o porquê. Está sendo um desses em que ela sabe. Ela vai ter que tirar uma foto e enviá-la para Penny Dahl para ter certeza, mas não tem dúvida de que o brinco pertenceu a Bonnie Rae. Talvez só tenha caído, brincos de pressão caem mesmo, mas talvez tenha sido arrancado ou sacudido. Possivelmente em uma luta.

E a bicicleta, pensa Holly. Não estava nos fundos ou em uma das laterais. Estava na frente. Vou ter que confirmar isso, mas acho que Brown e o corretor não andaram pelo mato como eu fiz. Na cabeça dela, só existe um cenário que faz sentido.

Ela aperta o brinco até sentir as partes pontudas machucando a palma da mão e decide se recompensar com um cigarro. Tira as luvas nitrílicas decoradas com emojis e as larga no chão do lado do passageiro. Em seguida, se encosta no pneu da frente do mesmo lado, onde com sorte ninguém passando na avenida vaivê-la, e acende. Pensa na construção vazia enquanto fuma.

Quando termina o cigarro, ela o apaga no concreto e guarda a guimba em uma latinha de pastilhas para tosse que ela deixa na bolsa como cinzeiro portátil. Depois verifica o celular. Penny enviou as fotos da filha. São dezesseis, incluindo uma de Bonnie na bicicleta. Holly foca mais nessa, mas olha as outras. Tem uma de Bonnie e um jovem, provavelmente Tom Higgins, o ex-namorado, com as testas unidas, rindo. Eles estão de lado para a câmera. Holly usa os dedos para ampliar a foto até conseguir ver só a lateral do rosto de Bonnie.

E ali, no lóbulo da orelha, cintilando, há um triângulo dourado.

3

Holly é bem melhor em falar com estranhos — até mesmo interrogá-los — do que pensou que seria, mas a ideia de se apresentar para aqueles garotos rindo e falando besteira no Dairy Whip traz de volta lembranças ruins. Traz traumas de volta, se é para dar nome aos bois. Ela sofria provocações e deboches sem parar de garotos como aqueles no ensino médio. De garotas também, que têm um tipo próprio de crueldade venenosa, mas Mike Sturdevant era o pior. Foi Mike Sturdevant que começou a chamá-la de Taga-Taga, porque ela ficava (ele dizia) taga-taga-tagarelando. A mãe permitiu que ela trocasse de escola — *Ah, Holly, se acha melhor* —, mas, pelo resto dos anos terríveis de ensino médio, viveu aterrada com a ideia de que aquele apelido a seguiria, como se fosse um cheiro ruim: Holly Taga-Taga.

E se ela começar a taga-taga-tagarelar quando estiver falando com aqueles garotos?

Eu não faria isso, pensa ela. Aquela era outra garota.

Mas, mesmo que isso seja verdade (ela sabe que não é, não totalmente), talvez eles falassem mais abertamente com um homem jovem, não muito mais

velho do que eles mesmos. Holly tem consciência suficiente para saber que, embora possa ser verdade, isso também é uma racionalização. Ainda assim, liga para Jerome Robinson. Pelo menos ela não vai interromper o trabalho dele; ele sempre para ao meio-dia, e é quase meio-dia agora. Afinal, 10h50 não é perto do meio-dia?

— Hollyberry! — exclama ele.
— Quantas vezes já te falei pra não me chamar assim?
— Nunca mais vou chamar, juro solenemente.
— Mentira — diz ela, e sorri quando ele ri. — Você está trabalhando? Está, não está?

— Estagnado até fazer umas ligações — responde ele. — Preciso de informações. Eu posso te ajudar? Diz que sim, por favor. Barbara está digitando loucamente no quarto dela e eu estou me sentindo culpado.

— O que ela está digitando no meio do verão?
— Não sei e ela fica rabugenta quando eu pergunto. E isso está acontecendo desde o inverno. Acho que ela está tendo reuniões com alguém sobre o que quer que seja. Eu perguntei uma vez se era um cara e ela me disse pra relaxar, que era uma mulher. Idosa. O que está rolando com você?

Holly explica e pergunta a Jerome se ele poderia fazer perguntas a uns garotos andando de skate no Dairy Whip. Se eles ainda estiverem lá, claro.

— Quinze minutos — diz ele.
— Tem certeza?
— Absoluta. E, Holly... sinto muito pela sua mãe. Ela era uma peça.
— É uma forma de falar — diz Holly. Ela está sentada com a bunda em concreto quente, encostada em um pneu, galochas vermelhas idiotas na frente do corpo, os pés suando e prestes a cair no choro. *De novo*. É absurdo, de verdade.
— Sua homenagem foi ótima.
— Obrigada, Jerome. Você está mesmo...
— Você já perguntou isso e eu estou. Avenida Red Bank, em frente ao Mata-gal, com uma placa de imobiliária na frente. Chego aí em quinze minutos.

Ela guarda o celular na bolsinha e seca as lágrimas. Por que dói tanto? Por quê, se ela nem gostava da mãe e sente tanta raiva do jeito idiota como ela morreu? Foi a J. Geils Band que disse que o amor é uma droga? Como ela tem tempo (e sinal), pesquisa no celular. E decide explorar.

A entrada em arco do parque Deerfield mais perto da pedra grande é ladeada por placas que dizem: RECOLHAM AS FEZES DOS ANIMAIS e RESPEITEM SEU PARQUE! NÃO JOGUEM LIXO NO CHÃO! Holly segue lentamente pelo aclive suave e sombreado, empurrando para o lado alguns galhos e sempre olhando para a esquerda. Perto do alto, ela vê um caminho que leva à vegetação. Segue-o e acaba chegando à pedra grande. A área ao redor está cheia de guimbas de cigarro e latas de cerveja. Também há ninhos de vidro quebrado que já devem ter sido garrafas de vinho. *Ninguém liga para o “não joguem lixo no chão”, pensa Holly.*

Ela se senta na pedra quente de sol. Como esperado, ela tem uma ótima vista da avenida Red Bank: o posto de gasolina abandonado, a loja de conveniência fechada, o depósito, o Jet Mart mais para a frente e, a estrela do nosso show, a oficina agora supostamente de propriedade de Marvin Brown. Ela também vê outra coisa: o retângulo branco de uma tela de drive-in. Holly acha que qualquer um sentado ali no escuro poderia ver o filme de graça, ainda que sem som.

Ela ainda está sentada lá quando o Mustang preto usado de Jerome para ao lado do Prius dela. Ele sai e olha em volta. Holly fica em pé na pedra, fecha as mãos em concha ao lado da boca e grita:

— Jerome! Aqui em cima!

Ele a vê e acena.

— Já vou descer!

Ela desce rapidamente. Jerome está esperando em frente ao portão e lhe dá um abraço forte. Para Holly, ele está mais alto e mais bonito do que nunca.

— Você estava na Pedra do Drive-In — diz ele. — É famosa, ao menos deste lado da cidade. Quando eu estava no ensino médio, o pessoal ia pra lá nas noites de sexta e sábado pra tomar cerveja, fumar maconha e ver o que estivesse passando no Magic City.

— Pela quantidade de lixo lá em cima — diz Holly com reprovação —, ainda fazem isso. E nas noites de dia de semana? — Bonnie desapareceu em uma quinta-feira.

— Não sei se tem filme durante a semana. Você pode verificar, mas os cinemas fechados só estão funcionando aos fins de semana desde o começo da pandemia.

E tem outro problema, percebe Holly. Bonnie saiu do Jet Mart com o refrigerante às 20h07 e levaria poucos minutos para chegar à oficina onde a bicicleta foi encontrada. No dia 1º de julho só ficaria escuro o suficiente para o filme começar por volta das nove, e por que jovens se reuniriam na Pedra do Drive-In para olhar uma tela vazia?

— Você parece incomodada — diz Jerome.

— Só um pequeno obstáculo que surgiu. Vamos falar com aqueles garotos. Se eles ainda estiverem lá, claro.

5

A maioria dos skatistas foi embora, mas quatro fanáticos estão sentados em volta de uma das mesas de piquenique na extremidade do estacionamento do Dairy Whip, comendo hambúrguer com batata frita. Holly tenta ficar para trás, mas Jerome não aceita. Ele segura o cotovelo dela e a mantém ao seu lado.

— Eu queria que você assumisse a liderança!

— Fico feliz em ajudar, mas você começa. Vai ser bom pra você. Mostre sua identidade.

Os garotos (Holly acha que a idade deles fica entre doze e catorze anos) estão olhando para eles. Não exatamente com desconfiança, só os analisando. Um deles, o palhaço do grupo, está com uma batata enfiada em cada narina.

— Oi, meu nome é Holly Gibney. Eu sou detetive particular.

— Verdade ou mentira? — pergunta um deles, olhando para Jerome.

— Verdade, cara — responde Jerome.

Holly pega a carteira, quase derrubando o cinzeiro portátil no chão, e mostra a eles o documento plastificado de detetive particular. Todos se inclinam para a frente para olhar a foto horrível. O palhaço tira as batatas do nariz e, para a consternação de Holly (*eca*), come as duas.

O porta-voz do grupo é um garoto ruivo com sardas que está com o skate verde-limão apoiado ao seu lado no banco da mesa de piquenique.

— Tá, tudo bem, mas a gente não é dedo-duro.

— Quem dedura é filho da puta — diz o palhaço. Ele tem cabelo preto até os ombros que precisava ter sido lavado duas semanas antes.

— Quem dedura acaba com atadura — diz o que usa óculos e tem cabelo raspado nas laterais.

— Quem dedura leva uma surra — diz o quarto, que tem um caso explosivo de acne.

Depois de completar a volta, eles olham para ela, esperando pelo que ela vai dizer em seguida. Holly fica aliviada de ver que o medo sumiu. Eles são só garotos que acabaram de sair do fundamental II (talvez ainda estejam nele) e não são maldosos, por mais bobas que sejam as frases feitas que aprenderam nos vídeos de hip-hop.

— Skate legal — diz Jerome para o líder. — Baker? Tony Hawk?

O líder sorri.

— Eu tenho cara de quem tem grana, bacana? É só um Metroller, mas serve pra mim. — Ele volta a atenção para Holly. — Detetive tipo a Veronica Mars?

— Eu não tenho tantas aventuras quanto ela — diz Holly... embora tenha tido algumas, ah, sim. — E não quero que vocês dedurem nada. Estou procurando uma mulher desaparecida. A bicicleta dela foi encontrada a uns quatrocentos metros daqui. — Ela aponta. — Em uma construção abandonada que era uma oficina. Alguém de vocês reconhece ela ou a bicicleta?

Ela abre a foto de Bonnie na bicicleta. Os garotos passam o celular entre si.

— Acho que já vi uma ou duas vezes — diz o de cabelo comprido, e o garoto sentado ao lado dele assente. — Andando pela Red Bank de bicicleta. Mas não ultimamente.

— De capacete?

— Óbvio, né? — diz o de cabelo comprido. — É a lei. A polícia pode multar quem não usar.

— Há quanto tempo vocês a viram? — pergunta Jerome.

O de cabelo comprido e o amigo pensam. O amigo responde:

— Não este verão. Na primavera, talvez.

Jerome:

— Tem certeza?

— Absoluta — diz o de cabelo comprido. — Uma mulher bonita. A gente nota. É a lei.

Todos riem, inclusive Jerome.

— Vocês acham que ela fugiu ou que alguém pegou ela? — pergunta o líder.

— A gente não sabe — diz Holly. Seus dedos vão até a parte externa do bolso da calça e tocam na forma triangular do brinco.

— Nem vem — diz o garoto de óculos e cabelo raspado nas laterais. — Fala sério. Ela é bonita, mas não é adolescente. Se tivesse só ido embora, vocês não

estariam procurando.

— A mãe dela está muito preocupada — diz Holly
Isso eles entendem.

— Valeu — diz Jerome.

— Sim — diz Holly. — Obrigada.

Eles começam a se virar, mas o ruivo de sardas, o líder, os faz parar.

— Querem saber qual mãe está preocupada? A do Fedido. Ela é meio doida e
a polícia não faz nada porque ela é bêbada.

Holly se vira.

— Quem é Fedido?

27 DE NOVEMBRO DE 2018

Vai ser um inverno frio naquela cidade perto do lago, com muita neve, mas, nesta noite, a temperatura está em atípicos dezoito graus. Tem uma névoa subindo da superfície lisa como pele de foca da avenida Red Bank. As luzes dos postes iluminam uma cobertura densa de nuvens a menos de trinta metros de altura.

Peter “Fedido” Steinman desce com o skate Alameda pela calçada vazia às 18h45, dando um empurrão preguiçoso ocasional para que continue rolando. Ele está indo para o Dairy Whip. À sua frente há o sorvete de casquinha gigante iluminado, envolto em névoa. Ele está olhando para isso e não repara na van estacionada no posto Exxon abandonado, entre o escritório e as ilhas onde antes ficavam as bombas.

Antigamente, muito, muito tempo antes (bem, três anos, o que parece muito, muito tempo quando se tem onze anos), o jovem Steinman era conhecido entre os amigos como Pete e não Fedido. Ele era um garoto de inteligência mediana que fora abençoado com uma imaginação vívida. Naquele dia muito distante, enquanto andava na direção do colégio Neil Armstrong (onde estava matriculado no terceiro ano do fundamental na turma da professora Stark), ele fingiu ser Jackie Chan lutando com um grupo de inimigos em um armazém vazio, usando suas habilidades excelentes no kung fu. Já tinha derrubado uns doze, mas havia mais chegando. Ele estava tão absorto (“Rá!” e “Ugh!” e “Iáá!”) que não reparou em uma pilha enorme de excremento na calçada, deixada por um dogue alemão muito grande. Ele atravessou a bosta e entrou na Neil Armstrong em um estado odorífero. A prof. Stark insistiu para que ele tirasse os tênis, um manchado de merda até o logo da Converse, e que os deixasse na salinha de casacos até a hora de ir embora. A mãe o fez lavá-los com a mangueira e depois os jogou na máquina de lavar. Saíram novinhos em folha, mas já era tar-

de demais. Naquele dia e para sempre depois disso, Pete Steinman se tornou Fedido Steinman.

Nesta noite, ele espera encontrar os amigos de skate fazendo manobras no estacionamento. Dois estão lá: Richie Glenman (o garoto com o hábito de enfiar batata frita no nariz e às vezes nas orelhas) e Tommy Edison (ruivo com sardas, líder reconhecido da pequena gangue). Dois é melhor do que nenhum, mas eles estão sem dinheiro, está ficando tarde e estão se preparando para ir embora.

— Ah, fiquem mais um pouco — pede Fedido.

— Não posso — diz Richie. — Tem WWE Smackdown, cara. Não posso perder essa insanidade.

— Eu tenho dever de casa — responde Tommy com mau humor. — Resenha de livro.

Os dois garotos vão embora com os skates embaixo do braço. Fedido faz algumas manobras, tenta um *kickflip* e cai do skate (que bom que Richie e Tommy não estão ali para ver). Ele olha para o cotovelo ralado e decide ir para casa. Se sua mãe estiver no andar de cima, ele pode ver o Smackdown, deixando o volume baixo para não incomodar enquanto ela faz aquelas coisas de contabilidade. Ela trabalha muito desde que entrou na linha.

O Whip está aberto e ele faria qualquer coisa por um cheeseburger, mas só tem cinquenta centavos. Além do mais, é a Wanda Vilã que está trabalhando. Se ele pedir fiado (ou talvez um dólar e cinquenta do pote de gorjetas), ela vai rir na cara dele.

Ele volta para a avenida Red Bank e, quando sai do círculo enevoado lançado pela luz na frente do estacionamento e chega aonde Wanda Vilã não consegue maisvê-lo e rir, começa a despachar inimigos. Nesta noite, por ter chegado a uma idade mais madura, ele está se imaginando como John Wick. É mais difícil derrotar inimigos com o skate debaixo de um braço e só uma das mãos com que dar golpes, mas ele tem habilidades incríveis, habilidades sobrenaturais e...

— Meu jovem?

Ele é arrancado da fantasia e vê um velho parado fora do alcance da luz de segurança na extremidade do estacionamento (sem mencionar fora do alcance da única câmera de segurança do Dairy Whip). Ele está curvado sobre uma bengala, usando um chapéu legal de aba larga, como em um filme de espião antigo em preto e branco.

— Eu te assustei? Sinto muito, mas é que preciso de ajuda. Minha esposa usa cadeira de rodas, sabe, e a bateria morreu. Nós temos uma van pra pessoas com deficiência, mas eu não consigo empurrar a cadeira sozinho. Se você puder ajudar...

Fedido está no modo herói e fica perfeitamente disposto a ajudar. Já disseram várias vezes que não é para ele falar com estranhos, mas o coroa parece que teria dificuldade para derrubar até umas peças de dominó, imagina empurrar uma cadeira de rodas por uma rampa.

— Onde está?

O idoso aponta diagonalmente pela rua. Em meio à neblina que sobe, Fedido consegue ver a forma de uma van parada no antigo posto Exxon. E, ao lado, uma cadeira de rodas com alguém sentado.

Roddy e Emily se revezam como a pessoa presa na cadeira sem bateria e na verdade era a vez do Roddy, mas o ciático de Em está tão ruim agora (culpa da maldita garota Craslow, aquela teimosa) que *precisa mesmo* da cadeira.

— Eu te dou dez dólares pra me ajudar a empurrá-la pela rampa até a van — diz o sujeito.

Fedido pensa no cheeseburger que estava desejando. Com dez pratas ele poderia acrescentar batata e um milk-shake de chocolate e ainda sobraria dinheiro. Bastante. Mas Jackie Chan aceitaria dinheiro por fazer uma boa ação?

— Não precisa. Eu faço de graça.

— É muita gentileza.

Eles seguem rumo à noite enevoada juntos, o coroa apoiado na bengala. Os dois atravessam a avenida. Quando chegam na calçada na frente do posto, a senhora na cadeira de rodas dá um aceno fraco para Fedido. Ele retribui e se vira para o homem, que está com a mão enfiada no bolso do casaco.

— Eu estava pensando uma coisa.

— O quê?

— Será que você pode me dar três dólares por empurrar a cadeira pela rampa? Assim, eu poderia voltar no Whip e comer um Burger Royale.

— Você está com fome?

— Sempre.

O coroa sorri e dá um tapinha no ombro do Fedido.

— Eu entendo. A fome sempre precisa ser matada.

23 DE JULHO DE 2021

1

— Vocês têm certeza sobre a noite em que esse seu amigo desapareceu? — pergunta Holly. Jerome comprou milk-shakes para os garotos e eles estão sentados na grama na área de piquenique, bebendo.

— Absoluta — diz o ruivo, Tommy Edison —, porque a mãe dele ligou pra minha mãe pra saber se ele estava lá em casa e ele faltou na escola no dia seguinte.

— Não — responde Richie Glenman. Ele é o palhaço oficial com o hábito nojento de enfiar batata frita no nariz. Holly tem todos os nomes anotados. — Foi depois. Uma semana ou duas. Eu acho.

— Eu soube que ele fugiu pra morar com o tio na Flórida — conta o garoto com o cabelo raspado nas laterais. O nome dele é Andy Vickers. — A mãe dele é uma... — Ele vira uma garrafa invisível na boca e faz um som de glup-glup. — Foi presa por dirigir bêbada uma vez.

O garoto com acne balança a cabeça. O nome dele é Ronnie Swidrowski. Ele fala com seriedade.

— Ele não fugiu e não foi pra Flórida. Ele foi sequestrado. — Ele baixa a voz.
— Ouvi falar que foi o Slender Man.

Os outros caem na gargalhada. Richie Glenman dá um soco no ombro dele.

— O Slender Man não existe, otário. É uma lenda urbana, como a Bruxa do Parque.

— Ai! Você me fez derramar o milk-shake!

Para Tommy Edison, que parece ser o mais inteligente, Holly diz:

— Você acha mesmo que seu amigo Pete desapareceu na noite que você o viu pela última vez?

— Não tenho certeza, faz mais de dois anos, mas acho que sim. Como falei, ele não foi pra escola no dia seguinte.

— Matou aula — diz Ronnie Swidrowski. — O Fedido vivia fazendo isso. Porque a mãe dele é uma...

— Que nada, foi depois — insiste Richie Glenman. — Eu sei porque brinquei de cara ou coroa com ele no parque depois disso. No parquinho.

Eles ficam falando sobre isso e Swidrowski começa a dar um argumento racional e lógico sobre a existência do Slender Man, que segundo ele pegou algum professor da faculdade antigamente, mas Holly já ouviu o bastante. O desaparecimento de Peter “Fedido” Steinman (se é que ele de fato desapareceu) provavelmente não tem nada a ver com o desaparecimento de Bonnie Dahl, mas ela pretende descobrir um pouco mais, no mínimo porque o Dairy Whip e a oficina ficam a oitocentos metros de distância um do outro. O Jet Mart, onde Bonnie foi vista pela última vez, também fica bem perto.

Jerome olha para Holly e ela assente. Hora de ir.

— Tenham um bom dia, garotos — diz ele.

— Vocês também — responde Tommy Edison.

O palhaço aponta para eles com dedos sujos de ketchup e diz:

— Veronica Mars e John Shaft!

Todos caem na gargalhada.

Na metade do estacionamento, Holly para e volta.

— Tommy, na noite em que você e Richie viram Pete aqui, ele estava com o skate, né?

— Sempre — diz Tommy.

— E ainda estava com ele uma semana depois, quando jogamos cara e coroa no parque. Aquele Alameda horrível com a roda torta — diz Richie.

— Por quê? — pergunta Tommy.

— Curiosidade — responde Holly.

É verdade. Ela tem curiosidade por tudo. É assim que ela funciona.

Quando eles sobem a colina até os carros, Holly tira o brinco do bolso e mostra para Jerome.

— Opa! É dela?

— Quase certeza.

— Como que a polícia não encontrou?
— Acho que não olharam — diz Holly.
— Bom, você vai ganhar o prêmio Sherlock Holmes por investigação superior.

— Obrigada, Jerome.
— Em qual você acreditou sobre o Fedido Steinman? — pergunta ele. — No ruivo ou no bobão?

Holly olha para ele com reprovação.

— Por que a gente não chama ele de Peter? Fedido é um apelido desagradável.

Jerome não conhece toda a história de Holly (Barbara, a irmã dele, sabe mais), mas sabe que apertou um calo sem querer.

— Peter. Entendi, entendi. Pete agora, Pete pra sempre. Então a noite em que eles o viram no Dairy Whip foi a última vez que o viram ou ele brincou no parque com o sr. Batata no Nariz uma semana depois?

— Se eu tivesse que opinar, diria que Tommy está certo e Richie confundiu as datas. Afinal, foi há dois anos e meio. É muito tempo quando se tem aquela idade.

Eles chegaram à oficina.

— Me deixa trabalhar um pouco nisso. Posso? — diz Jerome.
— E o seu livro?
— Já falei, estou esperando informações. Meu editor insiste. Estamos falando de Chicago noventa anos atrás, mais ou menos, e isso significa muita pesquisa.

— Tem certeza de que não está só procrastinando?

Jerome tem um sorriso maravilhoso, muito encantador, e abre um agora.

— Pode haver um pouco disso, acho, mas procurar garotos perdidos é mais interessante do que procurar cachorros perdidos. — Esse costuma ser o trabalho de meio período de Jerome na Achados e Perdidos. — Você não acha que Dahl e Steinman têm relação, né?

— Idades diferentes e sexos diferentes, mais de dois anos de intervalo, então provavelmente não. Mas o que eu sempre digo sobre o provavelmente, Jerome?

— É uma palavra preguiçosa.

— Sim. É... — Ela ofega e coloca a mão no peito.

— O que foi?

— A gente não colocou a máscara! Nem pensei! E eles também não estavam usando!

— Mas você tomou vacina, né? Duas doses. Eu também.

— Você acha que *eles* tomaram?

— Provavelmente não — diz Jerome. Ele percebe o que disse e ri. — Desculpa. Velhos hábitos custam a morrer.

Holly sorri. Velhos hábitos custam mesmo a morrer, e é exatamente por isso que ela quer um cigarro.

3

Jerome diz que vai falar com os pais do garoto. Ele pode ao menos identificar se Steinman desapareceu ou se foi morar com o tio. Se a mãe de Steinman era mesmo alcoólatra, como Andy Vickers sugeriu, o garoto talvez tenha até sido levado para um lar de acolhimento. O trabalho, aos olhos de Jerome, é só de confirmar que Steinman não tem nada a ver com Dahl.

Holly promete cem dólares por dia, com um mínimo de dois dias, mais os gastos. Ela tem quase certeza de que ele vai mandar Barbara fazer a pesquisa on-line, mas ele vai dividir com ela meio a meio, então tudo bem.

— O que você vai fazer? — pergunta Jerome.

— Acho que vou dar uma caminhada no parque — diz ela. — Pra pensar.

— Faz isso mesmo. É uma habilidade.

4

Holly encontra o caminho que vai para a esquerda e o segue até a pedra com vista para a avenida Red Bank. Senta-se e acende um cigarro.

Ela fica voltando para o capacete de bicicleta de Bonnie Dahl. O brinco pode ter caído e se perdido, mas o elmo não teria simplesmente caído. Se Bonnie decidiu de repente que estava cansada de discutir com a mãe e saiu da cidade, por que deixar a bicicleta e levar o capacete? Na verdade, por que deixar uma bicicleta de dez marchas bem cara onde ela estava quase implorando para ser roubada? Foi sorte não ter sido... supondo que Marvin Brown tenha dito a verdade, claro, e Holly acha que consegue resolver essa questão de forma satisfatória com uma certeza razoável.

O capacete desaparecido é o maior motivo que ela tem para acreditar que Dahl foi sequestrada. Holly imagina um cenário em que Bonnie tentou fugir do potencial sequestrador e só conseguiu chegar ao lado de trás da oficina. Ela luta. O brinco cai. Ela é colocada no veículo do sequestrador (na imaginação, Holly vê um furgão pequeno fechado e sem janelas) ainda de capacete. Talvez o homem a apague, talvez a amarre, talvez até a mate ali mesmo, de propósito ou sem querer. Ele deixa um bilhete grudado no selim da bicicleta: *Pra mim, chega.* Se roubarem a bicicleta, ótimo. Se ninguém roubar, a suposição vai ser de que ela decidiu ir embora da cidade, o que também é bom.

Holly duvida que tenha acontecido exatamente assim (se é que aconteceu), mas pode ter sido; quase escuro, sem muito trânsito na avenida Red Bank, uma luta breve que poderia parecer uma conversa ou um abraço de namorados para alguém passando... claro, é possível.

Quanto à outra possibilidade, sair da cidade por impulso, qual é a probabilidade real disso? Uma adolescente poderia decidir de repente que já tinha passado do limite e sumir, Holly mesma teve essas fantasias no ensino médio, mas uma mulher de vinte e quatro anos com um emprego do qual parecia gostar? E o último pagamento? Está na sala do chefe? E sem mala, só o que tinha na mochila? Holly não acredita nisso e tem certeza de que Isabelle Jaynes também não acredita. Mas, se alguém puder dar uma ideia do estado mental dela, vai ser a amiga e colega de trabalho de Bonnie, Lakeisha Stone.

Holly termina o cigarro, apaga e o guarda na latinha com os outros soldados caídos. Há guimbas para todos os lados em volta da pedra, mas isso não quer dizer que ela precisa acrescentar a sua sujeira ao lixo em geral.

Ela tira o celular da bolsa. Estava no modo Não Perturbe desde que ela saiu do escritório e ela perdeu duas ligações, ambas de uma pessoa chamada David Emerson. O nome parece familiar, algo relacionado à sua mãe. Ele deixou uma mensagem de voz, mas ela a ignora no momento e liga para Jerome. Não quer distraí-lo com ele dirigindo e a conversa é curta.

— Se você falar com a mãe de Peter Steinman e se o garoto tiver mesmo sumido, pergunta se ela está com o skate dele.

— Pode deixar. Mais alguma coisa?

— Sim. Olha para a rua.

Ela encerra a ligação e escuta a mensagem de voz.

— Oi, sra. Gibney, aqui é David Emerson. Me ligue assim que for conveniente, por favor. Tem relação com os bens da sua mãe. — Depois de uma pausa, ele acrescenta: — Sinto muito pela sua perda e obrigado por seus comentários depois da reunião final dela.

Agora, Holly sabe por que o nome era familiar; sua mãe mencionou Emerson em uma das ligações por FaceTime depois que Charlotte foi internada no Mercy Hospital. Isso foi antes de ela ser colocada na ventilação, quando ainda conseguia falar. Holly acha que só um advogado encontraria uma forma rebuscada de falar *funeral*. Quanto aos bens de Charlotte... Holly nem tinha pensado nisso.

Ela não quer falar com Emerson, gostaria de ter um dia em que não precise pensar em nada além de investigar o caso, então responde à ligação imediatamente, fazendo uma pausa só para acender outro cigarro. Há uma frase rigorosa da mãe, martelada na cabeça de Holly desde que ela era pequeninha: *O que você não quer fazer é o que precisa ser feito primeiro. Assim, você se livra logo disso.* As palavras ficaram com Holly, como é comum acontecer com lições da infância... para o bem ou para o mal.

É o próprio Emerson que atende, e Holly acha que ele é um de muitos agora trabalhando de casa, sem as camadas de ajuda que os profissionais tomavam como natural antes da pandemia.

— Oi, sr. Emerson. Aqui é Holly Gibney, respondendo à sua ligação. — Abaixo dela estão oitocentos metros da avenida Red Bank, que a interessa bem mais do que o advogado.

— Obrigado por ligar e, novamente, sinto muito pela sua perda.

Tudo ali está abandonado, menos o depósito, pensa ela, e eles não parecem estar tendo muito trabalho. Neste lado da rua fica a parte menos usada do parque, onde cidadãos honestos têm medo de andar exceto em plena luz do dia. Se o plano fosse sequestrar alguém, que lugar poderia ser melhor?

— Sra. Gibney? A ligação caiu?

— Não, estou aqui. O que posso fazer por você, sr. Emerson? Algo sobre os bens da minha mãe, não é? Não pode haver muito a se discutir sobre isso. — *Não depois de Daniel Hailey*, ela pensa.

— Eu trabalhei como advogado para o seu tio Henry antes de ele se aposentar e Charlotte me contratou para fazer o testamento dela e me fez seu executor. Isso foi depois que ela começou a se sentir indisposta e um exame compro-

vou que tinha o vírus. Não há necessidade de leitura em uma reunião de família...

Que família?, pensa Holly. *Com a prima Janey morta e o tio Henry vegetando em Rolling Hills Cuidados para Idosos, eu sou o peão que sobrou.*

— ... deixou pra você.

— Perdão — diz Holly. — A ligação falhou por um segundo.

— Desculpe. Eu falei que, com exceção de algumas pequenas doações, sua mãe deixou tudo pra você.

— Você quer dizer a casa.

Ela não fica feliz com a ideia; fica consternada. As lembranças que tem daquela casa (e da anterior, em Cincinnati) são sombrias e tristes em sua maioria e levam àquele último jantar de Natal em que Charlotte insistiu para que a filha usasse o gorro de Papai Noel que Holly usava quando criança. É tradição!, sua mãe exclamara enquanto cortava um peru mais seco do que o Saara. Portanto: Holly Gibney, de cinquenta e cinco anos, com um gorro de Papai Noel.

— Sim, a casa e toda a mobília dentro. Suponho que você vai querer vender.

Claro que vai e Holly diz isso para ele. Sua empresa fica na cidade. Mesmo que não fosse, morar na casa da mãe em Meadowbrook Estates seria como morar na Residência Hill. Enquanto isso, o advogado Emerson continuou falando (algo sobre chaves) e ela precisa pedir de novo que ele repita.

— Eu falei que estou com as chaves e acho que deveríamos combinar um horário em que você possa vir inspecionar a propriedade. Pra ver com o que você quer ficar e o que quer vender.

A consternação de Holly aumenta.

— Eu não quero ficar com nada!

Emerson ri.

— Essa não é uma primeira reação incomum logo depois da morte de um ente querido, mas você precisa mesmo dar uma olhada. Como executor da sra. Gibney, vou ter que insistir nisso, infelizmente. Pra começar, precisa ver que consertos precisam ser feitos antes da venda e, com base em anos de experiência, eu acho que você vai encontrar coisas que quer guardar. Poderia ir amanhã? Sei que está bem em cima e que é sábado, mas nessas situações quanto antes costuma ser melhor.

Holly quer objetar, dizer que tem um caso, mas a voz da mãe invade a cabeça dela de novo: *Isso é um motivo, Holly, ou só uma desculpa?*

Para responder a isso ela precisa se perguntar se o desaparecimento de Bonnie Dahl é um *caso urgente*, um caso de *corrida contra o tempo*, como quando Brady Hartsfield estava planejando explodir o auditório Mingo durante um show de rock. Ela não acha que seja. Bonnie sumiu três semanas atrás. Às vezes, pessoas desaparecidas que foram sequestradas são encontradas e salvas. Na maioria das vezes, não. Holly jamais diria isso para Penny, mas o que quer que tenha acontecido com Bonnie Rae quase certamente já aconteceu.

— Acho que consigo — diz ela, e dá uma tragada final enorme no cigarro. — Você pode mandar alguém lá hoje pra desinfetar a casa? Acho que deve parecer excesso de cautela, talvez até paranoia, mas...

— De jeito nenhum, de jeito nenhum. Nós ainda não entendemos esse vírus, não é? Uma coisa terrível, terrível mesmo. Vou ligar pra uma empresa com a qual já trabalhei. Coisas de seguro, sabe. Acho que consigo mandar eles às nove. Vamos marcar às onze?

Holly suspira e apaga o cigarro.

— Parece um bom horário. Imagino que a desinfecção seja cara. Principalmente em um fim de semana.

Emerson ri de novo. É uma risada agradável, boa de ouvir, e Holly imagina que ele a use com frequência.

— Acho que você vai poder pagar. Sua mãe estava em uma boa situação, como você deve saber.

Holly não chega a ficar muda de choque, mas fica surpresa. O choque virá depois.

— Holly? Sra. Gibney? A ligação caiu?

— Na verdade, eu não sei de nada disso — responde Holly — Ela estava em uma boa situação. Meu tio Henry também. Mas isso foi antes de Daniel Hailey.

— Perdão, não reconheço esse nome.

— Ela não mencionou Hailey? O conselheiro de investimentos Mago de Wall Street que levou tudo que minha mãe e meu tio tinham e fugiu pra uma daquelas ilhas que são paraíso fiscal? Junto com o dinheiro de só Deus sabe mais quantas pessoas, inclusive a maioria do meu?

— Desculpe, sra. Gibney, mas não estou acompanhando.

— Sério? — Holly percebe que a perplexidade do advogado faz certo sentido. Quando se tratava de verdades desagradáveis, Charlotte Gibney era uma mestre das omissões. — Ela tinha dinheiro, mas não tem mais.

Silêncio. E:

— Vamos voltar um pouco. Sua prima Olivia Trelawney morreu...

— Sim. — Cometeu suicídio, na verdade. Holly tinha dirigido o Mercedes da prima bem mais velha por um tempo, o míssil automotivo guiado que Brady Hartsfield usou para matar oito pessoas no City Center e ferir dezenas mais. Para Holly, consertar o carro, mudar a cor dele e dirigi-lo foi um ato de cura. E, ela acha, de desafio. — Ela deixou uma quantidade considerável de dinheiro para a irmã dela, Janey Janelle.

— Sim. E quando Janelle morreu tão subitamente...

É uma forma de dizer, pensa Holly. Brady Hartsfield explodiu Janey querendo pegar Bill Hodges.

— Os bens dela foram para o seu tio Henry e para a sua mãe, com um fundo separado pra você. É a parte do Henry que está pagando a atual, hã, residência dele e vai continuar pagando pelo tempo que ele viver.

Algo está começando a se acender dentro de Holly. Só que essa metáfora está errada. Algo está começando a escurecer nela.

— Os bens do Henry também vão passar para você com o falecimento dele.

— Minha mãe morreu rica. É isso que você está dizendo?

— Bem rica mesmo. Você não sabia?

— Não. Eu sabia que ela *tinha sido* rica no passado.

Holly pensa em dominós caindo em uma linha reta. O marido de Olivia Trelawney ganhou dinheiro. Olivia herdou tudo. Olivia cometeu suicídio. Janey herdou tudo. Janey foi explodida por Brady Hartsfield. Charlotte e Henry herdaram tudo, ou quase. O dinheiro foi sugado sem parar por impostos e pagamentos a advogados, mas ainda sobrou uma soma bem alta. A mãe de Holly tinha investido o dinheiro dela e de Henry com Daniel Hailey da Burdick, Hailey e Warren. Mais tarde, ela também investiu a maior parte dos fundos de Holly com a concordância da filha. E Hailey roubou tudo.

Foi o que Charlotte contou para a filha, e a filha não teve motivo para não acreditar.

Holly acende outro cigarro. Quantos foram hoje? Nove? Não, onze. E ainda é hora do almoço. Ela está pensando em uma coisa no testamento de Janey que a fez chorar. *Estou deixando quinhentos mil dólares em fundos para a minha prima Holly Gibney, para que ela possa seguir os sonhos dela.*

— Sra. Gibney? Holly? Ainda está aí?

— Sim. Me dê um momento. — Mas ela precisa de mais de um momento. — Eu ligo de novo daqui a pouco — diz ela, e encerra a ligação sem esperar resposta.

Será que sua prima Janey sabia que, quando Holly era uma garotinha assustada e solitária, ela tinha ambições poéticas? Ela não teria ouvido de Holly, mas e de Charlotte? De Henry? E que importância isso tem? Holly não era boa poeta, por mais que quisesse desesperadamente ser. Ela tinha encontrado uma coisa em que *era* boa. Graças a Bill Hodges, tinha outro sonho para seguir. Um melhor. Veio tarde, mas antes tarde do que nunca.

Um dos ditos favoritos da mãe ressoa na cabeça dela: *Você acha que eu sou feita de dinheiro?* De acordo com Emerson, Charlotte era. Não no começo, mas depois, depois que Janey morreu, sim. E a história de perder o dinheiro, o do Henry e a maior parte do fundo de Holly para o cretino do Daniel Hailey? Holly pesquisa Daniel Hailey no Google, acrescentando Burdick e Warren, os outros dois sócios. Não encontra nada.

Como Charlotte conseguiu fazer isso? Foi porque Holly estava em um luto tão profundo pela morte de Bill Hodges e ao mesmo tempo tão enfeitiçada pelo trabalho de investigação, de *perseguir o caso*? Era porque confiava na mãe? Sim para as três coisas, mas mesmo assim...

— Eu vi papéis de carta — sussurra ela. — Algumas vezes, vi até balanços. Henry a ajudou a me enganar. Deve ter ajudado.

Se bem que Henry, agora mergulhado na demência, jamais poderia contar a verdade, nem o porquê.

Ela liga de volta para Emerson.

— De quanto estamos falando, sr. Emerson? — Essa é uma pergunta que ele tem que responder porque o que Charlotte tinha agora é dela.

— Somando a conta bancária e o valor atual do portfólio de ações dela — diz David Emerson —, eu colocaria sua herança em um pouco mais de seis milhões de dólares. Supondo que você viva mais do que Henry Sirois, vai haver mais três milhões.

— E o dinheiro não se perdeu? Não foi roubado por um especialista em investimentos que tinha procuração da minha mãe e do meu tio?

— Não. Não sei de onde você tirou essa ideia, mas...

Em um rosnado totalmente atípico do seu tom de voz suave, Holly diz:

— *Porque ela me falou.*

2-14 DE DEZEMBRO DE 2018

1

Chegou a época de Natal e, ao longo da Ridge Road, os residentes estão marcando essa temporada com decorações adequadamente discretas e de bom gosto. Não tem nenhum Papai Noel luminoso, nenhuma rena em telhado nem presépios de gramado com os Reis Magos observando o Menino Jesus. Não tem nenhuma casa tão coberta de luz que fica parecendo um cassino. Esse tipo de extravagância pode funcionar em outros bairros da cidade, mas não nas casas chiques em estilo vitoriano entre a faculdade e o parque Deerfield. Ali, há velas elétricas nas janelas, molduras de porta enfeitadas com espirais de abeto e azevinho e alguns gramados com árvores de Natal pequenas cheias de lâmpadas brancas. Essas ficam ligadas em dispositivos que as apagam às nove da noite, como orientado pela Associação do Bairro.

Não tem nenhuma decoração no gramado nem na frente da casa vitoriana marrom e branca no número 93 da Ridge Road; este ano, nem Roddy nem Em Harris se sentiram dispostos a colocar nada, nem mesmo a guirlanda na porta e o laço vermelho grande que costuma ficar em cima da caixa de correspondência. Roddy está em melhores condições do que Em, mas a artrite dele sempre piora quando o frio chega e, agora que a temperatura desce abaixo do congelandente na maioria das tardes, ele morre de medo de escorregar no gelo. Ossos velhos são frágeis.

Emily Harris não está nada bem. Agora realmente precisa da cadeira de rodas que costuma ser parte da estratégia de captura deles. O ciático não a deixa em paz. Mas há luz no fim do túnel. O alívio está próximo.

A casa deles tem uma sala de jantar (todas as vitorianas na Ridge Road têm sala de jantar), mas eles só a usam nas ocasiões em que recebem convidados e, conforme vão entrando ainda mais na casa dos oitenta anos, essas ocasiões são

raras. Quando são só os dois, fazem as refeições na cozinha. Ela acha que a sala de jantar vai ser útil se eles fizerem a reunião de Natal tradicional para os alunos de Roddy e o pessoal da oficina de escrita, mas isso só vai acontecer se eles se sentirem melhor.

Nós vamos, pensa ela. Com certeza na semana que vem, mas talvez até já amanhã.

Ela não tem tido apetite, a dor constante o tirou, mas o aroma vindo do forno provoca uma pequena pontada de fome no seu estômago. É maravilhoso senti-la. A fome é um sinal de saúde. Uma pena que a garota Craslow tenha sido burra demais para saber disso. O garoto Steinman não teve esse problema. Quando passou o nojo inicial, ele comeu como... bom, como o garoto em idade de crescimento que ele era.

A cozinha é humilde, mas Roddy cobriu a mesa redonda com vista para o quintal com a toalha boa e colocou dois lugares com a louça Wedgewood, as taças de vinho Luxion e os talheres de qualidade. Tudo está brilhando. Em só queria estar se sentindo bem o suficiente para apreciar.

Ela está com o seu melhor vestido. Foi uma dificuldade colocá-lo, mas ela conseguiu. Quando Roddy entra com a jarra, ele está usando o melhor terno que tem. Ela repara com certa tristeza que está bem frouxo. Os dois perderam peso. Mas ela lembra a si mesma que perder peso é melhor do que ganhar. Não é preciso ser médico para saber que pessoas gordas raramente ficam velhas; era só olhar para os poucos colegas da mesma idade que eles ainda têm. Alguns vão estar na festa de Natal deles no dia 23, supondo que os dois estejam bem para organizá-la.

Roddy se curva e dá um beijo na têmpora dela.

— Como você está, meu amor?

— Bem — diz ela, e aperta a mão dele... mas de leve, por causa da artrite.

— O jantar já vai sair — diz ele. — Enquanto isso, vamos beber um pouco.

Ele serve vinho da jarra nas taças, tomando cuidado para não derramar. Metade de uma taça para ele; metade de uma taça para ela. Eles as erguem com mãos retorcidas que eram jovens e ágeis quando Richard Nixon era presidente. Tocam as bordas e produzem um toque baixo e encantador.

— À saúde — diz ele.

— À saúde — concorda ela.

Seus olhares se encontram sobre as taças, os olhos azuis dele, os mais azuis ainda dela, e eles bebem. O primeiro gole a faz estremecer, como sempre. É o gosto salgado por baixo da limpidez do Mondavi 2012. Ela bebe o resto de uma vez, recebendo com prazer o calor nas bochechas e dedos. Até nos dos pés! A onda de vitalidade — suave, como a sensação de fome, mas inegável — é recebida com mais prazer ainda.

- Mais um golinho?
- Tem suficiente?
- Mais do que suficiente.
- Então, quero. Só um pouco.

Ele serve mais um pouco. Eles bebem. Dessa vez, Em mal repara no toque salgado ao fundo.

- Está com fome, querida?
- Até que estou — diz ela. — Só um pouquinho.
- O chef Rodney vai terminar e servir. Guarde lugar para a sobremesa. — Ele pisca e ela não pode deixar de rir. O danadinho!

A mistura de brócolis e cenoura está fumegante. As batatas (purê, mais fácil para dentes velhos) estão no forno. Roddy derrete manteiga em uma frigideira (ele sempre usa muito, mas nenhum dos dois vai morrer jovem) e vira o prato de cebola picada para refogar. O cheiro é divino e dessa vez a pontada de fome é mais forte. Enquanto mexe a cebola, que fica primeiro transparente e depois um pouco amarronzada, ele canta “Pretty Little Angel Eyes”, uma música de antigo.

Ela se lembra dos bailes quando estava no ensino médio, os garotos de paletó esporte e as garotas de vestido. Ela se lembra de dançar o Shake ao som de Dee-Dee Sharp, o Bristol Stomp ao som de The Dovells, o Watusi ao som de Cannibal & the Headhunters. Um nome que seria considerado *muito* politicamente incorreto hoje em dia, ela pensa.

Roddy leva os pratos até a bancada e serve a comida: legumes, batatas e, do forno, a *pièce de résistance*: um assado de um quilo e meio no ponto perfeito. Ele o mostra para ela, fervendo no caldo (e algumas ervas especiais de Roddy), e ela aplaude.

Ele corta o fígado em fatias, decora com cebola frita e leva os pratos à mesa. Agora, Em percebe que não está só com fome, mas faminta. Eles comem primeiro sem conversar muito, mas, conforme as barrigas vão ficando cheias e

elas reduzem o ritmo, começam a falar (como fazem com frequência) sobre o passado e as pessoas que morreram ou se mudaram. A lista fica mais longa a cada ano.

— Mais? — pergunta ele. Eles comeram uma boa porção do assado, mas ainda tem bastante.

— Não consigo — diz ela. — Minha nossa, Roddy, você se superou desta vez.

— Tome um pouco mais de vinho — diz ele e serve. — Vamos deixar a sobre-mesa pra mais tarde. O programa que você gosta começa às nove.

— *Haunted Case Files* — diz ela.

— Esse mesmo. Seu ciático está muito ruim, querida?

— Acho que um pouco melhor, mas vou deixar você arrumar tudo e lavar a louça, se não se importar. Eu gostaria de olhar o resto daquelas amostras de escrita.

— Eu não me importo nadinha. Quem cozinha deve limpar, como minha avó dizia. Já encontrou algo que valha a pena?

Em torce o nariz.

— Dois ou três escritores de prosa que não são terríveis, mas isso é um elogio bem fraco, você não acha?

Roddy ri.

— Muito fraco.

Ela joga um beijo para ele e vai embora na cadeira de rodas.

Mais tarde, quando os timers da Ridge Road desligaram toda a iluminação de Natal, Em está absorta em *Haunted Case Files*. Os investigadores psíquicos do dia estão mapeando pontos gelados em uma mansão da Nova Inglaterra que parece uma versão decrépita da casa deles. Ela está se sentindo um pouco melhor. É cedo demais para sentir alívio real por causa do fígado e do vinho... ou não? O relaxamento nas costas é real e as dores que descem pela perna esquerda não parecem tão ruins.

O liquidificador estava ligado na cozinha, mas agora para. Roddy entra um minuto depois, carregando duas taças de sorbet em uma bandeja. Ele trocou de roupa e colocou o pijama, os chinelos e o roupão azul de veludo que ela deu para ele de Natal no ano passado.

— Prontinho — diz ele, entregando para ela uma das taças e uma colher comprida. — Sobremesa, como prometido.

Ele se senta ao lado dela na poltrona, completando a imagem de um casal que foi muitas vezes apontado no campus com um bom (que nada, perfeito) exemplo da capacidade do amor romântico de resistir.

Ela ergue a taça.

— Obrigada, meu amor.

— De nada. O que está acontecendo?

— Pontos frios.

— Pontos com *corrente de ar*.

Ela olha para ele.

— Uma vez cientista, sempre cientista.

— Verdade.

Eles veem televisão e comem a sobremesa de colherada, uma mistura de sorbet de framboesa com o cérebro de Peter Steinman.

3

Onze dias antes do Natal, Emily Harris volta devagar mas com firmeza da caixa de correspondência do número 93 da Ridge Road. Sobe os degraus da varanda com um punho apoiado no lado direito da lombar, mas isso é mais por hábito do que por necessidade. A dor no ciático vai voltar, ela sabe disso por uma triste experiência, mas agora praticamente sumiu. Ela se vira e olha com aprovação para o laço vermelho na caixa.

— Vou pendurar a guirlanda mais tarde — diz Roddy.

Ela se sobressalta e olha para trás.

— Que susto você sabe dar em uma garota, hein!

Ele sorri e aponta para baixo. Está só de meia.

— Silencioso e mortal, esse sou eu. Como estão suas costas, querida?

— Até que estão boas. Boas mesmo. E a sua artrite?

Ele estica as mãos e flexiona os dedos.

— Que bom pra você, camarada — diz ela com um sotaque australiano passável. Eles fizeram uma viagem para o país logo depois de se aposentar, alugaram um trailer e viajaram por todo o continente, de Sydney a Perth. *Aquilo sim* foi uma viagem memorável.

— Ele era dos bons — diz Roddy — Não era?

Ela não precisa perguntar de quem ele está falando.

— Era.

Mas por quanto tempo os efeitos vão durar, nenhum dos dois sabe. Ele é o mais novo que eles já pegaram, mal tinha entrado na puberdade. Tem muita coisa que eles não sabem sobre o que fazem, mas Roddy diz que aprende um pouco mais a cada vez. Além do mais (e correndo o risco de falar o óbvio), a sobrevivência é a diretiva principal.

Em concorda. Não vai haver mais viagens para a Austrália, provavelmente nem para Nova York, para a maratona de Broadway bienal deles, mas a vida ainda vale a pena, principalmente quando cada passo não é um exercício de sofrimento.

— Alguma coisa no jornal, querido?

Ele passa um braço pelos ombros magros dela.

— Nada desde a primeira notícia, que foi só uma notinha. Só mais um garoto que fugiu ou um estranho que encontrou um alvo oportuno. O que acha da festa de Natal, querida? Vamos manter ou cancelar?

Ela fica na ponta dos pés para beijá-lo. Sem dor.

— Manter — diz ela.

23 DE JULHO DE 2021

1

Holly atravessa a avenida Red Bank até a oficina defunta, senta-se no banco do motorista do Prius e bate a porta. O carro ficou no sol e está mais quente do que uma sauna, mas, apesar de sua testa e nuca começarem a suar quase imediatamente, ela não dá partida para fazer o ar-condicionado funcionar. Só olha pelo para-brisa, tentando entender o que acabou de descobrir. *Eu colocaria sua herança em um pouco mais de seis milhões de dólares*, disse Emerson. Mais três quando o tio Henry morrer.

Ela tenta pensar em si mesma como milionária, mas não funciona. Não chega nem perto de funcionar. Ela só consegue ver Uncle Pennybags, o avatar de bigode e cartola do jogo Monopoly. Tenta pensar no que poderia fazer com a fortuna recém-descoberta. Comprar roupas? Ela tem suficiente. Comprar um carro novo? O Prius é um bom carro e ainda está na garantia. Não há necessidade de ajudar com os estudos de Jerome, está tudo resolvido aí, mas ela acha que talvez ajude com os de Barbara. Viajar? Algumas vezes ela fantasiou em fazer um cruzeiro, mas com a covid desenfreada...

— Aff — murmura ela. — Não.

A ideia de um apartamento novo surge na sua cabeça, mas ela adora o lugar onde mora agora. Assim como a cadeira do Bebê Urso e a cama do Bebê Urso, é perfeito. Pôr mais dinheiro no negócio? Por quê? No ano passado, ela recebeu uma proposta de duzentos e cinquenta mil dólares da Midwest Serviços Investigativos para ser afiliada. Com a anuência de Pete, ela recusou. A ideia de sair do Frederick Building, com o elevador grande e o zelador preguiçoso, tem certo apelo, mas a localização no centro é boa e o aluguel é justo.

Não que eu precise me preocupar com isso agora, pensa ela e dá uma risadinha nervosa.

Holly percebe que está fritando e liga o motor. Abre as janelas até o ar-condicionado esfriar um pouco o carro e examina a lista de pessoas que quer entrevistar. Isso a ajuda a se focar um pouco, porque o importante é o caso. O dinheiro é só um bônus, e sobre a implicação mais perturbadora da revelação bombástica de David Emerson (ela se lembra da mãe ligando às lágrimas depois que Daniel Hailey supostamente roubou os três e fugiu para Santa Cruz ou São Tomás ou algum outro lugar), ela não vai pensar nisso agora. Mais tarde, não vai poder evitar, mas no momento há uma mulher desaparecida para ser encontrada.

Parte dela insiste que Holly está se escondendo de uma verdade feia. O resto dela recusa essa ideia. Ela não está se escondendo, ela está *descobrindo*. Pelo menos tentando.

— *Cherchez la femme* — diz Holly e pega o celular. Ela pensa em ligar para Marvin Brown, que levou a bicicleta de Bonnie para a Biblioteca Reynolds, mas tem uma ideia melhor. Em vez de Brown, ela fala com George Rafferty, o corretor de imóveis. Holly explica que a mãe de Bonnie Dahl a contratou para tentar encontrar sua filha e pergunta sobre o dia em que ele e o sr. Brown encontraram a bicicleta de Bonnie.

— Ah, meu Deus, espero que ela esteja bem — diz Rafferty. — Ela não fez contato com a mãe e com o pai?

— Eu também espero que esteja — diz Holly, desviando da pergunta. — Quem viu a bicicleta primeiro, o senhor ou o sr. Brown?

— Eu. Sempre chego cedo às minhas propriedades pra poder dar uma olhada. Aquela loja, que já foi a Consertos Automotivos e Pequenos Reparos de Motor do Bill, parece caso de demolição pra mim, mas as plataformas elevatórias ainda funcionam e a localização...

— Sim, senhor. Tenho certeza de que a localização é ótima. — Holly não acha nada disso; desde que a extensão da via expressa foi aberta em 2010, o trânsito na avenida Red Bank diminuiu consideravelmente. — O senhor leu o bilhete grudado no selim?

— Com certeza. “Pra mim, chega.” Se eu fosse os pais da garota, uma coisa assim ia me deixar morrendo de medo. Poderia significar que ela estava indo embora ou, sabe, algo pior. O sr. Brown e eu debatemos sobre o que fazer com a bicicleta e, depois que olhamos a loja, ele a colocou na picape e levou para a biblioteca.

— Por causa do adesivo no bagageiro.

— Isso. Era uma boa bicicleta. Não consigo lembrar a marca, mas era boa. Cheia de marchas e tal. É impressionante que ninguém tenha roubado. Tem uma garotada que anda por aquela parte do parque, sabe. A parte que chamam de Matagal.

— Sim, senhor, estou sabendo.

— E aquela sorveteria no caminho, sabe? Fica uma molecada lá também. O tempo todo. Eles jogam os video games lá dentro e andam de skate do lado de fora. Você é detetive particular há muito tempo?

Holly sempre tem vontade de trincar os dentes por causa desse termo. Ela é bem mais do que uma *detetive*.

— Alguns anos, sim. Só para confirmar, o senhor viu a bicicleta primeiro.

— Isso mesmo.

— E quanto tempo antes do sr. Brown chegar foi isso?

— Uns quinze minutos, talvez um pouco mais. Eu faço questão de chegar cedo nas minhas propriedades pra poder verificar se houve vandalismo ou algum dano que não estava na descrição da venda. Já falei isso?

— Sim, senhor, falou.

— Você acha que vai encontrá-la? Tem alguma pista? Está perto de resolver o caso?

Holly diz que é muito cedo para ter certeza de qualquer coisa. Rafferty começa a falar que, se ela tiver alguma necessidade de um imóvel, o momento está propício para a compra e ele tem uma seleção bem variada, tanto comercial quanto residencial. Antes que ele possa ir muito longe, ela diz que tem outra ligação e precisa atendê-la. Na verdade, ela precisa fazer uma, para a biblioteca da Faculdade Bell.

Minha mãe mentiu. O tio Henry também.

Ela afasta esse pensamento e faz a ligação.

— Biblioteca Reynolds, Edith Brookings falando.

— Oi. Meu nome é Holly Gibney. Eu gostaria de falar com Lakeisha Stone, por favor.

— Sinto muito, mas Lakeisha foi passar o fim de semana com amigos no norte. Foi nadar e acampar em Upsala Village. Quem me dera ir também. — Edith

Brookings ri. — Será que *eu* posso ajudar? Ou anotar um recado?

Holly por acaso conhece Upsala Village, uma comunidade rural onde moram muitos amish. Fica a pouco mais de trinta quilômetros ao norte da casa da mãe, onde ela vai estar no dia seguinte. Talvez consiga falar com Lakeisha lá. Amanhã à tarde, se fazer o inventário da casa não demorar demais, ou domingo se demorar. Enquanto isso, talvez essa Brookings possa ajudar.

— Eu sou investigadora particular, sra. Brookings. Penelope Dahl, Penny, me contratou para procurar a filha.

— Ah, caramba! — Ela não fala de modo tão profissional agora e parece até mais jovem. — Espero que você a encontre. Estamos preocupadíssimas com a Bon!

— Eu poderia ir até a biblioteca conversar com você? Não vai demorar. Talvez, se tiver uma pausa de tarde...

— Ah, pode vir a qualquer hora. Venha agora, se quiser. Não tem muito movimento. As aulas de verão foram quase todas canceladas por causa do corona, sabe.

— Está ótimo — diz Holly. — Obrigada.

Quando sai para a avenida Red Bank, ela dá outra olhada naquela pedra grande com vista para a rua e a tela do drive-in a uns dois ou três quilômetros de distância. Pergunta-se se Pete Steinman, também conhecido como Fedido Steinman, a visitava. Não a surpreenderia.

Na Biblioteca Reynolds, Holly encontra Edith Brookings (“Pode me chamar de Edie”) e Margaret Brenner, outra das assistentes que Penny mencionou. Edie está cuidando da recepção, mas diz que elas podem ir para a sala de leitura, de onde ela consegue ver qualquer pessoa que tenha uma pergunta ou queira retirar um livro.

— Eu não ousaria se Matt Conroy estivesse aqui — diz Edie —, mas ele está de férias.

— Matt Maluco — diz Margaret. Ela faz uma careta e as duas riem atrás das máscaras.

— Ele não é maluco de verdade nem nada — diz Edie —, mas é meio mala. Se você conversar com ele quando ele voltar, por favor, não diz que eu falei isso.

— Por favooooor — implora Margaret, e elas soltam aquelas risadinhas de novo. *Quando o gato sai, os ratos fazem a festa*, pensa Holly. Mas não há maldade nesses ratos; elas são só duas jovens simpáticas e apareceu algo mais interessante que um dia modorrento de trabalho. Infelizmente, elas sabem muito pouco sobre Bonnie Rae, só que ela terminou com o namorado, que se chama Tom Higgins.

— Mais do que isso você teria que perguntar a Keisha — diz Margaret. — Elas eram *grudadas*.

Holly planeja fazer exatamente isso. Ela pede o número do celular de Lakeisha e Edie lhe dá.

— Bonnie falou alguma coisa sobre ir embora da cidade? — pergunta Holly.

— Talvez só de passagem, tipo quem diz “não seria ótimo?”.

As duas mulheres se olham. Margaret dá de ombros e balança a cabeça.

— Não pra mim — diz Edie. — Mas você precisa entender que Bonnie é reservada. Ela é legal, mas não é do tipo de pessoa que fala de coisas pessoais.

— Só com a Keisha — diz Margaret.

— Sim, só com ela.

— Quero mostrar uma coisa. — Holly tira o brinco do bolso e mostra a elas na palma da mão. A forma como os olhos se arregalam diz tudo que ela precisa saber.

— É da Bonnie! — diz Edie, e toca nele com a ponta do dedo. Holly não a impede; soube assim que o viu que o brinco não era grande o suficiente para encontrar uma digital, inclusive de Bonnie Rae. — Onde estava?

— Em uns arbustos perto de onde a bicicleta foi encontrada. Sozinho não significa nada. É de pressão e pode só ter caído.

— Você deveria falar mesmo com Lakeisha — diz Margaret. — Ela volta na segunda.

— Vou sim — diz Holly, mas não acha que vai ter que esperar até segunda.

O estacionamento da biblioteca está quase vazio e Holly não teve dificuldade em conseguir uma sombra, mas o interior do carro está bem quente mesmo assim. Ela põe o ar no máximo e liga para a mãe de Bonnie. Penny nem diz oi, só pergunta se Holly descobriu alguma coisa. Ela parece ao mesmo tempo ansiosa

e com medo. Holly pensa naquele Volvo coberto de fotos de Bonnie Rae sorrindo e deseja ter notícias melhores.

— Vou te mandar uma foto de um brinco que encontrei perto de onde a bicicleta da sua filha foi encontrada. Foi identificado como sendo da Bonnie por duas mulheres que trabalham com ela na Reynolds, mas eu quero ter certeza.

— Me manda a foto! Por favor!

— Vou mandar agorinha mesmo. Aproveitando que estamos aqui, por acaso tem as informações do cartão de crédito da Bonnie?

— Sim. Mais ou menos uma semana depois que ela desapareceu, eu fui ao apartamento dela e olhei as duas últimas faturas do Visa. Foi sugestão daquela detetive da polícia. O Visa é o único cartão que ela tem. Eu achava que as contas poderiam me revelar alguma coisa. Não sei o quê, mas nada lá se destacou. Um par de sapatos, duas calças jeans na Amazon, compras de mercado, umas comidas que ela pediu no DoorDash, pizza do Domino's... esse tipo de coisa.

— E o celular? Ela paga com o Visa?

— Sim. A operadora é a Verizon, como a minha.

Para Holly, é o cartão de crédito que mais importa.

— Me manda o número do cartão, por favor. Incluindo a data de validade. E o número do celular dela.

Penny diz que vai fazer isso. Holly tira uma foto do brinco e a envia. Quando Penny liga de volta dois minutos depois, está chorando. Holly a acalma da melhor forma que consegue. Penny acaba se controlando, mas Holly sabe que a mulher está começando a seguir por uma estrada sombria. Uma que a própria Holly já percorreu até um pouco mais longe. Bonnie Rae pode ainda estar viva, mas as chances de não estar só aumentam.

Holly se senta com as mãos no colo e o ar fresco do lado da motorista agita sua franja. Ela precisa pensar, mas a primeira coisa que lhe ocorre é a abertura de uma piada: *Uma nova milionária entra em um bar e...*

E o quê? É uma piada sem final. E isso até que é adequado. Ela afasta o pensamento e foca no caso. Por que Bonnie deixaria a bicicleta no que deve ser o trecho mais deserto da avenida Red Bank? Resposta: ela não deixaria. Por que ela deixaria o bilhete e levaria o capacete da bicicleta? Resposta: ela não levaria.

— Deixe a arma, pegue os cannoli — murmura ela. Uma frase do seu filme de gângster favorito.

Alguém a pegou? Pulou sobre ela e a pegou? Se sim, então...

Ela liga para Marvin Brown, se apresenta, diz quem é e o que está fazendo e pergunta sobre a bicicleta: parecia danificada? Brown diz que estava ótima, sem um arranhão sequer. Ela agradece, encerra a ligação e volta a refletir.

Ninguém pulou em cima da Bonnie e a derrubou da bicicleta. O concreto na frente da Consertos Automotivos e Pequenos Reparos de Motor do Bill é tão cheio de rachaduras e ondulações causadas por congelamento que não deve dar nem para consertar. Marvin Brown vai ter que fazer um trabalho de repavimentação se realmente pretende abrir alguma coisa lá. Se a bicicleta tivesse caído naquela superfície, é quase certo que teria ficado amassada. Ela teria que verificar para ter certeza, mas por enquanto vai acreditar no que Brown disse. Ele trabalha com veículos, afinal, e uma bicicleta não é isso, pensando bem?

A filha de uma mentirosa entra em um bar. Olha isso, a filha de uma mentirosa e uma ladra entram em um bar. Ela deixa a arma, mas pega os cannoli.

— Para — murmura Holly. — A bicicleta estava ótima, foca nisso. Por que a bicicleta está ótima?

A resposta parece tão clara quanto os olhos azuis que ela vê no retrovisor. Porque Bonnie parou lá. Parou e desceu da bicicleta. Por que parar se ela não pretendia ir para o centro em uma daquelas linhas noturnas que aceitam pagamento em dinheiro? Porque viu alguém que conhecia? Porque alguém precisava de ajuda? Ou estava fingindo precisar de ajuda?

Bill Hodges às vezes ainda fala com ela, e é o que faz agora. *Se você for mais longe por esse caminho, Holly, arrisca se perder.*

A voz dele está certa e ela recua... mas não completamente. As condições perfeitas da bicicleta sugerem que Bonnie Rae parou por vontade própria. Se foi porque pretendia deixá-la ali ou por algum motivo, a pergunta continua sem resposta.

Mas novamente: por que deixar a bicicleta e levar o capacete?

O celular dela apita com uma mensagem de texto. São as informações sobre o Visa de Bonnie junto com a conta de telefone. Holly não consegue mais ficar parada. Ela sai do carro, liga para Pete Huntley e começa a andar pelo estacionamento da biblioteca, ficando o máximo possível na sombra. O sol ainda parece um martelo, aff.

A primeira coisa que Pete diz é:

— Você pegou o caso, no fim das contas. Meu Deus, Hols, depois que a sua mãe... — Ele começa a tossir.

— Pete, você está bem?

Ele controla o acesso de tosse.

— Estou. Bom, não bem, mas não estou pior do que estava quando acordei de manhã. Holly, sua mãe acabou de morrer!

Sim, e me deixou uma fortuna, pensa Holly. Uma nova milionária entra em um bar e... alguma coisa engraçada acontece.

— Trabalhar é bom pra mim. E eu vou até Meadowbrook Estates amanhã. Parece que herdei uma casa que eu não quero.

— A da sua mãe, né? Mas que bom. O mercado está bom pra quem vende. Supondo que você queira se livrar dela.

— Eu quero. Você está querendo comprar?

— Vai sonhando, Gibney.

— Como você soube que eu peguei o caso?

— O altão bonitão já me ligou. — Pete está falando de Jerome. — Ele queria que eu achasse um endereço que ele teve preguiça de pesquisar.

Holly acha isso meio irritante.

— Nós temos um app de busca de endereços e, já que pagamos por ele, devíamos usar de vez em quando. Além do mais, você precisa fazer alguma coisa também, Pete. Fora tossir e ficar com o peito chiando. — A última volta de Holly no estacionamento a levou de volta até o Prius. Ela pensa nos cigarros no painel central, pensa em tossir e em peitos chiando e continua andando. — Que endereço ele queria?

— De uma tal de Vera Steinman. Ela mora em uma daquelas casas de conjunto habitacional perto do Cemitério Cedar Rest. O que você quer?

— Estou com os dados do Visa e da Verizon de Bonnie Dahl. Preciso saber se houve atividade em alguma das duas contas.

— Até consigo ver, tenho uma fonte, mas não é estritamente legal. Na verdade — há um ruído quando Pete assoa o nariz —, é totalmente ilegal. O que significa que vai ser caro, e colocar na conta da Dahl seria arriscado.

— Acho que você não vai precisar usar sua fonte — diz Holly. — Aposto que Izzy faz isso pra você.

Há uma pausa, exceto pelo ruído da respiração de Pete. Para Holly, o som não parece bom.

— Sério?

— Ela praticamente me deu o caso e eu não fiquei nada surpresa. Sabe como estão as coisas na DP agora?

— Cagadas. Quer dizer...

— Eu sei o que quer dizer.

— Vou te contar uma coisa, Gibney, quando vejo o que está acontecendo na polícia agora, fico tão feliz que pulei fora.

— Diz pra Izzy que, se a gente encontrar algo substancial, passa pra ela.

— Ah, é? A gente passa?

— Eu ainda não decidi — diz Holly com afetação.

— O que essa Vera Steinman tem a ver com a garota Dahl?

— Provavelmente nada. — Holly poderia dizer para Pete que, aos vinte e quatro anos, Bonnie Rae não é mais garota, mas não adiantaria nada. Pete é velho. Ela o ouviu uma vez reclamando com Jerome porque o concurso de Miss América abandonou a competição de maiô e a palavra que prefere para seios é *tetas* ou *busto*. — Pete, eu tenho que desligar.

— Se você pegar corona andando por aí, Holly, nós vamos ficar fechados bem mais tempo.

— Estou ciente. Você liga pra Izzy?

— Ligo. Boa sorte, Hols. Sinto muito mesmo sobre a sua mãe.

Ela anda lentamente até o Prius, pensando. E se alguém que conhecesse a rotina de Bonnie a estivesse esperando? O antigo namorado conhecido? Talvez. Provavelmente. E a bicicleta. Ela fica voltando à bicicleta, à vista, pedindo para ser roubada. Se tivesse sido roubada, o capacete desaparecido a incomodaria tanto?

— Não — diz ela. — Não incomodaria.

Ela entra no carro, liga o motor e sorri. Pensou em um final para a piada.

4-19 DE DEZEMBRO DE 2020

1

No dia 4 de dezembro, o presidente da Faculdade Bell, Hubert Crumley, anuncia que vai mandar todos os alunos para casa cedo por causa da infecção desenfreada de covid no campus. No dia 7, dia de Pearl Harbor, ele decreta que o semestre de primavera só vai ter aulas remotas.

Roddy Harris fica horrorizado.

— Pra vocês da literatura, tudo bem — diz ele para Emily. — A maior parte do trabalho de escrita é feita em lockdown desde sempre, mas nós não temos que seguir a ciência, de acordo com o grande dr. Fauci? E o tempo no laboratório, caramba? De biologia? De química e física? E isso? Laboratórios são ciências!

— Isso também vai passar, meu querido — diz Em.

— Sim, mas quando? E no meio-tempo fazemos o quê? Eu preciso conversar com Hamish sobre isso.

Hamish Anders é o chefe do Departamento de Ciências da Vida e Em duvida que os protestos de Roddy — pois é isso que são — o comovam. Ela e Roddy ainda têm papéis ativos em suas respectivas faculdades, mas o status deles é basicamente honorário. Ela entende isso e está feliz com seu trabalhinho de ler candidaturas para a Oficina de Escritores, principalmente sem Jorge Castro para atrapalhar. Isso a mantém ocupada, a mantém afiada e há uma pedra preciosa ocasional naquele monte de lama. Mas tem outra coisa a incomodando.

— Não vai ter festa de Natal este ano — diz ela. — Nós não perdemos uma desde 1992, quase trinta anos! É uma pena.

Roddy nem tinha pensado nisso.

— Bem... não é um lockdown oficial, querida. Talvez as pessoas venham...

— Ele a vê revirar os olhos. — Ao menos algumas?

— Acho que não. Mesmo que viessem, como comeriam canapés e beberiam champanhe em um lugar fechado de máscara? — Uma outra coisa passa pela cabeça dela nessa hora. — E o *BellRinger*! Aqueles palhaços antissistema que se acham repórteres adorariam isso!

O *BellRinger* é o jornal do campus.

Em faz a moldura de uma manchete com as mãos.

— Professores velhos festejam enquanto os Estados Unidos ardem em febre! Que tal isso?

Ele tem que rir, e Emily ri junto. O inverno é difícil para juntas e ossos velhos, e eles estão tendo as dores de sempre, mas de um modo geral estão bem. A dor de verdade vai voltar, eles sabem por experiência, mas, enquanto isso, Peter Steinman tem sido bom para eles.

Claro que planejamento é importante, e eles começaram a fazer uma lista de possibilidades. Roddy gosta de dizer que Deus não teria nos dado cérebro se não quisesse que o usássemos. Não que eles acreditem em Deus ou na vida após a morte com um felizes para sempre, o que é um excelente motivo para prolongar esta o máximo possível.

— Sem festa de Natal além de todo o resto! — exclama Roddy. — Maldita peste!

Ela dá um abraço nele.

Uma semana depois, Emily vai até a garagem, onde Roddy está afixando os adesivos de identificação estadual de 2021 nas placas do Subaru. Ao lado está a van com placa azul e branca do estado vizinho. Roddy a liga de vez em quando para pôr a bateria para trabalhar, mas a van só é usada em ocasiões especiais. As placas de pessoa com deficiência de Wisconsin não foram roubadas, porque placas roubadas costumam ser denunciadas. Ele as criou na oficina do porão e desafia-ria qualquer pessoa a achar uma diferença entre elas e as de verdade.

— O que você está fazendo aqui fora sem casaco? — pergunta Roddy.

— Eu tive uma ideia — diz ela — e não podia esperar pra te contar. Acho que é boa, mas você que vai decidir.

Ele escuta e declara que não é só uma ideia boa, é excelente. Genial, na verdade. Ele dá um abraço nela que talvez seja forte demais.

— Calma, grandão — diz Em. — O ciático está dormindo. Não o acorde.

A festa de Natal anual dos Harris acontece, no fim das contas. É no sábado anterior ao Natal. A frequência é a melhor em anos e ninguém precisa usar máscara. Alguns convidados chegam de outros estados (um até de Bangladesh), mas a maioria vem de perto. O presidente Crumley comparece, assim como o escritor residente do ano, Henry Stratton (Emily jamais diria, mas é bom ter um homem branco hétero na posição de novo).

É uma festa pelo Zoom, claro, mas com um toque especial que fez Roddy aumentar sua estimativa da ideia de Em de excelente a genial. Eles não podem servir comida e bebida para os convidados no Maine e no Colorado e em Bangladesh, mas ali na cidade é possível, principalmente para os que moram na rua de casas vitorianas entre a escola e o parque.

Eles usam os sites dos departamentos de Inglês e Ciências da Vida para anunciar um trabalho de uma noite e explicam o que a função envolveria. O valor oferecido é baixo (os Harris têm uma vida financeira confortável, mas não são ricos), mas há uma grande procura mesmo assim. É a novidade, diz Emily. Muitos funcionários do campus — até alguns professores! — se inscrevem para trabalhar como elfos do Papai Noel. Eles saem na noite da festa usando gorros e barbas de Papai Noel. Alguns até colocam botas pretas e óculos de Papai Noel na ponta do nariz. Os elfos do Papai Noel são o contrário das crianças no Halloween, cada um levando uma pequena bandeja de canapés para os convidados da região. E caixas com seis cervejas Iron City no lugar de champa-
nhe.

A festa é um sucesso estrondoso.

Um elfo do Papai Noel também vai para o número 93 da Ridge Road, lar dos Harris. Emily insistiu. Roddy a deixa entrar. É uma elfa bem bonita com uma farta cabeleira loura e olhos castanhos cheios de vida acima da barba branca. A calça vermelha de Papai Noel acentua as pernas compridas, que Roddy admira discretamente (mas não discretamente o suficiente para Em). Emily leva a elfa para a sala, onde os dois Harris colocaram os laptops; fica melhor para ver o Zoom, minha querida. Em pega o prato de canapés. Roddy pega a caixa de cerveja.

Nos laptops, Henry Stratton e a namorada estão cantando “Santa Claus Is Coming to Town” já meio bêbados na casa vitoriana onde moram (antes residência de Jorge Castro e o “amigo” dele).

— Você não é a elfa mais linda do mundo? — diz Roddy.

— Cuidado com ele, é um bajulador — diz Emily. A elfa ri e diz que vai tomar cuidado. Emily a acompanha até a porta. — Você tem muitas outras para das a fazer?

— Algumas — diz a elfa, e aponta para a bicicleta no fim do caminho. Um cooler, supostamente com mais dois pratos de canapés enrolados em celofane e mais duas caixas de cerveja, está preso com elástico no bagageiro. — Ainda bem que está quente o bastante pra ir de bicicleta. Professora, essa ideia foi fantástica!

— Obrigada, querida. É muita gentileza sua.

A elfa olha de lado com timidez para Emily.

— Eu fiz sua matéria de Primeiros Escritores Americanos no ano anterior à sua aposentadoria. Foi uma aula incrível.

— Que bom que gostou.

— E este ano finalmente decidi me candidatar à oficina. Sabe, a Oficina de Escrita? A senhora deve ver minha submissão se estiver lendo para o sr. Stratton...

— Estou, mas se você se recandidatar para o semestre de outono do ano que vem, acho que vamos ter alguém novo. — Ela baixa a voz. — Nós convidamos Jim Shepard, mas duvido que ele aceite vir.

— Isso seria incrível, mas provavelmente não vou passar mesmo. Eu não sou muito boa.

Em finge cobrir os ouvidos.

— Eu não presto atenção ao que os escritores dizem sobre o próprio trabalho. É o que o trabalho diz sobre os escritores que importa.

— Ah. Acho que isso é verdade. Bem, eu tenho que ir. Divirta-se na sua festa!

— Pode deixar — diz Em. — Qual é seu nome, querida?

— Bonnie — diz a elfa. — Bonnie Dahl.

— Você vai de bicicleta pra todo lado?

— Menos quando o tempo está ruim. Eu tenho carro, mas amo a minha bicicleta.

— Muito aeróbico. Você mora por aqui?

— Num apartamento em um condomínio perto do lago. Eu trabalho na Reynolds e faço outros trabalhos, uns bicos, quando posso.

— Se estiver procurando outro trabalho no futuro próximo, eu talvez tenha algo com que você possa me ajudar. — Ela se pergunta se a resposta de Bonnie vai ser *incrível* ou *sensacional*.

— É mesmo? Seria incrível!

— Você tem facilidade com computadores? Como trabalha na biblioteca, deve ter. Eu nem consigo ligar o meu direito sem Roddy pra me ajudar. — Emily diz a mentira com um sorriso desarmante.

— Eu não sei consertar, mas trabalhar com eles, claro!

— Pode me dar seu número, só por garantia? Mas sem promessas.

Bonnie concorda com alegria. Em poderia colocá-lo nos contatos do iPhone num piscar de olhos, mas, no perfil atual de desajeitada com computadores, ela o escreve em um guardanapo com um Papai Noel obviamente inebriado dançando e as palavras *BOAS FESTAS!*

— Feliz Natal, Bonnie. Talvez a gente volte a se ver.

— Legal! Feliz Natal!

Ela desce pelo caminho. Emily fecha a porta e olha para Roddy.

— Belas pernas — diz ele.

— Vai sonhando, dom-juan — responde ela, e os dois riem.

— Não só uma elfa, mas aspirante a escritora — diz Roddy.

Em ri com deboche.

— Incrível. Legal. Sensacional. Duvido que ela fosse capaz de escrever uma frase original se alguém apontasse uma arma contra a sua cabeça. Mas não seria no cérebro dela que estaríamos interessados. Seria?

— Ah, não diga isso — diz Roddy, e os dois riem mais.

Eles têm uma listinha de possibilidades para o outono, e aquela elfa do Papai Noel seria um belo acréscimo.

— Desde que ela não seja vegana — diz Roddy. — Nós não precisamos de mais uma assim.

Emily beija a bochecha dele. Ela ama o senso de humor seco de Roddy.

23 DE JULHO DE 2021

Vera Steinman mora na rua Sycamore, que não tem sicômoro nenhum. Não tem árvore nenhuma, na verdade. Há muitas nos hectares bem cuidados e bem molhados depois do beco sem saída da rua Sycamore, mas ficam escondidas atrás dos portões e dos muros sinuosos de pedra do Cemitério Cedar Rest. Nesse bairro de ruas sem árvores com nomes de árvores, só há casas de conjunto residencial quase lado a lado e fervendo no sol do fim da tarde.

Jerome estaciona junto ao meio-fio. Um Chevrolet ocupa a entrada de carros cheia de rachaduras. Tem pelo menos dez anos, talvez quinze. Os painéis embalho das portas estão enferrujados e os pneus estão carecas. Um adesivo de para-lama desbotado diz o QUE SCOOBY DOO FARIA? Jerome ligou e começou a explicar que encontrou o nome de Peter Steinman quando estava investigando outro caso, mas ela o fez parar.

— Se quiser conversar sobre Peter, pode passar aqui. — A voz dela era agradável, quase musical. O tipo de voz, Jerome pensou, que se esperaria de uma recepcionista bem paga em uma firma chique de advocacia ou investimentos no centro. O que ele pensa agora é que aquela casinha com um gramado seco não é nada chique.

Ele coloca a máscara e toca a campainha. Passos se aproximam. A porta se abre. A mulher que aparece combina perfeitamente com a voz chique: uma blusa verde-clara, uma saia verde-escura, uma meia-calça apesar do calor, o cabelo castanho-avermelhado penteado para trás. A única coisa que não combina é o bafo de gim. Mais do que um bafo, pois tem um copo pela metade na sua mão.

— Você é o sr. Robinson — diz ela, como se ele talvez não tivesse certeza. Na luz direta do sol, ele vê que a boa aparência de meia-idade pode se dever em

boa parte à magia da maquiagem. — Entre. E pode tirar a máscara. Desde que tenha se vacinado, claro. Eu já tive e me recuperei. Estou cheia de anticorpos.

— Obrigado. — Jerome entra, tira a máscara e a enfia no bolso de trás. Ele odeia aquela merda. Eles estão em uma sala arrumada, mas escura e com poucos móveis. Todos parecem úteis. O único quadro na parede é uma cena enfadonha de jardim. Em algum lugar, o ar-condicionado está fazendo barulho.

— Eu deixo as persianas fechadas porque o ar-condicionado está mal das pernas e não tenho dinheiro pra um novo — diz ela. — Quer uma bebida, sr. Robinson? Estou tomando gim-tônica.

— Talvez só a tônica. Ou um copo de água.

Ela vai até a cozinha. Jerome se senta em uma cadeira dobrável com cuidado, torcendo para ela não ceder debaixo dos cem quilos dele. A cadeira gêmea, mas aguenta. Ele ouve um ruído de cubos de gelo. Vera Steinman volta com um copo de tônica e o copo dela, que foi renovado. Ele vai contar para Holly quando ligar para ela de noite que, apesar do que os skatistas do Dairy Whip disseram, ele só soube que estava lidando com uma bêbada diurna quando a conversa acabou. O que aconteceu subitamente.

Ela se senta na outra cadeira da sala, põe a bebida na mesa de centro, onde há porta-copos e várias revistas, e ajeita a saia por cima dos joelhos.

— Como eu posso te ajudar, sr. Robinson? Você parece muito jovem pra estar atrás de crianças desaparecidas.

— Na verdade, é uma mulher desaparecida — diz ele, e faz um resumo sobre Bonnie Dahl: onde a bicicleta foi encontrada, como ele e Holly (“minha chefe”) foram ao Dairy Whip falar com os garotos que estavam andando de skate lá e como o nome de Peter foi mencionado.

— Acho que o desaparecimento do Peter não tem nada a ver com o de Bonnie Dahl, mas eu gostaria de ter certeza. E estou curioso. — Ele repensa essa palavra. — Preocupado. Teve notícias do seu filho, sra. Steinman?

— Nem uma palavra — diz ela, e toma um longo gole da bebida. — Talvez eu devesse comprar um tabuleiro Ouija.

— Então a senhora acha que ele está... — Jerome percebe que não consegue terminar.

— Morto? Sim, é o que eu acho. Durante o dia ainda tenho esperança, mas de noite, quando não consigo dormir... — Ela ergue o copo e dá um gole grande. — Quando nem a barriga cheia disso me deixa dormir... eu sei.

Uma única lágrima desce pela sua bochecha, cortando a maquiagem e mostando a pele mais pálida embaixo. Ela a seca com as costas da mão e toma outro gole.

— Com licença.

Ela vai até a cozinha, ainda andando perfeitamente reto. Jerome ouve o tilintar de um gargalo de garrafa. Ela volta e se senta, tomando o cuidado de alisar a parte de trás da saia para não amassar. Jerome pensa: *Ela se vestiu para mim. Tirou o pijama e o roupão e se vestiu para mim.* Ele não tem como saber disso, mas sabe.

Vera Steinman fala por mais uns vinte minutos, tomando goles de bebida e fazendo uma segunda pausa para encher o copo. Ela não fala arrastado. Não foge do assunto. Não cambaleia nem anda torto ao ir e voltar da cozinha.

Como Peter desapareceu antes da covid e do caos atual no departamento de polícia da cidade, o caso dele foi profundamente investigado. Mas a conclusão foi a mesma. O detetive encarregado, David Porter, acreditou (ou disse que acreditava) que Peter tinha fugido.

Parte da argumentação do detetive Porter era baseada na entrevista dele com Katya Graves, uma das duas orientadoras educacionais e de saúde no colégio Breck. Um ano antes do desaparecimento, as notas de Peter tinham caído, ele começou a se atrasar muito e a faltar às vezes, e houve vários incidentes de mau comportamento, um resultando em suspensão.

Na reunião de Graves com o menino depois da suspensão de dois dias, a orientadora insistiu, apesar dos resmungos e da falta de contato visual de sempre, e finalmente a represa estourou. A mãe estava bebendo demais. Ele não se importava que os amigos o chamassem de Fedido, mas odiava quando debochavam da mãe. O marido a largou quando Peter tinha sete anos. Ela perdeu o emprego quando ele tinha dez. Ele odiava as piadas e às vezes a odiava. Ele contou para a sra. Graves que pensava muito em pedir carona até a Flórida para morar com o tio, que tinha uma casa em Orlando, perto da Disney World.

Vera diz:

— Ele nunca apareceu lá, mas o detetive Porter ainda achou que ele tinha fugido. Aposto que você sabe o porquê.

Claro que Jerome sabe.

— Não encontraram o corpo.

— Não — concorda ela. — Até hoje, e não há tortura mais horrível do que a esperança. Com licença.

Ela vai para a cozinha. A garrafa tilinta. Ela volta, andando reta, a saia balançando, a meia-calça sussurrando. Ela se senta. Boa postura. Fala clara. Ela conta para Jerome que a foto de Peter está junto de milhares de outras no site do Centro de Crianças Desaparecidas e Exploradas. Ele pode ser encontrado no site de pessoas sequestradas e desaparecidas do FBI. Na Rede Global de Pessoas Desaparecidas. Na MissingKids.org. No site da Polly Klass Foundation — Polly Klass sendo uma menina de doze anos sequestrada em uma festa do pijama e assassinada. E por meses depois que Vera registrou Peter como desaparecido, a foto dele aparecia na tela da sala de reuniões da DP a cada reunião.

— Claro que eu também fui interrogada — diz Vera. O cheiro de gim agora está bem forte. Jerome pensa que não vem só da boca, mas sai pelos poros. — Pais matam filhos o tempo todo, não é? Em geral são padrastos ou pais biológicos, mas às vezes as mães também entram na dança. Diane Downs, por exemplo. Já viu o filme sobre ela? É com a Farrah Fawcett. Me puseram no detector de mentiras e acho que passei. — Ela dá de ombros. — Eu só podia contar a verdade. Não o matei, ele só saiu uma noite de skate e não voltou.

Ela conta a Jerome sobre a reunião que teve com Katya Graves depois da conversa de Graves com Peter.

— Ela disse para eu ir em qualquer momento que fosse conveniente pra mim, o que foi engraçado porque qualquer hora era conveniente, por eu estar entre empregos. Eu tinha perdido o último por ter dirigido embriagada. Enquanto estava sem emprego, Peter e eu vivíamos de economias e dos cheques mensais que recebo do meu ex-marido, da pensão. Sam não me suporta, mas era muito bom com esses pagamentos. Ainda é. Ele sabe que Peter está desaparecido, mas continua mandando os cheques. Eu acho que é superstição. Ele ama Peter. Era a mim que não suportava. Ele me perguntou uma vez por que eu bebia tanto, se era ele. Eu falei para ele não se achar. Não era ele, não era trauma de infância, não era nada, na verdade. Foi uma pergunta idiota. Eu bebo, logo existo. Com licença.

Quando volta, perfeitamente ereta, ajeitando a parte de trás da saia antes de se sentar, os joelhos unidos, ela conta a Jerome que soube pela sra. Graves que os amigos de Peter debochavam dele porque sua mãe era uma bêbada que perdeu o emprego e teve que passar uma noite na cadeia.

— Foi difícil de ouvir — diz ela. — Foi o fundo do poço pra mim. Ao menos naquela época. Eu não sabia quão fundo no poço era possível chegar. Agora sei. Graves me deu uma lista de reuniões do AA e eu comecei a ir. Arrumei um emprego na Fenimore Imobiliária. É uma das maiores firmas da cidade. O chefe é um ex-alcoólatra e contrata muita gente que está ficando sóbria ou tentando. A vida foi melhor naquele último ano, sr. Robinson. As notas de Peter melhoraram. Nós paramos de discutir. — Ela faz uma pausa. — Bem, não, não *completamente*. Não dá pra *não* discutir com o próprio filho.

— Nem precisa me dizer — diz Jerome. — Eu fui um.

Ela ri alto e sem humor, fazendo Jerome perceber que ela não está metabolizando magicamente todo aquele gim, que, sim, senhor, ela está muito bêbada. Como um gambá. Mas não parece, como é possível? Prática, ele acha.

— É por isso que é burrice pensar que Peter fugiu por causa da minha bebedeira. Três semanas antes de ele desaparecer, eu ganhei a ficha de um ano de sobriedade. Acho que nunca mais vou ganhar outra. Só comecei a beber de novo umas seis semanas depois que ele desapareceu. Naquelas seis semanas, eu praticamente gastei o tapete com os joelhos, rezando para um poder superior trazer Peter de volta. — Ela solta outra risada alta e sem humor. — Foi tão útil quanto passar meu tempo rezando para o sol nascer no oeste. Quando caiu a ficha de que ele tinha sumido de vez, eu reatei a amizade com a loja de bebidas do bairro.

Jerome não sabe o que dizer.

— Ele está listado como desaparecido porque simplifica pra polícia, mas acho que o detetive Porter sabe tão bem quanto eu que ele está morto. Pra minha sorte, existe *mesmo* um poder superior. — Ela ergue o copo.

— Em que noite ele desapareceu, sra. Steinman?

Ela nem precisa pensar para responder. Jerome imagina que esteja gravado na memória.

— Dia 27 de novembro de 2018. Não foi mil dias atrás, mas quase.

— Um dos garotos no Dairy Whip disse que a senhora ligou para a mãe dele. Ela assente.

— Mary Edison. A mãe do Tommy. Isso foi às nove da noite, meia hora depois do horário em que ele deveria voltar. Eu tinha os números de vários pais dos amigos dele. Fui uma boa mãe para ele naquele último ano, sr. Robinson. Consciente. Tentando compensar pelos anos em que não fui tão boa. Eu achava

que talvez Peter estivesse planejando ficar na casa do Tommy e tivesse esquecido de me contar. Fazia sentido... mais ou menos... porque as aulas começavam mais tarde no dia seguinte. Haveria uma reunião dos professores sobre o que fazer se houvesse algum incidente violento. Peter me contou. Disso eu me lembro. Quando a sra. Edison disse que Peter não estava lá, eu esperei mais uma hora, cheia de esperanças. Fiquei de joelhos e rezei para o cara do poder superior pra que ele voltasse com uma história maluca explicando por que estava atrasado... mesmo que fosse com bafo de cerveja... só pra eu o ver, sabe?

Outra lágrima, que ela limpa com as costas da mão. Jerome não lamenta ter ido, mas é difícil. Ele quase sente o cheiro da dor dela, e o cheiro é de gim.

— Às dez eu liguei pra polícia.

— Ele tinha celular, sra. Steinman?

— Ah, claro. Eu tentei ligar pra ele antes mesmo de ligar pra Mary Edison. Tocou no quarto dele. Ele nunca levava quando ia andar de skate. Tinha medo de cair e quebrar o aparelho. Eu falava que, se ele quebrasse o celular, eu não teria dinheiro pra comprar um novo.

Jerome lembra o que Holly pediu para ele descobrir.

— E o skate? Sabe onde está?

— O skate? No quarto dele. — Ela se levanta, oscila de leve e recupera o equilíbrio. — Quer ver o quarto dele? Eu deixo como estava. Tipo aquelas mães malucas de filme de terror.

— Eu não acho que a senhora seja maluca — diz Jerome.

Vera o leva por um corredor curto. Tem uma lavanderia de um lado, com roupas empilhadas de qualquer jeito na frente da máquina, e Jerome pensa que acabou de ter um vislumbre da verdadeira Vera, a que está confusa e perdida e passa metade do tempo embriagada. Talvez o tempo todo.

Vera o vê olhando e fecha a porta da lavanderia.

O quarto de Pete tem QG DO PETE STEINMAN escrito com fita adesiva na porta. Abaixo tem um velociraptor do Jurassic Park com um balão de fala saindo da boca cheia de dentes: **Não entre ou corra o risco de ser comido vivo.**

Vera abre a porta e estica a mão, como uma modelo em um game show.

Jerome entra. A cama de solteiro está arrumada; daria para fazer uma moeda quicar no cobertor. Acima tem um pôster da Rihanna em uma pose de “vem cá, meu bem”, mas na idade que o garoto tinha quando sumiu do mundo, o interesse dele em sexo ainda não tinha sobrepujado a fome infantil pelo faz de con-

ta... principalmente, pensa Jerome, com a criança em questão sendo conhecida como Fedido pelos amigos. De cada lado da janela (que dá para uma casa quase idêntica ao lado) há posteres de John Wick e do Capitão América. Na cômoda estão o celular de Peter no carregador e um modelo da *Millenium Falcon* em Lego.

— Eu o ajudei a montar isso aí — diz Vera. — Foi gostoso. — Finalmente, Jerome detecta uma fala meio arrastada: não foi gostoso, mas foi goxtoso. Ele quase fica aliviado. A capacidade dela é... bem, ele não quer pensar nisso. Tem um skate Alameda azul apoiado no canto à esquerda da cômoda, a superfície marcada de muito uso. Um capacete está no chão ao lado.

Jerome aponta.

— Posso...?

— Sem dúvida. — *Xem*.

Jerome pega o skate, passa a mão pela superfície de fibra de vidro meio afundada e o vira. Uma das rodas parece meio torta. O nome, endereço e número de telefone do dono estão escritos com caneta permanente meio apagada, mas ainda perfeitamente legível.

— Onde estava? — pergunta Jerome, com uma certeza repentina de que sabe a resposta: na calçada rachada da oficina abandonada, onde a bicicleta de Bonnie Rae foi encontrada. Só que não é o caso.

— No parque. Deerfield. Procuraram o, você sabe, o corpo dele, e uma pessoa achou o skate em uns arbustos perto da avenida Red Bank. Acho que foi pra lá que o levaram pra matá-lo e pra fazer o que quer que tenham feito primeiro. Ou então, como era uma noite de neblina, talvez alguém o tenha atropelado e levado o corpo. Pra enterrar. Um bêbado, como eu. Eu só espero, sabe... Deus, por favor, que ele não tenha sofrido. Com licença.

Ela vai para a cozinha, a postura ainda perfeita, mas agora com um rebolado considerável. Jerome olha mais um pouco para o skate e o coloca de volta no canto. Ele não tem mais certeza de que não há ligação entre Steinman e Dahl. As similaridades de localização e artefatos deixados para trás podem ser coincidência, mas certamente existem.

Ele volta para a sala. Vera Steinman sai da cozinha com um novo drinque.

— Muito obrigado por...

Jerome só vai até aí quando os joelhos de Vera se dobram. O copo cai da mão dela e rola pelo tapete, derramando algo que tem cheiro de gim puro. Jerome

fez corrida e jogou futebol americano no ensino médio, e seus reflexos ainda são bons. Ele a pega por baixo dos braços antes que ela possa cair de cara de um jeito que poderia quebrar o nariz e algum dente. Nos seus braços, ela parece não ter ossos. O cabelo se solta e cai em volta do rosto. Ela solta um rosnado que pode ou não ser o nome do filho. As convulsões começam, tomam conta dela e a sacodem como um rato na boca de um cachorro.

6 DE JANEIRO DE 2021

1

— Já chega — diz Em para Roddy. — Desliga.

— Minha querida — diz Roddy —, isso é *história*. Você não concorda, Bonnie?

Bonnie Rae está parada na porta do escritório de Em no térreo com pilhas de cartões de Natal do ano passado esquecidas nas mãos. Ela está olhando para a televisão, hipnotizada, enquanto uma multidão invade o Capitólio, quebrando janelas e escalando muros. Alguns portam a bandeira dos Estados Unidos, alguns a bandeira de Gadsden com a serpente, a que diz NÃO PISE EM MIM, e muitos outros estão com faixas de Trump do tamanho de lençóis.

— Eu não ligo, é horrível, desliga.

É horrível, ela está falando sério, mas também muito empolgante. Emily acha Donald Trump um bronco, mas ele também é um feiticeiro; com o seu abracadabra mágico que ela não entende (mas, no fundo do coração, inveja), ele transformou a classe média americana gorducha e apática em revolucionários. Intelectualmente, eles provocam repugnância nela. Mas ela tem um outro lado, normalmente manifestado no seu diário, e as experiências dos últimos nove anos a mudaram em uma idade em que mudanças de personalidade costumam ser quase impossíveis. Ela jamais diria, mas aquele sacrilégio político a fascina. Uma parte dela espera que eles entrem nos escritórios, puxem os representantes eleitos dos dois partidos e os enforquem. Que os deixem alimentar os pássaros. Para que mais eles servem?

— Desliga, Rodney. Assiste lá em cima, se faz questão.

— Como quiser, querida.

Roddy pega o controle na mesa ao lado, mas ele escorrega da sua mão e bate no tapete na hora em que um repórter diz:

— Chamamos isso de manifestação ou de revolta? Neste ponto, é impossível saber.

Ele pega o controle meio desajeitado, não segurando, mas apertando entre as bordas das palmas. Com uma careta, aperta o botão de desligar com o polegar, cortando a voz do repórter no meio da especulação. Ele coloca o controle de volta na mesa e se vira para Bonnie.

— O que você acha, minha querida? Manifestação ou revolta? Essa é a ver-são do século xxi de Fort Sumter?

Ela balança a cabeça.

— Eu não sei o que é. Mas aposto que, se fossem pessoas negras fazendo isso, a polícia estaria atirando.

— Que nada — diz Emily. — Eu não acredito nisso nem por um minuto.

Roddy se levanta.

— Emily, pode fazer aquela sua massagem mágica nas minhas mãos? Elas não gostam desse frio.

— Em alguns minutos. Quero ajudar Bonnie a começar.

— Tudo bem. — Ele sai da sala e logo elas o ouvem subindo a escada, o que ele faz sem hesitar. Não tem artrite nos joelhos e quadris. Ao menos, ainda não.

— Eu criei um arquivo no seu laptop chamado NATAL E ANO-NOVO — diz Bonnie. — Os nomes e endereços de todo mundo que enviou um cartão para a senhora e o professor Harris estão lá. São muitos.

— Tudo bem — diz Emily. — Agora, nós precisamos de uma carta... não sei como se diz... — Ela sabe muito bem e já tem uma lista de contatos completa no celular. Poderia transferi-la para o computador em um segundo, mas Bonnie não precisa saber disso. Bonnie precisavê-la como a acadêmica idosa estereotipada: a cabeça nas nuvens, perdendo alguns quilômetros por hora de velocidade mental e inútil fora do seu campo de conhecimento. E inofensiva, claro. Que jamais sonharia com rebeldes enforcando representantes eleitos do governo dos Estados Unidos em postes. Principalmente os pretos (em pensamento ela nunca vai usar “negros”) e os que dão a bunda. Há mais desses a cada dia.

— Bem, se a senhora fosse uma empresa — diz Bonnie com seriedade —, acho que chamaria de carta padrão. Eu prefiro pensar nisso como carta *modelo*. Posso mostrar como a senhora pode personalizar cada resposta para incluir não só agradecimentos por presentes e desejos de Feliz Ano-Novo, mas detalhes pessoais sobre famílias, promoções, prêmios, o que for.

— Maravilha! — exclama Em. — Você é um gênio! — Pensando: *Como se qualquer adolescente não pudesse fazer o mesmo entre jogar Call of Duty e mandar fotos do pênis pra namorada pelo WhatsApp.*

— Imagina — diz Bonnie. — É coisa básica. — Mas ela fica vermelha de prazer. — Se a senhora ditar a carta modelo, eu posso digitar.

— Excelente ideia. Só vou pensar em como quero elaborar a mensagem enquanto vejo o que posso fazer em relação às pobres mãos do Roddy.

— A artrite dele está ruim, né?

— Ah, ela vem e vai — diz Em. E sorri.

2

Roddy está deitado na cama com as mãos retorcidas coladas no peito. Ela não gosta de vê-lo assim; é como ele ficaria no caixão. Mas homens mortos não sorriem da forma como ele está sorrindo para ela. Ele ainda é tão encantador. Ela fecha a porta do quarto e vai até a penteadeira. Lá, ela pega um pote sem rótulo.

— Eu estou pensando que a gente devia cortar ela da lista — diz Roddy quando ela volta para a cama e se senta ao seu lado.

— Apesar de tudo, tem uma pessoa que anda fascinada por seios firmes e uma cintura fina — diz Em, abrindo a tampa do pote. — Sem mencionar as pernas compridas. — Dentro do pote tem uma substância gelatinosa amarela. Não havia muita gordura no falecido Pete Steinman, mas eles pegaram o que deu.

— Claro que ela é bonita — diz Roddy com impaciência —, mas não é isso. Nós nunca pegamos alguém com quem tivemos uma relação próxima. É perigoso.

— Eu trabalhava no mesmo departamento que Jorge Castro — observa ela.

— Na verdade, eu fui *interrogada*. — Ela arregala os olhos. — Além do mais, você jogava boliche naquela liga, a Golden Oldies...

— Não mais. — Ele levanta as mãos. — Quanto a você ser interrogada sobre Castro, todo mundo no seu departamento foi. Foi rotina. Agora pode não ser igual. Ela trabalha na nossa casa.

Claro que isso é verdade. Emily ligou para a garota logo após o Natal e ofereceu um emprego em tempo parcial para atualizar seu computador e tornar a

correspondência mais fácil, além de criar uma planilha com os nomes dos atuais candidatos à Oficina de Escritores.

Ela enfia um dedo na substância amarela que não muito tempo antes cobria o abdome de Peter Steinman.

— Estica as mãos, querido.

Roddy estica as mãos, os dedos meio retorcidos, os nós mais do que um pouco inchados.

— Vai devagar.

— É só um pouco de dor e depois vem o doce alívio — diz ela, e começa a cobrir os dedos dele com a loção, dando atenção especial aos nós. Várias vezes ele faz caretas e inspira fundo, soltando um chiado de cobra.

— Agora, dobra — diz ela.

Ele fecha as mãos devagar.

— Melhor.

— Claro.

— Um pouco mais, por favor.

— Não tem muito, querido.

— Só um pouco.

Ela enfia o dedo na substância de novo, criando uma vírgula de vidro limpo no fundo do pote. Transfere a loção para a palma esquerda de Roddy e ele começa a esfregá-la nos dedos, agora os flexionando de forma quase natural.

— Ela só vai trabalhar aqui por pouco tempo — diz Emily — e sabe disso. Vai voltar pra biblioteca em tempo integral assim que o recesso prolongado de Natal terminar e o semestre de primavera começar. E, claro, vai estar trabalhando na escrita dela, com encorajamento meu.

— Ela é boa?

— Ainda não vi nada, mas, a julgar pelo tema, eu diria que não.

— Qual é o tema?

Ela se inclina para perto dele e sussurra:

— Vampiros apaixonados.

Rodney chega a rir.

— Mas, ao longo das nossas conversas, eu também descobri muita coisa sobre ela, e são só coisas boas. Ela terminou com o namorado e, apesar de ter investigado o rompimento, ainda sofre por isso. Ela se pergunta se há algo de errado com ela, algum defeito de personalidade, que a torna incapaz de estar em um relacionamento estável.

Roddy faz um ruído de deboche.

— Com base no que ela me contou... sim, ela conversa comigo... o namorado, um tal de Tom, era a definição de otário. Ela fez bem de se livrar dele, eu diria.

— Tenho certeza de que você está certo, mas a questão aqui é o que ela sente e o que significa pra nós. Ela também tem uma relação com a mãe que eu descreveria como frágil. Não é tão incomum que garotas e as mães se biquem, mas também é bom pra nós. Sabe o que ela me disse? “Minha mãe é uma vaca controladora, mas eu a amo.” E... continua fazendo massagem nas mãos, querido, enfia essa coisa nas juntas... além do mais, o bibliotecário-chefe da Reynolds, chamado Conroy, tem obsessão pela nossa Bonnie. De acordo com ela, ele sofre de um caso sério de mão-boba.

Roddy solta uma risada curta.

— Eu não ouço mão-boba há um tempo.

— Se a gente esperar até outubro ou novembro, como costuma fazer, ela vai ter saído do emprego aqui, um emprego em *tempo parcial e de temporada*, nove ou dez meses antes. Se formos interrogados, e acho que podemos ser, vamos poder falar a verdade absoluta. — Em vai marcando os pontos nos dedos, que estão quase tão finos quanto eram quando ela era uma garota com saias até os tornozelos e meias soquetes. — Rompimento infeliz com o namorado. Necessidade de fugir da influência da mãe. Melhor de tudo, assédio sexual no local de trabalho. Percebe como isso tudo é bom? Como ela poderia decidir jogar tudo para o alto e ir embora?

— Acho que sim — diz ele. — Pensando desse jeito.

— E nós conhecemos a rotina dela. Ela sempre pega o mesmo caminho pra voltar da biblioteca. — Em faz uma pausa e continua em voz mais baixa. — Eu sei que você gosta de olhar para os peitos dela. Não me importo.

— Meu pai dizia que um homem de dieta ainda pode ler o cardápio. Então, sim, eu reparei. Os meus alunos do sexo masculino diriam que “ela é boa indo e vindo”.

— Deixando as questões estéticas de lado, aqueles seios devem totalizar uns quatro por cento da gordura corporal dela. — Ela levanta o pote quase vazio. — É bastante alívio pra artrite, meu bem. Sem mencionar meu ciático. — Ela gira a tampa de volta. — E aí? Te convenci?

Ele flexiona os dedos rapidamente e sem dor aparente.

— Vamos dizer que você me deu em que pensar.

— Que bom. Agora, me dá um beijo. Eu tenho que descer e voltar a fingir que não sei nada de computadores. E você tem uma rebelião pra assistir.

23 DE JULHO DE 2021

1

Jerome liga para Holly às 18h15 do lado de fora da casa dos Steinman e conta suas aventuras para ela. Ele diz que teve que levar Vera para o hospital porque todas as ambulâncias Kiner, além das do Departamento de Serviços de Emergência da cidade, estavam em chamadas de covid. Ele a carregou até o carro, colocou-a no banco do passageiro, prendeu o cinto de segurança e dirigiu para o hospital o mais rápido que ousou.

— Eu abri a janela, achando que o ar fresco pudesse reavivá-la um pouco. Não sei se deu certo, ela ainda estava bem lerda quando chegamos lá, mas me poupou o gasto de mandar lavar o interior do Mustang. Ela vomitou duas vezes no caminho, mas pela janela. Isso dá pra lavar. Aquele fedor é bem mais difícil de tirar do tapete.

Ele conta para Holly que Vera também vomitou duas vezes quando estava tendo convulsões.

— Eu a virei de lado antes de ela vomitar a segunda vez. O que foi bom, porque abriu a passagem de ar, mas no começo ela não estava respirando e eu estava morrendo de medo. Eu fiz boca a boca nela. Talvez ela voltasse a respirar sozinha, mas fiquei com medo de não acontecer.

— Você provavelmente salvou a vida dela.

Jerome ri. Aos ouvidos de Holly, é uma risada trêmula.

— Isso eu não sei, mas já enxaguei a boca umas seis vezes e ainda sinto gosto de vômito sabor gim. Quando cheguei na casa, ela disse que eu podia tirar a máscara, que tinha tido covid e estava cheia de anticorpos. Espero que seja verdade. Não sei nem se uma dose dupla de Pfizer aguentaria esse tipo de beijo íntimo.

— Por que você ainda está aí? Não a mantiveram no hospital pra passar a noite em observação?

— Você está de brincadeira? Não tem um único leito disponível lá. Tinha um cara que sofreu um acidente deitado no corredor, gemendo e coberto de sangue.

Minha mãe morreu em um hospital exatamente desse jeito, pensa Holly. Ela era rica.

— Fizeram *alguma coisa* por ela?

— Lavagem do estômago e, quando ela conseguiu dizer o próprio nome, eles a mandaram pra casa comigo. Sem papelada nem nada, só o básico vapt-vupt, obrigado, moça. Loucura. Parece que o sistema todo está desmoronando, sabe?

Holly diz que sabe.

— Eu a levei para dentro de casa, ela já estava conseguindo andar, e até o quarto. Ela disse que conseguia se trocar sozinha e eu acreditei, mas, quando olhei, ela estava deitada de roupa e roncando. Vomitou na lateral do meu carro todo, mas não caiu uma gota nas roupas, que eram bonitas. Eu acho que ela se vestiu pra mim.

— Acho que você está certo. Você queria conversar sobre o filho dela, afinal.

— A enfermeira disse que havia alguns comprimidos parcialmente digeridos no que tiraram do estômago. Não sei se ela estava tentando se matar, mas é possível.

— Você salvou a vida dela — diz Holly. Sem *provavelmente* dessa vez.

— Dessa vez, talvez. Mas e na próxima?

Holly não tem resposta para isso.

— Se você a tivesse visto, Holly... Estou falando de antes de ela cair... perfeitamente composta, totalmente coerente. Mas virando gim como se fosse se tornar proibido na semana que vem. Eu poderia ter ido embora achando que ela estava perfeitamente bem, só arriscando uma ressaca amanhã. Como isso é possível?

— Ela criou tolerância — diz Holly. — A dela deve ser maior do que a da maioria. Você disse que o skate do Peter estava no quarto?

— Estava. Teve um grupo de busca que revirou o parque procurando-o... ou o corpo dele... e alguém o encontrou nos arbustos. Eu não tive a chance de perguntar, mas apostaria qualquer coisa que o encontraram no Matagal. Que

não fica longe de onde a bicicleta da Dahl foi encontrada. Eu acho que Dahl e Steinman podem ter relação, Holly. Acho mesmo.

Holly estava prestes a preparar um jantar de torrada com carne-seca cremosa Stouffers — a comida mais reconfortante para ela — quando Jerome ligou. Agora, ela larga o pacote congelado em uma panela de água fervente. De acordo com a caixa, dá para colocar no micro-ondas, o que é mais rápido, mas Holly nunca faz assim. Sua mãe sempre disse que o micro-ondas era campeão de estragar a comida e, como muitos outros ensinamentos da mãe, ficou com a filha única. *A laranja é perfeita de manhã e pesa de noite. Dormir do lado esquerdo força o coração. Só piranhas usam anágua.*

— Holly? Você me ouviu? Eu falei que acho que Dahl e Steinman talvez...

— Eu ouvi. Preciso pensar. Ele usava capacete pra andar de skate? Eu devia ter perguntado àqueles garotos, mas não pensei nisso.

— Você não pensou porque eles não estavam usando — diz Jerome. — Peter Steinman também não teria, se fosse encontrar os amigos naquela noite. Eles o teriam chamado de cagão.

— É mesmo?

— É mesmo. Ele não levou o celular e não botou o capacete. Estava no quarto, ao lado do skate. Acho que ele *nunca* usava. Não tinha um arranhão. Parecia ter acabado de sair da caixa.

Holly olha para o saco de carne-seca girando na água fervente.

— E o tio na Flórida? — Ela responde à própria pergunta. — A sra. Steinman teria ligado para ele, claro.

— Ela ligou, e o detetive encarregado, Porter, também. Ela estava tentando, Holly. Com ela e com o menino. Parou de beber por um ano. Arrumou outro emprego. É uma tragédia da porra. Você acha que eu devia ficar com ela? Com Steinman? A sala está fedendo e o sofá não parece confortável, mas posso ficar se você achar que eu devo.

— Não. Vai pra casa. Mas, antes de ir, acho que você devia entrar, dar uma olhada na respiração dela e verificar o armário de remédios. Se ela tiver tranquilizantes ou comprimidos pra dor ou alguma coisa pra depressão, como Zoloft ou Prozac, joga na privada. A bebida também, se quiser. Mas isso vai só atrapalhar. Ela sempre pode pedir novas receitas de remédio, e bebida tem em qualquer lugar. Você sabe disso, né?

Jerome suspira.

— Sim. Eu sei. Hols, se você a visse antes de ela cair... Eu achei que ela estava bem. Triste, claro, e bebendo demais, mas eu achei mesmo... — Ele para de falar.

— Você fez o que pôde. Ela perdeu o único filho e, a não ser que haja um milagre, o perdeu de vez. Ou ela vai sobreviver, voltar às reuniões, ficar sóbria e seguir com a vida, ou não vai. Aquele provérbio chinês que diz que você é responsável pela pessoa se salvar a vida dela é um cocô. Eu sei que é difícil, mas é a verdade. — Ela olha para a água fervente. — Pelo menos da forma como eu entendo.

— Tem uma coisa que pode ajudá-la — diz Jerome.

— O quê?

— Uma conclusão.

Conclusão é um mito, ela pensa... mas não diz. Jerome é jovem. Ele que tenha as ilusões dele.

2

Holly come a torrada com carne-seca na mesinha da cozinha. Ela acha que é a refeição perfeita porque não fica quase nada para limpar. Ela se sente mal por Jerome e péssima pela mãe de Peter Steinman. Jerome estava certo quando chamou de tragédia, mas Holly reluta em colocar a mulher desaparecida e o garoto desaparecido no mesmo balão. Ela sabe perfeitamente bem em que Jerome está pensando: um serial killer, como Ted Bundy ou John Wayne Gacy ou o Zodíaco. Mas a maioria dos serial killers é fundamentalmente destituída de criatividade, incapaz de superar um trauma psicológico não resolvido. Eles seguem escolhendo versões da mesma vítima até serem pegos. O tal Filho de Sam matou várias mulheres com cabelo escuro ondulado, possivelmente porque não podia matar Betty Broder, a mulher que o pariu e depois o abandonou.

Ou talvez Berkowitz só gostasse de ver a cabeça delas explodir, comenta o Bill Hodges na cabeça dela.

— Aff — diz Holly.

Mas Bonnie Rae e Peter Steinman são diferentes demais para serem trabalho de uma pessoa só. Ela tem certeza. Ou quase; está disposta a admitir que há o fato das localizações similares e dos meios de transporte abandonados, bicicleta e skate.

Isso a lembra que precisa falar com Penny sobre as roupas de Bonnie. Tem alguma desaparecida? Seria possível que ela tivesse uma mala com roupas guardada em algum lugar, talvez com a amiga Lakeisha? Holly pega o caderno e escreve um lembrete para perguntar isso. Ela vai ligar esta noite e tentar marcar um encontro com Lakeisha amanhã à tarde, mas vai guardar as perguntas importantes para quando elas estiverem cara a cara.

Ela lava o prato e o coloca no escorredor, o menor Magic Chef que a empresa fabrica, perfeito para a mulher solteira sem homem na vida. Volta para a mesa e acende um cigarro. Nada, na opinião de Holly, encerra uma refeição melhor do que um cigarro. E também ajuda no processo dedutivo.

Não que eu tenha algo para deduzir, pensa ela. Talvez depois que cavar um pouco mais fundo, mas por enquanto só posso especular.

— E isso é perigoso — ela diz para a cozinha vazia.

Sinos prateados tilintam, o que significa que é o celular pessoal (o toque do escritório é o xilofone padrão da Apple). Ela espera que seja Jerome com algo que tenha esquecido de contar, mas é Pete Huntley.

— Você estava certa sobre Izzy. Ela ficou feliz da vida de me dar o que descobriu sobre o cartão de crédito e o celular da garota. No Visa, nenhuma atividade. Na conta da Verizon, a mesma coisa. Iz voltou para verificar se houve alguma mudança nos últimos dez dias. Não houve nenhuma. A última compra com o cartão foi uma calça jeans na Amazon no dia 27 de junho. Isabelle disse que, quando se liga para o celular de Dahl, não dá nem mais para deixar mensagem na caixa postal, só tem uma voz de robô dizendo que a caixa está cheia. E não tem como rastreá-lo.

— Então a Bonnie ou outra pessoa tirou o cartão SIM.

— Com certeza não foi por falta de pagamento. A conta do celular foi paga no dia 6 de julho, cinco dias depois que a garota desapareceu. Todas as contas dela foram pagas no dia 6. Normalmente, o banco paga na primeira segunda do mês, mas aquela segunda foi feriado, então...

— Era o NorBank?

— Era. Como você sabia?

— É onde a mãe dela trabalha. Ou trabalhava, até algumas filiais fecharem. Ela disse que, quando reabrirem, espera ser contratada de volta. Quanto tem na conta de Bonnie Dahl?

— Eu não sei porque Isabelle não sabe. Precisaríamos de um mandado judicial pra obter essa informação, e Iz não vê sentido em pedir um. Nem eu. Não é o importante. Você sabe o que é, né?

Holly sabe, sim. Financeiramente falando, Bonnie Rae Dahl virou uma mosca morta. E essa metáfora é péssima, considerando as circunstâncias.

— Pete, sua voz está melhor. Você não está tossindo tanto.

— Eu me sinto melhor, mas essa covid dá uma surra. Acho que, se eu não tivesse tomado as vacinas, estaria no hospital. Ou... — Ele para aí, sem dúvida pensando na mãe da sócia, que não tomou as vacinas.

— Dorme cedo. Bebe muita água.

— Obrigado, enfermeira.

Holly encerra a ligação e acende outro cigarro. Ela vai até a janela e olha para fora. Ainda faltam horas para escurecer, mas a luz do sol está inclinada daquele jeito que sempre lhe parece pesaroso e meio triste. *Mais um dia mais velha, mais um dia mais perto do túmulo*, dizia sua mãe. Sua mãe, que agora está dentro do túmulo dela.

— Ela roubou de mim — murmura Holly. — Ela roubou o fundo que eu ganhei da Janey. Não todo, mas a maior parte. A minha própria mãe.

Ela diz para si mesma que é passado. Bonnie Rae Dahl pode ainda estar viva.

Mas.

Não há movimentação no Visa dela. Não foram feitas ligações do celular. Holly acha que um agente secreto treinado, um dos caras comuns do John le Carré, poderia sumir assim, abandonando os laços com a vida moderna da mesma forma que uma cobra troca de pele, mas uma bibliotecária de faculdade de vinte e quatro anos? Não. Não é nem improvável, simplesmente não.

Bonnie Rae Dahl está morta. Holly sabe.

Holly tem uma ideia com pouca base (e nem um pouco científica) de que exercícios podem compensar uma parte do dano que ela está fazendo ao corpo por recomeçar a fumar, então, depois de falar com Pete, faz uma caminhada de três quilômetros na luz do fim do dia e vai parar na parte sul do parque Deerfield. O parquinho está cheio de crianças se balançando e brincando na gangorra, es-corregendo e penduradas de cabeça para baixo no trepa-trepa. Ela as observa de uma forma livre que nenhum homem poderia fazer neste século de hipercons-

cientização sexual, sem pensar sobre o caso de forma consciente, mas no subconsciente não pensando em outra coisa. Tem uma sensação irritante de que está esquecendo algo, mas se recusa a tentar descobrir o que é. O que quer que seja vai acabar se manifestando.

Ela liga para Lakeisha Stone quando chega em casa. A mulher que atende parece exuberante e inebriada pela vida (e talvez por outras substâncias). Ao fundo, Holly ouve música, talvez Otis Redding, e pessoas rindo. Há uns gritos ocasionais. *Outras substâncias, provavelmente*, pensa Holly.

— Oi, quem quer que você seja — diz Lakeisha. — Se for uma proposta de seguro de carro ou como eu posso melhorar meu crédito...

— Não é — diz Holly. Ela se apresenta, explica por que está ligando e pergunta se poderia encontrar Lakeisha amanhã, no fim da tarde. Diz que vai estar perto de Upsala Village por assuntos de família. Seria conveniente?

É uma Lakeisha bem menos exuberante que diz que ficaria feliz em conversar com Holly. Ela está com amigos no camping da rodovia 27, o que tem nome de índio. Holly conhece? Ela diz que não e não diz que atualmente índio é considerado no mínimo pejorativo, até mesmo racista. Ela diz que tem certeza de que o GPS do celular vai levá-la ao lugar certo.

— Nada sobre Bonnie? Nenhuma notícia?

— Nenhuma — diz Holly.

— Então eu não sei como vou poder ajudar, sra. Gibney.

— Você pode me ajudar com uma coisa agora. Acha que ela fugiu?

— Meu Deus, não. — A voz dela oscila. Quando fala de novo, todos os sinais de exuberância sumiram. — Eu acho que ela está morta. Acho que algum filho da mãe doente a estuprou e matou.

Naquela noite, Holly reza de joelhos, tomando o cuidado de citar os amigos por nome e dizer que lamenta ter voltado a fumar e que espera que Deus a ajude a parar em breve (mas ainda não). Ela diz para Deus que não quer pensar na mãe esta noite, no que Charlotte fez e por que ela fez aquilo. Termina pedindo qualquer ajuda que Deus possa dar no caso da mulher desaparecida e conclui dizendo que espera que Bonnie Rae ainda esteja viva.

Ela se deita na cama e olha para a escuridão, se perguntando o que a estava incomodando no parque. Quando o sono se aproxima, pronto para tomá-la,

vem na sua mente: houve outros desaparecimentos perto do parque Deerfield?
Ela acha que pode ser interessante descobrir.

8 DE FEVEREIRO DE 2021

Janeiro foi muito frio, mas fevereiro tem temperaturas atípicamente quentes, como se para compensar três semanas de neve soprada dos Grandes Lagos e temperaturas negativas de bater os dentes. Nesta tarde de segunda, com o marcador do termômetro em quinze graus, Roddy Harris decide tirar do Subaru o sal encrustado, que vai acabar apodrecendo os painéis embaixo da porta e o chassi se ficar lá. Em sugere que ele o leve ao Drive & Shine na expansão do aeroporto, mas Roddy diz que prefere sair no ar fresco enquanto o ar fresco ainda está tolerável. Ela pergunta sobre a artrite. Ele insiste que não o está incomodando, diz que está se sentindo bem.

— Não está incomodando *agora* — diz Em —, mas você vai resmungar de noite, aposto, e vai ter que aceitar só Bengay porque a coisa boa agora está quase no final. A gente devia guardar o que ainda tem pra uma emergência. — *Se minhas costas ou seu pescoço travarem de novo* é o que ela quer dizer.

— Eu vou de luvas — diz ele, e Em suspira. Roddy é um querido, a luz da vida dela, mas quando decide fazer uma coisa, não tem como fazê-lo mudar de ideia.

Ele entra na garagem pela porta dos fundos, pega a mangueira e a prende na torneira na lateral da casa. Depois, volta para tirar o carro de dentro. Tem três botões na parede da garagem. Um abre a baia da esquerda, onde está parada a van que eles raramente usam. Um abre a baia da direita, onde fica o Subaru velho dos Harris. O terceiro botão abre as duas baias, e Roddy tem o hábito irritante de apertar esse. *Porque fica no meio em vez de embaixo ou em cima* é o que ele diz para si mesmo quando as duas portas começam a fazer barulho em vez de só a que ele quer. *Não é memória ruim, é só design ruim, puro e simples.*

Ele entra no carro e dá ré até onde a mangueira está esperando, com o acessório de spray já enroscado. Roddy está ansioso para aquela tarefa. Ele ama a

forma como o jorro de alta pressão limpa os blocos secos de sal da rua. Ele ergue a mangueira, mas aí para. Tem uma pessoa parada na entrada de carros, olhando para ele. É uma garota bonita de casaco vermelho e cachecol e gorro de tricô combinando. A máscara dela também é vermelha, assim como as galochas; foram presentes de Natal, porque aquela garota admirou o par de galochas da amiga Holly em várias ocasiões. Em uma das mãos ela está segurando uma pasta vermelha fina junto ao peito.

— O senhor é o professor Harris? — pergunta ela.

— Sou, sim — diz ele. — Só um segundo, minha jovem. — Ele abre a porta do motorista do Subaru. O controle remoto da garagem está preso no visor. Esse tem dois botões e não três. Ele aperta um e a porta da esquerda se fecha, escondendo a van. Ele duvida que ela tenha notado, é para ele que está olhando, mas é sempre melhor prevenir e nunca remediar.

Ele se aproxima dela com um sorriso e estica a mão. Atualmente, ela costuma cumprimentar as pessoas com uma batida de cotovelo por causa da covid, mas ele está de luvas e ela também (desnecessárias em um dia quente como este, assim como o cachecol, mas o conjunto exprime o seu estilo), então tudo bem.

— O que posso fazer por você nesse belo dia ameno?

Barbara Robinson sorri.

— Era a sua esposa que eu tinha esperanças de ver. Queria perguntar uma coisa a ela.

Com base na pasta que ela segura de forma tão protetora junto ao peito, ele acha que é na Oficina de Escritores que ela está interessada. Ele poderia dizer que ela é jovem demais para o programa; a maioria dos aspirantes a escritor que frequentam a oficina está na casa dos vinte e trinta anos. Ele também poderia dizer que parece cada vez mais provável que *não haja* Oficina neste outono. Jim Shephard faleceu e poucos outros escritores profissionais manifestaram interesse. O escritor residente atual do departamento, Henry Stratton, também recusou a renovação de contrato. Ele falou à chefe do Departamento de Inglês, Rosalyn Burkhart, que a ideia de estudo remoto em um programa intensivo de escrita era absurda. De acordo com Emily, que ouviu de Rosalyn, Stratton disse que seria como fazer amor usando luvas de boxe.

Mas que Em dê a má notícia para a Chapeuzinho Vermelho; ele é só um humilde (e aposentado) professor de biologia.

— Tenho certeza de que ela vai adorar falar com você, senhorita...

— Barbara. Barbara Robinson.

— É um prazer conhecê-la, Barbara. Pode tocar a campainha. Minha esposa é idosa, mas a audição ainda está boa.

Barbara sorri ao ouvir isso.

— Obrigada. — Ela segue na direção da casa, mas se vira. — O senhor devia fazer o mesmo na van. Meu pai tinha uma quando eu era pequena e o silenciador caiu na interestadual. Ele disse que o sal corroeu tudo.

Então ela viu, pensa Roddy. Eu tenho mesmo que ser mais cuidadoso.

— Agradeço a dica.

Ela se lembraria? Tinha visto alguma coisa que não deveria? Roddy acha que não. Roddy acha que a Chapeuzinho Vermelho, também conhecida como Barbara Robinson, só está interessada nas pedras preciosas não lapidadas de escrita que ela está carregando na pasta. Sonhando em ser a próxima Toni Morrison ou Alice Walker. Mas ele vai ter que tomar ainda mais cuidado no futuro. *É tudo culpa daquele botão no lugar errado*, ele pensa. *Engenharia idiota. Minha memória está ótima.*

Ele liga a mangueira e a aponta para a lateral do Subaru. O sal começa a se soltar e revela a tinta verde brilhante embaixo. Ele estava ansioso por isso, mas agora nem tanto. A garota, por mais bonita que fique toda de vermelho, azedou o humor dele.

Barbara dá um aceno final, sobe o caminho da frente e toca a campainha. A porta se abre e Em aparece, parecendo não ter mais do que setenta anos de vestido verde de seda, o cabelo arrumado no salão de beleza naquela manhã. O Cabelo Hoje deveria estar fechado por causa da pandemia, mas Helen abre exceções para clientes antigas que dão gorjetas boas durante o ano e se lembram dela no Natal.

— Sim? Posso ajudar?

— Eu gostaria de saber se posso falar com a senhora. É sobre... — Barbara engole em seco. — É sobre escrita.

Em olha para a pasta e abre um sorriso de desculpas para Barbara.

— Se tem a ver com a Oficina de Escritores, não estão aceitando novas candidaturas. O programa de outono-inverno está em risco, infelizmente. A doença, sabe como é.

— Não, não é isso.

Emily olha para a visitante por um momento: bonita, forte, obviamente saudável e, claro, jovem. Ela olha por cima do ombro da garota e vê Roddy olhando para elas enquanto a mangueira lava a entrada de carros. *Isso vai congelar se a temperatura despencar esta noite*, ela pensa. *Você devia saber disso*. Ela volta a olhar para a garota de vermelho.

— Qual é seu nome, minha querida?

— Barbara Robinson.

— Bem, Barbara, por que você não entra e me conta o que é?

Ela chega para o lado. Barbara entra na casa. Em fecha a porta. Roddy continua lavando o carro verde.

24 DE JULHO DE 2021

1

Holly chega a Meadowbrook Estates quarenta e cinco minutos antes da hora que ela e o advogado Emerson combinaram. *Holly chega cedo pra tudo*, o tio Henry costumava dizer. *Ela vai chegar cedo para o próprio enterro*. Pra esse, é provável que ela seja bem pontual (não vai haver alternativa), mas ela entrou no funeral via Zoom da mãe quinze minutos antes, o que meio que prova o que Henry dizia.

Ela não vai direto para a casa, parando na esquina da rua Hancock e observando a van estacionada na entrada de carros da casa da mãe. A van é vermelha, exceto pelo nome da empresa na lateral: A.M. LIMPEZAS em amarelo. Como dona e investigadora principal (detetive, xereta e curiosa são outros termos, menos dignos) de uma empresa de investigação particular, Holly viu vans assim uma ou duas vezes antes. A.M. significa Após a Morte.

Nesse caso, eles só vão aspirar e limpar todas as superfícies com desinfetante (não podem negligenciar os interruptores, as descargas, nem mesmo as dobradiças). Depois de mortes violentas, depois que as unidades de perícia da polícia terminam o trabalho, a equipe A.M. aparece para limpar sangue e vômito, levar móveis quebrados e, claro, fumigar. Esta última parte é particularmente importante quando o local é laboratório de metanfetamina. Holly talvez conheça uma ou duas pessoas da equipe, mas não quer ver nem falar com elas. Ela abre a janela, acende um cigarro e espera.

Às 10h40, dois funcionários da A.M. saem com as bolsas volumosas penduradas nos ombros. Eles estão de luvas, macacões e máscaras. Do modelo N95, não as máscaras de gás que às vezes são necessárias depois de mortes violentas. A dona daquela casa morreu de causas ditas naturais e no hospital, então isso é rigorosamente uma limpeza de covid, molezinha, só entrar e sair. Eles trocam

cumprimentos de cabeça. Um deles gruda um envelope (vermelho, como a van) na porta de entrada. Eles entram na van e vão embora. Holly abaixa a cabeça por reflexo quando eles passam.

Ela guarda a guimba de cigarro no cinzeiro de viagem (limpo naquela manhã, mas já com três soldados mortos) e dirige até o número 42 da Lily Court, a casa que sua mãe comprou seis anos antes. Tira o envelope da porta e lê. As folhas de papel dentro (só duas; depois de um suicídio ou assassinato, haveria bem mais) detalham os serviços executados. A última linha diz: ITENS REMOVIDOS: O. Holly acredita nisso e David Emerson também deve ter acreditado. A A.M. existe há anos, é certificada, e sua reputação naquele campo nada agradável mas extremamente necessário é impecável... Além do mais, o que a mãe dela tinha para ser roubado? As dezenas de bonecos de porcelana, inclusive do Pillsbury Doughboy e o Pinóquio com cara de maldoso que apavorava Holly quando ela era criança?

Para uma milionária, ela vivia com pouco, pensa Holly. Isso desperta sentimentos que não são parte do seu espectro emocional cotidiano. Ressentimento? Sim, mas é mais raiva e deceção.

Ela pensa: *A filha de uma mentirosa entra em um bar e pede um mai tai.*

Claro que é um mai tai. Nas raras ocasiões em que ela toma um drinque, é o que escolhe porque a faz pensar em palmeiras, água límpida e praias de areia branca. Às vezes na cama à noite (não com frequência, mas às vezes), ela imagina um salva-vidas bronzeado com uma sunga apertadinha sentado na sua cadeira alta. Ele olha para ela e sorri e o que vem depois é só alegria.

Holly tem a chave, mas não tem pressa de entrar e ver aquele Pinóquio de porcelana com o chapéu alpino e o sorrisinho maldoso que diz *Eu sei tudo sobre sua fantasia com o salva-vidas, Holly. Eu sei que você enfia as unhas nas costas dele quando...*

— Quando eu gozo, e daí, quem liga — murmura ela e se senta no degrau para esperar o advogado.

Na sua mente, a mãe responde, triste como sempre fica quando a filha sem talento e sem glamour não atende às expectativas: *Ah, Holly.*

Hora de abrir a porta, não da casa, mas da mente. De pensar no que aconteceu e *por que* aconteceu. Ela acha que já sabe. Ela é detetive, afinal.

Elizabeth Wharton, mãe de Olivia Trelawney e Janelle “Janey” Patterson, morreu. Holly conheceu Bill Hodges no funeral da velha senhora. Ele foi com Janey e foi gentil. Tratou Holly — ora! — como uma pessoa normal. Ela *não* era uma pessoa normal, nem é uma pessoa normal agora, mas está mais perto do normal do que era. Graças ao Bill.

Janey morreu depois daquele funeral. Brady Hartsfield a explodiu. E Holly, uma mulher solitária de quarenta e tantos anos que morava com a mãe e não tinha amigos, incrivelmente ajudou a pegar Brady... embora, no fim das contas, Brady ainda não tivesse acabado de lidar com nenhum deles nessa ocasião. Não com Bill, não com Holly, não com Jerome e Barbara Robinson.

Foi Bill quem a convenceu de que ela podia ser dona da própria vida. Ele nunca falou isso em voz alta. Nunca precisou. Ficou óbvio pelo jeito como a tratava. Só lhe deu responsabilidades e supôs que ela as cumpriria. Charlotte não gostou disso. Não gostou *dele*. Holly mal notou. Os avisos e reparações da mãe foram como ruído de fundo. Quando estava trabalhando com Bill, ela se sentia viva e inteligente e útil. O mundo voltou a ter cores. Depois de Brady, houve outro caso a investigar, outro malvado atrás de quem ir: Morris Bellamy era o nome dele. Morris procurava um tesouro enterrado e estava disposto a fazer qualquer coisa para obtê-lo.

Aí...

— Bill ficou doente — murmura Holly, acendendo um novo cigarro. — Do pâncreas.

Ainda dói pensar nisso, mesmo cinco anos depois.

Houve outro testamento, e Holly descobriu que Bill tinha deixado a empresa para ela. A Achados e Perdidos. Não era grande coisa na época. Estava nascendo. Lutando para ficar de pé.

E eu lutando para ficar de pé, pensa Holly. Porque Bill ficaria decepcionado se eu caísse. Decepcionado comigo.

Foi nessa época (ela não lembra exatamente, mas deve ter sido pouco depois que Bill faleceu) que Charlotte ligou para ela aos prantos e contou que o cretino do Daniel Hailey tinha fugido para o Caribe com os milhões que Janey tinha deixado para ela e para o Henry. E com a maior parte do fundo da Holly, que ela tinha incluído no investimento a pedido da mãe.

Houve uma reunião familiar em que Charlotte ficou dizendo coisas como *Eu não posso me perdoar, nunca vou conseguir me perdoar.* E Henry ficou dizendo

para ela que tudo bem, os dois ainda tinham o suficiente para viver. Holly também tinha, disse ele, embora talvez devesse considerar sair do seu apartamento e ir morar na Lily Court com a mãe por um tempo. Ficar no quarto de hóspedes, em outras palavras, onde a mãe tinha mais ou menos replicado o quarto de infância de Holly. *Como uma exposição de museu*, pensa Holly.

O tio Henry tinha mesmo dito *O que vem fácil vai fácil* na reunião? Sentada no degrau, fumando o cigarro, Holly não tem certeza, mas acha que sim. E ele poderia dizer isso, porque o dinheiro não tinha ido para lugar nenhum. Nem o dele, nem o de Charlotte, nem o de Holly.

E é claro que você vai ter que fechar a empresa, disse Charlotte. Disso Holly se lembra. Ah, sim. Porque esse foi o objetivo de tudo, não foi? Impedir o plano maluco da filha frágil de ter uma agência de investigação particular, uma ideia colocada na cabeça dela pelo homem que quase a levara à morte.

— Pra me colocar sob o controle dela de novo — sussurra Holly, e apaga o cigarro com tanta força que fagulhas voam e queimam as costas da sua mão.

3

Ela está pensando em acender outro quando Elaine da casa ao lado e Danielle da casa em frente vão até lá falar que lamentam a perda dela. As duas foram ao funeral. Nenhuma está de máscara e elas trocam um olhar de quem acha graça (e de *ah, Holly*, com certeza) quando Holly coloca a dela rapidamente. Elaine pergunta se ela vai vender a casa. Holly diz que provavelmente. Danielle pergunta se ela está pensando em fazer um bazar de garagem. Holly diz que provavelmente não. Ela está sentindo uma dor de cabeça chegando.

É nessa hora que Emerson chega no seu Chevrolet prático. Um Honda Civic para atrás dele com duas mulheres dentro. Emerson também chegou adiantado, só por uns cinco minutos, mas graças a Deus. Danielle e Elaine vão para a casa de Danielle, conversando no caminho, trocando fofocas e qualquer outro bichinho que possa ou não estar colonizando o sistema respiratório delas.

As mulheres que saem do Honda são aproximadamente da idade de Holly, enquanto Emerson é bem mais velho, com costeletas brancas abaixo do cabelo penteado para trás. Ele é alto e cadavérico, com olheiras escuras que sugerem a Holly insônia ou deficiência de ferro. Ele está carregando uma pasta bem de advogado. Ela fica feliz de ver os três usando máscaras N95 sem firulas e, em vez

da mão, ele oferece o cotovelo. Ela bate de leve com o dela. As mulheres levantam a mão em cumprimento.

— É um prazer te conhecer pessoalmente, Holly... Posso te chamar de Holly?

— Sim, claro.

— Eu sou David. Esta é Rhoda Landry, e a moça bonita ao lado dela é Andrea Stark. Elas trabalham pra mim. Rhoda é minha escrivã. Você já entrou?

— Não. Eu estava esperando você. — *Não queria encarar o Pinóquio e o Pillsbury Doughboy sozinha*, pensa ela. É piada, mas, como muitas piadas, também é verdade.

— Muita gentileza sua — diz ele, embora Holly não saiba por que seria. — Quer fazer as honras?

Ela usa a chave, a que a mãe lhe deu com grande cerimônia, dizendo que era para ela cuidar daquilo pelo amor de Deus, para não perder como o livro da biblioteca que ela tinha deixado no ônibus. O livro em questão, *A Day No Pigs Would Die*, foi recuperado no achados e perdidos da empresa de ônibus no dia seguinte, mas Charlotte ainda falava nisso três anos depois. E continuou falando. Aos dezesseis, aos dezoito, aos vinte e um, aos cinquenta anos, Senhor Amado, ela ainda ouvia lembrar aquela vez que você perdeu aquele livro da biblioteca no ônibus? Sempre com a risada pesarosa que dizia Ah, Holly.

O cheiro de pot-pourri a atinge em cheio assim que a porta é aberta. Por um momento, ela hesita; nada traz lembranças com tanta força, tanto boas quanto ruins, como certos aromas. Mas ela empertiga os ombros e entra.

— Que casinha bonita — diz Rhoda Landry. — Adoro o estilo Cape Cod.

— Aconchegante — acrescenta Andrea Stark. Holly não tem ideia de por que ela veio.

— Eu tenho umas coisas pra você olhar e alguns papéis pra assinar — diz Emerson. — O mais importante é uma declaração de que você foi informada da herança. Uma cópia vai para a Receita Federal e outra para a vara de sucessão do condado. A cozinha está bom pra você? É onde Charlotte e eu conversávamos sobre negócios.

Eles vão para a cozinha, Emerson já mexendo nas fivelas da pasta, as duas mulheres olhando em volta e avaliando tudo, como mulheres têm a tendência de fazer em uma casa que não é delas. Holly também está olhando em volta e

ouvindo a mãe em todo lugar em que seus olhos param. A voz da mãe, sempre começando com *quantas vezes eu te falei*.

A pia: *Quantas vezes eu te falei pra não colocar copo de suco na lava-louças sem passar uma aguinha antes?*

A geladeira: *Quantas vezes eu te falei para se certificar de que a porta está bem fechada?*

Os armários: *Quantas vezes eu te falei pra não guardar mais de três pratos de cada vez se não quiser lascar nenhum?*

O fogão: *Quantas vezes eu te falei pra verificar se tudo está desligado antes de sair da cozinha?*

Eles se sentam à mesa. Emerson dá a ela os papéis que precisa que ela assine, um a um. Tem a declaração de que ela foi informada da herança. Tem uma declaração de que ela recebeu uma cópia do último testamento de Charlotte Anne Gibney (que Emerson lhe entrega naquele momento). Tem a declaração de que ela foi informada dos vários investimentos da mãe, que incluem um portfólio de ações bem valioso, ações da Tesla e da Apple sendo as principais. Holly assina um contrato de trabalho autorizando David Emerson a representá-la na vara de sucessão. Rhoda Landry registra cada documento com um dispositivo de carimbo grande e Andrea Stark é testemunha (é para isso que ela veio, então).

Quando o ritual de assinaturas termina, as mulheres oferecem a Holly condolências murmuradas e saem. Emerson diz para Holly que adoraria levá-la para almoçar, mas tem um compromisso. Holly diz que tudo bem. Ela não quer comer com Emerson; o que quer évê-lo longe. A dor de cabeça está piorando e ela quer um cigarro. Está *desesperada* por um, na verdade.

— Agora que teve tempo pra refletir, você ainda está pensando em vender a casa?

— Sim. — Não só pensando.

— Com a mobília ou sem? Já considerou?

Holly não precisa considerar.

— Com.

— Mesmo assim... — Ele tira uma pilha de adesivos vermelhos da pasta. A palavra GUARDAR está impressa neles. — Se descobrir que tem coisas que quer depois de olhar a casa, pode colar isso nelas. É só tirar o papel que tem atrás, está vendido?

— Sim.

— Por exemplo, os bonequinhos de porcelana da sua mãe no saguão de entrada, talvez você queira guardar de lembrança... — Ele vê a expressão dela. — Ou talvez não, mas pode haver outras coisas. Provavelmente vai haver. Com base nas minhas experiências anteriores em casos assim, os legatários costumam deixar passar coisas que depois desejam ter guardado.

Você acredita nisso, pensa Holly. Você acredita no fundo da alma, porque é apegado, e pessoas apegadas nunca conseguem entender as pessoas desapegadas. São tribos que não conseguem entender uma à outra. Meio como quem é a favor da vacina e quem é contra, os Trumpistas e os Nunca Trumpistas.

— Eu entendo — diz Holly.

Ele sorri, talvez acreditando que a tenha convencido.

— A última coisa é isto.

Ele pega uma pasta fina. Na pasta, há fotografias. Ele as espalha na frente de Holly como um policial exibindo uma galeria de criminosos para uma testemunha. Ela olha impressionada. Não é para criminosos que está olhando, mas para joias em pedaços de tecido escuro. Brincos, anéis, colares, pulseiras, broches, um fio duplo de pérolas.

— Sua mãe insistiu pra que eu guardasse isto antes de ir para o hospital — diz Emerson. — É meio irregular, mas foi a vontade dela. São suas agora, ou serão quando o testamento de Charlotte for confirmado. — Ele entrega uma folha de papel para ela. — Aqui está o inventário.

Ela olha para o papel brevemente. Charlotte assinou, Emerson assinou embaixo e Andrea Stark, cujo emprego, ao que parece, é ser Testemunha Profissional, também assinou. Holly examina as fotos e bate em duas delas.

— Esta é a aliança de casamento da minha mãe, e este é o seu anel de noivado, que ela quase nunca usava, mas não reconheço *nada* das outras coisas.

— Parece que ela era uma grande colecionadora — diz Emerson. Ele parece meio incomodado, mas não muito. A morte revela segredos. Ele deve saber disso. Como se diz por aí, ele está na estrada faz tempo.

— Mas... — Holly olha para ele. Ela achava (e esperava) estar preparada para essa reunião, até mesmo para andar pela casa da mãe e a exposição de museu que era o quarto de hóspedes, mas *isto*? — É de valor ou imitação?

— Você terá que pedir uma avaliação para determinar o valor — diz Emerson. Ele hesita e acrescenta, com menos ar de advogado: — Mas, de acordo

com Andrea, não é imitação.

Holly não responde. Ela está pensando que isso vai além da enganação. Talvez além do perdão.

— Vou continuar mantendo essas joias no cofre da firma até o inventário acabar, mas é melhor você guardar isso. Eu tenho uma cópia. — Ele está falando da lista de joias. Deve haver mais de trinta peças ali e, se as pedras forem de verdade, o valor total deve ser... Jesus do céu, muita coisa. Cem mil dólares? Duzentos mil? *Quinhentos mil?*

Sob a tutela paciente de Bill Hodges, ela treinou a mente para acompanhar certos fatos e não demonstrar no rosto quando eles levam a certas conclusões. Eis um fato: ao que parece, Charlotte tinha joias que valiam muito dinheiro. Eis outro: Holly nunca viu a mãe usando nenhuma delas; nem sabia que existiam. Conclusão: em algum momento depois que a mãe recebeu a herança, e provavelmente depois que o dinheiro foi supostamente perdido, Charlotte virou uma acumuladora secreta, como um goblin em uma história de fantasia.

Holly o leva até a porta. Ele olha para os bonequinhos de porcelana e sorri.

— Minha esposa ama coisas assim — diz ele. — Acho que ela tem todos os gnomos e fadinhas sentados em cogumelos já feitos no mundo.

— Leva alguns pra ela — diz Holly. *Leva todos.*

Emerson parece alarmado.

— Ah, eu não poderia. Não. Obrigado, mas não.

— Leva pelo menos este. — Ela pega o odioso Pinóquio e coloca na palma da mão dele com um sorriso. — Tenho certeza de que está sendo pago pelo trabalho...

— Claro...

— Mas leve isso, por mim. Pela sua gentileza.

— Se você insiste...

— Insisto — diz Holly. Ver aquele narigudo cocozeno ir embora vai ser a melhor coisa que aconteceu a ela desde que chegou a Lily Court 42.

Depois que fecha a porta e vê Emerson indo até o carro pela janela, Holly pensa: *Mentiras. Tantas mentiras.*

Ela vai para a cozinha e pega suas cópias dos documentos. Sentindo-se uma mulher em um sonho (uma nova milionária entra em um bar, e coisa e tal), ela vai até a segunda gaveta à esquerda da pia, onde ainda há sacos, papel-alumínio, plástico filme, arames de pão (sua mãe nunca os jogava fora) e outras coi-

sas variadas. Remexe até encontrar um prendedor de plástico e segura os papéis com ele. Pega uma xícara (*LAR É ONDE O CORAÇÃO ESTÁ* impresso na lateral) e leva até a mesa. A mãe nunca permitiu que se fumasse em casa; Holly fumava no banheiro dela com a janela aberta. Agora, ela acende um, sentindo ao mesmo tempo uma culpa residual e certo prazer malicioso.

Uma vez, ela se sentou a uma mesinha bem parecida com esta, na casa dos pais na rua Bond, em Cincinnati, para preencher fichas de faculdade: uma para a UCLA, uma para NYU, uma para Duke. Eram as escolhas dos sonhos dela, que valeram cada centavo da taxa de inscrição. Lugares bem distantes de Walnut Hills High, onde ela nunca fora conhecida como Taga-Taga. Longe da mãe, do pai e do tio Henry.

Ela não foi aceita em nenhuma, claro. Suas notas eram completamente medíocres e suas notas do SATS foram abismais, talvez porque no dia em que fez a prova ela estava com dor em cima por conta de uma enxaqueca e dor embaixo de cólica menstrual, ambas provavelmente geradas por estresse. A única aceitação que ela teve foi da universidade do estado, o que não foi surpreendente. Ser aceita na estadual era como um *strikeout* do arremessador em um jogo de beisebol. E mesmo na estadual não houve oferta de bolsa parcial.

Seu pai e eu não podemos bancar uma universidade e você teria que pagar o empréstimo até os quarenta anos, disse Charlotte. Naquela época, devia ser verdade. *E, se repetisse, você ia ter que pagar o empréstimo de qualquer jeito*. O subtexto era que claro que Holly repetiria; a faculdade seria pressão demais para uma criança tão frágil. Charlotte não tinha encontrado Holly encolhida na banheira uma vez, se recusando a ir à escola? E olha o que aconteceu depois que ela fez o SATS! Voltou para casa, teve um ataque de choro e passou metade da noite vomitando!

Holly acabou indo trabalhar para a Mitchell Casas Finas e Imóveis e fazendo aulas na faculdade comunitária à noite. A maioria era de cursos de ciência da computação, apesar de ela ter conseguido incluir uma ou duas matérias de inglês. Tudo estava indo bem; ela vivia infeliz, mas tinha acabado aceitando a situação, como uma marca de nascença ou um pé torto. Isso até Frank Mitchell Junior, o filho do chefe, começar a incomodá-la.

— Incomodar, minha bunda! — diz Holly para a cozinha vazia. — Ele me perseguiu! Querendo sexo!

Quando ela contou à mãe uma parte do que estava acontecendo no trabalho, Charlotte a aconselhou a rir e deixar para lá. Homens eram assim mesmo, disse ela, passavam pela vida pensando com a cabeça de baixo e nunca mudavam. Conviver com eles não era agradável, mas era parte da vida; era preciso aguentar o amargo junto com o doce, o que não tem remédio remediado está, e assim por diante.

O papai não é assim, dissera Holly, ao que a mãe balançou uma das mãos em um gesto casual que dizia *claro que não é e ele não ousaria e ele que experimente*. Muita coisa para transmitir em um único gesto, mas Charlotte tinha conseguido.

O que Holly não contou para ela era que quase tinha cedido, quase tinha dado ao filho da mãe com cara de truta e olhos esbugalhados o que ele queria. *Ninguém gosta de você aqui*, disse Mitchell Junior. *Você é retraída e seu trabalho é fraco. Sem mim, você estaria ferrada. Que tal uma retribuição, hein? Acho que, quando experimentar, você vai gostar.*

Eles foram para a sala dele e Junior começou a desabotoar sua blusa. O primeiro botão... o segundo... o terceiro... e aí ela deu um tapa na cara dele, um tapão mesmo, botando toda a sua força no gesto, derrubando os óculos dele e fazendo o lábio sangrar. Ele a chamou de piranha inútil e disse que podia mandar prendê-la por agressão. Reunindo uma coragem que ela não sabia que tinha, falando com uma voz segura e fria que não se parecia com a habitual dela (que era tão baixa que as pessoas costumavam pedir que se repetisse), Holly disse que era para ele fazer aquilo mesmo e quando a polícia viesse ela ia contar que ele tinha tentado estuprá-la. E alguma coisa na cara dele, uma espécie de careta instintiva, a fez pensar que a polícia talvez acreditasse na versão dela da história, porque Frank Junior já tinha se metido em confusão. Confusão daquele tipo. De qualquer modo, foi o fim de tudo. Para ele, pelo menos. Não para Holly, que chegou cedo um dia na semana seguinte, destruiu a sala dele e então foi para o seu cubículo de merda e ficou com a cabeça apoiada na mesa. Ela teria ficado encolhida lá embaixo, mas não havia espaço.

Um mês em um “centro de tratamento” veio em seguida (os pais dela conseguiram dinheiro para isso) e três anos de terapia. A terapia acabou quando o pai morreu, mas ela continuou tomando medicamentos variados que a deixavam funcional, mas vendo o mundo como se através de papel-celofane.

O que não tem remédio remediado está: o evangelho de acordo com Charlotte Gibney.

Holly apaga o cigarro na água da torneira, lava a xícara, coloca no escorredor e sobe a escada. A primeira porta à direita é o quarto de hóspedes. Mas não de verdade. O papel de parede está errado, para começar, mas o lugar continua siniestramente parecido com o quarto em que ela morava quando adolescente em Cincinnati. Charlotte talvez acreditasse que a filha instável mental e emocionalmente acabasse se dando conta de que não tinha sido feita para viver entre pessoas que não entendiam seus problemas. Quando Holly entra, ela pensa de novo: *Exposição de museu. Deveria haver uma placa dizendo HABITAT DE UMA GAROTA TRISTE, TRISTIS PUELLA.*

De que sua mãe a amava, Holly continua não duvidando. Mas amor nem sempre é apoio. Às vezes, amar é tirar todo o apoio.

Acima da cama tem um pôster da Madonna. Prince está em uma parede, Ralph Macchio como Karate Kid na outra. Se olhasse nas prateleiras abaixo do aparelhinho de som (*Ludio Ludius*, a plaquinha diria), ela encontraria Bruce Springsteen, Van Halen, Wham, Tina Turner e, claro, o Purple One. Tudo em fita cassete. A colcha de tartã, que ela sempre odiou, está na cama. Um dia, houve uma garota que viveu entre essas coisas, olhava pela janela para a rua Bond e ouvia música e escrevia poemas em uma máquina de escrever Olivetti portátil azul. O que veio depois da máquina de escrever foi um PC Commodore com tela pequeninha.

Holly olha para baixo e vê que está segurando as etiquetas vermelhas com GUARDAR impresso nelas. Ela nem se lembra de quando as pegou.

— Estou feliz de ter vindo aqui — diz ela. — É maravilhoso demais estar em casa.

Ela vai até a cesta de lixo de Star Wars (*Bella Siderea*, a plaquinha diria; como o velho latim volta) e joga as etiquetas dentro. Depois, se senta na cama com as mãos unidas entre as coxas. Tantas lembranças ali. A pergunta é simples: enfrentar ou esquecer?

Enfrentar, claro, e não só porque ela é uma pessoa diferente agora, uma pessoa melhor, uma pessoa corajosa que enfrentou horrores nos quais a maioria

das pessoas não acreditaria. Enfrentar porque não há alternativa.

5

Depois do colapso, depois do chamado “centro de tratamento”, Holly respondeu a um anúncio de uma editora pequena que queria contratar um indexador para uma série de três tijolões sobre história local escritos por um professor da Universidade Xavier. Ela estava nervosa quando a entrevista começou, dura de medo, na verdade, mas o editor, Jim Haggerty, estava tão obviamente perdido no assunto indexação que Holly conseguiu explicar o que faria sem gaguejar e se enrolar nas próprias palavras, como aconteceu com frequência nas aulas do ensino médio. Ela disse que primeiro criaria uma concordância, depois faria um arquivo de computador, depois separaria em categorias e em ordem alfabética. Depois disso, o trabalho voltaria para o autor, que validaria, editaria e devolveria para ela para qualquer mudança final.

— Infelizmente, nós ainda não temos computador — disse Haggerty —, só algumas IBM Selectric. Mas acho que vamos ter que comprar um... a onda do futuro e tal.

— Eu tenho — disse Holly. Ela se sentou mais para a frente, tão animada pelas possibilidades que esqueceu que era uma entrevista de emprego, esqueceu Frank Junior, esqueceu de ter passado quatro anos de ensino médio sendo conhecida como Taga-Taga.

— E você o usaria pra indexação? — Haggerty pareceu surpreso.

— Sim. Veja a palavra *Erie*, por exemplo. É uma categoria, mas pode se referir ao lago, ao condado ou a todo o povo nativo americano Erie. E teria que ter referência cruzada com Nação Gato, claro, e Iroquois. Mais ainda! Eu teria que repassar o material para pegar o jeito, mas o senhor entendeu como funciona, certo? Ou, espera, pensa em Plymouth, é uma bem interessante...

Haggerty a fez parar aí e disse que o emprego era dela. *Ele reconheceu uma nerd de indexação quando a viu*, pensa Holly enquanto está sentada na cama.

Aquele primeiro emprego, uma verdadeira situação de aprender enquanto faz, levou a outros trabalhos de indexação. Ela saiu da casa na rua Bond. Comprou o primeiro carro. Melhorou o computador e fez mais aulas. Também tomou os comprimidos. Quando estava trabalhando, se sentia inteligente e perceptiva. Quando não estava, aquela sensação de viver em um saco de celofane voltava. Ela teve alguns encontros, mas foram coisas desajeitadas e constrange-

doras. O beijo de boa-noite obrigatório muitas vezes a fazia se lembrar de Frank Junior.

Quando o trabalho de indexação foi acabando (a editora dos tijolões de história faliu), Holly trabalhou em hospitais da região, que tinham uma conexão entre si, fazendo transcrições médicas. A isso ela acrescentou arquivamento de depoimentos no Fórum Distrital de Cincinnati. Havia visitas obrigatórias à casa da mãe, mais ainda depois da morte do pai. Ela ouvia a mãe reclamar de tudo, desde as finanças até os vizinhos e os democratas, que estavam estragando tudo. Às vezes, nessas visitas, Holly pensava em uma fala de um dos filmes da série *O poderoso chefão*: *Quando eu penso que estou fora, me puxam de volta*. No Natal, ela e a mãe e o tio Henry se sentavam no sofá e viam *A felicidade não se compra*. Holly usava o gorro de Papai Noel.

6

Hora de ir.

Holly se levanta, vai sair do quarto, ouve a voz imperativa da mãe (*Deixa como você o encontrou. Quantas vezes eu já te falei?*) e volta para esticar a colcha de tartã. Para quem? Uma mulher que está morta? É uma daquelas situações em que se ri ou se chora, então Holly ri.

Eu ainda a ouço. Vou ouvir para sempre?

A resposta é sim. Até hoje ela não lambe cobertura das pás do bolo (você pode pegar tétano), lava as mãos depois de mexer em dinheiro (*não tem nada mais cheio de germes do que uma nota de dólar*), não come laranja à noite e nunca se senta em um banheiro público a não ser que seja absolutamente necessário, e sempre com um frisson de horror.

Nunca fale com homens estranhos era outro. Um conselho que Holly seguiu até conhecer Bill Hodges e Jerome Robinson, quando tudo mudou.

Ela vai na direção da escada, pensa no conselho que deu a Jerome sobre Vera Steinman e segue o corredor até o quarto da mãe. Não tem nada que ela queira lá, nem as fotos emolduradas na parede, nem o amontoado de perfumes na cômoda, nem as roupas e sapatos no armário, mas tem coisas das quais ela deveria se livrar. Estão na gaveta de cima da mesa de cabeceira ao lado da cama de Charlotte.

No caminho, ela desvia para a parede onde fotos emolduradas formam uma espécie de galeria. Não tem nenhuma do falecido (e não muito lamentado) marido de Charlotte e só uma do tio Henry. O resto são fotos de mãe e filha. Duas em particular chamam a atenção de Holly. Em uma, ela tem uns quatro anos e está usando um macacão. Na outra, ela tem nove ou dez e está usando o tipo de saia que era a moda na época: uma saia envelope presa com um alfinete dourado grande. No quarto, ela não conseguiu lembrar por que odiava a colcha, mas agora, ao olhar para as fotos, ela entende. Tanto o macacão quanto a saia são de tartã; ela tinha blusas de tartã e (talvez) um suéter. Charlotte amava essa estampa, vestia Holly e exclamava: “Minha garota escocesa!”.

Nas duas fotos (em quase todas), Charlotte está com um braço ao redor dos ombros de Holly. Um gesto desses, uma espécie de abraço lateral, pode ser visto como protetor ou amoroso, mas olhando para ele repetidamente, sem parar, nas fotografias em que a filha de Charlotte cresce dos dois aos dezesseis anos, Holly pensa que pode passar uma outra ideia: propriedade.

Ela vai até a mesa de cabeceira e abre a gaveta de cima. É dos tranquilizantes que ela quer se livrar, além de qualquer medicamento com receita controlada, mas ela vai levar tudo, até as multivitaminas Every Woman. Jogar na privada não dá, mas tem um Walgreens no caminho até a interestadual, e ela tem certeza de que recolherão para descartar.

Ela está usando uma calça cargo com bolsos volumosos, o que é bom; não vai precisar descer para pegar um saco grande na gaveta. Começa a enfiar os frascos nos bolsos sem olhar os rótulos, mas para. Embaixo da farmácia da mãe tem uma pilha de cadernos dos quais ela se lembra bem. O de cima tem um unicórnio na capa. Holly os pega e folheia de forma aleatória. São seus poemas. Coisas horríveis, mas cada um saído direto do coração.

*Deito-me na alcova de folhas para ver cada nuvem passar,
Penso no meu amor distante, não o verei por muitos instantes,
Só posso fechar os olhos e suspirar.*

Apesar de estar sozinha, Holly sente as bochechas ficando quentes. Essas coisas foram escritas anos antes, as obras juvenis de uma jovem sem talento, mas a mãe não só guardou, mas guardou por perto, possivelmente para ler a poesia ruim da filha antes de apagar a luz. E por que ela faria isso?

- Porque ela me amava — diz Holly, e as lágrimas começam bem na hora.
- Porque sentia a minha falta.

Se fosse só isso. Se não houvesse o choro e as reclamações pelo cretino do Daniel Hailey. Ela tinha se sentado à mesa da cozinha daquela casa em Lily Court enquanto Charlotte e Henry explicavam como foram enganados. Houve muita autopiedade. Houve *papéis de carta e planilhas*. Charlotte devia ter contado a Henry que eles precisariam convencer Holly da mentira e Henry forneceu o material. Ele a ajudou, como sempre fazia com Charlotte.

Holly pensa que, se Bill estivesse naquela reunião de família, ele teria enxergado a enganação quase na hora. (*Enganação não, golpe*, ela pensa. *Melhor chamar do que realmente foi*.) Mas Bill não estava presente. Holly deveria ter percebido, mas na época ainda era nova no jogo e, apesar da quantia impressionante sobre a qual eles estavam falando, uma quantia de sete dígitos, não se importou. Estava absorvida pelo novo amor pela investigação. Apaixonada, na verdade. Sem mencionar cega pela dor.

Se eu tivesse investigado minha própria família em vez de caçado cachorros perdidos e perseguido presidiários que fugiram do oficial de condicional, as coisas talvez tivessem sido diferentes.

E assim por diante.

Enquanto isso, o que ela vai fazer com os cadernos, aquelas relíquias constrangedoras da adolescência? Talvez guardar, talvez queimar. Vai tomar essa decisão depois que o caso de Bonnie Rae Dahl estiver resolvido ou acabar não dando em nada, como acontece com alguns casos. Mas agora...

Holly os coloca no lugar onde estavam e fecha a gaveta. Ao sair do quarto, olha para as fotos na parede de novo. Ela e a mãe em cada uma, sem sinal do pai quase sempre ausente, a maioria com o braço da mãe nos ombros dela. Seria amor, proteção ou um policial executando uma prisão? Talvez as três coisas.

Na metade da escada, com o bolso da calça cargo lotado de frascos de comprimidos, Holly tem uma ideia. Ela volta correndo para o quarto e tira a colcha da cama. Faz uma bola e a carrega para baixo.

Na sala tem uma lareira decorativa com um tronco que nunca queima porque não é um tronco de verdade. É para ser alimentada por gás, mas não funci-

ona há anos. Holly abre a colcha na lareira e vai até a cozinha buscar um saco plástico do tamanho de uma lata de lixo embaixo da pia. Ela o abre enquanto vai até o saguão, coloca todos os bonecos de porcelana no saco e os leva para a sala.

O dinheiro ainda está todo lá. Holly tem que reconhecer ao menos isso. Até o fundo dela, a parte que colocou na tal oportunidade de investimento, ainda está lá. Ela tem certeza de que a mãe comprou as joias com sua própria parte da herança, mas isso não muda o fato de que a única motivação para inventar a coisa toda era que a Achados e Perdidos fracassasse. Tivesse morte prematura. Para que Charlotte pudesse dizer *Ah, Holly. Vem morar comigo. Fica aqui um tempo. Fica pra sempre.*

E ela tinha deixado uma carta? Uma explicação? Justificativas pelo que tinha feito? Não. Se ela tivesse deixado uma carta com Emerson, ele teria lhe dado. Tudo dói, mas talvez isso doa mais do que tudo: sua mãe não sentiu necessidade de explicar ou justificar. Porque ela não tinha dúvida de que o que fez estava certo. Assim como achava que recusar a vacina da covid era certo.

Holly começa a jogar os bonecos na lareira, arremessando mesmo. Alguns não se estilhaçam, mas a maioria sim. Todos os que acertam o tronco falso.

Ela não sente tanto prazer com isso quanto esperava. Foi mais satisfatório fumar na cozinha onde fumar sempre foi proibido. No final, ela vira o resto dos bonequinhos do saco na colcha, pega alguns estilhaços que escaparam da lareira e embrulha tudo. Ouve as peças tilintando lá dentro e isso lhe dá uma espécie de prazer sombrio. Ela leva a colcha até as latas de lixo na lateral da casa e a enfia dentro de uma delas.

— Pronto — diz ela, limpando as mãos. — *Pronto.*

Ela volta para dentro de casa, mas sem intenção de andar pelos aposentos. Já viu o que precisa ver e fez o que precisa ser feito. Ela e a mãe não acertaram as contas, nunca vão acertar, mas se livrar dos bonecos de porcelana e da colcha foi um passo para se soltar daquele abraço possessivo. As únicas coisas que ela quer de Lily Court 42 são os documentos na mesa da cozinha. Ela os pega e fareja o ar. Fumaça de cigarro, fraca, mas presente.

Ótimo.

Chega de passear pelas ruas da memória; há um caso a ser investigado, uma garota desaparecida para ser encontrada.

— Uma nova milionária entra no carro e dirige até Upsala Village — diz Holly.
E ri.

8 DE FEVEREIRO DE 2021

1

Emily observa o casaco, chapéu e cachecol vermelhos de Barbara e diz:

— Que lindinha, você! Toda embrulhada como se fosse um presente de Natal!

Barbara pensa: *Que engraçado. Não tem problema nenhum uma mulher dizer uma coisa assim, mas um homem não poderia.* O marido da professora Harris, por exemplo. Ele deu uma boa olhada nela, mas não se pode dar a cartada do Me-Too por causa disso. Senão quase todos os homens teriam que ser enquadrados. Além do mais, ele é velho. Inofensivo.

— Obrigada por me receber, professora. Só vou tomar um minuto do seu tempo. Eu tinha esperanças de conseguir um favor.

— Bem, vamos ver se eu consigo fazer um pra você. Se não for sobre o Programa de Escrita, claro. Venha até a cozinha, srtá. Robinson. Eu estava fazendo chá. Quer uma xícara? É meu blend especial.

Barbara prefere café, toma litros quando está trabalhando no que seu irmão Jerome chama de Projeto Confidencial, mas quer agradar a essa mulher idosa (mas astuta, e muito), então diz sim.

Elas passam por uma sala bem equipada e entram em uma cozinha igualmente bem equipada. O fogão é um Wolf; Barbara queria ter um em casa, onde ela vai ficar só mais um pouco antes de ir para a faculdade. Ela foi aceita em Princeton. Tem uma chaleira apitando no queimador da frente.

Enquanto Barbara desenrola o cachecol e desabotoa o casaco (está quente demais para ambos, mas o visual fica muito bom: uma jovem perfeitamente arrumada), Emily coloca chá de uma lata de cerâmica em dois infusores redondos. Barbara, que nunca tomou nada diferente de chá de saquinho, observa com fascinação.

Emily verte a água e diz:

— Vamos deixar um pouco assim. Só um minutinho. É forte. — Ela apoia a bunda estreita na bancada e cruza os braços sobre um peito quase sem seios. — Agora, como eu posso te ajudar?

— Ah... é sobre Olivia Kingsbury. Eu sei que ela às vezes é mentora de poetas jovens... pelo menos, era....

— Talvez ainda seja — diz Emily —, mas eu duvido. Ela está muito velha. Você pode achar que *eu* estou velha... Não faça essa cara de incômodo, na minha idade não é preciso dourar a pílula, mas, em comparação a Livvie, eu sou jovem. Ela está com noventa e tantos anos agora, acho. Tão magra que o vento nem precisaria ser forte para levá-la, bastaria uma brisa.

Em tira os infusores das canecas e coloca uma na frente de Barbara.

— Experimenta. Mas tira o casaco primeiro, céus. E senta.

Barbara larga a pasta na mesa, tira o casaco e o pendura no encosto da cadeira. Toma um gole de chá. Tem um gosto horrível e um tom avermelhado que a faz pensar em sangue.

— O que acha? — pergunta Em, os olhos brilhando. Ela se senta na cadeira em frente a Barbara.

— É muito bom.

— Sim. É, sim. — Emily não beberica e sim toma goles grandes, embora as canecas ainda estejam soltando fumaça. Barbara acha que a garganta da mulher deve ser forrada de couro. *Talvez seja o que acontece quando se fica velha*, pensa ela. *A garganta perde as sensações. E a pessoa também deve perder a capacidade de sentir o gosto.*

— Pelo que estou vendo, você é acólita de Calíope e Erato.

— Bem, não tanto de Erato — diz Barbara e arrisca outro gole. — Eu não escrevo poemas de amor, via de regra.

Emily solta uma gargalhada de prazer.

— Uma garota com educação clássica! Que incomum e deliciosamente raro!

— Não tanto — diz Barbara, torcendo para não ter que beber a caneca toda, que parece não ter fundo. — Eu só gosto de ler. A questão é que amo o trabalho de Olivia Kingsbury. Foi o que me fez querer escrever poesia. *Certeza absoluta... Fim por fim... Rua Cardíaca...* Eu li tudo até não poder mais. — Isso não é uma metáfora; o exemplar dela de *Rua Cardíaca* caiu aos pedaços, separou-se

da lombada vagabunda da Bell College Press e se espalhou pelo chão. Ela teve que comprar um exemplar novo.

— Ela é muito boa. Ganhou vários prêmios quando era mais jovem e foi indicada para o National Book Award não muito tempo atrás. Acho que em 2017.

— Em sabe que foi em 2017 e ficou bem satisfeita quando foi Frank Bidart que ganhou. Ela nunca gostou da poesia de Olivia. — Ela mora aqui na rua, você sabe, e... aha! A imagem fica mais clara.

O marido, professor Harris também, entra.

— Vou encher o tanque da nossa carruagem recém-lavada. Quer alguma coisa, meu amor?

— Só o especial da casa — diz ela. — Você num potinho.

Ele ri, joga um beijo para ela e sai. Barbara pode não gostar do chá que foi servido (ela odeia, na verdade), mas é bom ver gente idosa que ainda se ama e faz piadas bobas. Ela se vira para Emily.

— Eu não tenho coragem de ir até a casa dela e bater na porta. Mal tive pra vir aqui... quase dei meia-volta.

— Que bom que não deu. Você embeleza a casa. Tome seu chá, srta. Robinson. Ou posso te chamar de Barbara?

— Pode, claro. — Barbara toma outro gole. Ela vê que Emily já tomou metade da xícara. — A questão, professora...

— Emily. Você é Barbara, eu sou Emily.

Barbara duvida que consiga chamar essa senhora de olhos astutos pelo primeiro nome. A boca da professora Harris está sorridente e há um brilho, por assim dizer, no olhar dela, mas Barbara não tem certeza de que é um brilho de diversão. Mais de avaliação.

— Eu fui ao Departamento de Inglês da Bell e conversei com a professora Burkhart... sabe, a chefe de departamento...

— Sim, eu conheço Roz muito bem — diz Emily secamente. — Há uns vinte anos.

Barbara fica vermelha.

— Claro, sim, obviamente. Eu fui até ela pra pedir que ela me apresentasse a Olivia Kingsbury e ela disse que eu devia falar com a senhora, porque a senhora e a sra. Kingsbury eram amigas.

Livvie pode pensar que somos amigas, pensa Emily, mas isso seria forçar a verdade. Forçar até arrebentar, na verdade. Mas ela assente.

— Nossas salas foram vizinhas por muitos anos e nós éramos bem parceiras. Eu tenho exemplares autografados de todos os livros dela e ela tem exemplares autografados dos meus. — Emily toma chá e ri. — Dos meus *dois*, a bem da verdade. Ela é consideravelmente mais prolífica, embora eu ache que não publicou nada nos últimos tempos. Você quer uma apresentação, então? Acho que quer mais. Você quer que ela seja sua mentora, o que é compreensível, por você ser *fã* dela e tudo o mais, mas acho que vai se decepcionar. A mente de Livvie continua afiada, ao menos que eu saiba, mas ela não está bem. Mal consegue andar.

Isso não explica por que Olivia não foi à festa de Natal do ano anterior, coisa que poderia ter feito do computador. Livvie tem computador. Mas ela (ou a mulher que trabalha para ela) não recusou a cerveja e os canapés entregues pelo elfo; ficaram felizes em receber a comida e a bebida. Emily ainda se ressentiu disso. Como Roddy diria: *Eu a marquei no meu caderninho. Com tinta preta e não azul.*

— Eu não quero mentoria — diz Barbara. Ela consegue dar outro gole de chá sem fazer careta e toca na pasta, como se para garantir que ainda está ali. — O que eu quero, a única coisa que eu quero, é que ela leia uns poemas meus. Talvez dois ou mesmo só um. Eu quero saber... — Barbara fica horrorizada ao perceber que seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu preciso saber se sou boa ou se eu estou perdendo meu tempo.

Emily continua perfeitamente imóvel, só olhando para Barbara. Que, agora que ela disse o que foi dizer, não consegue encarar a mulher mais velha. Ela olha para a bebida quente na xícara. Ainda falta tanto!

Finalmente, Emily diz:

— Me dá um.

— Um...? — Barbara realmente não entende.

— Um dos seus poemas. — Emily parece impaciente agora, como acontecia na época em que dava aula, quando encontrava alguém lerdo. Havia muitos, e ela não tinha paciência com eles. Ela estica a mão cheia de veias azuis. — Um de que você goste, mas que seja curto. Uma página ou menos.

Barbara abre a pasta, desajeitada. Ela levou doze poemas certinho e todos são curtos. Pensou que, se a sra. Kingsbury aceitasse olhar (um tiro no escuro, Barbara sabe), ela não ia querer olhar nada como “Ragtime, Tempo de Rag”, que tem quase dezoito páginas.

Barbara começa a dizer alguma coisa convencional como *tem certeza*, mas uma olhada para o rosto da professora Harris, principalmente para os olhos brilhantes, a convence a não ser tão tola. Não foi um pedido, mas uma exigência. Barbara abre a pasta, remexe nos poucos poemas com uma mão que não está tão firme e seleciona “Rostos mudam”. Tem a ver com certa experiência horrível do ano anterior, sobre a qual ela ainda tem pesadelos.

— Você vai ter que me dar licença um minuto — diz a professora. — Eu não leio acompanhada. É grosseria e atrapalha a concentração. Cinco minutos. — Ela se levanta para sair da cozinha com o poema de Barbara na mão e aponta para a lata ao lado do chá. — Biscoitos. Pode se servir.

Quando Barbara ouve a porta se fechar nos fundos da sala, leva a caneca até a pia e derrama quase todo o chá no ralo. Em seguida, levanta a tampa do pote de biscoitos, vê macarons e se serve de um. Ela está nervosa demais para sentir fome, mas é a coisa educada a fazer. É o que ela espera, pelo menos. O encontro todo passa uma sensação errada. Começou antes mesmo de ela entrar, com a forma como o professor Harris correu para fechar a porta esquerda da garagem, quase como se não quisesse que ela olhasse a van.

Quanto à professora Harris... Barbara nunca esperava passar da porta de entrada. Ela explicaria o que queria, perguntaria à professora Harris se ela falaria com Olivia Kingsbury e seguiria a vida. Agora, ela está sentada sozinha na cozinha de Harris, comendo um macaron que não quer e guardando o último gole de um chá horrível, pelo qual ela vai agradecer, como sua mãe ensinou.

Está mais para dez minutos quando Emily volta. Ela não deixa Barbara na expectativa quando chega; antes mesmo de se sentar, ela diz:

— Isso é muito bom. Quase extraordinário.

Barbara não sabe o que dizer.

— Você juntou uma quantidade e tanto de medo e repulsa em dezenove linhas. Tem a ver com a sua experiência como mulher negra?

— Eu... bom... — O poema não tem nada a ver com a cor de pele dela. Tem a ver com a criatura que se apresentava como Chet Ondowsky. Parecia humana, mas não era. Teria matado-a se não fossem Holly e Jerome.

— Eu retiro a pergunta — diz Emily. — O poema que tem que falar, não a poeta, e o seu fala claramente. Eu só fiquei surpresa. Estava esperando uma coisa mais insípida, considerando a sua idade.

— Minha nossa — diz Barbara, canalizando a mãe. — Obrigada.

Emily vai até o lado de Barbara da mesa e coloca o poema em cima da pasta. De perto, ela tem um cheiro de canela de que Barbara não gosta. Se for perfume, talvez devesse tentar outra marca. Só que Barbara não acha que seja perfume, acha que é *ela*.

— Não me agradeça ainda. Esse verso não está bom. — Ela mostra o quarto verso do poema. — Não está só desajeitado, ficou banal. *Preguiçoso*. Você não pode cortá-lo, o poema já está tão breve quanto precisa ser, então você tem que trocar por alguma coisa melhor. Esses outros versos me dizem que você é capaz disso.

— Está bem — diz Barbara. — Vou pensar em alguma coisa.

— É bom. Você vai conseguir. Quanto ao último verso, o que você acharia de mudar *Esse é o jeito com que os pássaros costuram o céu no pôr do sol para É assim?* Economiza palavras. — Ela pega uma colher do lado da tigela e começa a balançá-la. — Poemas longos podem provocar sentimentos profundos, mas um curto precisa *cutucar e cutucar e pronto!* Pound, Williams, Walcott! Concorda?

— Concordo — diz Barbara. Ela provavelmente teria concordado com qualquer coisa no momento, é tudo tão *estranho*, mas com isso ela concorda mesmo. Não conhece Walcott, mas vai procurar mais tarde.

— Tudo bem. — Emily coloca a colher na mesa e se senta. — Vou falar com Livvie e dizer pra ela que você tem talento. Ela pode dizer sim, porque talento, principalmente talento jovem, sempre a anima. Se disser não, vai ser porque agora ela está doente demais para ser mentora. Você pode me dar seu número de telefone e endereço de e-mail? Eu entrego pra ela e envio uma cópia desse poema, se você não se importar. Faz aquela mudancinha, pode rabiscar mesmo, e não precisa mudar a linha ruim agora. Vou tirar uma foto com o celular. O que acha disso?

— Claro, sim. — Barbara rabisca o *Esse é o jeito* e escreve *É assim*.

— Se você não tiver notícias em uma ou duas semanas, eu talvez faça contato. Isso, claro, se quiser me considerar como... parte interessada.

Ela não usa a palavra *mentora*, mas Barbara tem certeza pela pausa que é isso que ela quer dizer, e com base em um único poema!

— Que maravilha! Muito obrigada!

— Quer um biscoito pra ir comendo no ônibus pra casa?

— Ah, eu vim andando — diz Barbara. — Eu ando muito. É um exercício bom, principalmente em dias bonitos como hoje, e me dá tempo pra pensar. Às

vezes eu vou de carro pra escola, tirei a habilitação no ano passado, mas não muito. Se estou atrasada, vou de bicicleta.

— Se você vai andando, insisto pra que leve dois.

Emily pega os biscoitos para Barbara. Barbara levanta a caneca e toma o gole final na hora em que Emily se vira.

— Obrigada, professora... Emily. O chá estava muito bom.

— Que bom que você gostou — diz Emily com o mesmo sorriso apertado. É um sorriso que sugere que ela sabe de algum segredo. — Obrigada por compar-tilhar seu trabalho.

Barbara sai com o casaco vermelho desabotoado, o cachecol vermelho pen-durado em vez de enrolado, a boina vermelha de tricô enfiada de qualquer jeito na cabeça e a máscara esquecida no bolso.

Linda, pensa Emily. Pretinha linda.

Apesar de aquela palavra (e outras) surgirem naturalmente na cabeça, se falada em voz alta mancharia a reputação dela pelo resto da vida em tempos tão puritanos. Mas ela entende e se perdoa, assim como se perdoou por certos pensamentos nada gentis sobre a falecida Ellen Craslow. Os anos formativos de Emily Dingman Harris aconteceram em uma época em que as únicas pessoas negras que se viam em filmes ou na televisão eram os empregados, em que cer-tas balas e rimas de pular corda continham palavras consideradas preconceituosas, em que sua própria mãe era a orgulhosa dona de uma primeira edição de Agatha Christie tão racista que o título do livro foi mudado de *O caso dos dez negrinhos* para *E não sobrou nenhum*.

É a minha criação, só isso. Eu não tenho culpa.

E aquela garotinha é muito talentosa. Indecentemente talentosa para uma pessoa tão jovem. Sem mencionar preta.

Quando Roddy volta da rua, Emily diz:

— Quer ver uma coisa divertida?

— Eu vivo por divertimento, querida — diz ele.

— É por ciência e nutrição que você vive, mas acho que isso vai te divertir.

Vem comigo.

Eles vão para o escritório de Emily. Foi lá que ela leu o poema de Barbara, mas não foi só isso que ela fez. Em clica em CAMS, digita a senha e seleciona a que fica escondida atrás de um painel acima da geladeira. Ela mostra uma imagem de toda a cozinha em um ângulo meio para baixo. Emily adianta para o ponto em que ela sai de lá com o poema de Barbara na mão. Ela aperta o play.

— Ela espera até me ouvir fechar a porta do escritório. Olha.

Barbara se levanta, dá uma olhada rápida em volta para ter certeza de que está sozinha e derrama o chá pelo ralo. Antes de voltar para a mesa e se sentar de novo, ela pega um macaron do pote de biscoitos.

Roddy ri.

— Isso é divertido.

— Mas não surpreendente. Eu enchi meu infusor com a erva do alto da lata, onde está fresca. O English Breakfast no fundo está lá há sei lá quanto tempo. Sete anos? Dez? Foi esse que usei pra fazer o dela, e devia estar mais forte do que o inferno. Você devia ter visto a cara dela quando deu o primeiro gole! Hahaha, maravilhoso! Agora, espera. Você vai gostar disso também.

Ela adianta o vídeo de novo. Ela e a garota discutem o poema em velocidade dobrada e Em vai até o pote de biscoitos. A garota levanta a xícara... segura na frente da boca...

— Aí! — diz Em. — Viu o que ela fez?

— Esperou que você se virasse de volta pra vê-la terminando o que acharia que era a caneca toda. Garota inteligente.

— Garota *sorrateira* — diz Em com admiração.

— Mas por que dar o chá velho pra ela?

Ela olha para ele com cara de “eu não aguento burrice”, mas é uma expressão suavizada por amor.

— Curiosidade, meu querido, simples curiosidade. Você tem curiosidade pelos seus vários experimentos em biologia aplicados a nutrição e envelhecimento; eu tenho curiosidade pela natureza humana. Essa é uma garota cheia de recursos, inteligente e bonita. E... — Ela bate de leve na testa cheia de rugas dele. — Ela tem cérebro bom. Um cérebro talentoso.

— Você não está sugerindo colocá-la na lista, está?

— Eu teria que descobrir um monte de coisas sobre ela antes de considerar algo assim. E foi pra isso que essa coisa foi feita. — Ela bate no computador. — Mas provavelmente não. Ainda assim... em uma emergência...

Ela deixa no ar.

24 DE JULHO DE 2021

1

Os dois estacionamentos do camping Kanonsionni, para os carros e para os trailers, estão cheios e que se dane a pandemia. O camping em si parece lotado. Holly dirige quatrocentos metros pela velha rodovia 17 e estaciona no acostamento. Ela liga para Lakeisha Stone, que diz que vai estar esperando no lado com sombra da loja do camping. Holly diz que está um pouco à frente na estrada, para ela esperar cinco ou dez minutos.

— Sinto muito pelo estacionamento — diz Lakeisha. — Acho que metade dos carros é nossa. Veio uma galera este ano. A maioria de nós trabalha na faculdade ou estudou lá.

— Eu não me importo — diz Holly. — A caminhada vai me fazer bem. — É verdade. Ela não consegue tirar o cheiro de pot-pourri da mãe do nariz... ou talvez seja da mente. Espera que o ar fresco o leve embora. E quem sabe as emoções ruins que ela não quer admitir também.

Ela fica pensando nos primeiros meses depois que Bill morreu. O que restou do fundo dela foi para a Achados e Perdidos, apesar dos uivos de protesto da mãe. Ela se lembra de ter rezado por clientes. Ela se lembra da ter embaralhado as contas como um jogador de blackjack sob efeito de anfetaminas, pagando o que tinha que ser pago e adiando o que podia ser adiado mesmo quando as contas vinham com AVISO FINAL carimbado de vermelho. Enquanto isso, sua mãe comprava joias.

Holly percebe que está andando tão rápido que está quase correndo e se obriga a parar. À frente está a placa do camping, um cacique nativo americano sorridente com um exuberante cocar vermelho, branco e azul segurando o que deve ser um cachimbo da paz. Holly se pergunta se as pessoas que a penduraram percebem como é bizarramente racista. Com certeza não. Elas devem

achar que o cacique fumando o cachimbo da paz é um jeito de homenagear os nativos americanos que já moraram no lago Upsala e agora vivem em reservas a quilômetros de onde caçavam no passado e...

— Para — sussurra. Ela tira um momento para fechar os olhos e murmurar uma oração. É uma das mais comumente associadas a alcoólatras em recuperação, mas é boa para muitas outras coisas e pessoas. Inclusive ela.

— Me conceda serenidade para aceitar as coisas que eu não posso mudar.

Sua mãe está morta. Os dias terríveis de insolvência iminente passaram. A Achados e Perdidos agora dá lucro. O presente é para descobrir o que aconteceu com Bonnie Rae Dahl.

Holly abre os olhos e volta a andar. Ela está quase lá.

2

Graças ao trabalho com indexação dos tijolões de história, Holly sabe que Kahnonsionni significa “maloca” na antiga língua iroquois, e há mesmo uma maloca no centro do camping. Metade é loja e metade parece ser usada para reuniões de grupos. Agora, essa segunda parte está cheia de garotos e garotas cantando “The Night They Drove Old Dixie Down” enquanto o diretor do coral (se é que o cara é isso) acompanha com uma guitarra. Não é Joan Baez, mas as vozes subindo no ar da tarde são bem doces. Tem um jogo de softball acontecendo. Uma gangue de homens está jogando ferraduras; um estrondo ecoa no ar quente de verão e um deles grita “Aprendeu, graças a Deus!”. O lago está cheio de gente nadando e brincando. As pessoas entram e saem da loja, mastigando petiscos e tomando refrigerantes. Muitas estão de camisetas do camping com o cacique fumando o cachimbo da paz. Algumas usam máscaras. Apesar de Holly estar com a dela, sente uma explosão de felicidade ao ver tanta atividade exuberante com rostos à mostra. Os Estados Unidos estão voltando, preparados ou não para a covid. Isso a preocupa, mas também dá esperanças.

Ela vai até o lado com sombra e lá está Lakeisha Stone, sentada no banco de uma mesa de piquenique cuja superfície está coberta de iniciais entalhadas. Ela está usando uma saída verde-clara por cima de um biquíni verde-escuro. Holly acha que ela tem a idade da Bonnie, talvez um ano a mais ou a menos, e é lindíssima: jovem e sexy e cheia de vitalidade. Holly acha que Bonnie também era assim. Seria bom acreditar que ainda é.

— Oi — diz ela. — Você é Lakeisha, não é? Sou Holly Gibney.

— Keisha, por favor — diz a jovem. — Comprei um Snapple pra você. Com açúcar. Espero que tudo bem.

— Maravilha — diz Holly. — Muito atencioso da sua parte. — Ela pega a garrafa, gira a tampa e se senta ao lado de Keisha. — Posso ser xereta e perguntar se você tomou vacina?

— Duas doses. Pfizer.

— Moderna — diz Holly. É o novo cumprimento. Ela tira a máscara e a segura por um momento. — Eu me sinto boba usando aqui fora, mas tive uma morte recente na família. Foi covid.

— Ah, sinto muito. Alguém próximo?

— Minha mãe — diz Holly e pensa: *Que comprou joias que não usava.*

— Que horrível. Ela tomou vacina?

— Ela não acreditava na vacina.

— Garota, que tenso. Como você está?

— Como sempre dizem nos programas de televisão, é complicado. — Holly enfia a máscara no bolso. — O que estou fazendo é me concentrar no trabalho, que é encontrar Bonnie Dahl ou descobrir o que aconteceu com ela. Não vou te manter longe dos seus amigos por muito tempo.

— Não se preocupe com isso. Eles estão jogando softball ou nadando. Eu sou péssima com a bola e passei a maior parte do dia no lago. Pode levar o tempo que quiser. — Explode uma gritaria comemorativa no jogo de softball. Keisha olha. Alguém acena para ela. Ela acena de volta e se vira para Holly. — Alguns de nós se reuniram aqui nos últimos três anos e eu estava ansiosa por isso. Desde que Bonnie desapareceu... — Ela dá de ombros. — Nem tanto.

— Você acha mesmo que ela está morta?

Keisha suspira e olha para a água. Quando olha de volta, os olhos castanhos, olhos lindos, estão cheios de lágrimas.

— O que mais pode ser? Parece que ela sumiu da face da Terra. Eu já liguei pra todo mundo em que consegui pensar, todos os nossos amigos, e claro que a mãe dela me ligou. Nada. Ela é minha melhor amiga e some sem dizer *nada*?

— A polícia a listou como desaparecida. — Claro que não é isso que Izzy Jaynes pensa. Nem Pete Huntley.

— Claro — diz Keisha, e toma um gole da garrafa de Snapple. — Você sabe sobre Maleek Dutton, né?

Holly assente.

— É um exemplo perfeito de como os megalômanos trabalham nesta cidade. O garoto foi morto por causa de uma luz de ré quebrada. Era de esperar que houvesse um pouco mais de interesse em uma garota branca, mas não.

Esse é um campo minado no qual Holly não quer pisar.

— Posso gravar nossa conversa? — Nunca chame de entrevista, disse Bill Hodges. *Policiais fazem entrevistas. A gente conversa.*

— Claro, mas eu não tenho muito mais pra contar. Ela sumiu e isso está errado. É tudo que eu sei.

Holly acha que Keisha sabe mais e, embora não espere fazer nenhuma grande descoberta ali, tem esperança. Esperança e curiosidade. Ela coloca o celular na mesa toda marcada e aperta o botão de gravar.

— Estou trabalhando pra mãe da Bonnie e estou curiosa pra saber se elas se davam bem.

Keisha começa a responder, mas para.

— Nada que você disser vai chegar na Penny. Você tem minha palavra. Eu só estou pondo uns pingos nos is.

— Tá. — Keisha olha na direção do lago com a testa franzida, suspira e olha de volta para Holly. — Elas não se davam bem e o principal motivo era que Penny ficava de olho em tudo que Bonnie fazia, se é que você me entende.

Holly entende direitinho.

— Nada que Bonnie fizesse estava certo pra mãe. Bon dizia que odiava levar a mãe de carro pra algum lugar porque Penny sempre ficava dizendo que conhecia um caminho mais curto ou com menos trânsito. Ela sempre ficava dizendo pra Bonnie acelerar, acelerar, ir pra pista da esquerda. Entende?

— Entendo.

— Além do mais, Bonnie dizia, Penny sempre ficava pisando no freio invisível do lado do passageiro ou se contraía toda se achava que Bonnie estava chegando perto demais do carro da frente. Era irritante pra caramba. Uma vez, Bonnie fez uma mecha vermelha no cabelo, ficou superfofo... pelo menos eu achei... mas a mãe disse que ela ficou parecendo uma piranha. E se ela fizesse uma tatuagem, como vivia falando em fazer...

Keisha revira os olhos. Holly ri. Ela não consegue segurar.

— Elas brigavam o tempo todo por causa do emprego na biblioteca. Penny queria que a filha trabalhasse no banco onde *ela* trabalhava. Ela dizia que o salário e os benefícios seriam bem melhores e, exceto por reuniões presenciais,

ela não teria que ficar de máscara sete horas por dia. Mas Bonnie gostava de trabalhar na biblioteca e, como eu falei, nosso grupo é legal. Todo mundo é amigo. Menos Matt Conroy. Ele é o bibliotecário-chefe e é um saco.

— É abusado? — Holly está pensando no que ouviu das outras bibliotecárias, que não estão ali hoje. — Tem mão-boba?

— Sim, mas até que ele está um pouco melhor este ano, talvez por causa daquele professor auxiliar do Departamento de Sociologia. Você não deve ter ouvido, a administração conseguiu segurar a notícia, mas nós sabemos de tudo na biblioteca. É a central das fofocas. Esse cara passou a mão na bunda de uma aluna da graduação, tinha uma testemunha e o professor foi demitido. Nessa mesma época, Matt começou a se comportar. — Ela faz uma pausa. — Se bem que ele nunca perde a oportunidade de espiar embaixo da saia de uma garota. Não é incomum, só que ele é descarado pra caralho.

— Você o imagina tendo algum envolvimento com o desaparecimento de Bonnie?

Keisha solta uma gargalhada divertida.

— Nossa, não. Ele é o que minha mãe chama de franguinho. Bonnie tem pelo menos quinze quilos a mais do que ele. Se Matt passasse a mão na bunda dela, Bon o jogaria por cima do ombro ou o empurraria na parede.

— Ela sabe judô ou alguma outra arte marcial?

— Não, nada sério, mas fez aula de defesa pessoal. Eu fiz com ela. Foi outra coisa sobre a qual a mãe dela reclamou. Chamou de gasto desnecessário. Bon não era capaz de fazer nada certo aos olhos da mãe. E quando o assunto era a vontade da sra. D. de que ela trabalhasse no banco, rolava gritaria.

— O amor não transbordava.

Keisha pensa nisso.

— Dá pra dizer isso, claro, mas ainda sobrava muito amor. Entende?

Holly pensa nos cadernos de poesia bem manuseados na gaveta da mesa de cabeceira da mãe e diz que sim.

— Keisha, Bonnie teria saído da cidade pra se afastar da mãe? Por causa de tantas críticas e reclamações, das discussões?

— Uma policial me fez a mesma pergunta — disse Keisha. — Não foi me ver, só falamos por telefone. Duas ou três perguntas e obrigada, srt. Stone, ajudou muito. Típico. A resposta à sua pergunta é de jeito nenhum. Se eu passei a ideia de que Bon e a sra. D. viviam no pescoço uma da outra, não era o que preten-

dia. Havia discussões e às vezes gritaria, mas nada físico, e elas sempre faziam as pazes. Até onde eu sei, pelo menos. O que acontecia entre elas era mais como uma pedra que não dá pra tirar do sapato.

Holly fica abalada e se pergunta se Charlotte era isso para ela: uma pedra no sapato. Ela pensa em Daniel Hailey, um ladrão que não existiu, e decide que era algo um pouco maior.

— Sra. Gibney? Holly? Ainda está aí ou está pensando na morte da bezerra?

— Keisha está sorrindo.

— Acho que estava. Você sabe se ela tinha uma reserva de dinheiro? Eu pergunto porque não houve movimentação no cartão de crédito.

— Bonnie? Não. Tudo que ela não gastava ia para o banco, e acho que talvez tivesse alguns investimentos. Ela gostava do mercado de ações, mas não era grande investidora.

— Ela não tinha roupas na sua casa? Que não estejam mais lá?

Keisha aperta os olhos.

— O que exatamente você está perguntando?

Holly é uma pessoa tímida por natureza, mas isso muda quando ela está investigando um caso.

— Vou ser direta com você. Eu estou perguntando se você está encobrindo a fuga dela. Você é a melhor amiga dela, percebo que é leal, e acho que faria isso se ela pedisse.

— Isso magoa um pouco — diz Keisha.

Holly, que está hesitante com toques desde que a covid começou, coloca a mão no braço da jovem sem nem pensar.

— Às vezes, meu trabalho envolve fazer perguntas desagradáveis. Penny e Bonnie podiam não ter um relacionamento ideal, mas a mulher está me pagando para encontrá-la porque está ficando louca.

— Tudo bem, entendi. Não, Bon não deixava roupas na minha casa. Não, ela não tinha dinheiro escondido guardado. Não, Matt Conroy não a sequestrou. Ele também andou perguntando, falou com a central de empregos da faculdade, com a segurança do campus, alguns frequentadores regulares da biblioteca. Fez a parte dele, isso eu tenho que admitir. Sabe o bilhete que ela supostamente deixou? É mentira. E deixar a bicicleta? Ela amava aquela bicicleta. Economizou pra comprar. Eu te garanto que alguém a perseguiu, sequestrou, estuprou, matou. Minha doce Bonnie.

Desta vez, as lágrimas caem e ela abaixa a cabeça.

— E o namorado? Tom Higgins. Você sabe alguma coisa sobre ele?
Keisha solta uma gargalhada áspera e olha para cima.

— Ex-namorado. Um fraco. Otário. Maconheiro. A mãe da Bonnie estava certa sobre ele, pelo menos. Definitivamente, não é do tipo que sequestra. Não faço ideia do que Bonnie viu nele. — E ela ecoa Penny: — O sexo devia ser ótimo.

Holly volta a *alguém a perseguiu*. Isso parece cada vez mais provável, o que significaria que não foi um crime de impulso. O que significa que Holly precisa olhar as filmagens do Jet Mart de novo e com muito cuidado. Mas é melhor fazer isso amanhã, com os olhos e mente renovados. Este dia está sendo longo.

— Você é detetive particular há muito tempo?

— Alguns anos — diz Holly.

— É interessante?

— Eu acho, sim. Claro que há épocas de tédio.

— É muito perigoso?

Holly pensa em certa caverna no Texas. E em uma coisa que fingia ser um homem caindo por um vão de elevador enquanto seu grito se afastava.

— Não com frequência.

— É interessante pra mim, por você ser mulher e tudo. Como você começou? Era da polícia? É que você não me parece do tipo policial.

Há outro ruído metálico do jogo de ferraduras seguido de gritos de prazer. A garotada no salão de reuniões agora está cantando “Tonight”, de *West Side Story*. As vozes jovens ecoam.

— Eu nunca fui da polícia — diz Holly. — Quanto a como eu entrei no ramo... isso também é complicado.

— Bem, espero que tenha sucesso nesse caso. Eu amo Bonnie como uma irmã e espero que você descubra o que aconteceu com ela. Mas não consigo deixar de sentir certa amargura. Bonnie tem uma mãe que está bem de vida, com um emprego bom num banco. Ela pode pagar. É errado sentir isso, eu sei que é, mas não consigo evitar.

Holly poderia dizer para Keisha que Penny Dahl provavelmente não está bem de vida, que foi colocada de licença no emprego por causa da covid e, embora talvez ainda receba um cheque do NorBank, não tem como ser salário integral. Ela poderia dizer essas coisas, mas não diz. Ela faz o que faz melhor: mantém os olhos no rosto de Keisha. Aqueles olhos dizem *me conta mais*.

Keisha conta e, na aflição ou na raiva ou ambos, perde um pouco da dicção cuidadosa de quem está falando com uma mulher branca. Não muito, só um pouco.

— O que você acha que a mãe do Maleek Dutton tem? Ela trabalha na lavanderia Adams no centro. O marido a largou. Ela tem gêmeas que vão entrar no fundamental e elas vão precisar de roupas. De material escolar também. O mais velho dela tem um emprego no Midas Muffler e ajuda com o que pode. Aí, ela perde Maleek. Um tiro na cabeça, massa encefálica espalhada no saco com o almoço. E sabe aquilo que dizem, que um grande júri condenaria um sanduíche de presunto se o promotor pedisse direitinho? Não condenaram o policial que atirou no Maleek, né? Acho que ele era só creme de amendoim com geleia.

Não, mas ele *perdeu* o emprego. Holly também não diz isso porque não seria suficiente para Lakeisha Stone. Não é suficiente para Holly. E, para ser justa com Isabelle Jaynes, não foi suficiente para ela. Quanto ao policial? Deve estar trabalhando de segurança ou talvez esteja na prisão estadual, cuidando de celas em vez de ocupando uma.

Keisha fecha a mão em punho e bate de leve na superfície marcada da mesa de piquenique.

— Não teve nem processo civil. Não havia dinheiro. O *Black News* montou um fundo, mas não vai ser suficiente pra contratar um bom advogado. A velha história de sempre.

— Velha demais — murmura Holly.

Keisha balança a cabeça, como se para espairecer.

— Quanto a encontrar Bonnie, vai com o amor de Deus e meus bons desejos. Falo de coração. Encontre quem fez o que fez com ela e... você carrega arma, Holly?

— Às vezes. Quando eu preciso. — A arma é do Bill. — Não hoje.

— Bom, se o encontrar, mete bala nele. Na porra do saco, desculpe o vocabulário. Quanto a Maleek? Ninguém está procurando justiça pra *ele*. E ninguém está procurando pra Ellen Craslow também. Por que fariam isso? São só pessoas negras, sabe.

Holly é levada ao estacionamento do Dairy Whip, à conversa com os meninos. O líder, Tommy Edison, era ruivo e branco como sorvete de creme, mas o

que ele disse naquela ocasião e o que Keisha disse agora são vozes em uma harmonia de duas partes.

Querem saber qual mãe está preocupada? A do Fedido. Ela é meio doida e a polícia não faz nada porque ela é bêbada.

Ela pensa em Bill Hodges, sentado com ela um dia nos degraus da casinha dele. Bill dizendo *Às vezes o universo joga uma corda. Se ele jogar, suba. Veja o que tem no alto.*

— Quem é Ellen Craslow, Keisha?

3

Holly acende um cigarro assim que volta para o carro. Dá uma tragada (a primeira é sempre a melhor), sopra a fumaça pela janela aberta e tira o celular do bolso. Acelera para a parte final da conversa com Keisha, a parte sobre Ellen Craslow, e ouve duas vezes. Talvez Jerome estivesse certo sobre ser algo em série. Sem querer tirar conclusões precipitadas, mas existe uma espécie de padrão. Só não é sexo, idade ou cor. É localização. O parque Deerfield, a Faculdade Bell ou ambos.

Ellen Craslow era zeladora e dividia o tempo entre os prédios de Ciências da Vida e o restaurante e boteco da Faculdade Bell. O Belfry fica na Memorial Union, um ponto central aonde os alunos costumam ir quando não estão em aulas. O grupo da biblioteca de Keisha se reunia lá em intervalos, almoços e muitas vezes para tomar cerveja quando o expediente acabava. Faz sentido, porque a Biblioteca Reynolds fica perto, então acaba sendo uma caminhada rápida nos dias de inverno em que a neve e o vento vêm uivando do lago.

De acordo com Keisha, Ellen era inteligente, atraente e provavelmente lésbica, se bem que sem namorada no momento. Keisha disse que uma vez perguntou a Ellen se ela pensava em fazer umas aulas e Ellen disse que não tinha interesse.

— Ela disse que a vida era a sala de aula dela — diz Keisha no telefone de Holly. — Eu me lembro disso. Ela falou como brincadeira, mas ao mesmo tempo não. Sabe o que eu quero dizer?

Holly disse que sabia.

— Ela estava feliz com o trailerzinho dela no parque de trailers na extremidade de Lowtown, dizia que estava tudo bem pra ela, que estava feliz com o

emprego. Dizia que tinha tudo que uma garota do condado de Bibb, na Geórgia, podia querer.

Keisha se acostumou a ver Ellen varrendo o Belfry, encerando o chão no sagão do auditório Davison, em cima de uma escada trocando lâmpadas, no banheiro feminino enchendo o dispensador de toalhas de papel ou limpando pi-chações das cabines. Se estivesse sozinha, disse Keisha, ela sempre parava para conversar com Ellen e, se todas as meninas da biblioteca estivessem juntas, elas sempre abriam espaço para ela na conversa se ela não estivesse trabalhando no prédio de Ciências da Vida ou ocupada demais. Não que Ellen se sentasse com elas, mas ficava feliz em se juntar para uma conversinha ou talvez uma xícara rápida de café, que ela bebia de pé, com a mão apoiada no quadril. Keisha se lembrou que uma vez elas estavam discutindo sobre o *Entre quatro paredes*, que o clube de teatro ia montar na Davison, e Ellen disse com um sotaque da Geórgia exagerado: “Eu saco tudo dessa merda existencial. É a vida como ela é, manas”.

— Quantos anos ela tinha? — pergunta Holly no áudio do celular.

— Uns... trinta? Vinte e oito? Mais velha do que a maioria de nós, mas não muito. Ela encaixava direitinho no grupo.

Um dia, ela não estava mais lá. Depois de uma semana, Keisha achou que Ellen devia estar de férias.

— Mas eu nunca pensei muito nela. — A voz gravada parece constrangida.

— Ela estava no meu radar, mas perto da extremidade da tela, se é que você me entende.

— Não era amiga, só conhecida.

— Isso mesmo. — Voz aliviada.

Depois de um mês, mais ou menos, Keisha perguntou a Freddy Warren, o zelador-chefe da Union, se Ellen tinha sido transferida para o prédio de Ciências da Vida em tempo integral. Warren disse que não, um dia ela simplesmente não apareceu. Nem no outro. Nem nunca mais. Em um horário de almoço, Keisha e Edie Brookings passaram na central de empregos da faculdade para perguntar se alguém sabia para onde Ellen tinha ido. Ninguém sabia. A mulher com quem eles falaram disse que, se Ellen fizesse contato com Keisha, era para ela pedir o endereço. Porque Ellen nem tinha pegado o último pagamento.

— Você foi atrás? Verificou a residência dela?

Uma pausa bem longa. E Keisha disse em voz baixa:

— Não. Acho que pensei que ela não estava a fim de outro inverno no lago. Ou que tinha ido pra casa, na Geórgia.

— Quando foi isso?

— Três anos atrás. Não, menos. Foi no outono e deve ter sido perto do Dia de Ação de Graças, porque na última vez em que a vi, ou uma das últimas, não tenho certeza, tinha perus de papel nas mesas do Belfry. — Uma pausa longa. — Quando digo que ninguém a procurou, acho que isso me inclui. Não inclui?

Tem um pouco mais: Holly mostrou a Keisha a foto do brinco e Keisha também confirmou que era de Bonnie. Mas nada de substância, então Holly desliga o celular. Ela fumou o cigarro até o filtro. Apaga-o no cinzeiro portátil e na mesma hora pensa em acender outro.

Keisha não conectou Ellen Craslow a Bonnie Dahl, provavelmente porque elas desapareceram com anos de intervalo. A conexão que ela fez foi entre Ellen e Maleek Dutton, porque os dois eram negros. E ela ficou constrangida, como se contar a história sobre uma mulher que sumira de repente a tivesse feito perceber que ela não era tão diferente das pessoas, provavelmente a maioria da cidade, que não ligavam muito para um jovem negro que levou um tiro em um sinal de trânsito.

Mas havia uma diferença enorme entre um jovem morto a tiros no carro e uma conhecida que sumiu. Holly poderia ter dito isso para Keisha, mas estava absorta nos próprios pensamentos, pensamentos perturbados, para fazer mais do que agradecer a Keisha pelo tempo dela e dizer que faria contato se tivesse mais perguntas ou se o caso fosse resolvido.

Deve haver uma explicação perfeitamente racional para o desaparecimento de Ellen Craslow. O trabalho de zeladoria é uma habilidade, mas Holly acha que deve ser um emprego de alta rotatividade. Ellen pode ter se mudado para uma cidade mais quente, como Keisha disse; Phoenix ou L.A. ou San Diego. Pode ter tido vontade de rever a mãe e comer a comida dela. Mas ela não pegou o último pagamento, e Peter Steinman desapareceu na mesma época. Ellen morava em Lowtown (*na extremidade*), mas trabalhava na faculdade, que fica a uns poucos quilômetros do Dairy Whip. Menos para quem corta caminho pelo parque.

Quanto a Bonnie Rae Dahl, a bicicleta dela foi encontrada em frente a uma oficina abandonada aproximadamente entre a faculdade e o Whip.

Holly liga o carro, dá meia-volta e passa na frente do camping, onde os veranistas estão se divertindo sob o olhar benevolente do cacique fumando o cachimbo da paz.

Seria um longo trajeto até o apartamento dela na cidade, longo demais depois do dia que Holly teve. Lily Court 42 fica mais perto, mas ela não tem vontade nenhuma de passar a noite na casa da mãe morta, sentindo o cheiro do pot-pourri da mãe morta. Ela vai para um Days Inn perto da rodovia e compra no Kountry Kitchen uma refeição de frango para comer no quarto. Não levou muita de roupa, então, depois de comer, vai até uma Dollar General próxima e compra uma calcinha. A isso ela acrescenta uma camiseta extragrande para dormir com uma carinha soridente enorme na frente.

De volta ao quarto, que não é chique, embora seja confortável e o ar-condicionado nem faça muito barulho, ela liga para Barbara Robinson, com a sensação de que já incomodou o irmão dela o suficiente pelo fim de semana. Barbara é quase tão boa em obter informações pelo computador quanto a própria Holly (ela está disposta a admitir que Jerome é melhor do que as duas). Além do mais, ela quer saber como Barbara está. Holly não a viu muito no verão, embora Barbara estivesse no funeral de Charlotte pelo Zoom.

— Oi, Hol — diz Barbara. — O que está rolando? Como estão as coisas por conta da sua mãe e tal? — É a pergunta certa considerando as circunstâncias, mas Holly acha que Barbara parece distraída. É o mesmo jeito como ela responde quando está lendo um daqueles livros de fantasia enormes de que ela gosta.

— Estou bem. E você?

— Bem, bem.

— Jerome passou um aperto danado, você não achou?

— Passou? O que houve com Jerome? — Não há empolgação perceptível na voz de Barbara.

— Teve que levar uma mulher para o hospital. Ele foi fazer umas perguntas a ela pra mim e ela teve overdose de bebida e comprimidos. Ele não te contou?

— Eu não o vi. — Distraída, com certeza.

— Quanto ao que está acontecendo, eu estou procurando uma mulher desaparecida e encontrei outra durante a investigação. O nome da segunda é Ellen Craslow. Eu queria saber se você pode fuçar um pouco e ver se consegue desco-

brir qualquer coisa sobre ela. Eu mesma faria, mas o wi-fi do hotel de beira de estrada em que estou hospedada é um cocozão. Já me desconectou duas vezes.

Uma longa pausa. Depois:

— Eu estou meio ocupada, Hols. Será que Pete pode fazer isso?

Holly fica surpresa. Essa é uma garota que amava bancar a Nancy Drew, mas ao que parece não esta noite. Ou talvez, considerando o que ela enfrentou no ano passado, nunca mais.

— Você está pensando no Ondowsky? Porque não é nada do tipo.

Barbara ri, o que é um alívio.

— Não, isso já ficou pra trás, Hol. Eu só estou muito ocupada. Meio que com a corda no pescoço, se você quer saber.

— É seu projeto especial? Jerome disse que você tinha um.

— É — diz Barbara — e vou te contar em breve. Talvez até na semana que vem. Pra você, para o Jerome, para os meus pais, para os meus amigos. Eu prometo. Mas não agora. Não quero arriscar a sorte.

— Não precisa dizer mais nada. Vou falar com Pete. Vai ser algo pra ele fazer além de tirar a temperatura a cada quinze minutos.

Barbara ri.

— Ele faz isso?

— Não me surpreenderia.

— Você está mesmo bem com a sua, você sabe, a sua...

— Sim — diz Holly com firmeza. — Bem mesmo. E vou te deixar continuar o que você estava fazendo. Sem querer parecer a sua mãe, mas espero que haja preparação pra faculdade envolvida, porque não vai demorar.

— A preparação pra faculdade pode acabar sendo parte. — Barbara parece estar achando graça. — E, olha, se essa mulher for muito importante, eu posso...

— Não, não, acho que não vai ser nada.

— E está tudo bem entre nós, né?

— Sempre, Barb. Sempre.

Ela encerra a ligação se perguntando qual pode ser o projeto especial da Barbara. Escrever é o palpite de Holly, algo que está nos genes. Jim Robinson, o pai deles, passou dez anos como repórter de jornal no *Plain Dealer* de Cleveland; Jerome está escrevendo sobre o bisavô famoso. Por que não?

— Desde que você esteja feliz — murmura Holly. — Não tendo pesadelos com Chet Ondowsky.

Ela se deita na cama — confortável! — e liga para Pete.

— Se estiver se sentindo bem pra me dar uma mãozinha, eu ficaria feliz.

Pete responde com uma voz um pouco menos congestionada e rouca.

— Pra você, Hols, qualquer coisa.

É uma hipérbole e ela sabe, mas se sente quente por dentro mesmo assim.

5

Antes de desligar, Pete lembra a ela que é fim de semana e talvez não consiga o que ela quer antes de segunda, provavelmente na segunda à tarde. Holly, que trabalha o tempo todo quando está trabalhando, vê os fins de semana mais como um incômodo. Ela tem três chamadas perdidas de Penny e três mensagens na caixa postal. As mensagens dizem basicamente a mesma coisa: *onde você está, o que está acontecendo*. Ela vai ligar de volta e a atualizar, mas primeiro quer um cigarro.

Ela vira o cinzeiro portátil lotado em uma lata de lixo perto da recepção do hotel e fuma ao lado da máquina de gelo. Quando começou esse hábito horrível na adolescência, era permitido fumar em qualquer lugar, até em aviões. Holly acha que as regras novas são uma melhoria enorme. Faz a pessoa pensar no que está fazendo e como está se matando aos poucos.

Ela liga para Penny e faz um relatório de progresso que é preciso, mas está longe de ser completo. Relata uma versão da conversa com Keisha Stone que omite a parte sobre Ellen Craslow e, embora conte para Penny sobre a conversa com a Gangue do Dairy Whip, ela não menciona Pete “Fedido” Steinman. Vai falar se Craslow e Steinman acabarem tendo alguma relação com Bonnie, mas só se isso acontecer. O estado mental de Penny já está bem ruim sem que a ideia de um serial killer seja plantada na sua cabeça.

Holly tira a roupa, veste a camiseta da carinha sorridente (vai quase até os joelhos), se deita na cama e liga a televisão. Ela para de mudar de canal por um tempo para ver um musical antigo no TCM e desliga o aparelho. No banheiro, lava as mãos e escova os dentes com o dedo, repreendendo a si mesma por não ter comprado uma escova junto com a calcinha e a camiseta.

— O que não tem remédio, remediado está — murmura ela. Será que vai conseguir dormir depois de um dia tão agitado ou seus pensamentos vão se vol-

tar para a mãe enquanto ela fica deitada ouvindo o barulho dos caminhões na rodovia, um som que sempre a faz se sentir solitária? Estranhamente, ela acha que vai dormir. Holly se conhece o suficiente para entender que nunca vai ter um encerramento completo com a mãe e que as mentiras de Charlotte (*uma nova milionária entra em um bar se perguntando como a mãe pôde fazer o que fez*) podem incomodá-la por muito tempo ainda (principalmente as joias secretas), mas alguém consegue um encerramento completo? Principalmente com pai ou mãe? Holly acha que não, ela acha que encerramento é um mito, mas pelo menos teve um pouco disso esta manhã ao fumar na cozinha e quebrar os malditos bonequinhos.

Ela fica de joelhos, fecha os olhos e começa a oração como sempre faz, dizendo para Deus que é Holly... como se Deus não soubesse. Ela agradece a Deus pela viagem segura e pelos amigos. Pede a Deus para tomar conta de Penny Dahl. E também de Bonnie e Pete e Ellen se eles ainda estiverem viv...

Uma coisa cai sobre ela como uma bomba e ela abre os olhos.

Talvez não seja local ou só local.

Ela se senta na beira da cama, acende a luz e liga para Lakeisha Stone. É sábado à noite e ela espera que a ligação caia na caixa postal. Deve haver um baile na maloca ou, talvez o mais provável, Keisha e os amigos devem estar bebendo em um bar. Holly fica feliz quando Keisha atende.

— Oi, é Holly. Eu tenho mais uma pergunta rápida.

— Pode fazer quantas quiser — diz Keisha. — Estou na lavanderia do camping, olhando uma secadora cheia de toalhas girar e girar.

Por que uma mulher bonita como você está lavando roupa em um sábado à noite é uma pergunta que Holly não faz. A pergunta que ela faz é:

— Você sabe se Ellen Craslow tinha carro?

Holly espera que Keisha diga que não sabe ou não lembra, mas Keisha a surpreende.

— Não. Eu me lembro de ela dizer que tinha habilitação da Geórgia, mas tinha vencido e isso era um jeito fácil de ter problemas se ela fosse parada pela polícia. Pessoa preta dirigindo, sabe como é. Tipo o Maleek Dutton. Ela queria tirar aqui, mas ficava adiando. Porque o DMV vivia lotado, ela dizia. Ela ia e voltava de ônibus para o trabalho. Isso ajuda?

— Talvez — diz Holly. — Obrigada. Pode voltar a olhar suas toalhas...

— Ah, outra coisa — diz Keisha.

— O quê?

— Às vezes, se o tempo estivesse bom, ela não pegava o ônibus, ia até o Nor-Bank perto da casa dela.

Holly franze a testa.

— Eu não...

— Lá tem aluguel de bicicleta — diz Keisha. — Tem uma fileira do lado de fora. É só pegar a que você quer e pagar com o cartão de crédito.

6

Holly termina a oração, mas agora é só uma recitação rotineira. A mente dela está no caso. Se alguma coisa a mantiver acordada esta noite, vai ser isso, não pensar nos milhões de Charlotte. Em pensamento, ela vê o parque Deerfield, com a Ridge Road de um lado e a avenida Red Bank do outro. Ela pensa no Bellfry, na oficina vazia e no Dairy Whip. E pensa *localização, localização, localização*. E pensa que nenhum deles tinha carro.

Bem, Bonnie tinha, mas não usava para ir e voltar do trabalho. Ela ia de bicicleta. Ellen também ia de bicicleta quando não pegava o ônibus. E Pete Steinman tinha o skate.

Deitada no escuro, as mãos unidas sobre a barriga, Holly faz a si mesma a pergunta que essas duas similaridades levantam. Já passou pela mente dela antes, mas só como uma hipótese. Agora, está começando a parecer bem mais plausível. São só os que ela sabe ou tem mais?

12 DE FEVEREIRO DE 2021

1

Barbara para em frente à Ridge Road 70, uma das menores casas vitorianas na rua levemente íngreme. A temperatura caiu quinze graus desde o dia em que ela viu o professor Harris lavando o que tinha chamado (com certa grandiloquência) de carruagem, e hoje os acessórios vermelhos de inverno (casaco, cachecol, chapéu) são uma necessidade em vez de declaração de moda. Ela está novamente segurando a pasta de poemas e está morrendo de medo.

A mulher dentro desta casa é seu ídolo, na opinião de Barbara a maior poeta americana dos últimos sessenta anos. Ela *conheceu* T.S. Elliot. Correspondeu-se com Ezra Pound quando ele estava no St. Elizabeth's Hospital for the Criminally Insane. Barbara Robinson é só uma garota que nunca publicou nada, exceto alguns editoriais chatos (e sem dúvida banais) no jornal da escola.

O que ela está fazendo ali? Como ela ousa?

Emily Harris achou que o poema que tinha lido era bom: *uma quantidade e tanto de medo e repulsa em dezenove linhas*, ela disse. Até sugeriu umas correções que pareceram boas, mas Emily Harris não tinha escrito *Fim por fim* nem *Rua Cardíaca*. O que Emily Harris tinha escrito eram dois livros de crítica literária publicados pela editora da faculdade. Barbara tinha verificado on-line.

Esta manhã, depois de começar a acreditar que não teria notícias, ela recebeu um e-mail de Olivia Kingsbury.

“Eu li seu poema. Se sua agenda permitir, venha me visitar às duas da tarde de hoje, por favor. Se sua agenda não permitir, responda pelo meu endereço de e-mail. Peço desculpas por avisar tão em cima.” Estava assinado *Olivia*.

Barbara lembra a si mesma que foi convidada, que isso tem que significar *alguma coisa*, mas e se ela fizer besteira? E se não conseguir nem abrir a boca, só ficar olhando como uma pateta? Graças a Deus ela não falou para os pais nem

para Jerome aonde estava indo esta tarde. Graças a Deus ela não contou pra ning...

A porta da Ridge Road 70 se abre e uma mulher fabulosamente velha aparece, enrolada em um casaco de pele que vai até os tornozelos e apoiada em duas bengalas.

— Vai ficar parada aí, minha jovem? Entre, entre. Eu não tenho tolerância para o frio.

Sentindo-se fora do próprio corpo, *observando* a si mesma, Barbara vai até a varanda e sobe a escada. Olivia Kingsbury estica a mão frágil.

— Delicadamente, minha jovem, delicadamente. Nada de apertar.

Barbara mal toca nos dedos da velha poeta enquanto pensa uma coisa ao mesmo tempo absurda e bem clara: *Estou tocando em esplendor*.

Elas entram e percorrem um corredor curto revestido de painéis de madeira. No caminho, Olivia bate no casaco de pele imenso.

— *Faux, faux.*

— Fô? — diz Barbara, se sentindo burra.

— *Pele falsa* — diz Olivia. — Presente do meu neto. Me ajude a tirar, por favor.

Barbara puxa o casaco dos ombros da velha poeta e o dobra sobre o braço. Segura-o bem, sem querer que escorregue e caia no chão.

A sala é pequena, mobiliada com cadeiras de encosto reto e um sofá que fica na frente de uma televisão com a maior tela que Barbara já viu. Por algum motivo, ela não esperava uma televisão na casa de uma poeta.

— Deixe na cadeira, por favor — diz Olivia. — Suas coisas também. Marie vai guardar. Ela é meu braço direito. O que é muito adequado, considerando que eu sou destra. Sente-se no sofá, por favor. As cadeiras são mais fáceis para eu me levantar. Você é Barbara. A garota sobre quem Emily me mandou um e-mail. É um prazer conhecê-la. Você foi vacinada?

— Hum, sim. Johnson e Johnson.

— Que bom. A minha foi Moderna. Sente-se, sente-se.

Ainda se sentindo fora do corpo, Barbara tira o casaco e o deixa na cadeira, que já foi basicamente engolida pelo improvável casaco de pele. Ela não acredita que uma mulher tão pequena consegue usá-lo sem desabar com o peso.

— Muito obrigada por me ceder um pouco do seu tempo, sra. Kingsbury. Eu amo seu trabalho, é...

Olivia levanta uma das mãos.

— Não precisa dar ataque de *fangirl*, Barbara. Nesta sala, nós somos iguais.

Até parece, pensa Barbara, e sorri com a ideia absurda.

— Sim — diz Olivia. — *Sim*. Podemos ou não ter discussões prolíficas nesta sala, mas, se tivermos, nós duas precisamos falar como iguais. Você vai me chamar de Olivia. Isso pode ser difícil no começo, mas você vai se acostumar. E pode tirar a máscara. Se eu pegasse essa doença maldita, apesar de estarmos as duas vacinadas e morresse, seria um cadáver de ossos muito velhos.

Barbara faz o que ela mandou. Tem um botão na mesa ao lado da cadeira de Olivia. Ela o aperta e uma campainha soa dentro da casa.

— Vamos tomar chá e nos conhecer.

A ideia de tomar mais chá faz o coração de Barbara despencar.

Uma mulher jovem e magra usando uma calça mostarda e uma blusa branca lisa entra na sala. Ela está segurando uma bandeja de prata com coisas de chá e um prato de biscoitos. Oreos.

— Marie Duchamp, esta é Barbara Robinson.

— É um grande prazer te conhecer, Barbara — diz Marie. E para a velha poeta: — Você tem noventa minutos, Livvie. Aí é a hora da soneca.

Olivia mostra a língua. Marie retribui o favor. Barbara leva um susto e cai na gargalhada, e, quando as duas mulheres riem com ela, a sensação de estranheza passa quase toda. Barbara acha que isso pode dar certo. Ela vai até tomar o chá. Pelo menos as xícaras são pequenas, não como a caneca sem fundo que ela teve que enfrentar na casa dos Harris.

Quando Marie sai, Olivia diz:

— Ela é mandona, mas é boa. Sem ela, eu estaria em um lar pra idosos. Não tenho mais ninguém.

Isso Barbara sabe pelas pesquisas on-line. Olivia Kingsbury teve dois filhos com dois amantes diferentes e um neto de um desses filhos, e viveu mais do que todos. O neto que deu a ela o casaco de pele enorme morreu dois anos atrás. Se Olivia viver até o próximo verão, ela vai fazer cem anos.

— Chá de hortelã — diz Olivia. — Eu posso tomar cafeína de manhã, mas não no resto do dia. Dá arritmias ocasionais. Você serve, Barbara? Um tiquinho de creme, o de verdade, não aquele maldito desnatado, e um pouquinho de açúcar.

— Pra descer mais fácil — arrisca Barbara.

— Sim, e mais gostoso.

Barbara serve o chá para as duas e, a pedido de Olivia, pega dois Oreos. O chá está gostoso. Não tem aquele sabor forte e denso que a fez jogar escondido boa parte da infusão da professora Harris pelo ralo. Na verdade, é até delicioso. A palavra *enérgico* surge na cabeça dela.

Elas tomam chá e comem biscoitos. Olivia mastiga dois e deixa cair farelos pelo vestido, o que ignora. Ela pergunta a Barbara sobre a família, a escola, se ela pratica algum esporte (Barbara faz corrida e joga tênis) e se tem namorado (não no momento). Ela não discute escrita, e Barbara começa a achar que não vai fazer isso, que ela só foi convidada para ir lá para quebrar a monotonia de outra tarde sem ninguém com quem conversar além da mulher que trabalha para ela. Isso é uma decepção, mas não tão grande quanto Barbara poderia esperar. Olivia é perspicaz, gentilmente espirituosa e contemporânea. Tem aquela televisão de tela grande, por exemplo. E Barbara ficou surpresa pelo uso casual que fez da palavra *fangirl*, que não se esperaria dita por uma senhora idosa.

Só depois, quando estiver indo a pé para casa, atordoada, Barbara vai perceber que Olivia estava rodeando o assunto que levou Barbara ali, como se para avaliar tamanho e forma. Medindo-a. Ouvindo-a falar. De uma forma gentil e cheia de tato, Barbara foi interrogada, como se para uma entrevista de emprego.

Marie vem buscar as coisas do chá. Olivia e Barbara agradecem. Assim que ela sai, Olivia se inclina para a frente e diz:

— Me conta por que você escreve poesia. Por que quer escrever?

Barbara olha para as mãos e para a velha poeta sentada à sua frente. A velha poeta cujo rosto é pouco mais do que um crânio coberto de pele, que esqueceu ou ignorou as migalhas de Oreo no corpete do vestido, que está usando sapatos pesados de senhora e meias rosa de compressão, mas cujos olhos são brilhantes e completamente presentes. Barbara acha que são olhos ferozes. Quase coléricos.

— Porque eu não entendo o mundo. Eu quase nem vejo o mundo. Me deixa louca às vezes, e eu não estou brincando.

— Certo, e escrever poemas torna o mundo mais compreensível e menos louco?

Barbara pensa em como o rosto de Ondowsky mudou no elevador e como tudo que ela achava que entendia sobre a realidade desmoronou quando isso

aconteceu. Ela pensa em estrelas nas extremidades do universo, invisíveis, mas ardentes. Ardendo. E ri.

— Não! Menos compreensível! Mais louco! Mas quando faço... eu não sei explicar...

— Eu acho que sabe — diz a velha poeta.

Bom, talvez. Um pouco.

— Às vezes eu escrevo um verso... ou mais de um... de vez em quando um poema inteiro... e penso: “Pronto. Esse eu acertei”. E isso me deixa satisfeita. É como quando a gente tem uma coceira no meio das costas e parece que não vai dar pra alcançar, mas daí alcança por pouco, e, ah, cara, essa... essa sensação de alívio...

A velha poeta diz:

— Destruir a coceira dá alívio. Não é?

— Isso! — Barbara quase grita. — Isso! Ou é como uma infecção, um inchaço, e você... você precisa...

— Você precisa expressar o pus — diz Olivia. Ela move o polegar como uma caronista. — Não ensinam isso na faculdade, né? Não. A ideia de que o impulso criativo é uma forma de se livrar de veneno... ou uma espécie de defecação criativa... não. Ninguém ensina isso. Ninguém ousa. É visceral demais. Comum demais. Me conta um verso que você escreveu do qual ainda gosta. Que te deu essa sensação de finalmente aliviar a coceira.

Barbara pensa. Ela não está mais nervosa. Está envolvida na conversa.

— Bem, tem um verso no poema que a professora Harris mandou para a senhora do qual eu ainda gosto: *Esse é o jeito com que os pássaros costuram o céu no pôr do sol*. Não é perfeito, mas...

Olivia levanta a mão como um policial de trânsito.

— No poema que eu li, você escreveu é assim. É assim que os pássaros costuram o céu no pôr do sol.

Barbara fica impressionada. Olivia citou o verso com precisão, embora o poema não esteja na frente dela.

— Sim. Foi a professora Harris que sugeriu a mudança de *esse é o jeito* pra é assim. E eu mudei.

— Porque achou que a versão dela do verso era melhor?

Barbara começa a dizer sim, mas para. Parece uma pergunta capciosa. Não, não é bem isso, essa mulher não faz perguntas para pegar a pessoa de surpresa

(embora Barbara ache que Emily Harris talvez faça). Mas pode ser uma pergunta teste.

— Eu achei na hora, mas...

— Mas agora você não tem tanta certeza. Sabe por quê?

Barbara pensa e balança a cabeça. Se for uma pergunta teste, ela acha que não passou.

— Poderia ser porque a versão original contém palavras que continuam o ritmo do poema? Poderia ser que esse é o jeito balance e é assim faça estrondo, como uma tecla morta de piano?

— É só uma palavra... bom, duas...

— Mas, em um poema, todas as palavras contam, não é? E mesmo em versos livres, principalmente em versos livres, o ritmo está sempre lá. O batimento. Sua versão é poesia. A de Emily é prosa. Ela ofereceu ajuda com seu trabalho, Barbara?

— Acho que sim, de certa forma. Ela disse, eu acho que foi assim, que se eu não tivesse resposta sua era pra considerá-la uma parte interessada.

— Sim. Essa é a Emily que eu passei a conhecer. Emily todinha. Ela é gerencial. Começaria fazendo sugestões e seus poemas acabariam se tornando poemas dela. No mínimo colaborações. Ela é boa no que faz agora que está meio aposentada, olha amostras de escrita pra oficina de ficção, mas, como professora ou mentora, ela é como uma instrutora de direção que sempre acaba tirando o volante do aluno. Ela não consegue evitar.

Barbara morde o lábio, pensa e decide arriscar ir um pouco mais longe.

— A senhora não gosta dela?

É a vez da velha poeta pensar. Por fim, ela diz:

— Nós somos colegas.

Isso não é resposta, Barbara pensa. Ou talvez seja.

— Quando eu ensinava poesia na Bell muitos anos atrás, nós éramos vizinhas de porta no Departamento de Inglês e, quando ela deixava a porta aberta, eu às vezes ouvia as reuniões dela com os alunos. Ela nunca elevava a voz, mas muitas vezes havia uma... uma espécie de intimidação. A maioria dos adultos consegue enfrentar esse tipo de coisa, mas alunos, principalmente os ávidos para agradar, são outra história. Você gostou dela?

— Ela pareceu legal. Disposta a falar com uma garota que apareceu do nada.

— Mas Barbara está pensando no chá, no quanto era horrível.

— Ah. E você conheceu o marido dela, a outra metade daquela história de amor?

— Rapidamente. Ele estava lavando o carro. Não chegamos a conversar.

— O homem é louco — diz Olivia. Ela não parece estar com raiva, não parece estar fazendo piada. É só uma declaração direta, tipo *o céu está nublado hoje*.

— Não precisa acreditar em mim; antes de se aposentar, ele era conhecido no Departamento de Ciências da Vida como Roddy Ruidoso, o Nutricionista Maluco. Durante alguns anos antes de ele finalmente se aposentar, embora talvez ainda tenha privilégios no laboratório, não sei, ele tinha um seminário de oito semanas chamado Carne É Vida. Isso sempre me fez pensar em Renfield, de *Drácula*. Você leu? Não? Renfield é o melhor personagem. Ele fica trancado em um hospício comendo moscas e repetindo “o sangue é a vida” sem parar. Puta que pariu, estou divagando.

Barbara fica de queixo caído.

— Não fica chocada, Barbara. Ninguém escreve bem sem uma boa noção de profanidade e a capacidade de olhar a imundície. E às vezes de louvar a imundície. Eu só estou dizendo, e não por ciúme, não por possessividade, que é melhor você ficar longe dos Harris. Dela, principalmente. — Ela olha para Barbara. — Agora, se achar que sou uma velha ciumenta atacando uma antiga colega, pode falar.

— A única coisa que eu sei é que o chá dela é *horrível* — diz Barbara.

Olivia sorri.

— Vamos encerrar o assunto aqui, está bem? São seus poemas aí nessa pasta?

— Alguns. Os mais curtos.

— Lê pra mim.

— Tem certeza? — Barbara está com medo. Barbara está em êxtase.

— Claro que tenho.

As mãos dela estão tremendo quando abre a pasta, mas Olivia não vê; ela se acomodou na cadeira e fechou os olhos intensos. Barbara lê um poema chamado “Imagem dupla”. Lê um chamado “O olho de dezembro”. Lê um chamado “Grama, fim de tarde”:

A tempestade acabou. O sol volta.

O vento diz: quando eu soprar,

*mandem seus milhões de sombras
dizerem “Eternidade, eternidade”.
É isso que elas fazem.*

Depois desse, a velha poeta abre os olhos e chama Marie. A voz dela é surpreendentemente forte. Barbara pensa com consternação que deixou a desejar e vai ser acompanhada até a rua pela mulher de calça cor de mostarda.

— Você tem mais vinte minutos, Livvie — diz Marie.

Olivia ignora isso. Ela está olhando para Barbara.

— Você está tendo aulas presenciais ou por Zoom?

— Por Zoom, por enquanto — diz Barbara. Ela espera não chorar até sair dali. Achou que estava indo tão bem, essa é a questão.

— Quando você pode vir? As manhãs são melhores pra mim. Estou descansada de manhã... o mais descansada que é possível atualmente. Você consegue? Marie, pega a agenda.

Marie sai e dá a Barbara tempo de encontrar a voz.

— Eu só tenho aulas às onze.

— Supondo que você acorde cedo, é perfeito.

Via de regra, Barbara não acorda cedo, mas ela acha que isso vai mudar agora.

— Você pode vir das oito às nove? Ou nove e meia?

Marie voltou com a agenda. Ela diz:

— Nove. Nove e meia é muito tempo, Livvie.

Olivia não mostra a língua, mas faz uma cara engraçada, como a de uma criança que ouviu que precisa comer o brócolis.

— De oito às nove, então. Segunda, terça e sexta. Às quartas eu tenho os malditos médicos e às quintas a porra da mulher da fisioterapia. Aquela *harpia*.

— Eu consigo — diz Barbara. — Claro que consigo.

— Deixa os poemas que trouxe. Traz mais. Se tiver livros meus e quiser autógrafos, traz da próxima vez e vamos tirar essa baboseira do caminho logo. Eu te acompanho até a porta. — Ela pega as bengalas e começa o longo processo de se levantar. É como ver um kit de modelo sendo construído em câmera lenta. Marie se move para ajudá-la. A velha poeta a dispensa com um gesto e quase cai na cadeira por causa do movimento.

— Não precisa... — começa Barbara.

— Sim — diz Olivia. Ela parece sem fôlego. — Eu preciso. Anda comigo. Joga o casaco nos meus ombros.

— *Faux, faux* — diz Barbara sem pretender. É como ela escreve alguns versos, muitas vezes os melhores: sem pretender.

Olivia não só ri disso, ela gargalha alto. Elas andam lentamente pelo corredor curto, a velha poeta quase invisível debaixo do casaco de pele. Marie fica olhando. *Provavelmente pronta pra catar os cacos se ela cair e se estilhaçar como um vaso velho de porcelana*, pensa Barbara.

Na porta, uma daquelas mãos frágeis segura o pulso de Barbara. Em voz baixa com um leve bafo, ela diz:

— Emily perguntou se seus poemas eram sobre o que ela gosta de chamar de “experiência negra”?

— Bom... ela disse alguma coisa...

— O poema que eu vi e os que você leu não eram sobre ser negra, eram?

— Não.

A mão no pulso dela aperta mais.

— Eu vou te fazer uma pergunta, minha jovem, e você não minta pra mim.

Não ouse. Prometa.

— Eu prometo.

A velha poeta se inclina para perto e olha no rosto jovem de Barbara. Ela sussurra:

— Você entende que é boa nisso?

Barbara pensa: *Com base em três ou quatro poemas, como você sabe disso?*

Mas sussurra em resposta:

— Sim.

Ela volta para casa atordoada, pensando na última coisa que Olivia disse para ela.

— Dons são frágeis. Você nunca deve confiar o seu a pessoas que podem quebrá-lo.

Ela não diz em quem está pensando e Barbara não precisa que diga. Ela tem o que precisa e não espera voltar mais à casa dos Harris.

25 DE JULHO DE 2021

1

Holly entra no escritório e todos os móveis sumiram. Não só a mesa e as cadeiras, mas a televisão e o tapete também. Sua mãe está parada junto à janela olhando para fora, como Holly faz quando está, como diz Charlotte, *com o chapéu de pensar na cabeça*. Charlotte se vira. Seus olhos estão afundados nas órbitas e o rosto está amarelo-acinzentado. Ela está com a mesma cara da última vez que Holly falou com ela no hospital, logo antes de entrar em coma.

— Agora você pode vir pra casa — diz Charlotte.

2

Quando Holly abre os olhos, primeiro não sabe onde está, só fica aliviada de não ser no escritório vazio. Ela olha em volta e o mundo — o verdadeiro — volta ao lugar. É um quarto no segundo andar de um Days Inn, na metade do caminho de volta para a cidade. Sua mãe está morta. *Eu estou em segurança* é seu primeiro pensamento desperto.

Ela vai ao banheiro urinar e fica sentada um tempo na privada com o rosto nas mãos. É uma pessoa horrível por atribuir sua segurança à morte da mãe. As mentiras de Charlotte não mudam isso.

Holly toma um banho e veste a calcinha limpa enquanto a mãe diz que roupas novas sempre precisam ser lavadas antes de serem usadas. *Ah, Holly, você não sabe quem pode ter mexido nelas, quantas vezes já falei isso?*

Dois pedaços de papel foram enfiados por baixo da porta. Um é a conta da diária. O outro diz AVISO SOBRE O BUFÊ DE CAFÉ DA MANHÃ. Diz que, se os ocupantes do quarto estiverem vacinados, podem apreciar o bufê de café da manhã “no

“nossa agradável restaurante.” Se não estiverem, que façam a gentileza de levar uma bandeja para o quarto.

Holly nunca gostou de bufê de café da manhã de hotel de beira de estrada, mas está com fome e, como já tomou vacina, come no pequeno restaurante, onde o único outro ocupante é um homem acima do peso olhando o celular com concentração taciturna. Holly não come os ovos mexidos (ovos de bufê de café da manhã de hotel sempre são molhados demais ou passados demais) e prefere uma única panqueca borrachuda, uma tigela de papelão de Alpha-Bits e uma xícara de café ruim. Pega um doce em embalagem de celofane e come ao lado da máquina de gelo depois do primeiro cigarro do dia. De acordo com a placa de hora e temperatura na frente do banco do outro lado da rua, já está fazendo vinte e quatro graus às sete da manhã. Sua mãe está morta e o dia vai ser quente.

Holly volta para o quarto, liga a cafeteira pequena — uma xícara não vai ser suficiente, não depois daquele sonho horrível — e abre o iPad. Ela encontra o vídeo da câmera de segurança do Jet Mart e o abre. Ela gostaria que as malditas lentes da câmera não estivessem tão sujas. Ninguém pensou em limpá-las? Vai para o banheiro, fecha a porta, apaga as luzes, se senta sobre o tampo da privada e assiste à filmagem de novo, segurando o iPad a menos de dez centímetros do rosto.

Depois sai do banheiro, se serve de uma xícara de café (não tão ruim quanto o do bufê, mas quase) e bebe de pé. Aí volta, fecha a porta e assiste ao vídeo uma terceira vez.

Eram zoho4 de 1º de julho, pouco mais de três semanas antes. Lá vem Bonnie, pedalando pela avenida Red Bank da direção da faculdade, no alto da colina. Ela tira o capacete. Balança o cabelo. Coloca o capacete no selim da bicicleta que depois será encontrada abandonada na mesma avenida, implorando para ser roubada. Ela entra na loja...

Holly volta a filmagem. Ela tira o capacete, balança o cabelo e... pausa. Antes de o cabelo de Bonnie cair sobre as laterais do rosto, Holly vê um brilho dourado. Usa os dedos para ampliar a imagem e não há dúvida alguma: é um dos brincos triangulares que Holly encontrou na vegetação.

— Essa garota está morta — sussurra Holly. — Ah, meu Deus, ela está morta.

Ela reinicia o vídeo. Bonnie pega o refrigerante na geladeira, inspeciona as guloseimas, quase compra um pacote de HoHos, muda de ideia, vai até a ban-

cada. O atendente diz alguma coisa que faz os dois rirem e Holly pensa: *Essa é uma parada regular sua e ela o conhece.* Holly precisa conversar com esse atendente. Hoje mesmo, se possível.

Bonnie guarda a bebida na mochila. Diz mais alguma coisa para o atendente. Ele faz um sinal de joinha. Ela vai embora. Coloca o capacete. Sai pedalando após um último aceno rápido para o atendente. Ele levanta a mão em resposta. E só isso. O marcador de horário no pé da tela diz 20h09.

Holly se levanta, estica a mão para o interruptor de luz e se senta de novo na privada fechada. Começa o vídeo de novo, desta vez ignorando Bonnie e o atendente. Gostaria que a câmera de segurança estivesse um pouco mais baixa, mas acontece que o objetivo dela é pegar pessoas furtando, não monitorar o tráfego na avenida Red Bank. Pelo menos ela não precisa ver o trânsito colina acima, só os veículos indo na direção da oficina abandonada, onde a bicicleta foi encontrada. Ela só consegue ver a metade de baixo deles; o topo da vitrine frontal da loja corta as partes de cima.

O sequestrador de Bonnie — Holly não duvida mais de que *houve* um abridor — podia já estar na oficina, mas também é possível que a tenha seguido e depois ido se posicionar enquanto ela fazia a parada de sempre.

Fazer assim minimizaria o tempo que ele passaria estacionado esperando, pensa ela. *Menos chances de ser notado e possivelmente atrair desconfiança.*

Oito horas em uma noite no meio de semana e a via expressa desviou a maior parte do trânsito do centro. *E é por isso, pensa ela, que tantos comércios naquele trecho da Red Bank estão fechados, inclusive o posto de gasolina, o Quik-Pik e a oficina.*

Ela conta só quinze carros descendo a colina e passando pela loja, além de duas picapes e uma van. Holly volta a filmagem e olha de novo, desta vez parando quando a van passa. Bonnie está parada na frente da estante de guloseimas. O atendente está colocando cigarros em um dos buracos no display atrás do balcão.

Holly novamente aproxima a tela do rosto e usa os dedos para ampliar a tela. Malditas lentes sujas! Além do mais, a parte de cima da van está cortada pela parte de cima da vitrine da loja. Ela consegue ver a mão esquerda do motorista no volante e é uma mão branca. Quem dera isso fosse de grande ajuda, mas não é. Ela volta a imagem para o tamanho original. A van é branca e está suja ou é azul-clara. Tem uma listra na lateral, embaixo da porta do lado do motorista e

pelo corpo da van. A lista é definitivamente azul-escura. Ela se pergunta se Pete ou Jerome conseguiram dizer que modelo de van é. Acha que não, mas, se você fosse sequestrar uma jovem, uma van talvez fosse o veículo certo. Deus, se ela ao menos pudesse ver a placa!

Holly envia os vídeos para Pete e Jerome, perguntando se algum deles consegue identificar a marca da van ou pelo menos limitar as opções. O wi-fi está melhor de manhã e, antes de fazer o check-out, ela entra no site de pessoas desaparecidas da delegacia de polícia e especifica o ano de 2018. A cidade junto ao lago tem quase quatrocentos mil residentes e ela não fica surpresa de encontrar mais de cem nomes na lista. Peter Steinman está entre eles. Ellen Craslow não está, provavelmente porque ela não tinha quem registrasse seu desaparecimento; Keisha só imaginou que ela tinha largado o emprego para voltar para a Geórgia. Ao lado do nome de cinco almas que foram registradas como desaparecidas está a data em que foram encontradas, junto com uma palavra: FALECIDA.

3

No trajeto de volta à cidade, Holly fica incomodada com a calcinha da Dollar General, que é nova, mas não foi lavada, e passa por sua cabeça que a mãe não está morta de verdade nem vai estar até a própria Holly morrer. Ela pega a saída de Ridgeland, verifica as anotações no iPad em um sinal vermelho e dirige até a avenida Eastland, que não fica longe da Faculdade Bell. Não passa despercebido que o caso de Bonnie sempre a leva de volta para a área da faculdade.

No lado sul da colina ficam as casas vitorianas portentosas que vão até o parque; deste lado ficam as moradias de estudantes, a maioria casas de três andares divididas em apartamentos. Algumas foram bem conservadas, mas muitas estão em mau estado, com tinta descascando e jardins malcuidados. Tem latas de cerveja vazias em alguns desses jardins, e em um ela vê um boneco de posto de seis metros se curvando e sacudindo e acenando os braços vermelhos compridos. Holly acha que pode ter sido furtado de uma loja de carros usados.

Ela passa por uma área comercial de dois quarteirões voltada para os estudantes da faculdade: três livrarias, duas tabacarias (uma chamada Grateful Dead), várias lanchonetes de pizza, hambúrguer e taco e pelo menos sete bares. Neste domingo quente, ainda bem antes do meio-dia, a maioria das lanchonetes está fechada e há poucos pedestres. Depois das lojas, restaurantes e bares de

subsolo, os prédios recomeçam. O gramado da Eastland 2395 não tem boneco de posto na frente, mas há pelo menos uns vinte flamingos enfiados na grama seca. Um usa uma boina amarrada com fita; a cabeça de outro está enfiada em um chapéu de caubói; um terceiro está de pé em um poço dos desejos falso.

Humor universitário, pensa Holly, e para junto ao meio-fio.

A casa à frente só tem dois andares, mas estende-se para todos os lados, como se a pessoa que a construiu não tivesse conseguido parar. Tem cinco carros espremidos na entrada de carros, os para-choques encostados lado a lado. Um sexto está na grama, que parece aos olhos de Holly cansada demais e perto da morte demais para reclamar.

Um jovem está sentado no degrau de concreto na frente, a cabeça baixa, fumando um cigarro ou baseado. Ele ergue o olhar quando Holly sai do carro (olhos azuis, barba preta, cabelo comprido) e baixa a cabeça de novo. Ela anda no meio dos flamingos, que devem ter parecido para algum jovem ou jovens o auge da sagacidade juvenaliana.

— Oi. Meu nome é Holly Gibney e eu queria saber...

— Se você for mórmon ou adventista, vai embora.

— Não sou. Por acaso você é Tom Higgins?

Ele ergue o rosto ao ouvir isso. As íris azuis brilhantes estão cercadas de vermelho.

— Não. Não sou. Vai embora. Estou com a pior ressaca do mundo. — Ele balança a mão para trás. — Todo mundo ainda está dormindo.

— Os embalos de sábado à noite seguidos da ressaca de domingo de manhã — diz Holly.

O jovem barbado ri e faz uma careta.

— Verdade, gafanhoto.

— Quer um café? Tem um Starbucks aqui na rua.

— Parece uma boa, mas acho que não consigo andar isso tudo.

— Eu dirijo.

— E você vai pagar, Dolly?

— É Holly. E, sim, eu vou pagar.

Ter um homem estranho (grande, barbado e de ressaca) no carro talvez tivesse deixado Holly tensa em outras circunstâncias, mas esse jovem, de nome Randy

Holsten, lhe parece tão perigoso quanto Pee-wee Herman, ao menos no estado atual em que se encontra. Ele abre a janela do passageiro do Prius de Holly e coloca o rosto na brisa quente, como um cachorro peludo ansioso por farejar cada aroma que passa. Isso lhe agrada. Se ele vomitar, vai ser do lado de fora e não dentro. E isso a faz pensar em Jerome dirigindo para o hospital com Vera Steinman.

O Starbucks está bem tranquilo. Vários clientes também parecem estar de ressaca, embora talvez não de forma tão severa quanto o jovem sr. Holsten. Ela compra um cappuccino duplo para ele e um americano para ela. Os dois se sentam do lado de fora, na estreita sombra do toldo. Holly abaixa a máscara. O café está bom e forte e acaba com a maldição do café do hotel que ela bebeu mais cedo. Quando Holsten começa a dar sinais de vitalidade um pouco maior, ela pergunta se Tom Higgins também está dormindo para curar a ressaca na Casa dos Flamingos.

— Não. Ele está em Las Perdas. Pelo menos até onde eu sei. Billy e Hinata foram pra L.A., mas Tom ficou. E não me surpreende.

Holly franze a testa.

— Las Perdas?

— É gíria, mana. Las Vegas. Uma cidade feita pra gente como monsieur Higgins.

— Quando ele foi pra lá?

— Em junho. Na metade do mês. E foi embora sem pagar a parte dele do aluguel. O que é bem a cara do Tom.

Holly pensa no resumo curto e brutal que Keisha fez da personalidade de Tom Higgins: *Fraco. Otário. Maconheiro.*

— Tem certeza de que foi no meio de junho? E que os outros dois foram com ele?

— Tenho. Foi depois da festa de Dia da Emancipação aqui no quarteirão. E, sim, os três foram no Mustang do Billy. Tom Tremendo é o tipo de cara que suga dos outros até não restar mais nada pra sugar. Acho que eles se tocaram. Falando em sugar dos outros, posso pedir outro desse?

— Eu pago, você vai buscar. Um pra mim também.

— Outro americano?

— Sim, por favor.

Quando ele volta com os cafés, Holly diz:

— Parece que você não gostava muito do Tom.

— Bom... eu gostava no começo. Ele tem um charme... quer dizer, a garota com quem ele estava era *muita* areia para o caminhãozinho dele. Mas o efeito passa logo. Com a mesma rapidez que um anel banhado a ouro vagabundo descasca.

— Bem colocado. Você está se sentindo melhor, né?

— Um pouco. — Holston balança a cabeça... mas delicadamente. — Nunca mais.

Até o sábado que vem, pensa Holly.

— Por que estamos aqui, afinal? Qual é seu interesse no Tom?

Holly conta para ele, mas deixa Ellen Craslow e Peter Steinman de fora. Randy Holsten escuta fascinado. Holly fica interessada ao ver a rapidez com que a vermelhidão some dos olhos dele. Quanto mais velha fica, mais a resiliência dos jovens a impressiona.

— Bonnie, é. Era o nome dela. Ela desapareceu, é?

— Desapareceu. Você a conhecia?

— Fui apresentado. Em uma festa. Talvez a tenha visto uma ou duas vezes antes disso. A festa devia ser de Ano-Novo. Ela era um arraso. Umas pernas enormes. — Holsten sacode a mão, como se tivesse encostado em algo quente.

— Tom a trouxe, mas nossa casa não era o tipo de ambiente dela, se é que você me entende.

— Ela não gostava de flamingos?

— Eles são coisa nova. Eu não a vejo desde essa festa. Ela terminou com ele, sabe. A gente conversou um pouco. Só coisa tradicional de festa, e eu acho que o término estava acontecendo naquela época. Ou prestes a acontecer. Eu estava na cozinha. Foi lá que a gente conversou. Talvez ela tenha ido fugir do barulho, talvez do Tom. Ele estava na sala, provavelmente tentando arrumar drogas.

— O que ela disse?

— Não lembro. Eu estava bastante bêbado. Mas se está pensando que ele pode ter feito alguma coisa com ela, esquece. Tom não é do tipo que confronta. Ele é mais o tipo que pede cinquenta pratas emprestado até sexta.

— E você tem certeza de que ele não voltou desde junho? — Ela fala uma versão do que disse para Keisha. — Eu só quero pôr os pingos nos is.

— Se voltou, eu não o vi. Acho que não. Como eu falei, Las Vegas é o tipo de cidade feita pra ele.

— Você tem o número dele?

Ele encontra o número no celular e Holly o acrescenta nas anotações, mas já está perto de riscar Tom Higgins da lista de possíveis suspeitos, e ele nunca esteve próximo do topo. Não que ela tenha uma lista.

— Se você ligar pra ele, vai cair em um daqueles robôs que repete o número e diz pra você deixar uma mensagem.

— Ele monitora as ligações.

— Caras como Tom fazem isso. Ele deve dinheiro, eu acho. Não só o aluguel atrasado.

— Quanto ele deve pra vocês?

— A parte dele de dois meses. Junho e julho. Quinhentos dólares.

Holly tira um cartão da bolsa e entrega para ele.

— Se pensar em alguma coisa, talvez algo que ela tenha dito quando vocês estavam conversando na festa, me liga.

— Cara, não sei. Eu estava bem doido. A única coisa de que tenho certeza é que ela era bonita. Areia demais para o caminhãozinho do Tom, como eu falei.

— Eu entendo, mas só por garantia.

— Tudo bem. — Ele guarda o cartão no bolso de trás da calça, onde Holly acha que vai ficar até ir parar na máquina de lavar roupa e sair destroçado. Randy Holsten sorri. É um charme. — Acho que Tommy estava começando a ser um tédio pra ela. Por isso o término.

Holly dá uma carona para ele até a casa larga. Ele melhorou o suficiente para ficar com a cabeça dentro do carro. Agradece pelo café, e ela pede de novo para ele ligar se lembrar de alguma coisa, mas é só protocolo. Ela tem certeza de que conseguiu tudo de Holsten que ele tem para dar, o que não é nada além de um número de telefone que provavelmente não vai resultar em nada.

Ainda assim, quando volta para a área comercial da avenida Eastland, ela para em uma vaga — há muitas — e liga para o número de Tom Higgins. Em Las Vegas é duas horas mais cedo, mas isso não é tão cedo. Vem um toque, seguido da voz robótica sobre a qual Holsten avisou. Holly se identifica, diz que Bonnie Dahl desapareceu e pede para Tommy retornar a ligação (ela o chama de sr. Higgins). Em seguida, volta para casa, toma outro banho e joga a calcinha da Dollar General na máquina de lavar.

Enquanto a máquina de lavar trabalha, Holly entra no Twitter e digita o nome Craslow. Não espera encontrar uma lista grande — não é um nome que já tenha ouvido — e só encontra uns doze resultados. Dois Craslow no Twitter têm fotos de pessoas negras, um homem e uma mulher. Outras duas mulheres são brancas. Os outros oito são silhuetas vazias ou avatares de desenho animado.

Holly usa o Facebook, o Instagram e o Twitter de forma rotineira no trabalho. Bill não lhe ensinou isso; ele era antiquado. Ela pode enviar mensagens no Twitter para as doze pessoas com nome Craslow usando um de seus vários perfis de rede social, algo simples: *Estou procurando informações sobre Ellen Craslow, do condado de Bibb, Geórgia. Se você a conhecer, responda, por favor.* Mesmo que a Craslow de quem ela espera saber mais não esteja no Twitter, sempre há a chance de que um dos doze seja um parente e que vá passar adiante a mensagem. É moleza, nada de mais, ela já fez isso um monte de vezes quando estava procurando gente desaparecida (a maioria fugitivos em liberdade condicional) e animais perdidos. Não tem motivo para não fazer agora, mas faz uma pausa e franze a testa para a lista de nomes no computador.

Por que a hesitação?

Não há nenhum motivo concreto em que ela consiga pensar, mas seu instinto manda que não faça isso. Ela decide arquivar esse passo lógico e pensar. Pode fazer isso enquanto estiver indo para o Jet Mart conversar com o atendente que falou com Bonnie.

Seu telefone toca quando ela está saindo. Ela acha que vai ser Penny, pedindo outra atualização, ou possivelmente Tom Higgins, ligando de Las Vegas, supondo que seja lá que ele esteja. Mas é Jerome e ele está empolgado.

- Você acha que alguém a sequestrou com a van, Holly. Não acha?
- Eu acho possível. Você tem alguma coisa a me dizer sobre ela?
- Olhei vários sites de carros e acho que talvez seja um Toyota Sienna. Talvez. A lente daquela câmera estava suja pra caramba...
- Eu sei.
- ... e só dá pra ver a metade de baixo. Mas não é um Chevy Express, isso eu te garanto. Pode ser um Ford, mas, se fosse a final do programa Jeopardy, eu diria que era um Sienna.
- Tudo bem, obrigada. — Não que ajude muito.
- Tinha uma coisa estranha nela.
- É mesmo? O quê?

- Não sei. Já olhei umas dez vezes e ainda não sei.
- A listra? A azul lá embaixo?
- Não, não era isso. Muitas vans têm listras. Era outra coisa.
- Bom, se descobrir, me avisa.
- Queria que a gente tivesse a placa.
- Sim — diz Holly. — Não seria ótimo?
- Holly?
- Ainda estou aqui. — Indo para o elevador.
- Eu acho que é em série. Acho mesmo.

6

Ela está saindo do estacionamento quando o celular toca de novo. A tela diz NÚMERO DESCONHECIDO. Ela para o carro e recebe a ligação. Tem certeza de que é Tom Tremendo ligando.

- Alô, aqui é Holly Gibney. Como posso ajudar?
- Tom Higgins. — Ao fundo, ela ouve ruídos eletrônicos, apitos e sinos. Sons de cassino. Qualquer suspeita de que Tom Higgins não esteja em Las Vegas some. — Você pode me ajudar contando que história é essa de Bonnie estar desaparecida.
- Só um minuto. Preciso estacionar. — Holly entra em uma vaga. Ela nunca fala no celular quando está dirigindo a não ser que não haja alternativa e acha que as pessoas que fazem isso são umas idiotas. Não é só contra a lei, é perigoso.

— Pra onde ela foi?

Holly pensa em perguntar que parte de *desaparecida* ele não entende. Mas só conta que a mãe de Bonnie a contratou e o que descobriu até ali. O que não é muito. Quando termina, há um longo momento de silêncio. Ela não se dá ao trabalho de perguntar se ele ainda está lá; os ruídos continuam.

Finalmente, ele diz:

— Eita.

Só *tem isso a oferecer?*, pensa Holly.

- Você faz alguma ideia de pra onde ela pode ter ido, sr. Higgins?
- Não. Eu terminei com ela no inverno. Ela estava pedindo... mas sem pedir, você sabe como algumas mulheres são... por um relacionamento sério, e eu já estava planejando essa viagem.

Eu soube que o término veio do outro lado é o que Holly não diz.

— Parece provável pra você que ela tenha ido embora sem falar pra ninguém?

— Pelo que você disse, ela contou pra todo mundo — diz Tom. — Ela deixou um bilhete, né?

— Sim, mas de impulso? Deixando a bicicleta pra qualquer um roubar? Ela era impulsiva assim?

— Às vezes... — A resposta cuidadosa sugere para Holly que ele está dizendo o que acha que ela quer ouvir.

— Sem levar roupas? E sem usar cartão de crédito e celular nas últimas três semanas?

— E daí? Ela deve ter ficado de saco cheio da mãe. Bonnie a odiava mortalmente.

Não de acordo com Keisha. De acordo com Keisha, o amor não transbordava entre elas, mas ainda sobrava bastante. Penny está dirigindo com a foto da filha colada no carro, afinal.

— Ela não deve ter ligado pra ninguém porque a mãe mandaria a polícia montada canadense. Ou alguém como você. Não deve ver a hora da filha voltar pra poder se meter na vida dela de novo.

Holly decide mudar de assunto.

— Está gostando de Las Vegas, sr. Higgins?

— Estou, é ótimo aqui. — A animação substitui a cautela. — É uma cidade onde as coisas acontecem.

— Parece que você está num cassino.

— Isso. No Binion's. Estou só servindo mesas, mas estou trabalhando pra ser promovido. E as gorjetas são fantásticas. Falando em trabalho, meu intervalo está quase acabando. Foi bom falar com você, sra. Gibley. Eu diria que espero que você encontre Bonnie, mas, como você está trabalhando pra Vaca Rainha, não posso fazer isso. Foi mal.

— Só mais uma coisa antes de você ir, por favor?

— Que seja rápido. Meu chefe babaca está acenando.

— Eu falei com Randy Holsten. Você deve quinhentos dólares de aluguel atrasado.

Tom ri.

— Ele pode esperar sentado.

— Quem está cobrando sou eu — diz Holly — Sei onde você trabalha. Posso mandar meu advogado ligar pra gerência e pedir que essa quantia seja descontada do seu salário. — Ela não sabe se pode mesmo fazer isso, mas a ideia parece boa. Ela sempre foi mais criativa no telefone. Mais assertiva também.

Nem cautela nem animação agora. Revolta.

— Por que você faria isso? Não trabalha pro Randy!

— Porque — diz Holly com a mesma voz afetada que usou com Jerome — você não me parece uma boa pessoa. Por vários motivos.

Um momento de silêncio, exceto por apitos e bipes. E aí:

— Digo o mesmo pra você, filha da puta.

— Tchau, sr. Higgins. Tenha um bom dia.

Holly dirige pela cidade até o Jet Mart da avenida Red Bank, sentindo-se estranhamente feliz, estranhamente leve. Ela pensa: *Uma filha da puta entra em um bar e pede um mai tai.*

Nem descobrir que o atendente que ela quer não está trabalhando atrapalha o bom humor dela. Devia ter imaginado; se o cara tem tempo de casa suficiente para conhecer Bonnie como cliente regular, não é surpreendente ter o domingo de folga. Ela descreve o homem que está procurando para o atendente atual, um jovem com um estrabismo infeliz.

— É o Emilio — diz o jovem. — Emilio Herrera. Ele vai estar aqui amanhã, das três às onze. Às onze este buraco fecha.

— Obrigada.

Holly pensa em ir até a faculdade e fazer umas perguntas sobre Ellen Craslow no Belfry e no prédio de Ciências da Vida, mas de que adiantaria? Não é só um verão no meio do verão, mas um domingo no meio do verão da covid. A Faculdade Bell de Artes e Ciências vai estar tão morta quanto Abraham Lincoln. Melhor ir para casa, colocar os pés para cima e pensar. Sobre o motivo de ela ficar hesitante de fazer contato com os Craslow do Twitter. Se a van da filmagem da câmera de segurança significa alguma coisa — às vezes um charuto é só fumo e uma van é só uma van. Se ela tropeçou ou não nos rastros de um serial killer.

Seu telefone toca. É Pete Huntley. Quando chega na garagem do prédio, ela acende um cigarro e liga para ele de volta.

- Não sei que tipo de van era — diz ele —, mas tem algo de estranho nela.
- Só que você não sabe exatamente o quê.
- É. Como sabia?
- Porque Jerome disse a mesma coisa. Por que você não fala com ele? Talvez vocês dois consigam descobrir juntos.

8

Holly não consegue dormir essa noite. Deita-se de costas, as mãos unidas entre os seios, olhando para a escuridão. Ela pensa na bicicleta de Bonnie pedindo para ser roubada. Pensa em Peter Steinman, conhecido como Fedido pelos amigos. O skate abandonado, mas devolvido para a mãe. A mãe da Bonnie está com a bicicleta? Claro que sim. Ela pensa em Keisha dizendo que o amor não transbordava, mas sobrava amor. E pensa em Ellen Craslow. É isso que a está mantendo acordada.

Ela se levanta, vai até o computador e abre o Twitter. Usando seu fake favorito, LaurenBacallFan, ela escreve para cada um dos doze Craslow perguntando se algum tem informações sobre Ellen Craslow do condado de Bibb, Geórgia. Ela faz a pergunta no tuíte mais recente de cada um. Isso acaba com a privacidade da questão, mas e daí? Nenhum deles tem mais do que doze seguidores. Isso feito, ela volta para a cama. Por um tempo, continua sem conseguir dormir, incomodada com a ideia de que foi uma aposta errada, mas como pode ser? Não mandar as mensagens é que teria sido errado. Certo?

Certo.

Finalmente, ela adormece. E sonha com a mãe.

15 DE FEVEREIRO DE 2021 — 27 DE MARÇO DE 2021

1

Barbara e Olivia Kingsbury começam os encontros. Sempre tem chá, levado por Marie Duchamp, que parece ter um suprimento infinito de camisas brancas e calças mostarda. Sempre tem biscoitos. Às vezes são de gengibre, às vezes amanteigados, às vezes Chips Ahoy, na maioria das vezes Oreos. Olivia Kingsbury gosta de Oreos. Todas as manhãs, às nove horas, Marie aparece na porta da sala e diz que está na hora de parar. Barbara coloca a mochila no ombro e vai para a escola. Ela pode fazer as aulas por Zoom em casa, mas tem permissão para usar a biblioteca, onde há menos distrações.

Em meados de março ela já está dando um beijo na bochecha de Olivia antes de ir embora.

Os pais de Barbara sabem que ela tem um projeto especial e supõem que seja na escola. Jerome acha que é em outro lugar, mas não xereta para saber detalhes. Várias vezes, Barbara chega perto de contar a eles sobre os encontros com Olivia. O que mais a segura é o projeto especial de Jerome, o livro que ele está escrevendo sobre o avô deles, um livro que vai ser publicado. Ela não quer que o irmão mais velho pense que ela o está imitando ou tentando se aproveitar do sucesso dele. Além do mais, é poesia. Parece muito fru-fru para Barbara em comparação à história robusta e bem pesquisada do irmão sobre gângsters negros na Chicago da era da Depressão. E tem mais: é uma coisa dela. Um segredo, como o diário que ela tinha no começo da adolescência, lido aos dezessete anos (o máximo que ela suportou, pelo menos) e depois queimado um dia em que todos estavam fora.

Para cada encontro, cada seminário, ela leva um poema novo. Olivia insiste. Quando Barbara diz que os novos não são bons, não estão terminados, a velha

poeta descarta as objeções com um gesto. Diz que não importa. Diz que o importante é manter o canal aberto e as palavras fluindo.

— Se você não fizer isso — diz ela —, seu canal pode acabar ficando bloqueado. E então secar.

Elas leem em voz alta... ou melhor, Barbara lê. Olivia escolhe os poemas, mas diz que precisa poupar a voz que lhe resta. Elas leem Dickey, Roethke, Plath, Moore, Bishop, Karr, Eliot, até Ogden Nash. Um dia, ela pede a Barbara para ler “Congo negro”, de Vachel Lindsay. Barbara lê e, quando termina, Olivia pergunta se ela achou o poema racista.

— Sem dúvida — diz Barbara e ri. — É racista pra caramba. “Negros gordos em uma cave de vinho”? Está de brincadeira?

— Então você não gostou.

— Não. Eu *amei*. — E solta uma risada de novo, em parte de surpresa.

— Por quê?

— O ritmo! É como pés batendo! Tum-tá, tum-tá, tum-tá, *tum*. Parece uma música que a gente não consegue tirar da cabeça, música chiclete.

— A poesia transcende raça?

— Sim!

— Transcende o racismo?

Barbara precisa pensar. Nesta sala com chá e biscoitos, ela sempre precisa pensar. Mas isso a empolga, quase a deixa exaltada. Ela nunca se sentiu mais viva do que quando está na presença dessa mulher velha e enrugada com olhos ferozes.

— Não.

— Ah.

— Mas se eu fosse capaz de escrever um poema assim sobre Maleek Dutton, eu escreveria. Só que o tum-tá seria um tiro. Ele é o garoto que...

— Eu sei quem ele era — diz Olivia e aponta para a televisão. — Por que você não tenta fazer isso?

— Porque eu não estou pronta — diz Barbara.

Olivia lê os poemas de Barbara e manda Marie fazer cópias de todos, e quando Barbara volta — nem todas as vezes, só algumas — ela manda a menina fazer uma troca ou procurar outra palavra. Sempre diz as mesmas duas coisas: “Você

não estava presente quando escreveu isto” ou “Você era a plateia e não a escritora”. Uma vez, ela diz para Barbara que ela só tem a permissão de admirar o que escreve uma vez: durante o ato da composição. “Depois disso, Barbara, você tem que ser implacável.”

Quando elas não estão conversando sobre poemas e poetas, Olivia encoraja Barbara a falar sobre a vida dela. Barbara conta sobre a infância na CMA (é como o pai dela chama a classe média alta) e que às vezes fica constrangida de ser bem tratada e às vezes com vergonha e com raiva ao mesmo tempo quando as pessoas a olham como se ela fosse invisível. Ela não só supõe que seja pela cor da pele; sabe que é. Assim como sabe que, quando está em uma loja, as pessoas que trabalham lá ficam olhando para ver se ela vai roubar alguma coisa. Ela gosta de rap e de hip-hop, mas a expressão *minha nega* a deixa incomodada. Ela acha que não devia sentir isso, até gosta de música de jovens gângsters, mas é isso que sente. Diz que aquelas palavras deviam deixar os brancos incomodados, não ela. Mas é assim.

— Conta isso. Mostra.

— Não sei como.

— Encontra uma forma. Encontra as imagens. Não em ideias, mas nas coisas, elas precisam ser coisas de verdade. Quando seu olho, seu coração e sua mente estão em harmonia.

Barbara Robinson é jovem, mal tem idade para votar, mas coisas terríveis aconteceram a ela. Ela passou por um breve período suicida. O que aconteceu com Chet Ondowsky no Natal anterior no elevador foi pior ainda; amputou o conceito dela de realidade. Ela contaria a Olivia sobre essas coisas apesar de serem fantásticas demais para se acreditar, mas, cada vez que se aproxima do assunto, quando fala que quase se jogou na frente de um caminhão em Lowtown, por exemplo, a velha poeta levanta a mão como uma policial parando o trânsito e faz que não. Ela tem permissão de falar sobre Holly, mas quando tenta contar que Holly a salvou de ser explodida em um show de rock no auditório Mingo, a mão sobe. *Pare*.

— Isso aqui não é psiquiatria — diz Olivia. — Não é terapia. É poesia, minha querida. O talento estava aí antes de coisas horríveis acontecerem a você, veio com o equipamento original, assim como o do seu irmão, mas talento é um motor morto. Ele funciona à base de todas as experiências não resolvidas, todos os traumas não resolvidos, se preferir, da sua vida. Todos os conflitos. Todos os

mistérios. Todas as partes profundas da sua personalidade que você acha não só incômodas, mas repugnantes.

Uma das mãos se levanta e forma um punho. Barbara percebe que dói para Olivia fazer isso, mas ela faz mesmo assim, fechando bem os dedos, afundando as unhas na palma da mão.

— Guarda — diz ela. — Guarda pelo tempo que puder. É o seu tesouro. Você vai usá-lo e aí vai ter que contar com a memória do êxtase que já sentiu, mas, enquanto tem, guarde. Use.

Ela não diz se os poemas novos que Barbara leva são bons ou ruins. Não na hora.

3

Em geral, é Barbara quem fala, mas em algumas ocasiões Olivia muda a dinâmica e relembra, com uma mistura de diversão e tristeza, a sociedade literária dos anos 1950 e 1960, que ela chama de “mundo que se foi”. Poetas a quem foi apresentada, poetas que conheceu, poetas que amou, poetas (e pelo menos um romancista vencedor do Pulitzer) com quem ela foi para a cama. Ela fala sobre a dor de perder o neto e como é uma das coisas sobre as quais ainda não consegue escrever.

— Parece uma pedra na minha garganta — diz ela.

Também fala sobre a longa carreira de professora, quase toda “ali na colina”, referindo-se à Faculdade Bell.

Um dia em março, quando Olivia está falando sobre a residência de seis semanas de Sharon Olds e como foi maravilhosa, Barbara pergunta sobre a oficina de poesia.

— Não havia de ficção e de poesia? Como em Iowa?

— Exatamente como em Iowa — concorda Olivia. Sua boca se aperta em uma cama de rugas, como se tivesse sentido um gosto desagradável.

— Não havia candidatos suficientes para mantê-la?

— Havia muitos candidatos. Não tantos quanto pra oficina de ficção, claro, e sempre dava prejuízo, mas como a oficina de ficção tinha lucro, as duas se equilibravam. — As rugas na boca ficam mais fundas. — Foi Emily Harris que pediu que fosse fechada. Ela observou que, se fosse, poderíamos não só atrair mais escritores de ficção de destaque, mas aumentar consideravelmente o orçamento

geral do Departamento de Inglês. Houve protestos, mas o ponto de vista de Emily se propagou, embora eu ache que ela já era emérita na época.

— Que pena.

— É mesmo. Eu argumentei que o prestígio da Oficina de Poesia da Bell fazia diferença, e Jorge... eu gostava daquele homem, sabe. Ele disse que era parte da nossa responsabilidade. “Nós precisamos carregar a tocha”, disse ele. Isso fez Emily sorrir. Ela tem um sorriso especial para essas ocasiões. É pequeno, não mostra os dentes, mas de certa forma é afiado como uma navalha. Ela disse: “Nossa responsabilidade é maior do que alguns pretensos poetas, querido Jorge”. Não que ele fosse seu querido. Ela nunca gostou dele e acho que deve ter ficado feliz da vida quando ele deu no pé. Deve ter se ressentido até de ele ter ido àquela reunião. — Ela faz uma pausa. — Eu o convidei, na verdade.

— Quem era Jorge? Outro professor?

— Jorge Castro era nosso escritor de ficção residente no ano acadêmico de 2010-2011 e por parte de 2012. Até, como eu falei, ele dar no pé.

— Ele escreveu *A cidade esquecida*? Está na nossa lista de leituras de verão.

— Não que Barbara planeje ler; ela vai terminar o ensino médio em junho.

— Sim. É um bom livro. Os três romances dele são bons, mas acho que esse é o melhor. Ele era apaixonado pelas virtudes da poesia, mas não pôde votar quando chegou a época. Não era professor, sabe.

— O que a senhora quer dizer com deu no pé?

— É uma história estranha, triste e bem misteriosa. Não tem nada a ver com o assunto que você veio discutir aqui; se Jorge escrevia poesia, eu nunca vi. Mas posso te contar se você quiser saber.

— Por favor.

Marie entra nessa hora e diz para Olivia e Barbara que está na hora. A velha poeta levanta a mão naquele gesto de *pare*.

— Mais cinco minutos, por favor — diz ela.

E conta para Barbara a história do estranho desaparecimento de Jorge Castro em outubro de 2012.

No último sábado de março, o telefone de Barbara toca quando ela está na sala lendo *A cidade esquecida*, de Jorge Castro. É Olivia Kingsbury.

— Acho que eu te devo desculpas, Barbara. Eu cometi um erro terrível. Você vai decidir. Pode vir me ver?

26 DE JULHO DE 2021

1

Holly acorda com o sol. Ela come uma tigela de aveia com frutas, vai até o computador e abre o Twitter. Chegou uma resposta da investigação sobre Craslow. Elmer Craslow (torcedor dos Eagles, adepto do MAGA, Cria de Nyack!) diz que nunca ouviu falar de Ellen Craslow, do condado de Bibb, Geórgia. Holly não fica muito decepcionada. Ela tem mais onze chances. No beisebol, três strikes e você está fora.

Quando ela está calçando os tênis e se preparando para a caminhada matinal (é quando ela pensa melhor), o telefone toca. É Jerome e ele está empolgado. Com a voz meio abafada pela máscara que está usando, ele diz que está em um Uber, a caminho do aeroporto. Vai para Nova York.

Holly fica alarmada.

— De avião?

— É assim que se costuma viajar por milhares de quilômetros — diz ele e ri.

— Relaxa, Hollyberry, estou com minha carteira de vacinação e vou ficar de máscara o tempo todo no avião. Estou usando agora, como você deve ter percebido.

— Por que Nova York? — Mas claro que ela sabe. — Seu livro!

— O editor me ligou ontem. Disse que podia enviar o contrato ou que eu podia ir assinar hoje e ele me daria um cheque de cem mil dólares! Ele diz que não costuma ser assim, mas que recebeu carta branca para abrir uma exceção. Não é louco?

— É louco e maravilhoso, desde que você não fique doente.

— De acordo com os números, Nova York está mais segura do que a nossa cidade, Hols. Eu não vou conseguir chegar lá para o almoço, o que é uma pena, porque o almoço com o editor é uma espécie de tradição, mas ele diz que pode-

mos nos reunir de tarde pra comer um hambúrguer e tomar uma cerveja. Minha agente vai estar lá. Eu nem a conheço fora do Zoom, outra loucura. Ele disse que antigamente teria nos levado para o Four Seasons, mas que o melhor que consegue agora é o Blarney Stone. E pra mim está ótimo.

Ele está tagarelando, mas Holly não se incomoda. Só se incomoda com a ideia de ele viajar de avião, onde o ar é reciclado e qualquer um pode ter covid, mas não dá para não ficar feliz da vida com a felicidade dele. *Uma viagem inesperada para Nova York no verão da covid*, pensa ela. *É bom ser jovem e hoje é bom ser Jerome.*

— Divirta-se e, o que quer que faça, não perca o cheque.

— Minha agente vai cuidar disso — diz ele. — Uhuuu, isso é irado demais! Estamos quase no terminal, Hollyberry.

— Bom voo e, quando chegar ao restaurante, sente do lado de for...

— Sim, mãe. Mais uma coisa enquanto estou aqui com você. Eu imprimi um MapQuest do parque Deerfield e da área em volta. Marquei de vermelho os lugares onde Bonnie e Pete Steinman foram vistos pela última vez. Não sabemos sobre Ellen Craslow, mas sabemos que ela trabalhava no campus, então eu marquei a Union. Barbara pode te entregar, se você quiser. Eu deixei na minha mesa.

— Eu conheço os locais — diz Holly com certa aspereza. Ela pensa no tio Henry dizendo *A cegonha não me largou aqui ontem*.

— É, mas ver é sinistro. Você precisa descobrir se teve outros. Chegamos. Eu tenho que ir.

— Quando você volta?

— Talvez fique uns dois dias ou talvez volte amanhã.

— Se estiver pensando na Broadway, as peças estão fech...

— Tenho que ir, Hollyberry. — E, bum, sumiu.

— Odeio quando você me chama assim. — Mas ela está sorrindo. Porque ela não odeia e Jerome sabe.

Ela está caminhando quando o telefone toca de novo.

— Quem é seu papai? — pergunta Pete Huntley.

— Não é você, Pete. Mas você parece feliz. E não mais doente.

— Eu ressurgi das cinzas da covid como um novo homem — diz ele e estraga tudo com um ataque de tosse. — Quase. Eu encontrei sua garota, Holly.

Ela para.

— Você encontrou Ellen Craslow?

— Bom, não *ela*, mas consegui o último endereço dela. E a foto, que vou te mandar agorinha. Liguei para o RH da Bell assim que abriu, você não está explodindo de orgulho de mim?

— Muito. Qual é o endereço?

— Bulevar MLK 11 114. É o mais longe que dá pra chegar em Lowtown sem sair de Lowtown.

— Peter, obrigada.

— Não, é o trabalho. — Ele fala sério agora. — Você acha que tem relação, não acha? Dahl, Craslow, o garoto que Jerome estava investigando?

— Acho que *pode* ter.

— Mas não vai falar com Isabelle sobre isso, vai?

— Ainda não.

— Que bom. Vai atrás, Hol. Eu faço o que puder daqui. Ainda estou de quarentena, sabe como é.

— Sim.

— Pode me chamar de Mycroft Holmes para o seu Sherlock. Como você está em relação à sua mãe?

— Estou melhorando — diz Holly e encerra a ligação.

Cinco segundos depois, o telefone apita anunciando uma mensagem de Pete. Ela espera voltar para o apartamento para olhar a foto porque quer o iPad, com a tela maior. O que ele enviou foi a identificação de Ellen Craslow da Faculdade Bell, que ainda está válida. Só vence em outubro. A foto mostra uma mulher negra com cabelo curto. Ela não está sorrindo nem de cara amarrada, só olhando para a câmera com uma expressão tranquilamente neutra. É bonita. Holly acha que ela parece ter vinte e tantos anos ou trinta e poucos, o que se alinha ao que Keisha contou. Abaixo do nome está escrito FUNCIONÁRIA DA FACULDADE BELL DE ARTES E CIÊNCIAS.

— Onde você está, Ellen? — murmura Holly, mas o que ela está pensando é *Quem te pegou?*

Meia hora depois, ela está passando devagar pelo bulevar Martin Luther King. Deixou as lojas, igrejas, bares, lojas de conveniência e restaurantes para trás. Pete disse que o endereço era o mais longe que dava para ir em Lowtown ainda estando ali. É também o mais distante que se pode ir na cidade ainda estando nela; em pouco tempo a MLK vai virar rodovia 27. À frente, ela vê campos com vacas pastando e dois silos. Está começando a achar que Pete deve ter dado o endereço errado, apesar de o GPS dizer que ela está no caminho certo, mas aí ela chega ao parque de Trailers Elm Grove. Tem uma cerca de estacas em volta. Os trailers são limpos e bem cuidados. São de várias cores pastel, com uma área de grama na frente de cada um. Há muitos canteiros de flores. Uma pista de asfalto serpenteia entre os trailers. O GPS anuncia que ela chegou ao seu destino.

No fim da pista tem um amontoado de caixas de correspondência com números de 11 104 a 11 126. Holly dirige devagar dentro do parque de trailers, parando quando duas crianças de roupas de banho, uma branca e uma negra, correm pela pista atrás de uma bola de praia sem nem olhar. Ela tira o pé do freio e pisa de novo quando um cachorrinho amarelo vai atrás das crianças. Na frente de um trailer azul-celeste com uma foto de Barack Obama colada dentro da porta de tempestade, uma mulher de chapéu de sol para se proteger do calor crescente do dia está molhando as flores com uma lata.

No meio do parque de trailers tem uma construção verde com uma placa acima da porta que diz ADMINISTRAÇÃO. Ao lado tem outra construção verde com uma placa que diz LAVANDERIA. Uma mulher com um turbante está entrando com uma cesta de plástico cheia de roupas. Holly estaciona, coloca a máscara e entra na administração. Tem uma bancada com uma placa que diz STELLA LACEY GERENTE. Atrás da bancada, uma mulher corpulenta está jogando paciência no computador. Ela olha para Holly e diz:

- Se está procurando vaga, sinto muito. Estamos com ocupação total.
- Obrigada, mas não é isso. Meu nome é Holly Gibney. Sou investigadora particular e estou tentando localizar uma mulher.

Ao ouvir as palavras *investigadora particular*, Stella Lacey perde o interesse no jogo e fica interessada em Holly.

- É mesmo? Quem? O que ela fez?
 - Nada que eu saiba. Você a conhece?
- Holly mostra o celular. Lacey o segura perto do rosto.
- Claro. É Ellen Caslow!

— Craslow — diz Holly. — Por acaso você lembra exatamente quando ela foi embora?

— E o que te interessa?

— Eu gostaria de saber pra onde ela foi. Ela trabalhava na faculdade. A Bell, sabe?

— Eu conheço a Bell — diz Lacey com certo ressentimento, o subtexto sendo *Eu não sou burra*. — Acho que Ellen era servente lá.

— Zeladora, sim. Sra. Lacey eu só quero ter certeza de que ela está bem.

O ressentimento de Lacey — se é que foi isso mesmo e não só a imaginação de Holly — desaparece.

— Tudo bem, entendi. Você sabe qual era o trailer dela?

— O endereço que eu tenho diz 11 114.

— Certo, certo, um dos que ficam atrás da lavanderia, perto da piscininha infantil. Vou verificar. — O jogo de paciência desaparece. Uma planilha aparece no lugar. Lacey rola a tela, aperta os olhos, põe os óculos e rola a tela de novo.

— Aqui. Ellen Craslow. Ela alugou por meio ano. Pagou de julho a dezembro de 2018. E foi embora.

Ela se vira para Holly e tira os óculos.

— Lembrei agora. Phil, meu marido, segurou aquele trailer em janeiro de 2019 porque ela era uma boa inquilina. Não gritava, não brigava, não ouvia música alto, não aparecia polícia lá às duas da madrugada. Esse é o tipo de inquilino que nós preferimos e o único pra quem alugamos por períodos longos.

— Entendo.

— Nós temos gente que está aqui há muito tempo, sra. Gibley. Ora, o sr. e a sra. Cullen estão aqui eu diria que há vinte anos. Gostamos de gente mais velha, o Phil e eu. Ellen tinha só uns vinte e poucos anos, mas disse que era sosssegada e nós arriscamos. E ela cumpriu a palavra. — Ela balança a cabeça. — Nós perdemos um mês com aquele trailer. Só ficou ali, vazio. Acho que Phil estava gamadinho nela. Não que ele fosse conseguir qualquer coisa, nem se tivesse trinta em vez de sessenta anos. Acho que ela jogava no outro time, se é que você me entende.

— Entendo. — Isso também bate com a impressão de Keisha.

— Ela está mesmo desaparecida? Não só daqui?

Holly assente.

— Desde o Dia de Ação de Graças de 2018, mais ou menos.

— E só agora estão procurando por ela? Por que eu estou surpresa? É sempre assim com os negros.

— A questão é que ninguém registrou o desaparecimento — diz Holly. — Talvez ela não esteja. Era da Geórgia e pode ter ido pra casa. Estou tentando encontrar os parentes, mas acabei de começar.

— Bom, então vai que é sua. Aliás, não precisa usar essa máscara. Esse corona aí é tudo mentira.

— O que aconteceu com as coisas da Ellen, você sabe?

— Quer saber, não sei. Claro que os trailers são mobiliados, mas ela devia ter as coisas dela, né?

— Costuma ser assim — concorda Holly.

— Phil está em Akron esta semana. Numa exposição de trailers. Mas, se ela tivesse deixado um monte de coisas, ele teria me contado. Ele sempre conta. Nós temos uma boa clientela aqui, sra. Gibby, mas de vez em quando alguém meio que... — Ela levanta a mão e faz uma mímica de caminhada com os dois primeiros dedos. — Às vezes nós encontramos coisas deixadas, que vão para a igreja batista ou para a caridade. Se valerem a pena, claro.

— Quanto tempo ela ficou aqui?

Lacey coloca os óculos e abre outra planilha.

— Ela chegou em março de 2016. Dois anos e meio? É, ela devia ter coisas. Quer que eu ligue para o Phil? Mas acho que ele teria me contado.

— Seria ótimo — diz Holly. — Tem algum vizinho perto do 11 114 que se lembraria dela?

Lacey pensa.

— Quem sabe a sra. McGuire, no 11 110? Não é ao lado, mas do outro lado da piscininha. Acho que Ellen e Imani McGuire eram amigas. Lavavam roupa juntas, sabe? As mulheres conversam muito nessa hora. E ela vai estar em casa. O marido ainda trabalha meio período no pátio de veículos rebocados da cidade, mas Imani se aposentou do que quer que fizesse antes na cidade. Atualmente, ela só tricota e vê televisão. Aquela garota sabe tricotar que é uma beleza. E vende o que faz, em feiras de artesanato, essas coisas. Talvez ela saiba pra onde Ellen foi.

Não se Ellen foi sequestrada nos arredores do parque Deerfield, pensa Holly. Fica a quilômetros daqui. Mas ela vai falar com Imani McGuire. Holly é fã do herói

detetive Harry Bosch, de Michael Connelly e principalmente da máxima número um de Bosch: levanta a bunda da cadeira e vai bater em portas.

— Vou falar com Phil pra ver se ele sabe o que aconteceu com as coisas dela. Tenho quase certeza de que o trailer dela estava vazio, fora os eletrodomésticos e tal, quando a gente alugou em fevereiro de 2019. Você pode falar com os Jones, eles moram lá agora, mas os dois estão trabalhando. E por que eles saberiam de alguma coisa? Ellen já tinha ido fazia tempo quando eles se mudaram.

— Ela balança a cabeça. — Desaparecida há mais de dois anos! Que pena. Volte aqui depois, sra. Gisbury, eu vou ligar para o Phil agora.

— Obrigada.

— E pode tirar a máscara, esse é meu conselho. O corona é uma invenção pra vender travesseiros mágicos no noticiário da televisão.

4

Imani McGuire é alta e magra, com um cabelo afro tão branco que faz o alto da cabeça parecer um dente-de-leão. O trailer dela é duplo e pintado de amarelo-canário. Tem um tapete de retalhos bonito no chão da sala, círculos concêntricos de verde e canela. As paredes — com um revestimento que devia parecer madeira e não parece — estão cobertas de fotos mostrando os McGuire em vários estágios da vida. A que ocupa o lugar de honra é uma foto de casamento. O noivo está de uniforme branco da Marinha. A noiva, com um afro preto em vez de branco, é surpreendentemente parecida com Angela Davis. Imani está perfeitamente disposta a falar, mas tem uma pergunta.

— Você tomou vacina?

— Tomei.

— Duas doses?

— Sim. Da Moderna.

— Tira a máscara, então. Eu tomei minha segunda dose em abril.

Holly a tira e enfia no bolso. Tem um par de poltronas no tapete, viradas para uma televisão cuja tela não é muito maior do que a tela do iPad Pro de Holly. Por cima do braço de uma delas tem um suéter incompleto do mesmo amarelo da parte externa do trailer. Abaixo tem uma cesta cheia de meadas do mesmo amarelo.

Imani pega as agulhas e linha e coloca no colo. Na televisão, Drew Carey está citando os prêmios de *The Price Is Right*. Imani ergue o controle remoto e desli-

ga a televisão.

— Desculpe por interromper seu dia.

— Ah, não, eu adoro companhia — diz Imani. — Além do mais, já giraram a roda. É a melhor parte. Depois vem a Showcase Round, e me diz por que um velho gordo sustentado pelo governo quer duas motos e equipamento de camping. Aposto que vendem os prêmios quando ganham. Eu venderia. — As agulhas dela já estão voando e o suéter está crescendo perante os olhos de Holly.

— Isso vai ficar lindo.

— É horrível tricotar em um dia em que a temperatura vai bater os trinta, mas o tempo frio sempre chega... ou chegava, ferraram tanto o clima que é difícil saber o que vai acontecer de um ano pra outro. Mas, se a neve cair e o lago congelar, alguém vai comprar isso no bazar da igreja. Eu tenho outros guardados, além de cachecóis e luvinhas. Gанho um bom dinheiro com essas coisas, mais do que o Yardley, mas trabalhar no depósito deixa ele longe... e eu longe dele, imagino. Funciona para os dois. Cinquenta e dois anos dá uma caminhada longa do altar, tenho que dizer. E uma parte é bem difícil. Como eu posso te ajudar?

Holly conta que Keisha conhecia Ellen Craslow e que Ellen sumiu de repente; um dia estava lá, no outro não estava mais.

— Eu perguntei sobre ela para outros Craslow que estão no Twitter, mas até agora só um respondeu e não ajudou em nada.

— E nenhum dos outros vai poder ajudar, pelo que sei sobre ela. Ela foi pra qualquer lugar, menos Traverse, Geórgia. Ellen é uma fofa, sra. Gibney...

— Holly. Por favor.

Imani assente.

— Uma fofa, inteligente e forte. Ela vai dar um jeito.

— Você diz que ela não voltaria pra cidade dela, onde suponho que tenha parentes. Por quê?

— Tem família lá, sim, mas ela está morta pra eles e eles pra ela. Você não vai conseguir nada pelo Twitter.

— O que aconteceu?

Pelo que parece ser muito tempo, só há o clique das agulhas de Imani. Ela está franzindo a testa para o suéter amarelo. Aí ergue o rosto.

— Você é o tipo de investigadora que precisa manter a confidencialidade? Tipo os advogados, os padres, os médicos?

Holly acha que isso não é uma pergunta e sim um teste. Ela acha que Imani sabe. E, de qualquer modo, não importa. A honestidade é a melhor política mesmo.

— Eu tenho certo grau de privilégio, mas não tanto quanto advogados e pais. Em certas circunstâncias, eu teria que falar com a polícia ou a promotoria sobre um caso, mas elas não estão envolvidas nisso. — Holly se inclina para a frente. — O que você disser pra mim fica comigo, sra. McGuire.

— Me chama de Immi.

— Tudo bem. — Holly sorri. O sorriso dela é bom. Jerome diz que ela não o usa o suficiente.

— Eu vou acreditar na sua palavra, Holly. Porque eu gostava daquela garota. Sentia pena dela. Só quero que você saiba que eu não sou dedo-duro, nem fofoqueira de quintal.

— Anotado — diz Holly. — Posso ligar o celular e gravar isso?

— Não pode, não. — As agulhas fazem *clique-clique*. — Acho que eu não te contaria nada se você fosse homem. Nunca contei ao Yard. Mas nós, mulheres, sabemos mais do que eles. Não é?

— É, sim. Sabemos.

— Tudo bem. A Ellen, e ela era sempre Ellen, nunca Ellie, estava na lista proibida da família desde os doze ou treze anos, quando parou de comer carne e derivados de carne. Virou vegetariana total. Não, não é bem isso. Vegana. A família dela era parte de um daqueles grupos cabeça-dura, a Primeira Igreja Não Reformada de Eu Sei Tudo, e, quando ela parou de comer carne, eles citaram a Bíblia a torto e a direito. O pastor foi aconselhá-la.

Imani botou uma ênfase satírica em aconselhá-la.

— Eu mesma sou fruto de igreja radical e sei que sempre dá pra encontrar algo nas escrituras que apoie aquilo em que você acredita, e eles encontraram muitas coisas. Em Romanos diz que a pessoa fraca só come legumes e verduras. Em Deuteronômio, o Senhor promete que você comerá carne. Em Coríntios, dizem pra comer o que se vender no mercado de carnes. Ah! Eles devem ter amado essa aí em Wuhan, de onde veio essa maldita peste. Quando ela tinha catorze anos, eles a pegaram com outra garota.

— Oh-oh — diz Holly.

— Oh-oh mesmo. Ela tentou fugir, mas a levaram de volta. A família. Quer arriscar um palpite do porquê?

— Porque ela era a cruz que eles tinham que carregar — diz Holly pensando nas vezes que a mãe disse coisas parecidas, sempre iniciando com um suspiro e um *Ah, Holly*.

— Então você sabe.

— Sei, sim — diz Holly, e algo na voz dela abre a porta para o resto da história, que Imani talvez não contasse em outra circunstância.

— Quando tinha dezoito anos, ela foi estuprada. Estavam de máscara, aquelas meias na cara que as pessoas usam pra esquiar, mas ela reconheceu um pela gagueira. Era da igreja. Cantava no coral. Ellen disse que ele tinha voz boa e não gaguejava quando cantava. Desculpe.

Ela levanta uma das mãos e seca o olho esquerdo. As agulhas voltam ao voo sincronizado. Ver o sol reluzir nelas é hipnótico.

— Sabe sobre o que eles ficaram falando? Carne! Que estavam metendo carne nela, ela não estava gostando, não era bom? E não era uma coisa que não dava pra ter com outra garota? Um tentou colocar o bigulim na boca dela, ela disse, e mandou que ela comesse carne, e ela disse que ele ia ficar sem se continuasse. O garoto deu uma porrada na cabeça dela e ela passou o resto quase inconsciente. E adivinha qual foi o resultado.

Holly também sabe.

— Ela ficou grávida.

— Ficou. Foi até a clínica Planned Parenthood e resolveu tudo lá. Quando os pais dela descobriram... e eu não sei como, ela não contou... eles disseram que ela não era mais da família. Ela estava ex-co-mun-gada. O pai disse que ela era assassina, igual a Caim, do Gênesis, e mandou que ela fosse pra onde Caim foi, para o leste do Éden. Mas Traverse, Geórgia, não era o Éden para Ellen, era o mais longe que havia disso, e ela não foi para o leste. Ela foi para o norte. Fez dez anos de trabalho braçal e acabou aqui, na faculdade.

Holly fica em silêncio, olhando as agulhas. Passa pela sua cabeça que, perto de Ellen Craslow, sua situação não é tão ruim. Mike Sturdevant pendurou a placa de Taga-Taga nela, mas ele não a estuprou.

— Ela não me contou tudo isso de uma vez. Foi aos poucos. Menos a última parte, sobre o estupro e o aborto. Isso foi tudo de uma vez. Ela ficou olhando para o chão o tempo todo. A voz falhou uma ou duas vezes, mas ela não chorou. Nós estávamos na lavanderia perto da administração, sozinhas. Quando ela terminou, eu botei dois dedos embaixo do queixo dela e falei: “Olha pra mim, ga-

rota". Ela olhou. Eu falei: "Deus às vezes nos pede pra pagar adiantado na vida, e você pagou alto. De agora em diante, você vai ter uma vida boa. Uma vida abençoada". Foi *nessa* hora que ela chorou. Aqui, toma um lencinho.

Só quando o pega e limpa os olhos é que Holly percebe que está chorando também.

— Espero que eu tenha acertado — diz Imani. — Espero que, onde quer que esteja, ela esteja bem. Mas não sei. Ela ir embora daquele jeito repentino... — Ela balança a cabeça. — Eu não sei. A mulher que veio buscar as coisas dela, roupas, laptop, a televisãozinha, os passarinhos de cerâmica e essas coisas, disse que Ellen ia voltar pra Geórgia, mas isso não me pareceu certo. Não que ir para o sul signifique ir pra casa, tem bem mais na Geórgia do que aquela cidadezinha de merda, perdão pelo vocabulário. Aquela mulher talvez tenha dito algo sobre Atlanta.

— Que mulher? — pergunta Holly. Todas as suas luzes interiores se acenderam.

— Não lembro o nome dela, Dickens, Dixon, algo assim, mas ela pareceu legal. — Algo na expressão de Holly a perturba. — Por que não seria? Eu fui dar uma olhada nela quando a vi entrando e saindo e ela foi bem simpática. Disse que conhecia Ellen da faculdade e estava com a chave. Eu reconheci o pé de coelho da sorte que Ellen tinha no chaveiro.

— Essa mulher estava dirigindo uma van? Com uma listra azul baixa do lado?

Holly tem certeza de que a resposta vai ser sim, mas fica decepcionada.

— Não, uma perua pequena. Não sei a marca, mas o Yard deve saber, com isso de trabalhar no pátio de carros e tal. E ele estava aqui. Ficou no degrau quando eu fui lá, só pra ver se estava tudo certo. Eu fiz errado?

— Não — diz Holly, e está sendo sincera. Não tinha como Imani saber. Principalmente porque a própria Holly ainda não sabe se algo de ruim aconteceu com a já azarada Ellen Craslow. — Quando essa mulher veio?

— Ah, nossa. Tem um tempinho, mas acho que foi depois do Dia de Ação de Graças, mas antes do Natal. A primeira nevasca tinha acabado de cair, eu sei disso, mas não deve ajudar em nada.

— Como ela era?

— Velha — diz Imani. — Uns dez anos mais velha que eu, e eu acabei de fazer setenta. E era branca.

— Você a reconheceria se a visse de novo?

— Talvez — diz Imani. Ela parece estar em dúvida.

Holly dá a ela um dos cartões da Achados e Perdidos e pede que ela fale para o marido ligar se lembrar que carro era.

— Eu cheguei a ajudá-la a carregar o laptop e algumas roupas — diz Imani.

— A coitada parecia estar com dor. Disse que não estava, mas eu reconheço dor no ciático quando vejo.

27 DE MARÇO DE 2021

Quando Barbara chega na casa vitoriana da velha poeta na Ridge Road, com as bochechas coradas e brilhando por conta do trajeto de bicicleta de três quilômetros, Marie Duchamp está sentada no sofá com Olivia. Marie parece preocupada. Olivia parece angustiada. Barbara deve parecer estar intrigada, porque é assim que se sente. Ela não consegue imaginar pelo que Olivia acha que precisa se desculpar.

Marie fala primeiro.

— Eu a encorajei e levei o envelope até o correio. Se quiser culpar alguém, culpe a mim.

— Isso é besteira — diz Olivia. — O que eu fiz foi errado. Eu só não tinha ideia... e até onde eu sei você vai ficar feliz... mas não tinha direito de fazer o que eu fiz sem a sua permissão. É injustificável.

— Não estou entendendo — diz Barbara, desabotoando o casaco. — O que você fez?

As duas mulheres, uma saudável e no auge da vida, a outra uma mulher-boanca murcha prestes a se tornar centenária, se olham e olham para Barbara.

— O Prêmio Penley. — A boca de Olivia está fazendo aquela coisa trêmula de se curvar para dentro que sempre faz Barbara pensar numa bolsa antiquada que se fecha com cordinhas.

— Eu não sei o que é — diz Barbara, mais intrigada do que nunca.

— O nome completo é Prêmio Penley para Jovens Poetas. É patrocinado em conjunto pelas editoras nova-iorquinas conhecidas como Big Five. Não estou surpresa de você não conhecer porque é essencialmente autodidata e não lê as revistas pra escritores. Por que leria se não há mercado pagante pra poesia? Mas a maioria dos estudantes de inglês dos cursos de escrita conhece e também sabe sobre o Prêmio Novas Vozes e o Prêmio Jovens Leões da Ficção. O

Prêmio Penley abre para inscrições todos os anos no dia 1º de março. Eles recebem milhares de inscrições e a resposta é rápida. Porque a maioria das inscrições é de poemas sentimentais, acho.

Agora Barbara entende.

— Você... fez o quê? Enviou poemas meus?

Marie e Olivia trocam um olhar. Barbara é jovem, mas reconhece culpa quando vê.

— Quantos?

— Sete — diz Olivia. — Curtos. As regras especificam não mais do que duas mil palavras. Eu estava tão impressionada com seu trabalho... a raiva... o pavor... que... — Ela parece não saber como continuar.

Marie segura a mão de Olivia.

— Eu a encorajei — diz ela de novo.

Elas esperam que ela fique com raiva, Barbara percebe. Ela não está com raiva. Só um pouco chocada. Ela guardou segredo sobre as poesias não por ter vergonha, nem por ter medo de as pessoas rirem (bem... talvez um pouco), mas porque tinha medo de que as mostrar para qualquer outra pessoa que não fosse Olivia diminuisse a pressão que ela sentia para escrever mais. E tem outra coisa, ou melhor, outra pessoa: Jerome. Apesar de ela escrever poemas — a maioria no diário — desde os doze anos, bem antes de ele começar.

Mas nos últimos dois ou três anos algo mudou. Houve um salto misterioso não só em habilidade, mas em ambição. Faz com que ela pense em um documentário que viu sobre Bob Dylan. Um cantor folk do Greenwich Village nos anos 1960 disse: “Ele era só mais um violonista querendo parecer Woody Guthrie. De repente, ele era Bob Dylan”.

Foi assim. Talvez a história dela com Brady Hartsfield tenha tido alguma relação, mas ela não acha que seja só isso. Ela acha que alguma coisa, algum circuito previamente adormecido no seu cérebro, se acendeu.

Enquanto isso, as duas ficam olhando para ela, absurdamente parecidas com estudantes que foram flagradas fumando no banheiro da escola, e Barbara não aguenta isso.

— Olivia. Marie. Duas garotas da minha turma tiraram selfies peladas, acho que para os namorados, e as fotos foram parar na internet. Isso é constrangedor. Mas isso aí não é. Vocês receberam uma carta de rejeição? É isso? Posso ver?

Elas trocam outro olhar daqueles. Olivia diz:

— Os juízes do Penley fazem uma lista de finalistas. O número de pessoas varia, mas sempre é uma lista *bem* longa. Às vezes tem sessenta pessoas, às vezes tem oitenta, a deste ano tem noventa e cinco. É ridículo haver tantos, mas... você está nela. Marie está com a carta.

Há uma única folha de papel na mesa ao lado de Marie. Ela a entrega para Barbara. É papel chique, pesa na mão. No alto há um selo em alto-relevo com uma pena e um tinteiro. Está endereçado para Barbara Robinson, A/C Marie Duchamp, Ridge Road, 70.

— Estou surpresa de você não estar zangada — diz Olivia. — E agradecida por não estar, claro. Foi uma coisa tão arrogante de se fazer. Às vezes eu acho que meu cérebro caiu pela bunda.

Marie se intromete.

— Mas eu...

— Você a encorajou, eu sei — murmura Barbara. — *Foi* arrogante, eu acho, mas fui eu que bati aqui na porta um dia cheia de poemas. Isso também foi arrogante. — Não foi exatamente assim e ela mal se ouve, de qualquer modo. Está lendo a carta.

Diz que o Comitê do Prêmio Penley está feliz em informar à sra. Barbara Robinson da Ridge Road 70 que ela foi colocada na lista dos finalistas ao Prêmio Penley e que, se ela desejar ser considerada para seguir em frente, deve fazer o favor de enviar um conjunto maior de poemas, não mais do que dez mil palavras *in toto*, até o dia 15 de abril. Nenhum poema de “tamanho épico”, por favor. Tem também um parágrafo curto sobre vencedores anteriores do Prêmio Penley. Barbara conhece três nomes de suas leituras. Não, quatro. Termina com um parabéns “por seu trabalho superior”.

Ela larga a carta de lado.

— Qual é o prêmio?

— Vinte e cinco mil dólares — diz Olivia. — Mais do que muitos bons poetas ganham com poesia a vida toda. Mas essa não é a parte importante. Uma antologia do trabalho do vencedor é publicada, não por uma editora pequena, mas por uma das editoras que participam. Este ano é a Random House. O livro sempre chama atenção. O vencedor do ano passado apareceu na televisão com Oprah Winfrey.

— Tem alguma chance de eu... — Barbara para. Até falar parece maluquice.

— É altamente improvável — diz Olivia. — Mas, se ficar entre os últimos finalistas, prestariam atenção. As chances de a sua antologia ser publicada por uma editora pequena seria bem alta. A única questão é se você quer ou não prosseguir. Você tem poemas suficientes para enviar e, se continuar a escrever, sei que teria o suficiente para um livro.

Não há dúvida sobre o que ela quer agora que alguns poemas foram vistos por estranhos e receberam aprovação; a pergunta é como lidar com isso. Ela diz:

— Eu teria deixado que você enviasse, sabe. Se tivesse me perguntado. Como diz a música, uma garota pode sonhar.

As bochechas de Olivia ficam rosadas. Barbara talvez não acreditasse que a velha poeta tinha circulação suficiente para corar, considerando sua falta de energia, mas pelo visto tem sim.

— Foi muito errado — repete ela. — Eu mandei Marie usar o nome dela no envelope porque o meu teria sido reconhecido e eu não queria meter minha colher, por assim dizer. Achei que você poderia receber algumas palavras de encorajamento. Era o que eu esperava.

Palavras de encorajamento que você teria me mostrado, pensa Barbara, e aí estaria na mesma posição incômoda de ter compartilhado meus poemas sem a minha permissão... só que com menos coisa pra me mostrar do que esta carta incrível.

Ela sorri.

— Vocês duas não pensaram nisso muito bem, né?

— Não — diz Marie. — Nós só... os seus poemas...

— Você também leu, então?

Marie cora bem mais do que Olivia.

— Todos. São maravilhosos.

— Embora você ainda tenha um longo caminho pela frente — rapidamente acrescenta Olivia.

Barbara lê a carta de novo com mais atenção. Sua surpresa está abrindo espaço para uma nova emoção. Ela demora um segundo para reconhecer o que é. Ela está empolgada.

— Vamos enviar os poemas — diz ela. — Por que não almejar o topo? Você me ajuda a escolher, Olivia, não ajuda?

A velha poeta sorri, mais de alívio. Barbara não tinha ideia de que elas achavam que ela poderia bancar a diva. E é legal que tenham pensado isso.

— Seria um prazer. A chave, eu acredito, é seu poema “Rostos mudam”, com a sensação de horror e deslocamento. Tem vários poemas que compartilham desse leitmotiv, desse questionamento de identidade e realidade. São os mais fortes.

— Precisa ser segredo por enquanto. Fica só entre nós três. Por causa do meu irmão. Ele é o escritor da família e tenho quase certeza de que o seu livro sobre o nosso bisavô vai ser publicado. Eu contei sobre isso, né?

— Contou — diz Olivia.

— Se for publicado e ele receber uma boa grana por isso, e a agente diz que pode acontecer, eu posso falar sobre o prêmio. Se chegar aos finalistas, claro. Se não acontecer, ele não precisa saber. Tudo bem?

— Ele ficaria mesmo com inveja? — pergunta Marie. — De poesia?

— Não. — Barbara nem precisa pensar. — O J não tem um osso ciumento no corpo. Ele ficaria feliz por mim. Mas está se dedicando tanto a esse livro, e acho que as palavras não vêm tão fácil pra ele quanto vêm pra mim às vezes, e não quero roubar o holofote dele. Eu o amo demais pra fazer isso, mesmo que só um pouco. — Ela devolve a carta para Marie. — Esta carta fica aqui. Mas fico feliz de vocês terem feito o que fizeram.

— Você é generosa — diz Olivia. — Exceto no trabalho, poetas raramente são. Marie, o que acharia de nós três dividirmos uma lata de Foster's Lager, ao menos para celebrar o fato de que ainda somos amigas?

— Acho uma ideia maravilhosa — diz Marie, se levantando. — Mas esse é outro segredo que temos que guardar. — Ela inclina a cabeça na direção de Olivia. — Do médico dela.

Ela vai para a cozinha. Barbara diz:

— Você que é generosa, Olivia. Estou feliz de a ter como amiga e professora.

— Obrigada. Eu devo ter feito algo certo, porque a providência guardou a melhor aluna para o final.

É a vez de Barbara corar, não de vergonha, mas de felicidade.

— Me conta o que você está lendo — diz Olivia. A aula começou.

— Você sugeriu o movimento beat, então é isso que eu estou lendo. Comprei uma antologia na livraria da faculdade. Ginsberg, Snyder, Corso, Ed Dorn... adorei o trabalho dele... Lawrence Ferlinghetti... Ele ainda está vivo?

— Morreu um mês atrás. Ele era mais velho do que eu. Quero que você leia prosa, se topar. Pode te ajudar. James Dickey pra começar. Você conhece os poe-

mas dele e tem um livro famoso, *Deliverance*...

— Eu vi o filme. Uns homens descendo o rio de canoa.

— Sim, mas não lê esse. Experimenta *To the White Sea*. Menos conhecido, mas acho melhor para os seus objetivos. Quero que você leia pelo menos um livro de Cormac McCarthy, *Todos os belos cavalos ou Suttree*. Pode fazer isso?

— Posso. — Embora ela esteja relutante em deixar o movimento beat para trás, com sua mistura de inocência e cinismo. — Eu estou lendo prosa agora. O livro sobre o qual você me falou, *A cidade esquecida*, do Jorge Castro. Estou gostando.

Marie volta com três copos e uma lata enorme de Foster's em uma bandeja.

— Acho que Jorge deve ter voltado pra América do Sul — diz Olivia. — Ele falava sobre reconectar com suas raízes, o que era baboseira. Ele falava espanhol como nativo, mas nasceu e foi criado em Peoria. Acho que tinha vergonha disso. Eu te contei que o vi um pouco antes de ele desaparecer? Correndo. Ele sempre corria à noite, até o parque e de volta. Mesmo na chuva, e estava chovendo naquela noite. Acho que ele já devia estar planejando ir embora. Eu nunca mais o vi, mas lembro porque estava escrevendo um poema e acabou sendo um dos bons. — Ela suspira. — Freddy Martin, o companheiro dele, ficou arrasado. Freddy foi embora pouco depois, acho que pra procurar o Jorge. O amor da vida dele. Voltou arrasado e com um problemão. Ficou seis meses e foi embora de novo. A Bruxa Malvada do Oeste falou da melhor forma: que mundo, que mundo!

— Chega de tristeza — disse Marie, servindo a cerveja. — Vamos beber aos bons momentos e às grandes expectativas.

— Aos bons momentos apenas — diz Olivia. — Vamos deixar o futuro de fora. A única pessoa mais infeliz do que uma escritora cujas expectativas não se realizam é aquela cujos sonhos se tornam realidade.

Barbara ri.

— Vou acreditar na sua palavra.

Elas batem os copos e bebem.

26 DE JULHO DE 2021

1

Quando Holly entra no estacionamento minúsculo do Jet Mart às 15h15, ela vê o homem que quer entrevistar trabalhando. Excelente. Ela pausa por tempo suficiente para procurar uma coisa no iPad e sai do carro. No lado esquerdo da porta tem um quadro de avisos debaixo do toldo. BEM-VINDOS A UM BAIRRO COM JET MART!, declara. Está coberto de anúncios de apartamentos para alugar, carros e máquinas de lavar roupa e consoles de video game à venda, um cachorro perdido (NÓS AMAMOS NOSSO REXY!) e dois gatos perdidos. Tem também uma gata desaparecida: Bonnie Rae Dahl. Holly sabe quem afixou esse e ouve Keisha Stone dizendo *o amor não transbordava, mas sobrava amor.*

Ela entra. A loja está vazia, exceto por ela e pelo atendente, de nome Emilio Herrera. Ele parece ter a idade do Pete, talvez um pouco mais novo. Está disposto a falar. Tem o rosto redondo e um sorriso encantador de querubim. Sim, Bonnie era cliente regular. Ele gostava dela e lamenta que esteja desaparecida. Torce para que ela faça contato com a mãe e os amigos em breve.

— Ela vinha quase todas as noites por volta das oito — diz Herrera. — Às vezes, um pouco antes, às vezes, um pouco depois. Ela sempre sorria e tinha algo de bom para dizer, mesmo que fosse só como vai ou o que você achou dos Cavs ou como está sua esposa. Sabe quantas pessoas param um pouco pra fazer isso?

— Provavelmente, não muitas — diz Holly. Ela mesma não é de ficar batendo papo com gente que não conhece; costuma se contentar com por favor e obrigada e tenha um ótimo dia. *Holly fica na dela*, dizia Charlotte com um sorrisinho esgarçado que pretendia sugerir que *ela não consegue, entende.*

— Não muitas, isso mesmo — diz Herrera. — Mas não ela. Sempre simpática, sempre com algo bom pra dizer. Ela comprava um refrigerante diet, às vezes um daqueles doces ali. Gostava muito de HoHos e Ring-Dings, mas em geral

passava direto. As mulheres jovens se preocupam com a silhueta, como você deve saber.

— Houve algo de incomum naquela noite, sr. Herrera? Qualquer coisa? Alguém do lado de fora que poderia estar de olho nela? Talvez parado onde a câmera de segurança não pegasse?

— Não que eu tenha visto — diz Herrera depois de fazer a cortesia de pensar um pouco. — E acho que eu teria visto. Lojas de conveniência assim, principalmente em ruas sem movimento como a avenida Red Bank, são alvo favorito de ladrões. Se bem que aqui nós nunca fomos assaltados, pela graça de Deus. — Ele faz o sinal da cruz. — Mas eu fico de olho. Quem vem, quem vai, quem fica enrolando lá fora. Não vi ninguém assim na última noite em que essa garota que você está procurando esteve aqui. Não que eu me lembre, pelo menos. Ela comprou o refrigerante, guardou na mochila, colocou o capacete e foi embora.

Holly abre o iPad e mostra o que baixou antes de entrar. É uma foto de um Toyota Sienna de 2020.

— Você se lembra de uma van assim? Naquela noite ou em outra? Teria uma listra azul bem baixa, na lateral.

Herrera observa a foto com atenção e devolve o iPad.

— Já vi muitas vans assim, mas não me diz nada. Sobre aquela noite, quer dizer. E você sabe que tem quase um mês, né?

— Sim, entendido. Vou te mostrar outra coisa. Pode refrescar sua memória.

Ela coloca o vídeo da câmera de segurança da noite de 1º de julho e pausa quando a van está ao fundo. Ele a observa e diz:

— Uau. Eu preciso limpar a lente dessa câmera.

É tipo trancar a porta do celeiro depois que o cavalo foi roubado, Holly não diz.

— Você tem certeza de que não se lembra de uma van assim, talvez em outras noites?

— Desculpa, moça. Não. Vans são bem comuns.

É o que Holly esperava. Outro ponto em outro i.

— Obrigada, sr. Herrera.

— Eu queria poder ter ajudado mais.

— E esse garoto? Você o reconhece? — Ela mostra uma foto de Peter Steinman. É uma foto de grupo da banda do fundamental II, que ela encontrou on-line (tem tudo on-line atualmente). Holly a ampliou para que Peter, na fileira de

trás com um par de pratos nas mãos, ficasse relativamente claro. Melhor do que nas filmagens de segurança do Jet Mart, pelo menos. — Ele era skatista.

Herrera olha e ergue o rosto quando uma mulher de meia-idade entra na loja. Ele a cumprimenta pelo nome e ela retribui o cumprimento. Ele devolve o iPad para Holly.

— Ele me parece familiar, mas só. Esses skatistas vêm aqui o tempo todo. Compram balas ou batata frita e descem de skate até o Whip. Sabe o Dairy Whip?

— Sim — diz Holly. — Ele também está desaparecido. Desde novembro de 2018.

— Ei, você não acha que tem um predador no bairro, acha? Tipo John Wayne Gacy?

— Provavelmente não. Esse jovem e Bonnie Dahl não devem ter relação nenhuma. — Embora ela esteja cada vez com mais dificuldade de acreditar nisso.

— Por acaso você não consegue pensar em nenhum outro cliente regular que tenha parado de aparecer aqui, né?

A cliente, que se chama Cora, está esperando para pagar por um engradado de seis Iron City e um pão Wonder Bread.

— Não — diz Herrera, mas ele não está mais olhando para Holly, que não é cliente. Cora é.

Holly entende a mensagem, mas, antes de se afastar do balcão, dá um dos seus cartões para Emilio Herrera.

— Meu número está aí. Se pensar em qualquer coisa que possa me ajudar a localizar Bonnie, você me liga?

— Claro — diz Herrera, guardando o cartão no bolso. — Oi, Cora. Desculpa por te fazer esperar. E essa covid, hein?

Holly compra uma lata de Fanta antes de ir embora. Ela não está com vontade, mas parece a coisa educada a se fazer.

Holly olha o Twitter assim que volta ao apartamento. Tem uma resposta nova, de Franklin Craslow (Cristão, Orgulho de ser da NRA, o Sul Vai se Erguer Novamente). É curta. *Ellen matou o bebê dela e vai queimar no inferno. Deixa a gente em paz.*

A gente. Holly supõe que seja o clã Craslow do condado de Bibb.

Ela liga para Penny Dahl. Não é uma ligação que queira fazer, mas está na hora de contar a Penny aquilo em que ela acredita agora, que Bonnie talvez tenha sido sequestrada. Possivelmente por alguém em uma van que a estava esperando no antigo Consertos Automotivos e Pequenos Reparos de Motor do Bill. Possivelmente por alguém que ela conhecia. Holly enfatiza o *talvez* em *talvez tenha sido*.

Ela espera choro, mas não há nenhum, ao menos por enquanto. Afinal, isso é exatamente o que Penny Dahl temia. Ela pergunta a Holly se há chance de Bonnie estar viva.

— Sempre tem chance — diz Holly

— Um filho da puta a levou. — A palavra de baixo calão surpreende Holly, mas só por um momento. Raiva em vez de lágrimas. Penny faz Holly pensar em uma ursa que perdeu um filhote. — Encontra ele. Seja lá quem pegou a minha filha, encontra o filho da puta. Não importa quanto vai custar. Eu arrumo dinheiro. Entendeu?

Holly desconfia que as lágrimas virão depois, quando o que Holly contou a Penny tiver chance de ser absorvido. É uma coisa ter o pior medo de uma mãe trancado no peito, mas bem diferente ouvi-lo em voz alta.

— Vou fazer o melhor. — É o que ela sempre diz.

— Encontra ele — repete Penny e encerra a ligação sem se despedir.

Holly vai até a janela e acende um cigarro. Tenta pensar em qual deve ser seu próximo passo e chega à conclusão (com relutância) de que agora ela não tem um. Sabe de três pessoas desaparecidas e sente que os desaparecimentos são relacionados, mas, apesar de certas similaridades, não tem provas de nada. Ela está em um beco sem saída. Precisa que o universo lhe jogue uma corda.

Naquela noite, Jerome liga de Nova York. Ele está empolgado e feliz, e por que não estaria? O almoço foi bom, o cheque foi devidamente entregue. Sua agente vai depositá-lo na sua conta (menos os quinze por cento dela), mas ele chegou a segurá-lo nas mãos, ele conta para ela, e passou os dedos nos números em alto-relevo.

— Eu tô rico, Hollyberry. Eu tô rico!

Você não é o único, pensa Holly.

— Também está bêbado?

— Não! — Ele parece ofendido. — Só tomei duas cervejas!

— Que bom. Mas, nessa ocasião, acho que teria o direito de ficar bêbado. —

Ela faz uma pausa. — Desde que você não tenha exagerado e vomitado na Quinta Avenida, claro.

— O Blarney Stone fica na Oitava, Hols. Perto do Madison Square Garden.

Holly, que nunca foi a Nova York e não quer ir, diz que isso é interessante.

Em seguida, canalizando a irmã mais nova sem saber, Jerome conta que não é o dinheiro que o deixou tão impactado.

— Vão publicar! Começou como um projeto de faculdade, virou livro e agora vai ser publicado!

— Que maravilha, Jerome. Fico muito feliz por você. — Ela deseja que o amigo, que uma vez salvou a vida dela e de Bill em uma nevasca, pudesse estar sempre feliz, e sabe que a vida não funciona assim. Talvez seja melhor mesmo. Se funcionasse, a felicidade não significaria nada.

— Como está o caso? Você fez algum progresso?

Holly conta tudo. A maior parte é sobre Ellen Craslow, mas ela não deixa Tom Higgins de fora. Quando termina, Jerome diz:

— Eu daria cem pratas pra saber quem era a tal senhora. A que tirou as coisas do trailer de Ellen Craslow. Você não?

— Sim. — Holly está pensando (com um sorriso) que Jerome poderia pagar até mil, considerando os acontecimentos recentes. Na verdade, ela também. Ela é uma *dives puella*, uma menina rica, como na música de Hall e Oates que ela amava. — Pra mim, o mais interessante são todas as pessoas negras que moram no parque de trailers. Não é surpreendente porque fica na extremidade oeste de Lowtown, mas a idosa era branca.

— O que você vai fazer agora?

— Não sei — diz Holly. — E você, Jerome?

— Eu vou ficar mais um pouco em Nova York. Até quinta, pelo menos. Meu editor... eu adoro dizer isso... quer conversar sobre umas coisas, umas mudanças no manuscrito, e discutir um conceito de sobrecapa. Ele diz que o diretor de marketing quer conversar sobre uma possível turnê. *Turnê!* Dá pra acreditar?

— Eu acredito — diz Holly. — Estou tão feliz por você.

— Posso te contar uma coisa? Sobre a Barb?

— Claro.

— Eu tenho quase certeza de que ela também está escrevendo. E acho que está chegando a algum lugar. Não seria louco se nós dois nos tornássemos escritores?

— Não mais do que as Brontë — diz Holly. — Eram três. Charlotte, Emily e Anne. Todas escritoras. Eu amei *Jane Eyre*. — Isso é verdade, mas o romance que Holly mais amou quando era uma adolescente infeliz foi *O morro dos ventos uivantes*. — Você não tem ideia do que Barbara pode estar escrevendo?

— Acho que é poesia. Só pode ser. É a única coisa que ela lê desde o primeiro ano. Escuta, Holly, quero ir dar uma volta. Acho que eu poderia me apaixonar por esta cidade. Primeiro, eles *entendem*. Tem postos de vacinação na rua.

— Bom, não vai ser assaltado. Guarda a carteira no bolso da frente, não no de trás. E liga pra sua mãe e para o seu pai.

— Já liguei.

— E Barbara? Falou com ela?

— Vou falar. Se ela não estiver ocupada demais com o projeto secreto para atender minha ligação, claro. Eu te amo, Holly.

Não é a primeira vez que ele fala, mas ela sempre fica com vontade de chorar.

— Eu também te amo, Jerome. Aproveita o resto do seu grande dia.

Ela encerra a ligação. Acende um cigarro e vai para a janela.

Ela coloca o chapéu de pensamento.

Não adianta de muita coisa.

Roddy Harris volta da visita habitual de segunda à noite ao boliche Strike ‘Em Out Lanes por volta das 20h45. Ele e Emily se cuidam bem (muitas vezes de formas que a sociedade estúpida não aprovaria), mas seus quadris antes fortes ficam cada vez mais frágeis conforme ele avança na casa dos oitenta anos, e tem quase quatro anos que ele não joga uma bola pela pista de madeira. Mas ele ainda vai na maioria das segundas-feiras porque gosta de torcer pelo time. Os Coroas Dourados jogam na Liga 65+. A maioria dos homens com quem ele jogava quando entrou nos Coroas já se foi, mas sobraram alguns, inclusive Hugh Clippard, que era professor do Departamento de Sociologia. Hugh deve

estar chegando aos oitenta agora, ganhou uma fortuna com ações e ainda tem um gancho sinistro. Pena que é para o lado do Brooklyn.

Emily sai do pequeno escritório assim que ouve a porta da frente se fechar. Ele dá um beijo na bochecha dela e pergunta como foi a noite.

— Não exatamente maravilhosa. Talvez a gente tenha um pequeno problema, querido. Você sabe que eu monitoro os tuítes e posts de certas pessoas...

— Vera Steinman — diz ele. — E aquela Dahl, claro.

— E também dou uma olhada nos Craslow de vez em quando. Não são muitos e eles nunca falam sobre Ellen. E ninguém nunca perguntou sobre ela. Até ontem.

— Ellen Craslow — diz Roddy balançando a cabeça. — Aquela piranha. Aquela... — Por um momento, a palavra que ele quer lhe escapa. — Aquela piranha *intransigente*.

— Ela mesmo. É uma pessoa que se chama LaurenBacallFan andou perguntando sobre ela no Twitter.

— Depois de quase três anos? Por que agora?

— Porque eu tenho certeza de que LaurenBacallFan tem uma firma de investigação particular. O verdadeiro nome dela é Holly Gibney, a firma se chama Achados e Perdidos e Penelope Dahl a contratou.

Ele está prestando atenção agora, observando de perto o rosto virado para cima. Ele é dezoito centímetros mais alto do que Emily, mas ela o iguala em intelecto e talvez seja até superior em alguns aspectos. Ela é... novamente a palavra escorregia do alcance dele, mas ele a pega como sempre faz. *Quase sempre*.

Emily é astuta.

— Como você descobriu?

— A sra. Dahl é muito falante nas redes sociais.

— Penny Falante — diz ele. — Aquela garota, aquela Bonnie, foi um erro. Pi-or do que o maldito mexicano, e nós podemos nos perdoar por aquilo, por que...

— Porque ele foi o primeiro. Eu sei. Vem pra cozinha. Tem meia garrafa de tinto que sobrou do jantar.

— Vinho antes de ir deitar me dá refluxo. Você sabe. — Mas ele a segue.

— Só um golinho.

Ela pega a garrafa na geladeira e serve: um tiquinho para ele, um pouco mais para ela. Eles se sentam de frente um para o outro.

— Acho que Bonnie foi *mesmo* um erro — admite ela. — Mas o calor trouxe de volta a ciática... e as dores de cabeça...

— Eu sei — diz Roddy. Ele segura a mão dela por cima da mesa e aperta de leve. — Tadinha do meu amor, com enxaqueca.

— E você. Eu vi você com dificuldade pra encontrar palavras às vezes. E as suas pobres mãos, o jeito como estavam tremendo... a gente não teve escolha.

— Eu estou bem agora. Os tremores passaram. E qualquer... qualquer *letargia mental* que eu pudesse estar tendo... também passou.

Isso é só parcialmente verdade. Os tremores passaram, é verdade (bom, às vezes há uma tremedeira bem leve quando ele está muito cansado), mas as palavras escorregam para longe de vez em quando.

Todo mundo tem brancos às vezes, diz ele para si mesmo quando acontece. *Você mesmo pesquisou. É um circuito temporariamente afetado, afasia transiente, em nada diferente de cãibras que doem como Satanás e depois passam. A ideia de que possa ser princípio de Alzheimer é ridícula.*

— De qualquer modo, já está feito. Se houver consequências, nós lidaremos com elas. A boa notícia é que acho que não vamos precisar. Essa tal de Gibney teve alguns sucessos notáveis, eu pesquisei, mas quando ocorreram ela tinha um parceiro, um ex-policial, e ele morreu anos atrás. Desde então, o que ela mais faz é procurar cachorros, fugitivos de condicional, e trabalha à base de contingência com certas seguradoras. *Pequenas*, não as grandes.

Roddy beberica o vinho.

— Ao que parece, ela foi inteligente o suficiente pra encontrar Ellen Craslow.

Emily suspira.

— Isso é verdade. Mas dois desaparecimentos com quase três anos de diferença não formam um padrão. Ainda assim, você sabe o que sempre diz: o sábio se prepara para a chuva enquanto o sol ainda está brilhando.

Ele *sempre* diz isso? Acha que diz, ou dizia. Junto com uma andorinha só não faz verão, uma coisa que seu pai dizia, e seu pai tinha aquele fabuloso Packard azul...

— Roddy! — A rispidez no tom o traz de volta. — Você está divagando!

— Estava?

— Me dá isso. — Ela pega o copo de geleia com um tiquinho de vinho na frente dele e derrama na pia. Do freezer, tira uma taça de sorvete contendo

uma mistura cinzenta. Coloca chantili de lata em cima e na frente dele com uma colher de cabo comprido. — Come.

— Você não quer dividir? — pergunta ele... mas já está salivando.

— Não. Fica com tudo. Você está precisando.

Ela se senta na sua frente enquanto ele começa a colocar a mistura de sorvete de cérebro e baunilha na boca com avidez. Emily observa. Vai trazê-lo de volta. *Tem* que trazê-lo de volta. Ela o ama. E precisa dele.

— Me escuta com atenção, meu amor. Essa mulher vai procurar Bonnie por aí, não vai encontrar nada, vai receber o pagamento e seguir com a vida. Se *por acaso* ela for problema, uma chance em cem, talvez em mil, ela não é casada e parece não ter companheiro, com base no que eu li. A mãe dela morreu no começo do mês. Seu único parente vivo, um tio, está em um lar de cuidados para idosos com Alzheimer. Ela tem um sócio, mas, ao que parece, ele está derrubado com covid.

Roddy come um pouco mais rápido e limpa o que escorreu pelo canto da boca. Ele acredita que já sente maior clareza no que está vendo e no que ela está dizendo.

— Você descobriu isso tudo no Twitter?

Emily sorri.

— Tem alguns outros lugares. É como aquele programa de televisão que a gente vê. *Manifest*. Em que os personagens ficam dizendo “tudo é conectado”. É um programa bobo, mas isso não é bobeira. O que eu quero dizer é simples, querido. Essa é uma mulher que não tem ninguém. É uma mulher que deve se sentir deprimida com frequência e deve estar de luto pela perda da mãe. Se uma mulher assim cometesse suicídio pulando no lago, deixando um bilhete suicida no computador, quem questionaria?

— Talvez o sócio.

— Ou talvez ele entendesse perfeitamente. Eu não estou dizendo que vai chegar a isso, só que...

— Que devemos nos preparar pra chuva enquanto o sol está brilhando.

— Exatamente. — O parfait está quase no fim e ele deve ter comido o suficiente. — Me dá isso.

Ela pega o sorvete e acaba com ele.

Barbara Robinson está no quarto, lendo de pijama com a luz do abajur acesa, quando o telefone toca. O livro é *Catalepsia*, de Jorge Castro. Não é tão bom quanto *A cidade esquecida* e o título parece deliberadamente desagradável, uma declaração do autor de que é “literário”, mas é bom. Além do mais, o título provisório do livro dela, *Rostos mudam*, não é exatamente do estilo *Poemas favoritos para serem lidos em frente à lareira por jovens e idosos*.

É Jerome, ligando de Nova York. São 23h15 onde ela está, então já deve ser o dia seguinte no fuso da costa leste.

— Oi, mano. Você está acordado até tarde e nem é na farra, a não ser que todo mundo seja mudo.

— Não, estou no quarto do hotel. Estou agitado demais para dormir. Eu te acordei?

— Não — diz Barbara, se sentando na cama e colocando um travesseiro a mais nas costas. — Só lendo até dormir.

— Sylvia Plath ou Anne Sexton? — Em tom provocativo.

— Um romance. O cara que escreveu deu aulas lá em cima por um tempo. — *Lá em cima* significa a Faculdade Bell. — O que está rolando por aí?

Ele conta tudo que já contou aos pais e a Holly, despejando as notícias em um fluxo exuberante. Ela fica feliz da vida por ele e fala isso. Fica maravilhada com os cem mil dólares e dá gritinhos quando ele conta sobre a possibilidade da turnê.

— Me leva junto! Eu posso ser sua assistente!

— Pode ser que eu aceite. O que está rolando por aí, Barbarella?

Ela quase conta tudo, mas se segura. Que o dia seja de Jerome.

— Barb? Está aí ainda?

— As coisas estão do mesmo jeito de sempre.

— Não acredito. Você está tramando alguma coisa. Qual é o segredo? Conta.

— Em breve — promete ela. — De verdade. Me conta o que está rolando com a Holly. Eu dei uma dispensada nela outro dia e me sinto mal por isso. — Mas não tão mal. Ela tem um trabalho para escrever, é importante e ela não progrediu muito. Muito? Ela nem começou.

Ele conta tudo e termina com Ellen Craslow. Barbara diz *sim* e *uau* e *aham* nas horas certas, mas está ouvindo só parcialmente. Sua mente voltou para o maldito trabalho, que tem que estar no correio no fim do mês. E ela está com sono. Ela não conecta os desaparecimentos sobre os quais J conta com o outro,

sobre o qual Olivia Kingsbury contou, embora o livro de Jorge Castro esteja aberto e virado para baixo no seu edredom.

Ele a ouve bocejar e diz:

— Vou te deixar dormir. Mas é bom falar com você quando está prestando atenção.

— Eu sempre presto atenção em você, meu irmão querido.

— Mentirosa — diz ele, rindo, e encerra a ligação.

Barbara coloca Jorge Castro de lado, sem perceber que ele é parte de um clube pequeno e extremamente azarado, e apaga a luz.

6

Naquela noite, Holly sonha com o antigo quarto.

Ela percebe pelo papel de parede que é o da rua Bond, em Cincinnati, mas também é a exposição de museu que ela imaginou. Tem plaquinhas para todo lado, identificando objetos que se tornaram artefatos. LUDIO LUDIUS ao lado do aparelho de som, BELLA SIDEREAL ao lado do cesto de lixo, CUBILA TRISTIS PUELLA na cama.

Como a mente humana se especializa em conectividade, ela acorda pensando no pai. Não acontece com frequência. Por que aconteceria? Ele morreu há muito, muito tempo e nunca foi mais do que uma sombra quando estava em casa. O que era raro. Howard Gibney era vendedor da Maquinário de Fazenda Garton, Inc., e passava os dias viajando pelo Meio-Oeste, vendendo ceifadeiras e colheitadeiras e tratores Garton TruMade, todos vermelhos, como se para garantir que ninguém confundisse equipamentos de fazenda Garton com equipamentos John Deere. Quando ele estava em casa, Charlotte garantia que nunca esquecesse quem, nas palavras dela, *mantinha a lareira acesa*. Nos estados centrais do país, ele talvez fosse um furacão de vendas, mas em casa era o verdadeiro Mr. Milquetoast.

Holly se levanta e vai até a escrivaninha. Os registros de sua vida de trabalho, a vida que ela mesma construiu, estão na Achados e Perdidos na rua Franklin ou no escritório de casa, mas ela guarda outros registros (certos artefatos) na gaveta de baixo dessa escrivaninha. Não são muitos e a maioria traz lembranças que são uma mistura de nostalgia e arrependimento.

Tem a placa que ela recebeu pelo segundo lugar em uma competição de oratória na qual várias escolas de fundamental 1 da cidade participaram. (Isso foi

quando ela ainda era pequena e confiante a ponto de falar para grupos grandes.) Ela recitou um poema de Robert Frost, “O conserto do muro”, e, depois de a elogiar, Charlotte disse que ela poderia ter ficado em primeiro lugar se não tivesse gaguejado em várias palavras na metade.

Tem uma fotografia dela pedindo doces no Halloween com o pai quando ela tinha seis anos, ele de terno, ela com uma fantasia de fantasma que o pai tinha feito. Holly lembra vagamente que a mãe, que costumava levá-la (muitas vezes a arrastando de uma casa a outra), estava gripada naquele ano. Na foto, Howard Gibney está sorrindo. Ela acha que estava sorrindo também, mas, com o lençol sobre a cabeça, é impossível saber.

— Mas estava — murmura Holly. — Porque ele não ficou me puxando pra poder voltar pra casa e ver televisão. — Além do mais, ele não a ficou lembrando de dizer obrigada em cada casa, simplesmente supôs que ela faria isso. Como ela sempre fazia.

Mas não é a placa que ela quer, nem a fotografia de Halloween, nem as flores prensadas, nem o obituário do pai, cuidadosamente cortado e guardado. É o cartão-postal. Já houve mais, pelo menos doze, e ela supôs que os outros estavam perdidos. Depois de descobrir a mentira da mãe sobre a herança, uma ideia menos palatável ocorreu a ela: que a mãe roubou as lembranças de um homem do qual Holly só se lembra vagamente. Um homem que era controlado pela esposa quando estava presente (o que era raro), mas que sabia ser gentil e divertido nas raras ocasiões em que ficava a sós com a filhinha.

Ele fez quatro anos de latim no ensino médio e ganhou um prêmio (primeiro lugar, não segundo) por uma redação de duas páginas que escreveu nesse idioma. O título da redação foi *Quid est veritas*, O que é a verdade? Sob protestos intensos e quase estridentes de Charlotte, Holly fez dois anos de latim no ensino médio, o máximo oferecido. Ela não brilhou, como o pai nos dias antes de virar vendedor, mas teve uma média B e se lembrava do suficiente para saber que *tristis puella* era garota triste e *bella siderea* era guerra nas estrelas.

O que ela pensa agora — o que está claro para ela agora — é que ela fez latim como uma forma de se aproximar do pai. E ele tinha se aproximado dela em resposta, não tinha? Enviava cartões-postais de lugares como Omaha e Tulsa e Rapid City.

De pijama, ajoelhada na frente da gaveta de baixo, ela procura em meio aos restos da *tristis puella* que ela era no passado, achando até que o último cartão

sumiu, não roubado pela mãe (que tinha apagado Howard Gibney completamente da própria vida), mas perdido por ela mesmo, burra, quando se mudou para esse apartamento.

Ela finalmente o encontra, preso no vão no fundo da gaveta. A foto na frente mostra o Gateway Arch em St. Louis. A mensagem, sem dúvida escrita com uma esferográfica da Maquinário de Fazenda Garton, está em latim. Todos os cartões que ele mandou para ela estavam escritos em latim. Era trabalho dela — e um prazer — traduzi-los. Ela vira este e lê a mensagem.

Cara Holly! Deliciam meam amo. Lude cum matre tua. Max domi ero. Pater tuus.

Era o único feito dele, que o deixava ainda mais orgulhoso do que vender um trator novo por cento e setenta mil dólares: ele tinha contado uma vez que era o único vendedor de maquinário de fazenda dos Estados Unidos que também dominava o latim. Ele disse isso ao alcance dos ouvidos de Charlotte e ela respondeu com uma risada.

— Só você teria orgulho de falar uma língua morta — disse ela.

Howard sorriu e não disse nada.

Holly leva o cartão para a cama e o lê de novo à luz do abajur. Ela se lembra de decifrar a mensagem com ajuda do dicionário de latim e murmura a tradução agora.

“Querida Holly! Eu amo a minha garotinha. Divirta-se com a sua mãe. Estarei em casa em breve. Seu pai.”

Sem ideia de que vai fazer até fazer, Holly beija o cartão. O carimbo está bordado e não dá para ler a data, mas ela acredita que tenha sido enviado pouco antes de o pai morrer de ataque cardíaco em um quarto de hotel nos arredores de Davenport, Iowa. Ela se lembra de a mãe reclamar — *resmungar* — do custo de mandar trazer o corpo por ferrovia.

Holly deixa o cartão na mesa de cabeceira, pretendendo guardá-lo de novo na escrivaninha de manhã. Artefatos, ela pensa. Artefatos de museu.

Ela fica triste pelas poucas lembranças que tem do pai e devidamente zangada ao perceber que a sombra da mãe quase o obliterou. Será que Charlotte *roubou* os outros cartões, assim como roubou a herança de Holly? Só deixou aquele passar, talvez porque uma versão mais nova e bem mais tímida de Holly o estivesse usando como marcador de página ou tivesse guardado na bolsa (de tartã, claro) que levava para todos os lados na época? Ela nunca vai saber. Será que ele passava tanto tempo na estrada porque não queria voltar para casa, para a

esposa? Ela também nunca vai saber. O que ela sabe é que ele sempre ficava feliz de voltar para casa e ver a *cara Holly*.

O que ela também sabe é que eles deram um pouco de vida para uma língua morta. Era o que eles tinham.

Holly apaga a luz. Dorme.

Sonha com Charlotte no seu antigo quarto.

— Lembre a quem você pertence — diz Charlotte.

Ela vai embora e tranca a porta depois que sai.

19 DE MAIO DE 2021

1

Barbara entra no saguão apressada, não correndo só porque Marie falou que não é emergência, só coisa de rotina. Na recepção do Kiner Memorial, ela pergunta em que andar fica a oncologia. A mulher da recepção responde e a direciona para os elevadores a oeste. Barbara sai em uma sala agradável com quadros agradáveis nas paredes (pores do sol, campinas, ilhas tropicais) e música agradável saindo de alto-falantes no teto. Tem bastante gente sentada ali, torcendo por boas notícias e temendo o oposto. Todos estão de máscara e Marie está lendo um livro de John Sandford. Ela guardou uma cadeira para Barbara.

— Por que você não me contou? — Essa é a primeira coisa que Barbara diz.

— Porque teria te preocupado sem necessidade, quando você não tinha nada com que se preocupar — diz Marie. Ela está perfeitamente calma. Está com a calça mostarda e a camisa branca de sempre, o mínimo de maquiagem perfeitamente aplicada e nem um fio de cabelo fora do lugar. — Olivia queria que você se preocupasse só com a sua poesia.

— Eu estou preocupada com *ela*! — Barbara tenta manter a voz baixa, mas várias pessoas olham em sua direção.

— Olivia tem câncer — diz Marie. — O que ela chama, sem surpresa nenhuma, de câncer de bunda. Ela já tem há muito tempo. O dr. Brown, o oncologista, diz que é um câncer com o qual se morre, não do qual se morre. Na idade avançada dela, está se arrastando. Nos últimos dois anos, foi um pouquinho mais rápido.

— Maligno? — Ela sussurra a palavra.

— Ah, sim — diz Marie, ainda calma. — Mas não teve metástase e talvez nem tenha. Ela verificava o desenvolvimento duas vezes por ano. Este ano, vão ser três. Supondo que ela viva mais um ano, claro. A própria Olivia gosta de di-

zer que o equipamento dela já passou muito da garantia. Eu liguei pra você vir aqui porque ela tem uma coisa pra te contar. Você está matando aula?

Barbara ignora a pergunta. Ela está no último ano, sua média é A, ela pode tirar um dia de folga sempre que quiser.

— O que foi?

— Ela mesma vai contar.

— Tem a ver com o Penley?

Marie só pega o livro e volta a ler. Barbara não levou um livro. Ela pega o celular, entra no Instagram, olha algumas postagens chatas, verifica o e-mail e guarda o aparelho. Dez minutos depois, Olivia sai por portas de vaivém atrás das quais há máquinas que Barbara não quer saber para que servem. Olivia está andando com as duas bengalas. A bolsa está pendurada em um ombro magro. Um auxiliar segura o braço dela.

Ela chega a Barbara e Marie, agradece ao auxiliar e se senta com um suspiro e uma careta.

— Mais uma vez eu sobrevivi à indignidade de ser enclausurada em uma máquina enquanto meu tubo de cocô é examinado — diz ela. — A velhice é uma época de ser esquecida, o que já é bem ruim, mas também uma época de indignidades crescentes. — E só para Barbara: — Estou supondo que Marie te informou do câncer e por que escondemos de você.

— Mesmo assim, eu queria que você tivesse me contado — diz Barbara.

Olivia parece cansada (quase morta de cansada, pensa Barbara), mas também interessada.

— Por quê?

Barbara não tem resposta. Essa mulher vai fazer cem anos no outono e, em algum lugar atrás daquelas portas, deve haver crianças que não vão chegar ao décimo aniversário. Por que mesmo?

— Você consegue gritar, Barbara? — Os olhos acima da máscara, que está marcada com símbolos da paz vermelhos, brancos e azuis, estão mais brilhosos do que nunca.

— O quê? Por quê?

— Você já gritou? Já deu um grito intenso do fundo da garganta, do tipo que te deixa rouca depois?

Barbara pensa na história com Brady Hartsfield, Morris Bellamy e Chet Ondowsky. Principalmente Ondowsky.

— Já.

— Você não vai gritar aqui, não é lugar para gritar, mas talvez você grite depois. Aqui, você precisa fazer silêncio. Eu poderia ter esperado até chegarmos em casa e pedir pra Marie te ligar, mas, quanto mais velha eu fico, mais difícil fica controlar meus impulsos. Além do mais, eu não sabia quanto tempo a ressonância levaria. Por isso, pedi pra Marie te chamar pra cá.

Ela tira a bolsa do ombro e abre com dificuldade. De dentro, ela tira um envelope com um logo de pena e pote de tinta que Barbara reconhece na hora. Seu coração, que está batendo rapidamente desde que ela recebeu a ligação de Marie, começa a disparar.

— Eu tomei a liberdade de abrir pra poder te dar a má notícia de forma gentil, se fosse má notícia. Não é. Tem quinze poetas com menos de trinta anos na lista de finalistas do Penley. Você é um deles.

Barbara vê sua mão pegar o envelope. Vê sua mão abri-lo e pegar a folha de papel grossa dobrada dentro. Vê o mesmo logo no topo da carta, que começa com *O Comitê do Prêmio Penley fica feliz em informar*. E seus olhos ficam borradados de lágrimas.

2

Elas voltam para a Ridge Road no carro de Marie. Barbara vai atrás. O rádio, sintonizado na Sirius XM, toca um fluxo constante de melodias dos anos 1940. Olivia canta junto com algumas. Barbara acha que, quando foram populares, Olivia devia usar mocassins e o cabelo curto. No caminho, ela lê a carta repetidamente, obrigando-se a entender que é real.

Quando chegam em casa, Barbara e Marie ajudam Olivia a sair do carro e subir os degraus, um processo lento acompanhado de vários peidos altos.

— Está saindo pelo escapamento — diz Olivia de um jeito prosaico. — Limpeza do sistema.

No saguão, com a porta fechada, Olivia se vira para Barbara com uma bengala em cada mão.

— Se quiser gritar, agora seria um bom momento. Eu mesma gritaria, mas não tenho mais pulmão pra isso.

Barbara ainda está concorrendo para ganhar o Penley e para ser publicada pela Random House. Ela acha que seria legal e que o dinheiro poderia ser útil para a faculdade, mas essa não é a parte importante. Olivia praticamente garan-

tiu que seus poemas vão ser publicados mesmo que ela não vença. Vão ser lidos. Não por multidões, mas certamente por pessoas que amam o que ela ama.

Ela inspira fundo e grita. Não de horror, mas de alegria.

— Ótimo. — Olivia está sorrindo. — Que tal outro? Você consegue?

Ela consegue. Marie passa o braço nos ombros dela e elas gritam juntas.

— Excelente — diz Olivia. — Só pra você saber, eu fiz mentoria de dois jovens que entraram na lista de concorrentes do Penley, mas você, Barbara Robinson, é a primeira a ir para a lista de finalistas, e de longe a mais jovem. Mas há mais obstáculos para saltar, e são bem altos. Lembre que está em companhia de catorze homens e mulheres de imenso talento e dedicação.

— Você precisa descansar, Olivia — diz Marie.

— Eu vou. Mas antes temos coisas a discutir.

27 DE JULHO DE 2021

1

Às 10h45 da manhã, o universo joga uma corda para Holly.

Ela está no escritório (todos os móveis tranquilizadoramente no lugar), preenchendo uma nota de pagamento de seguradora. Cada vez que vê uma propaganda alegre de seguro na televisão — o pato da Aflac, a moça progressiva Flo, Doug e seu emu —, Holly coloca o som no mudo. Propagandas de seguro são engraçadas por um minuto. As empresas, não tanto. Você pode poupar para eles um quarto de milhão de dólares em uma alegação falsa e ainda ter que cobrar duas, três, às vezes quatro vezes antes de receber. Ao preencher notas assim, ela quase sempre pensa em um verso de uma música folk antiga: um monte de me dá e um agradecimento da boca pra fora.

O telefone toca na hora em que ela está terminando as últimas linhas do formulário cocozenço de três páginas.

— Achados e Perdidos, Holly Gibney falando, como posso ajudar?

— Oi, sra. Gibney, aqui é Emilio Herrera. Do Jet Mart, sabe? Nós conversamos ontem.

— Conversamos, sim. — Holly se senta mais ereta e esquece a nota.

— Você perguntou se algum outro cliente regular parou de vir aqui.

— E você pensou em alguém, sr. Herrera?

— Bom, talvez. Ontem à noite, antes de ir dormir, eu estava mudando de canal procurando algo pra ver enquanto esperava a melatonina fazer efeito e estava passando *O grande Lebowski* no AMC. Você não deve ter visto.

— Eu vi — diz Holly. Três vezes, até.

— Isso me fez pensar no cara do boliche. Ele ia na loja o tempo todo. Comprava salgadinho e refrigerante e às vezes seda Rizla. Era um garoto legal, ou

parecia um garoto pra mim, que tenho quase sessenta, mas a foto dele poderia estar no dicionário ao lado da palavra *maconheiro*.

— Qual era o nome dele?

— Eu não me lembro direito. Cory, talvez? Cameron? Faz cinco anos, pelo menos, talvez mais.

— Como ele era?

— Magrelo. Tinha cabelo louro comprido. Deixava preso, provavelmente porque andava de scooter. Na verdade, não era scooter nem moto, só tipo uma bicicleta com motor. As novas são elétricas, mas aquela era a gasolina.

— Eu sei como é.

— E era *barulhenta*. Não sei se tinha algo de errado com o motor ou se o som é esse mesmo, mas era muito barulhenta, fazia um *blac-blac-blac*, bem assim. Era coberta de adesivos, coisas bobas do tipo *BOMBA NAS BALEIAS GAYS* e *EU FAÇO O QUE AS VOZES ME MANDAM*. E adesivos do Grateful Dead. Ele era um Deadhead. Vinha aqui todas as noites durante a semana quando o tempo estava bom, de abril a outubro. Às vezes, até em novembro. A gente conversava sobre filmes. Ele sempre comprava a mesma coisa. Duas ou três barras de chocolate e uma P-Co. Às vezes, seda.

— O que é P-Co?

— PeruCola. É tipo Jolt. Você se lembra da Jolt?

Holly lembra. Por um tempo, nos anos 1980, ela foi doida por Jolt.

— O lema era todo o açúcar e o dobro de cafeína.

— Esse mesmo. P-Co era todo o açúcar e umas nove vezes a cafeína. Acho que ele ia pra Pedra do Drive-In e via os filmes do Magic City... Dá pra ver a tela bem lá de cima, ele disse...

— Eu estive lá, dá mesmo. — Holly está empolgada agora. Ela vira a nota chata da seguradora e escreve *Cory ou Cameron, bicicleta motorizada cheia de adesivos*.

— Ele disse que só ia lá durante a semana porque tinha gente demais nos fins de semana, falando alto e se agarrando. Era um cara legal, mas maconheiro. Eu já falei isso?

— Já, mas tudo bem. Continua. — Ela escreve *Pedra do Drive-In e AVENIDA RED BANK!!!*

— Eu falei de que adianta se não tem som e ele disse, e eu achei o máximo, ele disse: “Não importa, eu sei todos os diálogos”. E deve ser verdade mesmo

para os filmes que passam lá. Só coisa velha, sabe. E tem filmes que até *eu sei* todos os diálogos.

— É mesmo? — Claro que é mesmo. Holly sabe trechos longos de pelo menos uns sessenta filmes. Talvez uns cem.

— Sim. Sabe, você vai precisar de um barco maior, ocupar-se de viver ou ocupar-se de morrer, essas coisas.

— Você não aguenta a verdade. — Holly não consegue resistir.

— Certo, essa é famosa. Vou te dizer uma coisa, sra. Gibney, no meu ramo o cliente está sempre certo. A não ser que sejam menores querendo cigarro e cerveja, claro. Mas não me impede de pensar, né?

— Claro que não.

— E o que eu pensei sobre aquele garoto era que ele estava misturando substâncias. Eu acho que ele ia lá pra cima, fumava maconha pra ficar doidão e virava uma lata de P-Co pra incrementar. Pararam de fabricar esse refrigerante dois ou três anos atrás e não me surpreende em nada. Eu experimentei uma lata uma vez e me deu *tremores*. Bom, aquele cara era um cliente regular. Um relojinho. Ele terminava o trabalho, vinha de bicicleta motorizada, comprava o chocolate e o refrigerante, às vezes a seda, conversava um pouco e ia embora.

— E quando ele parou de ir?

— Não sei direito. Trabalho no Jet Mart há muito tempo. Já vi tanta gente. Mas Trump estava concorrendo à presidência, eu me lembro disso porque nós fazíamos piada. Parece que a piada éramos nós. — Ele faz uma pausa, talvez repensando o que falou. — Mas, se você votou nele, eu estou brincando.

Porra nenhuma, pensa Holly.

— Eu votei na Clinton. Você o chamou de cara do boliche?

— Isso mesmo, porque ele trabalhava no Strike ‘Em Out. Estava na camisa dele.

Eles conversam um pouco mais, mas Herrera não lembra mais nada de valor. No entanto, não deve ser difícil descobrir o nome do cara do boliche. Holly alerta a si mesma de que pode não querer dizer nada. Mas... a mesma loja, a mesma rua, a pessoa não tem carro, na mesma hora da noite em que Bonnie Rae desapareceu. E a Pedra do Drive-In, onde a própria Holly se sentou depois que encontrou o brinco de Bonnie.

Ela verifica o iPad e vê que o boliche Strike ‘Em Out Lanes abre às onze. Lá vão saber o nome do cara do boliche. Ela vai até a porta, mas aí tem outra ideia. Imani McGuire não permitiu que ela gravasse a entrevista, mas Holly fez um resumo dos pontos altos no celular depois. Ela abre essa gravação agora, mas, quando está prestes a apertar play, o nome do marido de Imani surge na cabeça dela. Pátio de veículos apreendidos.

Ela encontra o nome do pátio municipal e pergunta se o sr. Yardley McGuire está.

— Sou eu.

— Sr. McGuire, meu nome é Holly Gibney. Eu falei com sua esposa ontem...

— Sobre a Ellen — diz ele. — Immi disse que a conversa de vocês foi boa. Por acaso você não encontrou a Ellen, né?

— Não, mas posso ter encontrado outra pessoa que desapareceu uns anos antes. Talvez não tenha ligação, mas talvez tenha. Ele andava numa bicicleta motorizada coberta de adesivos. Um deles dizia BOMBA NAS BALEIAS GAYS. Outro talvez fosse do Grateful Dea...

— Ah, claro, eu me lembro dessa — diz Yard McGuire. — Ficou aqui um ano pelo menos, talvez mais. Jerry Holt acabou levando pra casa e dando pro filho do meio, que estava pedindo uma. Mas deu uma recauchutada primeiro, porque...

— Porque estava barulhenta. Fazia *blac-blac-blac*.

Yard ri.

— É, bem isso mesmo.

— Onde foi encontrada? Ou abandonada?

— Ih, não faço ideia. Jerry talvez saiba. E, escuta, sra. Gibney, Jer não roubou, tá? A placa tinha sumido e, se havia número de registro, ninguém se deu ao trabalho de verificar no DMV.org. Não por uma coisinha de nada como aquela.

Holly pega o número de Jerry Holt, agradece a Yardley e diz para ele mandar lembranças a Imani. Em seguida, liga para Holt. Depois de três toques, cai na caixa postal. Ela deixa uma mensagem e pede para ele ligar de volta. Anda pelo escritório, passando as mãos pelo cabelo até parecer uma pilha de feno depois de uma ventania. Mesmo sem saber o nome do cara do boliche, ela tem noventa por cento de certeza de que ele é outra vítima da pessoa em que ela está começando a pensar como Predador da Red Bank. É improvável que o predador

seja uma senhora branca e idosa com problema no ciático, mas seria possível que a senhora estivesse ajudando alguém? Limpando a sujeira de alguém? Talvez até do filho? Deus sabe que esse tipo de coisa já aconteceu. Holly leu recentemente sobre um homicídio de honra, em que uma idosa segurou as pernas da nora para que o filho ofendido pudesse decapitá-la. Família que mata junta permanece junta, esse tipo de coisa.

Ela pensa em ligar para Pete. Até pensa em ligar para Isabelle Jaynes na delegacia. Mas não pensa seriamente em ligar para nenhum deles. Ela quer resolver isso sozinha.

3

O estacionamento do boliche Strike ‘Em Out Lanes é grande, mas está pouco ocupado. Holly para e, quando está abrindo a porta, seu celular toca. É Jerry Holt.

— Claro, eu me lembro da bicicleta. Como ninguém foi procurar um ano depois, não, foi mais pra dezesseis meses, eu a dei para o meu filho. Tem alguém querendo de volta?

— Não, nada do tipo. É que...

— Que bom, porque o Greg bateu com ela dando saltos na pedreira perto daqui. O idiota quebrou o braço. A minha esposa me infernizou.

— Eu só quero saber onde foi encontrada. Por acaso você sabe?

— Ah, sei — diz Holt. — Foi a céu aberto. No parque Deerfield. Naquela parte cheia de mato que chamam de Matagal.

— Perto da avenida Red Bank — diz Holly. Mais para si mesma do que para Jerry Holt.

— Isso mesmo. Um dos jardineiros a encontrou.

4

Tem duas placas na porta do boliche. Uma diz ABERTO. A outra diz SEM MÁSCARA? TUDO BEM! Holly coloca a dela e entra. O saguão está decorado com dezenas de fotos de grupos de crianças. Acima tem uma plaquinha que diz CRIANÇAS JOGAM BOLICHE PELA SAÚDE! Holly consegue pensar em atividades mais saudáveis, como natação, corrida ou vôlei, mas provavelmente tudo ajuda um pouquinho.

São vinte pistas, mas só três não estão escuras. O som das poucas bolas é alto. O ruído dos pinos quando as bolas os acertam é mais alto ainda, como as partes de um filme de ação de Hollywood em que um personagem descartável corta o fio vermelho no lugar do azul.

Um magrelo de cabelo comprido e camiseta com listras laranja do Strike ‘Em Out está no balcão, servindo uma cerveja vespertina para um dos jogadores. Por um momento louco, Holly acha que encontrou Cory ou Cameron, vivo, bem e nada desaparecido, mas, quando ele se vira, ela vê que o crachá preso na camiseta diz DARREN.

— Quer sapatos? Qual tamanho?

— Não, obrigada. Meu nome é Holly Gibney. Sou investigadora particular...

Ele arregala os olhos.

— Jura?

Holly encara isso como expressão de respeito surpreso e não dúvida e segue em frente.

— Estou procurando informações sobre uma pessoa que trabalhava aqui uns anos atrás. Um jovem. O nome dele podia ser...

— Não posso ajudar. Só estou aqui desde junho. Emprego de verão. Você precisa falar com Althea Haverty. Ela é a dona. Está na administração. — Ele aponta.

Holly vai até a administração enquanto mais pinos explodem e uma mulher solta um grito exultante. Ela bate. Alguém lá dentro diz “Ei”, o que Holly entende como convite e abre a porta. Ela teria feito o mesmo ainda que a pessoa tivesse dito *vai embora*. Ela está perseguindo o caso e, quando está fazendo isso, sua timidez natural desaparece.

Althea Haverty é uma mulher extremamente grande sentada atrás de uma mesa atulhada como um Buda feminino meditando. Ela está com um punhado de papéis em uma das mãos. Há um laptop aberto à sua frente. Holly tem quase certeza pela forma como ela olha para os papéis de que são contas.

— Qual é o problema? A máquina de arrumar os pinos da onze estragou de novo? Eu mandei Darren fechar aquela pista até Brock vir consertar. Juro, aquele garoto tem pipoca no lugar do cérebro.

— Eu não vim jogar.

Holly se apresenta e explica o que quer. Althea escuta e larga o papel de lado.

— Você está falando sobre Cary Dressler. Ele foi o melhor funcionário que eu tive aqui desde que meu filho se mudou pra Califórnia. Se dava bem com os clientes, tinha jeito de mandar embora quem vinha beber de dia quando eles exageravam sem os irritar. E com os horários? Perfeito! Ele era maconheiro, mas hoje em dia quem não é? Nunca se atrasava, nunca faltava por estar doente. Um dia, ele sumiu. Bum. Assim. Você o está procurando, é?

— Estou. — Penny Dahl é a cliente, mas Holly agora está procurando todos. Os desaparecidos. O que chamam de *disparus* na América do Sul.

— Bom, não são os pais dele que estão pagando suas contas, e eu não preciso ser detetive pra saber disso. — Althea coloca as mãos atrás da cabeça e se alonga, projetando seios gigantescos que cobrem metade da mesa.

— Por que diz isso?

— Ele veio pra cá de uma cidadezinha de merda no Minnesota. Disse que o padrasto pegava muito no pé dele. A mãe fingia que não via. Ele acabou ficando de saco cheio e pulou fora. Não teve drama, Cary falava com muita naturalidade. Tinha boa atitude. Aquele jovem só se importava com filmes e trabalhar aqui. E drogas, provavelmente, mas eu sou do time quem não pergunta não precisa saber de nada. Além do mais, era só erva. Você acha que aconteceu alguma coisa com ele? Alguma coisa ruim?

— Acho que é possível. Você pode me ajudar a definir quando ele foi embora? Conversei com um funcionário do Jet Mart onde Cary parava a caminho de casa... algum apartamento, imagino... mas a única coisa de que ele pareceu ter certeza é que aconteceu por volta da época em que Trump estava concorrendo à presidência pela primeira vez.

— Os filhos da puta desses democratas roubaram o segundo mandato dele, perdão pela linguagem. Espera um minuto, espera um minuto. — Ela abre a gaveta de cima da escrivaninha e começa a remexer dentro. — Eu odeio pensar que algo tenha acontecido a Cary, a situação da liga não é a mesma sem ele.

Remexe, remexe, remexe.

— A porra da covid matou um monte de gente das ligas, o que seria ridículo se não estivesse também matando o meu negócio, mas sem Cary aqui as partidas e o ranking já estavam confusos antes da covid começar. Cary era tão bom em... ah. Acho que é isso.

Ela conecta um pen drive no laptop, coloca um par de óculos, clica e mexe, balança a cabeça, clica e mexe mais um pouco. Holly precisa se segurar para

não contornar a escrivaninha e encontrar o que a mulher está procurando.

Althea olha a tela. Refletida nos óculos, Holly vê o que parece ser uma planilha. Ela diz:

— Bom. Cary começou aqui em 2012. Era novo demais pra servir álcool até o aniversário dele, mas eu o contratei mesmo assim. E fico feliz de ter feito isso. Ele recebeu o último pagamento no dia 4 de setembro de 2015. Há quase seis anos! O tempo voa mesmo, né? E aí, ele sumiu. — Ela tira os óculos e olha para Holly. — Meu marido teve que assumir o lugar dele. Isso foi antes do Alfie ter o ataque cardíaco.

— Você tem alguma foto do Cary?

— Não no laptop, mas vem pro Bowlaroo comigo.

Bowlaroo é o restaurante, onde uma mulher com cara de cansada (usando máscara, Holly fica feliz de ver) está servindo hambúrgueres e cerveja para alguns jogadores. As paredes ladrilhadas são decoradas com mais fotos. Duas mostram homens sorridentes segurando folhas de pontuação cobertas de X. Acima tem uma placa que diz CLUB DOS 300! A maioria das outras é de grupos de jogadores com camisas de liga.

— Olha esse lugar — lamenta Althea, indicando as cabines, as mesas e os bancos vazios. — Isso era um bom negócio, Holly. Se continuar assim, eu vou ter que fechar. E tudo por causa de uma gripe fake. Se os filhos da puta dos democratas não tivessem roubado a eleição... ah, aqui está ele. Esse é o Cary, bem na frente.

Ela parou perto de uma foto com sete idosos — quatro de cabelo branco, quatro carecas — e um jovem com o cabelo louro comprido preso. O jovem e um dos sujeitos idosos estão erguendo um troféu. Embaixo, diz COROAS DE OURO CAMPEÕES DA LIGA DE INVERNO 2014-2015.

— Posso tirar uma foto? — pergunta Holly, já erguendo o celular.

— Fique à vontade.

Holly tira a foto.

— Ele está em duas outras. Olha essa.

Na foto para a qual ela está apontando, Cary está com seis mulheres sorridentes, duas parecendo capazes de comer o jovem sr. Dressler de colher. De acordo com as camisetas, elas são as Bruxas Gatas, campeãs da Divisão Feminina de 2014.

— Elas queriam se intitular Piranhas Quentes, mas Alfie bateu o pé. E aqui está ele com um dos times da Liga da Cerveja. Eles jogam por uma caixa de

Bud.

Holly tira mais fotos.

— Cary jogava com qualquer time em que faltasse um homem ou uma mulher. Isso se fosse durante o horário de trabalho, claro. Ele trabalhava das onze da manhã, quando a gente abre, até as sete da noite. Era muito popular, jogava bem, com uma média de duzentos pontos, mas se segurava quando era substituto. Ele se encaixava em qualquer time, mas aqueles caras ali eram seus favoritos e com quem ele mais jogava. — Ela leva Holly de volta até os Coroas de Ouro. — Porque eles jogavam de tarde, quando este lugar estava praticamente deserto mesmo antes da porra da covid. Os Coroas jogavam de tarde porque eram aposentados, mas acho que Cary também tinha alguma coisa a ver com isso. Talvez muita coisa.

— Por que você diz isso?

— Porque, depois que ele parou de trabalhar aqui, os Coroas mudaram pras noites de segunda. Nós tínhamos uma vaga e eles pegaram.

— É possível que Cary tenha conversado com algum desses homens sobre os planos de largar tudo e talvez sair da cidade?

— Talvez. Tudo é possível.

— Eles ainda jogam? Os homens dessa foto?

— Alguns, mas pelo menos dois morreram. — Ela bate em um homem sorridente de cabelo branco que está segurando uma bola marmorizada vermelha que parece feita sob medida. — Roddy Harris ainda vem quase toda semana, mas agora só assiste. Os quadris estão ruins, ele diz, e está com artrite nas mãos. Esse aqui morreu... esse aqui acho que teve um AVC... mas esse cara ainda joga. — Ela mostra o homem segurando o troféu junto com Cary. — Ele é o capitão do time. Era na época e ainda é. O nome dele é Hugh Clippard. Se quiser falar com ele, posso dar o endereço. Nós temos o endereço de todos os integrantes dos times, para o caso de eles ganharem alguma coisa. Ou se houver reclamações.

— Tem muitas?

— Amiga, você ficaria surpresa. As competições ficam quentes, principalmente nas ligas de inverno. Eu me lembro de uma partida entre as Bruxas e as Sallies das Pistas que terminou em briga. Socos, arranhões, cabelo puxado, cerveja derramada pra todo lado, uma bagunça. Tudo por causa de uma linha de falta. Foi Cary que separou todo mundo. Ele era bom nisso também. Nossa, que falta eu sinto dele.

— Eu gostaria do endereço do sr. Clippard. E do número de telefone, se você tiver.

— Eu tenho.

Ela segue Althea Haverty até o escritório. Holly não acredita nem por um minuto que Cary Dressler tenha contado a algum dos Coroas sobre seus planos de ir embora porque não acha que ele tinha tais planos. Os planos dele foram mudados, talvez de forma permanente. Mas, se uma senhora idosa esvaziou o trailer de Ellen, é possível que algum desses idosos a conheça. Talvez até tenha algum parentesco com ela, por sangue ou casamento. Porque o Predador da Avenida Red Bank não está escolhendo as vítimas de forma aleatória, ou não totalmente. Ele sabia que Ellen não tinha ninguém. Sabia que Cary não tinha ninguém. Talvez até soubesse que a mãe de Pete Steinman tinha problema com bebida. Ele sabia que Bonnie tinha terminado com o namorado, que o pai estava longe e que o relacionamento de Bonnie com a mãe era tenso. Em outras palavras, o Predador tinha informações. Escolheu seus alvos.

Holly está melhor do que antes — mais pé no chão, mais emocionalmente estável, com menos tendência a se culpar —, mas ainda sofre de baixa autoestima e insegurança. Essas duas coisas são defeitos de personalidade, mas a ironia é a seguinte: ambas a tornam uma detetive melhor. Ela está perfeitamente ciente de que suas suposições sobre o caso podem estar totalmente erradas, mas seus instintos lhe dizem que ela está certa. Ela não quer saber se Cary contou para algum dos Coroas de Ouro sobre seus planos de ir embora da cidade; ela quer saber se algum deles conhece ou talvez até seja casado com uma mulher que sofre de ciática. É improvável, mas, como dizia o Deputy Dawg do desenho animado: “É possível, Muskie, é possível”.

— Aqui — diz Althea, e entrega uma folha de bloco para Holly. Holly a dobra e guarda em um dos bolsos da calça cargo.

— Tem mais alguma coisa que você possa me contar sobre Cary, sra. Haverty?

Althea pegou a pilha de contas de novo. Agora, abaixa os papéis na mesa e suspira.

— Só que eu sinto falta dele. Aposto que os Coroas, tipo Clippard, que estava aqui na época do Cary, também sentem. As Bruxas sentem falta dele, assim como a molecada que vinha de ônibus nos passeios da educação física uma vez por mês. Principalmente as meninas. Ele era maconheiro e aposto que onde

quer que esteja acredite na gripe falsa, como você, Holly... não, eu não vou discutir com você sobre isso, estamos nos Estados Unidos, você pode acreditar no que quiser... eu só estou dizendo que ele era um bom funcionário e que há cada vez menos disso por aí. Aquele Darren, por exemplo. Ele está só matando tempo. Você acha que ele seria capaz de montar um torneio? Nem com uma arma na cabeça.

— Obrigada pelo seu tempo — diz Holly e oferece o cotovelo.

Althea parece achar graça.

— Não se ofenda, mas eu não faço isso.

Holly pensa: *Minha mãe morreu dessa gripe falsa, sua piranha burra.*

O que ela diz, e com um sorriso, é:

— Não me ofendo.

5

Holly anda lentamente pelo saguão, ouvindo as bolas rolando e os pinos caindo. Ela está prestes a abrir a porta, se preparando para a onda de calor e umidade que vai atingi-la, mas então para, os olhos arregalados e focados.

Meu Deus, ela pensa. Sério?

19 DE MAIO DE 2021

Marie e Barbara tomam café. Olivia, que sofreu episódios de arritmia nos últimos anos, toma um chá gelado descafeinado Red Zinger. Quando elas estão acomodadas na sala, Olivia conta a Barbara o que vem a seguir em relação ao Prêmio Penley. Ela fala com mais hesitação do que o habitual. Barbara acha isso perturbador, mas a voz não está arrastada, e o que Olivia diz é preciso e direto, como sempre.

— Eles enrolam como se fosse uma daquelas competições de televisão tipo *Dança dos famosos* em vez de um prêmio de poesia para o qual quase ninguém liga. Por volta de meados de junho, os finalistas serão reduzidos a dez. Em meados de julho, vão anunciar os cinco finalistas. O vencedor será declarado, com alívio e um apropriado floreio de trombetas, supomos, mais ou menos um mês depois.

— Só em agosto?

— Como eu falei, eles enrolam. Pelo menos, você não vai precisar enviar mais poemas, o que é bom no seu caso. Me corrija se eu estiver enganada, mas acho que sua gaveta deve estar quase vazia. Os últimos dois que você me mostrou me pareceram, e me perdoe por falar assim, meio forçados.

— Podem ter sido mesmo. — Barbara sabe que foram. Ela sentiu que estava empurrando os versos em vez de ser puxada por eles.

— Você tem *permissão* de enviar mais alguns, um termo vago que as pessoas encarregadas deviam saber que não se deve usar, mas sugiro que não envie. Você mandou seus melhores. Não concorda?

— Sim.

— Você precisa ir pra cama, Olivia — diz Marie. — Está cansada. Vejo no seu rosto e ouço na sua voz.

Para Barbara, Olivia sempre parece cansada — exceto pelos olhos ferozes —, mas é provável que Marie veja melhor e saiba mais. E deveria; ela tem diploma de enfermagem e está com Olivia há quase oito anos.

Olivia levanta a mão sem nem olhar para a cuidadora. A palma quase não tem mais linhas. *Como a mão de um bebê*, pensa Barbara.

— Se você for uma das cinco finalistas, vai ter que escrever uma declaração de propósito poético. Um ensaio. Você viu isso no site, não viu?

Barbara viu, mas só passou os olhos por essa parte, não esperando chegar tão longe quanto chegou. Mas a menção ao site do Prêmio Penley desperta uma ideia que ela devia ter tido antes.

— Os quinze finalistas estão no site?

— Não sei, mas acho que sim. Marie?

Marie está com o celular na mão e deve ter o site do Prêmio Penley nos favoritos, porque leva poucos segundos para descobrir a resposta à pergunta de Barbara.

— Sim. Estão aqui.

— Droga — diz Barbara.

— Você ainda pretende guardar segredo? — pergunta Marie. — Porque chegar tão longe já é uma baita realização, Barb.

— Bom, eu ia. Pelo menos até Jerome assinar o contrato. Mas acho que o coelho já saiu da cartola, né?

Olivia solta uma risada.

— Fala sério. O Prêmio Penley não é material para o *New York Times* nem notícia da CNN. Imagino que as únicas pessoas que olham o site são os finalistas. E amigos e familiares. Talvez um ou outro professor favorito. O mundo não dá bola. Se você pensar em literatura como uma cidade, os que leem e escrevem poesia são os parentes pobres que moram do outro lado da linha do trem. Acho que seu segredo está seguro. Posso voltar para o ensaio que mencionei? — Ela estica a mão para pôr o copo de chá gelado na mesa lateral. Não chega até lá e ele quase cai, mas Marie estava olhando e pega a tempo.

— Claro, vá em frente — diz Barbara. — Depois, melhor você ir deitar.

Marie assente enfaticamente.

— Uma declaração de propósito poético, que não exceda quinhentas palavras. Você pode não estar mais na competição quando os finalistas forem anun-

ciados, portanto não precisa escrever sobre o motivo de estar fazendo o que está fazendo, mas não vai fazer mal pensar. Pode fazer isso?

— Posso.

Se bem que Barbara não tem ideia do que vai dizer se chegar a esse ponto. As duas já conversaram muito sobre poesia e Barbara absorveu tudo, feliz de ouvir que, sim, o que ela está fazendo é importante, que, sim, é uma questão séria. Ouvir *sim*. Mas quais seriam as coisas mais importantes para colocar em um ensaio de duas ou três páginas quando tudo parece importante? Vital, até?

— Você vai me ajudar, não vai?

— De jeito nenhum — diz Olivia, parecendo surpresa. — Qualquer coisa que você diga sobre o seu trabalho precisa vir do seu coração e mente. Entendido?

— Bem...

— Bem nada. Coração. Mente. Assunto encerrado. Agora, me diz: você ainda está lendo prosa? *To the White Sea*, talvez?

— Olivia, chega — diz Marie. — Por favor.

Novamente, a mão sobe.

— Eu li. Agora, estou em *Meridiano de sangue*, de Cormac McCarthy.

— Ah, caramba, esse é sombrio. Um flerte com o terror. Mas cheio de visão.

— E estou pensando em ler *Catalepsia*. Do professor Castro, o que deu aula aqui.

Olivia ri.

— Ele não era professor universitário, mas ensinava bem. Gay, eu te falei?

— Acho que sim.

Olivia tenta pegar o copo de chá gelado. Marie o coloca na mão dela com um olhar resignado. Ao que parece, ela desistiu de colocar Olivia no elevador de cadeira e na cama lá em cima. A mulher está determinada, a fala rápida e clara de novo.

— Ah, sim, gay ao máximo. Atitudes em relação a isso eram um pouco menos tolerantes dez anos atrás, mas a maioria do corpo docente, inclusive pelo menos dois que agora já saíram do armário, o aceitava como ele era, com os sapatos brancos, camisas amarelas chamativas e boina. Nós gostávamos do seu humor estilo Oscar Wilde, a armadura que ele usava para proteger a sua gentileza básica. Jorge era um homem muito gentil. Mas havia pelo menos um membro do corpo docente que não gostava nada dele. Talvez até o odiasse.

Acho que, se ela fosse chefe do departamento em vez de Rosalyn Burkhart, teria dado um jeito de bater a porta na cara dele.

— Emily Harris?

Olivia abre um sorriso amargo e distorcido que é bem diferente do habitual.

— A própria. Acho que ela não vê muita utilidade pra gente que não é branca, e esse foi um dos motivos pra eu tirar você dela apesar de ser mais velha do que Deus, e eu sei *com certeza* que ela não gosta de quem tem, nas palavras da Emily, “a munheca meio frouxa”. Me ajuda a levantar, Marie. Acho que vou pedir de novo. Graças a Deus na minha idade os peidos são relativamente inodoros.

Marie a ajuda a se levantar. Olivia está com as bengalas, mas, depois de tanto tempo sentada, Barbara não sabe se ela conseguiria andar sem a ajuda da mulher.

— Pensa no ensaio, Barbara. Espero que você esteja entre os cinco felizardos a escrever um.

— Vou colocar meu chapéu de pensamento. — É uma coisa que sua amiga Holly diz às vezes.

Na metade da escada, Olivia para e se vira. Seus olhos não estão mais ferozes. Ela voltou no tempo, uma coisa que está acontecendo com mais frequência nesta primavera.

— Eu me lembro da reunião de departamento em que o futuro da Oficina de Poesia estava sendo discutido e Jorge se manifestou com muita eloquência a favor de mantê-la. Eu me lembro como se fosse ontem. Emily sorriu e assentiu enquanto ele falava como quem diz “bom ponto, bom ponto”, mas os *olhos* dela não sorriram. Ela queria as coisas do jeito dela. É muito determinada. Marie, você se lembra da festa de Natal dela do ano passado?

Marie revira os olhos.

— Quem esqueceria?

— O que tem? — pergunta Barbara.

— Olivia... — diz Marie.

— Ah, silêncio, mulher, só vai levar um minuto e é uma ótima história. Os Harris fazem uma festa alguns dias antes do Natal todos os anos, Barbara. É tradição, sabe. Eles fazem isso desde que Deus era bebê. Ano passado, com a covid desenfreada por aí, a faculdade fechou e pareceu que uma grande tradição seria rompida. Mas Emily Harris por acaso ia deixar isso acontecer?

— Imagino que não — diz Barbara.

— Adivinhou certo, garota. Eles fizeram uma festa no *Zoom*. Eu e Marie decidimos não ir. Mas o *Zoom* não foi suficiente pra nossa Emily. Ela contratou vários jovens pra se vestirem com roupas de *Papai Noel* e entregar cestas de comidas e bebês para os convidados que estavam na cidade. Nós recebemos uma cesta, apesar de termos decidido não participar do *Zoom*. Não foi, Marie? Com cerveja e biscoitos, uma coisa assim?

— Recebemos sim, uma loura bonita que entregou. Agora, pelo amor de Deus...

— Sim, chefe, sim.

Com Marie ajudando, a velha poeta segue lentamente para a escada, onde se acomoda (com outro peido) no elevador de cadeira.

— Na reunião sobre a Oficina de Poesia, quando pareceu... só por um ou dois minutos... que Jorge poderia virar a votação, Em nunca interrompeu aquele sorriso dela, mas os olhos... — Olivia ri com a lembrança conforme a cadeira começa a subir. — Os olhos dela pareciam querer matá-lo.

27 DE JULHO DE 2021

1

CRIANÇAS JOGAM BOLICHE PELA SAÚDE, diz a placa acima das fotos de grupos de crianças que iam lá jogar antes dos dias em que a covid pôs fim a esse tipo de passeio. Holly olha ao redor para ter certeza de que não está sendo observada. Darren, o jovem que agora faz o trabalho de Cary Dressler, está encostado ao lado das torneiras de chope olhando o celular. Althea Haverty voltou para o escritório. Holly está com medo de a foto que ela quer estar colada na parede, mas está em um gancho. Ela tem medo de não ter nada escrito atrás, mas tem, e com capricho: *Garotas da 5th Street Middle School, Maio de 2015.*

Holly pendura a foto no lugar e depois, por ser Holly, a ajeita com cuidado. São umas doze meninas de short roxo-escuro, que Holly reconhece como o uniforme de educação física da 5th Street Middle. Três fileiras, quatro meninas em cada uma. Elas estão sentadas de pernas cruzadas na frente de uma das pistas. Na do meio, sorrindo, está Barbara Robinson, com o cabelo afro médio que ela usava na época. Devia ter doze anos e estaria no sétimo na escola, se Holly não estiver enganada. Cary Dressler não está na foto, não está em nenhuma das que mostram as CRIANÇAS JOGAM BOLICHE PELA SAÚDE, mas, se começava a trabalhar às onze, quando o Strike ‘Em Out abria, estaria de serviço quando as crianças iam para lá.

Holly vai para o carro, sem nem reparar no calor e pela primeira vez sem querer um cigarro. Liga o ar-condicionado e encontra a foto que tirou dos Coroados de Ouro, a que mostra o capitão do time Hugh Clippard e Cary segurando o troféu. Ela a envia para Barbara com uma mensagem breve: *Você se lembra desse cara?*

Com isso feito, o sininho da nicotina começa a tocar. Ela acende o cigarro, coloca o cinzeiro portátil no painel e sai dirigindo. Está na hora de bater em al-

gumas portas. Começando com Hugh Clippard.

2

As casas vitorianas na graciosa curva em declive da Ridge Road são boas, mas as de Laurel Close, no meio de Sugar Heights, são melhores. Isso se a definição de boa incluir não só cara, mas *muito* cara. Holly não liga. Para ela, se os eletrodomésticos do apartamento funcionam e a chuva não entra pela janela, está ótimo; um funcionário (ou vários) seria incômodo. Tem um deles em frente à residência dos Clippard, que é uma mansão Tudor com gramado amplo e aveludado. O jardineiro está cortando a grama quando ela para junto ao meio-fio.

Holly pensa: *Uma nova milionária estaciona e vê um homem num cortador de grama cortar a grama dos Clippard.*

Ela liga para o número de Hugh Clippard. Está preparada para deixar uma mensagem, mas ele atende e escuta Holly dar uma versão resumida do seu interesse em Cary Dressler.

— Que jovem incrível! — exclama Clippard quando ela termina. Holly vai descobrir que ele é um sujeito afeito a exclamações. — Fico feliz em falar sobre ele. Venha para os fundos. Minha esposa e eu estamos na piscina.

Holly embica na garagem e acena para o jardineiro. Ele acena rapidamente em resposta e continua dirigindo. Ou cortando a grama. Holly não consegue ver por nada nesse mundo o que tem para se cortar. Para ela, a grama já parece a superfície de uma mesa de bilhar recém-aspirada. Ela pega o iPad — tem tela maior para a foto que ela quer mostrar a Clippard — e contorna a casa, parando para espiar uma sala de jantar com uma mesa que parece capaz de acomodar um time de futebol americano inteiro (ou uma liga de boliche).

Hugh Clippard e a esposa estão em espreguiçadeiras iguais na sombra de um ombrelone azul imenso. A piscina, do mesmo tom de azul, não é olímpica, mas também não é nenhuma piscininha infantil. Clippard está de sandálias e uma sunga vermelha apertada. Ele a vê e se ergue com um pulo. A barriga dele é reta e tem um tanquinho de cirurgia. O cabelo branco e comprido está penteado para trás, molhado. A primeira impressão de Holly é que ele tem uns setenta anos. Quando ele chega perto o suficiente para apertar a sua mão, ela vê que ele é bem mais velho, mas está em excelente forma para um Coroa de Ouro.

Ele sorri com a hesitação dela de apertar a sua mão, mostrando dentes brancos perfeitos que provavelmente não foram baratos.

— Nós dois estamos vacinados, sra. Gibney, e planejamos tomar a dose de reforço assim que o CDC aprovar. Posso supor que você também tomou a vacina?

— Sim. — Holly aperta a mão dele e abaixa a máscara.

— Essa é minha esposa, Midge.

A mulher debaixo do ombrelone é pelo menos vinte anos mais nova do que Clippard, mas não está em tão boa forma. Tem um volumezinho debaixo do maiô. Ela tira os óculos de sol, acena de um jeito distante com eles na mão e continua lendo um livro que tem um título não muito sutil: *A sutil arte de ligar o f*da-se*.

— Vamos pra cozinha — diz Clippard. — Está *um forno* lá fora. Você está bem aí, Midge?

A única resposta é outro aceno indiferente. Desta vez, sem olhar. Claramente, ela ligou o f*da-se.

A cozinha, acessível por portas de correr de vidro, é como Holly esperava. A geladeira é uma Sub-Zero. O relógio acima da bancada de granito é um Perigold. Clippard serve um copo de chá gelado para cada um e a convida a contar mais detalhes sobre o motivo de ter ido lá. Ela conta, mencionando Bonnie e a conexão do Jet Mart, mas focando em Cary.

— Ele falou alguma coisa sobre planos para o futuro? Contou alguma coisa? Estou perguntando porque a sra. Haverty disse que a sua liga era a favorita dele para jogar.

Holly não espera nenhuma ajuda da resposta dele. Pode haver alguma coisa, nunca diga nunca e tal, mas uma olhada em Midge Clippard deixou claro que ela não é a senhora idosa que Imani McGuire viu saindo do trailer de Ellen Craslow.

— Cary! — exclama Clippard, balançando a cabeça. — Ele era um cara ótimo, isso eu posso dizer, e sabia fazer a bola rolar! — Ele levanta um dedo. — Mas nunca tirava vantagem. Ele usava uma habilidade do mesmo nível que a dos times contra os quais jogava.

— Com que frequência ele entrava como substituto?

— Toda hora! — Clippard acrescenta uma risada que por si só é exclamatória. — Não nos chamam de Coroas de Ouro à toa! Sempre tinha alguém com problema nas costas, distensão em tendão, torcicolo, alguma outra coisa de velho. A gente chamava Cary e aplaudia se ele pudesse jogar com a gente. Ele

nem sempre podia, mas em geral conseguia. Nós gostávamos dele e ele de nós. Quer saber um segredo?

— Eu adoro segredos. — Isso é verdade.

Hugh Clippard baixa a voz para um quase sussurro que é exclamatório de um jeito todo peculiar.

— Alguns de nós comprávamos erva dele! A sua erva nem sempre era ótima, mas normalmente era boa. Bolinha nem tocava, mas a maioria de nós não era avessa a um baseadinho ou um cachimbo. Isso quando ainda era ilegal, sabe.

— Quem é Bolinha?

— Roddy Harris. Nós o chamávamos assim porque ele usava uma bola de quatro quilos e meio. A maioria de nós usa de cinco e meio ou seis e meio.

— O sr. Harris era alérgico a maconha?

— Não, só *doido*! — exclama Clippard e cai na gargalhada. — Um cara legal e um jogador bom, mas doido de pedra! Nós também o chamávamos de sr. Carne! Roddy faz aquele tal Atkins parecer vegetariano! Alega que a carne restaura os neurônios e que certos produtos vegetais, inclusive cannabis, os destrói.

Clippard se estica e o tanquinho treme, mas ela vê rugas nas partes internas dos braços. *O tempo*, pensa ela, é mesmo vingativo.

— Nossa, isso me leva para o passado! A maioria desses caras já partiu dessa pra melhor! Quando eu entrei nos Coroas, dava aula na Faculdade Bell, vivia na cidade e fazia aplicações no mercado financeiro em paralelo. Agora, eu estou em tempo integral no ramo de investimentos e, como você pode ver, os negócios vão bem!

Ele faz um gesto indicando os arredores, supostamente mostrando a cozinha e os eletrodomésticos de ponta, a piscina, talvez até a esposa mais nova. Que não é jovem o suficiente para ser chamada de esposa-troféu, e Holly vê isso como um ponto a seu favor.

— Trump é um idiota e estou feliz de ele ter saído, feliz *da vida*, o cara não conseguia encontrar a própria bunda nem se usasse as duas mãos e uma lanterna, mas ele foi bom para os mercados. Mais chá gelado?

— Não, obrigada. Está ótimo assim. Muito gostoso.

— Quanto à sua pergunta, sra. Gibney, eu não consigo me lembrar de Cary ter falado comigo sobre planos de sair da cidade ou trocar de emprego. Posso ter esquecido algo que ele falou sobre essas coisas, isso foi seis, sete, até nove anos atrás, mas aquele jovem me parecia perfeitamente feliz. Louco por cine-

ma e sempre andando naquela bicicletinha barulhenta. Você disse que foi encontrada no parque Deerfield?

— Isso.

— Que loucura! Difícil acreditar que ele a deixaria para trás. Era a marca registrada dele!

— Posso te mostrar uma foto? Você já deve ter visto, está no Bowlaroo. — Ela a abre no iPad. Clippard se curva para a foto.

— O Campeonato de Inverno, sim — diz ele. — Bons tempos! Eu não ganho desde essa época, mas no ano passado nós chegamos perto.

— Você consegue identificar os homens da foto? E por acaso tem os endereços deles? E telefones?

— Um desafio de memória! — exclama Clippard. — Vamos ver se vou encarar!

— Posso gravar no celular?

— Fique à vontade! Esse sou eu, claro, e esse é Roddy Harris, também conhecido como Bolinha ou sr. Carne. Ele e a esposa moram em uma das casas vitorianas. Lá na Ridge Road, você sabe. Roddy era do Ciências da Vida e a esposa, não me lembro do nome, era do Departamento de Inglês. — Ele move o dedo para o homem ao lado. — Ben Richardson morreu de ataque cardíaco dois anos atrás.

— Ele era casado? A esposa ainda mora na cidade?

Ele olha para ela de um jeito estranho.

— Ben era divorciado quando começou a jogar com a gente. Havia muito tempo já. Sra. Gibney, você acha que algum dos nossos rapazes tem alguma coisa a ver com o desaparecimento do Cary?

— Não, não, nada do tipo — garante Holly. — Eu só espero que algum deles possa me contar aonde Cary foi.

— Entendi, entendi! Seguindo em frente! Esse careca com ombros largos é Avram Welch. Ele mora em um daqueles apartamentos de Lakeside. A esposa morreu uns anos atrás, se quiser saber. Ainda joga. — Ele passa para outro careca. — Jim Hicks. Nós o chamávamos de Lambida Quente! Rá! Ele e a esposa se mudaram para Racine. Como estou indo?

— Excelente! — exclama Holly. Parece que é contagioso.

Midge entra.

— Estão se divertindo, crianças?

— Pode apostar, gatinha! — exclama Clippard, sem perceber o leve tom de sarcasmo na voz da esposa ou preferindo ignorá-lo. Ela se serve de um copo de chá gelado e fica na ponta dos pés para pegar uma garrafa de bebida marrom em um armário onde tem garrafas lado a lado. Coloca uma dose no copo e oferece a garrafa para eles, uma sobrancelha erguida.

— Por que não? — Clippard quase grita. — Deus odeia covardes!

Ela serve uma dose no copo dele. Desce fazendo barulho.

— E você, sra. Gibley? Um pouco de Wild Turkey vai deixar esse chá gelado trincando.

— Não, obrigada — diz Holly. — Eu estou dirigindo.

— Muito seguidora da lei de sua parte — diz Midge. — Tchauzinho, crianças.

Ela sai. Clippard olha para ela de um jeito que pode ou não indicar desprazer e volta a atenção para Holly.

— Você joga boliche, sra. Gibney? — Ele dá uma leve ênfase ao nome dela, como se para corrigir a distração da esposa.

— Não — admite Holly.

— Bom, os times das ligas costumam ser de apenas quatro jogadores e é assim que jogamos nas finais de torneio, mas na temporada regular às vezes a gente jogava com cinco ou até seis caras, supondo que a outra equipe tivesse o mesmo número. Porque nos acima de sessenta e cinco quase sempre tinha alguém na li. Às vezes, dois ou três. Li quer dizer...

— Lista de Incapacitados — diz Holly, e não se dá ao trabalho de dizer que agora se chama Lista de Contundidos. De repente, ela tem vontade de ir embora. Tem algo quase frenético em Hugh Clippard. Ela não acha que ele esteja cheirado, mas parece. O tanquinho... os ovinhos apertados na sunga vermelha... o bronzeado... e as rugas escondidas...

— Quem é esse?

— Ernie Coggins. Mora em Upriver com a esposa. Ainda joga com a gente nas noites de segunda se a cuidadora dela for trabalhar. Ela tem doença degenerativa da coluna avançada, a coitada. Vive na cadeira de rodas. Mas Ernie está ótimo. Se cuida bem.

Agora Holly entende o que a está incomodando, porque o está incomodando. A maioria dos homens da foto está em ruínas e, se oitenta é a média de idade, por que não estariam? O equipamento vai se desgastando, o que parece ser

uma coisa que Hugh Clippard não quer admitir. Ele está, como dizem, no corredor da negação.

— Desmond Clark não está na foto, acho que não estava lá quando foi tirada. Des e a esposa também estão mortos. Eles sofreram um acidente de avião pequeno na Flórida. Boca Raton. Des estava pilotando. O idiota tentou pousar com neblina pesada. Errou a pista. — Não há nada exclamatório nisso; Clippard fala num tom quase sem inflexão. Ele toma um gole grande do chá gelado batizado e diz: — Estou pensando em largar.

Por um momento, ela acha que ele está falando da bebida, mas conclui que não.

— Largar os Coroas de Ouro?

— É. Eu gostava do nome, mas agora meio que me irrita. Os únicos dessa foto com quem ainda jogo são Avram e Ernie Cog. Bolinha vai, mas só pra olhar. Não é como antes.

— Nada é — diz Holly com gentileza.

— Não? Não. Mas deveria. E poderia, se as pessoas se cuidassem. — Ele está olhando para a foto. Holly está olhando para ele e percebe que até o tanquinho está começando a ter rugas.

— Quem é esse último?

— Esse é Vic Anderson. Vic Charmoso, como costumávamos chamar. Ele teve um derrame. Está em uma clínica no norte.

— Não Rolling Hills, por acaso?

— Sim, o nome é esse.

O fato de um dos antigos jogadores de boliche estar na mesma clínica que o tio Henry parece coincidência. Holly fica aliviada, porque ver uma foto de Barbara Robinson no saguão do Strike ‘Em Out pareceu mais... bom... destino.

— A esposa dele se mudou pra lá pra poder visitá-lo com mais frequência. Não quer mesmo uma biritinha, sra. Gibney? Eu não conto se você não contar.

— Eu estou bem. De verdade. — Holly para de gravar. — Muito obrigada, sr. Clippard.

Ele ainda está olhando o iPad dela. Parece quase hipnotizado.

— Eu não tinha me dado conta de como tinham sobrado poucos de nós.

Ela passa a foto para o lado e ele levanta o olhar, como se não soubesse direito onde está.

— Obrigada pelo seu tempo.

— De nada. Se você localizar Cary, pede pra ele aparecer aqui qualquer hora, está bem? Pelo menos dá meu e-mail pra ele. Vou anotar pra você.

— E os números dos que ainda estão vivos?

— Com certeza.

Ele rasga uma folha de um bloco que diz só UM BILHETINHO DA COZINHA DA MÍDIA, pega uma caneta em uma caneca cheia de canetas e faz as anotações, consultando os contatos no celular. Holly reparou que os números e e-mails saem um pouco tremidos da sua mão. Ela dobra a folha de papel e guarda no bolso. Pensa de novo: *o tempo é vingativo*. Holly não se incomoda com gente idosa, mas tem alguma coisa na forma como Clippard lida com a idade que a deixa desconfortável.

Basicamente, ela mal pode esperar para pular fora.

3

Só tem um shopping center (e como é chique) em Sugar Heights. Holly estaciona lá, acende um cigarro e fuma de porta aberta, os cotovelos nas coxas e os pés no asfalto. O carro está começando a feder a cigarro, e nem a lata de aromatizador de ar que ela deixa entre os bancos acaba com o odor. Que hábito horrível, mas também muito necessário.

Só mais um pouco, pensa ela, e aí pensa de novo em Santo Agostinho rezando para que Deus o livrasse das tentações... mas ainda não.

Holly olha o celular para ver se Barbara respondeu à mensagem com a foto de Cary Dressler e os Coroas de Ouro. Ela não respondeu. Olha para o relógio e vê que são só 14h15. Ainda há muitas horas no dia e ela não tem intenção de desperdiçá-las, então o que fazer agora?

Levantar a bunda da cadeira e bater em portas, claro.

Havia oito Coroas do boliche em 2015, incluindo Desmond Clark, o que não está na foto. Três não precisam ser verificados. Quatro, se ela contar Hugh Clippard. Ele parece capaz de dominar Bonnie e o garoto do skate (quanto a Ellen, Holly não tem tanta certeza), mas, por enquanto, ela o deixa de lado junto com os dois que estão mortos e Jim Hicks (morando no Wisconsin... se bem que seria bom verificar isso). Sobram Roddy Harris, Avram Welch e Ernie Coggins. Tem também Victor Anderson, mas Holly duvida que uma vítima de derrame esteja andando por Rolling Hills sequestrando pessoas.

Ela sabe que é muito improvável que *qualquer um* dos Coroas de Ouro seja o Predador da Red Bank, mas está cada vez mais convencida de que as supostas abduções de Dressler, Craslow, Steinman e Bonnie Rae Dahl foram planejadas e não aleatórias. O Predador conhecia as rotinas, e todas pareciam ter o parque Deerfield como epicentro.

Os jogadores de boliche conheciam Cary. Ela não precisa mencionar os outros desaparecidos, a não ser que tenha uma sensação — o que Bill Hodges teria chamado de *palpite* — de que as perguntas sobre Cary estejam deixando alguém nervoso. Ou na defensiva. Talvez até culpado. Ela sabe que sinais procurar; Bill lhe ensinou direitinho. É melhor deixar Ellen, Pete e Bonnie como cullingas. Ao menos por enquanto.

Nem por um momento passa pela cabeça dela que Penny Dahl a tenha revelado no Facebook, Instagram e Twitter.

4

Enquanto Holly está fumando no estacionamento do Shopping Mart Boutique de Sugar Heights, Barbara Robinson está olhando inutilmente para o nada. Ela desativou todas as notificações do computador e do celular e só permitiu ligações dos pais e de Jerome. Aqueles círculos vermelhos nos ícones de mensagens e de e-mails são tentadores demais. O ensaio do Prêmio Penley, uma exigência para os cinco finalistas, tem que estar no correio até o fim do mês, e faltam só quatro dias. Três, na verdade; ela quer levar o ensaio para o correio na sexta para ter certeza absoluta da data no carimbo. Ser eliminada por um detalhe técnico depois de tudo isso seria loucura. Ela se curva para o texto.

A poesia é importante para mim porque
Horrível. Parece a primeira frase de um relatório de livro da escola. Apaga.

Poesia importa porque
Pior. Apaga.

Meu motivo para
Apaga, apaga, apaga!

Barbara desliga o computador, passa mais tempo olhando para o nada, se levanta da cadeira e tira a calça jeans. Veste um short, acrescenta uma camiseta sem mangas, prende o cabelo em um rabo de cavalo desleixado e vai correr.

Está quente demais para correr, a temperatura deve estar lá pelos trinta e tantos graus, mas é a única coisa que ela consegue pensar em fazer. Ela contor-

na o quarteirão... e é um dos grandes. Quando volta para a casa onde vai morar com os pais só até começar a faculdade e iniciar outra vida, ela está suando e ofegante. Ainda assim, contorna o quarteirão de novo. A sra. Caltrop, que está molhando as plantas com um chapéu na cabeça, olha para ela como se ela fosse doida. Ela deve ser mesmo.

Na frente do computador, olhando para a tela em branco e para o cursor pisando que parecia debochar dela, ela se sentiu frustrada e — ela admite — com medo. Porque Olivia se recusou a ajudar. Porque a cabeça dela estava tão vazia quanto a tela. Mas agora, correndo com o suor escurecendo a camiseta e escorrendo pelas laterais do rosto como lágrimas extravagantes, ela percebe o que está por baixo do medo e da frustração. Ela está com raiva. Sente como se estivessem brincando com ela. Fazendo-a pular por aros como se fosse um cão de circo.

Em casa, que no momento é só dela, com a mãe e o pai no trabalho, ela sobe a escada dois degraus de cada vez, deixa um rastro de roupas no corredor a caminho do banheiro e toma banho com a torneira toda virada para o F. Solta um grito e se abraça. Enfia o rosto latejante na água gelada e grita de novo. É bom gritar, como ela aprendeu naquele dia, dois meses antes, quando gritou com Marie Duchamp, e ela grita uma terceira vez.

Ela sai do chuveiro tremendo e toda arrepiada, mas se sentindo melhor. Mais limpa. Ela se seca até a pele estar brilhando e volta para o quarto, recolhendo as roupas no caminho. Joga-as na cama, vai nua até o computador, estica a mão para o botão de ligar e pensa *Não. Errado*.

Ela pega um dos cadernos da escola na prateleira ao lado da escrivaninha, passa para depois das anotações sobre Henrique VII e a Guerra das Rosas e abre em uma página em branco. Arranca-a quase sem cuidado, não ignorando a lateral irregular, mas feliz por ela. Está pensando em uma coisa que Olivia disse em uma reunião matinal. Ela disse para Barbara que era de um escritor espanhol chamado Juan Ramón Jiménez, mas que ela, Olivia, ouviu pela primeira vez de Jorge Castro. Ela disse que Jorge alegava que era a base de tudo que ele escrevia ou queria escrever: *Se te derem papel pautado, escreva na outra direção*.

Barbara faz isso agora, escrevendo o ensaio rapidamente por cima das linhas azuis das pautas. De acordo com as exigências do Penley, *não pode passar de quinhentas palavras*. O de Barbara é bem mais curto. E no fim Olivia ajuda com ou-

tra coisa que disse em uma daquelas reuniões matinais que mudaram a vida de Barbara. Talvez mais do que a faculdade vai mudar.

Eu escrevo poesia porque sem ela eu sou um motor quebrado. Ela pausa só por um momento e acrescenta: *Pedirem para eu escrever um ensaio sobre a minha poesia depois de enviar tantos exemplos para vocês é idiotice. Minha poesia é meu ensaio.*

Ela dobra a folha toda irregular duas vezes e enfa em um envelope que já está selado e endereçado. Veste-se, desce a escada correndo e sai pela porta, deixando-a aberta. Corre pelo quarteirão, provavelmente estragando o banho frio com suor novo. Ela não liga. Precisa fazer isso antes que possa mudar de ideia. E isso seria errado, porque o que ela escreveu está certo.

Tem uma caixa de correio na esquina. Ela joga o envelope dentro e se curva, apoia as mãos nos joelhos e respira com dificuldade.

Eu não ligo se vou ganhar ou perder. Eu não ligo, eu não ligo.

Ela pode se arrepender do que escreveu depois, mas não agora. Parada junto à caixa de correio, curvada com o cabelo molhado caindo no rosto, ela sabe que é verdade.

O trabalho importa.

Mais nada. Não prêmios. Não ser publicada. Não ser rica, famosa, ou as duas coisas.

Só o trabalho.

1º DE JULHO DE 2021

20:03.

Bonnie Rae Dahl pedala pela avenida Red Bank e entra no Jet Mart.

20:04.

Ela desce da bicicleta, tira o capacete e sacode o cabelo. Coloca o capacete no selim e entra.

— Oi, Emilio — diz ela e abre um sorriso para ele.

— Oi — responde ele, retribuindo o sorriso.

Ela passa pelas cervejas e vai até a geladeira dos fundos, onde os refrigerantes esperam. Pega uma Pepsi Diet. Começa a voltar pelo corredor e para na estante de bolinhos: Twinkies, HoHos, Yodels, Little Debbies. Pega um pacote de HoHos e fica na dúvida. Emilio está colocando cigarros na estante atrás do balcão. Do lado de fora, uma van passa pela loja, seguindo colina abaixo.

20:05.

Roddy Harris está dirigindo a van. Ele tem a seringa de Valium no bolso do paletó esporte. Emily já está na cadeira de rodas, pronta para agir... e hoje ela precisa estar. O ciático voltou com tudo. Roddy para no asfalto rachado na frente do que costumava ser a Consertos Automotivos e Pequenos Reparos de Motor do Bill com a porta de correr da van virada para a loja abandonada.

— Uma elfa de Natal a caminho — diz ele.

— Anda logo — diz Emily com rispidez. — Eu não quero perdê-la. Que *sofrimento*.

Ela vira a cadeira de rodas para a porta. Roddy aperta um botão e a porta abre. A rampa desliza para fora. Emily desce até a calçada. Roddy liga o pisca-alerta e sai. Eles debateram muito sobre os pisca-alertas e decidiram que precisam correr o risco. Não podem ter a chance de perdê-la. Em está mal e Roddy também não está lá muito bem. Os quadris dele estão doendo e as mãos estão

rígidas, mas o verdadeiro problema é a mente. Fica divagando. Não é Alzheimer, ele se recusa a acreditar nisso, mas está ficando confuso. Uma nova infusão de cérebro vai deixá-lo bem. E o resto vai deixar Em bem. Principalmente o fígado da elfa de Natal, esse é o cálice sagrado, o sacramento, mas nenhuma parte do animal pode ser desperdiçada. Não é só o lema dele, é o mantra.

20:06.

Bonnie colocou o pacote de HoHos de volta, não sem tristeza. Vai até a banca com a carteira na mão. Ela a carrega no bolso de trás, como um homem.

— Por que você não reconsidera os HoHos? — pergunta Emilio enquanto passa a compra. — Você está em boa forma, não vai te fazer mal.

— Sai pra lá, Satanás. Meu corpo é um templo.

— Se você diz — responde Emilio. — No Jet Mart, ao menos neste aqui, o cliente está sempre certo.

Os dois riem. Bonnie guarda o troco, tira a mochila do ombro e guarda a garrafa de refrigerante dentro. Ela planeja beber vendo Ozark na Netflix. Fecha a mochila e a coloca no ombro.

— Tenha uma boa noite, Emilio.

Ele faz sinal de positivo.

20:07.

Bonnie coloca o capacete, sobe na bicicleta e para por tempo suficiente para ajustar uma das alças da mochila. Não muito longe, colina abaixo, em frente à parte do parque conhecida como Matagal, Emily está pilotando a cadeira de rodas perto da traseira da van. O asfalto está rachado e irregular. Cada vez que a cadeira balança, ela sente uma explosão de dor na parte mais baixa das costas. Aperta os lábios para não gritar, mas não consegue segurar um gemido.

— Chama ela! — É em parte sussurro, em parte rosnado. — Não falha, Roddy, por favor, não falha!

Roddy não tem intenção de falhar. Se Bonnie não parar para ele, ele vai chutar a bicicleta quando ela tentar passar. Supondo, claro, que seus quadris encarem a tarefa. O que ele não daria para ter cinquenta anos de novo! Até mesmo sessenta!

Ele se vira para Em e vê uma coisa de que não gosta. A luz-guia da cadeira de rodas ainda está acesa, virada para o chão. Fica difícil de acreditar que a bateria de uma cadeira de rodas acabou se a luz ainda está funcionando! E a garota está vindo, disparando colina abaixo.

— Apaga a luz! — sussurra ele. — Emily, apaga a maldita luz-guia! Ela apaga bem na hora. Porque ali está a garota, a elfa de Natal deles. Roddy vai para a calçada e balança os braços.

— Você pode nos ajudar, por favor? Nós precisamos de ajuda!

Bonnie passa em disparada, e ela está longe demais para ele pensar em chutá-la da bicicleta. Por um instante ele vê todo o seu planejamento ir por água abaixo, diminuindo conforme o farol traseiro vermelho da bicicleta vai diminuindo colina abaixo. Mas aí a garota freia, dá a volta e retorna. Ele não sabe se foi o chamado com os braços, o pisca-alerta, o desejo de ser uma boa samaritana ou as três coisas. Só fica aliviado.

Ela pedala lentamente, um pouco cautelosa no começo, mas ainda tem luz suficiente no fim do dia para ela ver quem estava acenando.

— Professor Harris? O que houve? O que aconteceu?

— É a Em. O ciático dela está doendo e a bateria da cadeira de rodas acabou. Será que você pode me ajudar a colocá-la lá dentro? A rampa fica do outro lado. Eu quero levá-la para casa.

— Bonnie? — pergunta Emily com voz fraca. — Bonnie Dahl, é você?

— Sou eu. Ah, meu Deus, Emily, eu sinto muito!

Bonnie desce da bicicleta e arma o descanso. Vai rapidamente até Emily e se curva.

— O que houve? Por que vocês pararam *aqui*?

Um carro passa e reduz a velocidade. O coração de Roddy para, mas o veículo logo acelera de novo.

Emily não tem uma resposta boa para a pergunta de Bonnie, então só geme.

— Nós temos que levá-la para o outro lado — repete Roddy. — Você pode me ajudar a empurrar?

Ele se curva como se fosse pegar um dos apoios de mão da cadeira de rodas, mas Bonnie o empurra para o lado e segura os dois. Ela vira a cadeira e empurra até a parte de trás da van. Emily choraminga a cada sacolejo. Roddy contorna a rampa, se inclina pela porta aberta do motorista e desliga o pisca-alerta. *Uma coisa a menos com que me preocupar*, pensa ele.

— Eu devo chamar alguém? — pergunta Bonnie. — Meu celular...

— Só me empurra pela rampa — ofega Emily. — Vou ficar bem quando chegar em casa e tomar meu relaxante muscular.

Bonnie vira a cadeira de rodas para a rampa e respira fundo. Ela gostaria de recuar um pouco e pegar impulso, mas o asfalto é irregular demais. *Um empurraço forte, ela pensa. Eu sou forte, eu consigo.*

— Eu devo ajudar? — pergunta Roddy, mas já indo para trás de Bonnie e não na direção dos apoios de mão da cadeira de rodas. Ele enfia a mão no bolso. Tira a tampinha protetora da seringa sem dificuldade; já fez isso antes, tanto em vários treinos quanto nas quatro vezes em que foi para valer. A van bloqueia o que está acontecendo da rua e ele não tem motivo para pensar que as coisas vão dar errado. Eles estão quase em casa.

— Não, eu consigo. Fica para trás.

Bonnie se curva como uma corredora na largada, segura bem os apoios de borracha e empurra. Na metade da rampa, quando ela acha que não vai conseguir terminar, o motor da cadeira de rodas ganha vida. A luz-guia se acende. No mesmo momento ela sente uma picada de vespa na nuca.

Emily entra na van. Roddy espera que Bonnie caia, como aconteceu com os outros. Ele tem todos os motivos para esperar isso; injetou quinze miligramas de Valium a menos de cinco centímetros do cerebelo da garota elfo. Mas ela se empertiga e se vira. Leva a mão à nuca. Por um momento, Roddy pensa que deu a ela uma dose diluída, talvez até dose nenhuma, só água. São os olhos dela que o convencem de que não é verdade. Um Roddy Harris mais jovem e bem mais forte, na época na graduação, trabalhou por dois verões em um matadouro no Texas — foi onde começou a formular suas teorias sobre as propriedades quase mágicas da carne. Às vezes, a pistola que eles usavam para abater as vacas não estava totalmente carregada ou errava o alvo de leve. Quando isso acontecia, as vacas ficavam com a cara que Bonnie Dahl está fazendo agora, os olhos girando nas órbitas, a cara flácida de perplexidade.

— O que... você fez? O que...

— Por que ela não caiu? — pergunta Emily com voz estridente na porta aberta da van.

— Cala a boca — diz ele. — Ela vai cair.

Mas, em vez de cair, Bonnie cambaleia na direção da parte de trás da van, os braços esticados para se equilibrar. E na direção da rua, supostamente. Roddy tenta segurá-la. Ela o empurra com força surpreendente. Ele cambaleia para trás, tropeça em uma irregularidade do asfalto e cai de bunda. Seus quadris berram. Os dentes batem e pegam um pedaço de língua. Sangue escorre dentro da

boca. Nesse momento tenso, ele gosta do sabor, apesar de saber que seu próprio sangue é inútil. Qualquer sangue sem carne é inútil para ele.

— Ela está escapando! — grita Emily.

Roddy ama a esposa, mas nesse momento a odeia também. Se houvesse gente do outro lado da avenida Red Bank em vez de mato, elas estariam vindo ver o que é toda essa barulheira.

Ele se levanta. Bonnie se afastou da van e da avenida Red Bank. Agora está cambaleando na frente da oficina abandonada, uma das mãos deslizando na porta de rolar enferrujada para não cair, dando passos grandes e trôpegos de bêbado. Ela já chegou ao fim da construção quando ele finalmente consegue passar o antebraço pelo pescoço dela e puxá-la para trás. Ela ainda tenta lutar, girando a cabeça de um lado para outro. O capacete da bicicleta bate no ombro dele. Um dos brincos voa. Roddy está ocupado demais para notar; ele está, como dizem, com as mãos ocupadas. A vitalidade dela é simplesmente impressionante. Mesmo agora, Roddy pensa que mal pode esperar para sentir o gosto dela.

Ele a arrasta para a van, ofegante, o coração batendo não só no peito, mas latejando no pescoço e pulsando na cabeça.

— Vamos lá — diz ele, e a vira. — Vamos lá, elfa, anda, vamos lá...

Um dos cotovelos agitados acerta sua maçã do rosto. Fagulhas explodem nos olhos dele. Ele a solta, mas aí, graças a Deus, graças a Deus, os joelhos dela se dobraram e ela finalmente cai. Ele se vira para Emily.

— Você consegue me ajudar?

Ela se levanta parcialmente, faz uma careta e se senta de volta.

— Não. Se as minhas costas travarem completamente, eu só vou piorar as coisas. Você vai ter que fazer sozinho. Sinto muito.

Não tanto quanto eu, pensa Roddy, mas a alternativa é a cadeia, manchetes, um julgamento, noticiário de canais pagos vinte e quatro horas por dia e finalmente a prisão. Ele segura Bonnie por baixo dos braços e a arrasta na direção da rampa, as costas reclamando, os quadris ameaçando simplesmente travar. Parte do problema é a mochila. Ele a tira. Deve pesar uns dez quilos. Ele a entrega para Emily, que consegue pegar e segurar no colo.

— Abre — diz ele. — Pega o celular dela, se estiver aí dentro. Você precisa...

— Ele não termina pois precisa poupar o fôlego para o trabalho da vez. Além do mais, Em sabe como funciona. Eles precisam sair dali e, com sorte, sairão. Se

alguém merece sorte depois do que a gente passou, somos nós, ele pensa. A ideia de que Bonnie teve sorte pior nesta noite nem passa pela cabeça dele.

Em já está tirando o chip do celular de Bonnie e o destrói com eficiência.

Ele arrasta Bonnie pela rampa. Emily dá ré na cadeira para abrir espaço. Ela já abriu a mochila e começou a remexer dentro. Ele gostaria de parar e recuperar o fôlego, mas eles já ficaram ali tempo demais. Demais mesmo. Ele chuta as pernas de Bonnie para longe da porta. Teria machucado se ela estivesse consciente, mas ela não está.

— O bilhete. O bilhete.

Está esperando no bolso de trás do banco do passageiro, em um envelope de plástico transparente. Emily o escreveu depois de estudar várias anotações que Bonnie fez durante o breve tempo trabalhando com ela. Não é uma réplica exata, mas não precisa ser. E é curto: *Pra mim, chega*. O bilhete provavelmente não vai importar se a bicicleta for roubada, mas pode ser se o ladrão for pego. Roddy o gruda no selim da bicicleta e passa a manga do paletó por cima, caso o papel pegue digitais (a internet parece dividida quanto a isso).

Ele se senta no banco do motorista, respirando com dificuldade. Aperta o botão que puxa a rampa e fecha a porta. Seu coração está batendo em um ritmo insano. Se ele tiver um ataque cardíaco, Emily vai conseguir dirigir a van até a Ridge Road 93 e entrar na garagem? Mesmo que consiga, e a garota inconsciente?

Em vai ter que matá-la, ele pensa e, mesmo em seu estado atual, o corpo todo doendo, o coração disparando, a cabeça latejando, pensar em toda aquela carne sendo desperdiçada provoca uma pontada de tristeza nele.

20:18.

27 DE JULHO DE 2021

1

— Olha só isso — diz Avram Welch. Ele está usando um short cargo (Holly tem vários iguais) e apontando para os joelhos. Tem cicatrizes em forma de S nos dois. — Substituição dupla dos joelhos. No dia 31 de agosto de 2015. Difícil esquecer esse dia. Cary estava no Strike ‘Em Out na última vez que eu fui, em meados de agosto. Eu só fui para olhar, meus joelhos já estavam ruins demais para eu pensar em jogar uma bola. Quando voltei, ele não estava mais. Isso ajuda?

— Claro — diz Holly, apesar de não saber se ajuda ou não. — Quando o senhor voltou ao boliche depois da operação?

— Isso eu também sei. No dia 17 de novembro. Foi na primeira rodada do torneio dos acima de sessenta e cinco. Eu ainda não podia jogar, mas fui torcer para os Coroas.

— O senhor tem boa memória.

Eles estão sentados na sala do apartamento de terceiro andar em Sunrise Bay que pertence a Welch. Tem barcos em garrafas para todo lado. Welch contou que montá-los é seu passatempo, mas o lugar de honra é ocupado pela fotografia emoldurada de uma mulher com quarenta e poucos anos. Ela está usando um vestido de seda bonito e um véu de renda sobre o cabelo castanho, como se tivesse saído da igreja.

Welch aponta para a foto agora.

— Eu não tenho como esquecer. Foi um dia depois que Mary foi diagnosticada com câncer de pulmão. Morreu um ano depois. E sabe de uma coisa? Ela nunca fumou.

Ouvir falar de um não fumante que morreu de câncer de pulmão sempre faz Holly se sentir um pouco melhor com o próprio hábito. Ela acha que isso a tor-

na uma pessoa bem cocô.

— Sinto muito pela sua perda.

Welch é um homem pequeno, barrigudo e com pernas magras. Ele suspira e diz:

— Não tanto quanto eu, sra. Gibney, pode apostar. Ela era o amor da minha vida. Nós tínhamos nossas questões, como é normal com pessoas casadas, mas tem um ditado: “Nunca vá dormir com raiva.” E nós nunca íamos.

— Althea disse que todos vocês gostavam de Cary. Os Coroas de Ouro.

— *Todo mundo* gostava de Cary. Ele era um Tribble. Você não deve saber o que isso significa, mas...

— Eu sei. Sou fã de *Star Trek*.

— Certo, tudo bem. Cary... não dava pra *não* gostar dele. Era tipo um cadete espacial, mas simpático e sempre alegre. Acho que as drogas ajudavam com isso. *Ele* fumava, mas não cigarro. Fumava erva, como dizem.

— Acho que outros membros do seu time também fumavam erva — arrisca Holly.

Welch ri.

— É mesmo. Eu me lembro de noites em que a gente ia para os fundos e dividia uns baseados, ficava doidão e ria. Como se estivesse no ensino médio. Menos o Roddy, claro. O velho Bolinha não se importava que a gente fumasse, não era chato com isso, às vezes até ia junto, mas não fumava. Não acreditava em maconha. A gente fumava, voltava lá para dentro, e quer saber do que mais?

— O quê?

— A gente ficava *melhor*. Principalmente Hughie, o Clip. Quando ficava chocado, ele perdia aquele gingado do Brooklyn e acertava a bola com mais frequência. *Uosh!* — Ele abre as mãos, simulando um strike. — Mas não o Roddy. Sem o fumo mágico, o professor era o mesmo jogador de sempre. Não é engançado?

— Sem dúvida.

Holly sai de Sunrise Bay com uma informação a mais: Avram Welch também é um Tribble. Se ele acabasse sendo o Predador da Red Bank, tudo em que ela sempre acreditou, tanto intelectual quanto intuitivamente, cairia em ruínas.

Sua próxima parada é Rodney Harris, professor aposentado, jogador de boliche, também conhecido como Bolinha e sr. Carne.

Barbara está lendo um poema de Randall Jarrell chamado “The Death of the Ball Turret Gunner” e está maravilhada com os cinco versos de puro terror quando o celular toca. Só três pessoas podem ligar agora e, como a mãe e o pai estão no andar de baixo, ela nem olha para a tela. Só diz:

— Oi, J, e aí?

— E aí que eu vou ficar em Nova York no fim de semana. Mas não na cidade. Minha agente me convidou pra passar o fim de semana em Montauk. Não é legal?

— Bom, sei lá. Acho que sexo e trabalho não se misturam.

Ele ri. Ela nunca ouviu Jerome rir com tanta facilidade e tanta frequência quanto nas últimas conversas e fica feliz com a felicidade dele.

— Pode ficar tranquila quanto a isso, garota. Mara tem cinquenta e tantos anos. É casada. Tem filhos e netos. A maioria vai estar lá. Eu já te falei isso, mas você anda com a cabeça nas nuvens. Lembra do sobrenome da Mara?

Barbara admite que não, apesar de ter certeza de que Jerome já contou.

— Roberts. O que está rolando com você?

Por um momento, ela fica em silêncio, só olhando para o teto, onde estrelas fluorescentes brilham à noite. Jerome a ajudou a colar quando ela tinha nove anos.

— Se eu te contar, você promete não ficar com raiva? Eu ainda não contei pra mamãe e o papai, mas acho que quando contar pra você vou ter que contar pra eles.

— Desde que você não esteja grávida, mana. — A voz dele diz que ele está brincando e não está ao mesmo tempo.

É a vez de Barbara rir.

— Não grávida, mas podemos dizer que eu estou esperando.

Ela conta tudo para ele, desde o encontro inicial com Emily Harris porque teve muito medo de abordar Olivia Kingsbury sozinha. Conta sobre as reuniões com a velha poeta e que Olivia enviou seus poemas para o comitê do Prêmio Penley sem lhe comunicar e que ela ainda está concorrendo ao prêmio.

Ela termina e espera ciúmes. Ou um parabéns morno. Não ouve nenhuma das duas coisas e fica com vergonha de ter achado que precisava esconder. Mas talvez tenha sido melhor assim, porque a reação do Jerome — uma mistura erática e empolgada de perguntas e parabéns — a deixa feliz da vida.

— Então é isso! Era isso que você estava fazendo! Ah, meu Deus, Ba! Eu queria estar aí pra te espremer num abração!

— Isso seria horrível — diz ela e seca os olhos. O alívio é tão grande que ela se sente capaz de flutuar até as estrelas no teto e pensa em como o irmão é bom e generoso. Ela tinha se esquecido disso ou sua cabeça estava tão cheia de preocupações que ela bloqueou a informação?

— E o ensaio? Você arrasou?

— Sim — diz Barbara. Pensando: *Está mais pra detonei as minhas chances. Vão ler e jogar no que o papai chama de arquivo circular.*

— Que ótimo, que ótimo!

— Me conta de novo sobre a mulher que tem um filho que desapareceu. Agora eu posso ouvir. Com os dois ouvidos. Antes, eu não ouvi direito.

Ele conta não só sobre Vera Steinman, mas relembra o caso todo. Termina dizendo que talvez Holly, por puro acidente, tenha descoberto um serial killer que opera no lado do parque Deerfield onde fica a avenida Red Bank. Ou na faculdade. Ou ambos.

— E eu descobri uma coisa — diz ele. — Estava me incomodando pra caramba, mas finalmente a peça encaixou. Foi tipo uma daquelas imagens que são um borrão e você fica olhando e olhando e de repente vê a cara de Jesus ou de Dave Chappelle.

— O quê?

Ele conta. Eles conversam mais um pouco e Barbara diz que quer contar para a mãe e para o pai sobre o Prêmio Penley.

— Antes de você fazer isso, preciso que você faça uma coisa pra mim — diz ele. — Vai até o antigo escritório do papai, onde eu estava trabalhando no livro, e procura um pen drive laranja. Está ao lado do teclado. Você pode fazer isso?

— Claro.

— Enfia no computador e me manda o arquivo com o nome FTS, F-T-S. Mara acha que a editora vai querer fotos no meio do livro e que talvez queiram usar na divulgação.

— Da sua turnê.

— Isso, só que, se a covid não acabar, pode ter que ser uma turnê virtual pelo Zoom e pelo Skype.

— Fico feliz em ajudar, J.

— Uma é uma foto do Biograph Theater, com *Manhattan Melodrama* na marquise. O Biograph é onde John Dillinger foi morto. Mara acha que seria uma ótima capa. E, Barbara...

— O quê?

— Estou muito feliz por você, mana. Eu te amo.

Barbara diz que também o ama e encerra a ligação. Em seguida, ela chora. Não consegue se lembrar de já ter estado tão feliz. Olivia disse uma vez que poetas felizes costumam ser poetas ruins, mas, nesse momento, Barbara não liga.

2 DE JULHO DE 2021

Bonnie acorda com sede e uma dor de cabeça leve, mas nada parecido com os sintomas de ressaca que Jorge Castro e Cary Dressler sentiram ao acordar. Roddy usou uma solução injetável de cetamina neles, mas mudou para Valium com Ellen e Pete. Não por causa das manhãs seguintes horrendas que eles sofreram, ele não estava nem aí para isso, mas as amostras das autópsias demonstraram danos incipientes à estrutura celular do tórax e dos nodos linfáticos de Castro e Dressler. Não tinha chegado ao fígado, graças a Deus, com o fígado sendo o centro da regeneração, mas os nodos linfáticos danificados eram preocupantes. Danos celulares lá podem acabar poluindo a gordura, que ele usa para as mãos artríticas e Emily usa na nádega e na perna esquerda para aliviar o nervo ciático.

Há muitos usos para o cérebro dos animais deles, e para órgãos como coração e rins, mas o fígado é o que mais importa, porque é o consumo de fígado humano que preserva a vitalidade e prolonga a vida. Quando o órgão está totalmente despertado, claro, e é o fígado de vitelo que aciona esse despertar. O fígado humano sem dúvida seria ainda mais eficaz, mas isso significaria pegar duas pessoas de cada vez, uma para doar um fígado e a outra para se alimentar dele antes de ser abatida, e os Harris decidiram que isso seria perigoso demais. O fígado de vitelo serve bem, por estar perto do fígado humano em nível celular. O fígado dos porcos chega mais perto ainda, o DNA é quase indistinguível, mas com porcos há o perigo dos príons. O risco é pequeno, mas nem Rodney nem Emily querem morrer com príons fazendo buracos em seus cérebros valiosos.

Bonnie não sabe de nada disso. Ela só sabe que está com sede e sua cabeça está doendo. Outra coisa que ela sabe: ela é prisioneira. A cela em que está parece ficar na extremidade de um porão. É difícil para ela acreditar que fique embaixo da casa vitoriana e arrumadinha dos professores Harris, mas ainda

mais difícil não acreditar. O porão é grande, iluminado por lâmpadas fluorescentes com brilho reduzido até fornecerem uma luz amarela calma. O espaço na frente da cela é de cimento exposto e limpo. Depois, há um lance de escada, e depois uma oficina com máquinas cujos nomes ela não sabe, embora pareça um tanto óbvio que sejam ferramentas poderosas para cortar e lixar, coisas assim. A maior delas, na outra extremidade do ambiente, é uma caixa de metal equipada com uma mangueira que entra na parede ao lado de uma portinha. Ela supõe que seja uma unidade de aquecimento e condicionamento de ar.

Bonnie se senta e massageia as têmporas, tentando aliviar a dor de cabeça. Algo cai no futom onde ela acordou. É um dos brincos. O outro parece ter sumido; deve ter sido derrubado ou arrancado na luta. E houve luta. Sua memória está vaga, mas ela se lembra de correr pela frente de uma construção deserta e tentar ficar consciente por tempo suficiente para fugir, mas Rodney a pegou e puxou para trás.

Ela olha para o pequeno triângulo dourado — que não é de ouro de verdade, claro, mas é bonito — e o coloca embaixo do futom. Em parte porque um brinco não serve de nada a não ser que você seja pirata ou um cara gay tentando parecer descolado em um bar, mas também porque os cantos são afiados. Pode ser útil.

Tem um vaso portátil no canto da cela, e, como Jorge Castro, Cary Dressler e Ellen Craslow antes dela (Fedido Steinman talvez nem tanto), ela sabe o que significa: alguém pretende que ela fique ali por um tempo. Ainda é difícil para ela acreditar que esse alguém é o professor Rodney Harris, biólogo aposentado e nutricionista. É mais fácil acreditar que Emily é sua cúmplice... ou, mais provavelmente, que ele é dela. Porque Emily é o cachorro alfa do relacionamento e, embora tenha se desdobrado para fazer de Bonnie uma colega, talvez até amiga, Bonnie nunca confiou completamente nela. Mesmo no breve tempo trabalhando para ela, Bonnie tentou fazer tudo certo, porque tinha a impressão de que Emily era uma mulher que não seria bom irritar.

Bonnie examina as grades, unidas com solda caseira, mas firmes. Tem um teclado, ela consegue ver encostando a lateral do rosto nas grades, mas há uma cobertura plástica que ela não consegue tirar nem afrouxar. Mesmo que conseguisse, digitar a combinação certa na sorte seria como acertar na loteria.

Assim como os habitantes anteriores da cela, ela vê a lente da câmera a espiando, mas, diferentemente dos predecessores, ela não grita com a câmera. É

uma mulher inteligente e sabe que em algum momento alguém virá. Muito provavelmente um dos Harris. E eles vão pedir desculpas e dizer que tudo foi um erro terrível? Improvável.

Bonnie está com muito medo.

Tem uma caixa laranja encostada na parede mais distante com duas garrafas de água Artesia em cima. Jorge Castro e Cary Dressler receberam Dasani, mas Emily insistiu em mudar para Artesia porque a Dasani é da Coca-Cola e é produzida (de acordo com ela) secando o lençol freático do norte do estado. A Artesia é uma empresa local, o que a torna mais politicamente correta.

Bonnie abre uma das garrafas, bebe metade e coloca a tampa. Em seguida, levanta o tampo do vaso portátil e abaixa a calça. Não há nada que possa fazer em relação à câmera, então ela abaixa a cabeça e cobre o rosto como quando era criança e fazia alguma travessura, argumentando que, se ela não conseguia ver as pessoas, as pessoas não conseguiamvê-la também. Ela termina, bebe mais água e se senta no futom.

Com a sede saciada, ela se sente (o que é estranho considerando as circunstâncias, mas é verdade) descansada. Não chegaria a dizer renovada, mas descansada. Ela tenta pensar em por que a pegaram e não consegue ir muito longe. Sexo pareceria o motivo mais óbvio, mas eles são *velhos*. Velhos demais? Talvez não e, se for sexual na idade deles, vai ser algo estranho. Algo que não vai terminar bem.

Poderia ser algum tipo de experimentação? Algo que exija uma cobaia humana? Ela ouviu no campus que Rodney Harris tem alguns parafusos soltos (suas palestras gritadas sobre carne como o pilar central de nutrição são lendárias), mas será que ele é realmente insano, como um cientista maluco de filme de terror? Se sim, o seu laboratório deve ficar em outro lugar. O que ela está vendendo é o tipo de oficina em que um coroa aposentado poderia ficar montando estantes ou casas de pássaros. Ou grades de cela.

Bonnie volta os pensamentos para quem poderia perceber que ela desapareceu. Sua mãe é a mais provável, mas Penny não vai perceber imediatamente que há algo errado; elas estão passando por uma fase de afastamento. Tom Higgins? Esquece, eles estão separados há meses, e ela ouviu falar que ele foi embora. Keisha talvez, mas com a biblioteca quase parada por causa das férias de verão e da covid, Keisha pode simplesmente supor que Bonnie está tirando uma folga. Deus sabe que ela tem muitos dias para tirar. E se Keisha achar que

Bonnie simplesmente decidiu largar tudo e ir embora da cidade? Bonnie já falou sobre querer ir para o oeste — jovem, vá para o oeste! —, talvez para San Francisco ou Carmel-by-the-Sea, mas isso é só fantasia e Keisha sabe.

Não sabe?

Uma porta se abre no alto da escada do porão. Bonnie vai até as grades da cela. Rodney Harris desce. Lentamente, como se pudesse se quebrar. Emily costuma levar a bandeja da primeira vez, mas hoje a ciática está tão ruim que ela está deitada na cama com a bolsa térmica nas costas. Não vai adiantar de nada; é picaretagem. Analgésicos, com a destruição implacável das sinapses do cérebro, são piores ainda.

Roddy descongelou e cozinhou a maior parte do que restou de Peter Steinman e conseguiu fazer para ela uma espécie de mingau de coração e pulmão salpicado com farinha de ossos. Pode ajudar um pouco, mas não muito. Carne humana que foi congelada e descongelada parece ter pouca eficácia, e Em precisa mesmo é de fígado fresco. Mas o do garoto Steinman foi coletado há muito tempo. O suprimento sempre acaba, e os benefícios que eles obtêm do gado não duram mais tanto quanto antes. Ele não falou isso para Emily, mas tem certeza de que ela sabe. Ela não é cientista, mas não é burra.

Ele para a uma distância segura da cela, se apoia em um joelho e coloca a bandeja no chão. Quando se levanta (com uma careta; tudo está doendo esta manhã), Bonnie vê um hematoma roxo na maçã do rosto dele. Vai do olho até quase a mandíbula. Ela sempre foi uma garota controlada, desprovida de emoções mais fortes. Teria dito que só a mãe conseguia pisar no calo dela, mas ver aquele hematoma a deixa ao mesmo tempo furiosa e com uma alegria selvagem.

Eu te acertei, né?, pensa ela. *Eu te peguei de jeito.*

— Por quê? — pergunta ela.

Roddy não diz nada. Emily disse para ele que é de longe o melhor caminho, e ela está certa. Não se fala com um novilho em um cercadinho e certamente não se inicia uma conversa com ele. Por que se faria isso? O novilho não passa de comida.

— O que eu fiz pra você, professor Harris?

Nadinha, pensa ele enquanto vai buscar a vassoura encostada na escada.

Bonnie olha para a bandeja. Tem um copo de plástico caído com um envelope marrom enfiado na boca, talvez algum tipo de café da manhã instantâneo. A

outra coisa na bandeja é um pedaço de carne crua.

— Isso é fígado?

Nenhuma resposta.

A vassoura é do tipo largo que zeladores usam. Ele empurra a bandeja por uma aba no pé da cela.

— Eu gosto de fígado — diz Bonnie —, mas com cebola frita. E prefiro que seja cozido.

Ele não responde, só volta para a escada e apoia a vassoura. Começa a subir.

— Professor?

Ele se vira para ela, as sobrancelhas erguidas.

— Que hematoma enorme esse aí.

Ele toca no hematoma e faz outra careta. Isso também deixa Bonnie feliz.

— Quer saber? Eu queria ter arrancado essa sua cabeça maluca do caralho da porra do seu pescoço.

O lado do rosto sem hematoma fica vermelho. Ele parece prestes a responder, mas se segura. Sobe a escada e ela ouve a porta fechar. Não, não fechar; bater. Isso também a deixa feliz.

Ela tira o envelope do copo. É Ka'Chava. Ouviu falar do negócio, mas nunca experimentou. Conclui que vai provar agora. Apesar de tudo, ela está com fome. É loucura, mas é verdade. Ela rasga a parte de cima do envelope, vira no copo e acrescenta água da outra garrafa. Mexe com o dedo, pensando que o velho maluco podia pelo menos ter levado uma colher. Ela experimenta e acha bem gostoso.

Bonnie bebe metade e coloca o copo em cima da tampa fechada do vaso. Vai até as grades. Louco ou não, o velho professor tem mania de limpeza. O piso de cimento não tem nem uma sujeirinha. As chaves inglesas estão penduradas em ganchos em ordem decrescente de tamanho. As chaves de fenda também. A mesma coisa os três serrotes: grande, médio e um pequeno que Bonnie acha que se chama serrote tipo faca. Alicates... cinzéis... rolos de fita... e...

Bonnie leva a mão à boca. Ela estava com medo; agora, está apavorada. O que está vendo deixa a realidade da situação clara: ela foi aprisionada como um rato numa gaiola e, exceto por um milagre, não vai sair dali viva.

Pendurados como troféus na parede de ganchos, ao lado dos rolos de fita, estão o capacete da bicicleta e a mochila dela.

27 DE JULHO DE 2021

1

Holly dirige pela Ridge Road até uma zona de estacionamento de duas horas, abre a janela e acende um cigarro. Em seguida, liga para a residência dos Harris. Um homem atende. Holly diz seu nome e ocupação e pergunta se pode passar lá e fazer umas perguntas.

— Qual é a perseguição?

— Como?

— Eu falei qual é a investigação, senhorita...?

Holly repete seu nome e diz que está interessada em Cary Dressler.

— Estou trabalhando em um caso e o nome do sr. Dressler surgiu. Eu passei no boliche onde ele trabalhava...

— Strike ‘Em Out Lanes — diz ele, parecendo impaciente.

— Isso mesmo. Eu estou tentando encontrá-lo. Tem a ver com uma série de roubos de carro. Não posso entrar em detalhes, entende, mas eu gostaria de falar com ele. Eu vi a foto do seu time de boliche com o sr. Dressler e achei que talvez o senhor pudesse ter uma ideia de pra onde ele foi. Eu já falei com o sr. Clippard e o sr. Welch, e, como estou perto...

— Dressler andou roubando carros?

— Eu não posso falar sobre isso, sr. Harris. É o sr. Harris, não é?

— Professor Harris. Acho que você pode passar aqui, mas não planeje ficar muito tempo. Eu não vejo o jovem sr. Dressler há anos e estou bem ocupado.

— Obrig...

Mas Harris já desligou.

2

Roddy desliga o telefone e se vira para Emily. A ciática melhorou um pouco e ela não precisa mais da cadeira de rodas, mas está usando a bengala e seu cabelo precisa ser penteado, e Roddy tem um pensamento nada gentil: *Ela parece a bruxa velha de um conto de fadas.*

— Ela está vindo — diz ele —, mas não pra falar da garota Dahl. É em Dressler que está interessada. Foi o que *ela* disse.

— Você não acredita nisso, né?

— Não necessariamente, mas faz certo sentido. Ela alega estar investigando uma série de coisas de carros. — Ele faz uma pausa. — Roubos de carros. Pode ser. Duvido muito que detetives particulares trabalhem em um caso de cada vez. Não compensaria financeiramente. — É essa a palavra? Roddy decide que é.

— Ela tem casos separados envolvendo duas pessoas que nós pegamos? Seria uma coincidência grande demais, não seria?

— Acontece. E por que investigar Bonnie Dahl levaria a tal Gibson ao boliche? A elfa não jogava.

— O nome dela é Gibney. Holly Gibney. Talvez eu devesse falar com ela quando ela vier.

Roddy faz que não.

— Você não conhecia Dressler. Eu, sim. É comigo que ela quer falar e eu cuido disso.

— Cuida? — Ela olha para ele com atenção. — Você disse *perseguição* em vez de *investigação*. Você... Não sei bem como dizer isso, meu amor, mas...

— Eu tive um engasgo. Pronto. Falei por você. Achou que eu não percebia? Eu percebo e fico atento. — Ele toca na bochecha dela.

Ela cobre a mão dele, aperta e sorri.

— Vou ficar olhando lá de cima.

— Eu sei. Eu te amo, docinho de coco.

— Eu também te amo — diz ela e segue lentamente escada acima. A subida vai ficar ainda mais lenta e dolorosa, mas ela não tem intenção de mandar instalar um elevador de escada, como o que tem na casa da puta velha ali da rua. Em mal consegue acreditar que Olivia ainda esteja viva. E que roubou aquela garota, que parecia ter certo talento.

Principalmente para uma preta. Para uma crioula.

Emily gosta dessa palavra.

Holly sobe na varanda dos Harris e toca a campainha. A porta é aberta por um homem alto e magro usando uma calça jeans larga e uma camisa polo com o logo da Faculdade Bell no peito. Os olhos são brilhantes e inteligentes, mas estão começando a afundar nas órbitas. O cabelo é branco, mas não aquela coisa volumosa que Hugh Clippard exibe; o couro cabeludo rosado aparece por baixo. Há o resto de um hematoma em uma bochecha.

— Sra. Gibney — diz ele. — Venha para a sala. E pode tirar a máscara. Não tem covil aqui. Supondo que essa doença exista, e eu duvido.

— O senhor tomou vacina?

Ele franze a testa para ela.

— Minha esposa e eu seguimos os protocolos de saúde.

É resposta suficiente para Holly; ela diz que vai ficar mais à vontade de máscara. Deseja ter colocado um par de luvas descartáveis, mas não quer tirá-las do bolso agora. Harris obviamente está com duas pedras na mão quando o assunto é covid. Ela não quer irritá-lo.

— Como desejar.

Holly o segue pelo corredor até uma sala grande com painéis de madeira iluminada por arandelas elétricas. As cortinas estão fechadas para impedir a entrada do sol forte da tarde. O ar-condicionado central está zumbindo. Em algum lugar, música clássica suave toca baixinho.

— Vou ser um anfitrião ruim e não vou te convidar pra sentar — diz Harris.

— Estou escrevendo uma resposta longa pra um artigo meio burro e mal pesquisado no *The Quarterly Journal of Nutrition* e não quero perder o fio do meu argumento. Além disso, minha esposa está sofrendo de enxaqueca, então peço para falar baixo.

— Desculpe — diz Holly, que raramente ergue a voz até mesmo quando está com raiva.

— Além do mais, minha audição é excelente.

Isso é verdade, Em pensa. Ela está no quarto extra, vendo-os pelo laptop. Uma câmera do tamanho de uma xícara de chá está escondida entre bibelôs na cornija da lareira. A preocupação mais imediata de Emily é que Rodney revele alguma coisa. Ele continua astuto na maior parte do tempo, mas, com o passar do dia, começa a falar errado e esquecer coisas. Ela sabe que isso é comum em quem sofre de início de Alzheimer ou demência, a síndrome se chama sundow-

ning, mas se recusa a acreditar que isso possa ser verdade no homem que ama. Ainda assim, uma semente de dúvida foi plantada. Que Deus não permita que cresça.

Holly conta para Harris a história do roubo de carro, que ela foi refinando no caminho — como a garotinha na história de Saki, ficção improvisada é a especialidade dela. Ela deveria ter usado a história com Clippard e Welch, mas a ideia veio tarde. Planeja usá-la quando falar com Ernie Coggins, que é quem mais a interessa: ainda joga e ainda é casado. A esposa não deve estar sofrendo de ciática, mas é possível, é possível.

4

Barbara vai até o antigo escritório do pai. O computador de Jerome está na mesa, com papéis empilhados dos dois lados. Ela supõe que a pilha alta da direita seja o manuscrito do livro. Senta-se e passa o polegar até encontrar a última página: 359. *Jerome escreveu isso tudo*, pensa ela, maravilhada, e então pensa no seu livro de poemas, que vai ter talvez cento e dez páginas, a maior parte com espaço em branco... isso se for publicado. Olivia garante que vai ser, mas Barbara ainda tem dificuldade de acreditar. Poemas que não são sobre “a experiência negra”, mas sobre lidar com o horror. *Se bem que às vezes pode não haver tanta diferença*, ela pensa, e solta uma risadinha.

O pen drive laranja está onde Jerome disse que estaria. Ela liga o computador, digita a senha de Jerome (#shizzle#) e espera a inicialização. O papel de parede é uma foto de Jerome e Barbara ajoelhados um de cada lado do cachorro Odell, que agora foi para o céu dos cachorros.

Ela enfia o pen drive na entrada USB. Tem rascunhos do livro numerados 1, 2 e 3. Tem correspondência. E um arquivo chamado FTS. Barbara o abre e vê algumas fotos do bisavô famoso, sempre bem-vestido e sempre usando um chapéu-coco meio inclinado para a direita. *Deixando uma marca*, pensa ela. Tem também fotos de uma boate só para negros onde clientes bem-vestidos estão dançando o jitterbug (ou talvez o lindy hop) enquanto uma banda toca. Ela encontra a que tem o Biograph Theater e uma do próprio John Dillinger em uma mesa de necrotério. *Aff*, como Holly diria. Barbara fecha a pasta FTS, a arrasta até um e-mail endereçado ao irmão e o envia com um barulhinho suave.

À esquerda do computador tem uma pilha de anotações, a de cima dizendo *Ligar p/ Mara sobre promoção*. As que estão embaixo parecem ser sobre Chicago, Indianapolis e Detroit nos anos 1930, cada uma com muitas referências a livros sobre aqueles lugares durante a Lei Seca e a Depressão. *Espero que você não esteja exagerando, J*, pensa Barbara.

Embaixo das anotações tem uma impressão do MapQuest do parque Deerfield e da área em volta. Curiosa, Barbara a pega. Não tem nada a ver com o livro de Jerome e tudo a ver com o caso atual da Holly. Há quatro pontos vermelhos com a caligrafia caprichada de Jerome embaixo de cada um.

Bonnie D, 1º julho 2021 está no lado leste do parque, do outro lado da rua da área de vegetação alta conhecida como Matagal.

O ponto de *Ellen C, novembro 2018* está no campus da Faculdade Bell, diretamente em cima da Memorial Union, onde fica o Belfry. Barbara e alguns amigos vão lá às vezes comer um hambúrguer depois de usarem a Biblioteca Reynolds. Sendo estudantes do ensino médio eles não podem pegar livros lá, mas a sala de referências da Reynolds é boa e a sala dos computadores é incrível.

O último ponto vermelho diz *Peter S/fim de novembro 2018*. Barbara também conhece esse lugar: é o Dairy Whip, considerado decadente pelos alunos de ensino médio, mas um local favorito da galerinha mais nova.

Uma delas poderia ter sido eu, pensa ela. *Graças a Deus que não foi*.

Seu trabalho ali acabou. Ela desliga o computador e se levanta para sair. Mas então se senta de novo e pega a folha impressa do MapQuest. Tem uma caneca de café cheia de canetas na mesa. Ela pega a vermelha que Jerome deve ter usado para marcar o mapa. Faz outro ponto na Ridge Road, do lado da rua oposto à casa de Olivia Kingsbury. *Porque foi lá que ela o viu na noite em que estava pensando no poema que diz que foi o último bom dela*.

Embaixo do ponto, ela escreve: *Jorge Castro, outubro 2012*. Enquanto ainda está fazendo isso, ela pensa que está sendo boba.

É provável que Castro só tenha dito “Que se foda esse Departamento de Inglês idiota” e tenha ido embora. E também “Foda-se Emily Harris e a homofobia mal disfarçada dela”.

Mas com Castro no mapa de Jerome, ela vê uma coisa interessante e um tantinho perturbadora. Os pontos quase parecem circular o parque. Segundo, quatro dos cinco desaparecimentos aconteceram em intervalos de aproximadamente três anos. É verdade que o de Bonnie foi um pouco antes dos outros, no

verão e não no outono, mas Barbara não viu em algum lugar, talvez naquela série da Netflix, *Mindhunter*, que maníacos homicidas têm uma tendência de esperar cada vez menos tempo entre as mortes? Como viciados em drogas injetando em intervalos cada vez menores?

Ellen C e Peter S não encaixam no padrão; seus desaparecimentos foram mais próximos. Talvez porque o assassino não conseguiu o que queria com um deles? Porque ele ou ela não saciou completamente a sede de sangue do assassino?

Você está assustando a si mesma, Barbara pensa. Está vendendo monstros como Chet Ondowsky onde só há sombras.

Ainda assim, é melhor ela passar a informação sobre Jorge Castro. Ela pega o celular para ligar para Holly, mas ele toca na mão dela. É Marie Duchamp. Olivia está no Kiner Memorial com fibrilação atrial. Dessa vez, é sério. Barbara esquece sobre ligar para Holly e desce correndo, dizendo para a mãe que precisa usar o carro. Quando Tanya pergunta o porquê, Barbara diz que uma amiga está no hospital e que ela explica depois. Tem boas notícias, mas elas também vão ter que esperar.

— É a bolsa? Você conseguiu a bolsa?
— Não, é outra coisa.
— Tudo bem, querida — diz Tanya. — Dirige com cuidado. — Esse é o mantra dela.

5

Holly pergunta a Rodney Harris se ele tem alguma ideia de onde Cary Dressler pode estar agora. Ele falou sobre planos de sair da cidade? Alguma vez (isso é embromação nova) pareceu estar com grandes quantidades de dinheiro?

— Eu sei que ele tinha o hábito de usar drogas — revela ela. — Ladrões costumam ter.

— Ele parecia um sujeito legal — diz Harris. Ele está olhando para o nada, a testa levemente franzida. A imagem de um homem tentando se lembrar de alguma coisa que vai ajudá-la. — Eu não o conhecia bem, mas sabia que ele usava drogas. Só *Cannabis sativa*, ele dizia, mas pode ter havido outras...?

As sobrancelhas erguidas convidam Holly a revelar o que sabe, mas ela só sorri.

— Certamente a *Cannabis* é uma porta conhecida pra substâncias mais fortes — diz ele em tom superior. — Nem sempre, mas é viciante, e atrapalha o desenvolvimento cognitivo. Também provoca mudanças estruturais adversas ao hipocampo, o centro de aprendizagem e memória do lobo temporário. Isso é bem conhecido.

No andar de cima, Em faz uma careta. *Lobo temporal, querido... e não vai se deixar levar. Por favor.*

Gibney não parece notar e é como se Roddy tivesse ouvido Em.

— Perdão pelo sermão, sra. Gibson. Vou agora descer do meu cavalo de pau.

Holly ri educadamente. Ela toca em uma das luvas no bolso e deseja de novo poder colocá-las. Não quer que o professor Harris pense que ela é Howard Hughes, mas a ideia de que tudo em que ela toca pode estar cheio de covid-19 ou da nova variante Delta não sai da sua cabeça. Enquanto isso, Harris continua.

— Alguns membros do meu time iam para os fundos com Dressler pra “fumar um”, como eles dizem. Algumas das mulheres também.

— As Bruxas Gatas?

Harris franze mais a testa.

— Sim, elas. E outras. Suponho que elas estavam *interessadas* nele. Mas, como acho que eu disse, eu não o conhecia bem. Ele era simpático e às vezes substituía um guerreiro ferido, por assim dizer, mas nós éramos só conhecidos. Eu não tinha ideia da situação financeira dele e infelizmente não tenho ideia de para onde ele pode ter ido.

Para por aí, amor, pensa Emily. *Leva ela até a porta.*

Roddy segura o cotovelo de Holly e faz exatamente isso.

— Agora, eu preciso voltar ao trabalho, infelizmente.

— Eu entendo perfeitamente — diz Holly. — Foi um tiro no escuro mesmo.

— Ela enfa a mão na bolsa e entrega o cartão, tomando cuidado para não tocar nos dedos dele. — Se pensar em alguma coisa que possa ajudar, por favor, me ligue.

Quando eles chegam à porta, Emily muda para a câmera do saguão. Roddy pergunta:

— Posso perguntar como você planeja prosseguir?

Não, pensa Emily. *Ah, não, Roddy. Pode haver areia movediça se você for por aí.*

Mas a mulher, que parece inócuia demais para Emily ficar muito preocupada, diz para Roddy que não pode falar sobre isso e oferece o cotovelo. Com um sor-

riso que diz que é preciso tolerar os idiotas, ele toca no cotovelo dela com o de-le.

- Muito obrigada pelo seu tempo, sr. Harris.
- Não foi nada, senhora... como era mesmo seu nome?
- Gibney.
- Aprecie o resto do seu dia, sra. Gibney, e eu desejo sucesso.

6

Assim que Holly ouve a porta se fechar, enquanto ainda está indo para a calça-da, ela enfia a mão no fundo do bolso para pegar o álcool em gel debaixo da luva nitrílica que ela queria ter usado. Esquecer a máscara com os garotos do Dairy Whip foi ruim, mas pelo menos eles estavam em local aberto; a conversa dela com Rodney Harris aconteceu em uma sala em que o ar-condicionado central podia espalhar o vírus que tinha matado sua mãe para qualquer canto, inclusive levando-o para dentro do seu nariz e depois para seus pulmões poluídos de fumaça.

Você está sendo boba e hipocondríaca, ela pensa, mas essa é a voz da mãe dela, que morreu da porcaria do vírus.

Ela encontra o que estava procurando, um frasco de Germ-X, e tira do bolso. Despeja uma gota grande na palma da mão e esfrega as duas vigorosamente, pensando que o cheiro intenso de álcool, que a apavorava quando criança porque significava que ela ia tomar vacina, é agora o cheiro de consolo e segurança condicional.

No andar de cima, Emily está vendo aquilo e sorrindo. Não tem muita coisa que a divirta atualmente, considerando a dor constante nas costas e que desce pela perna, mas ver aquela vaca desenxabida passando álcool nas mãos? Isso sim é engraçado.

3 DE JULHO DE 2021

1

A mais nova “hóspede” dos Harris não come o fígado cru e tenta economizar o que resta da água, mas as duas garrafas acabam ficando vazias. Ela passa o dedo no copo para pegar o restante do Ka’Chava, mas isso só a deixa com mais sede. Também está com fome.

Bonnie tenta lembrar o que comeu pela última vez. Um sanduíche de atum com ovo, não foi? Comprado no Belfry e comido ao ar livre, em um dos bancos. Ela daria qualquer coisa para ter aquele sanduíche agora, sem mencionar a garrafa de Pepsi Diet que comprou no Jet Mart. Viraria todos os quinhentos mililitros. Só que não tem Pepsi Diet nem telefone ali. Só o capacete e a mochila (que parece ter sido esvaziada), pendurados na parede com as ferramentas.

O fígado começa a parecer uma boa mesmidade depois de só Deus saber quantas horas à temperatura ambiente, então ela abre a aba na parte de baixo da cela e o desliza para fora, dando um empurrão com os dedos para ficar fora do alcance. *Vade retro, Satanás*, pensa ela, e engole. Ela ouve o clique seco na garganta e pensa que o fígado ainda deve estar cheio de líquidos. Consegue imaginá-lo escorrendo pela garganta, refrescando-a. Saber que a quantidade de sal só aumentaria a sede não ajuda muito. Ela volta para o futom e se deita, mas fica olhando o prato com o fígado. Depois de um tempo, cai em um sono leve e assombrado por sonhos.

Rodney Harris acaba voltando e ela acorda. Ele está usando um pijama cheio de carros de bombeiro, um roupão e chinelos, e Bonnie supõe erroneamente que é noite. Supõe também que já tem um dia desde que foi drogada e sequestrada. O dia mais longo e terrível da vida dela, em parte porque ela não sabe o que está acontecendo, mas mais porque nas últimas vinte e quatro horas ela só ingeriu duas garrafas de água e um copo de Ka’Chava.

— Eu quero água — diz ela, tentando não grunhir. — Por favor.

Ele pega a vassoura e empurra a bandeja pelo vão na cela.

— Coma o fígado. Aí você vai ganhar água.

— Está cru e ficou aí o dia todo! A noite passada também... eu acho. É 3 de julho? É, não é?

Ele não responde, mas do bolso tira uma garrafa de água Artesia e a exibe. Bonnie não quer dar a ele a satisfação de lamber os lábios, mas não consegue se segurar. Depois de um dia à temperatura ambiente, o pedaço de fígado parece estar derretendo.

— Coma. Tudo. Depois eu te dou água.

Bonnie decide que estava parcialmente certa. Não é sexo, mas é algum tipo de experimento esquisito. Ela ouviu gente da faculdade falar que o professor Harris é meio pirado sobre algo que ele chama de “equilíbrio nutricional perfeito” e ignorou tudo, considerando a baboseira de sempre: esse professor é excêntrico, aquela professora é obsessivo-compulsiva, o outro tira meleca do nariz, tem até um vídeo no TikTok, dá uma olhada, é engraçadíssimo. Agora, ela queria ter ouvido. Ele não é só pirado, ele é completamente louco. Ela pensa que comer um pedaço de fígado tartare é o menor dos seus problemas. Ela precisa sair dali. Precisa escapar. E isso significa ser esperta e não ceder ao pânico. A vida dela depende disso.

Desta vez, ela consegue se segurar e não lambe os lábios. Apoia-se em um joelho e empurra a bandeja pela abertura.

— Traz um pedaço fresco e eu como. Mas com água. Pra ajudar a engolir.

Ele parece ofendido.

— Eu garanto que esse fígado não está... não está... — Ele tem dificuldade de encontrar o que quer dizer, fica movendo a mandíbula de um lado para outro. — Não está *microbiologicamente danificado*. Na verdade, como muitos outros cortes de carne, o fígado de vitelo fica *melhor* em temperatura ambiente. Você nunca ouviu falar de carne envelhecida?

— Está ficando cinza!

— Você está sendo encrenqueira, srta. Dahl. E não está em posição de negociar.

Bonnie aperta a cabeça como se estivesse doendo. E está, por causa da fome e da sede. Sem mencionar o medo.

— Eu estou tentando achar um meio-termo. Você tem algum motivo para o que está fazendo, eu acho...

— Certamente que *tenho!* — grita ele, erguendo a voz.

— ... e eu aceito fazer o que você quer, *mas não esse pedaço aí*. Não vou comer esse!

Ele se vira e sobe a escada batendo os pés, parando só para olhar para ela de cara feia por cima do ombro.

Bonnie engole em seco e escuta o estalo na garganta. *Eu pareço um grilo*, ela pensa. *Um grilo morrendo de sede*.

2

Emily está na cozinha. O rosto dela está repuxado de dor e ela parece ter a idade que tem mesmo. Mais até. Roddy fica chocado. Chegar a esse ponto depois de tudo que eles fizeram para manter a senescênciâ longe! Não é justo que o efeito das refeições especiais deles, tão carregadas de elementos bons e prolongadores da vida, passasse tão rápido. Foram três anos entre Castro e Dressler e três anos (mais ou menos) entre Dressler e Steinman. Agora, eles têm Bonnie Dahl, e não só passaram menos de três anos, mas os sintomas de velhice (ele pensa neles como sintomas) estão aparecendo há meses.

— Ela está comendo?

— Não. Diz que vai comer se eu levar um fresco. Nós temos um, claro, depois daquela Chaslum pareceu prudente ter um extra em casa...

— Craslow, Craslow! — corrige Em com uma voz irritante que ela nunca usa... ao menos quando estão só os dois e ela não está com dor. — Dá pra ela! Eu não suporto essa dor!

— Só mais um pouco — diz ele, acalmando-a. — Quero que ela fique com mais sede. A sede deixa o gado dócil. — Ele se anima. — E pode ser que ela ainda coma aquele. Ela o empurrou pela abertura, mas reparei que dessa vez o deixou ao alcance.

Emily está de pé agora, mas se senta com uma careta e um grunhido. Os tenões do seu pescoço saltam.

— Tudo bem. Se tem que ser assim, vai ter que ser assim. — Ela hesita. — Roddy, essa sua dieta está mesmo fazendo alguma coisa? Não foi nossa imagi-

nação o tempo todo? Uma espécie de cura psicossomática que está mais na nossa cabeça do que no corpo?

— Quando suas enxaquecas passam, é psicossomático?

— Não... pelo menos eu não acho...

— E a sua ciática! Sua artrite... e a minha! Você acha que eu gosto disso? — Ele levanta as mãos. Os nós dos dedos estão inchados e ele só consegue esticá-los com esforço. — Acha que eu gosto de procurar palavras que conheço perfeitamente bem? Ou entrar no escritório e perceber que não sei o *que* eu fui buscar? Você já viu os resultados!

— Durava mais tempo — sussurra Emily. — É só isso que estou dizendo. Se ela comer o fígado hoje... aquele pedaço lá embaixo agora ou o da geladeira... aí amanhã?

Roddy sabe que quarenta e oito horas seria melhor, e noventa e seis até a colheita seria o ideal, mas a garota Dahl é jovem e o despertar do fígado dela deve acontecer rápido, levando nutrientes vitais para todas as partes do corpo com cada batimento do coração jovem e saudável. Eles sabem disso por causa do garoto Steinman.

Além do mais, ele não suporta ver a amada esposa sofrer.

— Amanhã à noite — diz ele. — Supondo que ela coma.

— Supondo — diz Emily. Ela está pensando na vaca intransigente. Na vaca intransigente *vegana*.

Depois de tantos anos, Roddy consegue ler os pensamentos dela.

— Ela não é como a garota negra. Meio que concordou em comer se eu desse água...

— Meio que — diz Em e suspira.

Roddy não parece ouvi-la. Ele está olhando ao longe de uma forma que a deixa cada vez mais preocupada. Parece que está desligado da tomada. Finalmente, ele diz:

— Mas eu preciso tomar cuidado. Ela não fez muitas perguntas. Não fez quase nenhuma. Como a Chaslow. Não teve súplica nem gritaria. Também como a Chaslow. Não seria bom escorregar.

— Então não escorrega — diz Emily. Ela segura a mão dele. — Eu dependo de você. E é *Craslow*.

Ele abre um sorriso.

— Nós não vamos celebrar o Quatro de Julho este ano, meu amor, mas, no dia 6... — O sorriso dele se alarga. — No dia 6 nós nos esbaldamos.

Roddy volta ao porão às dez daquela noite, depois de ajudar Emily a subir a escada. Agora, ela está na cama, onde vai passar a maior parte da noite acordada e com dor, só conseguindo uma hora ou duas de sono leve e nada satisfatório. Se conseguir. Ele garante a si mesmo que o questionamento dela das refeições sacramentais é provocado não por pensamento racional, mas pela dor, só que o incomoda mesmo assim.

Ele está segurando o segundo pedaço de fígado em um prato por ter visto no vídeo que Dahl continuou recusando o primeiro. Ele queria ter mais tempo, tanto para os nutrientes dela despertarem quanto porque não adianta ceder às exigências de uma prisioneira, mas Emily não pode esperar muito. Em pouco tempo, ela vai insistir para que ele a leve ao médico para pedir analgésicos, e essas coisas são a morte em um frasco.

Ele larga o prato no chão e diz para Dahl empurrar para fora o copo plástico de Ka'Chava. Dahl faz isso sem perguntar o porquê. Ela é parecida demais com a Chesley para o gosto dele. É vigilante de um jeito que não lhe agrada e no qual não confia.

Do bolso do roupão ele tira uma garrafa de Artesia e despeja um pouco, não muito, no copo. Pega a vassoura e começa a empurrar o copo para ela. Precisa tomar cuidado para não o derrubar. A última coisa que ele quer é que essa comédia ridícula vire uma farsa. Ela levanta a aba e estica a mão.

— Só dá na minha mão, professor.

O sinal mais claro de que ele está mal é que quase faz isso. Em seguida, ri e diz:

— Não mesmo.

Quando o copo está perto, ela o pega e vira tudo. Bastam dois goles.

— Coma o fígado e eu te dou o resto. Se você se recusar, só vai me ver amanhã à noite. — Uma ameaça vazia, mas Dahl não sabe disso.

— Promete que vai me dar o resto da água?

— Pela minha mãe mortinha. Supondo que você não vomite. E, se vomitar no vaso portátil depois que eu sair, Em vai ver. Aí nós vamos estar encrencados.

— Professor, eu já estou encrencada. Você não concorda?

Ela o preocupa cada vez mais. Provoca-lhe certo medo também. É ridículo, mas é verdade. Em vez de responder, ele usa a vassoura para empurrar o fígado. Dahl não hesita. Pega o fígado, enfia os dentes na carne crua e arranca um pedaço. Ela mastiga.

Ele olha para as gotículas de sangue no lábio inferior dela com fascinação. E fome. No dia 5 de julho, ele vai empanar esses lábios com farinha de qualidade e fritar em uma frigideira pequena, talvez com cogumelo e cebola. Lábios são ótimas fontes de colágeno, e os dela vão fazer maravilhas pelos joelhos e cotovelos dele, até para o maxilar dolorido. No fim das contas, essa garota incômoda vai valer o trabalho. Vai doar um pouco da sua juventude.

Ela dá outra mordida, mastiga, engole.

— Até que não é horrível — diz ela. — Tem gosto mais forte do que fígado frito. Mais denso, sei lá. Está gostando de me ver comer, seu cretino?

Roddy não responde, mas a resposta é sim.

— Eu não vou sair dessa, vou? Não adianta dizer que eu nunca vou contar pra ninguém e tal, né?

Roddy está preparado para isso. Ele arregala os olhos de surpresa.

— Claro que vai. É um projeto de pesquisa do governo. Vai haver certos testes e claro que você vai ter que assinar um termo de confidencialidade, mas, quando tiver feito isso...

Ele é interrompido pela risada dela, que é ao mesmo tempo cheia de humor e de histeria.

— Se eu acreditar nisso, você tem uma ponte pra me vender, imagino. No Brooklyn, pouco usada. Só me dá a porra da água quando eu terminar.

Finalmente, a voz dela treme, e os olhos brilham de lágrimas. Roddy fica aliviado.

— Cumpra sua promessa.

27 DE JULHO DE 2021

1

Holly volta para a vaga anterior na zona de duas horas de estacionamento e fuma um cigarro com a porta aberta e os pés do lado de fora. Ocorre-lhe que há algo de excepcionalmente perverso em tomar todas as precauções contra a covid e encher o pulmão com aquela bosta cancerígena.

Eu tenho que parar, pensa ela. De verdade.

O time de boliche Coroas de Ouro não deve ser importante. É difícil para ela lembrar agora por que achou que daria em alguma coisa. Foi só porque Cary Dressler também ia ao mesmo Jet Mart de Bonnie com regularidade? Bom, Dressler também sumiu e deixou a bicicleta motorizada, mas são duas conexões bem frágeis. Não lhe parece que Roddy Harris seja um candidato provável a Predador da Red Bank (isso se essa pessoa realmente existir). Ela não sabe se a esposa de Harris sofre de ciática além de enxaqueca (talvez seja possível descobrir, embora Holly não ache que seja prioridade), mas está bem óbvio que Harris tem seus próprios problemas. *Perseguição no lugar de investigação, covil no lugar de covid, lobo temporário no lugar de lobo temporal*, o esquecimento do nome dela. Tem também o jeito como ele simplesmente parou algumas vezes, franziu a testa e olhou para o nada. Não quer necessariamente dizer que ele esteja sofrendo do início da doença de Alzheimer, mas a idade está certa. E...

— Foi assim que começou com o tio Henry — diz ela.

Mas, já que começou a visitar os Coroas, ela pode muito bem terminar o serviço. Apaga o cigarro no cinzeiro portátil e segue para a rodovia. Ernie Coggins mora em Upriver, que fica a quatro saídas dali. É um trajeto rápido. Só que, agora que o tio Henry surgiu na mente dela, Holly não consegue parar de pensar nele. Quando foi a última vez que o visitou? Na primavera, não foi? Sim. A mãe

pegou no pé dela, tentou fazê-la sentir *culpa*, no último mês de abril, antes de ficar doente.

Holly chega na saída de Uriver, mas muda de ideia e segue para o norte, na direção de Covington, localização da casa da mãe e da Rolling Hills Cuidados para Idosos, onde o tio Henry vive agora (se é que se pode chamar assim). Também é onde outro integrante dos Coroas de Ouro mora e ela pode ver dois pelo preço de um. Claro que Victor Anderson pode não estar *compos mentis*, assim como o tio; de acordo com Hugh Clippard, Anderson sofreu um derrame e, se ele está em cuidado prolongado, não deve nem estar em modo de recuperação. Mas Holly pode tirá-lo da lista e conversar com Ernie Coggins no dia seguinte, quando estiver descansada. Além do mais, dirigir na rodovia a acalma e, quando Holly está em um estado mental tranquilo, ideias às vezes surgem na mente dela.

Mas a coisa toda está começando a parecer um tiro no escuro.

Seu celular se acende três vezes no trajeto de quatro horas até o mesmo Days Inn em que ela ficou três noites atrás. Ela não atende, apesar de o carro estar equipado com Bluetooth. Uma das ligações é de Jerome. Uma é de Pete Hun-tley. A terceira é de Penny Dahl, que sem dúvida quer uma atualização. E merece uma.

Quando Holly chega a Covington, seu estômago está roncando. Ela entra no drive-thru do Burger King e pede sem hesitar quando chega sua vez. Ela tem favoritos em todas as franquias de fast food. No Burger King é sempre um Big Fish, uma torta Hershey e uma Coca. Quando se aproxima da janela de pagamento, enfia a mão no bolso esquerdo para pegar uma das luvas de emoji e só encontra o frasco de Germ-X. Pega um Kleenex no console central e usa isso para entregar o dinheiro e pegar o troco. A garota da janela olha para ela com pena. Holly encontra uma luva no bolso direito e a coloca a tempo de chegar na segunda janela e pegar a comida. Ela não tem ideia do que aconteceu com a luva que sumiu e não se importa. Tem uma caixa cheia no porta-malas, cortesia de Barbara Robinson.

Ela se registra no hotel e ri de si mesma quando se dá conta de que novamente chegou sem bagagem. Poderia ir de novo à loja Dollar General, mas decide não ir e diz para si mesma que a bolsa de valores não vai quebrar se ela

usar a mesma calcinha dois dias seguidos. Também não faz sentido ir à casa de repouso naquela noite. O horário de visitas acaba às sete da noite.

Ela come devagar, apreciando o sanduíche de peixe e mais ainda a torta de chocolate. Não há nada como calorias vazias, ela pensa às vezes, quando a pessoa está confusa e insegura do que fazer.

Ah, você sabe perfeitamente bem o que fazer agora, ela pensa, e liga para Penny Dahl. Que pergunta se ela fez algum progresso.

— Não sei — diz Holly. Isso é, como o tio Henry dizia, a mais pura verdade.

— Ou você fez ou não fez.

Holly não quer dizer para Penny que sua filha pode ter sido a vítima mais recente de um serial killer. Pode ser que chegue a isso, no coração Holly tem certeza de que vai chegar a isso, mas enquanto ainda não tem certeza seria残酷 demais.

— Vou fazer um relatório completo, mas quero mais vinte e quatro horas. Tudo bem?

— Não, não está *tudo bem!* Se você descobriu alguma coisa, eu tenho o direito de saber. Eu estou *pagando*, caramba!

— Vou dizer de outra forma, Penny. Você vai conseguir viver com isso? — pergunta Holly.

— Eu devia te demitir — resmunga Penny.

— Isso é prerrogativa sua — diz Holly —, mas um relatório de fim de caso precisaria de vinte e quatro horas para ser preparado. Estou atrás de umas coisas.

— Coisas promissoras?

— Não tenho certeza. — Ela gostaria de dizer algo mais esperançoso, mas não consegue.

Faz-se silêncio. E Penny diz:

— Espero notícias suas amanhã, até as nove da noite, senão eu *vou* te demitir.

— Justo. É só que agora eu não estou com as minhas...

Coisas alinhadas é como ela pretende terminar, mas Penny encerra a ligação antes que ela possa falar.

Em seguida, Holly liga para Jerome. Antes mesmo que ela diga alô, ele pergunta se ela conversou com Barbara.

— Não. Eu deveria?

— Bom, ela tem uma novidade incrível, mas eu quero que ela te conte. Alerta de spoiler: ela também anda escrevendo e por acaso está concorrendo a um prêmio literário com uma grana alta de prêmio. Vinte e cinco mil pratas.

— Você está brincando!

— Não estou. E não conta pra minha mãe e pro meu pai. Talvez ela não tenha contado para eles ainda. Mas não foi por isso que eu liguei. Finalmente entendi o que estava me incomodando naquela van. A da filmagem de segurança da loja, sabe?

— O que era?

— Ela é alta demais. Não como aqueles monster trucks, mas dá pra notar, uns sessenta a noventa centímetros acima do normal. Eu pesquisei on-line e as únicas vans assim são feitas sob medida pra pessoas com deficiência. O chassi é mais alto pra poder encaixar uma rampa pra cadeira de rodas.

4

Holly liga para Pete perto da máquina de gelo, onde está fumando. Ele chegou à mesma conclusão que Jerome sobre a van, só que chama o tipo de veículo de “bonde de aleijado”. Holly faz uma careta, agradece e pergunta como ele está. Ele diz que está como aquele cara da música do Chicago, mais forte a cada dia. Passa pela cabeça dela que talvez ele esteja tentando convencer a si mesmo.

Ela apaga o cigarro e senta-se na escada para pensar. Agora, ela tem uma coisa quase concreta para contar para Penny amanhã à noite: parece cada vez mais provável que Bonnie tenha sido levada por alguém fingindo ser uma pessoa com deficiência. Talvez todos tenham sido. Ou talvez não só fingindo? Holly pensa em uma coisa que Imani disse: *A coitada parecia estar com dor. Disse que não estava, mas eu reconheço dor no ciático quando vejo.*

Ela deseja agora ter posto os olhos em Emily Harris. Seria bom verificar na faculdade para ver se alguém sabe alguma coisa sobre a condição física dela, e ela vai dar uma boa olhada na esposa de Ernie Coggins quando falar com ele amanhã.

No quarto, ela se deita na cama e liga para Barbara. A ligação cai direto na caixa postal. Holly pede que ela ligue de volta antes das 22h30, quando ela vai

desligar o celular, fazer a oração noturna e dormir. Em seguida, liga para Jerome.

— Não consegui falar com a Barbara e a fofoca pela metade mata a fofocaíra. Me conta o que está acontecendo.

— A novidade é da Barbara, Holly...

— Por favorzinho? Com açúcar, com afeto?

— Tudo bem, mas só se você prometer fingir surpresa quando Barb contar.

— Prometo.

Jerome conta para Holly que Barbara anda escrevendo poesia escondido há muito tempo e se encontrou com Olivia Kingsbury...

— Olivia Kingsbury? — exclama Holly, sentando-se ereta. — Macacos me mordam!

— Você a conhece, pelo que estou percebendo.

— Não pessoalmente, mas, meu Deus, Jerome, ela é uma das maiores poetas dos Estados Unidos! Estou impressionada por Barbara ter tido coragem de abordá-la, mas que bom!

— Nunca faltou coragem pra Barb.

— Quando eu era adolescente e estava tentando escrever poemas, li tudo de Kingsbury que consegui encontrar! Eu não sabia que ela ainda estava viva!

— Quase cem anos, Barb diz. Enfim, essa tal de Kingsbury leu os poemas de Barbara e aceitou ser mentora dela. Não sei por quanto tempo, mas o resultado foi que a Barb foi escolhida pra concorrer a um prêmio, o Penworth ou algo assim...

— Prêmio Penley — diz Holly. Ela está perplexa e feliz da vida pela amiga, que fez tudo isso e ainda conseguiu guardar segredo.

— Acho que é isso mesmo. Mas não precisa perguntar sobre o que eu ando fazendo, Hollyberry, nem sobre meus cem mil dólares e tal. Sem mencionar meu fim de semana chique em Montauk que está chegando. Você não ia querer saber da festa em que o Spielberg pode aparecer nem nada dessas coisas chatas.

Holly quer, claro, e eles conversam por quase meia hora. Ele conta sobre o almoço no Blarney Stone, o cheque de adiantamento, discussões sobre o lançamento do livro e planos de divulgação que envolvem uma possível entrevista com *The American Historical Review*, uma perspectiva que o empolga e apavora na mesma medida.

Quando eles esgotam o que ele chama de Aventura Excelente de Jerome em Nova York, ele pede que ela o atualize sobre o caso. Ela faz isso e termina confessando que a investigação sobre o time de boliche deve ser uma viagem só de ida por um beco sem saída. Jerome discorda.

— É uma linha válida de investigação, Hol. Dressler trabalhou lá. Ele foi um alvo. Acho que todos foram. Não, eu tenho certeza.

— Talvez — diz Holly —, mas duvido que tenha sido um jogador idoso. O que eu vou ver amanhã sofreu derrame. Acho que eu esperava que um deles tivesse protegendo um parente ou amigo mais jovem. Protegendo ou ajudando.

A verdade é que ela ainda espera isso. Ela tem menos de um dia até precisar atualizar a cliente, e gostaria de ter algo concreto para contar a Penny. Mas essa não é a coisa mais importante. Ela quer algo concreto para dizer a si mesma.

5

Enquanto Holly está falando com Jerome, Barbara Robinson está com Marie Duchamp em uma sala de espera do Kiner Memorial. Elas estão esperando para descobrir se os médicos conseguiram regularizar os batimentos de Olivia. Também estão esperando, embora nenhuma das duas diga, para saber se a velha poeta ainda está viva.

Barbara liga para casa e fala com o pai. Ela conta para Jim que está no hospital, esperando notícias sobre uma amiga idosa. Uma amiga muito idosa chamada Olivia Kingsbury. Isso é ruim, mas tem também uma notícia boa. Ela diz para ele ligar para Jerome e que ele vai explicar tudo, e que ela e a cuidadora da Olivia estão esperando notícias do médico sobre a condição de Olivia a qualquer momento.

— Você está bem, querida? — pergunta Jim.

A resposta é não, mas ela diz que sim. Ele pergunta quando ela volta para casa. Barbara diz que não sabe, repete que está bem e encerra a ligação. Para passar o tempo, ela verifica as mensagens na caixa postal. Tem uma de Holly, mas ela ainda não quer falar com a amiga. Ela nem queria falar com o pai. Está tentando concentrar toda a força mental em manter Olivia viva. Sem dúvida é burrice, mas quem sabe? Tem mesmo mais coisas entre o céu e a terra do que a maioria das pessoas acredita, Hamlet estava certo sobre isso. Barbara viu algumas.

Ela também recebe uma mensagem de texto da Holly, e essa ela responde, enviando uma breve resposta de duas palavras bem na hora em que o médico de Olivia chega e se aproxima. Uma olhada no rosto dele e Barbara e Marie sabem que a notícia é ruim.

6

Enquanto Barbara está lendo a mensagem de Holly e enviando a resposta curta, Emily Harris está na janela do quarto olhando para a Ridge Road. Quando Roddy entra, ela se vira para ele, atravessa o quarto (devagar, mas sem parar, mancando só um pouco) e o abraça.

— Alguém está se sentindo melhor — diz Roddy.

Ela sorri.

— Aos pouquinhas, meu amor. Aos pouquinhas. A detetive não pareceu exatamente muito agradável, não é? Com a máscara e as perguntas arrogantes?

— Não mesmo.

— Mas nós temos que ficar de olho nela. Estou inclinada a pensar que você está certo, que ela pode estar investigando Dressler e Dahl para clientes diferentes, mas ainda acho difícil de acreditar. E se ela estava aqui em parte pela garota Dahl e não falou é porque ela desconfia de alguma coisa.

Eles vão até a janela juntos e olham para a rua de noite. Rodney Harris está pensando que, se o que eles fizeram, o que estão *fazendo*, fosse revelado, eles seriam rotulados como loucos. Sua reputação acadêmica, construída ao longo de décadas, desmoronaria.

Emily, a mais prática da relação, ainda está pensando em Bonnie Dahl. Tem outra coisa a incomodando, mas ela ignora.

— O que a tal Gibney poderia descobrir? Não muito. Talvez nada. Dahl fez alguns trabalhos de secretária pra mim depois do Natal, mas foi por pouco tempo, e eu paguei em dinheiro. Pedi que ela não falasse sobre o trabalho por esse motivo. Lembrei a ela que era renda não declarada.

— Antes do Natal também — diz Roddy. — De... você sabe...

— De elfa, sim. Pra festa. Mas havia pelo menos uns doze elfos, todos pagos em dinheiro, e eles foram proibidos de postar nas redes sociais.

Roddy ri com deboche.

— É a mesma coisa que mandar o vento não soprar.

Em admite que isso é verdade, os jovens postam tudo, inclusive fotografias das partes íntimas, mas ela sabe que Bonnie Dahl nunca postou sobre o trabalho de elfa de Natal. Nem no Facebook, nem no Instagram, nem no Twitter. Emily verificou, mas não é só isso.

— Ela sabia que o trabalho de secretária era uma possibilidade e não queria perdê-lo.

— Ela pode ter contado pra mãe.

É a vez de Em rir.

— Não aquela, ela achava a mãe uma vaca xereta, e o namorado está fora da jogada. A tal Gibney não sabe sobre nossa relação, nossa breve relação, com a garota Dahl. Pelo menos, não sabia hoje à tarde. Você viu como ela ficou com medo de tocar em você? Que covarde! — Emily ri, mas faz uma careta e coloca a mão na lombar.

— Coitada do meu amor — diz Rodney. — Quer um creminho fresco pro dói?

Ela abre um sorriso agradecido.

— Seria bom. E, Roddy? Você ainda tem a Coisa Um?

— Tenho.

— Leva com você. Só por precaução. Não esquece! — Ele esquece tanta coisa atualmente.

— Vou levar e não vou esquecer. Você ainda tem a Coisa Dois?

— Tenho. — Ela o beija. — Agora me ajuda com a camisola.

Bill Hodges disse uma vez para Holly que um caso era como um ovo.

Isso foi perto do fim da vida, quando ele estava sentindo muita dor e tomava muitos remédios. Ele costumava ser um homem prático — policial primeiro, por último e sempre —, mas quando estava doidão de morfina tinha a tendência de falar em metáforas. Sentada na beira da cama dele, Holly ouvia com atenção. Ela queria tudo que ele pudesse ensinar. Cada coisinha.

— A maioria dos casos é frágil assim como um ovo. Por quê? Porque a maioria dos criminosos é idiota. Quando o assunto é fazer cagada, até os que são inteligentes são burros. Senão, eles não fariam besteira. Então, trate um caso como se fosse um ovo. Você o quebra, bate, bota na frigideira com manteiga. Aí, faz um belo omelete.

O caso de Holly começa a se quebrar no quarto do Days Inn, quando ela está ajoelhada ao lado da cama fazendo as orações.

4 DE JULHO DE 2021

1

Rodney Harris é o chef da família, o que é bom porque Emily ainda está sofrendo de dor severa da ciática. Quando ele pediu a ela para graduar na escala universal de dor de um a dez, ela disse que estava em doze. E parece mesmo, pela cara dela, os olhos afundados e a pele tão esticada nas maçãs do rosto que chega a brilhar. Ele diz para ela aguentar firme, que a prisioneira comeu o fígado todo na noite anterior e não vomitou. Ele diz que o alívio de Emily vai chegar logo.

Esta noite, o chef Harris está fazendo suas famosas costeletas de cordeiro com manteiga de alho. O acompanhamento vai ser de vagem fresca com farofa de bacon. O cheiro está maravilhoso e ele tem certeza de que está chegando na garota Dahl, porque a porta do porão está aberta e ele botou um ventilador na bancada para soprar sobre o fogão e a frigideira de ferro fundido, onde as costeletas de cordeiro estão sendo salteadas.

Ele vai até a geladeira e pega a garrafa de Pepsi Diet que foi a última compra de Bonnie. Está geladinho. Ele a leva escada abaixo, indo devagar e se segurando no corrimão. Seus quadris não estão tão ruins quanto a ciática da pobre Em, mas estão ruins. E seu equilíbrio não é mais como era. Ele acha que a causa pode ser alguma leve atrofia no ouvido médio. Isso também vai melhorar em breve.

Dahl está de pé junto às grades da cela. O cabelo louro está embaraçado e perdeu boa parte do brilho. O rosto está abatido e pálido.

— Por onde você andou? — grunhe ela, como se estivesse no comando e ele fosse o mordomo. — Eu fiquei aqui embaixo o dia todo!

Roddy pensa que é uma coisa sem sentido para se dizer; onde mais ela teria ficado o dia todo? Mas sorri.

— Eu andei ocupado. Escrevendo uma resposta para um artigo idiota.

Ele está sempre escrevendo respostas para artigos idiotas, e é sempre como gritar no vazio. Mas o que se pode fazer além de seguir em frente? De qualquer modo, ele duvida que Bonnie Dahl se importe com os problemas *dele* agora. E isso é compreensível. Só Deus sabe quando ela comeu pela última vez antes do fígado. Ela está com fome e morrendo de sede. Ele poderia dizer que esses problemas vão acabar logo, mas duvida que ela vá encontrar consolo nisso.

— O jantar está quase pronto. Não é fígado desta vez, mas...

— Cordeiro — diz ela. — Estou sentindo o cheiro e está me deixando louca. Eu acho que você *quer* que eu sinta o cheiro. Se quer me matar, por que não mata logo e acaba com essa tortura?

— Não é minha intenção torturar você. — Isso é verdade. Ele não tem o menor interesse nisso. Ela é *gado*, ora. — Olha o que eu trouxe. Sacia sua sede, limpa seu palato e eu trago algo bem mais gostoso do que fígado cru.

Porra nenhuma. Dahl vai morrer com o fígado puro e o estômago vazio. Ele coloca a garrafa de Pepsi Diet no chão e usa a vassoura para rolá-la com cuidado pela abertura na parte de baixo da cela. Ela se curva, pega a garrafa e a olha com avidez e desconfiança.

— Ainda lacrada, como veio da loja — diz Roddy. — Pode verificar. Eu teria trazido uma com açúcar, por conta da energia, sabe, mas nós não temos refrigerante em casa.

Bonnie gira a tampa, rompe o lacre e bebe. Ela não repara na gotinha de cola fechando o buraquinho por onde a agulha da seringa entrou e já tomou metade da garrafa de quase meio litro quando para e olha para ele.

— O gosto não está normal.

— Bebe tudo. Aí eu trago costeleta de cordeiro e vag...

Ela joga a garrafa entre as grades e erra por centímetros. Mesmo só com metade, o hematoma teria ficado tão ruim quanto o outro que ela já fez nele.

— O que tinha aí? O que você me deu?

Ele não responde. Ela não comeu nada além do fígado no dia anterior e não bebeu nada o dia todo. Apesar de estar em solução em vez de injetado, o Valium, uma dose alta, a afeta rápido. Seus joelhos se dobram depois de apenas três minutos de profanidades impressionantes. Ela se segura nas grades, os músculos consideráveis nos braços se contraindo.

— Por quê? — ela consegue dizer. — Por quê?

— Porque eu amo a minha esposa. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — E a mim mesmo, claro. Eu me amo. Bons sonhos, Bonnie.

Ela finalmente cai. Ou é o que parece. Seria prudente tomar muito cuidado com ela; ela é jovem e ele é velho.

Melhor dar um tempo para ela.

2

No andar de cima, no quarto, Emily está encolhida de lado com uma perna — a do nervo ciático inflamado — dobrada até a barriga, a outra esticada. É a única posição que lhe dá algum alívio.

— Ela apagou — diz Rodney.

— Tem certeza? Você precisa ter muita certeza!

Ele tira uma seringa do bolso.

— Eu pretendo acrescentar um pouco disto. É melhor prevenir do que remediar.

— Mas não vai estragar a garota! — Emily estica a mão para ele. — Não estraga a carne! Não estraga o fígado! Eu preciso, Roddy! Eu preciso dele!

— Eu sei — diz ele. — Seja forte, meu amor. Não vai demorar agora.

3

Quando desce a escada do porão, Rodney escuta roncos altos e úmidos. Ele julga que não são os roncos de alguém fingindo dormir. Ainda assim, é preciso tomar cuidado. Ele empurra o cabo da vassoura pela aba e a cutuca. Sem reação. De novo, com mais força. Ainda nenhuma reação. Ele se curva, a seringa em uma das mãos, e enfia a outra mão pela aba. Pega os dedos dela e puxa a mão para fora. Ela o segura pelo pulso... mas sem força. E os dedos acabam relaxando.

Não arrisca com essa, pensa ele, e injeta no pulso dela. Só metade do que tem na seringa. E espera.

Cinco minutos depois, ele digita o código na porta da cela, pensando que, se ela conseguir lutar depois de uma dose dupla de sedativo, é a Supergirl. Ele ainda gostaria que Emily estivesse ao seu lado com a arma, mas ela não consegue descer a escada do porão no momento. Seria bom ter um elevador, mas eles

nunca nem discutiram a possibilidade. Como explicariam a cela no canto do porão para os empreiteiros? Ou o triturador de galhos?

Não tem problema nenhum. Bonnie Dahl não é a Supergirl; ela está apagada. Roddy pega os braços dela e a arrasta pelo porão até a portinha ao lado da parede de ferramentas. Dentro da sala ao lado, um saco plástico de duzentos litros está pendurado na ponta da mangueira ejetora do triturador de galhos. No meio da sala tem uma mesa de cirurgia. Há mais ferramentas lá, mas são de laboratório e cirúrgicas.

A última parte da operação — a operação antes da operação, por assim dizer — é a mais difícil: colocar a jovem inconsciente na mesa de cirurgia. Roddy consegue levantar os sessenta e cinco quilos dela com as costas estalando e os quadris doendo. Por um momento apavorante, ele acha que vai deixá-la cair. Mas pensa em Emily, deitada na cama com uma perna encolhida, o rosto uma máscara de dor insuportável, e com um esforço final coloca Dahl na mesa. Ela quase cai pelo outro lado, o que seria uma piada horrível. Ele segura o cabelo dela com uma das mãos e a coxa com a outra e a puxa de volta. Ela solta um gemido úmido e gutural e uma palavra que talvez seja *mãe*. Ele pensa na frequência com que eles chamam pelas mães no final, mesmo se a mãe em questão for ruim. O garoto Steinman chamou. Se bem que o garoto Steinman só se tornou necessário porque eles não entenderam quanto Ellen Craslow era loucamente dedicada à dieta vegana idiota.

Roddy se curva, ofegando e torcendo para não ter um ataque cardíaco. A gente devia ter uma plataforma elevatória aqui, ele pensa. É verdade, mas eles não teriam como explicar a jaula de gado para os instaladores de plataformas elevatórias, assim como para os instaladores de elevadores. Quando seus batimentos se regularizam, ele prende os punhos e tornozelos dela. Arruma os recipientes para os órgãos, pega um bisturi e começa a cortar as roupas.

27 DE JULHO DE 2021

1

Holly chegou ao ponto nas orações em que está dizendo para Deus que ainda sente saudade de Bill Hodges quando o universo joga outra corda para ela.

Seu celular começa a tocar a musiquinha. Ela não reconhece o número e quase rejeita a ligação, achando que deve ser alguém na Índia querendo que ela prolongue a garantia do carro ou com uma oferta imperdível de cura da covid, mas ela está no meio de um caso, está *perseguindo* o caso, e o atende, preparada para desligar assim que a tentativa de venda começar.

— Alô? É Holly? Holly Gibney?

— É. Quem está falando?

— Randy? — Como se ele não tivesse certeza da própria identidade. — Randy Holsten? Você passou aqui e fez perguntas sobre o Tom, lembra? E a namorada, aquela Bonnie?

— Isso mesmo.

— Você me disse pra ligar se eu me lembrasse de alguma coisa, lembra?

Holly não acha que Randy esteja bêbado, mas ele deve ter tomado algumas.

— Eu disse isso mesmo. E foi isso?

— Isso o quê?

Paciência, pensa ela.

— Você pensou em alguma coisa, Randy?

— Sim, mas não deve querer dizer nada. Eu estava numa festa, sabe? Uma festa de Ano-Novo, eu estava bem bêbado...

— Você disse.

— E estava na cozinha porque a cerveja estava lá, e essa Bonnie chegou e a gente conversou um pouco. Acho que ela não estava bêbada, não totalmente, mas tinha tomado alguma coisa, estava andando meio torto, se é que você me

entende. Eu que falei mais, eu sempre falo muito quando encho a cara, e ela basicamente ouviu. Acho que talvez ela tenha ido lá fugir do Tom. Eu te contei isso?

— Contou.

— Mas ela disse uma coisa que eu lembrei. Não quando a gente conversou no Starbucks, mas lembrei depois. Quase não te liguei, mas aí pensei por que não?

— O que foi?

— Eu perguntei o que ela fez nas férias de Natal e ela disse que foi uma elfa. Eu disse *o quê?* E ela disse que foi uma elfa de Natal. Não quer dizer nada, né?

Holly canaliza *O império contra-ataca*.

— Alguma coisa tudo quer dizer sim.

Randy ri.

— Yoda! Que lindo! Você arrasa, Holly. Olha, se ficar a fim de comer um hambúrguer e tomar uma cerva qualquer hora dessas...

Holly agradece, diz que vai pensar e encerra a ligação. Ela termina a oração no piloto automático.

Elfa. Ela disse que foi elfa de Natal. Não deve ser importante, mas, como Yoda também poderia dizer: *Interessante é.*

Penny talvez saiba do que Bonnie estava falando, mas Holly não quer falar com Penny de novo enquanto não precisar. O que ela quer agora que despertou é um cigarro. Ela se veste e vai até a máquina de gelo. No caminho, tem uma ideia. Depois de acender o cigarro, procura o contato de Lakeisha Stone e liga.

— Se for outro pedido de doação de igreja...

— Não é. Aqui é Holly Gibney, Keisha. Posso fazer uma pergunta rápida?

— Claro, se te ajudar a encontrar a Bonnie. Você não a encontrou ainda, né?

Holly, que está mais certa do que nunca de que Bonnie não está mais viva, diz:

— Ainda não. Ela te contou alguma coisa sobre ser... isso vai parecer loucura... uma elfa de Natal?

Keisha ri.

— Não tem nada de loucura, amiga. Ela *foi* uma elfa de Natal. Isso se os elfos do Papai Noel se vestirem como o próprio, claro, com barba e gorro vermelho. Mas ela *tinha* sapatos de elfo, uns verdes lindinhos com a ponta enrolada pra cima. Por que você perguntaria isso?

— Foi em um shopping? Algum evento de fim de ano?

— Não, foi pra uma festa de Natal. Foi no Zoom por causa da covid, mas os elfos, e não sei quantos tinha além da Bonnie, uns doze, foram até os convidados levando petiscos e caixas de cerveja. Ou talvez alguns tenham recebido champanhe. Professores, sabe como é... eles têm que se exibir.

Holly sente uma coisa quente subindo pelas costas, desde a base da coluna até a nuca. Ainda não tem nada de real ali, mas ela raramente teve uma intuição mais forte.

— De quem era a festa, você sabe?

— Daqueles professores velhos, aposentados. Ele era de Ciências da Vida e ela de Inglês. Os Harris.

2

Holly acende outro cigarro e anda pelo estacionamento do Days Inn, mergulhada demais nos próprios pensamentos para se dar ao trabalho de pensar na guimba do cigarro anterior. Só pisa nele e continua andando, a cabeça baixa, a testa franzida. Está tendo dificuldade de acompanhar as próprias suposições e precisa lembrar a si mesma que são só suposições. Bill falou sobre um caso ser como um ovo. Ele também falou sobre a Síndrome do Chevrolet Azul: assim que você compra um Chevrolet azul, passa a ver outros iguais em toda parte.

Suposição, ela fica dizendo para si mesma enquanto acende outro cigarro. *Não fato, só suposição*. Era verdade.

Mas.

Cary Dressler trabalhava no Strike ‘Em Out Lanes; Roddy Harris, conhecido como Bolinha, jogava no Strike ‘Em Out. Não só isso, Cary às vezes jogava no time do Roddy. Bonnie Dahl trabalhou para os Harris no Natal, se bem que (calma, garota!) foi só um trabalho de uma noite. Quanto a Ellen Craslow...

Ela liga de novo para Keisha.

— Eu de novo. Desculpa incomodar se você estava se preparando pra dormir. Keisha ri.

— Eu não, gosto de ler até tarde quando a casa está tranquila. O que houve, gata?

— Você sabe se Bonnie teve algum outro envolvimento com os Harris? Depois da festa de Natal?

— Teve sim. Bonnie trabalhou pra professora por um tempo no começo do ano, escrevendo cartas de agradecimento e organizando os contatos dela. Umas porras assim. Também mostrou pra ela umas coisas de computador, se bem que ela achava que a professora sabia mais sobre computadores do que demonstrava. — Keisha hesita. — Ela disse que talvez a coroa tivesse uma queda-nha por ela. Por que a pergunta?

— Só estou tentando rastrear os contatos dela e o que ela estava fazendo entre o fim de 2020 e quando desapareceu — diz Holly. Tem um fiapo de verdade nisso. — Posso fazer mais uma pergunta, não sobre Bonnie, mas sobre a outra mulher que você mencionou? Ellen Craslow?

— Claro.

— Você disse que vocês conversavam com ela no Belfry, mas não disse que ela também trabalhava no prédio de Ciências da Vida?

— Sim. Fica ao lado da Union. Isso tem alguma importância?

— Provavelmente não. — Mas talvez tenha. Rodney Harris talvez ainda tenha uma sala no Ciências da Vida. Os professores universitários nunca se aposentam de verdade, não é? Mesmo que não tenha hoje, pode ser que tivesse quando Ellen desapareceu.

3

Holly está sem cigarros, mas há um 7-Eleven adjacente ao hotel. Ela está andando pela estrada de serviço quando o telefone se acende de novo. É Tanya Robinson. Holly diz alô e se senta em um banco na frente da loja. O orvalho começou a cair e a calça fica molhada. Normalmente, isso a incomodaria muito, já que ela não tem outra. Agora, ela mal repara.

— Eu queria te contar sobre a Barbara — diz Tanya.

Holly se endireita.

— Ela está bem?

— Está ótima. Ela contou a novidade? Acho que aconteceu tanta coisa hoje que ela nem teve tempo.

Holly hesita brevemente, mas, se Tanya sabe, não deve haver problema dizer que ela também sabe.

— Ela não contou, mas Jerome me disse. É maravilhoso. Nos círculos de poesia, o Prêmio Penley é importante.

Tanya ri.

— Agora eu tenho *dois* escritores na família! É difícil de acreditar. Meu avô mal sabia ler. Quanto ao avô do Jim... bom, você sabe sobre ele.

Holly sabe. O famoso gângster de Chicago Alton Robinson, tema do livro de Jerome a ser publicado.

— Barbara anda se encontrando com uma poeta da região chamada Olivia Kingsbury...

— Eu sei quem é — diz Holly. Ela não se dá ao trabalho de dizer para Tanya que Kingsbury é bem mais do que uma poeta da região. — Jerome disse que ela é mentora da Barbara.

— Há meses e eu só soube hoje. Acho que ela achou que seria acusada de imitar o irmão se contasse, o que é ridículo. Mas essa é a Barbara. As duas acabaram ficando muito próximas, e hoje a sra. Kingsbury precisou ser internada. Fibrilação atrial. Você sabe o que é isso?

— Sei. É uma pena, mas na idade dela as coisas dão errado. Olivia Kingsbury deve ter quase cem anos.

— Ela foi estabilizada, mas a coitadinha tem câncer. Há anos, Barbara disse, mas agora se espalhou para os pulmões e o cérebro. Ela falou mais umas coisas, mas foi difícil entender porque estava chorando.

— Eu sinto muito.

— Ela me pediu pra ligar pra todos os amigos. Ela vai voltar pra casa da sra. Kingsbury com a cuidadora da senhora, que está tão arrasada quanto a Barbie. As duas vão passar a noite lá e acho que amanhã vão levar a sra. Kingsbury pra casa. A velha senhora disse que não quer morrer no hospital, e eu não a culpo.

— Que atitude adulta da Barbara — diz Holly.

— Ela é uma boa menina. *Responsável*. — Tanya está chorando um pouco agora. — Ela planeja ficar lá o resto da semana e no fim de semana, mas talvez não leve tanto tempo. Barbara disse que a sra. Kingsbury deixou claro que, se a fibrilação atrial recomeçar, ela não quer voltar para o hospital.

— Entendi. — Holly está pensando na mãe, que morreu em um hospital. Sózinha. — Manda um grande abraço pra Barbara. E quanto ao Prêmio Penley... dá os parabéns a ela por ter chegado nos finalistas dos finalistas.

— Pode deixar, Holly, mas acho que ela não está ligando pra nada disso agora. Eu me ofereci para ir até lá e Barbara disse não. Acho que ela e Marie, a cuidadora, querem ficar sozinhas com a sra. Kingsbury. Parece que ela não tem mais ninguém. Viveu mais do que todos.

O subtexto da ligação de Tanya é que Barbara vai ficar incomunicável enquanto estiver cuidando de Kingsbury durante o estágio final da doença da amiga e mentora, mas quando Holly volta para o quarto com dois maços novos de cigarro nos bolsos da calça cargo, ela liga para Barbara mesmo assim. Cai direto na caixa postal. Ela diz que Tanya contou tudo e que, se Barbara precisar de alguma coisa, é só ligar. Diz que sente muito por notícias ruins estarem tão pertinho das boas.

— Eu te amo — termina ela.

Ela tira a roupa, escova os dentes com o dedo e um pouco de sabonete do hotel (*eca*) e vai para a cama. Deita-se de costas e olha para a escuridão. Sua mente não quer desligar e ela está com medo de ter uma noite insone. Lembra-se que tem alguns comprimidos de melatonina no fundo da bolsa e toma um com um gole de água. Em seguida, verifica o celular para ver se chegou alguma mensagem.

Naquela noite, só tem uma e é da Barbara. Só duas palavras. Holly se senta na cama e as lê várias vezes. O calor está subindo pela coluna dela de novo. O e-mail que ela enviou para a Barbara, junto com a foto de Cary Dressler e o time de boliche dos Coroas de Ouro, foi breve: *Você se lembra desse cara?*

A resposta da Barbara, quase certamente enviada do Kiner a julgar pelo horário, é mais breve ainda: *Qual deles?*

5 DE JULHO DE 2021

1

— Acho que você vai poder me ajudar hoje — diz Roddy ao entrar no quarto.

Emily mostra os dentes em um sorriso sofrido. O hambúrguer que ele levou para ela — malpassado, como ela gosta — ainda está na mesa de cabeceira. Ela só conseguiu dar uma mordida.

— Acho que eu não vou conseguir nem sair da cama hoje, menos ainda ajudar. Você vai ter que fazer sozinho. Essa dor... é inacreditável.

Ele está segurando uma bandeja com um guardanapo em cima. Agora, ele o levanta e mostra um cálice cheio de uma coisa branca que parece banha com alguns filamentos vermelhos. Ao lado, uma colher.

— Eu estava guardando.

Isso não é verdade. O fato é que ele tinha esquecido. Encontrou no freezer quando estava procurando um daqueles pratos Stouffers que ele gosta de almoçar. Ele esquentou o pudim de sebo no forno, delicadamente. Usar o micro-ondas mata a maioria dos nutrientes, é fato conhecido. Não é de admirar que tantos americanos estejam cheios de problemas de saúde; esse jeito de cozinhar deveria ser banido por lei.

Os olhos encovados de Emily se acendem de ganância. Ela estica a mão.

— Me dá! Você devia ter me dado ontem, homem cruel!

— Eu não precisava de você ontem. Hoje, preciso. Metade dentro e metade fora, Em. Você sabe como é. Meio a meio.

Ele dá o cálice e a colher para ela. Peter Steinman não era uma criança com muita gordura, mas o que ele entregou era ouro comestível. A esposa começa a comer rapidamente, *consumindo o cálice*, pensa Roddy. Um fio de gordura contendo uns fios de tendão que mais parecem cabelo escorre pelo queixo dela. Roddy o pega com agilidade e coloca na boca da esposa. Ela suga o dedo dele,

uma coisa que antigamente teria transformado o macarrão dentro da sua calça em uma vara ereta, mas isso não acontece mais e não há nada que possa ser feito. Viagra e outras drogas para disfunção erétil não são só ruins para o cérebro; elas aceleram o relógio dos cromossomos. A pessoa perde seis meses da vida para cada ato sexual auxiliado por Viagra. É fato comprovado, mas as empresas farmacêuticas, claro, escondem.

Ele pega o cálice de volta antes que ela possa comer tudo. Quase deixa cair (e que tragédia seria), mas pega antes que role da cama e se espalife no chão.

— Vira. Eu levanto sua camisola.

— Eu consigo. — Ela consegue mesmo e revela as coxas enrugadas e as nádegas murchas. Ele começa a espalhar o que resta de gordura e tendões na nádega esquerda e pela coxa interna, onde aquele nervo irritante está disparando a alta voltagem. Ela solta um gemidinho.

— Melhor?

— Acho que... sim, melhor. Ah, Deus, sim.

Ele tira até a última gota do cálice e continua a espalhar e massagear. Em pouco tempo, o brilho da gordura quase some conforme ela é absorvida e acalma aquele nervo vermelho cruel, fazendo-o adormecer.

Não, não adormecer, pensa ele, só cochilar. O alívio real vai começar mais tarde, com o fígado da garota. E aí, sopas nutritivas, ensopados, filés e outros cortes.

Há fios de gordura branca debaixo das unhas dele. Ele as lambe e morde até não haver mais nada, depois puxa a camisola dela de volta.

— Agora, descansa. Dorme se conseguir. Se prepara pra esta noite.

Ele beija a têmpora funda e suada.

Pouco antes das onze da noite, Bonnie Dahl acorda e se vê deitada nua em uma mesa em uma sala pequena e iluminada. Seus pulsos e tornozelos estão presos. Rodney e Emily Harris a estão olhando. Os dois usam luvas até os cotovelos e aventais de borracha compridos.

— Surpresa — diz Roddy. — Olha nós aqui.

A cabeça de Bonnie ainda está confusa. Ela quase poderia acreditar que é um sonho, o pior pesadelo do mundo, mas sabe que não é. Ela levanta a cabeça. Está pesada como um bloco de concreto, mas ela consegue. Vê que eles desenharam nela com caneta permanente. É uma espécie de mapa esquisito.

— Vocês vão me estuprar, é isso? — Sua boca está seca. As palavras saem roucas.

— Não, querida — diz Emily. O cabelo dela cai em mechas em volta de um rosto tão pálido e encovado que é pouco mais do que uma caveira. Os olhos cintilam. A boca é uma linha repuxada de dor. — Nós vamos te comer.

Bonnie começa a gritar.

28 DE JULHO DE 2021

1

Emily para na janela do quarto uma hora antes do amanhecer e olha para a Ridge Road, vazia exceto pelo luar. Atrás dela, Rodney está dormindo de boca aberta, respirando em roncos grandes e roucos. O som é meio irritante, mas Emily inveja o descanso dele mesmo assim. Ela acordou às 3h15 e não vai mais conseguir dormir. Porque sabe o que a estava incomodando.

Ela devia ter percebido assim que Gibney os visitou com aquela historinha ridícula de Dressler ser suspeito de roubo de carro. Era tão óbvio. Por que ela não percebeu? Primeiro, ela se perguntou se estava começando a ficar demente como Rodney. (Na madrugada, ela consegue admitir que ele está.) Mas ela sabe que não é isso. Sua mente continua tão apurada quanto sempre foi. É só que algumas coisas são tão grandes, tão óbvias, que acabam sendo ignoradas. Como um móvel feio e enorme com o qual você se acostuma e simplesmente contorna. Até bater nele de cara, claro.

Ou até ter um sonho com uma vaca vegana preta.

E eu sabia, Em pensa. Devia saber. Eu falei pra ele que casos separados envolvendo duas pessoas que pegamos seria coincidência demais. Ele ignorou. Disse que coincidências acontecem e eu aceitei.

Aceitei! Deus, que burrice!

Em nenhum momento ela lembrou, ao menos não na ocasião, que Gibney, usando o perfil LaurenBacallFan, tinha enviado perguntas aos Craslow que tinha encontrado no Twitter. Ela supõe que Dahl e Dressler poderiam mesmo ser coincidência. Mas Dahl, Dressler e Craslow?

Não.

Emily se vira da janela e segue lentamente até o banheiro com uma das mãos apertando a lombar latejante. Fica na ponta dos pés (como dói!), estica o braço

até o alto do armário do espelho e encontra um frasco marrom empoeirado sem rótulo. Dentro há duas cápsulas verdes. São a escapatória final deles, se necessário. Ela ainda tem esperanças de que não será necessário. Volta para o quarto e olha para o marido que ronca de boca aberta. Ela pensa: *Ele parece tão velho.*

Ela se deita e guarda o frasco marrom embaixo do travesseiro. Vai contar para ele o que sabe e deveria ter percebido antes logo cedo. Agora, que seu amorzinho durma.

Emily fica acordada, olhando para a escuridão.

2

A melatonina funcionou. Holly acorda se sentindo uma nova mulher. Ela toma banho, se veste e olha o celular. Tinha colocado no modo não perturbe e vê agora que recebeu uma ligação de Pete Huntley às 1h15 da madrugada. Tem uma mensagem na caixa postal, mas não é do Pete. É da filha, ligando do celular dele.

— Oi, Holly, é a Shauna. Meu pai está no hospital. Ele teve uma recaída. A maldita covid não deixa ele em paz.

Ele disse que estava se sentindo cada dia mais forte, pensa Holly. Como na música do Chicago.

— Ele tentou levar um saco de lixo para a lixeira do andar dele e desmaiou no corredor. A sra. Lothrop o encontrou e ligou pra emergência. Fiquei a noite toda com ele. Não teve ataque cardíaco, não precisou ir pra ventilação, graças a Deus. Ele parece melhor agora, mas acho que pode ser uma daquelas pessoas com covid longa. Vão fazer uns exames e mandá-lo pra casa. Precisam do quarto. Essa merda do caralho está pra todo lado. Escute, se cuid... — A mensagem termina aí.

Holly sente vontade de jogar o celular do outro lado do quarto. Como Shauna Huntley poderia dizer, é um jeito ruim de começar um dia ruim. Ela se lembra de Althea Haverty do boliche falando sobre gripe falsa e olhando para o cotovelo de Holly com certo desprezo. Dizendo *Não se ofenda, mas eu não faço isso.* Holly não deseja que ela vá parar no hospital com uma máscara de oxigênio naquela cara gorda negacionista de covid, mas...

Quer saber? Deseja sim.

Holly vai ao Burger King comprar o café da manhã com um par de luvas novas para pagar em uma janela e pegar a comida na seguinte. Come no quarto, faz o check-out e parte para a Rolling Hills Cuidados para Idosos. Chega cedo demais para o horário de visita, então estaciona, abre a porta e fuma um cigarro. Manda uma mensagem para Barbara perguntando o que ela quis dizer com *qual deles*. Não recebe resposta, nem espera receber, e não precisa de uma. Barb deve ter reconhecido Rodney Harris além de Cary Dressler. Holly está muito curiosa para saber como ela conhece o professor Harris. Uma coisa que ela sabe com certeza é que a ideia de Barbara perto de Harris a deixa inquieta.

Ela pesquisa o professor Rodney Harris no Google e obtém vários tipos de informação, inclusive fotos de uma versão mais nova dele com cabelo escuro e só algumas rugas. Pesquisa a professora Emily Harris e consegue mais informações ainda. Bonnie conhecia Emily Harris, confirmando o que Keisha dissera. *Trabalhou para Emily Harris, na verdade.*

Rodney conhecia Cary Dressler. Não fumava maconha com ele, mas jogava boliche com ele quando os Coroas de Ouro precisavam de substituto.

Rodney poderia ter conhecido Ellen Craslow. Poderia ter batido papo com ela, até; eles trabalhavam no mesmo prédio e, de acordo com Keisha Stone, a mulher não era avessa a conversas.

Ela manda outra mensagem para Barbara, dessa vez sendo mais específica: *Você conheceu Rodney Harris? Sei que está ocupada, mas me avisa quando puder.*

Ela olha o relógio e vê que são nove. O horário de visita começou oficialmente. Ela não espera conseguir nada de novo de Victor Anderson (se conseguir alguma coisa) e sabe muito bem que não vai conseguir nada com o tio Henry, mas já está lá e pode muito bem seguir em frente. Pode terminar até as dez, falar com Pete e pegar a estrada de volta para a cidade. Vai parar e falar com Ernie Coggins? Talvez, mas ela acha que não.

Todos os sinais apontam para os Harris.

Holly vai até a recepção e diz quem quer visitar. A sra. Norman, a recepcionista, verifica no computador e faz uma ligação breve. Ela diz que Henry Sirois está tomando banho e cortando o cabelo. Victor Anderson está na sala, mas, em-

bora esteja alerta e ciente, é bem difícil entender o que ele fala. Se Holly quiser esperar um pouco, a esposa dele costuma chegar logo depois que o horário de visita começa e ela o entende perfeitamente.

— Evelyn é preciosa — diz a sra. Norman.

Holly concorda em esperar a esposa de Anderson porque teve uma ideia. Deve ser uma ideia ruim, mas é a única que ela tem. Seu sócio está no hospital, Jerome está em Nova York e Barbara está ocupada com a amiga moribunda. Mesmo que não estivesse, Holly não pediria a ajuda dela. Não depois de Chet Ondowsky.

Ela liga o iPad e olha as fotos da Ridge Road 93, tanto pelo Zillow (por onde a estimativa é um milhão e setecentos mil de dólares) como pelo Google Street View. Ela já viu a casa e o que quer agora é ver a garagem, mas fica decepcionada. A entrada de carros se inclina para baixo e ela só consegue ver o telhado. Ampliar a foto não ajuda. Que pena.

Uma mulher magra chega, calça branca, tênis brancos, cabelo branco com um corte curto e moderno, e se aproxima da sra. Norman. Elas conversam e a sra. Norman aponta para onde Holly está. Holly se levanta, se apresenta e oferece o cotovelo. A sra. Anderson, Evelyn, toca com o dela e pergunta como pode ajudar.

— Eu gostaria de fazer algumas perguntas ao seu marido. Bem poucas se não for cansativo pra ele. Estou investigando o desaparecimento de um rapaz que trabalhava no Strike ‘Em Out Lanes, Cary Dressler. Eu soube que o sr. Anderson jogava boliche com ele de vez em quando. A sra. Norman disse que você poderia... bem...

— Traduzir? — diz a sra. Anderson com um sorriso. — Sim, eu posso fazer isso. Não conheci o sr. Dressler, mas sei quem ele é. Vic dizia que ele jogava muito bem e era um sujeito legal. Chamava-o de *mensch*. — Ela baixa a voz a um sussurro. — Acho que às vezes eles iam para os fundos fumar erva.

— Eu ouvi falar — sussurra Holly.

— Você desconfia... meu Deus... de *crime*? — Evelyn ainda está sorrindo por trás da máscara.

Holly, que desconfia exatamente disso, diz que a única coisa que está tentando descobrir é para onde ele foi.

— Bom, vamos lá — diz Evelyn Anderson com animação. — Dúvido que ele possa ajudar, mas a mente dele está lúcida e vai ser bom pra ele ver um rosto

novo.

Na sala, algumas pessoas idosas estão tomando um café da manhã tardio ou o recebendo na boca. Um episódio de *Mayberry R.F.D.* está passando na televisão de tela grande, com as risadas gravadas e tudo. Victor Anderson está sentado em uma cadeira de rodas virada para longe da televisão, permitindo que olhe o gramado, onde um homem está montado em um cortador de grama. Anderson é na verdade dois homens, Holly vê, com o corpo de um estivador dos ombros até a cintura, com ombros largos e peito amplo. Abaixo disso, há pernas finas que terminam em pés descalços cheios de eczemas. Anderson tem uma máscara N95, mas está pendurada no pescoço.

— Oi, bonitão, que tal um encontro? — diz Evelyn.

Ele olha para o lado e Holly vê que metade do seu rosto está repuxada para baixo em uma careta que mostra os dentes do lado esquerdo. O lado direito do rosto tenta sorrir. Ele diz:

— Oi... jovem.

Evelyn bagunça o cabelo grisalho dele e lhe dá um beijo na bochecha.

— Eu trouxe companhia. Essa moça é Holly Gibney. Ela quer fazer umas perguntas sobre sua carreira no boliche. Tudo bem?

Ele move a cabeça para baixo de um jeito que pode ser um sim e diz algo interrogativo.

— Ele quer saber qual é o assunto.

— Cary Dressler — diz Holly. — O senhor se lembra dele?

Anderson diz alguma coisa e faz um gesto com a mão retorcida. A esquerda está inerte no braço da cadeira, a palma virada para cima.

— Ele diz que está ouvindo, que não é surdo.

Holly fica vermelha.

— Desculpa.

— Tudo bem. Eu colocaria a máscara dele, mas aí também não entenderia o que ele diz. Ele *tomou* vacina. Todo mundo aqui *tomou*. — Ela baixa a voz. — Duas enfermeiras e um auxiliar se recusaram e foram demitidos.

Holly bate no braço.

— Eu também *tomei*.

— Você se lembra do sr. Dressler, não lembra, Vic? Você o chamava de *mens-ch.*

— *Meh* — concorda Anderson e abre o sorriso de um lado só de novo. Holly acha que houve uma época, e não muito distante, em que ele devia parecer Lee J. Cobb em *Sindicato dos ladrões* ou *12 homens e uma sentença*. Bonito e forte.

— Com licença, só um minuto — diz Evelyn e se afasta deles. Na televisão, tia Bea disse algo engraçado e as risadas gravadas explodem.

Holly puxa uma cadeira.

— Então o senhor se lembra de Cary, sr. Anderson?

— Si.

— E se lembra de Rodney Harris, não é?

— Oddy! Oinha! Aro!

Evelyn volta. Ela está com um frasco pequeno de Cetaphil.

— Ele diz que claro. Não sei o que oinha quer dizer.

— Eu sei — diz Holly — Bolinha, né?

Anderson assente de novo daquele mesmo jeito.

— Oinha, si!

A esposa o beija de novo, na têmpora desta vez, e fica de joelhos para passar creme nos pés cascudos. Tem uma gentileza prosaica no gesto que faz Holly se sentir ao mesmo tempo feliz e com vontade de chorar.

— Responde às perguntas da sra. Gibney, Vic, e aí nós vamos ter uma bela vi-sitinha. Quer iogurte?

— Aro!

— O que eu realmente quero saber, sr. Anderson, é quanto o professor Harris conhecia Cary. Acho que não muito bem, né?

Anderson faz um movimento de mastigação no lado do rosto que ainda funciona, como se tentando fazer o outro lado acordar. Em seguida, fala algo. Holly só entende algumas palavras e expressões, mas Evelyn entende tudo.

— Ele está dizendo que Roddy e Cary eram bons amigos.

— Oin-igos! — concorda Anderson, e fala mais um pouco. Evelyn continua passando o creme nos pés dele enquanto escuta. Ela sorri algumas vezes e tem uma que ri alto, um som que Holly acha bem mais natural do que as risadas gravadas da televisão.

— O professor não saía com os outros pra fumar, mas às vezes pagava uma cerveja para o Cary depois do jogo. Vic diz que o professor encorajava Cary a fa-

lar sobre ele mesmo porque...

— Ninguém mais fazia isso — diz Holly. Ela entendeu essa parte. Para Vic, ela diz: — Preciso ver se entendi direito e aí vou deixá-lo comer seu iogurte. O senhor diria que eles eram bons amigos?

Anderson faz outro movimento errático de cabeça.

— Si.

— Eles bebiam cerveja juntos no boliche? O Bowlaroo ou seja lá qual for o nome?

— Au ao. Elis.

— Ao lado, no Nelly's — diz Evelyn e fecha o frasco de creme. — Precisa de mais alguma coisa, sra. Gibney? Ele se cansa facilmente agora.

— Holly. — Uma mulher que se ajoelha para passar creme nos pés do marido pode chamá-la pelo primeiro nome quando quiser. — Por favor, Holly. E não, era só isso.

— Por que o interesse no professor Harris? — pergunta Evelyn... e franze o nariz um pouco. É um sinal bem pequeno, mas Holly vê.

— Você o conhecia?

— Não exatamente, mas depois que os torneios acabavam sempre havia um jantar na casa de alguém. Uma comemoração, fosse vitória ou derrota. Com o time do Vic, era quase sempre derrota.

Anderson solta uma risada rouca e mexe a cabeça de novo.

— Quando foi nossa vez, fizemos um churrasco no quintal e o professor basicamente tomou conta da churrasqueira. Ele disse... disse *mesmo*... que eu estava fazendo os hambúrgueres errado. Que estava perdendo os nutrientes, algo assim. Eu fui educada, dei xeique que ele cuidasse da comida, mas achei uma grosseria. E também...

— *Us!* — exclama Anderson. O sorriso dele é ao mesmo tempo horrível e encantador. — *Mei-us!*

— Isso mesmo — diz Evelyn. — Ficaram meio crus. Eu não consegui comer o meu. Por que você está tão interessada no professor Harris? Achei que era Cary que estava investigando.

Holly faz sua melhor expressão perplexa.

— É, mas espero que, se falar com bastante gente do time de boliche, vou encontrar um fio pra seguir. Já falei com o sr. Welch e o sr. Clippard.

— Uii — diz Anderson. — O erido Ui!

— O querido Hughie — diz Evelyn distraidamente.
— Sim, isso eu entendi. Vic, o professor Harris tem uma van?
Anderson faz aquele movimento de mastigar de novo enquanto pensa. E diz:
— Ubaiu.
— Isso eu não entendi, querido — diz Evelyn.
Holly entendeu.
— Ele diz que era um Subaru.

6

Na recepção, ela diz para a sra. Norma que volta logo para ver o tio, mas que esqueceu uma coisa no carro. É mentira. Ela quer um cigarro. E precisa pensar.

Ela fuma na posição de sempre: porta do motorista aberta, a cabeça baixa, os pés no chão, absorvendo nicotina antes de voltar para ver o tio Henry, que conseguiu escapar da covid e continua existindo no que deve ser um mundo crepuscular de perplexidade. Ou talvez até a perplexidade tenha acabado. Ele ainda tem breves períodos ocasionais de consciência, mas foram ficando cada vez mais espaçados. O cérebro dele, antes tão adepto a nomes e números e endereços, sem mencionar esconder dinheiro da sobrinha, é agora uma onda portadora básica que solta um apito ocasional.

Ela está feliz de ter ido ver Vic Anderson, em parte porque a alegrou ver um afeto de tantos anos entre marido e esposa, mas ainda mais porque lança uma luz fascinante sobre Rodney Harris. Ele dirige um Subaru e não uma van para pessoas com deficiência (o que não é surpresa, considerando que obviamente ele não tem deficiência nenhuma), mas para Holly ele se parece cada vez mais com alguém que poderia estar encobrindo o Predador da Red Bank. Ou o incitando.

De acordo com o professor Harris, ele e Cary Dressler eram apenas conhecidos. De acordo com Vic Anderson, eles às vezes tomavam cerveja juntos no bar ao lado — o lúpulo e a cevada, pelo visto, não ofendiam a ideia de nutrição de Harris como a maconha. Anderson disse que Harris encorajava Dressler a falar sobre ele mesmo “porque mais ninguém fazia isso”.

Só um professor idoso e gentil apoiando um jovem solitário? É possível, mas, se for isso mesmo, por que Harris mentiu? A ideia de que Rodney Harris tinha atração por Dressler, assim como Keisha disse que a esposa de Harris podia ter

por Bonnie, passa pela cabeça de Holly mas ela a descarta. A possibilidade de que Harris estivesse coletando informações parece mais provável.

Harris não está matando gente, não na idade dele, e a ideia de a esposa o ajudar nisso é ridícula, então, se o que Holly está pensando for verdade, eles *devem* estar encobrindo alguém. Ela precisa descobrir se eles têm filhos, mas agora precisa encarar a situação em que está e ir ver o vegetal humano que ainda se parece com o tio dela.

Mas, quando se levanta, outra coisa lhe ocorre. Holly não gosta do Facebook e só entra de vez em quando com o próprio nome para a conta não ficar abandonada, mas entra com frequência como LaurenBacallFan. Ela faz isso agora e visita a página de Penny Dahl. Devia ter feito isso antes e não fica totalmente surpresa de ver seu próprio nome. Ela é descrita como “detetive renomada da região Holly Gibney”. Odeia a palavra detetive, ela é uma *investigadora*. E devia ter dito a Penny para não postar seu nome, mas nem pensou nisso.

Ela se pergunta se o professor Harris sabe que ela também está investigando o desaparecimento de Bonnie Dahl. Se está, em outras palavras, um passo à frente dela.

— Se estiver, eu o alcanço — diz Holly, e volta para a Rolling Hills Cuidados para Idosos para visitar o tio.

Uma nova milionária entra na suíte de uma casa de repouso, pensa Holly depois de dar uma batidinha na porta, que já está entreaberta. Alguns quartos de Rolling Hills são individuais; a maioria é de duas pessoas porque poupa deslocamento dos enfermeiros, auxiliares e médicos de plantão, que sempre trabalham muito. (E duplica o lucro.) Tem também quatro suítes de dois aposentos e o tio Henry está em uma dessas. Se já ocorreu a Holly como Henry Sirois, contador aposentado, podia pagar um alojamento tão caro (ela não lembra de ter ocorrido), ela deve ter pensado que ele tinha economizado para o caso de acabar assim na velhice.

Agora, ela sabe.

Henry está sentado na sala, usando uma camiseta quadriculada e uma calça jeans que samba em um corpo magrelo que já foi volumoso. O cabelo está cortado e o rosto está liso por ter sido barbeado de manhã. O sol matinal bate no queixo dele, que está úmido de baba. Tem algum tipo de bebida de proteína

com canudo na mesa ao lado. Um auxiliar por quem ela passou no corredor perguntou a Holly se ela gostaria de ajudá-lo com isso e ela disse que sim, claro. A televisão está passando um game show apresentado por Allen Ludden, que já bateu as botas há muito tempo.

Ao olhar para os móveis esparsos, mas de boa qualidade, inclusive uma cama king com grades de hospital no quarto adjacente, Holly sente uma raiva amorfa e desesperada que é bem atípica dela. Ela foi uma adolescente muito deprimida, ainda sofre de crises de depressão e às vezes sente muita raiva, mas desesperança? Não é o estilo dela. Ao menos normalmente. Mas hoje, nessa sala, as circunstâncias são outras.

Esaú vendeu o futuro por uma tigela de lentilha, pensa ela. Eu não vendi o meu por nada. Eles roubaram... ou tentaram. É por isso que estou com raiva. E os dois que fizeram isso estão fora do meu alcance e longe da minha reprovação, embora este aqui ainda esteja respirando. É por isso que me falta esperança, acho.

— Como está hoje, tio Henry? — pergunta ela, puxando uma cadeira ao lado dele. Na televisão, os competidores estão tentando adivinhar a palavra *humilhar*, sem muita sorte. Holly poderia ajudá-los nisso.

Henry vira a cabeça para ela e Holly ouve os tendões do pescoço dele estalarem como dobradiças enferrujadas.

— Janey — diz ele, e volta o olhar para a televisão.

— Não, eu sou Holly.

— Você vai trazer o cão? Estou ouvindo os latidos.

— Toma um pouco disso.

Ela pega o shake de proteína, que está em um copo de plástico com tampa que não vai quebrar nem derramar se ele o derrubar no chão. Sem tirar os olhos da televisão, ele fecha os lábios enrugados em volta do canudo e suga. Holly já leu sobre a doença de Alzheimer e sabe que algumas coisas ficam na memória. Homens e mulheres que não conseguem lembrar o próprio nome ainda conseguem andar de bicicleta. Homens e mulheres que não encontram o caminho de casa ainda conseguem cantar músicas de musicais da Broadway. Homens e mulheres que aprenderam a sugar líquido de um canudo quando crianças continuam conseguindo fazer isso mesmo na senilidade, quando tudo o mais se foi. Certos fatos também ficam.

— Quem foi o quinto presidente dos Estados Unidos, tio Henry? Você lembra?

— James Monroe — diz Henry sem hesitar e sem tirar os olhos da televisão.

— E quem é o presidente agora?

— Nixon. Nixy-Babes. — Ele ri. Shake de proteína escorre pelo seu queixo.

Holly limpa antes que caia na camisa.

— Por que você fez aquilo, tio Henry? — Mas essa não é a pergunta certa... não que ela espere resposta; a pergunta é o que se chamaria de retórica. — Vou dizer de outra forma. Por que você *deixou* que ela fizesse?

— Esse cachorro não vai calar a boca, não?

Ela não pode fazer o cachorro calar a boca, isso se houve um no passado distante, mas pode calar a televisão. Ela usa o controle para fazer isso.

— Ela não queria que eu fosse bem-sucedida, né? Não queria que eu tivesse vida própria.

Tio Henry se vira para ela, a boca aberta.

— Janey?

— E você *deixou*!

Henry leva a mão ao rosto e limpa a boca.

— Deixe quem? Fazer o quê? Janey, por que você está gritando?

— A minha mãe! — grita Holly. Às vezes, dá para passar a mensagem para ele gritando, e agora ela quer fazer isso. Precisa. — A filha da puta da Charlotte Gibney!

— Charlie?

De que adianta? Não adianta. *Uma nova milionária entra em um bar e descobre que não adianta.* Holly seca os olhos com a manga.

A porta se abre e o auxiliar que perguntou se Holly ajudaria o tio com o shake de proteína a olha com reprovação.

— Está tudo bem aqui?

— Sim — diz Holly. — Eu falei mais alto pra ele me ouvir. Ele está meio surdo, você sabe.

O auxiliar fecha a porta. Tio Henry está olhando para Holly. Não, está *enca-rando-a* boquiaberto, com uma expressão de profunda confusão. Ele é um homem descerebrado em uma suíte de dois aposentos e vai ficar ali, tomando shakes de proteína e vendo game shows antigos até morrer. Ela vai lá porque é seu dever e ele vai chamá-la de Janey, porque Janey era a favorita, até morrer.

— Ela não deixou nem um bilhete — diz Holly, mas não para ele. Ele está fora de alcance. — Não sentiu necessidade de se explicar, menos ainda se descul-

par. Ela era assim. Sempre foi.

— James Monroe — diz o tio Henry — serviu de 1817 a 1825. Morreu em 1831. No dia 4 de julho. Onde está a porra da bebida? O gosto é uma merda, mas eu estou seco como bosta de vaca no sol.

Holly ergue o copo e tio Henry agarra o canudo com a boca. Suga até chiar. Quando ela põe o copo na mesa, o canudo fica na boca do tio. Ele fica parecendo um palhaço. Ela o tira de lá e diz que tem que ir. Está com vergonha da explosão sem sentido. Ela ergue o controle remoto para ligar a televisão, mas ele coloca a mão retorcida e com manchas senis sobre a dela.

— Holly — diz ele.

— Sim — diz ela, surpresa, e olha no rosto dele. Os olhos estão lúcidos. Tanto quanto possível nos dias atuais, pelo menos.

— Ninguém podia resistir a Charlie. Ela sempre fazia o que queria.

Não comigo, pensa Holly. Eu escapei. Graças ao Bill e por um triz, mas eu consegui.

— Você saiu da névoa pra me dizer só isso?

Não há resposta. Ela dá um beijo nele e diz de novo que tem que ir.

— Chama o homem, Janey — diz ele. — O que vem. Diz pra ele que eu precisei dele. Acho que talvez tenha me mijado.

Barbara está na sala de Olivia respondendo à mensagem de Holly quando Marie chama do alto da escada.

— Acho que você devia subir, querida. Ela quer nós duas. Eu acho... acho que ela pode estar indo.

Barbara envia a mensagem sem terminar e sobe correndo. Olivia Kingsbury, pós-graduada em Bryn Mawr, uma poeta cuja obra perpassa quase oitenta anos, finalista do National Book Award, cogitada duas vezes para o Nobel, que saiu uma vez na primeira página do *New York Times* (na frente de uma marcha pela paz e segurando um lado de uma faixa que dizia E.U.A. FORA DO VIETNÃ AGORA), professora de longa data da Faculdade Bell de Artes e Ciências, mentora de Barbara Robinson... está mesmo indo. Marie fica de um lado da cama, Barbara do outro. Cada uma segura uma das mãos da poeta. Não há últimas palavras. Oli-

via olha para Marie. Olha para Barbara. Sorri. Morre. Um mundo de palavras morre com ela.

No caminho de volta para a cidade, Holly para em um posto Wawa para colocar gasolina. Depois que enche o tanque, ela dirige até o outro lado do estacionamento e fuma um cigarro do jeito tradicional de quem quer tentar não poluir o carro: porta aberta, cotovelos nos joelhos, pés no asfalto. Ela olha o celular e vê que recebeu uma mensagem de Barbara. Ao *Qual deles?*, Holly tinha respondido *O que você quer dizer?*, seguido de um pedido mais preciso: *É Rodney Harris que você reconheceu? Você o conheceu? Sei que está ocupada, mas me avisa quando puder.*

A resposta: *Procurei Emily Harris pra ser apresentada, não ousei bater na porta da Olivia. O prof. Harris estava lavando o carro. Nós só demos um oi. Aliás, acrescentei Jorge Castro no MapQuest do J. Não deve ser impo*

A mensagem para aí. Holly supõe que Barbara a enviou inacabada por engano e se ocupou com outra coisa. A própria Holly já fez isso. Ela se lembra de Jerome contar que marcou os vários desaparecimentos em um mapa impresso do MapQuest, mas quem é Jorge Castro?

Ela liga para Barbara para descobrir. Na mesa de centro da sala de Olivia Kingsbury, o celular de Barbara solta um zumbido baixo de não perturbe e cai em silêncio. Holly começa a deixar uma mensagem, mas muda de ideia. Tranca o carro e entra no restaurantezinho Wawa (na verdade, só uma lanchonete bombada), onde tem wi-fi de graça. Compra um hambúrguer que já está velho no saco de alumínio, acrescenta uma Coca e senta-se com o iPad. Digita o nome de Jorge Castro e obtém uma série de resultados, inclusive um vendedor de peças de carro milionário e um jogador de beisebol. Ela acha que é provável que Jorge Castro seja o romancista e, sim, ele tem ligação com a faculdade na colina. Abaixo da entrada de Castro na Wikipedia tem um artigo do *The BellRinger*, o jornal da faculdade. Ela clica no link enquanto mordisca o hambúrguer sem sentir o gosto — não que haja muito gosto para sentir. O wi-fi do restaurante é lento, mas acaba funcionando. Tem uma manchete grande e Holly supõe que estava na página 1 da edição publicada no dia 29 de outubro de 2012.

ROMANCISTA CELEBRADO PARTE SUBITAMENTE

Kirk Ellway

O escritor premiado Jorge Castro, autor de livros como *Catalepsia* e *A cidade esquecida*, abandonou de modo súbito e inesperado sua posição como escritor residente na mundialmente famosa Oficina de Ficção da Faculdade Bell. Ele tinha cumprido dois meses do seu quarto semestre na Bell e era amado pelos alunos.

"Eu não sei o que vou fazer sem ele", disse Brittany Angleton, que acabou de vender seu primeiro livro de fantasia (sobre lobisomens!) para a Crofter's Press. Ela acrescentou que ele tinha prometido editar o romance em que está trabalhando agora. Jeremy Brock disse: "Ele foi o melhor professor de escrita que eu tive". Outros alunos falaram sobre a gentileza e o senso de humor dele. Um membro do programa que preferiu permanecer anônimo concordou, mas acrescentou: "Se seu trabalho fosse ruim, ele botava fim ao sofrimento".

Fred Martin, que morava com Castro, disse que os dois tinham tido várias discussões ultimamente sobre o futuro, mas acrescentou: "Não foram brigas. Eu nunca chamaria assim. Eu tinha amor e respeito demais pelo Jorge e ele por mim para que brigássemos. Eram discussões sobre o futuro, uma troca de opiniões plena e franca. Eu queria ir embora no fim do semestre de outono. Jorge queria ficar até o fim do ano, talvez até entrar para o corpo docente".

No entanto, as discussões podem ter sido mais próximas de brigas do que o sr. Martin está disposto a admitir. Uma fonte no departamento de polícia contou ao *Ringer* que Castro deixou um bilhete dizendo "Eu não aguento mais". Quando perguntaram sobre isso, o sr. Martin disse: "É ridículo! Se ele se sentisse assim, por que ia querer ficar? E para onde ele foi? Eu não tive nenhuma notícia. Era eu que queria ir embora. Fiquei muito cansado da homofobia do Meio-Oeste".

No semestre de primavera, Castro foi parte do esforço para salvar a Oficina de Poesia — um esforço que não deu em nada. Um membro do corpo docente do Departamento de Inglês que prefere ficar no anonimato disse: "Jorge foi muito eloquente, mas aceitou a decisão final com graciosidade. Se tivesse ficado para entrar no corpo docente, acho que teria voltado a abordar a questão. Ele disse que a famosa poeta (e professora aposentada) Olivia Kingsbury estava do lado

dele e ficaria feliz de falar com o corpo docente do departamento se o assunto pudesse ser abordado de novo”.

Quando perguntamos exatamente quando Castro se mudou, o sr. Martin admitiu que não sabia, porque tinha saído de casa.

Tem mais, inclusive uma foto de Jorge Castro dando aula e outra que devia ser a foto de autor da quarta capa de um dos livros dele. Holly o acha bem bonito. Não tanto quanto Antonio Banderas (um favorito dela), mas bem perto disso.

Ela não acredita que o artigo que acabou de ler chegaria perto dos padrões de um jornal de cidade grande, mesmo com a péssima situação da imprensa escrita atualmente; é uma espécie de cutucada e piscadela dos alunos de graduação que a faz pensar no *Inside View* ou em uma das colunas de fofoca do *New York Post*. Mas é informativo. Ah, se é. Aquele calor está subindo pela coluna dela de novo. Ela pensa que não é surpresa Barbara ter acrescentado Castro ao mapa do Jerome.

Olivia Kingsbury deve ter contado a ela sobre ele. E encaixa, né? Até os bilhetes. Castro: “Eu não aguento mais”. Bonnie Dahl: “Pra mim, chega”. Se os dois desaparecimentos não estivessem separados por nove anos...

Sim, e se a polícia não estivesse com pouca gente por causa da covid; se não estivesse com medo de um dos protestos atuais do Black Lives Matter crescer e ficar violento; se tivesse havido um único corpo, algo além de uma mobilete e uma bicicleta e um skate...

— E se porcos pudesse voar, choveria cocô ao nosso redor — murmura Holly.

Jorge Castro em 2012, Cary Dressler em 2015, Ellen Craslow e Peter Steinman em 2018, Bonnie Dahl em 2021. Todos com três anos de intervalo, mais ou menos, exceto Ellen e Peter. Talvez um desses dois tenha realmente fugido, mas também não é possível que algo tenha dado errado com um deles? Que não fosse o que o Predador queria? Mas o que ele queria? Serial killers com motivação sexual costumam pegar só homens (Gacy, Dahmer) ou mulheres (Bundy, Rader e outros). O Predador da Red Bank pegava os dois... inclusive uma criança do sexo masculino.

Por quê?

Holly acha que tem uma pessoa que pode dar a resposta: o professor Rodney Harris, também conhecido como Bolinha e sr. Carne. Esse apelido a faz pensar em Jeffrey Dahmer de novo, mas isso é ridículo demais para se acreditar.

Ela joga o hambúrguer pela metade no lixo, pega o refrigerante e vai embora.

10

É ideia de Barbara e Marie concorda na mesma hora. Se elas conseguirem convencer Rosalyn Burkhart, claro. Ela é chefe do Departamento de Inglês.

As duas mulheres estão no quintal de Olivia, tomando refrigerante e esperando a Funerária Crossman chegar para levar os restos mortais da velha poeta. Não há dúvida sobre as providências; Olivia deixou instruções completas com Marie depois da última fibrilação atrial, até as músicas que quer que toque (“If Ever I Leave This World Alive”, de Flogging Molly, no começo; “Spirit in the Sky”, de Norman Greenbaum, no final). O que ela não especificou foi uma leitura memorial na praça da Faculdade Bell e foi isso que Barbara sugeriu.

Quando Rosalyn fica sabendo que Olivia faleceu, ela cai no choro. Elas estão com o celular de Marie no viva-voz e isso faz as duas chorarem. Quando as lágrimas terminam, Barbara conta sua ideia para a professora Burkhart, e a chefe de departamento concorda na mesma hora.

— Se for ao ar livre, podemos nos reunir — diz ela. — Podemos até deixar o uso de máscara como opcional, se as pessoas concordarem em manter o distanciamento de um metro e meio. Vamos ler os poemas dela. É essa a ideia?

— É — diz Marie. — Ela tem muitos exemplares de autora. Vou levá-los e podemos distribuí-los.

— O pôr do sol acontece por volta das quinze para as nove nesta época do ano — diz Rosalyn. — Podemos nos reunir na praça, digamos... às oito?

Barbara e Marie trocam um olhar e dizem sim juntas.

— Vou começar a fazer as ligações — diz Rosalyn. — Você vai fazer o mesmo, sra. Duchamp?

— Com certeza. Pode ser que a gente ligue pra mesma pessoa em alguns casos, mas tudo bem.

— Eu vou pra funerária com Olivia. Quero passar um tempo na capela só pra pensar — diz Barbara. Uma nova ideia lhe ocorre. — E pensei em comprar velas. Pra gente acender na leitura?

— Que ideia maravilhosa — diz Rosalyn. — Você é a jovem poeta promissora sobre quem Olivia falou? É, não é?

— Acho que sou — diz Barbara —, mas só consigo pensar nela agora. Eu a amava tanto.

— Nós todas — diz Rosalyn, e solta uma gargalhada chorosa. — Com a possível exceção de Emmy Harris, claro. Junte-se a nós quando puder, Barbara. Minha sala fica em Terrell Hall. Suponho que estamos todas vacinadas, não é?

Barbara segue o rabecão até a funerária. Senta-se na capela e fica pensando em Olivia. Ela pensa *é assim que os pássaros costuram o céu no pôr do sol* e isso a faz chorar de novo. Ela pergunta ao sr. Greer, o agente funerário, sobre velas. Ele dá duas caixas para ela. Ela diz que vai pedir uma contribuição no memorial de Olivia para pagar por elas. O sr. Greer diz que não será necessário. Ela dirige até o campus da Bell e se encontra com Rosalyn e Marie. Outros chegam. Elas saem e lá fora há lágrimas e risadas e histórias. Os nomes de poemas favoritos são trocados. Mais ligações são feitas e mais pessoas chegam. Aparece vinho em caixa. As pessoas fazem brindes. Barbara sente o consolo quase indescritível de estar entre mentes parecidas e deseja ser uma daquelas pessoas que acham histórias e poemas tão importantes quanto ações e títulos. Em seguida, pensa: *Mas eu sou*. Ela pensa: *Graças a Deus por você, Olivia*.

A tarde passa. Na sala de Olivia Kingsbury, o celular de Barbara continua esquecido na mesa de centro.

Às três da tarde, Holly está no escritório, olhando a foto de Bill Hodges que ela tem num porta-retratos. Ela queria que ele estivesse lá agora. Sem apoio com o qual possa contar (a não ser que queira ligar para Izzy Jaynes, o que ela certamente *não quer*), Holly está por conta própria.

Ela vai até a janela e olha para a rua Franklin. Formular os pensamentos em voz alta sempre ajuda, e é isso que ela faz.

— Não estou surpresa de a polícia não ter percebido o que estava acontecendo. Esse cara foi extremamente inteligente ao cuidar das coisas.

E por que não seria?, pensa ela.

— E por que não seria? Se eu estiver certa, um professor de biologia extremamente inteligente o está ajudando, conseguindo informações antes e plan-

tando pistas falsas depois, ao menos em alguns casos. A esposa também deve estar ajudando, e ela também é inteligente. Não há corpos, eles foram descartados de alguma forma, e as vítimas não têm nada em comum. Eu não tenho ideia de qual pode ser o motivo do Predador, nem por que os Harris estão ajudando e promovendo os crimes, mas o mero fato...

Ela para e franze a testa, pensando em como quer dizer isso (*às vezes, pensar é saber*, dizia Bill). Ela continua, falando com a janela. Falando consigo mesma.

— O mero fato de as vítimas serem tão diferentes na verdade acentua o *método*. Porque em todos os casos... exceto o garoto Steinman, e cada vez mais eu penso que ele foi vítima de oportunidade... *em todos os casos* os Harris estão ao fundo. Rodney jogava boliche com Cary Dressler. Craslow trabalhava no prédio em que eu tenho certeza de que Rodney tem ou tinha uma sala. Bonnie foi um dos elfos de Natal deles. E agora esse cara, Jorge Castro. Emily Harris era colega dele no Departamento de Inglês da Bell. Acho que os Harris estão metidos nisso até o pescoço. Eles estão usando uma van para pessoas com deficiência? Um deles está bancando uma pessoa com deficiência?

Não tem nada que ela possa provar, nadinha, mas talvez haja uma coisa que ela possa fazer. Seria o equivalente de dar a uma testemunha em potencial um monte de fotografias para ver se ela consegue identificar o meliante.

Ela procura o iPad, localiza o que quer, encontra o número de Imani McGuire nas anotações e liga para ela. Depois de se reapresentar, Holly pergunta se ela tem internet no celular.

- Claro que tenho — diz Immi, achando graça. — Todo mundo tem, né?
- Claro, então abre o site da Faculdade Bell. Você pode fazer isso?
- Espera... vou ter que te colocar no viva-voz... pronto, abri.
- Seleciona ANO. Está no menu suspenso.
- Sim. Que ano? Vai até 1965.

Holly já escolheu um e está olhando no tablet.

- Olha 2010.

- Certo. — Immi parece interessada. — E agora?

- Vai até o corpo docente do Departamento de Inglês. Vão aparecer fotos, alguns homens e algumas mulheres.

- Sim, certo, estou aqui.

Holly está mordendo os lábios. É agora.

- Você vê a mulher que esvaziou o trailer da Ellen?

Imani não a deixa no suspense.

— Caramba! É ela. Mais nova, mas tenho quase certeza.

Um advogado de defesa rasgaria um buraco enorme nesse *quase* no tribunal, mas elas não estão em um tribunal agora.

— Diz aqui que o nome dela é Emily Harris.

— Sim — diz Holly, e faz uma dancinha na frente da janela com vista para a rua Franklin. — Obrigada.

— O que uma professora universitária estava fazendo esvaziando o trailer da El?

— É uma boa pergunta, não é?

12

Holly escreve um relatório preliminar listando tudo que descobriu, em parte por meio de suas próprias investigações e em parte porque o universo jogou algumas cordas para ela. Ela gosta de pensar (mas não acredita muito nisso) que há uma espécie de providência atuando em questões de certo e errado, cega mas poderosa, como a estátua da Justiça segurando a balança. Que há uma força nas questões de homens e mulheres ao lado dos fracos e inocentes e contra todo mal. Pode ser tarde demais para Bonnie e os outros, mas, se não houver vítimas futuras, é uma vitória.

Ela gosta de pensar em si mesma como uma das pessoas boas. Fora o fumo, claro.

O relatório é um trabalho lento, cheio de suposições, e a tarde está no fim quando ela termina. Ela pensa em para quem mandar. Não para Penny; isso precisa ser uma conversa em pessoa, não uma notícia ruim, uma notícia péssima, que vem em um e-mail cheio de frases empoladas como *A investigadora Gibney determinou e De acordo com o funcionário Herrera, do Jet Mart*. Normalmente, ela enviaria uma cópia para o endereço do sócio, mas Pete está no hospital e ela não quer perturbá-lo com o caso atual... que ele a aconselhou a não pegar.

Só que isso é baboseira.

Ela não quer enviar para ele nem para ninguém, ao menos ainda não. Holly percorreu um longo caminho desde a tímida e introvertida que Bill Hodges conheceu fora de uma funerária tantos anos antes, mas aquela mulher ainda mo-

ra dentro dela e sempre vai morar. Aquela mulher morre de medo de errar e ainda acredita que está errada com a mesma frequência com que acredita estar certa. É um avanço quântico da mulher que achava que *sempre* estava errada, mas a insegurança permanece. Aos sessenta e setenta — até aos oitenta, se ela viver tudo isso, o que provavelmente não vai acontecer se continuar fumando —, ela vai se levantar da cama três ou quatro noites por semana para verificar se desligou os queimadores do fogão e trancou as portas, apesar de saber muito bem que fez essas coisas. Se um caso é como um ovo, ela também é. Um com casca frágil. Ela ainda tem medo de rirem dela. Ainda tem medo de ser chamada de Taga-Taga. É isso que ela carrega.

Eu preciso ver a van se está lá. Aí eu posso ter certeza.

Sim. Dar uma olhada na van junto com a identificação feita por Immi de Emily Harris como a mulher que esvaziou o trailer de Ellen Craslow será o bastante para satisfazê-la. Aí ela vai poder contar tudo para a mãe de Bonnie, às nove. Ela pode deixar Penny escolher entre mandar que ela continue a investigação e as duas irem até Isabelle Jaynes, da polícia municipal. Holly vai recomendar a segunda opção, porque Izzy pode chamar os Harris para serem interrogados. De acordo com as páginas da Wikipedia deles, o casal não tem filhos, mas não se pode confiar em tudo que se lê na Wiki. O que ela acredita... não, o que ela *sabe* é que aqueles dois idosos estão protegendo alguém.

Ela tenta não se enganar acreditando que os Harris são inofensivos só por terem mais de oitenta anos; quase qualquer humano ou animal luta ao ser encurralado, velho ou não. Mas Rodney Harris não joga mais boliche por causa dos quadris e, de acordo com Imani, a esposa dele sofre de ciática. Holly acha que é páreo para eles. Supondo que tome cuidado. Claro que, se eles a pegarem xeretando na garagem, podem denunciá-la para a polícia... Mas se a van para pessoas com deficiência estiver na garagem e for uma mina potencial de evidência de DNA, eles fariam isso?

Holly percebe que está sentada na frente do relatório preliminar há quase quarenta e cinco minutos, repassando as opções como um hamster em uma roda de exercício. Bill diria que está na hora de cagar ou sair da moita. Ela salva o relatório e não manda para ninguém. Se acontecer alguma coisa com ela — o que é improvável, mas não impossível —, Pete vai encontrá-lo. Ou Jerome, quando voltar da grande aventura.

Ela abre o cofre de parede e tira a Smith & Wesson calibre .38 de dentro. É um modelo Victory que foi do Bill e do pai dele. Agora, é de Holly. Quando Bill estava na polícia, sua arma de serviço era uma Glock automática, mas ele preferia a s&w. Porque, ele dizia, um revólver nunca emperra. Tem também uma caixa de balas no cofre. Ela carrega a arma e deixa a câmara debaixo do martelo vazia, seguindo as instruções de Bill, depois fecha o cilindro. Coloca a arma na bolsa.

Tem outra coisa do Bill no cofre, algo que ela aprendeu a usar sozinha, com a ajuda de Pete. Ela pega um estojo fino de pele de jacaré de 23 × 8 centímetros, a superfície lisinha, e coloca na bolsa com a arma (sem mencionar alguns cosméticos, o protetor labial, o Kleenex, a lanterninha, a latinha de spray de pimenta, o isqueiro Bic e um novo maço de cigarros).

Ela pergunta à Siri a que horas o sol se põe, e a Siri — obsequiosa e sabichona como sempre, ela sabe até piadas — diz que vai ser às 20h48. Ela não pode esperar tanto se quiser uma boa foto da suposta e desejada van, mas acha que o crepúsculo é uma boa hora para um trabalho sujo. Os Harris provavelmente estarão na sala, vendo um filme ou os Jogos Olímpicos em andamento em Tóquio. Holly odeia esperar, mas, como precisa, decide ir para casa matar tempo lá.

Quando está saindo do escritório, ela pensa em uma propaganda que viu na televisão. Alguns adolescentes correm de um cara que parece o Leatherface. Um sugere que eles se escondam no sótão. Outro, no porão. A terceira diz “Por que a gente não pode entrar no carro ligado?” e aponta. O quarto, namorado dela, diz: “Está maluca? Vamos nos esconder atrás das serras elétricas”. É o que eles fazem. O narrador diz: “Quando está em um filme de terror, você toma decisões ruins”. Mas Holly não está em um filme de terror e diz para si mesma que não está tomando uma decisão ruim. Ela está com o spray e, se precisar, com a arma do Bill.

No fundo do coração, ela sabe que não deveria... mas também sabe que precisa ver.

Em casa, Holly prepara alguma coisa para comer, mas não consegue comer. Ela liga para Jerome e ele atende na mesma hora, parecendo eufórico.

- Adivinha onde eu estou!
- No alto do Empire State Building.

— Não.
— Na Times Square.
— Não.
— Na barca de Staten Island?
Ele faz um barulho de campainha.
— Eu desisto, Jerome.
— No Central Park! É lindo! Eu poderia andar quilômetros aqui e ver algo novo em toda parte. Tem até uma parte descuidada como o Matagal do parque Deerfield, só que se chama Ramble!
— Bom, não vai ser roubado.
— Não, eu posso fazer isso quando voltar pra casa. — Ele ri.
— Você parece feliz.
— E estou. Foi um dia realmente bom. Estou feliz por mim, estou feliz pela Barbara, e a mamãe e o papai estão felizes por nós dois.
— Claro que estão — diz Holly. Ela não vai contar a ele que a amiga e mentora de Barbara morreu; a notícia não é dela e por que tirar a alegria dele? — Eu também estou feliz por você, Jerome. Só não estraga me chamando de Hollyberry.
— Nem pensaria nisso. O que está acontecendo no caso?

Um pensamento surge na cabeça dela: *É a minha chance de entrar no carro ligado em vez de me esconder atrás das serras elétricas.* Mas a parte da mente dela que insiste em verificar os queimadores do fogão, a parte que não consegue esquecer que ela deixou *A Day No Pigs Would Die* no ônibus, sussurra *agora não, ainda não*.

— Bem — diz ela —, Barbara talvez tenha encontrado mais uma vítima. Ela conta sobre Jorge Castro. Depois disso, a conversa se volta para o livro e as esperanças de Jerome para ele. Eles conversam mais um pouco e Holly deixa Jerome continuar o passeio mágico e misterioso pelo Central Park. Ela percebe que não contou para ele sobre o aumento súbito em seu valor pessoal. Nem para ele nem para ninguém. De certa forma, é como não falar sobre a possibilidade da van. Em ambos os casos, tem bagagem demais para desfazer, ao menos por enquanto.

Barbara e Marie levaram exemplares de autora dos doze livros de Olivia, inclusive alguns do pesado *Coleção de Poemas*, mas acaba sendo desnecessário. A maioria das pessoas reunidas na praça na sombra da icônica torre do sino leva seus próprios livros. Muitos estão com páginas marcadas e manuseadas. Um está preso por elásticos. Algumas também têm fotos de Olivia em vários momentos da vida (a mais comum é uma dela e Humphrey Bogart na frente da Fontana di Trevi). Algumas levam flores. Uma está com uma camiseta, sem dúvida feita para a ocasião, que diz apenas VIDAS OK.

O food truck Frankie's Dog aparece e faz uma venda rápida de bebidas e cachorros-quentes. Barbara não sabe se foi ideia de Rosalyn ou se Frankie apareceu por conta própria. Até onde ela sabe, Frankie pode ser fã do trabalho de Olivia. Isso não a surpreenderia. Naquela noite, nada a surpreenderia. Ela nunca se sentiu tão triste, feliz e orgulhosa ao mesmo tempo.

Às seis e meia, deve haver mais de cem pessoas na praça e tem mais chegando. Ninguém está esperando as velas serem acesas no crepúsculo; um jovem com um moicano sobe em um banco e começa a ler “O potro no deserto” através de um megafone. As pessoas se reúnem em volta para ouvir, comendo cachorro-quente, tomando refrigerante, comendo batata frita e anel de cebola, tomando cerveja e vinho.

Marie passa um braço pelo ombro de Barbara.

— Isso não é maravilhoso? Ela não teria adorado?

Barbara pensa no seu primeiro encontro com a velha poeta, Olivia batendo no casaco de pele enorme e dizendo *Fô, fô, pele falsa*. Ela cai no choro e abraça Marie.

— Ela teria amado tanto.

O cara do moicano cede lugar a uma garota com uma cobra tatuada em volta do braço. A garota levanta o megafone e começa a ler “Eu era mais alta quando jovem”.

Barbara escuta. Ela tomou um pouco de vinho, mas nunca se sentiu tão lúcida. *Chega de bebida*, pensa ela. Você precisa se lembrar disso. Você precisa se lembrar disso pelo resto da vida. Quando a garota da tatuagem dá lugar a um cara magrelo de óculos que parece mestrando, ela lembra que deixou o celular na casa de Olivia. Normalmente, ela não sai sem ele, mas, nesta noite, não o quer. O que quer é um cachorro-quente cheio de mostarda. E poesia. Ela quer se encher de poesia.

Enquanto Barbara e Marie estão distribuindo exemplares dos livros de Olivia para os poucos que não têm, Roddy Harris está caminhando pelo parque Deerfield, como costuma fazer no fim da tarde ou começo da noite. É bom para alongar os quadris doloridos — e estão mais doloridos do que deveriam depois de semanas ingerindo alimentos frescos por cortesia da elfa de Natal —, mas tem outro motivo também. Ele não gosta de admitir, mas está ficando mais difícil se agarrar às coisas. Não perder o fio da meada, como dizem. Andar ajuda. Aera o cérebro.

Nas últimas semanas, Roddy comeu uns seis parfaits de sobremesa com uma mistura de sorvete, mirtilo e cérebro de elfa de Natal, mas continua ficando cada vez mais difícil permanecer mentalmente lúcido. Isso é ao mesmo tempo surpreendente e irritante. Toda a sua pesquisa insiste que consumir uma dieta rica em tecido cerebral humano tem benefícios positivos e imediatos. Quando chimpanzés machos roubam e matam a cria de mães que cometem a tolice de deixar os bebês desprotegidos, eles sempre comem os cérebros primeiro. O motivo pode não estar claro para eles, mas está para os pesquisadores: o cérebro dos primatas contém ácidos graxos que são cruciais para o desenvolvimento neurológico e para a saúde neurológica. Ácidos graxos (e sessenta por cento do cérebro humano é composto de gordura) não são fabricados pelo corpo, então, se estão sendo perdidos, como os dele estão, precisam ser substituídos. É bem simples, e nos últimos nove anos deu certo. Declarado em termos simples que ele nunca ousaria colocar em um artigo ou dizer em uma aula, comer tecido cerebral humano saudável, principalmente do cérebro de uma pessoa jovem, cura doença de Alzheimer.

Pelo menos, era o que ele acreditava... mas e se estiver errado?

Não, não, não!

Ele se recusa a acreditar que seus anos de pesquisa estejam incorretos, mas e se ele estiver excretando gorduras neurológicas com mais rapidez do que consegue ingerir? E se estiver literalmente mijando o cérebro? A ideia é ridícula, claro, mas ele não consegue mais lembrar qual é o CEP da sua casa. Acha que usa sapatos número 40, mas não tem certeza; talvez seja 39. Ele teria que olhar na sola para ter certeza. Outro dia, ele teve dificuldade para lembrar seu próprio nome do meio!

Em geral, tem conseguido esconder essa erosão. Emily vê, claro, mas nem ela percebeu a extensão. Graças a Deus ele não está mais dando aulas, e graças a Deus ele tem Emily para editar e revisar suas cartas para os vários periódicos acadêmicos que assina.

Durante boa parte do tempo, ele continua afiado e preciso como sempre. Às vezes, pensa em si mesmo como um passageiro em um avião voando sobre uma paisagem límpida em altitude baixa. Aí o avião entra em uma nuvem e tudo fica cinzento. Você se segura no braço da poltrona e espera os sacolejos. Quando perguntas são feitas, você sorri e faz cara de inteligente em vez de responder. E então o avião sai da nuvem, a paisagem fica límpida de novo e todos os fatos estão ao alcance dos dedos!

As caminhadas no parque são tranquilizadoras porque ele não precisa ter medo de dizer a coisa errada ou fazer a pergunta errada, como o nome de uma pessoa que conhece há trinta anos. No parque, ele não precisa ficar alerta o tempo todo. Pode parar de se esforçar tanto. Às vezes anda por quilômetros, mordiscando as bolinhas de carne humana fritas em óleo que carrega no bolso, saboreando o gosto parecido com carne de porco e a crocância (ele ainda tem todos os dentes, algo de que se orgulha muito).

Um caminho leva a outro, a um terceiro e a um quarto. Às vezes, ele se senta em um banco e olha para pássaros cujos nomes não sabe mais... e, quando está sozinho, ele não precisa mais saber. Porque, afinal de contas, um pássaro ainda será um pássaro, independentemente do nome que lhe seja dado. Shakespeare estava certo em relação a isso. Em algumas ocasiões ele até alugou um dos pedalinhos coloridos enfileirados na doca do lago Deerfield e pedalou por ele, apreciando a água parada e a paz de não ter que se preocupar se está na nuvem ou fora dela.

Claro que houve uma ocasião em que ele não conseguiu lembrar como voltar para casa, nem qual era o número da sua casa. Ele conseguiu se lembrar do nome da rua e, quando pediu ao jardineiro para fazer a gentileza de mostrar onde ficava a Ridge Road, o homem fez isso como se fosse uma coisa à toa. Provavelmente era. O Deerfield é um parque grande e as pessoas se perdem nele o tempo todo.

Emily está sofrendo com os problemas dela. Desde a elfa de Natal, com o banquete de tecido adiposo, a ciática está melhor, mas nunca a deixa totalmente em paz. Houve uma época, depois de Castro, depois de Dressler, em que ele

a viu dançar tango pela sala, os braços esticados abraçando um parceiro invisível. Eles até fizeram sexo, principalmente depois de Castro, mas nunca mais. Não em... três anos? Quatro? Quando foi Castro?

É errado ela se sentir assim, totalmente errado. A carne humana contém macro e micronutrientes que não estão disponíveis com tanta abundância em nenhuma outra carne. Só a família suidae chega perto: javalis, javalis-africanos, porcos comuns. O músculo humano e a medula óssea curam artrite e ciática; o médico espanhol Arnold de Villanova sabia disso no século XIII. O papa Inocêncio VIII comia cérebro em pó de garotos jovens e bebia o sangue. Na Inglaterra medieval, a carne de prisioneiros enforcados era considerada uma iguaria.

Mas ela está definhando. Ele a conhece tão bem quanto ela o conhece e ele vê.

Como se pensar nela a tivesse chamado, seu celular toca um trecho de “Copacabana”, o toque de Emily.

Se prepara, pensa ele. Se prepara e fica esperto. Fica presente.

— Oi, meu amor, o que houve?

— Eu tenho uma boa notícia e uma má notícia. Qual você quer primeiro?

— A boa, claro. Você sabe que eu gosto da sobremesa antes dos legumes.

— A boa notícia é que a velha filha da puta que roubou minha protégé finalmente bateu as botas.

Os circuitos estão funcionando bem agora e ele só leva um segundo para responder.

— Você está falando de Olivia Kingsbury.

— A própria. — Em solta uma risada curta e sem humor. — Você consegue imaginar como ela seria dura? Tipo pemmican!

— Você fala metaforicamente, claro — diz Roddy. Dessa vez ele está à frente dela, ciente de que eles estão falando nos celulares e ligações de celular podem ser interceptadas.

— Claro, claro — diz Em. — Ding-dong, a bruxa está morta. Onde você está, amor? No parque?

— Isso. — Ele se senta em um banco. Ao longe, ouve crianças no parquinho, mas não muitas, pelo som. Está na hora do jantar.

— Quando você volta pra casa?

— Ah... daqui a pouco. Você disse que tinha uma má notícia?

— Infelizmente. Lembra a mulher que veio nos ver pra falar do Dressler?

— Lembro. — Ele só tem uma vaga lembrança.

— Eu acho que ela desconfia que estamos envolvidos em... você sabe.

— Claro. — Ele não tem a menor ideia do que ela está falando. O avião está entrando no meio de outras nuvens.

— A gente precisa conversar porque pode ser sério. Volta antes de escurecer, está bem? Estou fazendo sanduíches de elfa. Com muita mostarda, do jeito que você gosta.

— Que delícia. — É mesmo, mas só de um jeito meio acadêmico. Não muito tempo antes, a ideia de um sanduíche feito com fatias bem finas de carne humana (tão macia!) o teria deixado faminto. — Vou só andar mais um pouco. Para aumentar o apetite.

— Tudo bem, querido. Só não esquece.

Roddy guarda o celular no bolso e olha em volta. Onde exatamente está? Ele vê a estátua de Thomas Edison segurando uma lâmpada e sabe que está perto do lago. Que bom! Ele sempre gosta de olhar o lago.

A mulher que veio nos ver pra falar do Dressler.

Agora ele lembra. Uma ratinha com medo demais para tirar a máscara. Uma das que batem cotovelos. O que eles poderiam ter a temer dela?

Graças a plugues de ouvido cobertos com gordura humana (ele os usa à noite), seus ouvidos estão tão bons quanto os dentes, e ele ouve o som fraco de alguém na faculdade falando por um amplificador. Não tem ideia do que pode estar acontecendo com a faculdade fechada no verão, sem mencionar toda a demonização ridícula do que Emily chama de Nova Gripe, mas talvez tenha a ver com o garoto negro que foi morto por resistir à polícia. Seja o que for, não tem nada a ver com ele.

Roddy Harris, ph.D. em biologia, renomado nutricionista, também conhecido como sr. Carne, segue andando.

O tio Henry dizia que Holly chegaria cedo para tudo e é verdade. Ela assiste à metade do noticiário das seis, com David Muir falando sobre covid, covid e mais covid, e não aguenta esperar mais. Sai do apartamento e dirige para o outro lado da cidade com a luz do fim do dia ainda entrando forte pelo para-brisa e fazendo-a apertar os olhos mesmo com o quebra-sol abaixado. Ela atravessa o campus e ouve alguma coisa acontecendo na praça; palavras que não consegue

identificar saindo por um microfone ou megafone. Supõe que seja uma manifestação do Black Lives Matter.

Holly segue pela rua longa e curva, passando pelas casas vitorianas de um lado e pelo parque do outro, obedecendo ao limite de velocidade de quarenta quilômetros por hora e tomando o cuidado de não ir mais devagar ao passar pela casa dos Harris. Mas ela dá uma boa olhada. Não há sinal de vida, o que não quer dizer nada. Eles *podem* ter saído para jantar, mas, considerando a situação atual do país (covid, covid e mais covid), Holly duvida. Eles devem estar vendo televisão ou comendo em casa, talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Não dá para ver se a garagem tem duas baias por causa da maldita entrada de carros em declive, mas ela consegue avistar o telhado, e parece grande o suficiente para dois veículos.

Ela também olha a casa ao lado, a que tem uma placa de VENDE-SE na frente e um gramado que precisa de água. *O corretor de imóveis devia cuidar disso*, pensa Holly, e se pergunta se o corretor pode por acaso ser George Rafferty. A placa não diz. Não é no corretor nem no gramado que ela está interessada. É na cerca viva que envolve a propriedade vazia. Até depois da garagem dos Harris.

Holly continua descendo a colina e para no meio-fio um pouco depois do parquinho. Tem um estacionamento ali (o mesmo onde Jorge Castro foi capturado, na verdade) e muitas vagas, mas ela quer fumar enquanto espera e não quer criancinhas vendo-a se entregar ao hábito ruim. Ela abre a porta, bota as pernas para fora e acende o cigarro.

São 19h20. Ela tira o celular do bolso e pensa em ligar para Isabelle Jaynes e o guarda. Precisa ver se aquela van está na garagem dos Harris. Se não estiver, Holly vai dizer para Penny que é contra procurar a polícia; não há provas, só alguns cruzamentos circunstanciais que podem ser descartados pelos Harris (ou pelo advogado deles) como coincidência. Mas se houver uma chance mínima de Bonnie ainda estar viva, Penny quase certamente vai optar pela polícia. Com isso os Harris vão saber que foram identificados e vão passar a notícia para a pessoa que estão protegendo. Essa pessoa, esse *Predador*, vai desaparecer, provavelmente.

A van. Se a van estiver lá, tudo vai ficar bem.

A maior parte das criancinhas já foi embora do parquinho. Um trio de adolescentes, dois meninos e uma menina, está brincando no carrossel, os meninos empurrando, a garota com os braços erguidos e o cabelo voando. Holly acha

que outros se juntarão a eles. O que está acontecendo na faculdade na colina não é do interesse de meninos e meninas da cidade.

Ela olha o relógio de novo. São 19h30. Ela não pode esperar muito se quiser uma boa foto da van, sempre supondo que haja uma, mas ainda tem luz demais. Holly decide esperar até 19h45. Que as sombras se prolonguem mais um pouco. Mas é difícil. Esperar nunca foi o forte dela e, sem dúvida, se tomar cuidado, ela poderia...

Não. Espera. A voz do Bill.

Mais alguns adolescentes se juntam àqueles no carrossel e eles saem andando para o parque. Pode ser que estejam indo para o Matagal. Talvez até estejam indo para a Pedra do Drive-In. Holly acende outro cigarro e fuma com a porta aberta e os pés no chão. Ela fuma devagar; mesmo assim, são só 19h40 quando termina. Ela decide que não aguenta mais esperar. Apaga o cigarro no cinzeiro portátil e guarda a lata (já lotada de guimbas, ela precisa mesmo parar... ou pelo menos reduzir) no console central. Pega um boné do Columbus Clippers e o puxa para baixo na testa. Tranca o carro e começa a andar pela calçada na direção da casa vazia ao lado da casa dos Harris.

17

Uma clareza temporária volta e Roddy pensa: *E se a mulher que deixou Em preocupa-sa souber sobre a garota negra?* Ele não consegue se lembrar do nome da garota negra, possivelmente Evelyn, mas sabe que ela era vegana e problemática. Em não falou alguma coisa sobre o Twitter? Alguém procurando a garota negra no Twitter?

Ele deixa o lago para trás e segue lentamente por um caminho largo de cascalho que sai perto do parquinho. Senta-se em um banco para descansar os quadris antes de subir a colina até em casa, mas também para evitar qualquer interação com os adolescentes que estão brincando em um carrossel que foi feito para criancinhas.

Do outro lado da rua, a uns quarenta metros do estacionamento do parquinho, tem uma mulher sentada com a porta do carro aberta, fumando um cigarro. Embora ela pareça apenas vagamente familiar, não há nada de vago nas sirenes que disparam na cabeça de Roddy. Tem algo errado nela. Muito errado.

Ele ainda consegue ficar com a mente lúcida quando precisa urgentemente, e faz esse esforço agora. A mulher está sentada com os cotovelos nas coxas e a

cabeça baixa, erguendo uma das mãos ocasionalmente para dar uma baforada no palitinho cancerígeno. Quando termina, ela o apaga em uma latinha, talvez uma caixinha de Sucrets, e se senta ereta. Ele acha que a reconhece antes mesmo disso, porque ela está usando a mesma calça cargo do dia em que foi à casa dele ou outra igual. Quando vê o rosto dela, ele tem certeza. Foi a batedora de cotovelo que foi perguntar sobre Cary Dressler. A mulher que também está investigando Bonnie Dahl, apesar de não ter dito isso.

Eu acho que ela desconfia, disse Emily.

Isso pode ser sério, disse Emily.

Roddy acha que ela está certa.

Ele pega o celular no bolso e liga para casa. Do outro lado da rua, a mulher coloca um boné bem puxado na cabeça para se proteger do sol do fim da tarde (ou para esconder os olhos). Tranca o carro. As luzes piscam. Na mão dele, o telefone toca uma... duas... três vezes.

— Atende — sussurra Roddy. — Atende, atende.

Emily atende.

— Se você está ligando pra dizer que *agora* está com fome...

— Não estou. — Do outro lado da rua, a batedora de cotovelo está subindo a colina. — Aquela mulher está indo aí, Molly Givens ou sei lá qual é o nome dela, e não acho que esteja indo fazer mais perguntas, senão não teria estacionado tão pra baixo da rua. Acho que ela está xeret...

Mas Emily sumiu.

Roddy coloca o celular no bolso esquerdo da frente e bate no da direita, torcendo para estar com o que quer ali. Ele costuma levar quando sai para caminhar sozinho, porque às vezes tem gente perigosa no parque. Está lá. Ele se levanta do banco e atravessa a rua. A mulher está andando rápido (principalmente para uma fumante) e os quadris ruins significam que ele não consegue acompanhá-la, mas pode ser que não seja problema se ela não olhar para trás.

Quanto ela sabe?, ele se pergunta. *Será que sabe sobre a garota vegana, Evelyn ou Eleanor ou seja lá qual era o nome?*

Se ela também souber sobre ela, além de Cary e a garota Dahl, aí... aí...

— Aí isso pode estragar tudo — sussurra para si mesmo.

Emily corre para o escritório do andar de baixo. Dói fazer as coisas correndo, mas ela faz mesmo assim, choramingando e apertando os dedos das duas mãos na região lombar, como se para segurá-la no lugar. A dor mais excruciante do ciático passou depois que eles comeram o fígado da garota Dahl (Roddy deu a ela a maior parte e ela comeu meio cru mesmo), mas não sumiu completamente, como depois de Castro e de Dressler. Ela tem medo do futuro se a dor voltar com tudo, mas agora tem aquela vaca xereta para resolver, não Molly Givens, mas Holly Gibney.

Quanto ela sabe?

Em decide que não se importa. Com Ellen Craslow acrescentada à equação, ela sabe o suficiente. Roddy pode ter errado o nome, mas está certo sobre uma coisa: não se estaciona o carro a quatrocentos metros de distância se você estiver indo fazer perguntas.

Só se estaciona o carro a quatrocentos metros de distância se você quer xeretar a vida dos outros.

Eles têm um sistema moderno de alarme que cobre toda a casa e o terreno. Só chama a polícia se não for desligado sessenta minutos depois de ser acionado. Quando foi instalado, a preocupação principal deles não era com ladrões e invasores, embora, claro, eles nunca tenham dito isso. Ela liga o alarme, coloca em APENAS CASA e liga as dez câmeras, que o próprio Roddy instalou em uma época mais feliz, quando dava para confiar nele para fazer esse tipo de coisa. Elas cobrem a cozinha, a sala, o porão (claro), a frente da casa, as laterais, os fundos e a garagem.

Em se senta para assistir. Diz para si mesma que eles foram longe demais para voltar atrás agora.

Holly se aproxima da casa vazia no número 91 da Ridge Road. Dá uma olhada rápida à frente e para o outro lado da rua. Não vê ninguém e, sem hesitar, porque quem hesita se perde, pisa no gramado morto e segue pelo lado esquerdo da casa, deixando a construção entre ela e o número 93, à direita, ao lado.

Atrás da casa, ela atravessa um pátio de pedra na direção da cerca viva que separa esse quintal do quintal dos Harris. Ela anda bruscamente, sem desacelerar. Está com tudo agora, e uma versão mais fria de Holly assume o controle. É a mesma que jogou todos aqueles bonecos odiosos de porcelana na lareira da

casa da mãe. Ela anda devagar junto à cerca viva. Graças ao verão quente e seco e à falta de manutenção de gramado e terreno, pelo menos desde que os donos anteriores saíram, Holly encontra várias partes desgastadas. A melhor fica em frente ao que ela supõe que seja a cozinha dos Harris, mas ela não quer essa. A pior fica em frente à garagem (tinha que ser), mas é essa que ela pretende usar. Pelo menos ela está de mangas compridas e calça compridas.

Ela se curva e espia a garagem pela cerca viva. É uma vista lateral e *mesmo assim* ela não consegue ver se é uma garagem de um ou dois carros, mas vê uma coisa interessante. Só tem uma janela e está completamente preta. Pode ser persiana, mas Holly acha que pode ter sido pintada por dentro.

— Quem faz isso? — murmura ela, mas a resposta parece óvia: alguém com algo a esconder.

Holly vira de costas, abraça a bolsa junto aos seios e força passagem pela cerca viva. Sai com apenas alguns arranhões na nuca. Ela olha em volta. Tem algumas latas de lixo de plástico e uma de reciclagem embaixo da marquise da garagem. À direita, ela vê a entrada de carros indo na direção da rua e o teto de um carro passando.

Vai até a janela e, sim, foi coberta de tinta preta fosca. Vai até os fundos e encontra o que espera encontrar — uma porta dos fundos. Ela espera que esteja trancada e está mesmo. Pega o estojo de pele de jacaré na bolsa e o abre. Dentro, enfileiradas como instrumentos cirúrgicos, estão as gazuas de Bill Hodges. Ela examina a fechadura. É uma Yale, então ela pega a gazua em forma de gancho e a enfia no alto do tambor... delicadamente, para não tocar em nenhum pino de travamento. A segunda gazua entra embaixo. Holly a gira para a direita até travar. Em seguida, consegue prender o pino de cima com a gazua em gancho... ouve-o se retrair... e o segundo pino... e...

Tem um terceiro? Se tem, não foi acionado. É uma fechadura antiga e é possível que não haja. Lentamente, com os dentes superiores apertando o lábio inferior com tanta força que quase tira sangue, ela gira a gazua em gancho e empurra. Há um clique audível, e por um momento ela tem medo de ter perdido um dos pinos e ter que recomeçar. Mas a porta se entreabre, empurrada pela pressão dos dois pinos.

Holly solta o ar e guarda as gazuas no estojo. Enfia o estojo na bolsa, que agora está pendurada no pescoço. Empertiga-se e tira o celular do bolso.

Esteja aí, pensa ela. Esteja aí, por favor.

Emily não pode esperar Roddy; até onde ela sabe, a mente escorregadia pode tê-lo levado a alguma outra direção. Três degraus de concreto levam da porta da cozinha ao pátio dos Harris. Ela se senta no mais baixo e se deita. A elevação de concreto que afunda nas costas é dolorosa, mas ela não pode pensar nisso agora. Ela dobra uma das pernas para o lado e coloca um braço atrás do corpo, no que espera que pareça um ângulo estranho. Deus sabe que a sensação é estranha. Será que ela parece uma idosa que sofreu uma queda séria? Uma senhora que precisa de muita ajuda?

Espero que sim, pensa ela. Espero mesmo que sim.

A van está lá e Holly nem precisa verificar se foi personalizada com um dispositivo no chassi que permita que uma rampa saia. Acima do para-choque traseiro tem uma placa do Wisconsin com o símbolo de cadeira de rodas que indica que é um veículo credenciado de pessoa com deficiência. A luz que entra pela porta dos fundos está fraca, mas é mais do que adequada. Ela ergue o iPhone e tira três fotos. Acha que só a placa vai bastar para que uma investigação policial seja iniciada, porque eles não estão no Wisconsin e nenhum dos Harris usa cadeira de rodas, apesar de serem velhos.

Ela sabe que está na hora de ir, que passou da hora, mas quer mais. Dá uma olhada rápida para trás — não tem ninguém lá — e se aproxima dos fundos da van. As janelas são escuras devido à película, mas quando ela encosta a testa em uma e fecha as mãos nas laterais do rosto, dá para ver dentro.

Ela vê uma cadeira de rodas.

É assim que eles fazem, ela pensa com uma explosão de triunfo. É assim que eles fazem os alvos pararem. Aí, a pessoa com quem eles estão trabalhando, o verdadeiro vilão, sai da van e faz o resto.

Ela precisa mesmo parar de forçar a sorte. Tira mais três fotos da cadeira de rodas, sai da garagem e fecha a porta. Vira-se para a cerca viva, pretendendo voltar pelo mesmo caminho, e nessa hora uma voz fraca grita:

— Socorro! Alguém pode me ajudar? Eu caí e está doendo muito!

Holly não fica convencida. Nem um pouco. Em parte porque é absurdamente conveniente, mas em especial porque sua mãe dava a mesma cartada do *ah,*

está doendo tanto quando queria que Holly ficasse por perto... ou, quando não funcionava, que fosse embora tão culpada que acabasse voltando rápido. Por muito tempo, deu certo. E quando parou de dar certo, pensa Holly, ela e o tio Henry deram um golpe em mim.

— Socorro! Por favor, alguém me ajude!

Holly quase recua pela cerca viva de qualquer modo, deixando a mulher — Emily Harris, com certeza — falando sozinha, mas muda de ideia. Ela vai até o fim da garagem e espia. A mulher está caída nos degraus, uma perna torta, um braço curvado atrás do corpo. O vestido está puxado até o meio das coxas. Ela é magrela e pálida e frágil e parece estar sofrendo mesmo. Holly decide fazer uma atuação própria. *Vamos ser como Bette Davis e Joan Crawford em O que terá acontecido a Baby Jane?,* ela pensa. *E se o marido dela aparecer, melhor ainda.*

— Ah, meu Deus! — diz ela, se aproximando da mulher caída. — O que houve?

— Eu escorreguei — diz a mulher. O tremor na voz dela é bom, mas Holly acha que o soluço de dor que vem em seguida é estritamente teatral. — Por favor, me ajude. Pode endireitar minha perna? Não acho que esteja quebrada, mas...

— Talvez a senhora precise de uma cadeira de rodas — diz Holly, solidária.

— Tem uma na sua van, não tem?

Os olhos da Harris tremem um pouco quando ela ouve isso, mas aí ela solta um gemido. Holly acha que não é totalmente falso. Essa mulher está com dor, mas também está desesperada.

Holly se curva, uma das mãos enfiadas na bolsa. Não segurando o .38 do Bill, mas tocando no cano curto.

— Quantos vocês pegaram, professora Harris? Eu sei de quatro com certeza e acho que pode haver mais um, um escritor. E pra quem vocês os pegaram? É o que realmente quero...

Emily tira a mão das costas. Nela há um Vipertek VTS-989, conhecido na casa dos Harris como Coisa Um. Lança um choque de trezentos volts, mas Holly não dá a ela a oportunidade de usar. Assim que viu Emily numa pose tão caprichada nos degraus do pátio, ela não confiou na mão nas costas da mulher. Ela puxa o revólver do Bill da bolsa pelo cano e com um movimento rápido acerta a coronha no pulso de Emily. A Coisa Um sai rolando pelos tijolos decorativos, desativada.

— Ai! — grita Emily. O grito é totalmente autêntico. — Você quebrou meu pulso, sua puta!

— Tasers são ilegais neste estado — diz Holly, se curvando para pegá-lo —, mas eu acho que essa vai ser a sua menor preocupação quando...

Ela vê o olhar da mulher se desviar e começa a se virar, mas é tarde demais. Os eletrodos de um Viperteck são tão afiados que atravessam três camadas de roupas, mesmo a de cima sendo uma parka de inverno, e Holly só está de camiseta de algodão. Os eletrodos da Coisa Dois atravessam a peça e a alça do sutiã sem dificuldade. Holly fica na ponta dos pés, joga os braços para o alto como um árbitro de futebol americano sinalizando que o chute valeu e cai no chão.

— Graças a Deus a cavalaria chegou — diz Emily. — Me ajuda a me levantar. A piranha xereta quebrou meu pulso.

Ele a ajuda e, quando olha para Holly, Em ri. É uma risada trêmula, mas é bem real.

— Me fez esquecer as minhas costas por um momento, tem isso. Vou querer um cataplasma e talvez uma das suas tisanas especiais. Ela está morta? Por favor, me diz que não está. Nós temos que descobrir quanto ela sabe e se já contou pra alguém.

Roddy se ajoelha e coloca os dedos no pescoço de Holly.

— A pulsação está fraca, mas está aí. Ela vai voltar em uma ou duas horas.

— Não vai, não — diz Emily —, porque você vai dar uma injeção nela. Não de Valium. De cetamina. — Ela coloca a mão boa na lombar e se alonga. — Acho que as minhas costas estão melhores. Talvez eu devesse ter experimentado a terapia dos degraus de cimento mais cedo. Vamos descobrir o que precisamos saber e depois vamos matá-la.

— Isso talvez seja o fim — diz Roddy. Seus lábios tremem e os olhos estão úmidos. — Graças a Deus nós temos as cápsulas...

Sim. Eles têm. Emily as levou para o andar de baixo. Só por precaução.

— Talvez sim, talvez não. Nunca diga que vai morrer, meu amor, nunca diga que vai morrer. De qualquer modo, os dias de xeretice dela acabaram. — Ela dá um chute cruel nas costelas de Holly. — É isso que você ganha por enfiar o nariz onde não é chamada, vaca. — E para Roddy: — Pega um cobertor. Vamos ter que arrastá-la. Se ela quebrar uma perna quando a empurrarmos pela escada até o porão, azar. Ela não vai sofrer por muito tempo.

Às nove daquela noite, Penny Dahl está sentada na varanda da casinha estilo Cape Cod no subúrbio de Upriver, uns vinte quilômetros ao norte do centro da cidade. O dia também foi quente, mas está refrescando agora e está agradável na rua. Alguns vaga-lumes — não tanto quanto na época em que Penny era menina — desenham figuras aleatórias acima da grama. O celular dela está no colo. Ela espera que toque a qualquer momento com a prometida ligação da investigadora.

Às 21h15, quando a ligação ainda não chegou, Penny se irrita. Quando dá 21h30 e o telefone não tocou, ela fica com raiva. Ela está pagando aquela mulher, e mais do que pode. Herbert, seu ex, concordou em ajudar, o que alivia o peso, mas mesmo assim... dinheiro é dinheiro e um compromisso é um compromisso.

Às 21h40 ela liga para o número de Holly e cai na caixa postal. É um recado curto e direto: “Você ligou para Holly Gibney. Não posso atender agora. Deixe uma breve mensagem e seu número”.

— Aqui é Penny. Você tinha que me dar uma atualização às nove. Me liga imediatamente.

Ela encerra a ligação. Olha os vaga-lumes. Sempre teve cabeça quente — tanto Herbert Dahl quanto Bonnie confirmariam — e às dez ela não está só com raiva, está furiosa. Ela liga para Holly de novo e espera o sinal. Quando chega, ela diz:

— Vou esperar até dez e meia e aí vou para a cama e você pode considerar seu trabalho encerrado. — Mas essa palavra insossa não expressa adequadamente sua raiva. — Pode se considerar demitida. — Ela aperta o botão vermelho com força demais, como se isso fosse ajudar.

Dá 22h30. E 22h45. Penny percebe que está ficando úmida de orvalho. Ela liga de novo e deixa mais um recado.

— Aqui é Penny, sua empregadora. Antiga empregadora. Você está despedida.
— Ela vai encerrar a ligação, mas pensa em outra coisa. — E eu quero o meu dinheiro de volta! Você é uma inútil!

Ela entra na casa, joga o celular no sofá da sala e vai para o banheiro escovar os dentes. Vê-se no espelho: magra demais, pálida demais, parecendo ter dez anos a mais do que tem. Não, quinze. Sua filha está desaparecida, talvez morta, e aquela superinvestigadora deve estar por aí, bebendo em um bar.

Ela está chorando quando se despe para ir para a cama. Não, a outra não está bebendo em um bar. Algumas pessoas sem dúvida estão, mas não aquela mulherzinha sem graça, com os seus cuidados com máscara e as tão atuais batidas de cotovelo. Ela deve estar em casa vendo televisão com o celular desligado.

— Se esqueceu de mim — diz Penny no escuro. Ela nunca se sentiu tão sozinha na vida. — Vaca idiota. Que se foda.

Ela fecha os olhos.

29 DE JULHO DE 2021

1

Em algum momento da noite, Holly tem um sonho estranho. Ela está em uma jaula atrás de barras entrecruzadas que formam muitos quadrados. Tem um velho sentado em uma cadeira de cozinha e olhando para ela. Ela não consegue vê-lo muito bem porque sua visão se duplica toda hora, mas ele parece estar coberto de carros de bombeiro.

— Sabia — diz ele — que tem duas mil e seiscentas calorias no fígado humano? Algumas são calorias gordas, mas a maioria, quase todas, são pura proteína. Esse órgão maravilhoso...

O homem dos carros de bombeiro continua a aula, agora falando alguma coisa sobre as coxas, mas ela não quer ouvir. É um sonho horrível, pior do que o sonho com a mãe, e ela está com a pior dor de cabeça da vida.

Holly fecha os olhos e resvala novamente para a escuridão.

2

Penny está com tanta raiva que não consegue dormir. Ela só fica rolando na cama até os lençóis ficarem todos bagunçados. Mas às três da madrugada sua raiva de Holly vira uma inquietação insistente. Sua filha desapareceu como se tivesse pisado em um dos muitos alçapões escondidos do mundo e sumiu de vista. E se a mesma coisa tiver acontecido a Holly?

Enquanto a raiva estava ardente, ela chamou Holly de inútil, mas ela não parecia inútil. Ao contrário, parecia bem competente, e seu histórico (Penny tinha feito o dever de casa) mostrava isso. Mas, às vezes, até as pessoas competentes cometiam erros. Pisavam em um desses alçapões escondidos e, bum, caíam.

Penny se levanta, pega o celular e tenta ligar para Holly de novo. Caixa postal. Ela lembra como sua inquietação cresceu quando ficava tentando ligar para Bonnie e caindo na caixa postal *dela*. Penny pode dizer para si mesma que não é a mesma coisa, que há uma explicação racional, que só faz seis horas desde o horário que elas marcaram, mas às três da madrugada a mente se enche de sombras desagradáveis e algumas delas têm dentes. Ela queria ter o número pessoal do sócio de Holly além daquele indicado no site, mas não tem. Só tem o pessoal de Holly e o número do escritório da Achados e Perdidos. Que azar, né? Além do mais, quem deixa o celular ligado numa hora dessas?

Muita gente, pensa ela. Os pais de adolescentes... gente que trabalha de noite... talvez até investigadores particulares.

Ela tem uma ideia e entra no site da Achados e Perdidos. O nome do sócio e o número do escritório estão lá, além de uma lista de serviços e o horário em que o escritório fica aberto: das nove às quatro, como o banco de Penny. No pé da página está escrito *Fora do horário, ligar para 255 521 6283* e, abaixo disso, em vermelho: *Se achar que está correndo perigo imediato, ligue para o 911 AGORA*.

Penny não tem intenção de ligar para o 911; ririam dela. Se alguém atendesse, claro. Mas o número de fora do horário deve ser um serviço de atendimento. Ela liga. A mulher que atende parece sonolenta e está com uma tosse intermitente. Penny imagina alguém trabalhando em um emprego que poderia ser feito de casa, mesmo doente.

— Aqui é do Serviço de Atendimento Braden, com que cliente você deseja falar?

— Achados e Perdidos. Meu nome é Penelope Dahl. Eu preciso falar com um dos sócios. O nome dele é Peter Huntley. Talvez seja urgente. — Ela decide que isso não é forte o suficiente. — Quer dizer, é. É urgente.

— Senhora, eu não tenho permissão de dar o número part...

— Mas deve ter, não é? Pra emergências?

A mulher do serviço não responde. A não ser que um ataque de tosse seja resposta.

— Eu estou tentando ligar pra Holly Gibney, a outra sócia. Sem parar. Ela não atende. O número particular *dela* é 440 771 8218. Pode verificar. Mas eu não tenho o *dele*. Preciso de uma ajudinha aqui. Por favor.

A mulher do serviço de atendimento tosse. Tem um virar de páginas. *Verificando os protocolos*, pensa Penny. A mulher diz:

— Deixe seu número e eu passo para ele. É mais provável que eu deixe uma mensagem na caixa postal. São três e meia da madrugada, sabe.

— Eu sei. Diz pra ele ligar pra Penelope Dahl. Penny. Meu número é...

— Estou com ele na tela. — A mulher está tossindo de novo.

— Obrigada. Muito obrigada. E, moça? Se cuida.

Quando vinte minutos se passam sem retorno de Huntley (ela não esperava que ele ligasse), Penny volta para a cama com o celular ao lado. Cai no sono. Sonha que a filha volta para casa. Penny a abraça e diz que nunca mais vai se meter na vida dela de novo. O celular fica em silêncio.

3

Holly não recupera a consciência, ela ressurge em um mundo de dor. Só teve uma ressaca na vida, resultado de um Ano-Novo ruim sobre o qual ela não gosta de pensar, mas foi fraca em comparação a isso. Seu cérebro parece uma esponja encharcada de sangue em uma jaula de ossos. Sua bunda está latejando. Parece que um enxame de vespas, do tipo que chamam de vespa-mandarina, enfiou os ferrões encharcados de veneno nas costas e na nuca dela. Suas costelas do lado direito estão doendo tanto que é difícil respirar. Com os olhos ainda fechados, ela aperta o lugar delicadamente. A dor piora, mas elas parecem intactas.

Ela abre os olhos para ver onde está e uma pontada de dor percorre sua cabeça, apesar de as luzes no porão dos Harris estarem fracas. Levanta a camisa do lado direito. Isso faz os ferrões de vespa doerem mais do que nunca e outra pontada de dor percorre sua cabeça, mas ela dá uma boa olhada — mais do que queria — em um hematoma enorme, quase todo roxo, mas preto embaixo do sutiã.

Ela me chutou. Quando eu apaguei, a filha da puta me chutou.

Logo em seguida: Que filha da puta?

Emily Harris. Essa filha da puta.

Ela está em uma jaula. Com barras cruzadas que formam quadrados. Atrás delas tem um porão com piso de cimento e uma caixa grande de aço do outro lado. Está sobre o que parece ser uma oficina. Acima da jaula, a lente de uma câmera espia. Tem uma cadeira de cozinha na frente da jaula, então o homem dos carros de bombeiro não foi um sonho. Ele estava sentado ali.

Ela está deitada em um futom. Tem um vaso portátil azul de plástico em um canto. Ela consegue se levantar (devagar, bem devagar) se segurando na grade e se puxando com a mão esquerda. Tenta acrescentar a direita, mas a dor nas costelas é forte demais. O esforço de levantar piora a dor de cabeça, mas ficar de pé tira um pouco da pressão das costelas machucadas. Agora, ela está ciente de que está com uma sede desesperada. Acha que poderia beber uns três litros de água sem parar.

Ela dá passinhos arrastados na direção do vaso, levanta o tampo e não vê nada dentro, nem água misturada com aquele desinfetante azul que parece anticongelante e fluido de lavar para-brisa. O vaso está seco como sua boca e sua garganta.

Sua lembrança do que houve está borrada, mas ela precisa recuperá-la. Precisa recuperar o juízo. Holly acha bem provável que vá morrer nessa jaula onde outros morreram antes dela, provavelmente nas mãos do Predador da Red Bank, mas, se não recuperar o juízo, aí sim que vai morrer mesmo. Sua bolsa não está ali. O celular não está ali. A arma de Bill não está ali. Ninguém sabe que ela está ali. Ela só tem o seu juízo.

4

Roddy Harris está sentado na varanda, usando chinelos e um roupão por cima de um pijama azul cheio de carros de bombeiro. Emily o deu para ele há anos de brincadeira, mas ele gosta. Lembra sua infância, quando ele amava ver os carros de bombeiro passarem.

Ele está sentado na varanda desde o nascer do sol, tomando café na caneca para viagem do Starbucks, esperando a polícia. Agora são nove e meia naquela manhã de quinta-feira e não houve nada além do trânsito habitual. Não é garantia de que ninguém saiba aonde a mulher foi, mas é um passo na direção certa. Roddy acredita que, se der meio-dia e a polícia não aparecer, eles podem começar a supor que a senhorita xereta não foi dada como desaparecida. Ao menos, ainda não.

O endereço dela, um prédio no lado leste da cidade, estava na habilitação. Como as costas da coitada da Emmy não permitiam que ela descesse a colina até o carro da garota xereta, Roddy foi. Já estava escuro. Ele o dirigiu até a casa, onde Em assumiu. Roddy a seguiu no Subaru até o prédio da garota xereta. Um botão no quebra-sol levantou o portão da garagem subterrânea. Em estacionou

(naquele verão quente, havia muitas vagas) e subiu a rampa mancando até o Subaru. Ela insistiu em dirigir para casa, apesar de só conseguir usar uma das mãos com eficiência. Provavelmente porque estava com medo de Roddy não lembrar o caminho, o que era ridículo. Ele tinha comido uns petiscos de elfa antes de eles levarem a garota xereta para a cela lá embaixo (Em também) e estava lúcido, bem lúcido. Não está mais tanto agora de manhã, mas o suficiente. Como Holly, ele entendeu que era um momento bem ruim para perder o juízo.

Emily se junta a ele. Ela está usando uma atadura Ace apertada em volta do pulso. Está inchado e latejando. A tal Gibney tentou quebrá-lo, mas não conseguiu.

- Ela acordou. Nós precisamos falar com ela.
- Nós dois?
- Sim, seria melhor.
- Tudo bem, querida.

Eles entram na casa. Na bancada da cozinha tem um prato branco com duas cápsulas gelatinosas: cianureto, o veneno com que Joseph e Magda Goebbels mataram os seis filhos no *Führerbunker*. Roddy os pega e guarda no bolso. Ele não tem intenção de deixar o meio final de fuga deles na cozinha enquanto eles estão no porão.

Emily pega uma garrafa de água Artesia na geladeira. Não tem fígado de vите-lo cru lá. Não há necessidade. Eles não querem a carcaça da garota xereta, nem precisaram discutir.

Emily abre um sorriso fraco para Roddy.

— Vamos ver o que ela tem a dizer, que tal?

— Toma cuidado na escada, querida — diz Roddy. — Cuidado com as costas.

Em responde que está bem, mas entrega a garrafa de água a Roddy para se-gurar o corrimão com a mão boa e desce bem devagar, um degrau de cada vez. *Como uma velha*, pensa Roddy com tristeza. *Se sairmos dessa, acho que vamos ter que pegar outro, e logo.*

Com ou sem risco, ele não suportavê-la sofrendo.

Holly os vê descer. Eles se movem com cuidado e ela fica novamente impressionada por a terem tomado como prisioneira. Aquele anúncio antigo volta à

mente. Ela deveria ter ido para o carro ligado em vez de se esconder atrás das serras elétricas.

— Eu não acreditaria que você teria muito motivo para sorrir considerando sua situação atual, sra. Gibney, mas parece que tem. — Emily está com as duas mãos na lombar. — Quer compartilhar?

Nunca responda às perguntas de um suspeito, dizia Bill. *Eles que respondem às suas.*

— Oi de novo, professor Harris — diz ela, olhando para além de Emily... que, pela expressão, não gostou de ser ignorada. — Você se aproximou por trás, não foi? Com um taser?

— Isso mesmo — diz Roddy com certo orgulho.

— Você veio aqui ontem? Acho que me lembro do seu pijama.

— Vim.

Emily arregala os olhos e Holly pensa: *Você não sabia disso, né?*

Em se vira para o marido e pega a água.

— Acho que já chega, querido. Deixe que eu faço as perguntas.

Holly acha que só vai haver uma pergunta antes de baterem a porta grande e apagarem todas as luzes, e gostaria de adiá-la. Ela se lembrou de outra coisa da noite anterior e encaixa com o apelido dos alunos de graduação para aquele homem. Encaixa perfeitamente. Se ela estivesse livre e falando com os amigos em plena luz do dia, teria achado a ideia absurda, mas, nesse porão, com sede, dor severa, prisioneira, faz perfeito sentido.

— Ele come? É por isso que vocês os pegam?

Eles trocam um olhar intrigado que só pode ser autêntico. E Emily cai em gargalhadas surpreendentemente infantis. Depois de um momento, Roddy se junta a ela. Enquanto eles riem, trocam o olhar telepático particular que é propriedade única de um casal que está junto há muitas décadas. Roddy assente de leve — *Conta pra ela, por que não?* — e Emily se vira para Holly.

— Não tem ele, querida, só nós. Nós comemos.

Enquanto Holly está descobrindo que foi trancada em uma jaula por um par de idosos canibais, Penny Dahl está no chuveiro com o cabelo cheio de xampu. Seu celular toca. Ela sai para o tapete e o pega em cima do cesto de roupa suja

enquanto a água com espuma escorre pelo pescoço e pelas costas. Ela olha o número. Holly? Não.

— Alô.

Não é um homem que responde, mas uma mulher, e ela nem diz alô.

— Por que você ligou no meio da noite? Qual é a emergência?

— Quem é? Eu pedi retorno de Peter Hun...

— É a filha dele. Meu pai está no hospital. Com covid. Eu estou com o celular dele. O que você quer?

— Eu estava no chuveiro. Posso tirar o xampu e te ligar de volta?

A mulher solta um suspiro sofrido.

— Claro, tudo bem.

— Minha tela diz número desconhecido. Você pode...

A mulher dá o número e Penny anota no vapor do espelho do banheiro, repetindo para si mesma por garantia enquanto liga o chuveiro e enfia a cabeça embaixo da água. Faz tudo meio correndo, mas dá para terminar depois. Ela se enrola em uma toalha e liga de volta.

— Aqui é Shauna. O que você quer, sra. Dahl?

Penny conta que Holly estava investigando o desaparecimento da filha dela e tinha que ter feito um relatório às nove da noite anterior. Não houve ligação e, desde então, inclusive naquela manhã, Penny cai na caixa postal.

— Eu não sei o que posso fazer por v...

Uma voz masculina a interrompe.

— Me dá.

— Pai, *não*. O médico falou...

— Me dá essa porcaria de telefone.

Shauna diz:

— Se você atrapalhar a recuperação dele...

Ela some. Um homem tosse no ouvido de Penny, lembrando-a da mulher do Serviço de Atendimento Braden.

— Aqui é o Pete — diz ele. — Peço desculpas pela minha filha. Ela está no modo intenso de proteção ao coroa.

— Ah, puta que pariu, sério? — Ao fundo.

— Comece de novo, por favor.

Penny começa de novo. Desta vez, ela termina dizendo:

— Talvez não seja nada, mas, como a minha filha desapareceu, qualquer pessoa que não aparece me deixa louca.

— Talvez não seja nada, talvez seja alguma coisa — diz Pete. — Holly sempre chega na hora. É meio que uma obsessão dela. Eu vou... — Ele solta uma tosse seca. — Eu vou te dar o número de Jerome Robinson. Ele trabalha com a gente às vezes. Ele... ah, merda. Eu esqueci. Jerome está em Nova York. Você pode tentar falar com ele, se quiser, mas a irmã dele, Barbara, talvez seja uma aposta melhor. Tenho quase certeza de que ela e Jerome têm a chave do apartamento da Holly. Eu também tenho, mas eu... — Mais tosse. — Eu estou no Kiner. Mais um dia, eles dizem, e mais quarentena em casa. Shauna também. Acho que posso enviar uma enfermeira com a chave.

Penny está na cozinha agora, pingando no tapete. Ela pega uma caneta ao lado da agenda.

— Espero que não chegue a esse ponto. Pode me passar os números.

Ele faz isso. Penny os anota. Shauna recaptura o celular, diz um “tchau” nada cerimonioso e Penny fica sozinha de novo.

Ela tenta os dois números, o de Barbara primeiro porque ela está na cidade. Cai na caixa postal nos dois. Ela deixa mensagens e volta para o banheiro para terminar o banho. É a segunda vez naquele mês que tem a sensação de que há algo errado e na primeira vez ela estava certa.

Holly sempre chega na hora. É uma coisa bem dela.

— Vocês comem eles — repete Holly.

Não existe Predador da Red Bank. Deveria ser impossível de acreditar, mas não é. Só dois professores universitários idosos que moram em uma bela casa vitoriana perto de uma faculdade de prestígio.

Roddy dá um passo à frente com avidez, quase ao alcance da mão. Emily o puxa de volta pelo roupão, fazendo uma careta. Roddy não parece reparar.

— Todos os mamíferos são canibais — diz ele —, mas só o *homo sapiens* tem um tabu bobo em relação a isso, um tabu que ignora todos os fatos médicos conhecidos.

— Roddy...

Ele a ignora. Está doido para discursar. Para explicar. Eles nunca fizeram isso com nenhuma outra presa, mas essa não é gado; ele não precisa se preocupar com a adrenalina na carne antes de estarem prontos para o abate.

— Esse tabu tem menos de trezentos anos, e mesmo hoje muitos povos, povos *antigos*, devo acrescentar, apreciam os benefícios da carne humana.

— Roddy, agora não é hora...

— Você sabe quantas calorias há no corpo de um ser humano adulto de peso mediano? *Cento e vinte e seis mil!* — A voz dele começou a se elevar a um tom agudo e estridente que muitas das suas turmas de nutrição e biologia reconheceriam dos tempos antigos. — A carne e o sangue humano saudável curam *epilepsia*, curam *esclerose lateral amiotrófica*, curam *ciática*! Gordura humana saudável cura *otosclerose*, a causa principal de *surdez*, e gotas de gordura líquida morna nos olhos curam espontaneamente *degeneração macul...*

— Roddy, *chega!*

Ele olha para ela com teimosia.

— A carne humana garante *longevidade*. Olha pra nós se tiver alguma dúvida. Oitenta e tantos anos, mas robustos e saudáveis!

Holly se pergunta se ele está tendo uma espécie de sonho induzido pelo Alzheimer ou só está cheio de cocô nas ideias. Talvez as duas coisas. Ela viu como eles desceram a escada, um passo cuidadoso e hesitante atrás do outro. Como vasos Ming humanos.

— Vamos direto ao ponto — diz Emily. — Quem te contou? Quem sabe que você está aqui?

Holly não responde.

Emily abre o seu sorriso de cimitarra.

— Desculpa, eu falei errado. *Ninguém* sabe que você está aqui, ao menos agora, senão já teriam vindo atrás de você.

— A polícia — amplifica Roddy. — Os megalhas. Os homens. — Ele faz um som de *rurr-rurr-rurr* e gira um dedo torto no ar.

— Perdoe meu marido — diz Emily. — Ele está aborrecido e isso o deixa loquaz. Eu também estou aborrecida, mas isso me deixa curiosa. Quem vai saber que você está aqui?

Holly não responde.

Emily exibe a garrafa de água.

— Você deve estar com sede.

Holly não responde.

— Me diz pra quem você contou... supondo que tenha contado pra alguém. Talvez não tenha. O fato de ninguém ter vindo te procurar sugere isso. Fortemente.

Holly não responde.

— Vamos embora — diz ela para Roddy. — O que temos aqui é uma vaca temosa.

— Você não entende — diz Roddy para Holly. — Ninguém entenderia.

— Vamos dar algumas horas para ela pensar, meu amor?

— Vamos — diz Roddy. Ele estava meio disperso, mas agora passou, ao menos um pouco. — A não ser que alguém apareça. Aí, não vamos precisar da resposta dela, não é?

— Não — diz Emily. — Nesse caso, não.

— Eu vou morrer, não importa o que eu conte ou não pra vocês — diz Holly.

— Não vou?

— Não necessariamente — diz Emily. — Eu acho que você não tem provas. Eu acho que você veio aqui conseguir provas. Tirou fotos da nossa van com o seu celular, mas seu celular já era. Sem provas, pode ser que a gente te solte.

Como se essa jaula não existisse, pensa Holly.

— Por outro lado... — Ela levanta o braço e mostra a atadura. — Você me machucou.

Holly pensa em levantar a blusa e mostrar o hematoma. Em dizer *Eu acho que estamos quites*. Mas não faz isso. O que ela diz é:

— Talvez você tenha alguma coisa pra isso.

— Já botei — diz Roddy bruscamente. — Um cataplasma de gordura.

De Bonnie Dahl, pensa Holly, e é nessa hora que a verdade absoluta da história é absorvida e ela se balança um pouco para trás.

Emily exibe a água.

— Me conta o que eu quero saber e eu te dou isto.

Holly não diz nada.

— Tudo bem — diz Emily com uma tristeza que não é nada convincente. — A verdade é que é quase certo que você vai morrer. Mas quer morrer com sede?

Holly, que não consegue acreditar que ainda não está morta, não responde.

— Anda, Roddy — diz Emily, puxando-o para a escada. Roddy vai com ela docilmente. — Ela precisa de um tempo para pensar.

— Sim. Mas não muito.

— Não, não muito. Ela deve estar *morrendo* de sede.

Eles sobem a escada com tanto cuidado quanto desceram. *Caiam*, pensa Holly. *Caiam! Tropecem e caiam e quebrem seus malditos pescoços!*

Mas nenhum dos dois cai. A porta entre o mundo lá em cima e o calabouço no porão se fecha. Holly fica sozinha com a cabeça latejando, as outras dores e a sede.

É movimentado aquele horário das nove, tanto na Ridge Road quanto em vários outros lugares. É depois das nove que Emily chama Roddy da varanda para conversar com Holly no porão. É nessa hora que Penny Dahl fala com Shauna e Pe-te Huntley e deixa mensagens nos telefones de Jerome e Barbara Robinson.

Também é às nove horas que Barbara desce do quarto de hóspedes na casa de Olivia, onde passou a noite. Ela está de short e um top emprestado por Marie Duchamp. Elas não vestem o mesmo tamanho, mas quase. Barbara não se lembra da última vez que dormiu até tão tarde. Não está de ressaca, talvez porque Marie falou para ela tomar dois Tylenol antes de ir para a cama (cura garantida, ela disse, a não ser que a pessoa enchesse muito a cara), mas possivelmente porque ela mudou para água com gás quando um grupo liderado pela chefe de departamento Rosalyn Burkhart foi para o Green Door Pub. Rosalyn disse que tinha sido o local de bebedeira preferido de Olivia antes de ela largar a bebida na casa dos setenta anos, depois do primeiro episódio de fibrilação atrial.

Como a maioria dos adolescentes, a primeira coisa que Barbara faz é ir direto para o celular. Ela vê que está com vinte e seis por cento de bateria e que deixou o carregador em casa. Também vê que perdeu uma ligação e uma mensagem de voz que devem ter chegado quando ela estava se vestindo. Ela acha que deve ser um daqueles telemarketings chatos dizendo para ela atualizar a garantia do carro (como se ela tivesse um), mas não é. É de Penny Dahl, a cliente de Holly.

Barbara escuta a mensagem com preocupação crescente. A primeira coisa que pensa é que houve um acidente. Sua amiga mora sozinha e acidentes às vezes acontecem com pessoas nessa situação. Elas podem escorregar no chuveiro ou na escada. Podem pegar no sono com o cigarro aceso (Barbara sabe que

Holly voltou a fumar há algum tempo). Ou podem ser atacadas no estacionamento, como o que tem embaixo do prédio de Holly. Só para roubo, se a pessoa tiver sorte, ou para agressões ou estupro se não tiver.

Enquanto Marie desce a escada (mais devagar porque ela *não* trocou para água com gás na noite passada), Barbara liga para Holly. Ela cai numa mensagem gravada dizendo que a caixa postal de Holly está cheia.

Barbara não gosta disso.

— Eu tenho que ir procurar uma pessoa — diz ela para Marie. — Uma amiga.

Marie, ainda com a roupa da noite anterior e o cabelo seriamente desgrenhado, pergunta se ela não gostaria de uma xícara de café primeiro.

— Talvez depois — diz Barbara. Ela está gostando da situação cada vez menos. Não é só em acidente que está pensando agora, é no caso atual de Holly. Ela pega a bolsa, guarda o celular dentro e sai no carro da mãe.

9

Roddy na varanda de novo. Emily se junta a ele. Ele está olhando para a rua com uma expressão vazia. *Ele vem e vai*, pensa Emily. *Um dia, vai e não volta mais.*

Ela não tem dúvida de que Gibney acabaria contando o que eles querem — *precisam* — saber, mas acha que eles não podem se dar ao luxo de esperar. Isso significa que ela precisa pensar pelos dois. Não quer engolir cianureto, mas vai fazer isso se precisar; suicídio é melhor do que ver o nome deles estampado em todos os jornais e canais de TV a cabo, não só nos Estados Unidos, mas no mundo todo. A reputação dela, construída com tanto cuidado ao longo dos anos, seria destruída. A do Roddy também. Os *Canibais Universitários*, pensa ela. *É assim que vão nos chamar.*

Melhor cianureto do que isso. Obviamente. Mas, se houver uma chance, ela quer tentar. E se eles precisarem parar o que têm feito, seria mesmo tão horrível? Cada vez mais ela se pergunta se eles ficaram se enganando esse tempo todo. Tem uma expressão de duas palavras que ela conhece das suas leituras sobre nutrição e curas milagrosas. É uma expressão que já ocorreu à mulher machucada e sedenta que está no porão.

Enquanto isso, o tempo está passando, e talvez, só talvez, eles não precisem esperar que Gibney fale.

— Roddy.

— Hum? — Olhando para a rua.

— Roddy, olha pra mim. — Ela estala os dedos na frente dos olhos dele. — Presta atenção.

Ele se vira para ela.

— Como estão suas costas, meu benzinho?

— Melhor. Um pouco. — É verdade. Provavelmente um seis na Escala Universal da Dor. — Eu tenho que fazer uma coisa. Você vai ter que ficar aqui, mas *não desce para o porão*. Se a polícia chegar e não tiver um mandado de busca, manda embora e me chama. Está acompanhando?

— Estou. — Ele parece que está, mas ela não confia nisso.

— Repete pra mim.

Ele repete. Perfeitamente.

— Se tiverem um mandado, deixa que entrem. Aí me liga e toma uma das cápsulas. Você lembra onde colocou?

— Claro. — Ele olha para ela com impaciência. — Estão no meu bolso.

— Que bom. Me dá uma. — E por causa da expressão alarmada dele (ele é tão amoroso): — Só por precaução.

Ele sorri ao ouvir isso e cantarola:

— Aonde você vai, minha pequena, minha pequena?

— Não importa. Não se preocupe. Volto no máximo ao meio-dia.

— Tudo bem. Pega aqui sua cápsula. Toma cuidado com ela.

Ela o beija no canto da boca e lhe dá um abraço impulsivo em seguida. Ela o ama e percebe que essa confusão é na verdade a confusão dela. Se não fosse por ela, Roddy teria continuado com os seus protestos, passando a aposentadoria escrevendo respostas nos vários periódicos (periódicos que ele às vezes joga do outro lado da sala em repulsa). Não teria publicado nada sobre os benefícios de comer carne humana; ele era inteligente o bastante (*na época*) a ponto de saber o que aquelas ideias fariam com a reputação dele. “Me chamariam de Harris da Modesta Proposta”, resmungou ele uma vez. (Ele tinha lido o ensaio de Jonathan Swift a pedido dela.) Foi ela que o convenceu — que convenceu os dois — a ir do teórico para o prático, e ela tinha a cobaia perfeita: o chicano que ousou

contrariá-la sobre a Oficina de Poesia. Comer o cérebro supostamente talentoso daquela bicha tinha sido um prazer.

E ajudou, diz ela para si mesma. *Ajudou mesmo. Ajudou nós dois.*

A bolsa de Holly está na mesa de centro da sala, junto com o boné que ela estava usando. Emily coloca o chapéu e remexe na bolsa, ignorando as coisas da vida agitada de Holly (inclusive máscaras e cigarros; a justaposição irônica não passa despercebida) e pega algo que parece uma espécie de cartão magnético. Ela o enfia no bolso. A arma da mulher, com a qual ela machucou o pulso de Em, está na cornija da lareira.

O celular de Gibney já se foi faz tempo, mas Emily fez questão de olhar tudo nele antes de remover o chip e o colocar no micro-ondas por garantia. O acesso foi bem fácil; Em só precisou colocar a digital da mulher inconsciente na tela, o que fez de novo para abrir os serviços de localização nas configurações de privacidade. Ela vê que os dois últimos lugares aonde Gibney foi antes de ir para lá foram o escritório e a casa dela. Emily não ousa voltar ao prédio em plena luz do dia, mas acha que o escritório é uma aposta melhor, porque a mulher irritante passava muito tempo lá.

Gibney tem (em breve será *tinha*) um sócio chamado Pete Huntley, mas quando Emily encontra Huntley no Facebook, descobre uma coisa fortuita maravilhosa. Ele não posta muito sobre si, mas os comentários e mensagens dizem a Emily tudo que ela precisa saber: ele está com covid. Estava em casa e agora está no hospital. O último comentário, postado apenas uma hora antes, é de uma pessoa chamada Isabelle Jaynes e diz *Amanhã você vai estar em casa e em uma ou duas semanas vai voltar à vida normal! Melhoras, seu velho mal-humorado...* E um emoji de urso.

Se Gibney estiver trabalhando para a mãe da elfa, pode ter parado um tempo para escrever um relatório. Nesse caso, e se esse for o único artefato (fora a própria Gibney, e ela logo não passará de pedaços molhados em um saco de lixo de plástico), e se Emily conseguir o relatório impresso... ou apagar do computador de Gibney...

É um tiro no escuro, mas vale a pena tentar. Enquanto isso, a prisioneira vai estar ficando com mais sede e mais disposta a falar. *Talvez até desejando um cigarro*, pensa Emily com um sorriso. É uma situação desesperadora, mas ela nunca se sentiu tão viva. E pelo menos a distraiu das costas. Ela se prepara para

sair, mas repensa. Pega o parfait de elfa da geladeira (cinza com fios vermelhos) e come.

Delícia!

Ela descobriu que a questão da carne humana é que você começa com curiosidade. Aí passa a gostar. Acaba amando e chega uma hora em que nunca é suficiente.

Em vez de sair pela porta da cozinha para entrar na garagem, ela pega o caminho mais longo contornando a casa para falar com Roddy de novo.

— Repete o que eu falei.

Ele repete. Palavra por palavra.

— Não vá lá embaixo, Roddy. É a coisa mais importante. Só quando eu voltar.

— Só vamos juntos — diz ele.

— Isso mesmo, só vamos juntos. — E ela vai na direção do Subaru.

10

Além da sede, da dor de cabeça lancinante e de mais dores do que ela se dá ao trabalho de contar, Holly está com medo. Ela chegou perto da morte em outras ocasiões, mas nunca tão perto quanto agora. Entende que eles vão matá-la de qualquer modo e não vai demorar. Como dizem nos filmes noir antigos dos quais Holly tanto gosta, *ela sabe demais*.

Ela não tem certeza absoluta do que é a caixa de metal grande do outro lado do porão, mas desconfia que pode ser um triturador de galhos. A mangueira atravessa a parede e vai até o que tem do outro lado da portinha na área da oficina. *É assim que eles se livram das vítimas*, pensa ela. *Do que sobra delas*. Só Deus sabe como eles levaram o dispositivo lá para baixo, mas deve ter sido antes da construção da jaula. A jaula deve ter sido feita em casa.

Ela olha os ganchos na parede e vê dois itens lá que não são ferramentas. Um é um capacete de bicicleta. Ao lado, uma mochila. Os joelhos de Holly ficam bambos e ela se senta no futom, ofegando um pouco por causa da dor nas costelas. O futom se move um pouco. Ela vê a ponta de alguma coisa embaixo. Levanta o futom para ver o que é.

11

Barbara tem uma chave do apartamento de Holly, mas não tem como abrir o portão, então estaciona na rua, desce a rampa e passa por baixo da barra. Na mesma hora, ela vê uma coisa de que não gosta. O carro de Holly está lá, mas parado perto da rampa, e os dois lugares designados a ela, um dela e um de convidados, ficam bem mais para dentro. E outra coisa: o pneu da frente está parado em cima da linha amarela e invadindo a vaga ao lado. Holly jamais estacionaria assim. Ela daria uma olhada, voltaria para o carro e faria ajustes.

Talvez ela estivesse com pressa.

Talvez, mas as vagas dela ficam mais perto do elevador e da escada. É pela escada que Barbara vai, porque é preciso ter um cartão para usar o elevador e ela não tem. Ela sobe correndo, mais ansiosa do que nunca. No andar da Holly, ela usa a chave, abre a porta e bota a cabeça dentro do apartamento.

— Holly? Está aí?

Não há resposta. Barbara verifica o local rapidamente, quase correndo de aposento em aposento. Tudo está no lugar e tudo está arrumadíssimo: a cama feita, as bancadas da cozinha sem migalhas e sem água, o banheiro impecável. A única coisa em que ela repara é no cheiro de fumaça de cigarro e mesmo isso é fraco. Tem velas de aromaterapia em todos os aposentos e o único cinzeiro está no escorredor, limpíssimo. O apartamento está em bom estado. Ótimo, até.

Mas o carro.

O carro a incomoda. Na vaga errada, mal estacionado.

Seu telefone toca. É Jerome.

— Consegiu encontrar ela?

— Não. Estou no apartamento agora. Não estou gostando, J. — Ela conta sobre o carro, achando que ele vai dizer que não é nada, mas Jerome também não gosta.

— Eita. Olha na cestinha junto da porta. Ela sempre deixa a chave lá quando entra. Já a vi fazer isso mil vezes.

Barbara olha. Tem uma chave extra do Prius de Holly lá, mas não o chaveiro dela. Nem o cartão do elevador.

— Devem estar naquela bolsa grande dela.

— Pode ser, mas por que o carro está aqui e ela não?

— Ela saiu de ônibus? — diz Barbara em dúvida.

— O itinerário não está regular por causa da covid. Eu descobri isso quando tentei ir de ônibus para o aeroporto. Fui de Uber.

— Coitadinho — diz ela, mas é uma tentativa fraca de implicar do jeito de sempre.

— Estou com uma sensação ruim em relação a isso, Ba. Acho que vou voltar pra casa.

— Jerome, não!

— Jerome, sim. Vou ver que voo eu consigo. Se ela aparecer antes de eu entrar no avião, me liga ou manda mensagem.

— E seu fim de semana chique em Montauk? Você pode ter a chance de conhecer o Spielberg!

— Eu não gostei mesmo dos dois últimos filmes dele. Ela pareceu bem quando eu falei com ela ontem, mas... — Ele para de falar, mas continua antes que ela possa dizer alguma coisa: — Pode ser o caso. A tal Dahl deixou uma mensagem pra mim também. Ela pareceu bem preocupada. Hols pode ter dado de cara com a pessoa errada ao investigar o desaparecimento da Bonnie. E dos outros. Agora, tem um tal Castro de nove ou dez anos atrás, pode acrescentar na lista.

— Talvez. Não sei. — A única coisa de que Barbara tem certeza é que Holly nunca teria estacionado daquele jeito. Foi descuidado e, se tem uma coisa que Holly não é, é descuidada.

— Você tentou ligar para o escritório?

— Tentei. Quando estava vindo pra cá. Caixa postal.

— Acho que você devia ir lá. Pra ter certeza de que ela não está... sei lá.

Mas Barbara sabe. *Pra ter certeza de que ela não está morta.*

— A gente deve estar vendendo pelo em ovo, J. Pode haver uma explicação perfeitamente racional pra isso e você estaria voltando por nada.

— Olha o escritório. Se a encontrar antes de eu subir no avião, me avisa.

Ela vai embora e desce a escada correndo.

Enquanto Barbara está falando com o irmão no apartamento vazio, Rodney Harris está na varanda, planejando a carta que vai escrever para o *Gut*, um periódico dedicado a gastroenterologia e hepatologia. Na última edição, Roddy leu uma publicação absurda de George Hawkins sobre a relação que ele alega ter descoberto entre o piloro e a doença de Crohn. Hawkins — um cara que é ph.D.! — interpretou errado artigos escritos por Myron DeLong e... e aquele

outro sujeito, cujo nome Roddy não consegue lembrar no momento. As conclusões de Hawkins estão completamente erradas.

Roddy mordisca um pedaço do estoque de bolinhos de elfa fritos, apreciando a crocância enquanto mastiga. *Minha resposta vai destruí-lo*, pensa ele com satisfação.

Ele lembra que eles têm uma prisioneira no porão. Não consegue lembrar o nome dela, mas recorda sua expressão horrorizada quando Em contou como eles conseguiram evitar os piores efeitos da idade. A ideia de derrubar os preconceitos tolos dela um a um o satisfaz quase tanto quanto escrever a carta para o Gut que vai derrubar o castelo de cartas do professor George Hawkins. Ele esqueceu a ordem de Emily de ficar longe do porão. Mesmo que tivesse lembrado, teria descartado como tolice. A mulher está em uma *jaula*, caramba!

Ele se levanta e entra em casa, jogando outro bolinho de elfa na boca no caminho. Eles têm um efeito de lucidez maravilhoso.

13

Holly fica de pé quando Harris desce para o porão. Ela está se perguntando se é agora, se é o fim. Ele chega no pé da escada e fica parado ali um momento. No universo dele. Ainda está de roupão e pijama. Tira uma coisa marrom e redonda do bolso do roupão e joga na boca. Holly não quer acreditar que seja um pedaço da filha de Penny Dahl, mas desconfia que seja. A mão esquerda dela está fechada em punho, apertando e soltando junto com a dor pulsante na cabeça, as unhas curtas afundando na palma.

— Isso é o que eu penso que é?

Ele abre um sorriso conspiratório, mas não diz nada.

— É bom pra dor? Porque eu estou toda dolorida.

— Sim, tem efeito analgésico — diz ele e come outro. — É incrível. Vários papas conheciam os efeitos benéficos. O Vaticano não fala, mas há registros!

— Eu... você pode me dar um? — A ideia de comer um pedaço da filha de Penny Dahl a deixa nauseada quase a ponto de vomitar, mas ela tenta parecer suplicante e esperançosa ao mesmo tempo.

Ele sorri, tira uma bolinha marrom do bolso do roupão e começa a ir na direção dela. Mas aí para e sacode um dedo para ela como um pai indulgente que pegou a filha de três anos desenhando com giz de cera na parede.

— Ah-ah-ah — diz ele. — Acho que não, senhorita... como era mesmo seu nome?

— Holly. Holly Gibney.

Roddy olha para a vassoura que eles usam para empurrar comida e água pela aba e balança a cabeça. Começa a guardar a bolinha marrom de volta no bolso, mas muda de ideia e a joga na boca.

— Se não quer me ajudar, por que desceu, sr. Harris?

— Professor Harris.

— Desculpe. Professor. Você quer conversar?

Ele fica parado ali, olhando para o nada. Holly gostaria de torcer o pescoço magrelo dele, mas ele ainda está no pé da escada, a uns seis ou sete metros dali. Ela queria ter braços compridos assim.

Ele se vira para subir, mas lembra por que desceu e se vira para ela de novo.

— Vamos falar sobre o fígado. O fígado humano que foi *despertado*. Que tal?

— Tudo bem. — Ela não sabe como pode levá-lo a chegar mais perto, mas, desde que ele não suba (ou que sua esposa, cujo cérebro parece estar em melhor condição de funcionamento, não desça), alguma coisa pode ocorrer a ela.

— Como se desperta um fígado, professor?

— Comendo outro fígado, claro. — Ele olha para ela com cara de quem pergunta como ela pode ser tão burra. — O fígado de vitelo é o melhor, mas desconfio que fígado de porco seria quase tão bom. Nós nunca experimentamos. Por causa dos príons. Além do mais, em time que está ganhando...

— Não se mexe — conclui Holly. Sua cabeça está latejando tanto que ela sente que os globos oculares estão pulsando, e sua sede está enorme, mas ela abre seu melhor sorriso de quem está ávida para aprender. Sua mão aperta e relaxa, aperta e relaxa.

— Correto! Absolutamente correto! Em time que está ganhando não se mexe. É axiomático! Eu desconfio que fígado humano seria o melhor de todos, mas para dar fígado humano de uma pessoa para outra pessoa comer, o problema seria... obviamente... seria... — Ele franze a testa olhando para o nada.

— Que você precisaria de *dois* prisioneiros? — pergunta Holly.

— Sim! Sim! Óbvio! Axiomático! Mas o fígado... o que eu estava dizendo?

— Despertado — diz Holly. — Possivelmente... preparado?

— Exatamente. O fígado é o graal. O verdadeiro santo graal. Um *sacramento*. Você sabia que o fígado humano contém todos os nove aminoácidos essenciais?

Que tem uma quantidade particularmente alta de lisina?

— Que impede o surgimento de aftas — diz Holly, que tem uma tendência a tê-las.

— Esse é o menor atributo dela! — A voz de Harris está ficando mais aguda. Logo vai chegar ao nível de gritaria que incomodava tanto alguns alunos que eles abandonavam a matéria. — A lisina cura *ansiedade*! A lisina cicatriza *feridas*! O fígado é um *baú do tesouro* de lisina! Também revitaliza o timo, que cria os linfócitos T! E a covid? A covid? — Ele ri, e mesmo isso é quase um grito. — Aqueles que têm a felicidade de comer fígado humano, particularmente o fígado humano *despertado*, esses sortudos *riem* da covid, como eu e minha esposa fazemos! Ah, e o ferro! O fígado humano é mais rico em ferro do que o fígado de vitelos... ovelhas... porcos... cervos... marmotas... pode falar qualquer um. Tem mais ferro em um fígado humano do que no fígado de uma baleia-azul, e uma baleia-azul pesa *cento e sessenta e cinco toneladas*! O ferro acaba com a fadiga e melhora a circulação, *principalmente no CÉÉÉREBRO!* — Roddy dá uma batidinha na têmpora, onde um nodo de veias pequenas está pulsando.

Holly pensa: *Eu estou falando com um autêntico cientista louco*. Só que claro que ela não está falando; ela está ouvindo. E Rodney Harris não está dando au-la. Não mais. Ele está berrando para uma plateia invisível de descrentes.

— Gramas, MEROS GRAMAS de fígado humano contêm setecentos por cento de TODAS AS VITAMINAS necessárias para a criação de uma formação de hemácias e METABOLISMO CELULAR! Olha minha pele, minha boa elfa, só olha!

Roddy aperta uma bochecha enrugada e encovada e dá tapinhas como um dentista se preparando para injetar novocaína na gengiva de um paciente.

— Macia! Macia como o famoso BUMBUM DE NENÉM! E isso é só o FÍGADO!

— Ele faz uma pausa para recuperar o fôlego. — Quanto ao consumo de tecido cerebral...

— Tudo baboseira — diz Holly. Simplesmente sai. Ela não tem um plano, não tem estratégia. Só chegou ao limite. A ideia de dar corda para ele voou pela janela.

Ele a encara com os olhos arregalados. Ele estava falando com aquela plateia invisível, convencendo essa plateia, e uma aluna inexperiente da graduação sem conhecimentos de biologia além do ensino médio teve a temeridade de desafiá-lo.

— O quê? O que você disse?

— Eu digo que é baboseira — responde Holly. Ela está segurando a grade com a mão direita frouxa, a esquerda fechada acima do seio direito, o rosto encostado em um dos quadrados, encarando-o. Seu cuidado de não usar palavras de baixo calão, aprendido com a mãe, também voou pela janela. — Isso é só um papo de cura milagrosa de merda, junto com as pulseiras de cobre e os cristais mágicos. Pele macia? Você se olhou no espelho ultimamente, professor? Está tão enrugado quanto uma cama desarrumada.

— Cala a boca! — As bochechas dele estão vermelhas. O emaranhado de veias na têmpora está pulsando cada vez mais rápido. — Cala a boca, sua... sua imbecil!

Eles vão me matar, mas eu vou dizer umas verdades básicas pra esse homem antes.

— Quanto à função cerebral melhorada... você está sofrendo de doença de Alzheimer, professor, e não está no início. Não consegue se lembrar do meu nome e, em poucos meses, talvez em algumas semanas, não vai conseguir lembrar nem o seu.

— Cala a boca! Cala a boca! Você é uma ignorante que não sabe nada!

Ele dá um passo na direção dela. Isso é exatamente o que Holly estava torcendo para que acontecesse quando pediu uma bolinha marrom horrenda de carne, mas agora ela mal repara. Graças à raiva — dele, da esposa dele, da sua situação desesperada atual —, até esqueceu a sede.

— Você *acha* que está melhor. Sua esposa acha que *ela* está melhor. Talvez por um tempo vocês até *tenham ficado* melhores. Acontece. Você não é o único que lê revistas científicas. Se chama...

— *Para! É mentira! É UMA MENTIRA IMUNDA DO CARALHO!*

Ele não quer que ela diga o que ele sabe que pode ser verdade, mas ela pretende falar. Vai ter que calar a boca quando morrer, mas não morreu ainda.

Enquanto Holly está informando a Rodney Harris que ele não é o único que lê revistas científicas, Emily está entrando no Frederick Building. Ela acha a ideia de máscaras ridícula, mas está feliz de estar usando uma agora, e o boné de Holly está bem enfiado na cabeça, de forma que a aba esconde seus olhos. Ela olha o diretório do prédio e procura o nome. A Achados e Perdidos fica no

quinto andar, junto com os escritórios da Importação de Mobília, Inc. e da David & Filha Contadores Forenses.

Emily entra no elevador e aperta o 5. Quando sai, verifica se o corredor está vazio e manca até a porta com o nome ACHADOS E PERDIDOS AGÊNCIA INVESTIGATIVA. Como tem as chaves de Holly, ela fica feliz de encontrar a porta trancada. Significa que não tem recepcionista trabalhando. Se tivesse, ela teria bancado a velha e dito que devia ter saído no andar errado, desculpe. Ela começa a mexer nas chaves de Holly e a experimentar as que parecem capazes de caber, torcendo para ninguém sair da Importação de Mobília ou da David & Filha para usar o banheiro.

A terceira chave é a certa. Ela entra numa área de espera. O ar-condicionado faz um zumbido suave. Ela verifica o computador na mesinha, torcendo para estar só suspenso, mas não. Abre a porta da direita e espia o que deve ser o escritório do sócio, a julgar pelas páginas esportivas emolduradas na parede. A que tem como manchete CLEVELAND VENCEM A SÉRIE MUNDIAL (*olha o erro de gramática, pensa ela*) deve ser real, mas não a BROWNS VENCE O SUPERBOWL!

O outro escritório é de Gibney. Ela corre até o computador de Holly e aperta uma tecla qualquer, torcendo para ligar se estiver suspenso. Está, mas pede uma senha para destravar qualquer possível tesouro que guarda. Ela tenta várias, inclusive HollyGibney, hollygibney, AchadosPerdidos, achadosperdidos, LaurenBacallFan e senha. Nenhuma funciona. Ela olha a mesa, que está limpa, organizada e vazia exceto por um bloquinho. Na folha de cima há desenhos de flores e algumas anotações. Tem o nome *Imani*, que não significa nada para Emily, mas *parque de Trailers de Elm Grove* sim; Emily foi lá pegar as coisas do trailer da vaca Craslow para fazer parecer que ela tinha ido embora. Ela não gosta disso, mas gosta menos ainda do que está escrito embaixo: *BellRinger* e *J. Castro e 2012*.

Como aquela vaca pode ter descoberto tanto?

Em arranca a folha de papel e a que tem embaixo, por garantia. Faz uma bolinha e guarda no bolso. Ela olha as gavetas uma a uma, na esperança de encontrar um relatório escrito. Não encontra e admite que encontrar não teria acalmando sua mente, a não ser que fosse manuscrito. Ela também não encontra uma folha de papel com a senha de Holly escrita, e uma onda de desespero fúrioso a percorre.

A gente devia ter um plano de fuga além das cápsulas de cianureto, pensa ela. Por que não temos?

A resposta parece óbvia: porque eles estão velhos, e gente velha não consegue ir muito longe nem muito rápido.

Talvez não exista relatório. Talvez a idiota estivesse insegura demais das conclusões pra chegar a escrever um ou contar a alguém.

Emily decide que é a melhor esperança que ela pode ter. Ela vai para casa. Roddy vai atirar na vaca Gibney como fez com a vaca Craslow. Eles vão passá-la no Morbark, pulverizar os ossos dela e liquefazer o resto, inclusive o fígado envenenado de nicotina. Depois, vão para o lago no *Marie Cather*, onde vão parar acima da parte mais funda e jogar os restos de Holly Gibney pela lateral em um saco plástico de lixo. E então vão continuar torcendo pelo melhor. Que outra opção há? Suicídio, claro, mas Emily ainda espera que não chegue a isso.

Ela encontra o cofre de parede, previsivelmente escondido atrás de um quadro de uma campina na montanha. Tenta a maçaneta sem esperar nada e é mesmo nada que consegue. Ela gira o botão com raiva, coloca o quadro no lugar e desliga o computador. Decide que o bloco está meio fora do lugar e o ajeita. Em seguida, volta pelo caminho que percorreu e limpa tudo em que tocou, começando pelo teclado do computador. Termina com a maçaneta do escritório depois de colocar a máscara e espiar pelo olho mágico para ter certeza de que o caminho está livre. Ela está na metade do corredor quando lembra que se esqueceu de trancar a porta. Volta e faz isso, novamente tomando o cuidado de limpar as impressões digitais.

No elevador, ela puxa a aba do boné para baixo. Passa só por uma pessoa no saguão e, com a cabeça baixa, só vê a calça jeans e os tênis na hora em que Barbara Robinson passa por ela a caminho do elevador. Está na hora de ir para casa e amarrar pelo menos uma ponta solta problemática.

Quando ela abre a porta para a rua, uma pontada de dor particularmente forte atinge sua lombar. Emily fica na calçada fazendo uma careta e esperando passar. Passa, ao menos um pouco, e ela agradece a Deus (que, claro, não existe) pelo parfait de elfa que comeu antes de sair de casa. Ela atravessa a rua Franklin até o carro, mancando mais do que nunca.

A expressão que Holly está gritando para o marido dela naquele momento surge na sua cabeça e ela a rejeita.

— SE CHAMA EFEITO PLACEBO, seu idiota desmiolad...

Ele avança na direção dela, gritando para calar a boca, que o efeito placebo não existe, não é nada além de manipulação de estatísticas por um grupo de preguiçosos pseudocientíficos...

Ela o agarra assim que ele chega ao seu alcance. Novamente, não há pensamento, nem mesmo um fiapo de planejamento; ela apenas estica o braço direito entre as grades e o fecha em volta do pescoço dele. Faz as costelas machucadas doerem, mas, no estado de adrenalina em que está, ela nem nota.

Ele tenta se soltar e quase consegue. Holly aperta mais e o puxa junto às grades. O roupão dele está deslizando e deixando à mostra o pijama ridículo de carros de bombeiro.

— Me solta! — Engasgado, quase gorgolejando as palavras. — Me solta!

Holly lembra o que tem na mão esquerda. O que estava apertando com tanta força que cortou a palma da mão. O brinco triangular, par do que ela encontrou no mato ao lado da oficina abandonada. Ela enfia a outra mão entre as grades e, segurando o brinco com firmeza entre o polegar e o indicador, passa uma das três pontas douradas pelo pescoço magrelo de Harris em um semicírculo, de um lado da mandíbula ao outro. Ela não espera nada, só age. Em boa parte desse semicírculo de vinte e cinco centímetros, a ponta mal corta a pele; um corte de papel talvez fosse mais fundo e arrancasse mais sangue. Mas pega em um tendão distendido e afunda mais. Roddy ajuda quando move a cabeça para o lado, tentando se afastar do que ela está usando para cortá-lo. O brinco passa pela veia jugular e Holly recebe primeiro um jorro de sangue quente e depois outro quando o coração dele o bombeia na direção dela. Acerta seus olhos e arde.

Roddy treme de forma convulsiva e a faz soltá-lo. Ele cambaleia na direção da escada com as costas do roupão caídas quase até a cintura e o resto arrastando no chão. Aperta a mão no pescoço. O sangue jorra por entre os dedos. Ele esbarra na vassoura apoiada ali e tropeça. A cabeça bate no corrimão da escada e ele cai de joelhos. O jorro de sangue continua, mas está começando a ficar mais fraco. Ele usa o corrimão para se levantar e se vira para ela. Seus olhos estão arregalados. Ele estica a mão e faz um som gutural que pode ser qualquer coisa, mas Holly acha que é o nome da esposa. O roupão escorrega todo. Faz com que ela pense em uma cobra trocando de pele. Ele dá dois passos na direção dela, balançando os braços, e cai de cara. A parte da frente do crânio bate no concre-

to. Os dedos estremecem. Ele tenta levantar a cabeça e não consegue. O sangue escorre no concreto.

Holly está paralisada de choque e surpresa. Seus braços ainda estão enfiados por dois dos quadrados formados pelas grades cruzadas. O brinco ainda está na mão esquerda, que agora veste uma luva vermelha. Primeiro, o único pensamento na cabeça dela é a pergunta de Lady Macbeth: quem teria pensado que o velho tinha tanto sangue no corpo?

Então outra surge: *Onde está a esposa dele?*

Ela dá um passo para trás, dois, tropeça no próprio pé e cai sentada com força no futom. Grita de dor por causa das costelas machucadas e sensíveis. O brinco cai da sua mão.

Ela espera Emily.

16

Barbara só olha de relance para a mulher que passa por ela no saguão do Frederick Building. Ela está pensando em *Dedução, por favor*, uma série de livros de detetive que Jerome leu quando criança e depois foram passados para ela. Ela não sabe se a fascinação dela e do J com o ramo que Holly escolheu (especialmente a dele) se originou naqueles livros, mas é possível.

Havia trinta ou quarenta mistérios em cada *Dedução, por favor*, cada um com duas ou três páginas apenas. O detetive tinha o nome improvável de Luneta Holandesa. Luneta chegava na cena do crime, observava, falava com algumas pessoas e resolia o mistério (normalmente, roubo, mas às vezes incêndio ou um golpe na cabeça, nunca homicídio). Luneta sempre concluía da mesma forma: “Todas as pistas estão aí! A solução está ao seu alcance! Dedução, por favor?”. Jerome conseguia solucionar os casos algumas vezes, Barbara, quase nunca... se bem que, quando ela ia para o fim do livro e lia o resumo do caso, sempre parecia óbvio.

Quando sobe pelo elevador, ela pensa que os desaparecimentos que Holly estava investigando são como aqueles minimistérios sobre os quais pensava quando tinha nove ou dez anos. Mais cruéis e mais sinistros, mas essencialmente a mesma coisa. *Todas as pistas estão aí, a solução está ao seu alcance*. Barbara quase acha que é verdade. Ela queria poder ir para o fim do livro e ler a solução, mas *não tem* livro. Só a amiga desaparecida.

Ela desce o corredor e abre a porta da Achados e Perdidos com a chave.

— Holly?

Não há resposta, mas Barbara tem uma sensação estranha de que há alguém ali ou que havia não muito tempo antes. Não é um cheiro, só uma impressão de que o ar foi alterado recentemente.

— Alguém?

Nada. Ela dá uma olhada rápida na sala do Pete. Até olha o armário de casacos. Em seguida, vai até a porta da sala de Holly. Para lá por um momento, a mão na maçaneta, com medo de encontrar a amiga morta na cadeira, os olhos abertos e vidrados. Ela se obriga a abrir a porta, dizendo para si mesma que não vai ver Holly, mas, se acontecer, ela não pode gritar.

Holly não está lá, mas a sensação de uma presença recente não passa. Ela olha a mesa de Holly e não vê nada além de um bloco vazio, o que ela usa quando está rabiscando, tomando notas ou as duas coisas. Está bem centralizado e isso é a cara da Holly. Barbara aperta uma tecla do teclado do computador e franze a testa quando nada acontece. Holly quase nunca desliga o computador, só deixa entrar em suspensão. Ela diz que odeia até a curta espera de quando está ligando.

Barbara o liga e, quando a tela inicial aparece, abre o app de bloco de notas do celular e encontra a senha que abre todos os computadores do escritório: Qxtt4#%ck. Ela a digita. Nada acontece exceto pelo tremor rápido e irritante que significa que o Mac rejeitou a senha. Ela tenta de novo para o caso de ter digitado errado. Mesmo resultado. Ela franze a testa e dá uma risada exasperada quando entende. A senha é trocada automaticamente a cada seis meses, uma medida de segurança que significa que Qxtt4#%ck ficou obsoleta no dia 1º de julho. Holly não lhe deu a senha nova, e Barbara, ocupada com suas próprias questões, se esqueceu de perguntar. Jerome talvez tenha, mas ela acha que não. Ele também anda ocupado com as coisas dele.

Dedução, por favor?

Barbara não tem nenhuma. Ela se levanta e se prepara para sair, mas, quase de impulso, tira o quadro com a paisagem de Turner da parede. O cofre da empresa fica atrás. E, embora esteja fechado e trancado, Barbara vê uma coisa que aumenta sua inquietação. Quando Holly usa o cofre, ela sempre deixa o botão da combinação no zero. É uma das pequenas compulsões dela. Pete não se daria a esse trabalho se usasse o cofre, mas Pete está fora há quase um mês.

Ela tenta a maçaneta. Trancado. Não sabe a combinação e não pode verificar se algo foi tirado. O que pode fazer é colocar o botão no zero, pôr o quadro no lugar e ligar para o irmão.

17

Emily para na entrada de carros e sai do Subaru um pouco rápido demais. Outra pontada de dor sobe pelas costas. Está ficando cada vez mais difícil acreditar que eles estão segurando a maré da senescênci, uma coisa que tomaram como regra de fé desde que jantaram Jorge Castro.

Não fé, insiste ela. Ciência. A ciência é real. Isso são só espasmos nervosos gerados pela tensão. Vão passar e, quando passarem, vou continuar minha recuperação.

Ela sobe os degraus da frente, as palmas apertando a área lombar, na base da coluna. Roddy não está mais na varanda; a única coisa lá é uma caneca de café pela metade e o caderno dele. Ela dá uma olhada e fica perturbada de ver que a caligrafia caprichada dele começou a ficar irregular e trêmula. Ele também não seguiu as linhas azuis do caderno. As frases sobem e descem como se ele as tivesse escrito no *Marie Cather* em maré agitada.

Ela espera encontrá-lo na sala ou no escritório do térreo, mas ele não está em nenhum dos dois lugares e, quando entra na cozinha, ela vê a porta do pôrão aberta. Emily sente um nó no estômago. Vai até a porta.

— Roddy?

É a mulher que responde. A maldita xereta.

— Ele está aqui embaixo, professora, e acho que deu a última aula dele.

18

Jerome diz para Barbara que não vai voltar para casa. Havia um voo marcado para as 12h40, mas, quando ele ligou para fazer uma reserva, soube que foi cancelado por causa da covid. O piloto e três pessoas da tripulação testaram positivo.

— Vou tentar alugar um carro. São pouco menos de oitocentos quilômetros. Consigo chegar até meia-noite. Mais cedo se o trânsito não estiver ruim.

— Tem certeza de que você tem idade para alugar? — Ela espera que sim. Ela o quer ali, quer muito.

— Desde meu aniversário, há dois meses, sim. Consigo até desconto com meu cartão da Authors Guild. Loucura, né?

— Quer saber o que é loucura? Eu acho que alguém entrou no escritório. Estou aqui agora. — Ela conta que teve que ligar o computador em vez de só tirar de suspensão com uma tecla e que o botão da combinação do cofre estava no setenta e não no zero. — Você tem a senha dela? A que começou a valer no começo do mês?

— Ih, não. Eu nem estive aí. Por causa do livro, sabe.

Barbara sabe.

— Ela pode ter desligado o computador, eu falei que fica consumindo energia mesmo quando está em suspensão, mas esquecer de pôr o botão no zero? Você conhece a Holly.

— Mas por que alguém iria aí? — pergunta Jerome, mas responde à própria pergunta. — Talvez alguém estivesse preocupado com o que ela anda descobrindo e quisesse saber se ela fez um relatório ou falou com a cliente. Barb, você tem que ligar pra tal Dahl. Dizer pra ela tomar cuidado.

— Eu não tenho o nûm... — Barbara pensa no pôster de DESAPARECIDA. Ainda tem muitos espalhados; ela viu um perto do estacionamento. — Deixa pra lá, eu tenho sim. Ou pelo menos consigo encontrar. Estou mais preocupada com Holly do que com a mãe de Bonnie Dahl.

— Tamo junto, mana. E a polícia? Isabelle Jaynes?

— O que eu vou dizer? Que ela estacionou o carro na vaga errada com um pneu em cima da linha amarela e se esqueceu de pôr o botão do cofre no zero, então é pra chamar a Guarda Nacional?

— É. Entendo o que você quer dizer. Mas Izzy é meio que uma amiga. Quer que eu ligue pra ela?

— Não, eu ligo. Mas, antes disso, me conta tudo que você sabe sobre o caso.

— Eu já...

— É, mas eu só estava pensando nas minhas coisas, então me conta de novo. Porque eu tenho a sensação de que quase sei. Eu só não... Eu estou tão chateada... Conta de novo. Por favor.

Ele conta.

Emily desce metade da escada e para quando vê o marido caído de cara no chão em uma poça de sangue cada vez maior.

— O que aconteceu? — grita ela. — *O que aconteceu?*

— Eu cortei a garganta dele — diz Holly. Ela está encostada na parede de cimento do lado mais distante da cela, ao lado do vaso. Ela se sente absurdamente calma. — Quer ouvir uma piada que eu inventei?

Emily desce correndo os últimos seis ou oito degraus. Isso é um erro. Ela tropeça no último e perde o equilíbrio. Estica as mãos para amortecer a queda e Holly ouve o estalo quando um osso do braço esquerdo — velho e frágil — se quebra. Desta vez, é um berro em vez de grito, não de horror, mas de dor. Ela se arrasta até Roddy e vira a cabeça dele. O sangue da garganta cortada começou a coagular e há um som de coisa grudenta se soltando quando a bochecha é puxada do chão.

— Uma nova milionária entra em um bar e pede um mai tai...

— *O que você fez? O QUE VOCÊ FEZ COM O RODDY?*

— Você não estava ouvindo? Eu cortei a porcaria da garganta dele. — Holly se curva e pega o brinco dourado. — Com isso. Era da Bonnie. Se já existiu um caso de vingança do além-túmulo, eu diria que foi esse.

Emily se levanta... rápido demais. Não é grito nem berro que ela solta agora, mas um uivo quando as costas explodem de dor. E o braço esquerdo está pendendo torto.

Quebrado no cotovelo, pensa Holly. Ótimo.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus do céu! *COMO DÓI!*

— Queria que você tivesse quebrado sua cabeça maligna e maluca — diz Holly. Ela ergue o brinco. Cintila nas luzes fluorescentes. — Vem aqui, professora. Me deixa acabar com seu sofrimento, que parece ser considerável. Talvez não seja tarde demais pra alcançar seu marido a caminho do inferno.

Emily está curvada como uma bruxa. O cabelo, que ela prendeu em um coque arrumado de manhã, está se soltando e caindo em volta do rosto. Holly acha que aumenta a energia geral de mulher-bruxa. Ela se pergunta se a calma que sente significa que enlouqueceu. Ela acha que não, porque uma coisa está muito clara: se Emily Harris conseguir voltar para o térreo e descer de novo, ela vai morrer.

Pelo menos eu matei um deles, pensa ela, e se lembra de Bogie dizendo Nós sempre teremos Paris.

Emily dá passos pequenos e arrastados na direção da escada. Segura o corrimão. Olha uma vez para trás, não para Holly, mas para o marido, caído morto no chão. E aí, bem lentamente, se puxando, ela começa a subir. Está respirando em ofegos roucos.

Holly grita para ela:

— Uma nova milionária entra em um bar e pede um mai tai. Caia e quebre o pescoço, sua piranha, *caia!*

Mas Emily não cai.

20

Barbara acha que pode haver solução para o mistério do desaparecimento de Holly no fim do livro, afinal. Isso se Penny Dahl puder ser considerada o fim do livro. Tem um folheto de MULHER DESAPARECIDA em um poste de luz ao lado do estacionamento do Frederick Building. Está desbotado depois de três semanas ao ar livre e uma parte está solta e balançando na brisa quente do fim da manhã, mas Barbara ainda consegue ver o rosto sorridente da garota.

Morta, pensa ela. Esta garota está morta. Por favor, Deus, Holly não pode também estar morta.

Ela liga para o número de Penny Dahl. Enquanto o telefone toca, ela olha para a foto da mulher loura sorridente. Pouco mais do que uma garota, não muito mais velha do que a própria Barbara.

Esteja aí, sra. Dahl. Atenda a porcaria do telefone.

Penny atende, parecendo sem fôlego.

— Alô.

— Aqui é Barbara Robinson, sra. Dahl.

— Recebeu minha mensagem? Encontrou ela? Ela está bem?

Barbara não sabe se ela está falando sobre Bonnie ou sobre Holly. De qualquer maneira, a resposta é a mesma.

— Ainda desaparecida. Eu sei que vocês duas tinham marcado de conversar ontem à noite. Ela mandou um relatório? Você olhou seu e-mail?

— Olhei e não havia nada.

— Pode olhar de novo?

Penny pede a ela para esperar. Barbara fica olhando para a foto da filha desaparecida da mulher enquanto isso. Loura, do tipo líder de torcida americana, o

sonho de todos os garotos brancos. Ela espera com suor escorrendo pelas bochechas. Fica se lembrando do botão da combinação. *Desculpe, número errado*, ela pensa.

Penny volta.

— Não. Nada.

Então, se há relatório, deve estar trancado no sistema de computadores da Achados e Perdidos. Barbara agradece a Penny e liga para Pete Huntley. Ele atende depois de intimidar a filha a lhe devolver o celular.

— Pete, é a Barbara e, antes que você pergunte, ela continua sumida. — Ela conta sobre o carro parado de forma nada característica no prédio de Holly e na esquisitice do botão da combinação. E faz a grande pergunta: ele tem a senha dos computadores da empresa, que foi reiniciada automaticamente no dia 1º de julho?

Ela precisa esperar uma crise de tosse antes de ele responder.

— Poxa, não tenho. Holly cuida disso tudo.

— Tem certeza de que ela não te deu?

— Tenho. Eu teria escrito se tivesse. E antes que você pergunte, eu também não sei a combinação do cofre. Ela me deu já tem uns meses e eu anotei, mas perdi o papel. Eu nunca uso mesmo. Desculpa, guria.

Barbara fica decepcionada, mas não surpresa. Agradece, encerra a ligação e fica olhando para a loura sorridente no pôster de DESAPARECIDA. O calor venceu a batalha com o antitranspirante e o suor agora escorre das axilas. Ela duvida que haja uma cópia impressa do relatório no cofre, de qualquer jeito. Holly gosta de guardar tudo “na caixa”, que é como ela chama o computador, até ter certeza de que o caso acabou. Ela odeia ter que reimprimir depois de fazer mudanças ou acréscimos; é outro tique dela. Se escreveu um relatório e mandou para a numevem, vai ficar lá até que alguém de TI — alguém com um talento danado — consiga acessar os computadores da Achados e Perdidos, e aí pode ser tarde demais. *Provavelmente* vai ser tarde demais.

Jerome disse que ela devia ligar para Isabelle Jaynes e Barbara disse que ligaria, mas para quê? Holly está desaparecida há menos de vinte e quatro horas. Não há sangue nem sinal de luta no apartamento e no escritório. Ela não pode nem pedir a Izzy para pôr um alerta no carro de Holly porque está na garagem do prédio. Só estacionado na vaga errada, e as pessoas fazem isso o tempo todo.

Não Holly. Ela não faria isso.

Barbara decide ir para casa. Seus pais não estarão lá e ela não quer chateá-los com isso no trabalho. O que ela quer é Jerome e, quando chega em casa, liga para ele. A mensagem que ela ouve diz que ele não pode atender porque está dirigindo. Barbara diz para si mesma que isso é bom, mas a sensação não é boa. Nenhuma é.

21

Talvez ela desmaie lá em cima, pensa Holly. Braço quebrado, costas doendo... pode acontecer. Mas ela não acredita que vá.

Ela espera e, quando está começando a ter esperanças, um sapato aparece. E outro. E a barra da saia da mulher maluca. Ela desce devagar, um degrau de cada vez, ofegando e se segurando no corrimão com a mão direita. A esquerda está pendendo. O rosto está tão pálido que poderia ser o rosto de um cadáver. Tem uma arma enfiada na cintura da saia. Apesar de Holly só conseguir ver a coronha, ela reconheceria aquela arma em qualquer lugar. Emily pretende matá-la com o .38 de Bill Hodges.

— Sua vaca — diz Emily com a voz rouca. Ela chegou ao pé da escada. — Sua xeretice estragou tudo.

— Estava estragado bem antes de eu entrar na história. — Holly recua devagar até não conseguir mais. Ela até levanta as mãos, coisa que não vai adiantar de nada. — Era efeito placebo o tempo todo, Emily. A expectativa ajuda na química corporal. Eu sou meio hipocondríaca e já vi os números. Os cientistas conhecem o efeito placebo há anos. Tenho certeza de que, no fundo, seu marido também sabia.

Se Holly esperava provocar o tipo de raiva que fez o marido daquela mulher agir de forma tão precipitada, fica decepcionada. Se esperava que Emily desse um tiro na própria barriga ao tirar o .38 da cintura, também fica decepcionada. Na verdade, Holly não está ciente de sentir nada, mas seus sentidos estão sintonizados de forma intensa, quase sobrenatural. Ela vê tudo, ouve tudo, até o ruído de chocalho da garganta de Emily cada vez que ela inspira. Holly se pergunta se todo mundo, ao menos os que veem a morte chegando, vivenciam esse fôco divinamente apurado, a última tentativa do cérebro de absorver tudo antes que tudo seja tirado dele.

Emily está olhando para o marido.

— Ai, meu pobre Roddy — diz ela. — Eu o conhecia bem.

— Olha só você — diz Holly, as costas na parede, as mãos abertas no concreto. — Uma canibal citando Shakespeare. Isso merece um lugar no Livro Guinness dos Rec...

— Cala a boca. *Cala a boca.*

Holly não tem intenção de calar a boca. Ela viveu como um ratinho retraído por tempo demais. Sua mãe: *Fale quando falarem com você.* Tio Henry: *As crianças são para serem vistas, não ouvidas.* Ora, que se danem. Não, que se fodam. Em questão de segundos essa mulher vai calá-la para sempre, mas primeiro ela pretende dizer o que quer.

— Eu estou tentando contar uma piada que inventei. Uma nova milionária entra em um bar e...

— *Cala a boca!*

Emily ergue a arma e dispara. Embora seja um revólver de calibre relativamente baixo, o ruído é ensurdecedor no porão. Uma fagulha voa de uma das grades soldadas em casa (Roddy encontrou um vídeo no YouTube e o seguiu com excelentes resultados). Holly vê uma lasca da parede de cimento acima do vaso azul de plástico voar. Ela pensa: *Eu nem tive tempo de me abaixar.*

— ... e pede um mai...

— *Cala a boca!*

Holly desliza pela parede para a esquerda na hora em que Emily dispara de novo. Não tem fagulha desta vez; a bala voa pelo meio de um quadrado e faz um buraco do tamanho de uma moeda no concreto onde ela estava um segundo antes. A arma treme na mão de Emily e Holly pensa: *Ela é canhota e é esse o braço que quebrou. Ela está atirando com a mão ruim.*

— E pede um mai tai. Está me acompanhando até aqui? Essa é boa, ao menos eu acho. O barman vai preparar e a mulher ouve uma voz dizer: “Parabéns, Holly! Você merece...”

Emily avança, querendo chegar mais perto, mas o pé prende no roupão de Roddy e ela cai de novo. Um joelho bate na bunda do falecido professor. O outro cai no concreto. O corpo dela gira na cintura, ela grita de dor e a arma dispara. Essa bala entra pela parte de trás da cabeça de Roddy. Não que ele sinta.

Fica no chão, pensa Holly. Fica no chão. FICA NO CHÃO!

Mas Emily se levanta, embora a dor a faça gritar e ela não consiga se endireitar completamente. Holly não acha mais que ela parece uma bruxa; agora, parece o Corcunda de Notre Dame. Os olhos estão esbugalhados. Tem espuma

branca nos cantos da boca e Holly não quer pensar no que a mulher pode ter comido, dizendo para si mesma que precisava de força, antes de descer para acabar com Holly usando a arma do mentor dela. Que agora ela ergue.

— Vai — diz Holly. — Me mostra o que você é capaz de fazer.

Ela desliza para a esquerda pela parede e se abaixa ao mesmo tempo, sentindo-se tão frágil quanto um prato de porcelana em uma galeria de tiro. Desta vez, ela se atrasa um pouco e Emily dá um pouco de sorte. Holly sente uma queimação no braço direito acima do cotovelo. Ela também conhece Shakespeare e pensa em Hamlet: *tocou, não há dúvida*. Mas só de raspão. Não dói muito, ao menos ainda não.

— Aí uma voz diz: “Parabéns, Holly! Você merece cada centavinho do dinheiro”. Mas, quando ela olha em volta, não tem ninguém. Aí ela ouve uma voz do outro lado que diz...

— Cala a boca, cala a boca, CALA A BOCA!

Um pouco antes de Emily disparar de novo, Holly cai de joelhos. Ela ouve o zzzz da bala passando acima da cabeça, perto o suficiente para repartir o cabelo. Até onde ela sabe, *realmente* repartiu o cabelo.

— Desculpa, professora — diz Holly, se levantando. — Pistolas só são boas à queima-roupa. — Ela sente o sangue encharcando a manga da camisa. Está quente, e calor é bom. Calor é vida. — E você está atirando com a mão errada. Vamos acabar com isso. Vou facilitar pra você. Só me deixa terminar minha pia-

da.

Ela vai até a frente da cela e enfia a cara em um dos quadrados. As grades apertam suas bochechas e estão bem frias.

— Essa outra voz diz: “Você está bem bonita hoje, Holly”. Mas, quando ela olha, continua não tendo ninguém ali! O barman volta com a bebida e...

Emily dá um pulo para a frente. Encosta o cano curto da pistola do Bill na testa de Holly e puxa o gatilho. Há um clique seco quando o cão cai na câmara que Holly deixou vazia, como Bill lhe ensinou... porque os revólveres, diferentemente da Glock que era a arma de serviço dele, não têm trava de segurança.

Só há tempo suficiente para Emily registrar surpresa antes de Holly enfiar as mãos pelas grades, segurar a cabeça dela e girar para a esquerda com toda sua força. Holly ouviu um estalo quando o braço da velha quebrou. O que ela ouve agora é um crack abafado. Os joelhos de Emily se dobram. A cabeça dela escorregava das mãos de Holly quando ela cai, deixando Holly só com alguns fios de

cabelo grisalho na mão esquerda. A sensação é horrível, como uma teia de aranha, e ela os limpa na camisa. Ela se ouve respirando em grandes arquejos e o mundo tenta dançar para longe. Ela não pode deixar isso acontecer e dá um tapa no próprio rosto. Sangue voa do braço ferido. Gotas jorram nas grades da jaula.

Emily acabou meio agachada, as pernas embaixo do corpo, mas giradas em direções opostas dos joelhos para baixo, o rosto apoiado na jaula. Uma das grades levantou seu nariz até ficar parecendo um focinho de porco. Como as pernas, os olhos abertos parecem estar olhando em direções diferentes. Holly cai de joelhos, levanta a aba da comida e pega a arma. Está vazia, mas ainda pode ser útil. Se Emily ainda estiver viva (Holly duvida), se fizer qualquer movimento, Holly pretende bater na porcaria da cabeça dela até afundar.

Não há movimento. Holly conta em voz alta até sessenta. Ainda de joelhos, ela estica a mão por um dos quadrados de baixo e encosta os dedos na lateral do pescoço de Emily. O jeito molengo como a cabeça da mulher rola para cima do ombro diz a Holly tudo que ela precisa saber (o que já sabia), mas ela mantém os dedos lá por outra contagem até sessenta. Não sente nada. Nem mesmo alguns batimentos erráticos de um coração morrendo.

Holly se levanta, ainda respirando em grandes arquejos, mas não consegue ficar de pé. Ela se senta pesadamente no futom. Está viva. Não dá para acreditar. A dor na costela a convence. A queimação no braço a convence. E a sede a convence. Ela sente que seria capaz de beber os cinco Grandes Lagos até secarem.

Os dois estão mortos. Ela cortou a garganta de um, quebrou o pescoço da outra. E está sentada em uma jaula sobre a qual ninguém sabe. Alguém vai acabar aparecendo, mas quanto tempo vai demorar? E quanto tempo um ser humano consegue ficar sem água? Ela não sabe. Não consegue nem lembrar a última vez que tomou alguma coisa.

Ela puxa a manga da camisa, chiando de dor quando o tecido passa em cima da ferida. Vê que foi um pouco mais do que de raspão, afinal. A pele está partida cinco centímetros acima do cotovelo direito e ela consegue ver a carne do braço. O osso não está visível e ela acha que isso é bom, mas a ferida está sanguinando abundantemente. Ela sabe que a perda de sangue vai contribuir com a sede, que está desesperada agora e logo estará... o quê? O que há depois de desesperada? Ela não consegue pensar na palavra, da mesma forma que não consegue pensar em quantos dias uma pessoa consegue ficar sem água.

Eu matei os dois de dentro da jaula. Isso devia entrar no Livro Guinness dos Recordes.

Holly tira a camisa. É uma operação lenta e dolorosa, mas ela consegue. Ela a amarra em volta da ferida do tiro, outra operação lenta, e amarra com os dentes. Em seguida, se encosta na parede de concreto e começa a esperar.

— Uma nova milionária entra em um bar — grunhe ela — e pede um mai tai. Enquanto o barman está preparando o drinque, ela ouve alguém dizer: “Você merece o dinheiro, Holly. Cada centavinho”. Ela olha e não tem ninguém. Aí ela ouve uma voz do outro lado dizer: “Você matou os dois de dentro da jaula, você está no Livro Guinness dos Recordes, parabéns, você é uma estrela”.

Emily se moveu? Claro que não. Claro que é sua imaginação. Holly sabe que devia calar a boca, falar só vai deixá-la com mais sede, mas ela precisa terminar a porcaria da piada, mesmo que sua plateia seja composta só de dois velhos mortos.

— O barman volta e ela diz: “Eu fico ouvindo vozes dizendo coisas boas, o que está rolando?”. E o barman diz... ele diz...

Ela desmaia.

22

Enquanto Holly está perdendo a consciência (e bem antes do final da piada), Barbara está em casa, no escritório que agora é de Jerome. Ela está olhando o mapa impresso do MapQuest com os pontos vermelhos marcando os vários desaparecimentos. Que agora inclui o que ela fez para marcar Jorge Castro, que desapareceu no outono de 2012. Barbara botou o ponto no campus da Faculdade Bell, mas talvez não esteja certo. *Eu te contei que o vi logo antes de ele desaparecer?* Olivia disse isso. *Correndo. Ele sempre corria à noite, até o parque e de volta. Mesmo na chuva, e estava chovendo naquela noite.* E outra coisa: *Eu nunca mais o vi.*

Barbara desenha um trajeto do campus da Bell pela Ridge Road até o parque. Até o parquinho no parque. E se tiver sido lá? Tem um estacionamento e, se houvesse uma van como a das imagens de segurança de Bonnie na loja...

Algo a incomoda. Alguma coisa sobre a van? Sobre a Ridge Road? As duas coisas? Ela não sabe, apesar de ter certeza de que o Luneta Holandesa saberia.

O celular dela toca. É Jerome. Ele pede uma atualização. Ela conta sobre as ligações que fez e a que não fez ainda, para Izzy Jaynes. Ele diz que ela provavelmente acertou de não fazer essa. Diz que está indo rápido, já está em Nova Jersey, mas não quer passar do limite de velocidade mais do que dez quilômetros por hora. Barbara não precisa perguntar o porquê: ele é um negro dirigidor. Ele não quer nem correr o risco de falar no celular na estrada. Entrou em uma área de descanso e já quer pegar a estrada de novo.

Antes de ele encerrar a ligação, Barbara manifesta seu pior medo.

— E se ela estiver morta, J?

Há uma pausa. Ela ouve o trânsito da rodovia. Ele diz:

— Ela não está. Eu sentiria se estivesse. Tenho que ir, Ba. Chego em casa às onze.

— Vou deitar — diz Barbara. — Talvez alguma coisa me ocorra. Estou com a sensação de que eu sei mais do que acho que sei. Você já teve essa sensação?

— Com frequência.

Barbara vai até o quarto e se deita na cama. Ela não espera dormir, mas talvez possa desanuviar a mente. Fecha os olhos. Pensa em Olivia e nas muitas histórias de Olivia. Ela se lembra de perguntar à velha poeta sobre a famosa foto dela com Bogart na frente da Fontana di Trevi. Em particular sobre os olhos arregalados e o sorriso quase sobressaltado. Olivia dizendo *Se eu pareço sobressaltada é porque ele estava com a mão na minha bunda*.

Barbara pega no sono.

23

Holly está na sala da Rolling Hills Cuidados para Idosos. Está vazia exceto por sua mãe e seu tio. Eles estão sentados a uma das mesas, vendo uma partida de boliche na televisão de tela grande e tomando chá gelado em copos altos.

— Posso tomar um pouco? — pede Holly, a voz rouca. — Estou com sede.

Eles olham em volta. Fazem uma saudação com os copos altos e bebem. Há fatias de limão enfiadas na borda dos copos, com gotículas de condensação. Holly pensa no quanto gostaria de esticar a língua para lamber aquelas gotículas de condensação nas laterais do vidro. Ela lamberia até o alto, sugaria as fatias de limão e beberia os dois copos inteiros.

— Você não seria capaz de lidar com tanto dinheiro — diz o tio Henry e bebe. — Fizemos isso para o seu bem.

— Você é frágil — diz Charlotte e toma um gole também. Tão delicada! Como ela consegue não virar tudo de uma vez? Holly viraria os dois copos, se eles só os dessem a ela.

Charlotte oferece o dela a Holly.

— Pode pegar.

Henry oferece o dele.

— Pode pegar este também.

E, juntos, cantarolando como crianças:

— Assim que você concordar em parar com toda essa tolice perigosa e voltar para casa.

Holly sai do sonho na marra. A realidade é a jaula no porão dos Harris. Suas costelas ainda doem e parece que alguém encharcou a ferida no braço com fluido de isqueiro e botou fogo nela, mas essas dores são secundárias à sede, que está implacável. Ao menos a ferida da bala parece ter parado de sangrar; o que está na atadura improvisada está marrom e não vermelho. Ela pensa que tirar a camisa da ferida vai doer muito, mas não precisa se preocupar com isso agora.

Ela se levanta e vai até as grades. O corpo de Rodney Harris está perto da escada. Emily caiu da posição agachada e está deitada de lado. Ela deve ter deixado a porta da cozinha aberta, porque agora há moscas experimentando o sangue derramado de Roddy. Há muito para experimentar.

Holly pensa: *Eu venderia minha alma por um copo de cerveja... e eu nem gosto de cerveja.*

Ela pensa no fim do sonho, com o cantarolar infantil: *Assim que você concordar em parar com toda essa tolice perigosa e voltar para casa.*

Ela se tranquiliza com o pensamento de que alguém vai aparecer. Alguém *tem* que aparecer. A pergunta é em que estado ela vai estar quando isso acontecer. Se é que vai estar viva. Mas, mesmo agora, toda dolorida, com dois corpos do lado de fora de onde ela está trancada, morrendo de sede...

— Eu não me arrependo de nada — grunhe ela. — *Nada.*

Bem, de uma coisa. Se esconder atrás das serras elétricas foi um grande erro.

Holly pensa: *Eu preciso aprender a confiar mais em mim mesma. Vou ter que trabalhar nisso.*

Barbara também está sonhando. Ela entra na sala da casa de Olivia Kingsbury na Ridge Road e encontra Olivia na poltrona de sempre, lendo um livro (*Diving into the Wreck*, de Adrienne Rich) e comendo um sanduichinho. Tem uma xícara de chá fumegante na mesa ao seu lado.

— Eu achei que você estivesse morta! — grita Barbara. — Me disseram que você estava morta!

— Besteira — diz Olivia, largando o livro de lado. — Eu pretendo comemorar meus cem anos. Te contei sobre a vez que Jorge Castro se manifestou na reunião que decidiu o destino da Oficina de Poesia? Emily nunca interrompeu aquele sorriso dela, mas os olhos...

O celular de Barbara toca e o sonho se desfaz. Foi maravilhoso enquanto durou porque nele Olivia estava viva, mas foi só sonho mesmo. Ela pega o celular e vê a foto da mãe sorrindo na tela. Também vê a hora: 16h03. Jerome já deve estar na Pensilvânia.

— Oi... — Ela precisa limpar a garganta. — Oi, mãe.

— Estava dormindo?

— Eu só pretendia deitar um pouco, mas acho que peguei no sono. Sonhei que Olivia ainda estava viva.

— Ah, querida. Sinto muito. Eu tive sonhos assim depois que sua avó Annie morreu. Sempre ficava triste quando acordava.

— É. Foi assim. — Barbara passa a mão pelo cabelo e pensa sobre o que a Olivia do sonho estava dizendo quando o telefone a acordou. Assim como o pensamento passageiro sobre a van nas imagens de segurança, parece que pode ser importante. *Luneta saberia*, ela pensa. *Luneta teria toda essa merda resolvida*.

— ... Holly?

— O quê?

— Eu perguntei se você já localizou a Holly. Ou se ela já fez contato?

— Não, hã-hã, ainda não. — Ela ainda não tem intenção de contar seus medos a Tanya. Talvez depois que J voltar, mas não antes disso.

— Ela deve estar no norte, cuidando das coisas da mãe. — Tanya abaixa a voz. — Eu nunca diria pra Holly, mas Charlotte Gibney não morreu de covid, ela morreu de burrice.

Barbara tem que sorrir ao ouvir isso.

— Acho que a Holly sabe, mãe.

— Eu liguei pra te dizer que vou me encontrar com seu pai pra jantar. Em um restaurante chique.

— Legal! — diz Barbara. — Qual deles?

Tanya conta, mas Barbara nem presta atenção. Ela sente que um raio acertou sua cabeça.

Qual deles?

— ... data de verdade.

— Tudo bem, certo.

Tanya ri.

— Você me ouviu? Eu falei que é um jantar de aniversário de casamento adiantado porque ele vai estar viajando na data de verdade. Tem dinheiro pra pedir comida se você quiser, olha na gaveta da coz...

— Divirta-se, mãe. Eu tenho que ir. Te amo.

— Te am...

Mas Barbara encerra a ligação e olha as mensagens de texto trocadas com Holly. Ali está: *Qual deles?*

Barbara perguntou isso porque conhecia *dois* homens na foto que Holly enviou para ela. Um era Cary Dressler, o jovem gato que era crush de todas as meninas da turma de educação física. O outro era o professor Harris. Ela o viu lavando o carro quando foi falar com Emily Harris, na esperança de ser apresentada a Olivia Kingsbury. Naquele dia quente de verão, as duas baías da garagem dos Harris estavam abertas e na segunda havia uma van. Será que ele a viu olhando e correu para fechar a porta? Para esconder?

Besteira. Você está inventando isso.

Talvez, mas ela sabe o que Olivia ia dizer quando a ligação da mãe a acordou. Ela sabe porque Olivia disse: *Em nunca interrompeu aquele sorriso dela, mas os olhos... Os olhos dela pareciam querer matá-lo.*

Jorge Castro, o primeiro desaparecimento.

— Você está maluca — sussurra Barbara para si mesma. — Só porque *ele* conhecia Cary Dressler... e *ela* conhecia Castro... e não gostava dele...

Eu te contei que o vi um pouco antes de ele desaparecer?

— Você está louca — repete Barbara. — Eles são velhos.

Mas... Bonnie Dahl. O último desaparecimento. Será que...?

Ela corre até o escritório do Jerome, liga o computador e pesquisa o que quer no Google. E liga para Marie Duchamp.

— Lembra quando Olivia nos contou sobre a festa de Natal dos Harris? Que mandaram Papais Noéis pra distribuir comida e cerveja?

— Ah, sim — diz Marie e ri. — Só que eram *elfos* do Papai Noel. Olivia achou bem a cara de Emily Harris: ela queria manter a festa de Natal viva, independente do que acontecesse, até covid. Nós comemos os petiscos, tomamos a cerveja... Livvie tomou duas latas contra meu conselho vigoroso, mas nós não aparecemos no Zoom.

— Ela disse que uma garota loura entregou na casa de vocês. Uma garota loura bonita.

— Isso mesmo... — Marie fala com tom vago decepcionante.

— Você a reconheceria se eu te mandasse uma foto?

— Eles estavam com roupas de *Papai Noel*, Barb, até com barbas brancas falsas.

— Ah. — Barbara desanima. — Porra. Bom, obrigad...

— Não, espera um segundo. Nossa elfa estava com frio porque veio de bicicleta e Olivia deu um golinho de bebida pra ela. Eu lembro porque Olivia disse: “Pode tomar um gole se tirar o bigode”. E ela tirou. Uma garota bonita. Parecia estar se divertindo. Acho que eu talvez a reconheça por isso.

— Vou mandar uma foto. Fica na linha.

As páginas de Facebook e Instagram de Bonnie estão bem vivas graças à mãe dela e Barbara envia para Marie uma foto de Bonnie na bicicleta, usando um top de alcinha e um short branco.

— Recebeu? — *Não pode ser ela. Não pode ser.*

— Recebi e é ela mesma. Ela foi nossa elfa de Natal. Por quê?

— Obrigada, Marie.

Barbara desliga, atordoada. O professor Harris conhecer Cary talvez não significasse nada e Emily Harris conhecer e não gostar de Jorge Castro talvez também não significasse nada. Mas com Bonnie são três. E se acrescentarmos a van...

Ela quase liga para Jerome, mas para. Ele vai querer acelerar e pode acabar sendo parado. Como todas as outras pessoas negras da cidade, Barbara está muito ciente do que aconteceu com Maleek Dutton quando *ele* foi parado.

O que fazer?

A resposta parece óbvia: ir até a Ridge Road 93 e ver se Holly está lá. Se não estiver, descobrir se eles sabem onde ela está. Talvez os Harris não tenham na-

da a ver com os desaparecimentos, Barbara não consegue ver motivo para que tenham, idosos não são serial killers, mas ela tem certeza de uma coisa: Holly sabia o que Barbara sabe e *ela* teria ido lá.

Barbara não tem medo de Roddy e Emily, mas pode haver mais gente envolvida. O que significa tomar precauções. Ela vai até o armário, fica na ponta dos pés e empurra para o lado Oingo e Boingo, ursos de pelúcia que moravam na cama dela. Ela não precisa mais deles ao lado à noite para a proteger do bichopapão, mas não consegue se livrar deles. São relíquias preciosas.

Atrás tem uma caixa de sapatos da Nike. Ela a pega e abre. Não podia pedir uma arma a Holly depois do caso de Chet Ondowsky, ela teria recusado e sugerido terapia, então pediu ao Pete depois de fazê-lo jurar segredo. Ele deu a ela uma automática calibre .22 de um tamanho que cabia na bolsa sem discutir, e, quando ela tentou pagar, ele fez que não. “Só não vai atirar em si mesma, Docinho, nem em mais ninguém.” Ele pensou melhor e acrescentou: “Só se a pessoa merecer”.

Barbara não espera atirar em ninguém nesta tarde, mas ameaçar não está fora de questão. Ela precisa saber onde Holly está. Se os Harris negarem conhecimento e ela achar que eles estão mentindo... sim, ameaçar pode ser necessário. Mesmo que signifique cadeia.

Barbara pensa: *Eu não seria a primeira poeta a ser presa.*

Quando está saindo, ela pega um boné dos Indians no cesto ao lado da porta, coloca na cabeça e para de repente. Pensa no computador de Holly, que estava desligado em vez de em suspensão. Pensa no botão da combinação, que não estava no zero. E se lembra de uma mulher por quem ela passou no saguão do Frederick Building, saindo na hora em que Barbara estava entrando. A mulher estava mancando, ela se lembra disso. E usando um boné parecido com o que Barbara colocou agora. A cabeça da mulher estava abaixada, o que permitiu que Barbara lesse o que estava escrito na frente: Columbus Clippers.

Ela não sabe se aquela mulher era Emily Harris, mas sabe que Holly também tinha um boné dos Clippers. Tem muita gente na cidade usando bonés dos Indians e muita gente usando bonés dos Cardinals e uma boa quantidade usando dos Royals. Mas dos Clippers? Não muitas. Aquela mulher, que podia ou não ser Emily Harris, teria ido ao quinto andar? Será que ela também estava com a chave de Holly, além do boné? Será que desligou o computador depois de o ligar? Será que girou o botão da combinação? Improvável, mas...

Mas.

Isso incomoda Barbara o suficiente para ela decidir que não quer que nenhum dos Harris a veja chegando até ela estar na porta e pronta para fazer a pergunta: *Cadê ela? Cadê a Holly?*

25

Ela vai na bicicleta de dez marchas até a Ridge Road e a prende no suporte de bicicletas no estacionamento adjacente ao parquinho do parque. Verifica o relógio e vê que são 17h10. Barbara sobe a colina e passa pela casa de Olivia. Sempre gostou das calças cargo práticas e nada sensuais de Holly e comprou uma para ela. Está usando-a agora. A .22 está em um dos bolsos laterais, o celular no outro.

Ela decide que uma passagem de reconhecimento não seria má ideia. Puxa a aba do boné sobre os olhos, abaixa a cabeça e anda devagar pelo número 93, como se estivesse a caminho da faculdade no alto da colina. Lança um olhar rápido para a esquerda e vê uma coisa estranha: a porta da frente dos Harris está entreaberta. Não tem ninguém na varanda, mas tem uma mesa com uma caneca grande em cima. Uma olhada rápida basta para que ela reconheça o logo do Starbucks.

Ela vai até o número 109 e volta. Desta vez, quando abaixa a cabeça, vê na sarjeta uma coisa que conhece bem. É uma luva nitrílica coberta de vários emojis. É bom que ela conheça: foi ela que deu a caixa de luvas para Holly, um presente de brincadeira.

Barbara liga para Pete Huntley, rezando para ele atender. Ele atende.

— Oi, Docinho, você localizou a...

— Me escuta, Pete, por favor. Não deve ser nada e eu devo te ligar de volta em cinco minutos, mas, se eu não ligar, liga pra Isabelle Jaynes e manda ela enviar a polícia para o número 93 da Ridge Road. Diz pra ela vir também. Entendeu?

— Por quê? O que aconteceu? Tem a ver com a Holly?

— Me diz o endereço. Repete.

— Ridge Road 93. Mas não faça nenhuma bob...

— Cinco minutos. Se eu não ligar de volta, liga pra sra. Jaynes e manda socorro.

Ela enfia o celular no bolso esquerdo da frente e tira a arma do bolso direito. Está carregada? Ela nem olhou, mas se lembra de Pete ter dito que uma arma descarregada não é muito útil se você acordar e encontrar algum invasor em casa. O peso parece o de uma arma carregada.

Ela sobe os degraus da varanda, esconde a arma atrás das costas e toca a campainha. Com a porta entreaberta, ouve o toque claramente, mas ninguém aparece. Ela toca de novo.

— Oi? Tem alguém em casa? Professor Harris? Emily?

Ela ouve alguma coisa, bem distante. Pode ser uma voz; pode ser o rádio de alguém tocando alto por uma janela aberta no outro quarteirão. Barbara bate, e seu punho empurra mais a porta. Ela está olhando para o corredor de entrada com painéis de madeira. Sinistro. Ela pensou isso na visita anterior? Não consegue lembrar. O que lembra é que o cheiro era meio abafado. E o chá era horrível.

— Oi, tem alguém em casa?

Sim, ela ouve uma voz, sim. Bem baixa. Não dá para saber o que está dizendo ou possivelmente gritando. Barbara hesita na varanda, pensando *Entra na minha sala, disse a aranha para a mosca*.

Ela espia atrás da porta. Não vê ninguém escondido ali. Mordendo o lábio, com suor escorrendo pela nuca, a automática agora segurada com rigidez ao lado do corpo, mas com o dedo no guarda-mato como Pete ensinou, Barbara se aventura pelo corredor até a sala.

— Olá? Olá?

Agora, ela ouve a voz melhor. Ainda está abafada e rouca, mas ela acha que é Holly. Pode estar enganada quanto a isso, mas não há dúvida sobre o que está dizendo:

— Socorro! Me ajuda!

Barbara corre até a cozinha e vê a porta do outro lado da geladeira aberta. Tem um cadeado pendurado na aba. Ela vê degraus que levam a um porão e alguma coisa ao pé da escada. Diz para si mesma que não pode ser o que parece, mas já sabe que é.

— Holly? Holly!

— Aqui embaixo! — Sua voz está um grunhido rouco. — Aqui embaixo!

Barbara desce metade da escada e para. É mesmo um corpo. O professor Harris está caído no chão em uma poça de sangue seco. A esposa está caída no

pé de uma espécie de jaula. Nela, parada junto às barras cruzadas com uma camiseta suja de sangue amarrada no braço, está Holly Gibney. O cabelo está grudado nas bochechas. Tem manchas de sangue no rosto dela. Como ela tirou a blusa para usar de atadura, Barbara vê um hematoma enorme e grotesco na lateral do corpo, parecendo tinta.

Quando Holly reconhece quem é, começa a chorar.

— Barbara — ela consegue dizer com a voz falhada. — Barbara, graças a Deus. Não acredito que é você.

Barbara olha em volta.

— Cadê ele, Holly? Cadê o cara que os matou? Ainda está na casa?

— Não tem cara — diz Holly. — Não tem Predador da Red Bank. *Eu* os matei, Barbara, me arruma água. Por favor. Eu... — Ela coloca as mãos na garganta e faz um ruído arranhado horrível. — *Por favor*.

— Tudo bem. Pode deixar. — O telefone dela está tocando. Deve ser o Pete. Ou talvez Isabelle Jaynes. — Desde que você tenha certeza de que ninguém vai me atacar.

— Não — diz Holly. — Foram eles. — E choca Barbara dando uma cusparada seca no cadáver caído de Emily Harris.

Barbara se vira para subir e pegar água. Essa é a prioridade; ela não precisa receber nenhuma ligação agora porque Pete vai mandar a polícia e a polícia precisa vir, ah, Deus, precisa vir o mais rápido possível.

— *Barbara!* — É um grito com farpas. Holly parece que enlouqueceu ou está quase lá. — *Pega água da torneira! Não olha na geladeira! NÃO OLHA NA GELADEIRA!*

Barbara sobe a escada correndo e entra na cozinha. Ela não tem ideia do que aconteceu ali. Sua mente está paralisada em um só pensamento: água. Tem armários dos dois lados da pia. Barbara deixa a arma na bancada e abre um. Pratos. Abre outro e vê copos. Enche um, começa a voltar para o porão, mas muda de ideia e enche outro. Com um copo em cada mão, ela desce a escada. Tem uma coroa de sangue em volta do professor Harris e ela a contorna.

Ela para na frente do corpo de Emily e se estica para passar um dos copos pelas grades. Holly o pega, derrama um pouco e toma tudo em goles grandes. Joga o copo no futom atrás dela e estica a mão por um dos quadrados.

— Mais. — A voz dela está mais clara agora.

Barbara lhe entrega o outro copo. Holly bebe metade.

— Que bom — diz ela. — É tão bom.

— Eu falei para o Pete mandar a polícia se eu não ligasse pra ele. E a moça detetive. Como eu te solto, Holly?

Holly aponta para o teclado, mas balança a cabeça.

— Não sei os números. Barbara... — Ela para e passa a mão no rosto. — Como você... deixa pra lá, isso fica pra depois. Sobe. Vai esperar a chegada deles.

— Tudo bem. Vou ligar para o Pete de novo e dizer...

— Eu vi uma arma? Você tem uma arma?

— Tenho. Pete...

— Não esteja com ela quando a polícia chegar. Lembra do garoto Dutton.

— Mas o que...

— Depois, Barbara. E obrigada. Muito obrigada.

Barbara sobe a escada, outra vez tomando o cuidado de contornar o sangue que se espalhou em volta de Rodney Harris. Ela olha para trás uma vez e vê Holly bebendo o resto do segundo copo. Ela está segurando a grade com a outra mão, como se para não cair.

O que aconteceu aqui? Que porra aconteceu aqui?

Na cozinha, ela ouve sirenes, ainda baixas. Vê a .22 na bancada e pensa em Holly dizendo *não esteja com ela quando a polícia chegar, se lembra do garoto Dutton*. Ela a pega e enfia na caixa de pão, em cima de um pacote de bolinhos.

Antes de sair da cozinha, ela não consegue resistir e abre a geladeira para espiar. Está preparada para qualquer coisa, mas não vê nada que explique o aviso de Holly. Tem leite desnatado, ovos e manteiga, iogurte, legumes e verduras, um Tupperware com o que parece ser geleia de cranberry e alguns pacotes de carne vermelha embrulhados em plástico de PVC. Talvez bife. E seis ou oito taças cheias do que deve ser pudim de baunilha com calda de morango. Parece gostoso.

Ela fecha a geladeira e volta para o lado de fora.

Uma viatura da polícia para junto ao meio-fio e a sirene morre no silêncio. Tem um sedã comum atrás, tão perto que quase bate no para-choque da viatura. Ciente do que Holly falou e da própria pele preta, Barbara fica no degrau superior da varanda com as mãos afastadas do corpo, as palmas viradas para que fique claro que estão vazias.

Dois policiais uniformizados se aproximam. O da frente está com a mão no coldre da Glock.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta ele. — Qual é a grande emergência?

O outro, mais velho, pergunta:

— Você está doidona, querida?

Antes que Barbara precise se dignar a responder (ela vai perceber depois que a pergunta não foi totalmente burra nem racista; ela estava claramente em choque), a porta do carro comum é fechada e Isabelle Jaynes vem correndo pelo gramado. Ela está de calça jeans e camiseta branca. O distintivo está pendurado no pescoço e ela tem a Glock no quadril.

— Pra trás — diz ela para os policiais. — Eu conheço essa moça. Barbara, não é? Irmã do Jerome.

— Sim — diz Barbara. — Holly está no porão. Trancada em uma jaula. Os professores idosos que moram aqui estão mortos e... e... — Ela começa a chorar.

— Calma. — Izzy passa o braço em volta dos ombros trêmulos de Barbara.

— Eles estão mortos, eu entendi essa parte... e o quê?

— E Holly diz que foi ela que matou.

Holly ouve passos e vozes acima e vê pés. Lembra-se de Emily descendo aquela escada, indo matá-la com a arma de Bill, e estremece. Ela vai ver aqueles sapatos de velha nos sonhos. Mas agora não são sapatos, são botas de camurça. Aciama delas, uma calça jeans e não um vestido. Param quando a dona da calça jeans vê os corpos. Isabelle desce o resto da escada devagar, a arma na mão. Ela vê Holly atrás das barras cruzadas, o rosto manchado de sangue e a camisa ensanguentada amarrada no braço. Tem mais sangue secando no peito dela, acima do sutiã.

— Que porra aconteceu aqui, Holly? Qual é a gravidade dos seus ferimentos?

— Uma parte do sangue é minha, mas a maior parte é dele — diz ela e aponta um dedo tremulo para o morto usando pijama de carro de bombeiro. — Posso te contar tudo quando você me tirar daqui, mas como vou contar pra *ela*? — Ela encosta a testa nas grades.

Izzy se aproxima e segura uma das mãos de Holly. Está fria. Os dois policiais estão na escada agora, olhando os corpos. Barbara, acima deles, na porta, ouve mais sirenes se aproximando.

Izzy:

— Contar pra quem, Holly? Contar o que pra quem?

— Penny Dahl — diz Holly, chorando mais do que nunca. — Como eu vou contar pra ela o que aconteceu com a filha? Como eu vou contar pra *qualquer um* deles?

28

Às seis a Ridge Road está cheia de viaturas da polícia, duas vãs de Cena do Crime, o sedã do legista do condado e uma ambulância com as portas abertas e dois paramédicos esperando. Tem também um caminhão vermelho com Corpo de Bombeiros do condado de Upsala pintado em dourado na lateral. A maior parte dos moradores da rua saiu para ver o show. Barbara Robinson foi enviada para fora da casa, mas pôde ficar no gramado. Recebeu uma ordem para fazer isso, na verdade. Ela ligou para Jerome e Pete e contou que Holly está ferida, mas que ela acha — espera — que não gravemente. O importante é que ela está bem. Barbara não conta que Holly ainda está trancada no porão dos Harris; isso levaria a perguntas para as quais ela não tem respostas. Pelo menos, ainda não. Ela pensou em ligar para os pais, mas não ligou. Vai ter tempo de falar com eles depois. Agora, eles que apreciem o jantar de aniversário de casamento.

Há um murmúrio assustado do grupo de moradores do outro lado da rua quando dois corpos, ensacados e em macas, são levados para fora. Outro caminhão do condado vem devagar pela Ridge Road e para no meio da rua para recebê-los.

O celular de Barbara toca. É Jerome. Ela se senta na grama para atender a ligação. Ela pode chorar. Com Jerome, tudo bem.

29

Vinte minutos depois, Holly está agachada no canto mais distante da cela, do outro lado do vaso sanitário. As pernas estão puxadas contra o peito e ela escondeu o rosto nos braços. Um homem de máscara de soldador está cortando a grade e o aposento comprido está cheio de uma luz intensa. Izzy Jaynes está do

outro lado do porão, onde primeiro examina o triturador de galhos e depois grita para um dos técnicos de cena do crime. Ela aponta para o capacete e para a mochila de Bonnie e fala para ele ensacar ambos.

Uma barra de ferro cai com um estrondo no piso de concreto. E outra. Izzy anda até o cara com o maçarico de corte com um braço levantado para proteger os olhos.

— Quanto tempo?

— Acho que conseguimos tirá-la em uns dez minutos. Talvez vinte. Alguém fez um trabalho e tanto nisso aqui.

Izzy volta para a parte da oficina e tenta abrir a porta. Está trancada. Ela faz sinal para um dos policiais maiores; tem seis uniformizados lá embaixo agora, basicamente só esperando.

— Arromba isso aí — diz ela. — Tenho quase certeza de que ouvi alguém lá dentro.

Ele sorri.

— Pode deixar, chefa.

Ele bate com o ombro na porta, que cede na hora, e entra tropeçando. Izzy vai atrás e encontra um interruptor ao lado da porta. Luzes de teto se acendem, muitas. Os dois ficam parados, perplexos.

— Que porra é isso? — pergunta o grandalhão.

Izzy sabe, ainda que seja difícil acreditar no que seus olhos estão relatando.

— Eu diria que é uma mesa de cirurgia.

— E o saco? — Ele está apontando para o saco verde grande pendurado na ponta da mangueira. Está deformado pelo que está dentro, parecendo uma lágrima. São coisas nas quais Izzy não quer pensar e menos ainda ver.

— Deixa para o pessoal da perícia e os legistas — diz ela, e pensa em Holly dizendo *Como eu vou contar pra ela o que aconteceu com a filha?*

Quarenta minutos depois, Holly aparece na varanda dos Harris, apoiada por um paramédico de um lado e Izzy Jaynes do outro, mas basicamente andando por conta própria. Barbara se levanta, corre até ela, a abraça e se vira para Izzy.

— Eu quero ir com ela para o hospital.

Em vez de dizer não, Izzy diz que as duas vão.

Holly quer andar até a ambulância, mas os paramédicos insistem em trazer uma maca antes de ela descer os degraus da varanda. Agora, tem vans da imprensa na rua além dos veículos oficiais, mas estão sendo mantidas no alto da colina, atrás da fita da polícia. Tem até um helicóptero voando no céu.

Holly é colocada na ambulância. Um dos paramédicos injeta alguma coisa nela. Ela tenta protestar, mas ele diz que vai ajudar com a dor. Izzy se senta de um lado da maca presa, Barbara do outro.

— Limpa meu rosto, por favor — diz Holly — O sangue está secando e está rachando.

Izzy balança a cabeça.

— Não posso. Só quando você for fotografada e colhermos amostras.

A ambulância parte com as sirenes ligadas. Barbara se segura quando dobra a esquina no pé da colina.

— Tem um triturador de galhos no porão — diz Izzy. — Meu pai tinha um no chalé dele no norte, mas era bem menor.

— Sim, eu vi. Posso beber alguma coisa? Por favor?

— Tem um cooler com Gatorade — diz um dos paramédicos.

— Ah, Deus, por favor — diz Holly.

Barbara encontra o cooler, abre uma garrafa de Gatorade laranja e coloca na mão esticada de Holly. Ela olha para elas por cima das bochechas sujas de sangue enquanto bebe.

Ela parece estar com pintura de guerra, pensa Barbara. E acho que faz sentido, porque ela esteve numa guerra.

— A saída do triturador dá para um saco naquela... — Izzy faz uma pausa. Ela estava prestes a dizer *sala de cirurgia*, mas isso não está certo. — ... naquela câmara de tortura. O que tem dentro é o que eu penso que é? Porque fede.

Holly assente.

— Eles não devem ter tido chance de se livrar dos... dos restos desta vez. Não sei como fizeram isso com os outros, mas meu palpite é o lago. Você vai descobrir.

— E o resto dela?

— Olha na geladeira.

Barbara pensa nos pedaços de carne embrulhados. Pensa nas taças de parfait. E sente vontade de gritar.

— Preciso dizer uma coisa — diz Holly para Izzy e Barbara. O que quer que o paramédico tenha injetado nela, está surtindo efeito. A dor no braço e nas costelas não passou, mas está diminuindo. Ela pensa na terapeuta em que ia quando era mais nova. — Eu preciso dividir uma coisa.

Izzy segura a mão dela e aperta.

— Guarda. Vou precisar ouvir tudo, mas agora você só precisa descansar.

— Não é sobre o caso. Eu inventei uma piada e não tive chance de contar pra ninguém. Tentei contar pra mulher... Emily... antes de ela atirar em mim, mas as coisas ficaram... complicadas.

— Fala — diz Barbara e segura a mão de Holly. — Conta agora.

— Uma nova milionária... eu, na verdade, longa história... entra em um bar e pede um mai tai. Quando o barman vai preparar, ela ouve uma voz dizer: “Você merece o dinheiro, Holly. Cada centavinho”. Ela olha para o lado e não vê ninguém. Ela é a única cliente do bar. Aí ela ouve uma voz do outro lado. A voz diz: “Você está muito bonita hoje, Holly”. O barman volta e ela diz: “Eu fico ouvindo vozes dizendo coisas boas sobre mim, mas, quando eu olho, não tem ninguém”. E o barman diz...

O paramédico que deu a injeção nela olha para trás. Ele está sorrindo.

— Ele diz: “Nós cobramos pelas bebidas, mas a maluquice é por conta da casa”.

Holly fica boquiaberta.

— Você conhece?

— Nossa, sim — diz o paramédico. — Essa é velha. Você deve ter ouvido e depois esqueceu.

Holly começa a rir.

Em uma sala do Kiner, é feita a coleta de DNA e Holly é fotografada. Barbara limpa delicadamente o rosto dela depois. O residente de plantão no PS examina a ferida de bala e a declara “basicamente superficial”. Ele diz que, se tivesse ido mais fundo e estilhaçado o osso, teria sido bem diferente. Izzy faz sinal de joiinha com as duas mãos.

O médico tira a camisa que ela usou de atadura, e começa a sangrar de novo. Ele limpa a ferida, procura estilhaços (não há nenhum) e a dobra. Diz que não precisa de grampo nem sutura (que alívio) e aplica um curativo. Diz que ela vai

precisar usar tipoia, mas que uma das enfermeiras vai cuidar disso. Também de antibióticos. Enquanto isso, ele tem uma UTI cheia de pacientes de covid para cuidar, a maioria sem vacina.

— Eu consegui um quarto pra você aqui — diz Izzy e sorri. — Na verdade, é mentira. Foi o chefe de polícia que conseguiu.

— Outras pessoas precisam mais. — A sensação de leveza da injeção começou a passar quando o médico tirou a camisa do sangue coagulado na ferida do braço — *rrrip* — e, quando terminou de limpar e explorar, tinha passado completamente.

— Você vai ficar — diz Izzy secamente. — A observação de ferimentos de bala é obrigatória nesta cidade. Vinte e quatro horas. Fique grata de não te largarem no corredor ou no refeitório. Tem um monte de gente nos dois lugares tossindo até quase cuspir os pulmões. Uma enfermeira vai te dar mais remédio pra dor. Ou um residente bonitão, se você tiver sorte. Tenha uma boa noite de sono. Vamos começar a te interrogar sobre esse show de horrores amanhã. Você vai ter que falar muito.

Holly se vira para Barbara.

— Me dá seu telefone, Barb. Eu tenho que ligar pra Penny.

Barbara começa a tirá-lo do bolso, mas Izzy estica a mão como uma policial de trânsito.

— De jeito nenhum. Você nem tem certeza se Bonnie Dahl está morta.

— Eu tenho — diz Holly. — Você também tem. Viu o capacete.

— Sim, e o nome dela na aba da mochila.

— Tinha um brinco também — diz Holly. — Está na cela onde eles me trançaram.

— Nós vamos encontrar. Pode ser que já tenham encontrado. Tem uma equipe de seis homens da perícia examinando aquele porão agorinha mesmo e uma equipe do FBI está a caminho. Depois do porão, vamos olhar a casa toda. Passar um pente-fino.

— É um triângulo dourado — diz Holly. — Tem as pontas finas. Eu encontrei o outro em frente à oficina abandonada onde a sequestraram. O da cela estava debaixo do futom. Bonnie deve ter deixado lá. Eu o usei pra cortar a garganta do professor Harris.

E fecha os olhos.

30 DE JULHO DE 2021

1

Às dez da manhã, Holly é levada para a sala de reuniões do nono andar do Kiner Memorial em uma cadeira de rodas. Ela não precisa, mas é protocolo do hospital; ainda faltam oito horas de verificação de pressão arterial e temperatura antes de ela ter alta. Esperando-a estão Izzy, o parceiro de Izzy, George Washburn, o procurador distrital bochechudo e um homem bem-vestido de uns cinquenta anos que se apresenta como Herbert Beale do FBI. Holly supõe que ele esteja lá pela questão do sequestro, embora não haja ângulo interestadual. Bill Hodges contou para ela uma vez que os agentes federais sempre gostam de se envolver em casos de destaque, principalmente quando estão no final. *Glutões por tempo de televisão*, disse ele. Barbara, Jerome e Pete Huntley também estão presentes, por Zoom. Holly insistiu.

O homem bochechudo se levanta e se aproxima de Holly com a mão esticada.

— Sou Albert Tantleff, promotor distrital do condado de Upsala. — Holly oferece o cotovelo bom em vez da mão. Com um sorriso indulgente, como o que daria para uma criança, ele bate o cotovelo no dela. — Acredito que podemos dispensar as máscaras, já que todos tomamos vacina e a circulação de ar aqui parece muito boa.

— Eu prefiro ficar com a minha — diz Holly. Afinal, é um hospital, e hospitais são cheios de gente doente.

— Como quiser. — Ele abre outro sorriso indulgente e volta para o lugar. — Detetive Jaynes, o show é seu.

Izzy, também de máscara, talvez em deferência à convidada de honra, liga o iPad e mostra a Holly uma fotografia de um brinco sujo de sangue em um saco de provas.

— Você pode confirmar que esse é o brinco que usou para cortar a garganta de Rodney Harris?

O agente Beale se inclina para a frente por cima das mãos unidas. Os olhos dele são frios e azuis como lascas de gelo, mas há um leve sorriso em seus lábios. Possivelmente de admiração.

— Sim — diz Holly. Ela sabe o que precisa dizer em seguida graças ao Pete.

— Eu agi em legítima defesa, temendo pela minha vida. — Pensando *E eu odiava aquele cocozão maluco*.

— Está estipulado — diz o promotor Tantleff.

— Você está com o outro brinco? — pergunta Izzy

— Estou. Na gaveta de cima da escrivaninha no meu escritório. Eu poderia mostrar uma foto, só que os Harris pegaram meu celular depois de usarem o taser em mim. Mas Penny tem uma, eu mandei pra ela por e-mail. Alguém falou com ela?

— Eu falei — diz Barbara. — Liguei pra ela.

Tantleff se vira para olhar a tela na cabeceira da mesa de reunião. Nada de sorriso indulgente agora.

— Você não estava autorizada a fazer isso, srt. Robinson.

— Provavelmente não, mas fiz mesmo assim — diz Barbara. Holly sente vontade de aplaudir. — Ela estava preocupada com Holly. Eu falei que ela estava bem. Não contei mais nada.

— E a geladeira? — pergunta Holly. — Havia... — Ela para de falar, sem saber como terminar ou sem querer terminar.

— Havia muitos cortes de carne, tanto na geladeira quanto no freezer — diz Izzy. — Não há dúvida de que são humanos. Ainda há pedaços de pele em alguns.

— Ah, meu Deus. — Esse foi Jerome, que está com Barbara na sala onde ele escreve. — Ah, puta merda, é sério?

— Sério — diz Izzy. — Os exames de DNA estão sendo feitos agorinha, isso foi para o topo da fila. Havia também sete taças altas de sobremesa que o legislador do condado diz que provavelmente continham tecido cerebral humano, além de dura-máter e pedaços de tendão. — Ela faz uma pausa. — E o que ele acredita ser chantili.

Silêncio. *Isso mesmo, dá tempo para eles digerirem*, pensa Holly, e coloca a mão sobre a máscara para não cair em gargalhadas horrorizadas.

— Você está bem, sra. Gibney? — pergunta o parceiro de Izzy.

— Estou.

Izzy continua.

— Também encontramos palitos de carne, tipo Slim Jims ou Jack Links, que podem ou não ser humanos, e um Tupperware grande com bolinhos de carne pequenos. Qualquer um desses itens pode já ter sido parte de Bonnie Rae Dahl. O DNA vai nos dizer. Os Harris também tinham um freezer auxiliar na despensa. Tem muita carne lá também. A maior parte parece ser bife, costeleta, bacon e frango normal. Mas lá embaixo... — No iPad, ela mostra a foto de um assado congelado. — Não temos certeza do que é isso nem de onde veio, mas não é paleta de cordeiro.

— Meu Deus do céu — diz Tantleff —, e eu não tenho ninguém pra processar. — Ele lança um olhar quase acusatório para Holly. — Você matou os dois.

Na tela de televisão da sala de reuniões, Pete Huntley fala. Para Holly, ele parece melhor, mas também parece ter perdido muito peso. Talvez uns quinze quilos. Holly acha que seria bom ele não os recuperar, mas acha que isso não vai acontecer considerando a natureza humana.

— Qual é seu problema, Tant? Eles eram canibais! Provavelmente não teriam tido tempo de comer Holly, mas sem porra de dúvida teriam matado ela.

— Eu não quis dizer...

O celular de Izzy toca e desta vez o olhar acusatório de Tantleff é voltado para ela.

— Achei que tínhamos concordado que os celulares ficariam no mudo quando...

— Desculpe, mas tenho que atender. É Dana Aaronson da equipe de perícia. Eu pedi que ele me ligasse se encontrasse qualquer coisa particularmente... Alô. Dana? O que você tem?

Ela escuta, parecendo meio enjoada. Como Holly se sentiu no meio da noite, quando finalmente precisou tocar o botão, apesar de saber como a equipe de enfermagem estava ocupada. A enfermeira que apareceu a acalmou durante a pior parte do seu ataque de pânico e lhe deu um Valium do seu estoque particular.

Izzy encerra a ligação.

— A equipe de Dana encontrou mais de doze potes sem rótulo no banheiro dos Harris. Ele acha... — Ela limpa a garganta. — Não tem jeito util de dizer

isso, então vou só falar. Ele acha que eles podiam estar usando gordura humana como loção. Talvez querendo aliviar as várias dores que tinham.

— Eles achavam que funcionava — diz Holly. *E, até onde eu sei, talvez funcio-*
nasse. Ao menos por um tempo. Considerando como é a natureza humana.

— Conta tudo, Holly — diz Izzy. — Do começo ao fim.

Holly conta, começando pela primeira ligação de Penny. Demora mais de uma hora. Ela só tem um episódio de tremedeira — ao contar que, quando Emily estava tentando meter bala nela, se sentiu como um prato de porcelana em uma galeria de tiro. Precisa parar e recuperar o controle. O parceiro de Izzy, Washburn, pergunta se ela quer fazer uma pausa. Holly diz que não, ela quer terminar, e termina.

— Eu sabia que a arma ficava vazia depois do quinto, Bill me disse que eu nunca devia carregar a câmara debaixo do cão. Ela botou o cano no meio da minha testa. Eu deixei porque queria ver a expressão dela quando puxasse o gatilho e nada acontecesse. A surpresa dela foi bem gratificante. Quando vi, enfiei as mãos pelas grades, segurei a cabeça dela e quebrei a porcaria do pescoço.

É Pete quem quebra o silêncio com uma palavra.

— Ótimo.

Tantleff limpa a garganta.

— De acordo com você, houve pelo menos quatro vítimas. Cinco, se contarmos Ortega.

— Castro — diz Barbara, parecendo indignada. — Jorge Castro. Eu encontrei a página de Facebook de Freddy Martin. Ele era o companheiro de Castro e estava convencido...

— Você não tem participação nesse caso — diz Tantleff — e estou pedindo, com todo o respeito, pra calar a boca.

— Cala a boca você — diz Holly. — Deixa ela falar.

Tantleff bufa, mas não protesta. Barbara continua.

— O sr. Martin estava convencido o tempo todo de que o sr. Castro tinha sido assassinado. Ele diz que Castro tinha parentes em Dayton, em Nogales, El Paso e na Cidade do México. Ele nunca fez contato com nenhum e Martin diz que ele teria feito.

— Ele foi o primeiro — diz Holly. — Eu tenho certeza. Mas, falando em parentes, e os dos outros? — Ela acha que os parentes da Geórgia de Ellen Craslow não vão se importar, mas Imani do parque de trailers vai querer saber. O

pai de Bonnie vai querer saber, assim como a mãe. Mas é em Vera Steinman que ela mais pensa, uma mulher que agora tem todas as desculpas do mundo para beber e tomar remédios até morrer.

— Ninguém foi informado — diz George Washburn. — Ainda. — Ele assente para Tantleff. — O caso é dele, junto com o chefe de polícia.

Tantleff solta um suspiro sofrido.

— Vamos dar às equipes de investigação o tempo que pudermos, mas não podemos contar que vai dar para manter isso em segredo por muito tempo. Alguém vai falar. Tem uma coletiva de imprensa no meu futuro próximo para a qual não estou nada ansioso.

— Mas você vai contar aos parentes primeiro — diz Holly. Quase insiste.

Izzy responde antes que Tantleff possa falar.

— Claro. Começando com Penny Dahl.

Jerome fala em seguida, e Holly acha que ele também pode estar pensando na mãe de Peter Steinman.

— Vocês podem ao menos manter a parte do canibalismo de fora?

Izzy Jaynes leva as mãos às têmporas, como se tentando segurar uma dor de cabeça.

— Não. Vai haver um grande júri particular, mas vai escapar mesmo assim. É explosivo demais para ficar em segredo. Os parentes precisam saber antes de verem na porra do *Inside View*.

A reunião termina um pouco depois. Holly está exausta. Ela volta para o quarto particular tão raro quanto dente de galinha, fecha a porta, se deita na cama e chora até dormir. Sonha com Emily Harris botando o cano da arma de Bill na sua testa e dizendo: “Eu carreguei a última câmara, sua vaca intrometida. A piada é você”.

Uma enfermeira, não a que deu o Valium a ela, a acorda às 14h15 daquela tarde e diz:

— A detetive Jaynes ligou para a estação de enfermagem. Ela diz que precisa de você. — Ela entrega um celular para Holly junto com um lenço umedecido desinfetante.

— Estou na capela do hospital — diz Izzy. — Você pode descer?

Holly vai de cadeira de rodas até o elevador. No segundo andar, ela segue as placas até a capela ecumênica do Kiner. Está vazia, exceto por Izzy, sentada em um banco da primeira fila. Ela segura um terço com mão frouxa.

Holly para ao lado dela.

— Você contou a Penny?

— Positivo. — Os olhos de Izzy estão vermelhos e inchados.

— Imagino que não foi muito bem.

Izzy se vira e olha para Holly com uma expressão de infelicidade tão grande que Holly quase não aguenta olhar para ela. Mas olha. Ela tem que olhar, porque Izzy fez o trabalho sujo que Holly tinha que ter feito.

— Como você *acha* que foi, porra?

Holly não diz nada e, depois de alguns segundos, Izzy segura a mão dela.

— Esse caso me ensinou uma lição, Gibney. Quando você acha que já viu o pior que os seres humanos têm a oferecer, descobre que se enganou. O mal não tem fim. Eu levei Stella Randolph comigo. Eu sabia que precisava de ajuda dessa vez, e ela é a terapeuta do departamento. Conversa com policiais depois de que eles se envolvem em tiroteios. Outras coisas também.

— Você contou a Penny que Bonnie estava morta e...?

— E contei *por que* Bonnie estava morta. O que eles fizeram com ela. Tentei usar eufemismos... acho que a palavra é essa... mas ela sabia do que eu estava falando. Ou o que eu estava tentando *não* dizer. Ela ficou sentada por um momento com as mãos unidas no colo, me olhando. Como uma mulher em uma palestra muito interessante. Aí, ela começou a gritar. Stella tentou abraçá-la e Dahl a empurrou com tanta força que Stella tropeçou em um pufe e caiu no chão. Dahl começou a arranhar o próprio rosto. Não chegou a rasgar a pele... ela teria conseguido se as unhas estivessem mais compridas... mas deixou marcas vermelhas fortes nas bochechas. Eu a envolvi em um abraço de urso para impedir que ela fizesse isso, mas ela continuou gritando. Acabou se acalmando um pouco, ou talvez só tenha ficado exausta, mas vou me lembrar daqueles gritos pelo resto da vida. Levar notícias de uma morte é uma coisa, eu devo ter feito isso mais de vinte vezes, mas o resto... Holly, você acha que as pessoas estavam conscientes quando foram mortas?

— Não sei. — *E não quero saber.* — Ela disse alguma coisa sobre... mim?

— Disse. Que nunca mais quer te ver.

Tem uma fila dupla de casas que parecem vazias no sol intenso da tarde. Ninguém se mexe nas calçadas rachadas. Jerome acha que a rua Sycamore (onde não tem sicômoro nenhum) parece um cenário de filme que foi usado, mas ainda não foi desmontado. O Chevy velho de Vera Steinman está no mesmo lugar de quando ele foi lá pela última vez, com o adesivo de para-choque que diz o QUE SCOOBY-DOO FARIA? Jerome queria saber o que *ele* deve fazer ou dizer.

Talvez, pensa ele, ela não esteja em casa. O carro sugere que está, mas, até onde ele sabe, o carro não funciona mais e a mãe bêbada de Peter Steinman pode não ter habilitação.

Eu devia sair daqui, pensa ele. Entrar no carro e ir embora enquanto ainda tenho oportunidade.

Mas ele bate na porta. Tem certeza de uma coisa: supondo que ela não bata a porta na cara dele, ele tem que olhar na cara dela e contar a melhor e mais sincera mentira da sua vida.

A porta se abre. Vera não se arrumou para ele porque não sabia que ele estava indo, mas está ótima de calça branca e blusa sem mangas. E parece sóbria... mas, claro, ela parecia sóbria na última vez que ele foi lá.

— Minha nossa. Jerome, né?

— Sim. Jerome Robinson.

— Eu não me lembro de muita coisa da última vez que você esteve aqui, mas lembro que o médico disse: “Aquele garoto salvou a sua vida”.

Ele não oferece o cotovelo, estica a mão. Ela a aperta com firmeza.

— Estou vendo pelo seu rosto que você não veio com boas notícias, Jerome.

— Não, senhora. Não vim. Eu vim porque não queria que a senhora ouvisse de outra pessoa.

— Porque nós temos uma conexão, não é? — Ela fala com perfeita calma, mas o rosto está pálido como cera. — Quer gostemos ou não, nós temos.

— Sim, senhora, acho que é verdade.

— Nada de más notícias na porta. Entre. E pode me chamar de Vera, pelo amor de Deus.

Ele entra. Ela fecha a porta. O ar-condicionado ainda está ligado. A sala ainda está meio velha, mas arrumada e limpa.

— Caso você queira saber, estou sóbria. Não sei quanto tempo isso vai durar, mas eu voltei às reuniões. Três até agora. E fui até minha madrinha preparada

para me humilhar. Descobri que não era necessário, o que foi um grande alívio.
Ele está morto? Peter está morto?

— Sim. Eu sinto muitíssimo, Vera.

— Teve a ver com sexo? Alguma coisa sexual pervertida?

— Não.

— Quem o matou?

— Um casal idoso. Rodney e Emily Harris. Eles mataram mais quatro pessoas, que a gente saiba. Você será informada pela polícia. Pode dizer que eu vim aqui primeiro. Diz que eu quis ser o primeiro porque... bem...

— Porque você salvou a minha vida. Porque nós temos essa conexão. — Ainda perfeitamente calma, mas com os olhos cheios de lágrimas. — Sim. Sim. Sim.

Ela estica a mão para trás, encontra o braço da poltrona na frente da televisão e se senta. Só que é mais uma queda.

Jerome se ajoelha na frente dela como um pretendente prestes a fazer um pedido de casamento. Ele pega as mãos dela, que estão geladas. Nada disso foi planejado, ele está improvisando. Ela disse que eles tinham uma conexão? É verdade. Ele sabe disso. Sente isso. Sua voz está firme, graças a Deus.

— Os Harris eram loucos. Vão falar coisas sobre o que eles fizeram, coisas ruins, mas você só precisa saber de uma coisa. — Está na hora da mentira, e talvez nem seja mentira, porque ele não sabe. — Foi rápido. O que quer que tenha acontecido ao corpo dele... o que quer que tenham feito... aconteceu depois. Ele já tinha partido.

— Para o lugar para onde vamos.

— Sim. Para o lugar para onde vamos.

— Ele não sofreu?

— Não.

Ela aperta as mãos dele.

— Você jura?

— Juro.

— Pela sua mãe mortinha?

— Juro.

— Como você sabe?

— Relatório do patologista.

Ela afrouxa as mãos.

- Eu preciso de uma bebida.
- Sei que precisa, mas não toma. Homenageie seu filho.
- Vera solta uma gargalhada trêmula.
- Homenagear o meu *filho*? Você está se ouvindo?
- Sim. Eu estou me ouvindo.
- Eu preciso ligar pra minha madrinha. Você fica comigo até ela chegar?
- Fico — diz Jerome. E fica mesmo.

4 DE AGOSTO DE 2021

Holly está em casa vendo uma comédia na Netflix sem prestar atenção, só fazendo hora até poder tomar outro analgésico (ou talvez dois), quando a campanha toca. É Isabelle Jaynes e ela tem companhia: Herbert Beale e outro agente do FBI chamado Curtis Rogan. Rogan, analista de perfis especializado em serial killers, foi com a equipe do FBI.

Izzy pergunta a Holly se ela viu o jornal do dia. Holly leu a manchete no iPad — **ELES ERAM CANIBAIS?** — e isso basta para ela.

— Acho que o promotor vai fazer a coletiva de imprensa agora.

— Isso mesmo. Ele e o chefe Murphy vão falar ao meio-dia. E a cobertura não vai ser só local. Só posso acreditar que Randall Murphy está agradecendo às suas estrelas da sorte que ainda estava em Minneapolis quando todos menos Bonnie Dahl foram levados. O motivo de estarmos aqui é o que o nosso pessoal da perícia e a equipe do FBI encontraram no armário do quarto dos Harris.

— O quê? — Pensando o que agora?

— Diários — diz Herbert Beale. — Dela. Ela começou a escrever em outubro de 2012, um pouco antes do assassinato de Jorge Luis Castro. O agente Rogan aqui os estava estudando.

— Ainda tenho muito pela frente — diz Rogan. — São mais de mil páginas.

— Ele é um homem de fala mansa, cabelo curto ralo e óculos sem aro. — É fascinante.

— Apavorante — diz Izzy. — Eu li o suficiente pra dizer que, embora os dois fossem loucos, ela era a mais louca dos dois. De longe.

— Acho que estudos mais profundos vão confirmar isso — diz Rogan. — Acredito que Rodney Harris não teria feito muito mais do que... qual é a palavra? Se exasperar? Ele não teria feito muito mais do que se exasperar com

quanto seus colegas eram tacanhos e como era irracional o tabu contra comer carne humana.

— Ela o convenceu do primeiro, não foi? — diz Holly. — Ela o incitou a usar Castro como uma forma do marido passar da teoria à prática. Do conceito à execução. Porque ela não gostava de Castro.

— Não gostava? — diz Izzy e ri. — Ah, Holly, você não faz ideia. Ela o odiava. E não só ele, ela tinha muito ódio pra distribuir. Por baixo daquela superfície arrumada e agradavelmente autoritária, Emily Harris era uma completa psicótica. Vou te mostrar um exemplo da sra. Hyde que estava escondida debaixo da professora Jekyll.

Ela vira o iPad para Holly. Na tela há uma foto de uma página de diário. Escrito um monte de vezes, como uma criança malvada que precisa escrever várias vezes *Eu não vou jogar bolinha com cuspe na aula*, há o seguinte: *EU ODEIO AQUELE CHICANO EU ODEIO AQUELE CHICANO DO CARALHO EU ODEIO AQUELE CHICANO VEADO EU ODEIO AQUELE CHICANO VEADO BOQUETEIRO...* e assim por diante.

— Mais quatro páginas só disso — diz Izzy.

— Nesses diários tem uma Emily Harris que nunca foi às reuniões do Departamento de Inglês. E eu estou só começando — diz Rogan.

— Aqui tem outra — diz Izzy. Ela mostra uma nova foto. Nessa página do diário, Emily escreveu a palavra ofensiva para negros sem parar, com letra de fôrma enorme. Tem outras palavras pejorativas também.

— Nós achamos que ela escondia os diários de ódio até do marido — diz Herbert Beale —, mas nunca vamos ter certeza disso se ela não disser aqui.

— Isso é ouro — diz Rogan.

— Eu usaria outra palavra — diz Holly.

— Eu digo de um ponto de vista psicológico. Uma coisa parece clara. Ela participou da... da ingestão do sr. Castro para agradar ao marido. Ele insistiu. Mas ela fala que foi uma cura milagrosa para as costas dela e para a artrite do marido. Havia outros benefícios imaginados também, inclusive poder cerebral aumentado. Algumas dessas coisas parecem aqueles comerciais de TV a cabo do inferno. Mas os efeitos começaram a passar.

— Aí eles fizeram de novo — diz Holly secamente. — E de novo.

— Eles deviam ter sido pegos depois de Castro — diz Izzy. — Ou, se não depois dele, depois de Dressler. O golpe da cadeira de rodas era bem inteligente e

eles faziam uma pesquisa de contexto, mas a tentativa de limpar tudo depois foi desleixada.

— Eles eram velhos — diz Holly baixinho. — Ninguém espera que idosos sejam serial killers. Menos ainda canibais.

— Se não fosse você, Holly, eles provavelmente ainda estariam vivendo naquela casa comendo as suas refeições dos infernos. “Ah”, as pessoas diriam, “ele é meio excêntrico e ela é meio rabugenta, mas eles são legais.”

— Barbara percebeu bem mais rápido do que eu.

— Há certa verdade nisso, mas você fez o grosso do trabalho.

— E a amiga dela ajudou — diz Holly. — Olivia Kingsbury. A velha poeta. Acho que foi ela que amarrou as pontas pra Barbara.

Beale olha de novo para Rogan e assente para ele. Eles se levantam.

— Você vai ser cercada pela imprensa, sra. Gibney.

— Não vai ser a primeira vez. — E, sem ideia do que vai falar até as palavras saírem da boca: — A maluquice é por conta da casa.

Beale e Rogan parecem intrigados, mas Izzy ri e Holly ri com ela. É bom rir. Bom demais.

18 DE AGOSTO DE 2021

Tem uma sacada no apartamento de Holly onde só cabem duas cadeiras e uma mesinha. Às onze da manhã de quarta, ela está sentada ali, tomando uma xícara de café. Gostaria de fumar um cigarro junto, mas a vontade está passando. Faz mais de três semanas desde que fumou o último e com a graça de Deus não haverá mais nenhum. A manhã está quente, mas não sufocante; a onda de calor que cobriu a cidade por boa parte de julho e nas duas primeiras semanas de agosto parece ter passado.

Normalmente, Holly estaria no escritório nesse horário, usando um dos seus muitos terninhos e maquiagem leve, mas nesta manhã — e na maior parte das outras desde a estada obrigatória de vinte e quatro horas no Kiner — ela está de pijama e chinelos. De acordo com a secretária eletrônica e o site, o escritório está fechado para férias e voltará a abrir no dia 6 de setembro. Na verdade, Holly não sabe se a Achados e Perdidos vai voltar a abrir.

Pete, plenamente recuperado, foi visitar o filho e a nora em Saginaw. Ele voltará no fim do mês, mas começou a falar em aposentadoria integral. Ele tem o pagamento de aposentadoria da polícia e, depois de vinte e cinco anos no emprego, o valor é bom. Se a decisão dele for essa, Holly ficará feliz em acrescentar um belo pacote de dissolução de sociedade. Se ela decidir vender o negócio (o que pode fazer, e por um bom preço), vai ser mais do que belo.

Quanto a ela, é uma nova milionária que pode comprar um mai tai em qualquer um dos bares caros da cidade. Na verdade, ela poderia *comprar* um bar caro se quisesse. Mas não quer. A ideia de se aposentar e viver do dinheiro que a mãe e o tio esconderam dela lhe ocorreu muitas vezes nas semanas depois do tempo que ela passou na jaula dos Harris.

Ela disse para si mesma que é jovem demais para se aposentar e provavelmente é verdade. Ela disse para si mesma que não saberia como se manter ocu-

pada, e isso provavelmente também é verdade. Mas ela fica pensando no que Izzy Jaynes disse naquele dia na capela depois de contar para Penny Dahl que, deixando os eufemismos de lado, a filha dela não só foi morta, mas também comida. As melhores partes dela, pelo menos; o resto virou uma pasta vermelha com fragmentos de osso em um saco plástico no final da mangueira do triturador de galhos.

Quando você acha que já viu o pior que os seres humanos têm a oferecer, descobre que se enganou, disse Izzy. E acrescentou a cereja do bolo: *O mal não tem fim.*

Holly supõe que ela já sabia disso, e melhor do que Izzy. O forasteiro se passando por Terry Maitland era do mal. O que se passava por Chet Ondowsky também. O mesmo era verdade sobre Brady Hartsfield, que encontrou um jeito de continuar fazendo sujeira (expressão do Bill) mesmo depois que devia ter ficado inofensivo. Depois que ficou assim graças à própria Holly.

Mas Roddy e Emily Harris foram piores.

Por quê? Porque não havia nada de sobrenatural neles. Porque não dava para dizer que o mal vinha de fora e se consolar com a ideia de que, se havia forças malignas, também devia haver boas. O mal dos Harris era prosaico e remoto ao mesmo tempo, como uma mãe maluca que coloca o bebê no micro-ondas porque ele não para de chorar ou uma criança de doze anos que sai dando tiros e mata uma meia dúzia de colegas de escola.

Holly não sabe se quer revisitar um mundo capaz de ter gente como Rodney. Ou Emily, que era pior ainda: mais calculista e, ao mesmo tempo, bem, bem mais maluca.

Algumas coisas ficaram claras, em parte como resultado dos diários de Emily. Eles agora entendem por que o garoto Steinman foi pego tão pouco tempo depois de Ellen Craslow. Ellen era vegana e se recusou a comer o fígado (chamado nos diários de cs, significando cálice sagrado). Ela continuou recusando até quando estava morrendo de sede. No final, nenhum dos outros resistiu. Holly não sabia se teria conseguido resistir, mas Ellen conseguiu, e que Deus a abençoe por isso. Rodney acabou atirando nela como em um novilho recalcitrante. Depois da morte de Ellen, Emily encheu páginas de fúria insultante: *macaca caribenha lésbica era a mais leve delas.*

Eles até sabem o nome falso que Emily usou no parque de trailers: Dickinson, como a outra Emily.

Holly teve que ficar lembrando a si mesma que a mulher que escreveu todas aquelas coisas horrendas tinha sido uma integrante respeitada do corpo docente, vencedora de prêmios, padroeira da Biblioteca Reynolds e membro influente do Departamento de Inglês mesmo depois da aposentadoria. Em 2004, ela recebeu uma placa que a declarava a Mulher do Ano da cidade. Houve um banquete no qual Emily falou sobre empoderamento feminino.

Izzy contou outra coisa para ela: a arma que Roddy usou para atirar em Ellen Craslow era uma Ruger Security 9, com pente de quinze balas. Se Emily tivesse escolhido essa arma em vez do revólver do Bill, teria tido mais dez chances de acabar com Holly... que não conseguiria desviar para sempre dentro da jaula.

— Mas estava no andar de cima — disse Izzy — e ela estava com o braço quebrado além das costas ruins. Sorte sua.

Sim, sorte dela. A sortuda Holly Gibney, que não só tinha sobrevivido como agora era milionária. Ela podia fechar a empresa e seguir para outra fase da vida. Uma em que pessoas como os Harris seriam notícia de canais a cabo, que poderiam ser colocados no mudo ou desligados para ela ver uma comédia romântica.

Ela ouve o telefone tocar — o pessoal, não do escritório. A linha do escritório tocou muitas vezes depois da nova (ou renovada) fama, mas agora as ligações felizmente diminuíram. Ela se levanta e vai até o escritório, levando a xícara de café. A foto na tela do telefone é de Barbara Robinson.

— Oi, Barbara. O que houve?

Silêncio, mas Holly ouve a respiração de Barbara e sente uma pontada de alarme.

— Barb? Está tudo bem?

— Sim... sim. Só estou atordoada. Minha mãe e meu pai não estão aqui e Jerome...

— Está em Nova York de novo, eu sei.

— Por isso eu te liguei. Eu tinha que ligar pra alguém.

— O que houve?

— Eu ganhei.

— Ganhou o quê?

— O Penley. O Prêmio Penley. A Random House vai publicar *Suturas para fechar o céu*. — Agora que transmitiu a novidade, ela começa a chorar. — Eu vou dedicar à Olivia. Meu Deus, como eu queria que ela estivesse viva pra saber.

— Barbara, que maravilha. Tem um prêmio em dinheiro também, né?

— Vinte e cinco mil dólares. Mas isso vai ser o adiantamento dos direitos autorais, era o que dizia o e-mail que eu recebi, e livros de poesia nunca vendem tantos exemplares.

— Não conta isso pra Amanda Gorman — diz Holly.

Barbara ri apesar de ainda estar chorando.

— Não é a mesma coisa. Os poemas dela, como o que ela leu na posse, são otimistas. Os meus são... bem...

— Diferentes — diz Holly.

Barbara deu alguns para ela ler e Holly sabe bem o que são: uma espécie de mecanismo de enfrentamento. Um esforço para Barbara conciliar seu coração bom e generoso com o horror que ela vivenciou em um elevador no ano anterior. O horror de Chet Ondowsky. Sem mencionar o horror de encontrar a amiga em uma jaula com o rosto coberto de sangue e dois cadáveres por perto.

Holly viu mais, vivenciou mais — afinal, ela estava *dentro* da jaula — e não tem poesia como válvula de segurança; os melhores poemas que já escreveu eram (sejamos realistas) bem ruins. Mas ela voltou a gostar de filmes de terror, e aqueles sustos inofensivos podem ser um começo. Ela conhece gente que acharia isso perverso, mas não é.

— Você tem que ligar para o Jerome — diz Holly. — Primeiro Jerome, depois seus pais.

— Sim, agora mesmo. Mas estou feliz de ter falado com você primeiro.

— Também estou satisfeita de você ter feito isso. — Mais do que satisfeita, na verdade.

— Você sabe de mais alguma coisa? Sobre... o negócio?

É assim que Barbara fala agora: *o negócio*.

— Não. Se você está falando sobre o... sei lá... o *declínio* deles, talvez a gente nunca saiba de tudo. É bom que pudemos impedi-los naquela hora...

— Você — diz Barbara. — Você os impediu.

Holly sabe que houve muita gente envolvida, de Keisha Stone a Emilio Herrera do Jet Mart, mas não diz isso.

— No final, acho que deve ser bem prosaico — diz ela. — Eles ultrapassaram um limite, só isso, o que facilitou da vez seguinte. E o efeito placebo teve participação nisso. A mente dele estava desmoronando e, de certa forma, a dela também. Eles seriam pegos em algum momento, mas provavelmente não antes

de fazerem de novo. Talvez mais de uma vez. Serial killers começam a acelerar, e estava acontecendo com eles. Vamos só dizer que tudo está bem quando termina bem... ou tão bem quanto possível, talvez.

Seria bom pensar assim, ela pensa.

- Eu prefiro falar do seu grande prêmio. Você é a mais nova a ganhar?
- Sim, por seis anos! A carta dizia que acharam meu texto revigorante. Dá pra acreditar nessa merda?
- Dá, Barb, dá pra acreditar. E estou muito feliz por você. Agora, vai lá fazer o resto das suas ligações.

— Estou indo. Eu te amo, Holly.

— Eu também te amo — diz Holly. — Muito mesmo.

Ela coloca o celular no carregador e vai para a cozinha se servir de mais café. Antes de chegar lá, a linha do trabalho começa a tocar. Ela não atende essa desde o fim de julho, deixando o robô atender ou ir para o serviço de mensagens. A maioria das ligações trazia pedidos de entrevistas, vários de tabloides com grana alta envolvida. Ela ouviu as mensagens, mas não respondeu a nenhuma. Ela não precisa do dinheiro deles.

Agora, ela fica olhando para a mesa, para o telefone do trabalho. Cinco toques e vai ser atendida pelo robô. Já está no terceiro.

Quando você acha que já viu o pior que os seres humanos têm a oferecer, pensa Holly. O mal não tem fim.

É essa a ligação, pensa ela. *A que eu estava esperando.*

Ela pode atender e continuar com o trabalho de investigação. Isso significa tocar no mal que não tem fim. Ou ela pode deixar cair na caixa postal, e, se fizer isso, não está só contemplando a ideia de aposentadoria: realmente pretende bater o martelo e viver de renda.

Quatro toques.

Ela se pergunta o que Bill Hodges faria. Mas tem uma pergunta mais importante: o que Bill ia querer que *ela* fizesse?

Na metade do quinto toque, ela atende o telefone.

— Alô, aqui é Holly Gibney. Como posso ajudar?

NOTA DO AUTOR

Embora *Holly* aconteça logo depois dos eventos do conto *Com sangue*, do livro homônimo, os Leitores Fiéis e os estudantes de eventos atuais podem reparar que há pelo menos um grande erro de continuidade. Embora a covid tenha papel importante em *Holly* — na verdade, vários pontos do enredo dependem da doença —, não há menção à pandemia em *Com sangue*, embora dezembro de 2020, o período em que *Com sangue* se passa, tenha sido um mês terrível para a doença nos Estados Unidos, com pelo menos 65 mil mortes registradas.

O motivo é simples: quando eu escrevi *Com sangue*, em 2019, a covid não estava no mapa. Odeio quando os eventos reais estragam minha ficção, mas isso acontece de vez em quando. Eu mudaria *Com sangue* se pudesse, mas isso envolveria reescrever a história toda e, como costumávamos dizer nas minhas maratonas de jogos de cartas na faculdade, se tá na mesa, tá jogado. Eu só queria que vocês soubessem que eu estou ciente da falha.

Uma quantidade considerável da população dos Estados Unidos — não a maioria, fico aliviado em dizer — é antivacina. Essas pessoas podem achar que o tema de covid em *Holly* é uma lição de moral (o termo para isso talvez seja “sermão”). Mas não é esse o caso. Eu acho a ficção mais fácil de acreditar quando coexiste com eventos do mundo real, com indivíduos do mundo real, até mesmo nomes de marcas. A mãe de Holly morreu de covid e a própria Holly é meio hipocondríaca. Só me pareceu natural que ela fosse ter opiniões fortes sobre a covid e tomasse todas as precauções (com exceção do cigarro). É verdade que minhas opiniões podem ser as mesmas que as dela sobre o assunto, mas eu gosto de pensar que, se tivesse escolhido um personagem antivacina como protagonista ou coadjuvante importante, faria uma representação justa desses pontos de vista.

Isso me leva a Rodney Harris. Ele é um belo exemplo de personagem cuja visão não bate nadinha com a minha. Todos os fatos e relatos históricos sobre canibalismo que Roddy apresenta por acaso são verdade. As conclusões dele é que são falsas. A ideia de que comer fígado humano pode curar doença de Alzheimer, por exemplo, é pura baboseira. Não que Rodney possa ser responsabilizado pela supressão de evidências; o sujeito é doido de pedra. E agora que estou pensando nisso, essa comparação é um insulto às pedras.

Minha pesquisa, como sempre, foi feita pela maravilhosa Robin Furth. Ela me deu uma aula completa sobre canibalismo, mas isso foi apenas onde as suas contribuições começaram. Ela também voltou à trilogia *Mr. Mercedes* e criou uma linha do tempo completa de Holly Gibney. Isso exigiu bastante reescrita da minha parte, mas também me salvou de um monte de pisadas na bola. Acho que me saí bem, com uma exceção: o tio Henry aparentemente tinha filhos, que foram excluídos desta narrativa. Robin é minha Deusa da Pesquisa. Deem a ela o crédito de tudo que estiver certo. As coisas que estão erradas são culpa minha.

Pela ajuda com o latim (o meu está enferrujado), preciso agradecer a Tim Ingram e Peter Jones do Classics for All, uma instituição de caridade que apoia o ensino de muitos temas clássicos. Você pode encontrá-los no Facebook ou com o Google.

Meu velho agente e amigo Charles “Chuck” Verrill morreu no começo de 2022. A dor que senti com a perda dele foi de algumas formas aliviadas pela velocidade com que sua antiga sócia, Liz Darhansoff, veio cuidar das questões relacionadas ao livro e à história para que eu pudesse continuar inventando coisas, que é o que eu faço melhor. Apesar da dor enorme que estava sentindo, Liz não hesitou. Eu estaria perdido sem ela, e isso também vale para os seus sócios maravilhosos na agência, Michele Mortimer e Eric Amling. Muito obrigado.

Chris Lotts é meu homem dos direitos internacionais e o responsável por fazer meus livros ficarem conhecidos no mundo todo. Ele também é um cara ótimo.

Rand Holston, outro cara ótimo, recebe pedidos de direitos para filmes e televisão. Eu o conheço há mais de quarenta anos e o considero um amigo além de parceiro de trabalho.

Nan Graham editou o livro. As mudanças que ela sugeriu quase sempre funcionaram, e os cortes sugeridos — embora dolorosos — retomaram a história

quando se perdia ou saía pela tangente. Dizem que o diabo está nos detalhes, mas, quando são os *meus* detalhes, Nan sempre foi um anjo. É bom ter uma profissional dessas na minha equipe.

Agradeço a Molly, também conhecida como Coisa do Mal, que sempre me faz rir quando eu desanimo.

Agradeço mais do que tudo à minha esposa, a escritora Tabitha King, que me apoia de todas as formas. Eu não poderia ter pedido uma melhor companheira de vida. Foi Tabby que me orientou em uma parte curta deste livro que foi a mais difícil de escrever: a conversa final do Jerome com Vera Steinman. Eu te amo, moça.

Uma última coisa antes de eu te deixar em paz. Eu tive que escrever este livro para escrever uma cena, que via claramente na cabeça: Holly no funeral da mãe no Zoom. Eu não tinha uma história que acompanhasse a cena, o que foi uma pena, mas fiquei alerta a qualquer ideia porque amo Holly desde o começo e queria estar com ela de novo. Um dia, li um artigo de jornal sobre um crime de honra. Não achei que isso pudesse estar na minha história, mas amei a manchete, que era algo como: TODO MUNDO ACHAVA QUE ELES ERAM UM CASAL IDOSO E FOFO ATÉ OS CORPOS COMEÇAREM A APARECER NO QUINTAL.

Velhos assassinos, eu pensei. É essa a minha história. Eu a escrevi e agora você a leu. Espero que tenha gostado. E, como sempre, obrigado por ir até outro lugar sombrio comigo.

Stephen King



SHANE LEONARD

STEPHEN KING nasceu em Portland, no Maine, em 1947. Em 1974, publicou *Carrie*, seu livro de estreia, que logo se tornou um clássico contemporâneo. Já escreveu mais de setenta best-sellers mundiais, como *Depois*, *O iluminado*, *It: A coisa*, *Misery* e *À espera de um milagre*, entre outros. Em 2003, recebeu a medalha de Eminent Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation e, em 2007, foi nomeado Grão-mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. Atualmente, mora em Bangor, no Maine, com a esposa, a escritora Tabitha King. Siga o autor no Twitter: [@StephenKing](https://twitter.com/StephenKing).

Copyright © 2023 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor por meio da The Lotts Agency

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Holly

Capa
Will Staehle/ Unusual Corporation

Foto de capa
Shutterstock

Preparação
Isa Prospero

Revisão
Huendel Viana
Valquíria Della Pozza

Versão digital
Rafael Alt

ISBN 978-85-5651-202-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/editorasuma